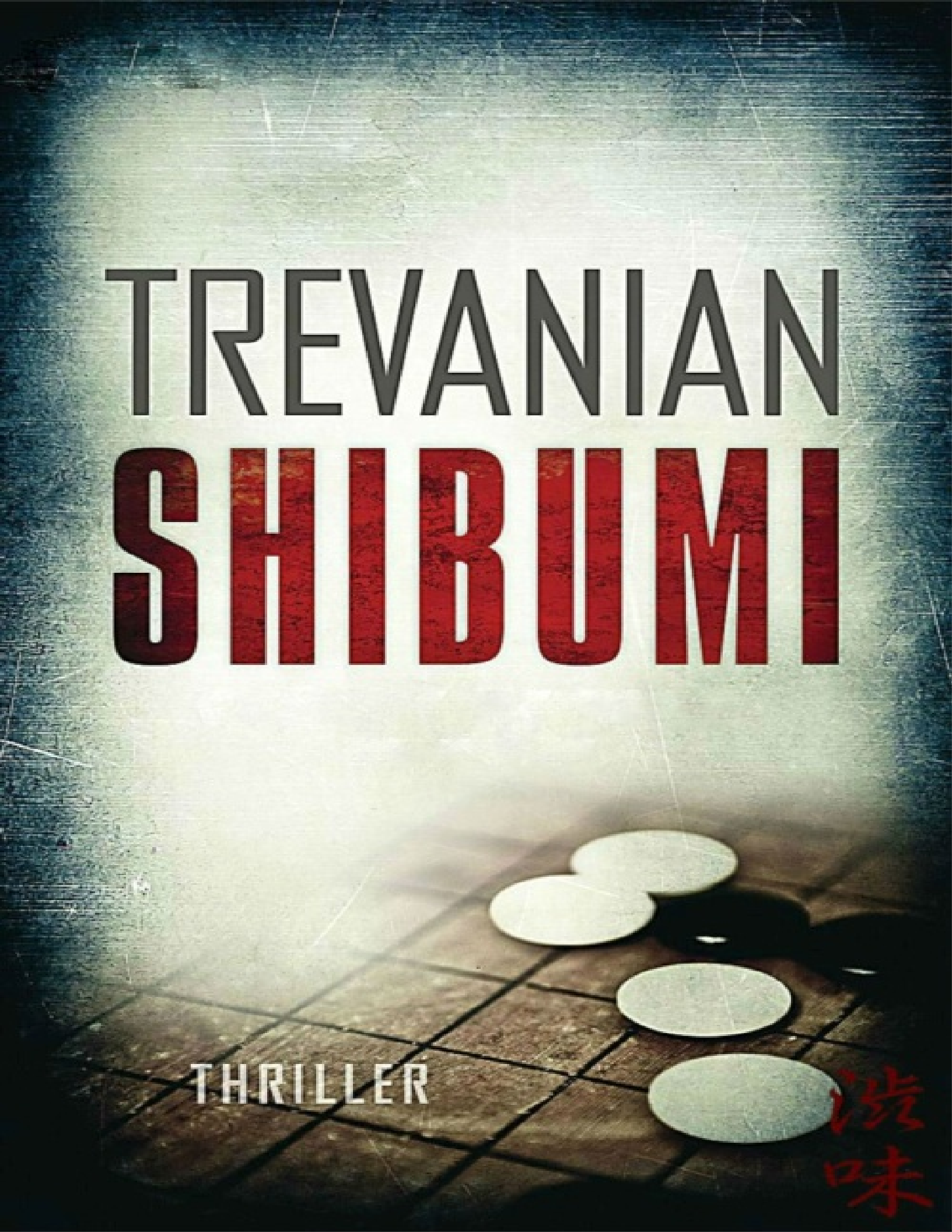

TREVANIAN
SHIBUMI
THRILLER
渋味

TREVANIAN



Ele foi treinado para ser o melhor
e agora todos o querem morto

Tradução de

Wilma Freitas Ronald de Carvalho

landscape

Em memória dos homens que aqui aparecem como:

Kishikawa

Otake

de Lhandes

Le Cagot

Todos os outros personagens deste livro não estão baseados na realidade mesmo que alguns deles não percebam o fato.

Etapas do jogo em Shibumi

PARTE UM: Fuseki — *a fase inicial de um jogo, quando todo o tabuleiro é levado em conta.*

PARTE DOIS: Sabaki — *uma tentativa de se livrar de uma situação problemática de maneira rápida e descompromissada.*

PARTE TRÊS: Seki — *uma posição neutra na qual ninguém tem vantagem. Um impasse.*

PARTE QUATRO: Uttegae — *um lance de sacrifício para ganhar vantagem, um gambito.*

PARTE CINCO: Shicho — *um ataque veloz.*

PARTE SEIS: Tsuru no Sugomori — *"O confinamento das garças ao seu ninho", uma graciosa manobra na qual as pedras do inimigo são capturadas.*

Sumário

Parte Um: Fuseki
- Washington
- Etchebar
- Washington
- Xanghai: 193?
- Washington
- Japão
- Washington
- Japão
- Washington
- Japão

Parte Dois: Sabaki
- Washington
- Japão
- Washington
- Gouffre Porte-de-Larrau
- Castelo de Etchebar

Parte Três: Seki
- Castelo de Etchebar
- Larun
- Etchebar

Parte Quatro: Uttegae
- St. Jean de Luz/Biarritz
- Heathrow
- Middle Bumley

Heathrow

Parte Cinco: Shicho
Castelo de Etchebar
Gouffre Porte-de-Larrau

Parte Seis: Tsuru no Sugomori
Etchebar
A Igreja em Alos
Nova Iorque
Gouffre Field / Col. Pierre St. Martin
Castelo de Etchebar

TREVANIAN

SHIBUMI

PARTE UM

FUSEKI

Washington

Os números lampejaram na tela 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3... e então o projetor foi desligado e luzes se acenderam em luminárias embutidas nas paredes da sala de projeção privativa.

A voz do projecionista surgiu, aguda e metálica, pelo interfone.

— Pronto quando o senhor estiver, sr. Starr.

T. Darryl Starr, única pessoa na platéia, apertou o botão no painel de comunicação situado à sua frente.

— Ei, amigão? Me diga uma coisa. Afinal, para que servem todos esses números que aparecem antes do filme?

— São chamados de guia, senhor — respondeu o projecionista. — Eu os colei no filme só para fazer uma piadinha.

— Uma piadinha?

— Sim, senhor. Quer dizer... por causa do tipo de filme... fica engraçado ter uma guia comercial, o senhor não acha?

— Engraçado, por quê?

— Bem, quer dizer... com todas as reclamações sobre a violência nos filmes e toda essa história.

T. Darryl Starr grunhiu e coçou o nariz com as costas da mão. Então desceu os óculos escuros em estilo de piloto que empurrara para o alto da testa quando as luzes foram desligadas.

Piadinha? Seria muito melhor que *não* fosse uma porra de uma piadinha, não tinha merda de graça nenhuma! Se alguma coisa tivesse dado mal, seria o meu rabo que eles iam comer. E se o menor detalhe estivesse *mesmo* errado, pode apostar o seu saco que o sr. Diamond e sua equipe vão descobrir. Malditos detalhistas! Desde que eles assumiram o controle das operações da CIA no Oriente Médio, parece que ficam de pau duro cada vez que descobrem o menor deslize da gente.

Starr mordeu a ponta do seu charuto, arrancou-a, cuspiu no chão acarpetado, lambeu o charuto com os lábios franzidos e acendeu-o com um

fósforo de madeira que riscou na unha do polegar. Como o Principal Agente de Campo, ele tinha acesso a charutos cubanos. Afinal de contas, militares têm seus privilégios.

Ele se espichou e empoleirou as pernas em cima da poltrona à sua frente, como costumava fazer, ainda garoto, ao assistir os filmes no Cinema Lone Star. E, se o garoto da frente reclamasse, Starr se ofereceria para enterrar um nabo no rabo dele. O outro garoto sempre amarelava, porque todo mundo em Fiat Rock sabia que T. Darryl Starr era uma espécie de selvagem capaz de fazer qualquer garoto lamber a lama do chão.

Isto fora há muitos anos e porradas, mas Starr ainda era uma espécie de animal. Era isto de que se necessitava para ser o Principal Agente de Campo da CIA. Isto, e experiência. E conhecer as manhas.

E patriotismo, lógico.

Starr consultou o relógio: dois minutos para as quatro. O sr. Diamond tinha marcado a sessão para as 4h, e chegaria as 4h pontualmente. Se o relógio de Starr não marcasse exatamente 4h quando Diamond entrasse na sala de projeção, ele não teria dúvidas de que seu relógio precisava de uma revisão.

Ele apertou novamente o botão de comunicação.

— Como é que está o filme?

— Não está mau, considerando as condições em que foi rodado — respondeu o projecionista. — A iluminação do Aeroporto Internacional de Roma é meio enganosa... uma mistura de luz natural com lâmpadas fluorescentes. Tive de usar uma combinação de filtros que diminuiu muito minha profundidade de campo e ficou bem difícil conseguir foco. E quanto à qualidade da cor...

— Não venha me contar os seus probleminhas de criança mijona!

— Me desculpe, senhor. Eu estava só tentando responder à sua pergunta.

— Bem, não me enche o saco!

— Senhor?

A porta da sala abriu-se com um repelão. Starr lançou um olhar ao seu relógio; o ponteiro dos segundos indicava cinco segundos após as quatro. Três homens caminharam rapidamente pelo corredor. Na frente, vinha o sr. Diamond, um homem rijo com quase 50 anos cujos movimentos eram rápidos e enérgicos, e cujas roupas, impecavelmente cortadas, refletiam seus rígidos hábitos mentais. Logo atrás vinha o Primeiro Assistente do sr. Diamond, um sujeito alto, meio desengonçado, com um vago ar de acadêmico. Não sendo homem de perder

tempo, Diamond tinha o costume de ditar memorandos mesmo quando se deslocava de uma reunião para outra. O Primeiro Assistente levava um gravador na cintura, o microscópico microfone fixado na armação de metal de seus óculos. Andava sempre colado ao sr. Diamond, ou sentava-se ao seu lado, a cabeça inclinada para frente a fim de captar o fluxo das diretivas emitidas em tom monocórdico.

Considerando a rigidez heráldica da mentalidade da CIA, era inevitável que a idéia que eles faziam de sagacidade implicaria uma relação homossexual entre Diamond e seu onipresente assistente. A maioria das piadas versava sobre o que aconteceria com o nariz do assistente se, algum dia, o sr. Diamond estacasse subitamente.

O terceiro homem, caminhando atrás e de alguma maneira confuso com o vigoroso ritmo de ação e pensamento que o circundava, era um árabe cujas vestes ocidentais eram escuras, caras e lhe caíam mal. A aparência desleixada não era culpa do seu alfaiate; o corpo do árabe não fora feito para roupas que exigiam postura e disciplina.

Diamond afundou na poltrona do corredor ao lado de Starr; o Primeiro Assistente sentou-se na poltrona imediatamente atrás, e o palestino, tendo frustrada sua expectativa de que alguém lhe indicasse onde sentar, acabou se aboletando numa poltrona perto da porta.

Virando a cabeça para que o microscópico microfone pudesse captar o final do seu rápido e atônico ditado, Diamond encerrou a seqüência de pensamentos que vinha expondo.

— Lembre-me dos seguintes tópicos nas próximas três horas. Um — sobre o acidente na plataforma de petróleo no Mar do Norte: esconder tudo da imprensa. Dois — este tal professor que anda investigando o dano ecológico ao longo da linha de abastecimento do Alasca: acabar com ele num aparente acidente.

Ambas as tarefas estavam em suas fases finais, e o sr. Diamond ansiava por conseguir um tempinho para umas partidinhas de tênis no final de semana. Desde que, é claro, esses imbecis da CIA não tivessem fodido com essa operação no Aeroporto Internacional de Roma. Tratava-se de uma batida, um assalto que não deveria apresentar dificuldade alguma, mas nos seis meses em que a Companhia-Mãe o designara para administrar as atividades da CIA envolvendo o Oriente Médio, ele aprendera que nenhuma missão era simples o suficiente para estar acima da capacidade da CIA de cometer erros.

Diamond entendia a razão pela qual a Companhia-Mãe escolhera se manter

numa posição discreta, trabalhando acobertada pela CIA e pela NSA , mas isto não facilitava em nada seu trabalho. E ele não ficara exatamente feliz com a insinuação despreocupada do Presidente do Conselho de que a sua opinião sobre o uso, por parte da Companhia-Mãe, dos agentes da CIA era como que uma contribuição para o esforço de conseguir mercado de trabalho para os deficientes mentais.

Diamond ainda não lera o relatório de Starr sobre a missão, então estendeu a mão para trás para pegá-lo. Antecipando sua vontade, o Primeiro Assistente lhe estendeu o maço de folhas de papel.

Ao olhar para a primeira página, Diamond falou sem erguer o tom de voz.

— Apaga esse charuto, Starr.

— Diamond então levantou a mão, num gesto mínimo, e as luzes das paredes começaram a baixar.

Darryl Starr levantou seus óculos para a testa quando a sala de projeção começou a escurecer e o facho de luz do projetor cortou os grossos rolos de fumaça de charuto. Apareceu na tela uma panorâmica meio tremida, mostrando o interior de um enorme aeroporto, repleto de gente.

— Este é o Aeroporto Internacional de Roma — disse Starr, com voz arrastada. — Referência de hora: 13:34 GMT. O vôo 414, procedente de Tel-Aviv, acaba de chegar. Vai levar um tempo para a ação começar. Esses cretinos desses fiscais de alfândega italianos não são muito bons de serviço.

— Starr? — disse Diamond, com voz cansada.

— Senhor?

— Por que diabos você não apagou seu charuto?

— Bem, para dizer a verdade, senhor, eu juro por Deus que não ouvi o senhor me pedir.

— Eu não *pedi*.

Embaraçado com o fato de ser admoestado na frente de um estrangeiro, Starr desenroscou sua perna da poltrona da frente e jogou o charuto quase inteiro no carpete. Para livrar a cara, continuou a narrar como se nada tivesse acontecido.

— Espero que amigo árabe aqui fique bem impressionado com a maneira como cuidamos deste caso. Foi tudo tão fácil quanto limpar bunda de bebê.

Tomada em grande angular: porta da alfândega e imigração. Uma fila de passageiros aguarda as formalidades com variados graus de impaciência. Diante da incompetência e incapacidade oficial, os únicos passageiros que estão sorrindo, com expressões amigáveis, são os que esperam ter problemas com seus passaportes ou bagagem. Um ancião, com um cavanhaque branco como a neve, se inclina sobre o balcão, explicando, pela terceira vez, alguma coisa para o oficial da alfândega. Atrás dele, na fila, estão dois jovens de cerca de 20 anos, muito bronzeados, usando calções caqui e camisas abertas no peito. Ao se adiantarem, empurrando suas mochilas com os pés, a câmera deu um zoom, enquadrando-os isoladamente em plano médio.

— Estes são os nossos alvos — explica Starr, desnecessariamente.

— Eles mesmos — diz o árabe num falsete quebradiço. — Eu reconheço um deles, que é conhecido na organização deles como Avrim.

Com um inclinar galanteador cômicamente exagerado, o primeiro dos jovens se oferece para deixar uma linda garota ruiva passar à sua frente na fila. Ela agradece sorrindo, mas balança negativamente a cabeça. O oficial italiano, debaixo de seu chapéu cheio de pontas e pequeno demais para ele, pega o passaporte do primeiro jovem com expressão de tédio e o folheia, tendo dificuldade para manter seus olhos afastados dos seios da garota, evidentemente soltos debaixo da blusa de brim. Ele dá uma olhada para o rosto do jovem por sobre a fotografia do passaporte e franze a testa.

Starr explica:

— A fotografia do elemento foi tirada antes que ele deixasse crescer aquela ridícula barba de bode.

O oficial da imigração dá de ombros e carimba o passaporte. O segundo jovem é tratado com a mesma combinação de desconfiança e incompetência. O passaporte dele é carimbado duas vezes, porque o oficial italiano estava tão entretido com o decote da garota ruiva que, na primeira vez, esqueceu de usar a almofada de tinta. Os jovens pegam suas mochilas colocam nos ombros pelas alças. Murmurando desculpas e saindo de lado, eles passam por grupo de italianos excitados, uma família enorme que, espremida e na ponta dos pés, acena para um parente que acaba de chegar.

— Muito bem! Passa mais devagar! — ordena Starr pelo interfone. — É agora que vai dar merda pra todo lado!

O projetor começa a rodar mais devagar.

De fotograma em fotograma, meio tremido, os jovens se movem como se o ar fosse de gelatina. O líder se volta para sorrir para alguém da fila, o movimento se assemelhando a um balé dançado na gravidade da Lua. O segundo olha por cima da multidão. Seu sorriso indiferente fica congelado. Ele abre a boca e dá um grito silencioso enquanto a frente da sua camisa se abre e o sangue espirra. Antes que ele caia de joelhos, uma segunda bala atinge seu peito, rasgando-o. A câmera corre em volta, meio tonta, até localizar o segundo jovem, que larga sua mochila e corre, num movimento lento de pesadelo, em direção aos armários para guardar malas. Dá uma pirueta no ar quando um estilhaço o atinge nos ombros. Bate de cara nos armários e cambaleia para trás. O sangue escorre pelos seus quadris e ele cai no chão de granito polido. Uma terceira bala estoura a parte posterior da sua cabeça.

A câmera vasculha o terminal, procurando, perdendo e depois encontrando novamente dois homens — fora de foco — correndo em direção das portas de vidro da entrada. O foco é corrigido e revela que eles são orientais. Um deles carrega uma arma automática. Subitamente, ele arqueia as costas, levanta os braços e escorrega para frente na ponta dos pés por um segundo antes de cair de cara no chão. A arma rola silenciosamente ao seu lado. O segundo homem chegou até as portas de vidro, cujas luzes borradas formam um halo em torno de sua silhueta escura. Ele mergulha no momento em que a bala estilhaça o vidro ao lado da sua cabeça; dá uma guinada e corre para um elevador aberto do qual sai um grupo de crianças de escola. Uma garotinha despenca no chão, o cabelo encapelando como se ela estivesse embaixo d'água. Uma bala perdida e a atingiu no estômago. O próximo projétil acerta o oriental entre as omoplatas e o joga, num passo de dança, contra a parede ao lado do elevador. Uma máscara de angústia contorce seu rosto e ele torce o braço, tentando alcançar as costas, como se quisesse arrancar a bala. O outro tiro perfura sua mão e atinge a espinha. Ele escorrega pela parede e cai com a mão dentro do elevador. A porta se fecha, mas volta a abrir quando os sensores acusam a mão que obstrui a passagem. Fecha novamente sobre a cabeça do homem, depois abre. Fecha. Abre.

Panorâmica lenta percorre o terminal. Ângulo alto.

... Um bando de crianças chocadas e perplexas em volta da garotinha caída. Um menino grita em silêncio...

... Dois guardas do aeroporto, suas pequenas armas automáticas italianas sacadas, correm em direção aos orientais caídos. Um deles ainda está atirando...

... O ancião com o cavanhaque branco como a neve está sentado, boquiaberto, numa poça do seu próprio sangue, suas pernas estendidas para frente, como se fora uma criança brincando numa caixa de areia. Sua expressão revela uma incomensurável descrença. Ele tinha certeza de que tinha explicado tudo para os oficiais da alfândega...

... Um dos jovens israelenses está deitado sobre seu rosto esfacelado, sua mochila inacreditavelmente ainda pendurada no ombro...

...Vê-se um minueto de confusão estilizada bailado pela família de italianos que estava esperando um parente. Três deles tinham caído no chão. Os outros acenam, ou se ajoelham, e um adolescente gira em torno dos próprios calcanhares, procurando uma direção para onde correr em busca de ajuda — ou segurança...

... A garota ruiva está parada, imóvel, os olhos arregalados de horror grudados no jovem caído que, poucos segundos antes, lhe oferecera um lugar na fila...

... A câmera se imobiliza no jovem desabado ao lado dos armários, a parte posterior da sua cabeça estourada...

— Isto... isto é tudo, minha gente — diz Starr. O facho de luz do projetor se apaga, e as luzes das paredes são acesas.

Starr se vira na poltrona, pronto para responder às perguntas do sr. Diamond ou do árabe.

— E então?

Diamond continua de olhos postos na tela vazia, três dedos pressionando ligeiramente os lábios, o relatório da operação no colo. Deixa os dedos escorregarem para o queixo.

— Quantos? — pergunta em voz baixa.

— Senhor?

— Quantos mortos na operação?

— Sei o que o senhor quer dizer. As coisas saíram um pouco do nosso

controle. Nós combinamos com a polícia italiana que eles não deveriam invadir a área, mas eles entenderam tudo errado... não que isto seja alguma grande novidade. Eu mesmo tive alguns problemas. Tive usar uma Beretta para que os cartuchos batessem com os dos italianos. E, como arma portátil, a Beretta vale tanto quanto um peido no meio de um furacão, como diria meu velho pai. Com uma Smith & Wesson eu teria acabado com os dois japas em dois tempos e não teria acertado aquela pobre garotinha que se meteu na linha de fogo. Claro que nessa primeira parte da operação, nossos rapazes nisseis tinham recebido instruções para criar um pouco de confusão — fazer que parecesse uma reedição do Setembro Negro, sabe como é? Mas foram aqueles guardas italianos apavorados que começaram a esparramar bala pra todo lado, como vaca pisando em merda mole, como diria meu velho...

— Starr? — A voz de Diamond estava carregada de desgosto. — O que foi que eu perguntei?

— O senhor perguntou quantos foram mortos. — O tom de Starr tornou-se vibrante enquanto ele se despia da fachada de bom garoto, atrás da qual costumeiramente se escondia, para assumir uma postura de absoluta calma, presumindo que estava falando com um caipira. — Um total de nove mortos — Um súbito esgar e um sotaque acaipirado voltaram. — Então, vamos ver. Tinha os dois alvos judeus, claro. Depois os nossos dois agentes nisseis que eu tive de mandar desta para melhor. E aquela pobre garotinha que se meteu na frente do meu disparo. E aquele velho que engoliu uma bala perdida. E três elementos daquela família, que estava de bobeira por ali, quando o segundo judeu passou correndo por eles. Ficar coçando o saco de bobeira é perigoso. Devia ser proibido por lei.

— Nove? Nove mortos para pegar dois?

— Bem, senhor, o senhor deve se lembrar que nossas instruções eram fazer que a coisa parecesse um novo Setembro Negro. E esses rapazes têm uma certa tendência a ser meio extravagantes. Costumam abrir ovos com marretas, sabe como é? Sem querer ofender o nosso caro sr. Haman aqui.

Diamond levantou os olhos do relatório que lia rapidamente. Haman? Então se lembrou que o observador árabe, sentado no fundo da sala, tinha sido alcunhado de Haman pela criativa CIA.

— Eu não me ofendi, sr. Starr — disse o árabe. — Estamos aqui para aprender. É por isso que alguns dos nossos estagiários estão trabalhando com seus homens na Academia de Equitação, amparados na emenda 17 de intercâmbio cultural. Para dizer a verdade, estou surpreso que um homem da sua

graduação tenha usado seu tempo para tratar pessoalmente desse assunto.

Starr fez um gesto no ar com satisfeita modéstia.

— Não se preocupe. Se quisermos um serviço bem-feito, temos de dá-lo para uma pessoa ocupada.

— Tem mais alguma coisa que seu velho pai costumava dizer? — perguntou Diamond, os olhos colados no relatório, fazendo uma leitura transversal.

— Para dizer a verdade, já que o senhor falou nisso, tem sim.

— Pelo jeito, ele era o perfeito filósofo popular.

— Eu penso nele mais como um grandissíssimo filho da puta, senhor. Mas que ele tinha um jeito com as palavras, lá isso tinha.

Diamond soltou um profundo e audível suspiro e voltou sua atenção para o relatório. Durante os meses em que a Companhia-Mãe o tinha designado para controlar todas as ações da CIA que esbarrassem nos interesses dos países produtores de petróleo, ele aprendera que, apesar da sua reputação de ineptos, homens como Starr não eram idiotas. Eles eram, na verdade, surpreendentemente inteligentes, na acepção mecânica, prática, da palavra. Resolviam problemas. Nada de frases bonitas, bem construídas, nada de enrolação, relatórios escritos de Starr eram elaborados no estilo pé no chão. Eram concisos, até áridos, não dando asas à imaginação.

Após dar uma lida na ficha biográfica de Starr, Diamond descobrira que ele era uma espécie de herói entre os agentes jovens da CIA — o último da velha safra anterior à era do computador, dos dias em que as operações da Companhia tinham mais a ver com trocas de tiros sobre o Muro de Berlim do que com o controle dos votos dos congressistas por meio do acúmulo de provas de suas irregularidades fiscais e sexuais.

T. Darryl Starr era da mesma espécie de um contemporâneo famoso seu que largara a Companhia para escrever novelas de espionagem sem muito sentido, metendo os pés pelas mãos quando se envolveu em crimes políticos. Quando sua evidente inabilidade o levou a ser pego em flagrante, ele se fechou em copas assistindo seus asseclas cantarem magnificentes coros de *mea culpa* e publicarem o livro com grande sucesso. Depois de cumprir uma pena leve numa prisão federal, tentou provar que seu apavorado silêncio tivera causas nobres recorrendo ao Código Não Escrito que afirma: "Não reclamarás sobre leite derramado". O mundo resmungou como se tivesse ouvido um trocadilho infame, mas Starr admirava este trapalhão idiota. Tinham em comum a mistura de

escoteiro e trapaceiro que caracteriza os velhos integrantes da CIA. Diamond levantou os olhos do relatório.

— De acordo com o que está escrito aqui, sr. Haman, o senhor acompanhou esta operação no papel de observador.

— Sim, foi isso mesmo. Como observador aprendiz.

— Nesse caso, o senhor quis ver esse filme antes de se reportar aos seus superiores?

— Ah, sim... Bem... para dizer a verdade...

— Ele não seria capaz de relatar suas próprias reações — explicou Starr.

— Estava conosco no mezanino quando tudo começou, mas, 10 segundos depois, não havia nem sinal dele. Depois de muito procurar, um dos nossos acabou encontrando-o escondido atrás da última privada do banheiro público.

O árabe deu um sorrisinho sem graça.

— É verdade. As necessidades da natureza vêm quando menos se espera. São sempre empíricas.

O Primeiro Assistente franziu a testa. Empíricas? Talvez ele quisesse dizer imperativas? Ou imperiosas?

— Entendo — disse Diamond, e voltou à sua leitura dinâmica do relatório de 75 páginas.

Sentindo que o silêncio pesava, o árabe apressou-se em preenchê-lo.

— Não pretendo ser muito inquisitivo, sr. Starr, mas tem uma coisa que eu não entendo.

— Manda, amigão.

— Exatamente por que o senhor usou orientais nessa operação?

— Como? Ah, sei. Bem, o senhor lembra que concordamos em fazer que parecesse que seus próprios homens tinham armado a coisa. Acontece que não temos árabes no nosso estoque, e os rapazes que estamos treinando na Academia ainda não servem para esse tipo de trabalho. — Starr achou por bem não acrescentar que, dadas as suas incapacidades genéticas, eles provavelmente nunca serviriam. — Mas os seus rapazes que participaram do Setembro Negro tinham sido membros do Exército Vermelho japonês... e temos muitos japoneses no almoxarifado.

O árabe, confuso, ergueu o cenho.

— O senhor está me dizendo que os japoneses eram seus *próprios* homens?

— É isso aí. Um par de nisseis que trabalhava na nossa Agência no Havaí. Bons rapazes, aqueles. Foi mesmo uma pena ter de descartá-los, mas a morte deles colocou o que chamamos de selo de garantia de verossimilhança numa história que poderia parecer fantasiosa e inacreditável. As balas que vão tirar de dentro deles foram disparadas por uma Beretta, e a culpa vai cair sobre os policiais locais. Eles tinham documentos que os identificavam como membros do Exército Vermelho ajudando seus irmãos árabes no que vocês chamam de luta eterna contra seja o que for que tenha cheiro de capitalismo.

— Seus *próprios* homens? — Repetiu, incrédulo, o árabe.

— Não esquenta. Os papéis deles, as roupas, até mesmo os restos de comida que eles tinham no estômago, tudo vai confirmar que eles vinham do Japão. Para dizer a verdade, eles chegaram de Tóquio poucas horas antes da operação — ou batida, como gostamos de chamar, às vezes.

Os olhos do árabe se arregalaram, refletindo seu espanto. Este era exatamente o tipo de organização que seu tio — e presidente — o mandara para estudar nos Estados Unidos, a fim de que pudessem criar alguma coisa similar e poder prescindir da dependência de seus novos aliados. — Mas certamente os seus agentes japoneses não *sabiam* que seriam... como foi mesmo que o senhor disse?

— Descartados? Não, não sabiam. Na nossa lojinha, é de lei que os agentes não saibam mais do que o necessário para fazer seu trabalho. Eram bons sujeitos, mas mesmo assim, se soubessem que iam dar uma de Nathan Hale, poderiam perder parte do seu entusiasmo, se é que o senhor entende o que eu estou tentando dizer.

Diamond continuava a ler; sua leitura transversal sempre bem à frente das diversas operações analíticas da sua mente, que selecionava e revisava as informações de uma forma que seria descrita como visão periférica intelectual. Caso algum detalhe não se encaixasse no plano geral, ou soasse falso, ele estacaria e voltaria atrás, tentando localizar o fragmento suspeito.

Já chegara à última página quando seu alarme interior soou. Suspendeu a leitura, voltou à página anterior e leu cuidadosamente, dessa vez no sentido horizontal. Os músculos da sua mandíbula se retesaram. Ergueu os olhos e, suspendendo a respiração, soltou sua característica exclamação surda.

O Primeiro Assistente piscou. Conhecia os sinais. Problemas pela frente.

Diamond suspirou fundo ao estender o relatório por sobre os ombros. Até que tivesse avaliado a extensão do problema, não alertaria o observador árabe.

Sua experiência lhe ensinara que era desaconselhável e inútil fornecer informações desnecessárias aos árabes. Não eram muito bons nesse tipo de coisa.

— Bem? — perguntou ele, voltando ligeiramente a cabeça. — O senhor está satisfeito, sr. Haman?

No primeiro instante o árabe não reconheceu seu próprio codinome. Depois, entendendo, deu uma risadinha.

— Ah, sim, claro. Bem, digamos que estou impressionado com as coisas que o filme mostra.

— O senhor quer dizer impressionado, mas não satisfeito?

O árabe encolheu o pescoço, inclinou a cabeça e levantou as mãos, compondo o característico gesto humilde de um vendedor de tapetes persas.

— Meus bons amigos, não cabe a mim ficar satisfeito ou insatisfeito. Ou devo dizer "dissatisfeito", é assim que se diz? Não passo de um mensageiro, uma espécie de ponte, acho que vocês poderiam me considerar... um...

— Estafeta? — sugeriu Diamond.

— Talvez. Não conheço a palavra. Há pouco tempo, nossos agentes secretos descobriram uma trama para assassinar os dois últimos heróis remanescentes da Operação de Retaliação nas Olimpíadas de Munique. O meu tio... e presidente... expressou o desejo de ver este complô estancado... é assim que se diz?

— E uma maneira de dizer — admitiu Diamond, com voz cansada. Já tinha perdido a paciência com aquele imbecil, que mais parecia uma piada étnica do que um ser humano de verdade.

— Como o senhor deve se lembrar, o estancamento desse complô maléfico era uma condição para que continuássemos a manter relações amigáveis com a Companhia-Mãe nos assuntos que se referem ao suprimento de petróleo. Em sua sabedoria, a Companhia-Mãe decidiu designar a CIA para tratar do caso — sob a sua supervisão direta e atenta, sr. Diamond. Não tenho a menor intenção de ofender o meu corajoso amigo, o sr. Starr aqui presente, mas temos de admitir que, desde que ocorreram certas trapalhadas de agentes treinados pela CIA, que acabaram por provocar a queda de um Presidente muito amigo e colaborador nosso, tivemos de restringir nossa confiança naquela organização a certos limites.

— O árabe girou a cabeça sobre o ombro e deu um sorrisinho de desculpas

para Starr que, no momento, examinava com extrema atenção as próprias cutículas.

Haman continuou.

— Nossa agência de inteligência forneceu à CIA os nomes dos dois assassinos sionistas contratados para perpetrar este ataque criminoso, com a data e horário aproximados da partida deles de Tel-Aviv. A essas informações, não tenho dúvida de que o sr. Starr agregou o que descobriram suas próprias fontes. E decidiu então evitar a tragédia usando a técnica que vocês chamam de "operação limpa-área", dando um jeito para que os criminosos fossem executados antes que pudessem cometer o assassinato para o qual foram contratados — uma forma bem mais econômica de processo judicial. Muito bem, os senhores me mostraram provas audiovisuais de que a operação foi um sucesso. Vou levar essas informações para meus superiores. Cabe a eles, e não a mim, ficarem satisfeitos ou insatisfeitos.

Diamond, que durante a cantilena do árabe tinha a mente em outras coisas, levantou-se.

— Muito bem, então, isto é tudo. — E, sem mais palavras, saiu pelo corredor, seguido imediatamente pelo seu Primeiro Assistente.

Starr voltou a empoleirar a perna na poltrona à sua frente e pegou um novo charuto.

— O senhor quer assistir ao filme de novo? — perguntou ao árabe, sobre o ombro.

— Eu teria o maior prazer.

Starr pressionou o botão do interfone.

— Ei, amigão! Vamos ver esse negócio de novo. — Quando as luzes se apagaram, ele empurrou os óculos escuros para o alto da testa. — Lá vamos nós. Repeteco. — E, no seu sotaque acaipirado, acrescentou: — E em sessão especial.

Ao caminhar apressadamente pelo corredor de paredes brancas do Center, a fúria de Diamond se revelava apenas no bater seco dos saltos de couro dos seus sapatos no chão de lajotas. Era um homem acostumado a conter suas emoções dentro de um estreito leque de expressões, mas a leve tensão em torno da boca e seu olhar ligeiramente alheio eram o suficiente para alertar o Primeiro Assistente de que um vulcão estava prestes a cuspir fogo dentro dele.

Entraram no elevador e o Primeiro Assistente inseriu um cartão magnético na fenda que substituía o botão do 16° andar. O carro desceu rapidamente do térreo para a suíte do sub-solo, cuja localização, em código, era 16° andar. A primeira providência de Diamond ao assumir as atividades da CIA em nome da Companhia-Mãe fora criar uma área de trabalho para si próprio nos escaninhos do Centro. Nenhum membro da CIA tinha acesso ao décimo sexto andar; a suíte-escritório era revestida por lâminas de chumbo cobertas por alarmes antigrampo projetados para manter a organização no seu costumeiro estado de completa ignorância. Como medida extra de segurança contra a curiosidade governamental, o escritório de Diamond era conectado por um *link* de computador diretamente com a Companhia-Mãe através de cabos blindados contra qualquer ligação paralela possível, feita com capacitancias iguais às usadas pelas linhas de comunicação telefônica ou telegráfica que eram controladas pela NSA nos Estados Unidos.

Em contato permanente com os bancos de dados, comunicação e pesquisa da Companhia-Mãe, Diamond não necessitava mais do que dois funcionários: seu Primeiro Assistente, que era extremamente hábil no manejo de computadores; e sua secretária, a srta. Swivven.

Eles entraram numa ampla área de trabalho, cujas paredes e carpetes eram de um branco fosco. No centro, havia um pequeno espaço para reuniões, consistindo de cinco cadeiras pouco estofadas colocadas ao redor de uma mesa de tampo de vidro fosco que servia como tela onde poderiam ser projetadas imagens geradas por uma rede de computadores. Das cinco cadeiras, apenas uma era giratória: a de Diamond. As outras estavam firmemente fixadas no chão e tinham sido projetadas propositalmente para serem pouco confortáveis. A área servia para discussões rápidas e atentas, não para jogar conversa fora, ou socializar.

Na parede em frente a área de reunião fora construído um console onde ficava o computador, chamado de Gorduchinho, conectado com o sistema principal da Companhia-Mãe. A bancada também tinha uma televisão e conexões com telefotos e teletipos ligadas ao Gorduchinho para imprimir informações verbais ou visuais, bem como bancos de dados locais que armazenavam informações por tempo limitado e que serviam para consultas e comparações. A poltrona do Primeiro Assistente ficava sempre diante deste console, em cujo equipamento ele operava com arte e ciência únicas, e grande amor.

Colocada sobre um estrado ligeiramente elevado, a escrivaninha de

Diamond era claramente modesta com seu tampo de plástico branco medindo apenas 50 por 66 centímetros. Não possuía gavetas ou prateleiras, nenhum espaço onde a papelada pudesse se perder ou ser esquecida, nenhuma forma de retardar o estudo de algum material por estar colocado à parte, ou com a desculpa de estar ocupado no exame de outro documento. Um sistema de prioridade, ordenado por um complicado critério bastante restritivo, fazia que cada problema só fosse levado à sua mesa no momento em que estivesse lastreado por suficiente documentação para embasar uma decisão, a qual era sempre tomada rapidamente e o assunto dado por encerrado. Diamond detestava desordem, material ou emocional.

Ele foi até a poltrona da sua mesa (projetada por um especialista em ergonomia para que reduzisse a fadiga ao mínimo, ao mesmo tempo em que era desconfortável o suficiente para não provocar conforto capaz de induzir ao relaxamento) e sentou-se de costas para a janela que ia do chão ao teto, de onde se podia ver parte dos jardins e a coluna do Monumento a Washington, a meia distância. Sentou-se, imóvel por um momento, as palmas das mãos comprimidas numa atitude de oração, os dedos indicadores tocando, de leve, seus lábios. Automaticamente, o Primeiro Assistente assumiu seu posto em frente ao console de equipamentos, aguardando instruções.

Alertada pela chegada dos dois, a srta. Swivven saiu da ante-sala e entrou no local, onde, bloco de anotações no colo, sentou-se em sua poltrona situada ao lado, e evidentemente abaixo, do estrado de Diamond. Tinha pouco menos de 30 anos, um corpo tentador e cabelos cor de mel, presos num coque que exprimia eficiência. O detalhe mais evidente da sua figura era a pele muito clara, que deixava ver os desenhos de veiazinhas azuis.

Sem erguer os olhos, Diamond tirou os dedos dos lábios, desfazendo a postura orante e apontou para o Primeiro Assistente.

— Aqueles dois garotos israelenses. Pertenciam a alguma organização. Qual?

— O Cinco de Munique, senhor.

— Função?

— Vingar o assassinato de atletas judeus nas Olimpíadas de Munique. Mais especificamente, caçar e liquidar os terroristas palestinos envolvidos. Extra-oficialmente. Nada a ver com o governo de Israel.

— Sei.

— Diamond apontou para a srta. Swivven. — Hoje, eu janto aqui. Qualquer

coisa rápida e leve, mas que contenha proteína. Que seja levedo de cerveja, vitaminas líquidas, gemas de ovo e 200 gramas de fígado de vitela cru. Tudo batido.

A srta. Swivven assentiu. Aquela seria uma longa noite.

Diamond girou o corpo em sua poltrona e ficou olhando, sem ver, para o Monumento a Washington. Caminhando pelo gramado, próximo à base do monumento, estava o mesmo grupo de estudantes que todos os dias, no mesmo horário, passava por ali. Sem mover a cabeça, ele disse, por sobre o ombro:

— Informações sobre o Cinco de Munique.

— Que nível, senhor? — perguntou o Primeiro Assistente.

— É uma organização pequena. Recente. Comecemos pela história e membros.

— Pesquisa profunda, senhor?

— Você resolve. É o que você faz de melhor.

O Primeiro Assistente virou-se para o console e começou a acionar o Gorduchinho. Sua expressão era vazia, mas os olhos, atrás das lentes grossas, brilhavam de excitação. O Gorduchinho continha um apanhado de informações coletadas de todos os computadores do mundo ocidental, além de certos dados roubados via satélite das potências do bloco oriental. Era um conjunto de informações militares altamente confidenciais e dados de contas telefônicas; de material chantageado pela CIA e licenças de motoristas da França; de nomes de titulares de contas numeradas em bancos suíços e de listagens de malas-diretas de agências de publicidade da Austrália. Sua memória armazenava desde informações sigilosas até material absolutamente mundano. Se você morasse no Ocidente industrializado, o Gorduchinho saberia a sua história. Saberia seu nível de crédito, seu tipo sangüíneo, seus antecedentes políticos, sua preferência sexual, sua ficha médica, seu currículo desde o primeiro grau até a universidade, teria trechos de sua conversas telefônicas particulares, uma cópia de todo e qualquer telegrama que você tivesse, algum dia, mandado ou recebido, todas as compras que você fizera no cartão de crédito, sua ficha militar e policial, a relação de revistas que você assinava, todas as suas declarações de imposto de renda, o número da sua carteira de motorista, suas digitais, sua certidão de nascimento – tudo isto se você fosse um cidadão no qual a Companhia-Mãe não tivesse nenhum interesse especial. No entanto, caso a Companhia-Mãe, ou qualquer uma de suas afiliadas, como a CIA, a NSA ou suas subsidiárias nas outras nações democráticas, tivesse alguma razão para vigiá-lo, então o

Gorduchinho saberia mais, muito mais, sobre você.

Arquivar informações no Gorduchinho era o trabalho constante de um verdadeiro exército de programadores e técnicos. Colher informações armazenadas nele era trabalho para um artista, uma pessoa treinada, dotada de habilidade e inspiração. O problema residia no fato de que o Gorduchinho sabia demais. Se fosse pesquisado de maneira superficial, poderia não fornecer a informação desejada. Posto para trabalhar com mais profundidade, revelaria um inacreditável emaranhado de minúcias quase indecifrável, como resultados de antigos exames de urina, medalhas conquistadas num grupo de escoteiros, anotações recebidas em boletins escolares, marca de papel higiênico preferida. O grande talento do Primeiro Assistente era fazer as perguntas certas ao Gorduchinho e esperar apenas pelas respostas que interessavam. Sua experiência e instinto altamente desenvolvidos faziam com que ele pesquisasse apenas até o nível desejado, buscando os dados corretos, as referências necessárias, cruzando apenas as informações relevantes. Manejava seu equipamento com maestria e adorava seu trabalho. Passar horas no seu console era, para ele, o que para outros homens era passar horas na cama com uma bela mulher — ou, melhor dizendo, o que ele imaginava que seria passar horas na cama com uma bela mulher.

Diamond falou, sobre o ombro, com a srta. Swivven:

— Quando eu estiver pronto, vou querer falar com esse tal Starr e com o árabe que eles chamam de Haman. Que estejam disponíveis.

Manipulado pelo Primeiro Assistente, o equipamento sobre o console esquentava e emitia ruídos. As primeiras respostas começavam a chegar; fragmentos de informação eram armazenados no banco de memória; o diálogo começara. Com o Gorduchinho não havia duas conversas iguais; cada uma delas tinha uma codificação diferente, uma linguagem própria, e as delícias deste problema estavam começando a excitar o intelecto exuberante, mesmo que um tanto bitolado, do Primeiro Assistente.

Ainda levaria cerca de 20 minutos até que fosse possível obter uma visão geral do resultado da pesquisa. Diamond resolveu não perder todo esse tempo. Ia aproveitar para fazer seus exercícios, tomar um solzinho, preparar o corpo e a mente para o longo serão que viria em seguida. Fez um gesto com o dedo para que a srta. Swivven o acompanhasse até a pequena sala de ginástica situada fora dos limites da área de trabalho.

Enquanto ele tirava a roupa e vestia seu calção, a srta. Swivven colocou um par de óculos especiais de proteção, entregou a ele um par semelhante e ligou um conjunto de lâmpadas solares instalado ao longo das paredes. Diamond

começou a fazer exercícios abdominais numa prancha inclinada, os tornozelos presos por uma fita recoberta de veludo, e a srta. Swivven encostou-se na parede, tentando manter sua pele loira e sensível o mais longe possível da ação direta dos raios ultravioleta. Diamond fazia seus movimentos lentamente, procurando extrair o máximo de resultado com o mínimo de repetições. Estava em excelente forma para um homem da sua idade, mas tinha de prestar muita atenção na sua barriga.

— Olha — disse ele, a voz roufenha enquanto levantava o abdome e tocava o joelho direito com o cotovelo esquerdo —, eu vou precisar de alguns homens da CIA nesse caso. Mantenha alguns dos que sobrarem lá em cima depois que os burocratas embonecados tiverem fugido para suas casinhas.

O funcionário mais gabaritado, abaixo dos carreiristas, aproveitadores do cabide de empregos político, que entravam e saíam do departamento como se fossem cordeiros sacrificiais, para o furor da opinião pública, era o Oficial Assistente de Relações Internacionais, a quem se chamava, por razões óbvias, pelo seu acrônimo, OARI. A srta. Swivven informou ao seu chefe que ele ainda se encontrava no edifício.

— Serve. Diga a ele para estar a postos. Ah, e cancele minha partida de tênis deste fim de semana.

As sobrancelhas da srta. Swivven se ergueram acima das lentes dos óculos especiais. O caso parecia mesmo grave.

Diamond começou a fazer levantamento de peso.

— Também quero prioridade total com o Gorduchinho pelo resto da tarde, talvez mais.

— Sim, senhor.

— Certo. Leia suas notas.

— Alimento com alta taxa de proteína, na forma líquida. Alertar o sr. Starr e o sr. Haman para que fiquem disponíveis. Colocar o OARI a postos. Prioridade total com o Gorduchinho.

— Bom. Antes de tudo isso, mande um comunicado para o Presidente do Conselho. — Diamond respirava fundo com o esforço que os halteres lhe exigiam. — Mensagem: Possível que a operação no Internacional de Roma tenha sido imperfeita. Vou investigar, julgar e enviar alternativas.

Sete minutos depois, quando a srta. Swivven voltou, trazia um grande copo contendo um líquido cremoso, espumante, cuja cor avermelhada era causada

pela liquefação do fígado cru. Diamond estava na última fase da sua ginástica, exercitando-se isometricamente com uma barra de aço fixa. Parou e pegou seu jantar, enquanto a secretária voltava a se encostar na parede, evitando a luz artificial da melhor forma possível, mas tendo perfeita consciência de que o mal já estava feito, as luzes já tinham queimado sua pele delicada. Mesmo tendo grandes benefícios no seu emprego na Companhia-Mãe — horas extras, um bom plano de aposentadoria, seguro-saúde, hospedagem gratuita durante as férias nas Montanhas Rochosas do Canadá, presentes de Natal — a srta. Swivven lamentava dois aspectos da sua carreira: esse maldito bronzeamento compulsório praticamente todas as semanas e o uso ocasional e impessoal que o sr. Diamond fazia do corpo dela para aliviar as tensões. Mas mantinha uma postura filosófica. Nenhum emprego é perfeito.

— Bloco de notas pronto? — perguntou Diamond, estremecendo ligeiramente ao terminar de engolir sua beberagem.

— Sim, senhor.

Sem se importar com a presença dela, Diamond tirou o calção, entrou no boxe de porta envidraçada do chuveiro e abriu um jato potente de água gelada, berrando por sobre o barulho da ducha — O Presidente respondeu ao meu comunicado?

— Sim, senhor.

Após um breve silêncio, Diamond disse: — Sinta-se à vontade para me dizer qual foi a resposta, srta. Swivven.

— Desculpe-me, senhor, não entendi.

Diamond desligou a ducha, saiu do boxe e começou a se secar com toalhas ásperas, esfregando com força para estimular a circulação.

— O senhor gostaria que eu lesse a resposta do Presidente do Conselho para o senhor?

Diamond suspirou fundo. Se essa boboca não fosse a única gostosinha numa seleção de mais de cem...

— Seria muita gentileza da sua parte, srta. Swivven.

A secretária lançou mão do seu bloco de notas, apertando os olhos para se livrar da forte luz dos refletores.

— Resposta: Presidente do Conselho para Diamond, J. O. Imperfeições neste assunto não serão aceitas.

Diamond assentiu enxugando, meditativamente, os testículos. Era a

resposta que esperava.

Quando voltou para a área de trabalho, estava com a mente à toda, preparado para tomar decisões, já vestido com suas roupas de trabalho, um agasalho amarelo claro, largo e confortável, que ressaltava o bronzeado da sua pele.

O Primeiro Assistente trabalhava no console, muito concentrado e satisfeito, ao examinar uma cópia impressa pelo Gorduchinho de uma lista de dados bastante satisfatória sobre o Cinco de Munique.

Diamond sentou-se na sua poltrona giratória apoiando os cotovelos no tampo de vidro opaco da mesa.

— Vá me dando as cópias — instruiu. — Imprima numa velocidade de 500 toques por minuto. — A máquina não seria capaz de decodificar as informações mais rapidamente porque os dados vinham de meia dúzia de fontes internacionais diferentes e a tradução simultânea, para o inglês, do Gorduchinho era tão deficiente e tosca quanto a linguagem de um filme de Clint Eastwood.

CINCO DE MUNIQUE, O

ORGANIZAÇÃO... NÃO-OFICIAL... DISSIDENTES... OBJETIVO DOIS PONTOS EXTERMÍNIO INTEGRANTES SETEMBRO NEGRO ENVOLVIDOS MATANÇA ATLETAS ISRAEL OLIMPÍADAS DE MUNIQUE...

LÍDER E HOMEM-CHAVE DOIS PONTOS STERN, ASA...

MEMBROS E ASSECLAS DOIS PONTOS LEVITSON, YOEL... YARIV, CHAIM... ZARMI, NEHEMIAH... STERN, HANNAH...

— Pare — ordenou Diamond. — Vamos examinar um por vez. Me dê só os resumos.

STERN, ASA

NASCIDO 13 DE ABRIL 1909... BROOKLIN, NEW YORK, EUA... 1352 CLINTON AVENUE... APARTAMENTO 3B

O Primeiro Assistente cerrou os dentes.

— Desculpe, senhor. — Tinha aprofundado demais a pesquisa. Ninguém estava interessado no número do apartamento em que Asa Stern nascera. Pelo menos não por enquanto. Regulou o nível de profundidade da pesquisa, diminuindo um mícron.

STERN EMIGRA PARA PROTETORADO PALESTINO... 1931...

PROFISSÃO E/OU DISFARCE... FAZENDEIRO, JORNALISTA, POETA, HISTORIADOR...

ENVOLVIDO NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA... 1945-1947 (detalhes disponíveis)...

PRESO PELAS FORÇAS BRITÂNICAS DE OCUPAÇÃO (detalhes disponíveis)...

SOLTO TORNA-SE CONTATO PARA ORGANIZAÇÃO STERN E GRUPOS SIMPATIZANTES NO EXTERIOR (detalhes disponíveis)... APOSENTA NA FAZENDA... 1956...

RETOMA ATIVIDADE NO CASO OLIMPÍADAS MUNIQUE (detalhes disponíveis)...

POTENCIAL ATUAL PREOCUPAÇÃO COMPANHIA-MÃE DOIS PONTOS COEFICIENTE .001...

RAZÃO PARA BAIXO COEFICIENTE DOIS PONTOS: ELEMENTO MORTO, CÂNCER GARGANTA

— Resultado da pesquisa superficial, senhor — comenta o Primeiro Assistente — Devo me aprofundar um pouco mais? Está na cara que ele é o cabeça.

— Claro. Mas morreu. Não, só arquive o resto dos dados no banco de memória. Dou uma olhada mais tarde. Vamos ver o que temos sobre os outros membros do grupo dele.

— Já está na minha tela, senhor.

LEVITSON, YOEL

NASCIDO 25 DEZEMBRO 1954... NEGEV, ISRAEL...

PAI MORTO... COMBATE... GUERRA DOS 6 DIAS... 1967...

JUNTA-SE CINCO DE MUNIQUE... OUTUBRO 1972...

MORTO... 25 DEZEMBRO 1976...

(NOTADA COINCIDÊNCIA ENTRE DATAS NASCIMENTO E MORTE E CONSIDERADA FORTUITA.)

— Um momento — exclamou Diamond. — Quero mais sobre a morte desse garoto.

— Sim, senhor.

MORTO... 25 DEZEMBRO 1976...

VÍTIMA (PROVAVELMENTE ALVO PRINCIPAL) DE BOMBA TERRORISTA...

LOCAL DOIS PONTOS CAFÉ EM JERUSALÉM... BOMBA MATOU TAMBÉM SEIS PASSANTES ÁRABES. DUAS CRIANÇAS FICARAM CEGAS...

— Está bem, esquece. Não tem importância. Volte ao nível anterior de pesquisa.

POTENCIAL ATUAL PREOCUPAÇÃO COMPANHIA-MÃE DOIS PONTOS COEFICIENTE .001...

RAZÃO PARA BAIXO COEFICIENTE DOIS PONTOS: ELEMENTO MORTO-FRATURAS MÚLTIPLAS, COLAPSO RESPIRATÓRIO...

YARIV, CHAIM

NASCIDO 11 OUTUBRO 1952... ELATH, ISRAEL...

ÓRFÃO / INFÂNCIA KIBUTZ (detalhes disponíveis)

JUNTA-SE CINCO DE MUNIQUE... 7 SETEMBRO 1972...

POTENCIAL ATUAL PREOCUPAÇÃO COMPANHIA-MÃE DOIS PONTOS COEFICIENTE .64 +/— ...

RAZÃO PARA MÉDIO COEFICIENTE DOIS PONTOS:

ELEMENTO DEVOTADO CAUSA, MAS SEM CAPACIDADE LIDERANÇA...

ZARMI, NEHEMIAH

NASCIDO 11 JUNHO 1948... ASHDOD, ISRAEL...

INFÂNCIA KIBUTZ / UNIVERSIDADE / EXÉRCITO (detalhes disponíveis)...

GUERRILHA ATIVA INDEPENDENTE (detalhes de ações conhecidas / prováveis / possíveis disponíveis)...

JUNTA-SE CINCO DE MUNIQUE 7 SETEMBRO 1972...

POTENCIAL ATUAL PREOCUPAÇÃO COMPANHIA-MÃE DOIS PONTOS COEFICIENTE .96 +/— ...

RAZÃO PARA ALTO COEFICIENTE DOIS PONTOS:

ELEMENTO DEVOTADO CAUSA E CAPACIDADE LIDERANÇA...

ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO! ELEMENTO PODE SER LIQUIDADO SEM MAIS.

STERN, HANNAH

NASCIDA 1 ABRIL 1952... SKOKIE, ILLINOIS, EUA...

UNIVERSIDADE/ SOCIOLOGIA E LÍNGUAS NEOLATINAS /RADICAL ATIVA CAMPUS (dossiês NSA/CIA disponíveis)... REPITA! REPITA! REPITA! REPITA!

Diamond levantou os olhos da tela da mesa de conferências.

— Que diabo é isso?

— Deu erro em algum lugar, senhor. O Gorduchinho está em processo de correção automática.

— E daí?

— Saberemos em um minuto, senhor. O Gorduchinho está reprogramando.

A srta. Swivven veio da sala de equipamentos.

— Senhor? Eu requisitei telefotos dos membros do Cinco de Munique.

— Faça cópias e traga assim que chegarem.

— Sim, senhor.

O Primeiro Assistente ergueu a mão, chamando a atenção.

— Aí vem. O Gorduchinho está se reprogramando já com os dados do relatório de Starr sobre a operação em Roma. Ele acaba de incluir as informações.

Diamond leu as informações retroprojetadas.

ANTERIOR ANULADO REFERÊNCIA YARIV, CHAIM POTENCIAL ATUAL PREOCUPAÇÃO COMPANHIA-MÃE...
COEFICIENTE CORRIGIDO DOIS PONTOS .001...
RAZÃO PARA BAIXO COEFICIENTE DOIS PONTOS:
PESSOA EXTERMINADA...

ANTERIOR ANULADO REFERÊNCIA ZARMI, NEHEMIAH POTENCIAL ATUAL PREOCUPAÇÃO COMPANHIA-MÃE...
COEFICIENTE CORRIGIDO DOIS PONTOS .001...
RAZÃO PARA BAIXO COEFICIENTE DOIS PONTOS:
PESSOA EXTERMINADA...

Diamond recostou-se na poltrona e balançou a cabeça:

— Um lapso de oito horas. Algum dia isso ainda vai nos ferrar.

— Não é culpa do Gorduchinho, senhor. É conseqüência do crescimento da população mundial e do *boom* da nossa malha de comunicações. Algumas vezes eu me pergunto se nós já não sabemos *demais* sobre as pessoas! — O Primeiro Assistente sorriu com sua própria idéia. — Por falar nisso, o senhor notou a troca de palavras?

— Que troca de palavras?

— O Gorduchinho agora colocou "pessoa" em vez de "elemento". Deve ter entendido que a Companhia-Mãe se tornou politicamente correta e emprega tanto homens quanto mulheres. — O Primeiro Assistente não conseguia esconder o orgulho que sentia.

— Que maravilha — exclamou Diamond, sem o menor entusiasmo.

A srta. Swivven veio da sala de equipamentos e depositou cinco telefotos sobre a mesa de Diamond, colocando-se imediatamente em posição na sua cadeira embaixo do tablado de Diamond, o bloco de notas aberto.

Diamond procurou entre as fotografias a que mostrava o único membro ainda vivo do Cinco de Munique: Hannah Stern. Examinou o rosto dela, balançou a cabeça para si mesmo e suspirou, resignado. A CIA e seus imbecis!

O Primeiro Assistente virou-se para ele e, nervosamente, ajustou os óculos.

— Qual é o problema, senhor?

Olhando com olhos semicerrados através da janela que ia do chão ao teto para o Monumento Washington que ameaçava perfurar a mesma nuvem tênue que, àquela hora do dia, sempre surgia no céu da tarde, Diamond deu um soquinho nos próprios lábios, com os nós dos dedos.

— Você leu o relatório do Starr?

— Passei os olhos, senhor. Mais para verificar os erros ortográficos.

— E qual era o destino daqueles jovens israelenses?

O Primeiro Assistente sempre se sentia desconfortável com o estilo retórico do sr. Diamond de pensar em voz alta. Detestava ter de responder perguntas sem o auxílio do Gorduchinho.

— Se bem me lembro, o destino era Londres.

— Certo. Presumivelmente para interceptar certos terroristas palestinos no Aeroporto Heathrow, impedindo que eles seqüestrassem um jato que ia para Montreal. Muito bem. Se o pessoal do Cinco de Munique estava indo para Londres, porque diabos desembarcou em Roma? O vôo 414 de Tel-Aviv vai até Londres, faz apenas escalas em Roma e Paris.

— Bem, senhor, podem haver diversas...

— E o que é que eles iam fazer em Londres seis dias antes da data em que os seus alvos, os membros do Setembro Negro, deveriam tomar o avião para Montreal? Por que ficarem expostos em Londres todo esse tempo, quando estariam muito mais seguros em casa?

— Bem, talvez eles...

— E por que tinham passagens para Pau?

— Pau, senhor?

— O relatório do Starr. Do fim da página 32 até o meio da página 34. Descrição do conteúdo das mochilas e roupas das vítimas. Lista feita pela polícia italiana. Inclui duas passagens de avião para Pau.

O Primeiro Assistente preferiu não mencionar o fato de que não fazia a menor idéia de onde ficava Pau. Fez uma anotação mental para, na primeira oportunidade, consultar o Gorduchinho.

— O que isso tudo significa, senhor?

— Significa que, como era de esperar, a CIA manteve suas tradições firmemente arraigadas desde a Baía dos Porcos e o Caso Watergate. Para variar, meteram os pés pelas mãos. — Diamond retesou a mandíbula. — Os pobres e incautos eleitores deste país estão muito enganados quando se preocupam com a corrupção interna da CIA. Quando eles acabarem de foder com este país não vai ser por causa da depravação deles; vai ser por que são um bando de nós cegos. — Voltou para sua modesta escrivaninha e pegou a foto de Hannah Stern. — Com aquela correção, o Gorduchinho interrompeu o que estava processando

sobre a tal Hannah Stern. Bote ele para pesquisar de novo. Dessa vez, com mais profundidade.

Avaliando os dados e as lacunas, Diamond concluiu que a srta. Stern era uma espécie que fora bastante comum nos primórdios das ações terroristas. Jovem, inteligente, da classe média americana, devotada à causa. Ele conhecia bem o tipo. Ela teria sido uma liberal, nos velhos tempos em que isso fora moda. Era do tipo que buscava "relevância" em tudo; que justificava sua falta de juízo crítico como uma libertação dos preconceitos; que se preocupava com a fome do Terceiro Mundo, mas que perambulava pelo *campus* da universidade com seu cãozinho de estimação devidamente alimentado com dietas balanceadas — símbolo do seu amor por todas as coisas vivas.

Sua primeira visita a Israel fora como integrante de um grupo de turistas que resolvera passar o verão num *kibutz,* com a desculpa de visitar um velho tio e — nas suas próprias palavras, citadas num relatório da NSA que violara uma de suas cartas para casa — "descobrir meu judaísmo".

Quando leu a frase, Diamond não conseguiu reprimir um suspiro. Evidentemente, a srta. Stern era uma vítima da ilusão democrática que afiançava que todas as pessoas são iguais.

O Gorduchinho conferiu um coeficiente de baixa preocupação potencial para a srta. Stern, classificando-a como uma típica jovem intelectual americana em busca de uma causa que pudesse justificar sua existência, até que um casamento, uma carreira ou mesmo algum diletantismo artístico a acalmasse. A análise da personalidade dela não chegou a nada que implicasse alguma perversão psicótica do tipo que produz uma guerrilheira urbana, das que descarregam suas frustrações sexuais por meio da violência. Também não era movida pela ânsia desesperada de notoriedade que faz com que atores e gente de televisão, incapazes de manter a atenção do público apenas com seus dotes artísticos, descubram subitamente arraigadas crenças sociais até então ignoradas.

Não, não havia nada na ficha de Hannah Stern que sugerisse uma preocupação especial — a não ser por dois detalhes: ela era sobrinha de Asa Stern. E era a única sobrevivente do Cinco de Munique.

Diamond virou-se para a srta. Swivven. — Quero o Starr e o árabe... o tal sr. Haman... na sala de projeção em 10 minutos.

— Sim, senhor.

— E faça que o OARI esteja lá também. — Virou-se para o Primeiro Assistente. — E você continue trabalhando no Gorduchinho.

Quero uma pesquisa bem detalhada sobre o líder, esse Asa Stern. É através dele que nós vamos conseguir alguma coisa. Prepare uma lista das relações de primeira geração: familiares, amigos, sócios, colaboradores, conhecidos, com quem fez negócios, este tipo de coisa.

— Num segundo, senhor. — O Primeiro Assistente datilografou duas perguntas no computador e depois uma variante. — Ah, senhor? A lista da primeira geração vai ter... deixe ver... 327 nomes, todos eles acompanhados de breves comentários. E, se passarmos para a lista de segunda geração, amigos de amigos, coisas assim, vamos elevar esse número à terceira potência, o que nos levará a quase trinta e cinco milhões de nomes. Evidentemente, senhor, vamos ter que estabelecer alguma espécie de critério seletivo.

O Primeiro Assistente estava certo; uma decisão crítica; havia literalmente milhares de maneiras para se selecionar uma lista.

Diamond relembrou os dados constantes na ficha de Asa Stern. Seu instinto levou-o de volta a uma anotação: Profissão e/ou disfarce... fazendeiro, jornalista, poeta, historiador. Portanto, não se tratava de um terrorista típico. Ele era ainda pior — um patriota romântico.

— Organize a lista pelo fator emocional. Dê preferência para aspectos como amor, amizade, confiança... esse tipo de coisa. Comece pelos mais próximos e vá até os mais distantes.

Os olhos do Primeiro Assistente brilharam enquanto ele respirava fundo e sentia cócegas nas mãos. Este era um belo desafio, uma coisa que demandaria muito virtuosismo no manuseio do equipamento. Amor, amizade, confiança — esta espécie de conceito impreciso e abstrato não poderia ser localizada por meio de abordagens semelhantes à teoria de bits retroativos e não-bits de Schliemann. Nenhum computador, nem mesmo o Gorduchinho, teria capacidade de vasculhar seus arquivos baseado apenas em palavras-chave tão inespecíficas. As perguntas teriam ser formuladas em termos de dígitos não freqüenciais e relações de trocas não seqüenciais. Trocando em miúdos, ações determinadas por razões não mensuráveis, ou contrárias à lógica linear, *poderiam* indicar a presença de motivações ocultas como amor, amizade ou confiança. Mas era preciso tomar um cuidado extremo porque ações idênticas poderiam ser motivadas por raiva, insanidade ou mesmo chantagem. Pior ainda, no caso do amor, a natureza da ação raramente ajuda na identificação do impulso que a provocou. Separar amor de chantagem é uma coisa particularmente difícil.

Era uma tarefa deliciosa, infinitamente intrincada. Ao inserir as primeiras informações no Gorduchinho, os ombros do Primeiro Assistente começaram a

balançar para frente e para trás, como se ele estivesse batalhando bravamente contra uma máquina de fliperama, cujo inimigo era a língua inglesa.

A srta. Swivven voltou para a sala de trabalho.

— Eles estão esperando pelo senhor na sala de projeção, senhor.

— Ótimo. Traga as fotografias com você. O que diabos está acontecendo com você, srta. Swivven?

— Nada, senhor. São só minhas costas que estão coçando, senhor.

— Pelo amor de Deus!

Assim que recebeu ordens expressas de se apresentar imediatamente, junto com o árabe, na sala de projeção, Starr sentiu cheiro de problemas. Seus receios se confirmaram quando percebeu seu superior imediato sentado, com cara de poucos amigos, num canto do auditório. O Oficial Assistente de Relações Internacionais cumprimentou Starr com um curto aceno de cabeça e murmurou alguma coisa incompreensível na direção do árabe. Ele culpava as potências árabes, ricas em petróleo e dominadas por xeques, pela maior parte dos problemas do mundo contemporâneo, entre os quais a presença incômoda do sr. Diamond nos escaninhos da CIA, com a sua mania de escarafunchar todo e qualquer probleminha operacional, não era o menor deles.

Quando, pela primeira vez, os países produtores de petróleo organizaram um boicote contra o Ocidente industrializado com o claro objetivo de obrigá-lo a retirar o apoio moral e legal a Israel, o OARI e outros líderes da CIA propuseram desencadear o Plano de Contingência NE 385/8 (Operação Seis da Segunda Guerra). De acordo com este plano, as tropas da Falange Ortodoxa Islâmica Maoísta, financiadas pela CIA, deitariam por terra as pretensões gananciosas dos estados árabes, arrasando mais de 80% de suas instalações de extração de petróleo, numa ação planejada para durar menos de um minuto de combate aberto, mesmo que fosse universalmente aceito que um período adicional de três meses seria necessário para render as tropas árabes e egípcias que, tomadas pelo pânico, teriam fugido para lugares tão afastados como a Rodésia e a Escandinávia.

Ficara estabelecido que a Operação Seis da Segunda Guerra seria desencadeada sem que se tivesse que sobrecarregar o poder decisório do Presidente ou do Congresso, cujas responsabilidades já eram extremamente exaustivas num ano eleitoral. A Fase Um foi posta em execução, e os líderes políticos, tanto da África negra quanto da islâmica enfrentaram uma verdadeira epidemia de assassinatos, um ou dois deles cometidos pelos próprios familiares

das vítimas. A Fase Dois já estava prestes a ser desatada quando, subitamente, tudo foi paralisado. Provas das atividades da CIA vazaram e chegaram às comissões de inquérito do Congresso; listas de nomes de agentes da CIA foram entregues a jornais de tendências esquerdistas da França, Itália e Oriente Próximo; as comunicações internas da CIA começaram a ser interrompidas; grande quantidade de fitas dos bancos de memória da CIA foram apagadas, tirando da organização o "levantamento biográfico" com o qual ela normalmente controlava os políticos americanos eleitos pelo povo.

Então, numa bela tarde, o sr. Diamond e seu reduzido grupo de auxiliares entrou no Centro portando ordens e diretivas que davam à Companhia-Mãe total controle sobre todas as operações relativas, direta ou indiretamente, aos países produtores de petróleo. Nem o OARI nem nenhum de seus colegas jamais ouvira falar dessa tal "Companhia-Mãe", portanto foi necessária uma pequena apresentação. Foram então informados de que a Companhia-Mãe era um consórcio de grandes corporações internacionais que atuavam nas áreas de petróleo, comunicações e transportes e que, efetivamente, controlavam as fontes de energia e informação do mundo ocidental. Depois de alguma deliberação, a Companhia-Mãe decidira que não mais permitiria que a CIA continuasse a ter liberdade de se imiscuir em assuntos que poderiam afetar, ou irritar as potências amigas produtoras de petróleo graças às quais, pelos acordos feitos, ela fora capaz de triplicar seus lucros em apenas dois anos.

Não passou pela cabeça de ninguém, na CIA, fazer oposição nem ao sr. Diamond nem à Companhia-Mãe, já que eles controlavam as carreiras da maioria das proeminentes figuras do governo, não apenas por meio de apoio direto, mas também lançando mão de seus meios de comunicação para denegrir ou desmoralizar candidatos potenciais e para estabelecer o que as massas americanas imaginavam ser a Verdade.

Que chance teria a CIA, já abalada pelo escândalo, de resistir a uma força capaz de construir oleodutos através da tundra que já se tinha mostrado ecologicamente frágil? Quem poderia se opor a uma organização que conseguira reduzir os gastos governamentais em pesquisas de energia solar, eólia, das marés e geotérmica a níveis risíveis, para que seu próprio consórcio de combustível atômico e fóssil não sofresse competição? Como poderia a CIA opor resistência eficiente contra um grupo com tal poder que, ajudado pelos picaretas do Pentágono, fora capaz de enfiar goela abaixo do povo americano a idéia de aceitar o acúmulo de lixo atômico cuja desintegração radioativa letal levava tanto tempo que o fracasso e conseqüente desastre eram praticamente certos, coisa facilmente verificável pela lei das probabilidades?

A tomada de poder da CIA pela Companhia-Mãe não sofreu nenhuma restrição do poder executivo do governo, uma vez que as eleições estavam à porta e não há assunto público que escape das exigências de um ano de disputa por cargos eletivos. E Ela, a Companhia-Mãe não estava nem um pouco preocupada com a pausa de três anos sem eleições que decorreria após o pleito, até que viesse uma nova convulsão de democracia, uma vez que a versão americana de governo representativo afirma que as qualidades de intelecto e ética que compõem um homem capaz de liderar uma nação poderosa de maneira responsável são exatamente as mesmas que o impedirão de se rebaixar ao indecoroso ato de pedir votos em troca de favores futuros. É coisa sabida, na política americana, que nenhum homem capaz de vencer uma eleição tem méritos para tanto.

Houve um momento embaraçoso para a Companhia-Mãe, quando um grupo de jovens e ingênuos senadores decidiu investigar os milhões de dólares que os árabes tinham investido em papéis de curto prazo, o que lhes permitia manipular os bancos americanos e manter a economia da nação refém contra a possibilidade — mesmo que remota — de que os Estados Unidos pudessem tentar manter seus compromissos morais com Israel. Mas essa tentativa foi por água abaixo diante da simples ameaça do Kuwait de sacar seu dinheiro e arruinar os bancos, caso o Senado insistisse em sua investigação. Revelando excepcional habilidade retórica, a comissão declarou não ter condições de afirmar, com certeza, que o país estava vulnerável a uma chantagem, dado que não lhes fora permitido continuar sua investigação.

Estas eram as razões dos sentimentos do OARI diante da perda de controle da sua organização, quando ouviu as portas do auditório se abrirem num repelão. Levantou-se no momento em que Diamond entrava caminhando apressadamente, seguido pela srta. Swivven, que carregava maços de folhas impressas pelo Gorduchinho e a pilha de fotografias dos integrantes do Cinco de Munique.

Num gesto econômico de reconhecimento da chegada de Diamond, Starr, ergueu ligeiramente suas pesadas nádegas, logo deixando-se afundar novamente na poltrona, com um resmungo. A reação do árabe à chegada da srta. Swivven foi pôr-se de pé num pulo, dar uma risadinha e se inclinar numa tentativa malograda de imitar a elegância social européia. Mulher muito atraente, disse para si mesmo. Bem tesuda. Pele que parece de neve. E muito bem dotada naquilo que, em inglês, costuma-se chamar de "melões".

— O projecionista está na cabine? — perguntou Diamond, sentando-se

afastado dos outros.

— Sim, senhor — respondeu Starr, no seu sotaque arrastado. — O senhor está a fim de ver o filme de novo?

— O que eu quero é que vocês, seus toupeiras, o assistam de novo.

O OARI não estava nada satisfeito de ser colocado no mesmo nível de um mero agente, e muito menos de ser misturado com um árabe, mas já aprendera a engolir os sofrimentos. Era uma das suas habilidades de funcionário administrativo graduado.

— Como o senhor não nos informou que gostaria de rever o filme, — disse Starr — não creio que o projecionista já o tenha rebobinado.

— Manda passar de trás para diante mesmo. Não importa. Starr transmitiu as instruções pelo interfone, e as luzes das paredes se apagaram.

— Starr?

— Senhor?

— Apaga o charuto.

...a porta do elevador abre e fecha em cima da cabeça do pistoleiro japonês. O homem volta à vida e sobe pelas paredes. O buraco na palma da sua mão desaparece e ele tira a bala das suas costas. Corre de trás para diante passando por um grupo de estudantes, uma das quais flutua saindo do chão e erguendo-se no ar enquanto a mancha de sangue da sua roupa é sugada para dentro do estômago. Quando chega à porta principal fortemente iluminada, o japonês mergulha ao mesmo tempo em que estilhaços de vidro se colam, formando uma folha da porta. O segundo pistoleiro salta do chão e agarra uma arma automática que vem voando, e os dois correm de costas, até que uma panorâmica da câmera sai deles e descobre um jovem israelense deitado sobre o piso de lajotas. Um vácuo cola a parte superior do seu crânio de volta no lugar certo; um filete de sangue entra na sua virilha. Ele dá um salto no ar e corre para trás, agarrando sua mochila ao passar por ela. A camera percorre o local, até descobrir o segundo israelense no exato momento em que seu rosto se recompõe. Ele levanta-se, não está mais de joelhos e o sangue é sugado para dentro do seu peito enquanto a camisa caqui cose-se sozinha. Os dois jovens andam para trás. Um deles vira-se e sorri. Entram no meio de um grupo de italianos, que se amontoam na ponta dos pés para tentar saudar um parente que chega. Os jovens andam para trás pelo corredor até chegar ao balcão de imigração, onde o oficial italiano usa seu carimbo para arrancar a estampa dos

vistos dos dois passaportes. Uma garota ruiva balança a cabeça, depois sorri, agradecendo...

— Pare! — berra o sr. Diamond, assustando a srta. Swivven, que nunca o vira gritar antes.

A garota congela na tela, a imagem perde parte da nitidez quando a lâmpada do projetor perde intensidade a fim de impedir que o fotograma fixo se incendeie.

— Está vendo a garota, Starr?

— Claro.

— Você tem alguma coisa a me dizer sobre ela?

Starr fica confuso com as segundas intenções que esta pergunta possa conter. Sabia que estava em alguma espécie de encrenca e o jeito era voltar a se valer do seu velho hábito de se esconder atrás da sua cara de bom moço, meio bobão.

— Bem... vejamos. Que ela tem um bom par de tetas, lá isto tem. Bundinha bem legal. Braços e cintura um pouco magrinhos para o meu gosto, mas como costumava dizer meu velho pai: quanto mais perto do osso, mais gostosa é a carne! — Forçou uma risadinha rouca, no que foi acompanhado pelo árabe, ansioso por mostrar que também estava por dentro.

— Starr? — O tom de voz de Diamond era monotônico e grave. — Quero que você me faça um favor. Será que pelas próximas horas você poderia fazer um esforço para parar de ser tão cretino? Eu não estou aqui para você me divertir e gostaria que você não emendasse comentários engraçadinhos no final de cada uma das suas respostas. O que está acontecendo aqui não tem a menor graça. Fiel às tradições da CIA, você fodeu tudo, Starr. Dá para você entender?

Houve um silêncio durante o qual o OARI pensou em contestar aquela difamação, mas acabou achando melhor ficar de boca calada.

— Starr? Dá para você entender?

Um suspiro e um — Sim, senhor — bem baixinho. O OARI limpou a garganta e depois falou, usando seu tom mais autoritário. — Se houver alguma coisa que a Agência puder...

— Starr? Veja se você reconhece essa garota — disse Diamond. A srta. Swivven pegou a fotografia de dentro da sua pasta e foi pelo corredor na direção de Starr e do árabe.

Starr inclinou a foto para frente para enxergar melhor na penumbra.

— Sim, senhor.

— Quem é ela?

— A mesma que está lá na tela.

— Certo. O nome dela é Hannah Stern. O tio dela era Asa Stern, organizador do Cinco de Munique. Ela era a terceira na escala de comando.

— Terceira? — espantou-se Starr. — Mas nos disseram que havia só dois deles no avião.

— Quem disse isso?

— Estava no relatório confidencial que este cara aqui nos deu.

— É isso mesmo, sr. Diamond — esclareceu o árabe. — Os nossos agentes secretos...

Mas Diamond fechara os olhos e balançava lentamente a cabeça. — Starr? Você está tentando me dizer que planejou sua operação baseado em informações fornecidas por fontes *árabes?*

— Bem... é que nós... sim, senhor. — A voz de Starr era quase um murmúrio. Colocado daquela maneira, parecia mesmo uma coisa totalmente idiota de se fazer. Era como deixar que italianos organizassem sua política, ou colocar ingleses para coordenar suas relações industriais.

— Quer me parecer — aparteou o OARI — que caso tenhamos cometido um erro baseado em informações fornecidas pelos amigos árabes do senhor, eles terão de assumir uma boa parte das responsabilidades.

— Está enganado — respondeu Diamond. — Mas acho que você já deve estar acostumado com isso. Eles não têm de assumir nada. O petróleo é deles.

O representante árabe sorriu e concordou com a cabeça.

— O que o senhor disse reflete exatamente o pensamento do meu presidente e tio, que repete isso constantemente...

— Muito bem — cortou Diamond, levantando-se. — Vocês três fiquem disponíveis. Em menos de uma hora, vou chamá-los de novo. Estou recebendo mais informações neste exato momento. Ainda tenho esperanças de conseguir consertar a cagada que vocês armaram.

— Diamond saiu pelo corredor, seguido de perto pela srta. Swivven.

O OARI limpou a garganta para dizer alguma coisa, mas acabou resolvendo que faria maior demonstração de força ficando de bico calado. Deitou um longo

olhar em Starr e depois, ao se retirar, fez questão de não olhar para o árabe.

— Bem, amigão — disse Starr, levantando-se da poltrona — é melhor a gente descolar um rango enquanto ainda dá. Pelo jeito, jogaram merda no ventilador.

O árabe deu uma risadinha e concordou, imaginando um ardente torcedor coberto de merda de camelo.

Por algum tempo, a sala de projeção ficou dominada pela imagem congelada de Hannah Stern, sorrindo na tela. Quando o projecionista tentou rebobinar o filme, a imagem borrou. Formou-se uma espécie de ameba marrom, parecida com uma bolha, que se espalhou rapidamente sobre a garota, consumindo-a.

Etchebar

Hannah sentou-se à mesa de um café sob a arcada que circundava a praça central de Tardets. Ficou olhando, sem ver, a borra do seu café, espessa e granulosa. A luz do sol brilhava nos edifícios brancos da praça; as sombras, debaixo da arcada, eram densas e frias. De dentro da cafeteria, atrás dela, vinham as vozes de quatro anciões bascos jogando *mousse*, acompanhados por uma ladainha que repetia *bai... passo... passo alia Jainkoa!.. passo... alia Jainkoa...* esta última exclamação sendo proferida sempre com novas permutações de tensão e sotaque, ao passo que os jogadores blefavam, trocavam sinais entre si, mentiam e invocavam Deus como testemunha da merda de mão que tinham recebido, ou para punir o idiota do parceiro que Deus lhes tinha, por punição, designado.

Nas últimas sete horas, Hannah Stern alternara entre digladiar-se com uma realidade de pesadelo e flutuar numa fantasia escapista, entre confusão e vertigem. Estava atordoada pelo impacto emocional, espiritualmente esvaziada. E agora, beirando o precipício de uma descompensação nervosa, sentia-se infinitamente calma... até mesmo com um pouco de sono.

O real, o irreal; o importante, o insignificante: o Agora, o Depois; o frio embaixo da arcada, o calor da praça vazia; aquelas vozes cantarolando na língua mais antiga da Europa... tudo se emaranhava. Tudo aquilo estava acontecendo com alguma outra pessoa, alguém de quem ela sentia uma grande pena e simpatia, mas a quem não podia ajudar. Alguém além de qualquer possibilidade de ajuda.

Depois do massacre do Aeroporto de Roma ela, de alguma maneira, conseguira sair da Itália e chegar até este café numa aldeia mercantil basca. Confusa e mentalmente perdida, ela viajara 1.500 quilômetros em nove horas. Mas agora, restando apenas mais quatro ou cinco quilômetros a percorrer, gastara seu derradeiro estoque de energia. Seu tanque de adrenalina estava vazio e, aparentemente, ela seria derrotada no último minuto pelo capricho de um dono de café barulhento.

Tudo começara com o terror e a estupefação de ver seus companheiros serem abatidos, uma incredulidade neurastênica que a imobilizou no meio de

pessoas que passavam correndo por ela, esbarrando nela. Mais disparos. Gritos histéricos de uma família de italianos que estava esperando um parente. Então, o pânico tomou conta dela; começou a andar cegamente para frente, em direção à entrada do terminal, em direção à luz do sol. Respirava pela boca, em arfadas curtas. Policiais passavam correndo por ela. Ela se obrigou a continuar andando. Então, percebeu que os músculos das suas costas estavam dolorosamente contraídos, retesados à espera da bala que nunca a atingiu. Passou por um ancião com um cavanhaque branco, sentado no chão, as pernas estendidas à sua frente, parecendo uma criança a brincar. Não viu nenhum ferimento, mas a poça de sangue escura debaixo dele crescia cada vez mais. Ele não parecia sentir dor. Olhou para ela interrogativamente. Ela não conseguiu se convencer a parar. Os olhos deles se encontraram, fixos, enquanto ela se afastava. Ela murmurou, tolamente: — Eu lamento. Lamento de verdade.

Uma mulher gorda, no meio da família de italianos, ficou histérica, gemendo e arfando. Os outros prestavam mais atenção nela do que nos parentes que tinham sido atingidos. Afinal de contas, ela era a Mama.

Por sobre o tremendo tumulto, a correria e a gritaria, uma voz calma, agradável, anunciou a primeira chamada para os passageiros do vôo 470 da Air France, com destino a Pau, com escalas em Toulouse e Tarbes. A voz, gravada não se abalava com o caos estabelecido debaixo dos alto-falantes. Quando o anúncio foi repetido em francês, as últimas palavras grudaram na consciência de Hannah. Portão 11, Portão 11.

A aeromoça lembrou Hannah de que tinha de colocar sua poltrona na posição vertical.

— Sim, sim. Desculpe-me.

— Um minuto depois, ao passar pelo mesmo lugar novamente, a aeromoça teve lembrá-la de apertar o cinto.

— O quê? Ah, sim. Desculpe.

O avião decolou, passou por uma fina camada de nuvens, atingiu o azul infinito. O roncar dos motores; a vibração da fuselagem. Hannah, completamente vulnerável e sozinha, estremeceu. Sentado na poltrona ao lado, havia um homem de meia-idade, lendo uma revista. De vez em quando, ele erguia os olhos por cima da revista e lançava um olhar rápido para as pernas bronzeadas dela, descobertas sob o a bermuda. Ela sentia os olhos dele colados nela e abotoou o botão superior da blusa. O homem sorriu e limpou a garganta. Ia falar com ela! O idiota filho da puta ia tentar passar uma cantada! Meu Deus!

E, de repente, ela ficou enjoada.

Conseguiu chegar ao lavatório, onde, ajoelhada no espaço exíguo, vomitou no vaso. Quando se levantou e saiu, pálida e fraca, a marca dos azulejos do piso nos joelhos, a aeromoça foi solícita, mas com um ar superior, imaginando como um vôo tão curto como aquele poderia deixar alguém enjoado.

Ao se aproximar de Pau, o avião fez uma curva lateral, inclinando-se, e Hannah olhou pela janela para a vista dos Pireneus, os cumes das montanhas cobertos de neve, pontiagudos no ar cristalino, como um mar de ondas espumantes, congeladas em meio a uma procela. Lindo e aterrador.

Em algum lugar lá embaixo, na ponta basca da cordilheira, vivia Nicholai Hel. Se ela ao menos conseguisse chegar até ele...

Somente depois de sair do terminal e de estar de pé na calçada, sob a luz gelada do sol dos Pireneus, ela se lembrou de que não tinha dinheiro. Avrim estava com todo o dinheiro deles. Teria de pedir carona e nem ao menos sabia o caminho. Bem, podia perguntar aos motoristas. Sabia que não teria problemas em arranjar carona. Quando se é jovem e bonita... e com aqueles enormes peitos...

A primeira carona levou-a até Pau, e o motorista se ofereceu para arranjar um lugar onde ela pudesse passar a noite. Ela conseguiu convencê-lo a levá-la até os limites da cidade e mostrar-lhe o caminho para Tardets. Ele concordou, mas o carro deve ter começado a apresentar algum problema no câmbio, porque, ao tentar engatar a marcha, por duas vezes a mão dele escorregou e passou sobre a perna dela.

Logo depois, ela conseguiu uma nova carona. Não, ele não ia para Tardets. Só até Oléron. Mas poderia arranjar um lugar onde ela pudesse passar a noite...

Mais uma carona, mais um motorista cheio de idéias, e Hannah conseguiu chegar à pequena cidade de Tardets, onde procurou novas informações num café. O primeiro problema foi o sotaque local, a *langue d'oc*, língua com forte influência basca, na qual a expressão *une petite cuillère* é pronunciada com oito sílabas.

— O que é que você está procurando? — perguntou o dono do café, cujos olhos só largavam os seios dela para grudar nas pernas.

— Estou tentando encontrar o Castelo de Etchebar. A mansão do sr. Nicholai Hel.

O dono do café franziu a testa, passou os olhos pelos arcos sobre sua cabeça e coçou a cabeça, enfiando o dedo sob a boina que os bascos só tiram quando

vão dormir, morrem ou apitam uma partida de *rebot.* Não, ele achava que nunca tinha ouvido aquele nome antes. Hel, é isso que você disse? (Conseguia pronunciar o som do *h* unicamente por falar basco). Talvez sua mulher conhecesse. Ele perguntaria. *Mademoiselle* não gostaria de uma bebida enquanto espera? Ela pediu um café, que veio forte, amargo, e obviamente requentado diversas vezes, num bule de metal que pesava uma enormidade em função das inúmeras soldas já aplicadas, providência que não impedira que ele continuasse vazando. O dono do boteco dava a impressão de se envergonhar do bule, mas, aparentemente, encarava o vazamento como uma coisa inevitável do destino. Esperava que o café que caíra na perna dela não tivesse queimado. Não estava tão quente assim? Mas que bom. Ótimo. E desapareceu nos fundos do café, ostensivamente, para perguntar sobre o sr. Hel.

E isto acontecera há 15 minutos.

Os olhos de Hannah doeram quando ela olhou para a praça fortemente iluminada, deserta a não ser pelo amontoado de carros, a maioria alemães com licenças de 1964, estacionados de qualquer jeito, em qualquer canto onde os motoristas tinham conseguido enfiá-los.

Com o motor fazendo um barulho de ensurdecer, um caminhão alemão caindo aos pedaços, marchas rangendo e soltando fumaça preta do escapamento enferrujado, manobrou com dificuldade, passando a menos de 10 centímetros dos outros carros e das paredes dos edifícios. Suando em bicas, brigando com o volante e abusando dos freios gastos, o motorista alemão deu um jeito de enfiar a banheira na antiga praça, mas deu de cara com o pior dos obstáculos. De braço dado, gingando para todo lado pelo meio da rua, duas mulheres bascas com rostos pálidos e gastos, cacarejavam os últimos mexericos, falando pelo canto da boca. Eram de meia-idade, casmurras, colossais. Arrastavam-se sobre as pernas arqueadas, indiferentes à revolta e raiva do motorista do caminhão, que se arrastava atrás delas xingando baixinho e socando o volante da geringonça.

Hannah Stern não sabia como apreciar todo o folclore da cena, uma representação iconoclasta das relações franco-alemãs no Mercado Comum. Nesse momento, o dono do café reapareceu, seu rosto triangular tipicamente basco, iluminado por uma repentina compreensão.

— *Mademoiselle* está procurando o sr. Hel! — exclamou ele.

— Foi o que eu disse.

— Ah, mas se eu soubesse que era o sr. *Hel* que *Mademoiselle* procurava... — Ele encolheu-se todo, dos ombros à cintura, e ergueu as palmas das mãos

num gesto que mostrava que um pouco mais de clareza da parte dela teria feito com que eles não perdessem tanto tempo.

Ele então explicou como chegar ao Castelo de Etchebar:

— Primeiro Mademoiselle vai atravessar o *gave* de Tardets (ignorou o r, mas pronunciou tanto o *t* quanto o s), depois vai passar pela pequena vila de Abense-de-Haut (aqui, cinco sílabas, tanto o *h* quanto o *t* devidamente pronunciados), então vai subir através de Lichans (sem som anasalado, o *s* pronunciado), e depois, na bifurcação, tomar à direita na direção das colinas de Etchebar, e nunca à esquerda, o que levaria Mademoiselle a Licq.

— Mas fica longe?

— Não, não é tão longe assim. Mas, Mademoiselle não está querendo ir para Licq, não é?

— Quero dizer para Etchebar! Perguntei se *Etchebar* fica longe! — Cansada, tensa e nervosa, a hercúlea tarefa de arrancar informações simples de um basco estava se tornando um pouco demais para Hannah.

— Não, não é longe. Fica a uns dois quilômetros de Lichans.

— E Lichans? Fica longe?

Ele deu de ombros. — Ah, deve ser uns dois quilômetros depois de Abense-de-Haut. Não tem como errar. A não ser que Mademoiselle entre à esquerda na bifurcação. Aí, sim, não vai chegar nunca! Nem poderia, já que vai acabar chegando em Licq, percebe?

Os velhos que estavam jogando *mousse* tinham desistido do jogo e estavam agrupados atrás do dono do café, intrigados pela tremenda confusão que aquela turista estava provocando. Tiveram uma breve discussão em basco, chegando à conclusão de que, caso a mocinha entrasse à esquerda na bifurcação acabaria — mas nem tem dúvida! — chegando em Licq. Mas, afinal, Licq não era tão ruim assim. Não havia aquela velha história da ponte de Licq ter sido construída com a ajuda de duendes que moravam nas montanhas e que depois...

— Escutem!— implorou Hannah — Será que não tem ninguém por aqui que possa me levar até o Castelo de Etchebar?

Estabeleceu-se uma pequena conferência entre o dono do café e os jogadores de *mousse*. Houve alguma argumentação, muitos esclarecimentos e mudanças de opinião. Encerrada a querela, o dono do café comunicou a opinião consensual:

— Não.

O que ficara decidido era que esta garota estrangeira, com seus shorts esportivos e sua mochila, só podia ser uma daquelas jovens turistas, muito atléticas e famosas por serem muito amáveis, mas que, na hora da gorjeta, fechavam a mão. Portanto, não havia ninguém para levá-la até Etchebar, a não ser o mais velho dos jogadores de *mousse*, que estava disposto a apostar na generosidade da moça só que, infortunadamente, não tinha carro. Mas, também, ele nem sabia guiar.

Suspirando, Hannah pegou sua mochila. Foi quando o dono do café cobrou o café, e ela lembrou-se de que não tinha dinheiro francês. Ela explicou a sua situação com expressões de aborrecimento, mas tentando levar tudo numa boa, sabe como são estas coisas, acontecem, que coisa mais absurda. Mas ele olhou fixamente para a xícara de café não paga e se recolheu a um silêncio desconsolado. Imediatamente, os jogadores de *mousse* começaram, com entusiasmo, a discutir esta nova situação. O quê? Então, aquela turista pedira o café e não tinha como pagar? Não seria de se espantar se aquilo não fosse um caso para ser levado à barra dos tribunais.

Passado algum tempo, o dono do café suspirou audivelmente e olhou para ela com olhos de tragédia. Será possível que ela estivesse mesmo lhe dizendo que não tinha nem dois francos para pagar pelo café — e deixa a gorjeta pra lá — dois míseros francos pelo café? A coisa envolvia uma questão de princípios. Afinal de contas, *ele* pagara pelo café; *ele* pagara pelo gás para esquentar a água; e a cada par de anos *ele* pagava para o funileiro soldar os buracos do bule. Era um homem que pagava suas contas. Não como algumas pessoas que conhecia.

Hannah não sabia se estrilava ou caía na gargalhada. Não conseguia acreditar que uma dívida de dois francos (e ela nem sabia que o preço de uma xícara de café era, na verdade, de apenas *um* franco) causasse todo aquele discurso de boca de cena. Era a primeira vez que se deparava com aquela espécie tipicamente francesa de avareza, na qual o dinheiro — até mesmo uma moedinha — era o fulcro de qualquer consideração, mais importante que bens, conforto, dignidade. Na verdade, mais importante do que a verdadeira riqueza. Ela não tinha como saber que, mesmo que aqueles espécimes tivessem nomes bascos, os aldeões tinham se tornado completamente franceses, submetidos à pressão cultural corrosiva do rádio, da televisão e da educação pública, controlada pelo governo, na qual a História moderna é interpretada criativamente, de modo a disseminar o analgésico nacional da *verité* à *la Cinquième Republique.*

Dominados pela personalidade do *petit commerçant,* estes aldeões bascos compartilhavam a visão gaulesa sobre o ganho, na qual o prazer de ganhar cem

francos não é nada se comparado com o tremendo sofrimento causado pela perda de um centavo.

Compreendendo finalmente que aquela pantomina de dor e profundo desapontamento não ia arrancar os dois francos daquela garota, o dono do boteco se desculpou com sardônica polidez, dizendo a ela que estaria logo de volta.

Quando voltou, vinte minutos depois, após um tenso debate com sua mulher no quarto dos fundos, ele perguntou — A senhorita é amiga do sr. Hel?

— Sou — mentiu Hannah, nem um pouco a fim de começar tudo de novo.

— Sei. Muito bem, então posso presumir que, caso a senhorita não pague a conta, o sr. Hel se encarregará disso. — Arrancou a folha do bloquinho de anotações, que era cedido gratuitamente pela Byrrh Distribuidora, e anotou alguma coisa nela antes de dobrá-la cuidadosamente, vincando as dobras com a unha do seu polegar. — Por favor, entregue isto ao sr. Hel — comentou, friamente.

Os olhos dele já não estavam tão interessados nos peitos e nas pernas dela. Existem coisas mais importantes do que o romance.

Hannah estava caminhando há mais de uma hora; cruzara a Pont d'Abense e a faiscante Gave de Saison, depois subira lentamente as colinas bascas percorrendo um estreito caminho de terra banhado pelo sol e ladeado por antigas muralhas de pedra sobre as quais os lagartos corriam, escondendo-se cada vez que ela se aproximava. Nos campos, ovelhas pastavam, cordeiros passeavam entre elas e as vacas avermelhadas dos Pireneus vadiavam sob as sombras das macieiras selvagens, assistindo a passagem dela, os olhares infinitamente gentis, infinitamente estupidificados. O estreito vale era circundado por colinas arredondadas, pontilhadas de samambaias, e além das lombadas das colinas assomavam os picos nevados das montanhas, seus contornos duros recortados contra o céu profundamente azul. Bem lá no alto, um falcão deixava-se levar por uma corrente de ar ascendente, as penas das asas abertas como se fossem dedos tateando constantemente o vento, enquanto ele vasculhava-os pastos à procura de uma presa.

O calor realçava uma mistura inebriante de aromas: o toque suave e agudo das flores silvestres, o perfume mais forte da relva cortada mesclado ao odor dos excrementos dos animais e o pesado volume, baixo e profundo, do asfalto amolecido.

Alheia, pela fadiga, à paisagem e aos aromas em volta dela, Hannah arrastava-se; a cabeça baixa, sua atenção totalmente concentrada nas ponteiras de suas botas de andarilha. Sua mente, recuperando-se da enorme carga emocional sofrida nas últimas 10 horas, procurava um porto seguro numa visão mais estreita da sua consciência. Não ousava pensar, imaginar, lembrar-se; sabia que, espreitando para além dos limites do aqui e agora, estariam visões que poderiam feri-la, caso ela permitisse que elas penetrassem em sua mente. Não pense. Limite-se a andar e observar as ponteiras de suas botas. Só o que importa é chegar ao Castelo de Etchebar. Só o que importa é encontrar Nicholai Hel. Antes ou depois disto, nada importa.

Ela chegou a uma bifurcação e estacou. À direita, a estrada subia íngreme em direção à aldeia de Etchebar, no topo da colina e, para além do amontoado de pedras e casas, ela podia ver a ampla fachada da mansão que deveria ser o castelo, espreitando entre os altos pinheiros e cercada por uma alta muralha de pedra.

Hannah suspirou fundo e prosseguiu na sua caminhada, seu cansaço mesclando-se a uma protetora neurastenia emocional. Se conseguisse chegar ao castelo... encontrar Nicholai Hel...

Duas camponesas, com seus vestidos pretos, interromperam a interminável troca de fofocas que perpetravam sobre um baixo muro de pedra e observaram a garota estrangeira com indisfarçada curiosidade e desconfiança. Onde ela pensava que ia, aquela assanhada com as pernas de fora? Para o castelo? Ah, bem, isto explicava tudo! Desde que aquele forasteiro comprara a propriedade, toda espécie de gente esquisita aparecia por lá! Não que o sr. Hel fosse má pessoa. Na verdade, os maridos delas lhes tinham contado que ele era muito admirado pelo movimento basco de libertação. Mas, mesmo assim... ele era novo na região. Não havia como negar. Morava no castelo há meros catorze anos, ao passo que qualquer outro habitante da aldeia (noventa e três almas) seria capaz de encontrar o nome de sua família nas lápides que circundavam a igreja, alguns deles recentemente talhados no granito dos Pireneus, outros quase ilegíveis na pedra antiga, desgastados por cinco séculos de chuva e vento. Dá só uma olhada! A assanhada nem ao menos esconde os peitos! O que ela pretende é que os homens grudem os olhos neles, esta é que é a verdade! Se não se cuidar, vai acabar arrumando um filho de pai desconhecido! E aí, quem é que vai querer casar com ela? Vai ter de passar a vida cortando legumes e escovando o chão na casa de uma irmã que a aceite. E o marido da irmã, na primeira vez que chegar em casa embriagado, vai dar em cima dela! E um belo dia, quando a irmã estiver de barrigão e não puder fazer sabe-o-que com o marido, esta aí vai acabar

cedendo! Para o próprio cunhado! Provavelmente, no celeiro. Estas coisas sempre acabam deste jeito. E aí a irmã vai descobrir e vai botar esta sujeitinha para fora de casa! E aí? O que é que ela vai fazer? Vai acabar virando uma puta em Bayonne, é nisto que vai dar esta história!

Uma terceira mulher se juntou às duas. Quem é esta garota de pernas de fora? Nós não temos a menor idéia — a única coisa que a gente sabe é que ela é uma puta de Bayonne. E nem ao menos é basca! Você acha que ela pode ser uma protestante? Ah, não! Isto já seria demais! É uma pobre putinha que dormiu com o próprio cunhado. É o que sempre acontece se você sai por aí com os peitos de fora.

Verdade, pura verdade.

Ao passar, Hannah ergue os olhos e vê as mulheres. — *Bonjour, mes dames* — diz ela.

— *Bonjour, mademoiselle* — cantarolam as três, sorrindo da maneira aberta dos bascos. — A senhorita está dando uma voltinha? — pergunta uma delas.

— Sim, madame.

— Isto é muito bom. Sorte sua de ter tempo para se divertir. Um cotovelo cutuca e a dona recebe uma cutucada de volta. Foi ousado e inteligente insinuar tão claramente a verdade.

— Mademoiselle está procurando o castelo?

— Estou, sim.

— Continue assim e vai acabar encontrando o que procura. Uma cutucada; outra cutucada. Era perigoso, mas deliciosamente espirituoso chegar tão perto de dizer a verdade.

Hannah parou diante dos pesados portões de ferro. Não havia ninguém à vista e parecia não haver como tocar a campainha ou bater na porta. O castelo ficava afastado uns cem metros, no final de uma curva e sinuosa alameda ladeada por árvores. Sem saber o que fazer, ela resolve tentar um dos portões menores situados mais adiante na estrada quando, atrás dela, uma voz pergunta em tom cantado — Mademoiselle?

Ela volta para o portão, e vê um velho jardineiro num avental azul de trabalho espreitando do lado de dentro da propriedade. — Estou procurando o sr. Hel — explica ela.

— Sim — diz o jardineiro, com aquele *oui* aspirado que pode significar qualquer coisa, menos sim. Diz a ela para esperar ali e desaparece na alameda

sinuosa. Um minuto depois, ela ouve os gonzos rangerem num dos portões laterais e ele acena para ela num gesto largo e inclinando-se tanto que quase vai de cara no chão. Ao passar por ele, ela percebe que ele está meio bêbado. Na verdade, Pierre nunca ficava bêbado. E também nunca ficava sóbrio. Um cuidadoso espaçamento entre as doze taças de vinho tinto que ingeria diariamente impedia que ele descambasse para algum destes dois desatinos.

Pierre indicou o caminho, mas não a acompanhou até a casa; voltou a aparar as cercas de grama que compunham um labirinto. Nunca trabalhava apressadamente e nunca faltava ao serviço, seu dia era pontuado, refrescado e acalentado por suas taças de vinho tinto, ingeridas a cada meia hora.

Hannah escutava o clip-clip-clip das suas tesouradas, o som diminuindo à medida que ela subia a alameda, caminhando por entre altos pinheiros verde-azulados, cujos galhos vergados silvavam e ondulavam, varrendo as sombras como se fossem enormes espanadores. Um vento sussurrante assobiava por entre as copas das árvores lembrando ondas correndo sobre a areia da praia e as sombras, densas, estavam geladas. Ela estremeceu. Estava tonta depois da caminhada sob o sol inclemente, não tomara mais do que uma xícara de café durante todo o dia. Seus sentimentos tinham sido congelados pelo medo, e depois derretidos pelo desespero. Congelados, depois derretidos. Seu senso de realidade lhe escapava.

Quando chegou ao pé dos degraus de mármore que levavam ao terraço, ela parou, sem saber por onde ir.

— Posso ajudá-la? — perguntou, vinda de cima, uma voz feminina.

Hannah protegeu os olhos com a mão e, erguendo a vista, olhou para o terraço ensolarado. — Olá. Meu nome é Hannah Stern.

— Muito bem, então suba, Hannah Stern. — Com a luz do sol atrás da mulher, Hannah não conseguia ver-lhe as feições, mas, pelo traje e modo de se comportar, ela parecia ser oriental, mesmo que sua voz, suave e bem modulada, não lembrasse a maneira de falar estacada, típica da mulher do Oriente. — Temos aqui uma daquelas coincidências que costumam trazer boa sorte. Meu nome é Hana — quase igual ao seu. Em japonês, *hana* quer dizer flor. E o seu Hannah, o que significa? Talvez, como muitos dos nomes ocidentais, não signifique nada. Que gentileza a sua de ter chegado bem na hora do chá!

Cumprimentaram-se segundo o costume francês, e Hannah ficou bem impressionada com a beleza tranqüila daquela mulher, cujos olhos pareciam fitá-la com uma mescla de delicadeza e bom humor, e que transmitia, em suas maneiras, uma calma que fazia com que Hannah se sentisse protegida e aliviada.

Ao caminharem juntas através do amplo terraço de pedra em direção à casa com sua fachada clássica composta por quatro portas francesas flanqueando a entrada principal, a mulher escolheu o botão mais belo das flores que estivera colhendo e ofereceu-o a Hannah com um gesto a um só tempo natural e gentil. — Tenho de colocar estas flores na água — disse ela. — Então, tomaremos nosso chá. Você é amiga do Nicholai?

— Não, na verdade, não. Meu tio era amigo dele.

— E, passando por aqui, você resolveu visitá-lo. Foi mesmo uma boa idéia. — Ela abriu as portas de vidro que davam para uma ensolarada sala de visitas no centro da qual havia um jogo de chá colocado sobre uma mesa baixa, diante de uma lareira de mármore com um anteparo de bronze. No exato momento em que entraram, uma porta do outro lado da sala fechou-se com um estalido. Durante os poucos dias que iria passar no Castelo de Etchebar, tudo o que Hannah veria ou escutaria em matéria de empregados e serviçais seria o som de portas que se fechavam quando ela entrava, o ruído de passos muito leves no final de um corredor, ou o aparecimento de xícaras de café ou flores na mesinha que lhe servia de criado-mudo. As refeições eram preparadas de forma tal, que a dona da casa podia servi-las pessoalmente. Era, para ela, uma oportunidade de mostrar sua delicadeza e hospitalidade.

— Pode largar a sua mochila naquele canto, Hannah — disse a anfitriã. — E você poderia me fazer a gentileza de servir o chá enquanto eu ponho estas flores num vaso?

Com a luz do sol filtrando-se através das portas francesas, as paredes de um azul leve. as molduras das telas em folhas de ouro, o mobiliário composto de algumas peças em estilo Luís XV e outras apresentando ricos trabalhos de marchetaria oriental, os rolos de vapor acinzentado escapando do bule de chá e desenhando volutas em redor dos raios de sol, os espelhos, distribuídos por toda parte, iluminando, refletindo, duplicando e triplicando todas as coisas; este aposento não pertencia ao mesmo mundo em que jovens eram abatidos em aeroportos. Ao servir o conteúdo de um bule de prata em xícaras de porcelana de Limoges, sentindo-se vagamente chinesa, Hannah foi dominada por uma sensação de vertigem, causada por sua realidade. Muita coisa acontecera nas últimas horas. Ela ficou com medo de desmaiar.

Sem razão aparente, lembrou-se de sensações estranhas semelhantes, quando ainda era uma criança na escola... acontecera num verão e ela estava entediada, envolta na monotonia das lições a fazer. Fixara o olhar em alguns objetos até que eles começaram a crescer e diminuir. E ela se perguntara: — Eu

sou eu? Estou mesmo aqui? Sou eu mesma pensando estes pensamentos? Eu? Eu?

E agora, observando os movimentos graciosos, minuciosos, desta oriental elegante que dava um passo atrás para analisar o arranjo de flores que acabara de montar, fazendo uma pequena correção, Hannah tentava desesperadamente encontrar um porto seguro no mar revolto de confusão e fadiga que ameaçava arrastá-la para o fundo.

Isto é estranho, pensou. De tudo o que acontecera naquele dia: os horrorosos eventos no aeroporto, o vôo para Pau que ela fizera como num sonho, as cantadas mal-disfarçadas dos motoristas que lhe tinham dado carona, aquele cretino dono do café em Tardets, a longa caminhada pela estrada ensolarada até Etchebar... de tudo isto, a imagem que mais se lhe fixara na mente era dela subindo a alameda flanqueada por árvores, mergulhada numa penumbra submarina... estremecendo nas sombras densas enquanto o vento imitava os sons do mar, batendo contra as árvores. Era um outro mundo. Um mundo estranho.

Seria possível que ela estivesse ali, servindo chá em xícaras de Limoges, provavelmente parecendo uma palhaça com seus *shorts* muito justos e suas botas de andarilha com pesados tacões?

Fora mesmo há poucas horas que ela passara, estonteada, pelo ancião sentado no chão do Aeroporto Internacional de Roma? — Eu lamento — ela sussurrara, estupidificada, para ele.

— Eu lamento — repetiu ela, em voz alta. A bela anfitriã dissera alguma coisa que não penetrara nas defesas de pensamento e retração atrás das quais ela se protegera.

A mulher sorriu, sentando-se ao lado dela. — Eu só estava dizendo que é uma pena que o Nicholai não esteja aqui. Há muitos dias que está no alto das montanhas, vasculhando aquelas cavernas de que gosta tanto. Um passatempo pavoroso. Mas estou esperando que ele volte hoje à noite, ou amanhã de manhã. E isto vai dar tempo para que você tome um banho e talvez durma um pouco. Isto seria muito bom, não acha?

A idéia de um banho quente e de uns lençóis frescos deixou Hannah inebriada de prazer.

A anfitriã sorriu e empurrou sua cadeira para mais perto da mesinha de chá. — Como você gosta do seu chá? — Seus olhos eram calmos e sinceros. Tinham um formato oriental, mas eram da cor de avelãs, com brilhos dourados. Hannah não conseguia atinar com a raça dela. Certamente movia-se como uma oriental,

com muito requinte e autocontrole; mas a tonalidade da sua pele lembrava café com leite e o corpo, dentro do vestido chinês de seda verde e gola alta, deixava entrever um formato de seios e quadris claramente africano. Sua boca e nariz, no entanto, eram caucasianos. E sua voz era educada, em tom baixo e modulado, como também sua risada quanto comentou — É, eu sei. Todo mundo fica intrigado.

— Desculpe-me? — fez Hannah, embaraçada ao perceber que seus pensamentos tinham sido lidos com tanta facilidade.

— Sou o que as pessoas educadas chamariam de "cidadã do mundo", e outros simplesmente de mestiça. Minha mãe era japonesa e, ao que tudo indica, meu pai era um soldado, um mulato americano. Nunca tive o prazer de conhecê-lo. Você gostaria de um pouco de leite?

— O quê?

— No seu chá. — Hannah sorriu. — Você se sente mais confortável falando inglês? — perguntou ela, usando aquela língua.

— Sim, na verdade, me sentiria — admitiu Hannah, também falando em inglês, mas com sotaque americano.

— Imaginei que sim, pelo seu sotaque. Então, muito bem. Vamos conversar em inglês. O Nicholai quase nunca fala inglês aqui em casa e eu acho que estou perdendo a minha fluência. — Ela tinha, de fato, um sotaque quase imperceptível; não que sua pronúncia fosse ruim, mas notava-se um leve acento forte, caracteristicamente britânico no seu falar. Era provável que o francês dela também tivesse algum sotaque, mas Hannah, com seu ouvido desacostumado de estrangeira, não conseguia identificá-lo.

No entanto, um outro pensamento lhe ocorreu. — Havia duas xícaras de chá postas na mesa. A senhora estava me esperando, sra. Hel?

— Chame-me de Hana. Ah, sim, eu a estava esperando. O homem do café, emTardets, ligou-me pedindo permissão para lhe ensinar o caminho. E eu recebi outra ligação quando você passou por Abense-de-Haut, e ainda outra quando você chegou em Lichans. — Hana deu uma risadinha. — O Nicholai está muito bem protegido neste lugar. Entenda, ele não gosta muito de surpresas.

— Ah, isto me lembra. Tenho um bilhete para a senhora. — Hannah tirou do bolso a nota dobrada que o dono do café lhe dera.

Hana abriu o papel, deu uma olhada e depois riu com sua voz baixa, em tom menor. — É uma conta. E, aliás, muito bem detalhada. Ah, esses franceses! Um franco pelo telefonema. Um franco pelo café que você tomou. E mais um

franco e cinqüenta — uma estimativa da gorjeta que você deveria ter dado. Meu Deus, até que fizemos um bom negócio! Teremos o prazer da sua companhia pela bagatela de três francos e meio. — Ela voltou a rir e colocou a nota de lado. Depois estendeu o braço e pousou sua mão macia e quente no braço de Hannah. — Minha jovem! Eu acho que você não percebeu, mas está chorando.

— O quê? — Hannah colocou a mão no rosto. Estava coberto de lágrimas. Meu Deus, há quanto tempo estaria chorando? — Me desculpe. E só que... Esta manhã meus amigos foram... eu *preciso* ver o sr. Hel.

— Eu sei, querida. Eu sei. Mas agora termine o seu chá. Eu coloquei uma coisa nele que vai fazer com que você relaxe. Depois vou te levar para o seu quarto, onde você vai poder tomar um bom banho e dormir sossegada. E, quando encontrar o Nicholai, você vai estar novinha em folha. Deixe a sua mochila aqui mesmo. Uma das mocinhas vai cuidar dela.

— Eu deveria explicar...

Mas Hana levantou a mão. — Você vai explicar tudo para o Nicholai quando ele chegar. Depois, ele me conta o que achar que eu devo saber.

Hannah ainda estava fungando e se sentindo uma perfeita criança enquanto acompanhava Hana pela ampla escadaria de mármore que dominava o *hall* de entrada. Mas sentia uma deliciosa sensação de paz tomando conta dela. Seja o que for que tivesse sido colocado no chá, estava relaxando as tensões provocadas por suas lembranças, jogando-as para bem longe. — A senhora está sendo muito gentil comigo, sra. Hel — disse ela, com toda sinceridade.

Hana riu baixinho. — Por favor, me chame de Hana. Afinal de contas, eu não sou a esposa do Nicholai. Sou a concubina dele.

Washington

A porta do elevador abriu-se silenciosamente e Diamond saiu na frente da Srta. Swivven entrando na área de trabalho, totalmente pintada de branco, do décimo-sexto andar.

— ... e eu quero eles aqui dez minutos depois do telefonema. Starr, o OARI e aquele árabe. Tomou nota?

— Sim, senhor. — A Srta. Swivven foi imediatamente para o seu cubículo a fim de tomar as providências necessárias, enquanto o Primeiro Assistente levantava-se do seu console.

— A relação dos contatos de primeira geração de Asa Stern está pronta, senhor. Está tudo na tela. — Ele sentia um justificável orgulho. Não existiam nem dez homens vivos capazes de montar uma lista baseada em relacionamentos emocionais amorfos, mesmo com a ajuda do Gorduchinho.

— Passe para a minha mesa — ordenou Diamond, sentando-se na sua poltrona giratória na cabeceira da mesa de reuniões.

— Num minuto. Opa! Só um segundo, senhor. A lista está ao contrário. Arrumo isto num instante.

Era típico de um computador não distinguir entre amor e ódio, afeição e chantagem, amizade e parasitismo, o que fazia com que houvesse uma chance de cinqüenta por cento de que uma lista baseada neste tipo de itens emocionais saísse invertida. O Primeiro Assistente previra esta possibilidade e alimentara o Gorduchinho com nomes como Maurice Herzog e Heinrich Himmler (ambos com H). Quando o computador mostrou que Himmler era muito querido por Asa Stern e Herzog detestado, o Primeiro Assistente percebeu que o Gorduchinho invertera as coisas.

— Não é simplesmente uma lista seca, certo? — perguntou Diamond.

— Não, senhor. Pedi especificações. Os dados mais importantes estarão anexados a cada nome, para que possamos fazer identificações mais precisas.

— Você é um porra de um gênio, Llewellyn.

O Primeiro Assistente balançou a cabeça assentindo, enquanto observava a lista rolar na tela na tipologia não serifada da IBM.

STERN, DAVID

RELACIONAMENTO DOIS PONTOS FILHO... CARTÃO BRANCO... ESTUDANTE, ATLETA AMADOR... MORTO, 1972 OLÍMPÍADAS DE MUNIQUE...

STERN, JUDITH

RELACIONAMENTO DOIS PONTOS ESPOSA... CARTÃO ROSA... GRADUADA, PESQUISADORA...

MORTA, 1956, CAUSAS NATURAIS...

ROTHMANN, MOISHE

RELACIONAMENTO DOIS PONTOS AMIGO... CARTÃO BRANCO... FILÓSOFO, POETA... MORTO, 1958, CAUSAS NATURAIS...

KAUFMANN, S.L.

RELACIONAMENTO DOIS PONTOS AMIGO... CARTÃO VERMELHO... ATIVISTA POLÍTICO... APOSENTADO...

HEL, NICHOLAI ALEXANDROVITCH...

RELACIONAMENTO DOIS PONTOS AMIGO...

— Pare! — exclamou Diamond. — Congele!

O Primeiro Assistente passou os olhos pelas informações que vinham em seguida. — Nossa! Meu Deus!

Diamond reclinou-se na sua poltrona e fechou os olhos. Quando a CIA resolve foder as coisas, ela fode legal! — Nicholai Hel — exclamou Diamond, no seu tom monotônico.

— Senhor? — disse o Primeiro Assistente, baixinho, lembrando-se do antigo costume de se executar um mensageiro que trouxesse más notícias. — Os dados sobre esse tal Nicholai Hel estão num cartão *lilás.*

— Eu sei... eu sei.

— Bem... suponho que o senhor queira uma cópia da ficha completa desse Hel, Nicholai Alexandrovitch, certo? — perguntou o Primeiro Assistente, como se pedisse desculpas.

— Exatamente. — Diamond levantou-se e foi até a enorme janela atrás da qual o bem iluminado Monumento a Washington se destacava contra o céu noturno, enquanto duas fileiras de faróis de automóveis serpenteavam pela comprida avenida que levava ao Centro — os mesmos automóveis que estavam sempre no mesmo lugar, naquela mesma hora, todas as noites. — Você vai descobrir que a ficha é bastante curta.

— Curta, senhor? Mas o cartão é lilás!

— No caso dele, mesmo sendo lilás.

De acordo com o sistema de codificação de cor, os cartões lilás indicavam, do ponto de vista da Companhia-Mãe, os homens mais ardilosos e perigosos. Aqueles que operavam sem se ater a preconceitos ou ideários nacionalistas ou ideológicos, agentes e assassinos autônomos que não podiam ser controlados através de pressões sobre seus respectivos governos; aqueles que matavam para qualquer facção.

Originalmente, a codificação de cor dos cartões perfurados fora introduzida no Gorduchinho com o propósito de permitir uma imediata identificação sobre características muito ousadas da vida e do trabalho de um indivíduo. Mas, desde o princípio, a incapacidade do computador de trabalhar com abstrações e nuances psicológicas reduziu em muito o valor do sistema. O problema era que o próprio Gorduchinho podia montar seu próprio código de cores, lastreado em certos dados nele inseridos.

O primeiro destes princípios determinava que apenas as pessoas que constituíssem ameaças potenciais à Companhia-Mãe e aos governos que ela controlava seriam representadas por cartões codificados por cor, todos os outros eram identificados por cartões brancos. Um outro princípio rezava que havia uma simbólica relação entre a cor do cartão e a natureza dos dados do indivíduo retratado. Isto funcionava bem na sua forma mais simples: agitadores de esquerda e terroristas eram identificados por cartões vermelhos; políticos e ativistas de direita recebiam cartões azuis; simpatizantes da esquerda tinham cartões rosa; cúmplices dos ultraconservadores recebiam cartões azul claros. (Por um breve período, os devotados à causa liberal foram identificados por cartões amarelos, em concordância com o simbolismo político britânico, mas quando a possibilidade de uma ação efetiva dos liberais foi pesquisada pelo Gorduchinho, eles passaram a receber cartões brancos, indicando sua total impotência política).

O valor do sistema de codificação por cores começou a ser discutido quando foi submetido a problemas mais intrincados. Por exemplo, apoiadores ativos do IRA e as diversas organizações de defesa do Ulster recebiam cartões ora verdes ora laranja, uma vez que a análise que o Gorduchinho elaborara sobre as táticas por eles empregadas, sua filosofia e a eficiência dos dois grupos fazia com que eles não se distinguissem entre si.

Outro grande problema surgiu da busca inútil de uma lógica do Gorduchinho em conferir cores. Para distinguir entre agentes comunistas

chineses e europeus, os chineses recebiam cartões amarelos e os europeus sob sua dominação recebiam uma mistura de vermelho e amarelo, o que resultava em cartões laranja, idênticos aos dos irlandeses do norte. Estes procedimentos aleatórios acabaram levando a erros embaraçosos, sendo que o fato do Gorduchinho presumir por longo tempo que Ian Paisley fosse albanês não foi o menor deles.

Mas o erro mais escandaloso foi o que ocorreu entre os nacionalistas africanos e os ativistas do Black Power americano. Usando uma certa lógica racial, ambos os grupos receberam cartões negros. Por muitos meses, estes homens puderam operar sem observação ou interferência da Companhia-Mãe e suas subsidiárias governamentais, pela simples razão de que a impressão em tinta preta sobre cartões negros costuma dificultar bastante a leitura.

Com considerável arrependimento, resolveu-se acabar com o sistema de cores, apesar dos milhões de dólares dos contribuintes americanos desperdiçados no projeto.

Sucede que é mais fácil inserir um sistema no Gorduchinho do que anulá-lo, uma vez que sua memória é eterna e sua insistência em apegar-se à lógica linear é implacável. Portanto, o método de codificação por cores deixou seus vestígios. Agentes da esquerda ainda eram identificados por cartões vermelhos e rosa; enquanto que cripto-fascistas como os membros da Ku Klux Klan eram identificados com cartões azuis e os legionários americanos com azul claro. Evidentemente, os elementos que atuavam em ambos os lados recebiam cartões púrpura, mas, como o Gorduchinho retinha na memória o erro que cometera com os ativistas do Black Power, ele acinzentava a cor púrpura, tornando-a lilás.

Além do mais, o Gorduchinho reservava os cartões lilás para homens que lidavam, especificamente, com assassinatos.

O Primeiro Assistente levantou os olhos do console com expressão perplexa. — Ah... não sei o que está dando errado, senhor. O Gorduchinho está exibindo padrões repetidos de informação / correção, informação / correção. Até mesmo nos dados mais básicos, suas fontes de informação não batem. Ele informa que a idade desse tal Nicholai Hel pode ser quarenta e sete ou cinqüenta e dois anos. Ou qualquer coisa no meio disto. E olha só uma coisa! No que se refere à nacionalidade, ele pode ser tanto russo, quanto alemão, chinês, japonês, francês e até mesmo costarriquenho. Costarriquenho? Dá pra acreditar, senhor?

— Estas duas últimas nacionalidades devem-se aos passaportes dele. Ele tem passaportes da França e da Costa Rica. No momento, mora na França — ou pelo menos morava, até pouco tempo atrás. As outras nacionalidades têm a ver

com os antecedentes genéticos dele, ao lugar onde nasceu e às suas principais influências culturais, que foram armazenadas na memória do computador.

— Mas então, qual é a verdadeira nacionalidade dele?

O Sr. Diamond continuava de olhos grudados na janela, olhando sem ver. — Nenhuma.

— O senhor parece saber coisas sobre este indivíduo, senhor. — O tom do Primeiro Assistente era interrogativo, mas cauteloso. Estava curioso, mas sabia muito bem que não lhe cabia fazer perguntas.

Por muito tempo, Diamond não disse nada. Então: — Certo. Eu sei algumas coisas sobre ele. — Saiu de frente da janela e sentou-se, pesadamente, na sua poltrona. — Continue pesquisando. Descubra tudo o que puder. A maior parte dos dados vai ser contraditória, vaga ou imprecisa, mas nós temos de saber tudo o que pudermos descobrir.

— Isso significa que o senhor acredita que o tal Nicholai Hel está metido nesta história?

— Com a sorte que eu tenho? Provavelmente.

— Mas de que maneira, senhor?

— E eu sei lá! Limite-se a continuar com sua pesquisa!

— Sim, senhor. — O Primeiro Assistente passou os olhos pelos dados que vinham a seguir. — Veja, senhor. Ele pode ter nascido em três lugares diferentes.

— Xangai.

— O senhor tem certeza?

— Tenho. — E então, depois de uma curta pausa. — Quer dizer, uma certeza "meia boca".

Xanghai: 193?

Como sempre nesta estação, as brisas frescas da noite, vindas do mar, sopram sobre a cidade, em direção às quentes massas de terra do território chinês; e as cortinas das portas de vidro das varandas das mansões da Avenue Joffre, na concessão francesa, esvoaçam.

O General Kishikawa Takashi tira uma peça da caixa laqueada onde guarda seu jogo de Go e segura-a delicadamente entre a ponta do dedo médio e a unha do indicador. Fica em silêncio por alguns minutos, mas sua atenção não está concentrada no jogo, que está no seu centésimo septuagésimo sexto lance e começa a deixar entrever um final inevitável. Os olhos do General estão postos no seu oponente que, por sua vez, está completamente absorto nos desenhos formados pela posição das peças brancas e negras colocadas sobre o amarelo pálido do tabuleiro. Kishikawa-san tinha decidido que o jovem rapaz deveria ser mandado para o Japão e, naquela noite, deveria ser comunicado do fato. Mas não naquele momento. Estragaria a graça do jogo; e isto seria muito deselegante porque, pela primeira vez, o jovem estava ganhando.

O sol se pusera atrás da concessão francesa, no território da China. Lanternas tinham sido acesas na velha cidade murada e o aroma do cozimento de milhares de jantares enchia as ruas estreitas e sinuosas. Ao longo de todo o Huangpoo e subindo o Rio Soochow, as sampanas, embarcações que eram as casas da cidade flutuante, se avivam com luzes fracas, enquanto velhas mulheres usando calças amarradas nos tornozelos dispõem as pedras para nivelar as fogueiras espalhadas pelos conveses inclinados, pois o rio está na vazante e as sampanas adernaram, seus bojos de madeira encalhados na lama amarelada. As pessoas que estão atrasadas para o jantar correm sobre a Ponte Stealing Hen. Um escritor, que vive da redação de cartas, balança sua pena negligentemente, ansioso por encerrar este dia de trabalho e plenamente consciente de que sua caligrafia mal-desenhada não será percebida pela garota analfabeta para quem a carta apaixonada, redigida de acordo com um dos seus Dezesseis Infalíveis Modelos, se destina. A Bund, rua que abriga majestosas casas de comércio e grandes hotéis, prova incontestável do poder e segurança imperiais, está silente e escura; pois os *taipans* ingleses fugiram; o *North China Daily News* já não mais divulga seus mexericos, suas pias reprimendas, suas afirmações complacentes

sobre a situação mundial. Até mesmo a Casa Sasson, o estabelecimento com a fachada mais elegante da Bund, construído com lucros advindos do tráfico de ópio, foi rebaixado e não passa de um mero albergue, com a tarefa mundana de abrigar o quartel-general das forças de ocupação. Os gananciosos franceses, os arrogantes ingleses, os pomposos alemães, os insaciáveis americanos oportunistas, todos se foram. Xangai está sob o jugo japonês.

O General Kishikawa pensa sobre a indisfarçável semelhança entre o jovem que está do outro lado do tabuleiro de Go e a mãe dele: quase como se Alexandra Ivanovna tivesse gerado seu filho por partenogênese — uma façanha que todos aqueles que tinham conhecido sua dominadora presença social teriam considerado perfeitamente possível. O jovem tinha a mandíbula com o mesmo desenho angular, a mesma testa larga e maçãs de rosto salientes, o nariz fino responsável pela maldição eslava que fazia com que seus interlocutores se sentissem como que encarando a boca de uma espingarda. Mas o que mais intrigava Kishikawa-san era a comparação entre os olhos do garoto e da mãe. Tinham semelhanças e contrastes. Fisicamente, os olhos eram idênticos: grandes, fundos, e com aquele maravilhoso matiz verde garrafa único e característico da família da Condessa. Mas as extremas diferenças de personalidade entre a mãe e o filho ficam manifestas na maneira e na intensidade do olhar, no brilho mortiço de cristal daqueles dois pares de olhos. O olhar da mãe era envolvente, o do filho é frio. Enquanto a mãe usava o olhar para encantar, o filho o usa para menosprezar. O que o olhar dela tinha de coquetería, o dele tem de arrogância. A luz que emanava dos olhos dela, no caso dele é gélida e interiorizada. Os olhos dela expressavam humor, os dele esperteza. Ela arrebatava, ele perturba.

Alexandra Ivanovna era uma egotista; Nicholai é um egoísta.

Pelos critérios ocidentais, embora o parâmetro oriental de referência do General não perceba, Nicholai parece muito jovem para os quinze anos que tem. Somente a frigidez dos seus olhos inacreditavelmente verdes e a boca de desenho duro impedem que seu rosto seja delicado em demasia, com linhas suaves demais para um homem. Um vago desconforto, provocado por sua beleza física, fez com que Nicholai, desde criança, se engajasse no mais vigoroso e combativo dos esportes. Praticava um jiu-jitsu clássico, quase antiquado, e jogava rúgbi no time do resto do mundo contra os filhos dos ingleses endinheirados, os *taipans*, com uma eficiência que beirava a brutalidade. Mesmo entendendo a rígida equação de jogo limpo e espírito esportivo com a qual os ingleses se protegiam contra verdadeiras derrotas, Nicholai preferia a vitória a qualquer custo às consolações da derrota com elegância. Mas não era muito afeito a esportes coletivos, preferindo ganhar ou perder em função de sua própria

habilidade, ou força individual. E sua força emocional era tal que ele quase sempre vencia, impulsionado por uma vontade irrefreável.

Alexandra Ivanovna também era uma vencedora contumaz, não por uma questão de força de vontade, mas por direito próprio. Quando chegou em Xangai, no outono de 1922, trazendo uma inacreditável quantidade de malas e sem meios claros de subsistência, ela confiou em sua prévia posição social em São Petersburgo para galgar uma posição de liderança na crescente comunidade de exilados russos brancos — assim chamados pelos dominadores britânicos não porque tivessem vindo da Bielo-Rússia, mas porque evidentemente não eram "vermelhos". Imediatamente, formou em volta de si mesma uma corte de admiradores que incluía todos os homens interessantes da colônia. Para ser interessante, do ponto de vista de Alexandra Ivanovna, a pessoa tinha de ser rica, bem apessoada ou espirituosa; e a maior contrariedade da sua vida era o fato de que raramente encontrava duas destas qualidades num único homem. As três então, nunca.

Nenhuma outra mulher fazia parte do centro da sociedade que ela formara. Na opinião da Condessa, as mulheres eram umas chatas e, além disso, não precisava delas, já que era perfeitamente capaz de monopolizar completamente as mentes e atenções de uma dúzia de homens ao mesmo tempo, fazendo com que as noitadas que proporcionava fossem, do começo ao fim, divertidas, excitantes e com a devida parcela de malícia.

Vingando-se, as mulheres rejeitadas da colônia internacional afiançavam que por nada neste mundo se sujeitariam a ser vistas em público em companhia da Condessa, e esperavam fervorosamente que seus maridos e noivos partilhassem deste elevado senso de respeitabilidade. Dando de ombros, murmurando e fazendo biquinho, estas menosprezadas senhoras deixavam claro que suspeitavam da pureza das razões que permitiam a existência de uma relação entre dois evidentes paradoxos sociais: o primeiro era que, mesmo tendo chegado à China sem um níquel no bolso, a Condessa mantinha um alto nível de vida; e o segundo era que ela estava sempre cercada pelos homens mais desejáveis da comunidade internacional, apesar de evidentemente não possuir as qualidades austeras que as mães destas senhoras lhes tinham assegurado serem mais importantes e duráveis do que meramente charme e beleza. Todas elas ficariam muito felizes de poder incluir a Condessa no grupo de russas brancas que entravam na China ilegalmente, vindas da Manchúria, vendiam os poucos bens e jóias que tinham conseguido trazer consigo na fuga e, finalmente, eram levadas a ganhar a vida vendendo as delícias de seus colos. Mas não era dado a estas senhoras áridas e cheias de princípios o sabor da vitória, uma vez que era

fato conhecido que a Condessa era uma das anomalias não muito incomuns da corte do Czar, uma nobre russa sem uma só gota de sangue eslavo no seu corpo sempre exposto (e provavelmente disponível). Alexandra Ivanovna (cujo primeiro nome do pai era Johann) era uma Habsburgo, aparentada com uma família alemã de sangue azul, que emigrara para a Inglaterra levando como credencial nada mais do que o seu protestantismo e que, recentemente, por puro patriotismo, trocara de nome para se livrar do som demasiadamente asiático do anterior. A despeito de tudo, as respeitáveis senhoras da comunidade asseveravam que nem mesmo todo este histórico constituía prova de retidão moral numa época de tanta libertinagem; nem, apesar da aparente assunção da Condessa, um substituto adequado.

Durante a terceira temporada do seu reinado, Alexandra Ivanovna pareceu dedicar suas atenções a um jovem prussiano muito fútil, que possuía o tipo de inteligência superficial e enganadora, incapaz de qualquer sensibilidade, muito comum na sua raça. O Conde Helmut Von Keitel zum Hel tornou-se seu companheiro oficial — seu bichinho de estimação e brinquedinho favorito. Dez anos mais novo do que ela, o Conde era um homem de notável beleza e grande habilidade física. Cavalgava com técnica e garbo e esgrimia notavelmente. Alexandra via nele um belo espécime com quem desfilar e o único comentário público que fez sobre o relacionamento deles era que o considerava "um produto de linhagem adequada".

Ela costumava passar os meses abafados e úmidos do verão numa propriedade nas montanhas. Em determinada ocasião, ela voltou para Xangai somente no outono e um bebê começou a fazer parte da família. De maneira apenas formal, o jovem Von Keitel zum Hel propôs-lhe casamento. Ela deu uma risadinha e respondeu que, mesmo que sempre tivesse tido a intenção de criar uma criança como forma de argumento vivo contra qualquer espécie de igualdade racial, não tinha a menor vontade de ter *duas* crianças na casa. O conde, com a proverbial petulância que os prussianos usam como substituto de dignidade, fez uma mesura e imediatamente iniciou preparativos para voltar à Alemanha.

Ao contrário de esconder o bebê ou as circunstâncias do seu nascimento, Alexandra Ivanovna fez dele o mais novo ornamento do seu salão. Quando as obrigações oficiais fizeram com que fosse necessário dar-lhe um nome, ela o chamou Nicholai Hel, tirando o último nome de um pequeno riacho que bordejava a propriedade dos Keitel. O ponto de vista de Alexandra Ivanovna sobre sua participação na vinda ao mundo do garoto ficava manifesto no fato de que seu nome completo era Nicholai Alexandrovitch Hel.

Uma fieira de governantas inglesas sucedeu-se, nos cuidados do bebê, o que fez com que o inglês se juntasse ao francês, ao russo e ao alemão como línguas constantemente, e sem nenhuma preferência, faladas no berço, a não ser quando se impunha a opinião de Alexandra Ivanovna de que certos tipos de pensamento são melhores expressos em determinadas línguas. Sobre amor e trivialidades que tais, falava-se em francês; tragédias e degradação eram discutidas em russo; negócios em alemão; já com os serviçais, só se usava o inglês.

Como os filhos dos criados eram seus únicos companheiros, Nicholai teve ainda o chinês como língua de berço e desenvolveu o costume de pensar naquele idioma, uma vez que seu maior medo infantil era que sua mãe pudesse ler seus pensamentos e, como ela não sabia chinês...

Alexandra Ivanovna achava que escolas eram coisa para filhos de comerciantes, portanto a educação de Nicholai ficou a cargo de uma sucessão de tutores, todos jovens, belos e muito devotados à mãe. Quando se descobriu que Nicholai tinha um talento natural e grande interesse por matemática pura, sua mãe não ficou nada feliz. Mas, quando o tutor do momento garantiu a ela que a matemática pura não se prestava para nenhuma aplicação prática ou comercial, ela decidiu que a matéria era apropriada à educação do filho.

Os aspectos mais práticos da educação social de Nicholai — e seu único divertimento — eram o costume que tinha de escapulir da casa e vagabundear com os moleques de rua pelas aléias estreitas e pátios escondidos da cidade agitada, barulhenta e fedida. Vestindo a roupa larga e azul que todos os chineses usavam, o cabelo encaracolado debaixo de um boné redondo, ele adorava vaguear sozinho ou com os amigos de ocasião e depois voltar para casa para receber as inevitáveis reprimendas e castigos, que aceitava com grande calma e com uma expressão perdida nos seus olhos verde garrafa, que deixava todo mundo furioso.

Nas ruas, Nicholai aprendeu a conhecer a cidade que os ocidentais tinham criado para si mesmos. Viu arrogantes almofadinhas ingleses, empoleirados em riquixás, sendo levados para todo lado por cadavéricos garotos, precocemente consumidos pela tuberculose, mal-nutridos e suando em bicas com o esforço dispendido, colocando no rosto expressões falsamente indiferentes, temerosos de ofender os patrões europeus. Pôde observar os negociantes, gente de meia-idade gorda e bajuladora, que se aproveitava da exploração que os europeus exerciam contra seu próprio povo, imitando descaradamente os costumes e a ética ocidentais. O maior prazer desses negociantes, além de encher os bolsos e se deliciar com comidas exóticas, era deflorar menininhas de doze ou treze anos

que tinham sido compradas em Hangchow ou Soochow e assim ficavam prontas para trabalhar nos bordéis licenciados pelos franceses. Suas técnicas de defloração eram... irregulares. A única vingança que uma dessas crianças poderia ter, caso fosse boa atriz, era desempenhar o lucrativo papel de fingir, a cada nova vez, que estava sendo deflorada. Nicholai aprendeu que todos os pedintes que abordavam os passantes ameaçando tocar neles com seus membros putrefatos, ou espetavam alfinetes nos seus bebês para que eles botassem a boca no mundo provocando piedade, ou se espremiam assustadoramente em tomo dos turistas tentando arrancar alguma esmola — todos eles, do velho que pedia compaixão ou xingava, às crianças meio mortas de fome que se ofereciam para praticar atos anormais um com o outro para o prazer do turista, todos estavam sob as ordens de Sua Abominável Majestade, o rei dos Mendigos, que dirigia uma estranha combinação de guilda e rede de proteção. Qualquer coisa que se perdesse na cidade, qualquer pessoa que se escondesse na cidade, qualquer serviço que se desejasse na cidade poderia ser conseguido por meio de uma modesta contribuição ao tesouro de Sua Majestade.

Nas docas, Nicholai observava os estivadores suados fazendo subir e descer as rampas de barcos de ferro e juncos de madeira com olhos estrábicos pintados nas proas. À noite, depois de terem trabalhado onze horas seguidas, os estivadores, cantando seu letárgico e hipnótico *hai-yo, hai-yo,* começavam a perder as forças e, de vez em quando, um deles caía debaixo da sua carga. Imediatamente os *Gurkhas* corriam para ele, com seus cassetetes e barras de ferro, e o preguiçoso encontrava novas forças... ou o repouso eterno.

Nicholai viu policiais aceitarem abertamente "uma graninha" de envergonhadas criadas que compravam prostitutas adolescentes para seus patrões. Aprendeu a reconhecer os sinais secretos dos "Verdes" e dos "Vermelhos", as maiores sociedades secretas do mundo, cujos sistemas de proteção e redes de assassinatos alcançavam de mendigos a políticos. O próprio Chiang-Kai-shek era um "Verde", que jurara obediência à organização. E foram os "Verdes" que mutilaram e assassinaram jovens estudantes universitários que tinham tentado organizar o proletariado chinês. Nicholai era capaz de distinguir um "Verde" de um "Vermelho" simplesmente pela maneira como segurava o cigarro, ou pelo jeito de cuspir.

Durante o dia, com seus tutores, Nicholai aprendia matemática, literatura clássica e filosofia. Ao cair da noite, nas ruas, aprendia sobre comércio, política, imperialismo esclarecido e humanidades.

E, de noite, ficava sentado ao lado da mãe enquanto ela entretinha os

homens mais espertos que controlavam Xangai e exploravam a cidade até o bagaço, com seus clubes e casas comerciais na Bund. O que a maioria destes homens imaginavam ser timidez em Nicholai — e os mais inteligentes entre eles criam ser indiferença — era na verdade um ódio gelado pelos comerciantes e sua mentalidade mercantil.

O tempo passou. Os investimentos de Alexandra Ivanovna, cuidadosamente aplicados com a orientação de especialistas, floresceram, enquanto o ritmo de sua vida social diminuía. Seu corpo tornou-se mais lânguido, mais opulento; mas sua vivacidade e beleza recrudesceram em vez de fenecerem, pois ela herdara a característica familiar que fizera com que, com mais de meio século de vida, sua mãe e tias parecessem não ter mais do que trinta anos. Velhos amantes se tornaram velhos amigos e a vida na Avenue Joffre amainou.

Alexandra Ivanovna começou a ter leves desmaios, mas não ligou muito para eles, convencendo-se de que aqueles desfalecimentos não passavam de manifestações essenciais do arsenal amoroso de qualquer dama de sangue azul. Quando um médico das suas relações, que há anos ansiava por examinar seu corpo, relacionou as crises com um coração fraco, ela fez um arranjo apenas nominal no que imaginava ser um aborrecimento físico, e reduziu as reuniões em sua casa a apenas uma vez por semana. Mas, fora esse fato, não deu nenhuma trégua ao corpo.

— ... e eles vêm me dizer, caro jovem, que eu tenho um coração fraco. Essencialmente, sou sujeita a desfalecimentos emotivos e você tem de me prometer que não vai se aproveitar muito freqüentemente desta minha fraqueza. E tem também que me prometer que vai procurar um alfaiate competente, porque esse teu terno, meu caro!

Na edição do dia 7 de julho de 1937, o *North China Daily News* informou que japoneses e chineses tinham trocado tiros na Ponte Marco Pólo, nas imediações de Pequim. No número 3 da Bund, os *taipans* ingleses que passavam o tempo deixando o tempo passar no Clube Xangai foram unânimes em concordar que este último desenvolvimento na guerra sem sentido entre orientais parecia indicar que, caso não se tomasse providências urgentes, a situação poderia fugir ao controle. Fizeram com que o Generalíssimo Chiang Kaishek soubesse que eles preferiam que ele corresse para o norte a fim de enfrentar os japoneses numa região afastada, de modo a proteger suas casas comerciais dos aborrecidíssimos inconvenientes da guerra.

O Generalíssimo, no entanto, decidiu esperar os japoneses em Xangai na esperança de que, colocando a colônia internacional em perigo, forçaria uma

intervenção estrangeira em seu favor.

Quando o estratagema não funcionou, ele começou uma campanha sistemática contra as empresas japonesas e os civis da comunidade internacional que culminou quando, às seis e meia da tarde do dia 9 de agosto, o Subtenente Isao Oyama e seu motorista, o marinheiro de primeira classe Yozo Saito, que se dirigiam para a periferia da cidade para inspecionar as fiações de algodão japonesas, foram barrados por soldados chineses.

Foram encontrados ao lado da Estrada do Monumento, crivados de balas e sem os respectivos órgãos sexuais.

Em resposta, belonaves japonesas subiram o Rio Whangpoo. Mil marinheiros japoneses desembarcaram para proteger sua colônia comercial em Chapei, situada do outro lado do Rio Soochow. Foram recebidos por 10.000 soldados de elite chineses, protegidos atrás de barricadas.

Os protestos dos acomodados *taipans* britânicos foram reforçados por mensagens enviadas pelos embaixadores europeus e americano a Nanquim e Tóquio, exigindo que Xangai fosse excluída da zona de hostilidades. Os japoneses aceitaram a imposição, desde que as forças chinesas também se retirassem da área desmilitarizada.

Porém, no dia 12 de agosto, os chineses cortaram todas as linhas telefônicas do Consulado do Japão e das empresas comercias japonesas. No dia seguinte, uma sexta-feira, 13 de agosto, a Octagésima Oitava Divisão chinesa tomou a Estação do Norte e bloqueou todas as estradas que saíam da colônia. A intenção era manter o maior número possível de civis posicionados entre eles e as tropas japonesas, muito mais numerosas.

No dia 14 de agosto, aviadores chineses pilotando Northrops americanos sobrevoaram Xangai. Uma bomba, com alta capacidade de destruição, destruiu o telhado do Palace Hotel; outra explodiu na rua, em frente ao Café Hotel. Resultado: setecentas e vinte e nove pessoas mortas; oitocentas e sessenta e uma feridas. Trinta e um minutos depois, outro avião chinês bombardeava o Parque de Diversões Great World, que havia sido transformado num campo de refugiados para mulheres e crianças. Mil e doze mortos; mil e sete feridos.

Para os chineses encurralados em Xangai não havia saída; as tropas do Generalíssimo bloqueavam todas as estradas. Para os *taipans* estrangeiros, no entanto, sempre havia como escapar. Empapados de suor, trabalhadores chineses gemiam e entoavam seu *hai-yo, hai-yo* arrastando-se pelas pranchas de embarque, tendo nas costas os despojos da China, sob a supervisão de jovens oficiais com seus impecáveis uniformes brancos e suas listagens de mercadorias

e dos Gurkhas, com seus cassetetes. Ingleses embarcando no *Raj Putana*, alemães no *Oldenberg*, americanos no *President McKinley*, holandeses no *Tasman*, todos davam adeuzinho uns aos outros, as mulheres enxugando os olhos com minúsculos lencinhos, os homens berrando diatribes contra os ingratos orientais, gente pouco confiável, enquanto, enfileiradas em frente aos armazéns de carga, bandas dos navios tocavam um *pout-pourri* de hinos nacionais.

Naquela noite, a artilharia de Chiang Kai-shek, protegida por barreiras de sacos de areia e de civis chineses encurralados, abriu fogo contra os navios japoneses ancorados no rio. Os japoneses responderam ao tiroteio, destruindo barreiras dos dois tipos.

Durante o decorrer de todos esses acontecimentos, Alexandra Ivanovna se recusou a deixar sua casa na Avenue Joffre, que agora já não passava de uma rua deserta, suas janelas estilhaçadas, expostas à brisa da noite e aos saqueadores. Como não tinha nacionalidade, nem soviética, nem chinesa, nem britânica, estava alijada dos sistemas formais de proteção. De qualquer maneira, não tinha a menor intenção, na sua idade, de largar sua casa e juntar cuidadosamente todos os seus móveis para se estabelecer Deus sabe onde. Afinal de contas, raciocinava ela, os japoneses que ela conhecia não eram mais tolos do que os outros, e muito provavelmente não poderiam ser piores administradores do que os ingleses tinham sido.

Os chineses mantiveram em Xangai o ponto de maior resistência da guerra; os japoneses, muito mais numerosos, levaram três meses para expulsá-los de lá. Em suas tentativas de conseguir provocar uma intervenção internacional, os chineses permitiram um grande número de bombardeios "errados", com a finalidade de multiplicar o número de perdas humanas e materiais causadas pela guerra.

E mantiveram suas barricadas nas estradas, não deslocando o tampão protetor formado por dezenas de milhares de civis... seus próprios conterrâneos.

Durante todos esses meses terríveis, os risonhos chineses de Xangai continuaram a levar suas vidinhas de sempre da melhor forma possível do bombardeio japonês e da artilharia dos aviões chineses, de fabricação americana. Os remédios, depois a comida, depois os abrigos e finalmente a água se tornaram escassos; mas a vida continuava na cidade apinhada e apavorada; e os bandos de garotos vestidos de algodão azul, com os quais Nicholai vagabundeava pelas ruas, encontraram novas, se bem que sinistras, brincadeiras, subindo nas ruínas dos edifícios em buscas desesperadas de abrigo contra ataques aéreos que inventavam, ou se digladiando contra jatos de água que irrompiam das adutoras

de água arrebentadas.

Apenas uma vez Nicholai se viu cara a cara com a morte. Estava com outros moleques de rua no bairro das grandes lojas de departamento, a Wing On e a Sincere, quando um dos comuns bombardeios "errados" feitos pelos chineses escolheu como alvo a densamente populada Estrada de Nanquim. Era hora de almoço e a Sincere estava lotada quando foi atingida em cheio e uma das alas da Wing On desmoronou. Tetos decorados desabaram sobre os rostos de pessoas que, em pânico, olhavam para cima. Os ocupantes de um elevador repleto gritaram em uníssono quando o cabo arrebentou e o carro esborrachou-se no poço. Uma velha senhora que olhava para uma vitrine que explodiu teve toda a parte da frente do corpo estripada enquanto, vista de trás, parecia não ter sofrido nada. Os velhos, os aleijados e as crianças foram pisoteados pela multidão que fugia, passando por cima de tudo o que encontrasse pela frente. O garoto que estivera de pé ao lado de Nicholai, emitiu um gemido e caiu sentado no meio da rua. Estava morto; um estilhaço de pedra atravessara seu peito. Em meio ao estrondo das bombas e ao inferno de paredes desmoronando, ouvia-se um grito agudo que partia de milhares de gargantas. Uma compradora estupefata lamuriava-se entre pedaços de vidro que tinham sido um balcão de loja. Era uma jovem muito atraente, vestida de acordo com a moda ocidental de Xangai, um vestido de seda verde que ia até os tornozelos, mas que tinha uma abertura que subia até seus joelhos e um colarinho alto e duro que envolvia seu bem torneado pescoço cor de porcelana. A palidez extrema do seu rosto podia ser em razão do pó de arroz muito claro, tão em voga entre as filhas dos ricos comerciantes chineses. Mas não era. Ela estava procurando a estatueta de marfim que estivera examinando no momento em que a bomba caíra. A peça desaparecera, junto com a mão que a segurava. Nicholai fugiu.

Um quarto de hora depois, estava sentado num monte de entulho num bairro muito quieto, onde semanas de bombardeio tinham deixado pilhas de cápsulas de obuses. Soluços secos sacudiam seu corpo e queimavam seus pulmões, mas ele não chorou; nenhuma lágrima desenhou um caminho pelo seu rosto coberto de poeira. Mentalmente, repetia incessantemente: — Bombardeiros Northrop. Bombardeiros americanos.

Quando, finalmente, os soldados chineses foram expulsos e suas barricadas destruídas, milhares de civis abandonaram a cidade de pesadelo com seus edifícios arrasados, em cujas paredes internas se podia ver o desenho quadriculado de apartamentos que não existiam mais. Em meio ao monte de

entulhos havia um calendário rasgado com uma data circundada, a fotografia chamuscada de uma garota, e uma nota deixada por um suicida dentro de um envelope, junto com um bilhete de loteria.

Por ironia do destino, o Bund, monumento ao imperialismo estrangeiro, estava relativamente preservado. Suas vitrines vazias espelhavam a desolação da cidade que os *taipans* tinham criado, exaurido e depois abandonado.

Quando as tropas japonesas de ocupação desfilaram pela primeira vez na cidade conquistada, Nicholai estava entre os garotos de camisolão azul que se aglomeravam nas calçadas para assistir à parada. Fotógrafos e cinegrafistas que acompanhavam os correspondentes de guerra tinham distribuído guloseimas em bastão e pequenas bandeirolas com o sol nascente, ordenando às crianças que as agitassem enquanto eles documentavam o tremendo entusiasmo que elas sentiam. Um jovem oficial organizava o evento, aumentando ainda mais a confusão com suas ordens berradas num chinês carregado por forte sotaque. Sem saber o que fazer com aquele moleque de cabelos loiros e olhos verdes, ele mandou que Nicholai se afastasse da multidão.

Nicholai nunca vira soldados como aqueles, duros e eficientes, mas certamente não muito bons em desfiles. Não marchavam com a sincronização perfeita, quase robótica, dos alemães e dos ingleses; passavam em fileiras bem demarcadas mas sem alinhamento, marchando desengonçados atrás de oficiais jovens e muito sérios, com fartos bigodes e espadas cômicamente compridas.

Apesar do fato de que muito poucas habitações nas áreas residenciais estavam intactas quando os japoneses entraram na cidade, Alexandra Ivanovna ficou surpresa e aborrecida quando um carro oficial, com bandeirinhas tremulando nos pára-lamas, chegou à sua porta e um suboficial anunciou, num francês arranhado, que o General Kishikawa Takashi, governador de Xangai, se hospedaria na casa dela. No entanto, seu vivido sentido de autopre-servação alertou-a de que poderiam advir certas vantagens caso ela cultivasse relações de amizade com o General, especialmente numa época em que tantas das boas coisas da vida estavam em falta. Nem por um momento passou pela cabeça dela a possibilidade de que este General não engrossasse, automaticamente, a lista de seus admiradores.

Estava enganada. O General conseguiu arrumar um pouco de tempo, na sua agenda apertada, para explicar a ela, num francês impecável mas com curioso sotaque, que ele lamentava qualquer inconveniente que as necessidades da guerra poderiam causar a ela. Mas deixou bastante claro que era ela quem era a hóspede na casa dele, e não ele na dela. Mantendo sempre um comportamento

correto em relação a ela, o General estava por demais ocupado com seu trabalho e não tinha tempo a perder com flertes. A princípio, Alexandra Ivanovna ficou intrigada, depois aborrecida, e finalmente, perplexa com a indiferença educada daquele homem, reação que nunca provocara em nenhum homem digno deste nome. Por sua vez, ele a achava interessante, mas desnecessária. E não se mostrou particularmente impressionado com a linhagem dela, um passado que, ainda que relutantemente, assombrara até mesmo as mais arrogantes mulheres de Xangai. Lastreado em milhares de anos de ascendência samurai, ele considerava a linhagem dela nada mais do que uma chefia bárbara que durara míseros duzentos anos.

Por uma questão de delicadeza, no entanto, ele organizava jantares semanais, servidos à moda ocidental. Nestas ocasiões, pelas conversas descompromissadas que mantinham, ele aprendeu muita coisa sobre a Condessa e seu fechado e introspectivo filho, enquanto estes pouco descobriram sobre o General. Ele tinha pouco menos de sessenta anos — muito jovem para um general japonês — era viúvo e tinha uma filha morando em Tóquio. Mesmo sendo profundamente patriota, no sentido de que amava os aspectos físicos do seu país — os lagos, as montanhas, os vales cobertos de bruma — ele nunca encarava sua carreira militar como uma forma de realizar plenamente sua personalidade. Quando jovem, sonhara ser escritor, embora no fundo do seu coração sempre soubera que a tradição da sua família acabaria levando-o para a carreira militar. Seu orgulho pessoal e sua dedicação ao dever fizeram dele um oficial administrativo trabalhador e consciencioso mas, mesmo tendo passado mais de metade da vida no exército, sua maneira de pensar ainda o fazia encarar a carreira militar como uma ocupação secundária. Era com sua mente, e não com seu coração; com seu tempo e não com paixão, que ele trabalhava.

Como conseqüência do esforço sem medida que mantinha o General no seu escritório na Bund do alvorecer até a meia-noite, a cidade começou a se recuperar. Os serviços públicos foram restabelecidos, as fábricas voltaram a funcionar e os camponeses chineses, aos poucos, começaram a voltar para a cidade. A vida, e conseqüentemente o barulho, voltaram a encher as ruas e, de vez em quando, ouvia-se até mesmo uma risada. Embora não sendo boas, se comparadas a qualquer padrão civilizado, as condições de vida do trabalhador chinês eram certamente superiores às que tinham encarado durante a ocupação européia. Havia empregos, água limpa, serviços sanitários básicos e um atendimento de saúde rudimentar. A profissão de mendigo fora banida, mas a prostituição, é lógico, medrou, e aconteceram muitos casos de alguma brutalidade, pois Xangai era uma cidade ocupada e soldados são homens cuja

bestialidade está sempre à flor da pele.

Quando a saúde do General Kishikawa começou a se ressentir da enorme carga de trabalho, ele começou a praticar uma rotina um pouco mais saudável e começou a chegar todos os dias na sua casa da Avenue Joffre à hora do jantar.

Certa noite, após a refeição, o General mencionou de passagem sua afeição pelo jogo de Go. Nicholai, que raramente falava, a não ser dando curtas respostas a perguntas diretas, confessou que também gostava do jogo. O General ficou agradavelmente surpreso ao notar que o garoto dissera aquilo em japonês fluente. Riu ao ouvir a explicação de Nicholai, que alegava estar aprendendo a língua em livros didáticos com a ajuda do próprio ordenança do General.

— Você fala muito bem para quem só começou a aprender há seis meses — comentou o General.

— É a quinta língua que eu aprendo, senhor. Matematicamente, todas as línguas são similares. Cada nova língua é mais fácil de aprender que a anterior. Além disso — o garoto deu de ombros — tenho facilidade com os idiomas.

Kishikawa-san ficou bem impressionado com a maneira como Nicholai dissera aquilo, sem se vangloriar nem usar a modéstia inglesa, usando o mesmo tom que usaria para explicar que era canhoto, ou que tinha olhos verdes. Mas, ao mesmo tempo, o General não pôde conter um sorriso quando percebeu que o menino, evidentemente, ensaiara sua primeira frase, uma vez que, apesar de dita corretamente, suas declarações posteriores revelavam erros de linguagem e pronúncia. O General não deixou entrever que se divertia com tudo aquilo, sabedor de que Nicholai estava numa idade em que as pessoas se levavam muito a sério e se ofendiam com facilidade.

— Se você quiser, eu posso ajudar com o seu japonês — disse Kishikawa-san. — Mas antes vamos ver se você é um bom jogador de Go. Nicholai recebeu quatro peças de vantagem e eles combinaram jogar uma partida rápida, com tempo determinado, pois o General tinha uma agenda lotada no dia seguinte. Em pouco tempo, estavam completamente absorvidos no jogo e Alexandra Ivanovna, que não via muito sentido em reuniões sociais das quais ela não fosse o centro das atenções, queixou-se de uma certa tontura e retirou-se.

O General ganhou, mas não com a facilidade que esperara. Como era ura diletante talentoso, capaz de dar trabalho, com pequenos handicaps, mesmo a profissionais, ficou muito impressionado pelo estilo peculiar de jogo de Nicholai.

— Há quanto tempo você joga Go? — perguntou ele, falando em francês

para poupar a Nicholai o esforço de ter que se expressar numa língua estrangeira.

— Ah, acho que faz uns quatro ou cinco anos, senhor.

O General franziu o cenho. — Cinco anos? Mas... quantos anos você tem?

— Treze, senhor. Sei que pareço mais jovem do que sou. É típico da minha família.

Kishikawa-san assentiu e sorriu para si mesmo ao pensar em Alexandra Ivanovna que, quando preenchera seus próprios documentos de identidade para a Autoridade de Ocupação, se aproveitara desta "tipicidade familiar" anotando, com o devido espalhafato, uma data de nascimento que sugeria ter sido ela amante, aos onze anos, de um general do exército branco e de ter dado à luz a Nicholai quando ainda era adolescente. O serviço secreto do General já tinha, há tempos, colocado-o a par dos fatos concernentes à vida da Condessa, mas ele resolveu deixar passar em branco este pequeno gesto de coqueteria, lembrando-se especialmente do que sabia sobre sua desafortunada ficha médica.

— Mas, mesmo para uma pessoa de treze anos, você jogou de forma excelente, Nikko. — Durante o transcorrer da partida, o General criara aquele apelido que lhe permitia evitar a difícil pronúncia do complicado *"l"*. Dali em diante, e por toda a vida, foi assim que chamou Nicholai. — Suponho que você não tenha tido nenhum aprendizado formal.

— Não, senhor. Nunca tive nenhum professor. Tudo o que sei, aprendi nos livros.

— Mesmo? Isso é inédito.

— Talvez seja, senhor. Acontece que eu sou muito inteligente.

Por um momento, o General ficou examinando a expressão impassível do garoto, seus olhos cor de absinto devolvendo com franqueza o olhar do General. — Me diz uma coisa, Nikko. Por que você resolveu estudar Go? É um jogo que praticamente só os japoneses jogam. Certamente, nenhum dos seus amiguinhos sabe jogar. Eles provavelmente nunca nem ouviram falar dele.

— É exatamente por isso que eu escolhi o Go, senhor.

— Entendo. — Que garoto estranho! Ao mesmo tempo vulneravelmente honesto e arrogante. — E os seus estudos fizeram com que você entendesse que qualidades são necessárias para ser um grande jogador?

Nicholai pensou um pouco antes de responder: — Bem, é claro que a pessoa tem de saber se concentrar. E ter coragem. Autocontrole. Isto está na cara. Mas, mais importante que tudo isto, o jogador tem de ter... não sei como

dizer. Tem de ser, ao mesmo tempo, um matemático e um poeta. Como se a poesia fosse uma ciência; ou a matemática uma arte. Para jogar bem, a pessoa tem de ter um senso estético apurado. Acho que não estou conseguindo me explicar muito bem, senhor. Me desculpe.

— Bem ao contrário. Você está indo muito bem na sua tentativa de exprimir o inexprimível. De todas essas qualidades que você enumerou, Nikko, qual é a que você acha que é o seu ponto forte?

— Sou um bom matemático, senhor. E tenho boa capacidade de concentração e autocontrole.

— E suas fraquezas?

— Não sou muito bom no que eu chamo de poesia.

O General franziu a testa e afastou o olhar do garoto. Era surpreendente que ele se conhecesse tão bem. Na idade que tinha, não se esperava que conseguisse ter uma visão tão clara de si mesmo e se expressasse com tanto detalhamento. Era de se esperar que Nikko percebesse a necessidade de ter certas qualidades ocidentais para jogar Go bem, qualidades como concentração, autocontrole e coragem. Mas descobrir que também era preciso ter qualidades de receptividade e sensibilidade, o que ele chamava de poesia, aquilo saía da lógica linear que norteava a força da mente ocidental... e sua limitação. Mas afinal, considerando que Nicholai nascera com o melhor sangue da Europa, mas crescera numa China em época tormentosa, será que poderia mesmo ser considerado um ocidental? Certamente, também não era oriental. Não pertencia a nenhuma cultura racial. Ou seria melhor defini-lo como o único integrante da sua própria cultura racial?

— O senhor tem a mesma fraqueza que eu, senhor. — Os olhos de Nicholai deixavam vazar seu senso de humor. — Nós dois não somos muito bons no que eu chamo de poesia.

Surpreso, o General arregalou os olhos. — Ah, é?

— Sim, senhor. O meu jogo se ressente muito desta qualidade. Já o do senhor peca pelo excesso dela. Três vezes, durante a partida, o senhor diminuiu a força do seu ataque. Escolheu fazer a jogada mais elegante, mas não a mais eficiente.

Kishikawa-san deu uma risadinha: — Como é que você sabe que eu não estava dando uma colher de chá por causa da sua idade e por que você ainda é um novato?

— Isso teria sido uma coisa arrogante e indelicada, e eu não acredito que o senhor seja este tipo de pessoa. — Os olhos de Nicholai voltaram a sorrir. — Eu

lamento, senhor, mas a língua francesa não possui um jargão específico para o trato com pessoas hierarquicamente superiores, o que faz com que o meu modo de falar possa parecer rude e insubordinado.

— Parece mesmo, um pouco. Para dizer a verdade, eu estava pensando justamente nisso.

— Me desculpe, senhor.

O General assentiu de cabeça. — Imagino que você saiba jogar o xadrez ocidental.

Nicholai deu de ombros. —— Um pouquinho. Mas o jogo não me interessa.

— Como você o compararia ao Go?

Nicholai pensou um pouco. — Bem... o que o Go é para os filósofos e guerreiros, o xadrez é para os contadores e comerciantes.

— Ah! O velho radicalismo da juventude. Seria mais delicado, Nikko, dizer que o Go apela para o que qualquer homem tem de filósofo e o xadrez para o que ele tem de comerciante.

Mas Nicholai não cedeu. — Sim, senhor, isso seria mais delicado. Mas menos verdadeiro.

O General levantou-se da poltrona, deixando para Nicholai o trabalho de guardar as peças do jogo. — É tarde e eu preciso dormir. Se você quiser, um dia desses, vamos jogar uma outra partida.

— Senhor? — chamou Nicholai, quando o General já estava na porta.

— Sim?

Nicholai manteve os olhos baixos, protegendo-se da possibilidade de uma rejeição. — Nós vamos ser amigos, senhor?

O General pensou na pergunta com a mesma gravidade com que ela fora feita. — Pode ser, Nikko. Vamos dar tempo ao tempo.

Foi naquela mesma noite que Alexandra Ivanovna, chegando finalmente à conclusão de que o General Kishikawa não era feito da mesma matéria dos homens que ela conhecera no passado, veio bater na porta do quarto dele.

Durante o próximo ano e meio, eles viveram como uma família. Alexandra Ivanovna ficou mais submissa, mais contente, talvez um pouco mais gordinha. O

que perdera em efervescência, ela ganhara em uma espécie de calma atraente, o que fez com que, pela primeira vez na vida, Nicholai passasse a gostar dela. Sem nenhuma pressa, Nicholai e o General estabeleceram um relacionamento ao mesmo tempo profundo e comedido. Um deles nunca tivera um pai; o outro, um filho. Kishikawa-san era o tipo de homem que gostava do desafio de educar e moldar um jovem inteligente e sagaz, mesmo que, de vez em quando, o garoto tivesse opiniões muito ousadas e fosse muito confiante nas próprias habilidades.

Alexandra Ivanovna encontrou amparo emocional na personalidade forte e educada do General. Ele descobriu divertimento e emoção nos rasgos de temperamento e espirituosidade dela. Entre o General e a mãe — polidez, generosidade, delicadeza, e prazer físico. Entre o General e o garoto — confiança, honestidade, naturalidade, afeição e respeito.

Então, certa vez, depois do jantar, Alexandra Ivanovna, como sempre, brincou com os pequenos inconvenientes que seus desmaios lhe causavam e foi mais cedo para a cama... onde morreu.

E agora, o céu lá fora estava escuro no leste e púrpura sobre a China. Na cidade flutuante, as lanternas cor de laranja e amarelas balançavam ao vento enquanto as pessoas faziam as camas nos conveses inclinados das sampanas adernadas sobre a lama. O ar tinha refrescado nas planícies escuras do interior da China e as brisas vindas do mar não mais sopravam sobre a terra. As cortinas já não esvoaçavam dentro da sala no momento em que o General equilibra sua peça sobre a unha do dedo indicador, sua mente divagando, distante do tabuleiro à sua frente.

Dois meses se passaram desde a morte de Alexandra Ivanovna e o General recebeu ordens de transferência. Não podia levar Nicholai com ele, mas também não queria deixá-lo em Xangai, onde não tinha amigos e onde, em função da falta de uma cidadania normal, o garoto não teria nem mesmo os mais rudimentares direitos de proteção diplomática. Portanto, resolvera mandar Nicholai para o Japão.

O General estuda, no rosto anguloso do garoto, a expressão refinada da mãe, expressa com linhas menos marcantes. Onde este jovem encontraria amigos? Onde encontraria solo condizente com suas raízes, este rapaz que fala seis línguas e pensa em cinco, mas que não tem a menor educação prática? Haveria um lugar no mundo para ele?

— Senhor?

— Sim? Ah... você já jogou, Nikko?

— Há algum tempo, senhor.

— Ah, sei. Me desculpe. E você se importa de me dizer qual foi a jogada?

Nicholai apontou para a peça colocada e Kishikawa-san franziu o cenho porque o lance inesperado tinha jeito de um *tenuki.* Concentrou sua atenção dispersa e estudou cuidadosamente o tabuleiro, examinando mentalmente as conseqüências de cada posição em que poderia colocar sua próxima peça. Quando levantou a vista, deu de cara com a expressão aliviada dos olhos verdes e risonhos de Nicholai. A partida poderia continuar por muitas horas até que se chegasse ao final. Mas a vitória de Nicholai já era inevitável. Pela primeira vez.

O General ficou olhando apreciativamente para Nicholai por alguns segundos, e depois riu gostosamente. — Você é um demônio, Nikko.

— Isso é verdade, senhor — admitiu Nicholai, tremendamente satisfeito consigo mesmo. — O senhor estava distraído.

— E você se aproveitou disso?

— Mas claro.

O General começou a recolher suas peças e colocá-las no Go *Ke* . — Sei — disse a si mesmo. — É claro. — Então, soltou uma nova gargalhada. — O que você acha de uma xícara de chá, Nikko? — O maior vício de Kishikawa-san era tomar chá forte e amargo a qualquer hora do dia, ou da noite. Na linguagem codificada do relacionamento afetuoso, mas contido dos dois, a oferta de uma xícara de chá era um convite para uma conversa. Enquanto o ordenança do General preparava o chá, eles saíram para a varanda, na noite fria, ambos usando *yukatas.*

Após um silêncio no qual os olhos do General percorreram a cidade — onde uma luz ocasional, brilhando na antiga cidade murada, indicava que alguém estava bebendo, estudando, morrendo ou vendendo o próprio corpo — ele perguntou a Nicholai, aparentemente sem propósito definido — Você nunca pensa sobre a guerra?

— Não, senhor. Não tem nada a ver comigo.

O egoísmo da juventude. O confiante egoísmo de um jovem que crescera sabendo ser o último e o mais apurado de uma linhagem de estirpe selecionada que tinha suas origens num tempo muito anterior à época em que funileiros viravam Henry Fords, cambistas viravam Rothschilds e mercadores viravam Medicis.

— Eu temo, Nikko, que a nossa pequena guerra vai acabar atingindo você. — E, partindo daí, o General contou a Nicholai sobre as ordens que recebera, transferindo-o para a frente de combate e sobre sua idéia de mandar Nicholai para o Japão, onde poderia morar na casa de um famoso jogador e professor de Go.

— ... meu amigo mais antigo e querido, Otake-san, do qual você já deve ter ouvido falar como o Otake do sétimo *dan.*

Nicholai realmente conhecia o nome. Tinha lido os lúcidos comentários de Otake-san sobre o meio-jogo.

— Eu já combinei tudo para você morar com o Otake, a família dele, e com os outros alunos da escola dele. É uma grande honra, Nikko.

— Eu sei disso, senhor. E estou muito ansioso para estudar com o Otake-san. Mas será que ele vai se submeter à humilhação de dar aulas para um amador?

O General deu uma risadinha. — O meu amigo não é do tipo que liga para humilhação. Ah! Nosso chá está pronto.

O ordenança retirara o *ban* do Go da *kaya* e colocara no lugar uma mesinha baixa com o jogo de chá. O General e Nicholai voltaram para suas almofadas. Depois da primeira xícara, o general se recostou e disse, em tom sério: — Descobrimos que, no final das contas, sua mãe tinha muito pouco dinheiro. Os investimentos dela estavam espalhados em pequenas empresas locais e muitas delas faliram nas vésperas da nossa ocupação. Os donos das companhias simplesmente voltaram para a Inglaterra, levando todo o capital nos bolsos. Pelo jeito, segundo o ponto de vista ocidental, a grande crise moral que uma guerra acarreta torna irrelevante certas considerações éticas. Sobrou esta casa... e pouca coisa mais. Eu já tomei providências para vender a casa. O dinheiro servirá para sua manutenção e instrução no Japão.

— Como o senhor quiser, senhor.

— Ótimo. Me diz uma coisa, Nikko. Você vai sentir saudades de Xangai?

Nicholai pensou um segundo: — Não.

— E acha que vai se sentir solitário no Japão? Nicholai pensou um segundo: — Sim.

— Eu vou te escrever.

— Muitas vezes?

— Não. Não vai dar. Uma vez por mês. Mas você tem que me escrever

sempre que sentir vontade. Talvez você não se sinta tão sozinho quanto está pensando. Existem outros jovens estudando com o Otake-san. E se você tiver dúvidas, idéias, perguntas, vai descobrir que o Otake-san é uma ótima pessoa para discutir qualquer coisa com você. Vai ouvir tudo o que você tiver para dizer e não vai te encher com conselhos. — O General sorriu. — Só que, às vezes, pode ser que você ache meio esquisita a maneira de se expressar do meu amigo. Ele fala sobre qualquer assunto como se fosse um jogo de Go. Para ele, toda nossa vida não passa de um paradigma simplificado do Go.

— Pelo jeito, eu vou gostar dele, senhor.

— Tenho certeza que sim. Eu tenho o maior respeito por ele. Ele tem uma qualidade... como é que eu posso te explicar?... de *shibumi.*

— *Shibumi*, senhor? — Nicholai conhecia a palavra, mas somente quando aplicada a jardins ou arquitetura, quando queria significar uma beleza atenuada. — Em que sentido, senhor?

— Ah, é muito vago. E acho que incorreto. Uma tentativa infeliz de descrever uma qualidade inefável. Como você sabe, *shibumi* tenta definir um grande refinamento oculto sob uma aparência corriqueira. E uma definição, uma declaração tão correta que não precisa ser ousada, tão plangente que não precisa ser bonita, tão verdadeira que não precisa ser real. *Shibumi* tem mais a ver com entender do que com conhecer. Um silêncio eloqüente. Em termos de comportamento, é agir com modéstia sem prudência. Na arte, onde o espírito do *shibumi* assume a forma de *sabi,* significa simplicidade elegante, uma brevidade articulada. No campo da filosofia, onde *shibumi* emerge como *wabi,* é uma tranqüilidade espiritual não passiva; o ser sem a angústia do vir-a-ser. E, na personalidade de um homem, é... como dizer? Autoridade sem dominação? Alguma coisa assim.

A imaginação de Nicholai estava galvanizada pelo conceito de *shibumi.* Nenhum outro conceito ideal jamais o afetara tão profundamente. — E como é que uma pessoa atinge este *shibumi*, senhor?

— Não se atinge o *shibumi...* descobre-se. E só uns poucos homens, extremamente refinados, conseguem esta proeza. Homens como o meu amigo Otake-san.

— O que quer dizer que a pessoa tem muito a aprender para chegar ao *shibumi?*

— Acho que não é bem assim. A pessoa tem de superar a sabedoria para chegar à simplicidade.

Daquele momento em diante, o principal objetivo de vida de Nicholai passou a ser conseguir ser um homem de *shibumi;* uma personalidade de calma inabalável. Era uma vocação viável para ele enquanto que, por razões de nascimento, educação e temperamento, a maioria das vocações lhe estava vedada. No caminho para o *shibumi,* ele poderia se sobressair de forma invisível, sem atrair a atenção e a vingança das massas tirânicas.

Kishikawa-san tirou de baixo da mesinha de chá uma caixinha de sândalo envolta num pedaço de tecido e colocou-a nas mãos de Nicholai. — Este é um presente de despedida, Nikko. Uma pequena lembrança.

Nicholai inclinou a cabeça num gesto de aceitação e segurou o pacote com grande ternura; não tentou expressar seu agradecimento com palavras inadequadas. Este foi seu primeiro ato consciente de *shibumi.*

Embora tivessem conversado até altas horas, na última noite que passaram juntos, sobre o que *shibumi* significava ou poderia significar, no fundo deles mesmos, um não entendia o outro. Para o General, *shibumi* era uma espécie de submissão; para Nicholai uma espécie de poder.

Ambos estavam presos às suas respectivas gerações.

Nicholai zarpou para o Japão num navio que transportava soldados feridos em licença para visitar suas famílias, ou para serem condecorados, hospitalizados, ou para passar o resto da vida carregando o fardo de uma mutilação. A lama amarela do Yangtze acompanhou a embarcação por milhas mar adentro, e não foi antes da água começar a mudar de caqui para um azul acinzentado que Nicholai desembrulhou o tecido que envolvia o presente de despedida de Kishikawa-san. Dentro de uma frágil caixinha de sândalo, enrolados num papel de excelente qualidade para protegê-los de qualquer dano, havia dois Go *ke* de laca negra com trabalhos em prata, feitos segundo o processo Heidatsu. Nas tampas das vasilhas, havia desenhos que lembravam casas de chá envoltas em brumas, localizadas nas margens de lagos desertos. Numa das vasilhas estavam as peças negras de Nichi, feitas em Kishiu. Na outra, as peças brancas de conchas de Miyazaki... lustrosas, espantosamente frescas ao toque dos dedos, em qualquer temperatura.

Ninguém que estivesse observando o jovem frágil, encostado na amurada do cargueiro enferrujado, seus olhos verdes abaixados, observando o encrespar e o balançar das ondas do mar enquanto pensava nos dois presentes que o General lhe dera — os Go *ke* e o objetivo único de sua vida, o *shibumi* — poderia imaginar que ele estava destinado a se tornar o assassino profissional mais bem pago do mundo.

Washington

O Primeiro Assistente recostou-se na poltrona, afastando-se do seu console de controle e, soltando um longo suspiro, levantou os óculos para a testa enquanto esfregava de leve as pequenas pintas vermelhas do nariz. —Não vai ser nada fácil conseguir tirar informações confiáveis do Gorduchinho, senhor. Cada fonte que eu acesso me traz informações conflitantes, ou contraditórias. O senhor tem certeza de que ele nasceu em Xangai?

— Uma certeza razoável.

— Bem, não encontro nada a este respeito. Cronologicamente, a primeira informação me diz que ele estava morando no Japão.

— Está bem. Então, comece daí, porra!

O Primeiro Assistente sentiu que tinha de se defender da irritação que havia na voz do sr. Diamond. — Não é tão simples assim, senhor. Veja só um exemplo do tipo de maluquice que eu estou conseguindo. No item das "línguas faladas", eu tenho russo, francês, chinês, alemão, inglês, japonês e basco. *Basco?* Isto não pode estar certo, pode?

— Pode e *está.*

— Mas basco? Por que alguém iria se interessar em aprender basco?

— Eu sei lá! Ele estudou a língua quando esteve preso.

— Preso, senhor?

— Você vai acabar descobrindo isto mais tarde. Ele cumpriu três anos numa solitária.

— O senhor... o senhor parece estar muito bem informado sobre ele, senhor.

— Há anos que eu acompanho a vida dele.

O Primeiro Assistente pensou em perguntar por que esse tal Nicholai Hel merecia tanta atenção, mas achou melhor conter sua curiosidade. — Muito bem, senhor. Então ele estudou basco. Mas e agora, o que o senhor me diz sobre isto? Nossa primeira informação mais precisa vem da época imediatamente posterior à guerra quando parece que ele trabalhou para as forças de ocupação como criptógrafo e tradutor. Muito bem, presumindo que ele tenha saído de Xangai

quando imaginamos que tenha saído, temos um lapso de seis anos. O único dado que o Gorduchinho me dá sobre este período não faz o menor sentido. Pelo que parece, ele passou estes seis anos estudando uma espécie de jogo. Um negócio chamado Go — seja lá o que for esse troço!

— Acho que é isso mesmo.

— Como pode ser? O sujeito passou toda a Segunda Guerra Mundial estudando um jogo de tabuleiro! — O Primeiro Assistente balançou a cabeça. Nem ele nem o Gorduchinho se sentiam à vontade com informações que não seguiam uma sólida lógica linear. E não era nada lógico que um assassino internacional, identificado por um cartão lilás, tivesse passado cinco ou seis anos (Meu Deus! Eles nem ao menos tinham certeza do número de anos!) aprendendo a jogar um joguinho idiota!

Japão

Por quase cinco anos, Nicholai viveu na casa de Otake-san como aluno e membro da família. Otake do Sétimo *Dan* era um homem de dupla personalidade; competindo, era astucioso, frio, conhecido por sua implacável exploração das falhas do jogo, ou da estreiteza mental do seu oponente. Mas, no lar — uma casa que não parava de crescer e era bastante desorganizada com a convivência da sua mulher, seu pai, três filhos e nunca menos de seis alunos — Otake-san era paternal, generoso, sempre disposto a bancar o palhaço para divertimento dos filhos e alunos. O dinheiro nunca estava sobrando, mas eles moravam numa pequena aldeia nas montanhas onde não havia muitas distrações dispendiosas, então este não era um grande problema. Quando tinham menos, gastavam menos; quando tinham mais, gastavam a rodo.

Nenhum dos filhos de Otake-san tinha talento especial para jogar Go. E, entre seus alunos, apenas Nicholai possuía o raro conjunto de talentos que faz um jogador de alto nível: um dom para conceber rapidamente possibilidades esquemáticas abstratas; um sentido poético-matemático sob cuja luz o infinito caos de probabilidades e permutações cristaliza-se, submetido à sua intensa concentração, em padrões geométricos fixos; sua força impiedosamente focada sobre a mais sutil das fraquezas do oponente.

Com o tempo, Otake-san descobriu uma outra qualidade em Nicholai que fazia o seu jogo ainda mais forte: nos momentos mais tensos da partida, Nicholai era capaz de repousar tranqüilamente por um breve período de tempo, voltando depois ao jogo com a mente renovada.

Foi Otake-san quem primeiro percebeu que Nicholai era um místico.

Como a maioria dos místicos, Nicholai não se dava conta de seu dom e, no princípio, não acreditava que as outras pessoas fossem incapazes de ter experiências como as suas. Para ele, a vida sem um transporte místico era inimaginável e ele não tinha muita pena daqueles que viviam sem estes momentos, já que os considerava pessoas de uma espécie totalmente diversa da sua.

O misticismo de Nicholai ficou evidente num final de tarde, quando jogava uma partida-treino com Otake-san, um jogo muito planejado e clássico, no qual

apenas vagas nuances distinguiam as jogadas dos lances descritos nos manuais de Go. Em determinado momento, na terceira hora da partida, Nicholai sentiu os portais do descanso e ensimesmamento se abrirem para ele e deixou-se levar. Pouco depois, a sensação se dissolveu e Nicholai ficou calmamente sentado, plenamente descansado e imóvel, se perguntando por que razão seu mestre demorava tanto para fazer uma jogada que lhe parecia óbvia. Quando ergueu a vista, ficou surpreso ao notar que os olhos de Otake-san estavam cravados nele e não no tabuleiro.

— Alguma coisa errada, Mestre? Será que eu cometi um erro?

Otake-san examinou atentamente a expressão de Nicholai. — Não, Nikko. Suas últimas duas jogadas não foram especialmente brilhantes, mas também não foram equivocadas. Mas... como você consegue jogar e pensar na morte do bezerro ao mesmo tempo?

— Pensar na morte do bezerro? Mas eu não estava sonhando.

— Ah, não? Seus olhos estavam opacos e sua expressão completamente vazia. Para dizer a verdade, você fez os seus últimos lances sem nem olhar para o tabuleiro. Você colocou as peças, mas seu olhar estava perdido no jardim.

Nicholai sorriu e assentiu. Agora, ele entendia. — Ah, entendi. O que acontece é que eu estava voltando do meu descanso. Então, é claro que eu não precisava olhar para o tabuleiro.

— Você poderia me explicar, por favor, por que você não precisava olhar para o tabuleiro?

— Eu... bem... eu estava descansando. — Nicholai percebia que Otake-san não estava entendendo, e isto o deixava confuso, já que ele presumia que todas as pessoas tivessem experiências místicas.

Otake-san recostou-se e pegou outra das pastilhas de hortelã, que ele chupava habitualmente, para aliviar as dores de estômago causadas por anos de forte autocontrole sob a pressão de jogos profissionais. — Então me diga o que você quer dizer quando alega que estava descansando.

— Acho que a palavra não é bem "descansando", Mestre. Mas não encontro nenhuma melhor. Nunca ouvi ninguém dar um nome para isto. Mas o senhor deve conhecer a sensação que eu estou tentando explicar. Partir sem sair do lugar. Uma... o senhor sabe... flutuação para dentro de todas as coisas e... o entendimento de todas as coisas. — Nicholai estava pouco à vontade. A experiência era tão simples e básica que ficava difícil explicar. Era como se o mestre lhe tivesse pedido para explicar a respiração, ou o perfume das flores.

Nicholai estava certo de que Otake-san sabia exatamente do que ele estava falando; afinal de contas, ele só tinha que se lembrar dos seus próprios períodos de descanso. Então, por que estava fazendo todas aquelas perguntas?

Otake-san estendeu a mão e pegou no braço de Nicholai. — Eu sei, Nikko, que isso é difícil para você explicar. E acho que entendo um pouquinho o que você sente — não porque eu tenha passado pela mesma experiência, mas porque li sobre o assunto, já que ele sempre me interessou. É o que se chama de misticismo.

Nicholai não pôde conter o riso. — Misticismo! Mas, francamente, Mestre...

— Você já falou com alguém sobre esse... como é que você disse?... 'partir sem sair do lugar'?

— Bem... não. Por que alguém falaria sobre isto?

— Nem mesmo com o seu grande amigo Kishikawa-san?

— Não, Mestre. O assunto nunca surgiu. Eu não entendo por que o senhor está me fazendo todas essas perguntas. Estou confuso. E começando a ficar meio envergonhado.

Otake-san fez uma leve pressão no seu braço. — Não, nada disso. Não se sinta envergonhado. Nem fique com medo. Veja, Nikko, o que você sente... o que você chama de "descansar"... não é uma coisa muito comum. Poucas pessoas passam por essas experiências, a não ser de maneira muito vaga e parcial, quando ainda são muito jovens. Este tipo de experiência é o que os homens santos tentam atingir através da disciplina e da meditação, e os homens tolos por meio das drogas. Em todas as épocas e em todas as culturas, alguns poucos afortunados conseguiram alcançar esse estado de calma e Identificação com a natureza (uso estas palavras para descrever a experiência porque foram as que eu encontrei nas minhas leituras) sem que tivessem que se submeter a uma rígida disciplina. É evidente que isso vem a eles da maneira mais natural, mais simples. Essas pessoas são o que chamamos de místicos. Não é um bom nome porque carrega uma conotação religiosa e mágica. Para dizer a verdade, todas as palavras usadas para descrever essa experiência são um pouco artificiais. O que você chama de "descanso" outras pessoas chamam de "êxtase".

Ao escutar a palavra, Nicholai fez uma careta. Como a coisa mais real do mundo pode ser chamada de misticismo? Como a emoção mais tranqüila pode ser chamada de êxtase?

— Você vira a cara para a palavra, Nikko. Mas certamente a experiência é

muito agradável, não é?

— Agradável? Nunca pensei nela desse ponto de vista. Ela é... necessária.

— Necessária?

— Bem, como alguém poderia viver dia após dia sem um período de descanso?

Otake-san sorriu. — Alguns de nós somos obrigados a lutar o tempo todo, sem esse tipo de trégua.

— Desculpe-me, Mestre, mas eu não posso nem imaginar uma vida assim. Qual seria o sentido de levar uma vida desse jeito?

Otake-san assentiu. Ele já descobrira, em suas leituras, que os místicos revelavam uma extrema dificuldade em entender as pessoas que não tinham dons como os seus. Sentiu-se um pouco desconfortável quando se lembrou que no momento em que os místicos perdem seus dons — e a maioria deles perde algum dia — eles entram em pânico e depressão. Alguns recorrem à religião na tentativa de redescobrir a experiência por meio da técnica de meditação. Alguns chegam até mesmo a cometer suicídio de tão sem sentido que lhes parece a vida sem o transporte místico.

— Nikko, eu sempre tive uma grande curiosidade sobre o misticismo, então espero que você me permita fazer algumas perguntas sobre esse tal "descanso "de que você fala. Nos livros que li, os místicos que relatam seus transportes sempre usam termos muito etéreos, muitos deles até contraditórios, como se fossem paradoxos poéticos. E como se eles estivessem tentando explicar uma coisa muito complicada para ser expressa em palavras.

— Ou muito simples, senhor.

— É. Talvez seja isso. Muito simples. — Otake-san pressionou o próprio peito com o punho, para diminuir a pressão e pegou outra pastilha de hortelã. — Me diz uma coisa. Há quanto tempo você tem estas experiências?

— Desde sempre.

— Desde que você era bebê?

— Desde sempre.

— Sei. E quanto tempo duram estes transportes?

— Não importa, Mestre. Lá, não existe tempo.

— Uma eternidade?

— Não. Não existe nem tempo, nem eternidade. Otake-san sorriu e

balançou a cabeça: — Será que, também de você, eu só vou ouvir palavras etéreas e paradoxos poéticos?

Nicholai percebeu que esses repetidos oxímoros faziam com que o que era infinitamente simples se tornasse caótico, mas não sabia como se expressar com o inadequado ferramental das suas palavras.

Otake-san veio em seu auxílio. — Então, o que você está me dizendo é que não tem noção do tempo durante essas experiências. Você não sabe quanto elas duram?

— Eu sei exatamente quanto elas duram, senhor. Quando eu parto, não saio do lugar. Fico onde meu corpo está, exatamente como todo mundo. Não estou no mundo da lua. Algumas vezes, o descanso dura um minuto ou dois. Outras vezes, horas. Dura o tempo que for necessário.

— E eles acontecem sempre... esses descansos.

— Isso varia. No máximo, duas ou três vezes por dia. Mas pode acontecer de eu passar um mês inteiro sem que eles venham. Quando isto acontece, eu sinto muita falta deles. Fico com medo de que eles não voltem nunca mais.

— E você consegue provocar um desses descansos?

— Não. Mas consigo bloqueá-los. E preciso tomar todo o cuidado para não impedi-los, quando estou precisando deles.

— Como você faz para impedi-los?

— Ficando bravo. Ou odiando.

— Se estiver odiando, você não consegue ter a experiência?

— Como poderia? Se o descanso é exatamente o oposto do ódio.

— É amor, então?

— Amor é o que poderia ser, se tivesse a ver com pessoas. Mas não tem nada a ver com pessoas.

— Tem a ver com o quê?

— Com todas as coisas. Comigo. É a mesma coisa. Quando estou descansando, eu e todas as coisas somos... não sei como explicar.

— Você e todas as coisas se tornam um só?

— Isso. Não, não é bem assim. Eu não me *torno* um só com todas as coisas. Eu *volto* a ser um só com todas as coisas. O senhor entende o que eu digo?

— Estou tentando. Vamos fazer o seguinte. Descreva o que aconteceu nesse

"descanso" que você acabou de ter quando estávamos jogando.

Nicholai, impotente, jogou as mãos para o ar. — Como é que eu posso fazer isso?

— Tente. Comece com: nós estávamos jogando e o senhor acabara de colocar a peça cinqüenta e seis... e então... continue.

— Mas era a peça cinqüenta e oito, Mestre.

— Muito bem, que seja a cinqüenta e oito. E, depois, o que aconteceu?

— Bem... o jogo continuou normalmente, estava tudo certo e isto começou a me levar para a pradaria. Começa sempre com uma espécie de movimento de flutuação... uma corrente de rio, talvez o vento fazendo ondas num campo de arroz, o crepitar das folhas movimentando-se ao sabor da brisa, nuvens passando. E para mim, se a estrutura das peças do Go estiver fluindo corretamente, isto também pode me levar para a pradaria.

— Para a pradaria?

— Isso. É nesse lugar que eu me expando. É assim que eu sei que estou descansando.

— É uma pradaria de verdade?

— Claro, é evidente.

— Um local onde você já esteve um dia? Que ficou gravado na sua memória?

— Não na minha memória. Nunca estive lá, quando estou diminuído.

— Diminuído?

— O senhor sabe... quando estou dentro do meu corpo, e não descansando.

— Então, quer dizer que você considera a vida normal como um estado menor, diminuído?

— Considero normal o tempo em que estou descansando. Numa hora como agora... passageira e... sim, é menor.

— Fale-me sobre a pradaria, Nikko.

— É triangular. E sobe pela encosta de uma colina, para longe de mim. A relva é alta. Não tem nenhum animal. Nada nunca andou naquela grama, nunca pastou. Tem flores, uma brisa... morna.

Um céu pálido. Fico sempre contente quando vejo a grama de novo.

— Você *é* a relva?

— Somos um ao outro. Como a brisa e a luz dourada do sol. Somos todos... uma mesma mistura.

— Sei. Entendi. A sua descrição da experiência mística lembra muito as outras que eu li. E essa pradaria é o que os escritores chamam de "portal" ou "caminho ".Você já pensou nela nesses termos?

— Não.

— Sei. Bem, e o que acontece depois?

— Nada. Eu estou descansando. Estou em todos os lugares ao mesmo tempo. E todas as coisas são irrelevantes e deliciosas. E então... eu começo a diminuir. Separo-me da luz do sol e da pradaria e me contraio de volta para dentro do meu corpo. E o descanso acabou. — Incerto, Nicholai sorriu. — Acho que não estou fazendo uma boa descrição, Mestre. Não é... o tipo de coisa que se possa descrever.

— Não.Você fez uma boa descrição, Nikko.Você conseguiu me trazer de volta uma memória que eu já tinha quase esquecido. Uma vez ou outra, quando eu era criança... acho que era no verão... eu também experimentei alguns curtos transportes como esse que você descreveu. Eu li em algum lugar que a maioria das pessoas tem experiências místicas quando ainda são crianças, mas logo crescem e o fenômeno desaparece. E aí elas esquecem. Me diz uma outra coisa. Como é que você consegue jogar Go quando está transportado... quando está na pradaria?

— Bem, é que eu estou aqui e lá ao mesmo tempo. Eu parti, mas não saí do lugar. Sou parte desta sala e daquele campo.

— E eu, Nikko?Você é parte de mim, também?

Nicholai balançou a cabeça. — Não há nada do mundo animal no meu lugar de descanso. Eu sou o único capaz de ver. Vejo por todos nós, pela luz do sol, pela grama.

— Entendi. E como é que você consegue colocar as peças sem olhar para o tabuleiro? Como você sabe onde estão as intercessões? Como é que você sabe onde eu coloquei a minha última peça?

Nicholai deu de ombros. Era óbvio demais para explicar. — Eu sou parte de todas as coisas, Mestre. Eu compartilho... não... eu fluo com todas as coisas. O tabuleiro do Go, as peças. O tabuleiro e eu estamos um no outro. Então, como é que eu poderia não saber a posição exata do jogo?

— Quer dizer que você vê de dentro do tabuleiro?

— De dentro ou de fora, é tudo a mesma coisa. Mas não é exatamente "ver". Se uma pessoa está em todos os lugares, ela não precisa "ver". — Nicholai balançou a cabeça. — Eu não consigo explicar.

Otake-san fez uma leve pressão no braço de Nicholai, depois tirou a mão. — Não vou te fazer mais perguntas. Confesso que tenho inveja da paz mística que você alcança. Morro de inveja principalmente da naturalidade com que você chega lá — sem a concentração e o treinamento que até mesmo os homens santos têm que fazer para encontrá-la. Mas, mesmo te invejando, sinto um certo medo por você. Se o êxtase místico se tornou — e eu acho que se tornou — uma parte natural e necessária da sua vida interior, então o que vai ser de você se esse dom desaparecer, se você não puder mais viver estas experiências?

— Esta possibilidade nem me passa pela cabeça, Mestre.

— Eu sei. Mas minhas leituras me ensinaram que esses dons podem desaparecer; os caminhos para a paz interior podem se perder. Pode acontecer alguma coisa que faça com que um constante ódio ou medo tome conta de você, nunca mais te dê trégua, e então o teu dom te abandonaria.

A idéia de perder a atividade psíquica mais natural e importante da sua vida perturbou Nicholai. Com uma brusca sensação de pânico, percebeu que o simples medo de perder seu dom poderia ser medo suficiente para fazer com que o perdesse. Queria pular fora daquela conversa, daquelas novas e inacreditáveis dúvidas. Com os olhos baixos grudados no tabuleiro do Go, pensou no que faria diante de uma perda tão colossal.

— O que você faria, Nikko? — repetiu Otake-san, depois de um momento de silêncio.

Nicholai levantou do tabuleiro seus olhos verdes, muito calmos e sem expressão: — Se alguém tirasse meus descansos de mim, eu o mataria.

Isso foi dito com uma calma fatalista que mostrou a Otake-san que a declaração não era causada por nenhum ódio; era apenas a pura expressão da verdade. Foi a calma e segurança com que as palavras tinham sido ditas que mais perturbaram Otake-san.

— Mas, Nikko, vamos supor que não seja um homem que tire esse dom de você. Digamos que seja uma situação, um acontecimento, uma dessas coisas da vida. Nesse caso, o que você faria?

— Tentaria destruí-lo, fosse o que fosse. Eu o castigaria.

— E isso te abriria novamente o caminho para o descanso?

— Não sei, Mestre. Mas seria a menor vingança que eu posso pensar para uma perda tão grande.

Otake-san soltou um suspiro, em parte pela evidente vulnerabilidade de Nikko, em parte por simpatia por qualquer pessoa que pudesse vir a ser responsável pela perda do dom dele. Ele não tinha a menor dúvida de que o jovem faria o que afirmara. Em nenhum lugar o homem desnuda mais completamente sua personalidade do que na maneira como joga Go, caso seu jogo possa ser analisado por alguém com experiência e inteligência para interpretá-lo. E o jogo de Nikko, brilhante e audacioso como era, tinha a marca da frigidez estética e de uma quase sobre-humana concentração, implacavelmente aplicada na busca de um objetivo. De sua análise do jogo de Nicholai, Otake-san sabia que seu melhor aluno poderia ir longe, poderia se tornar o primeiro não-japonês a chegar aos mais altos *dans;* mas sabia também que o garoto jamais encontraria paz ou felicidade no pequeno jogo da vida. O fato de Nicholai possuir o dom do descanso num transporte místico era uma compensação abençoada. Mas o dom era venenoso como uma cascavel.

Otake-san soltou um outro suspiro e analisou a posição da partida. Mais de um terço dela já tinha transcorrido. — Você se importaria, Nikko, se a gente suspendesse o jogo? Este meu velho estômago não me deixa em paz. E o desenvolvimento da partida é bastante evidente, uma vez que as sementes das nossas estratégias já criaram raízes. Eu não acho que nenhum de nós vai cometer algum grande erro e sair da linha clássica, você não concorda?

— Concordo, senhor. — Nicholai ficou satisfeito por interromper a partida e poder sair daquela sala claustrofóbica onde soubera pela primeira vez que seus refúgios místicos eram vulneráveis... que alguma coisa poderia acontecer e privá-lo de uma parte essencial da sua vida. — De qualquer maneira, Mestre, eu acho que o senhor venceria por sete ou oito peças.

Otake-san voltou a examinar o tabuleiro. — Tantas assim? Eu diria que não seriam mais do que cinco ou seis. — Ele sorriu para Nikko. Aquela era uma brincadeirinha comum entre eles.

Na verdade, Otake-san teria vencido por, no mínimo, doze peças, e ambos sabiam disso.

Os anos passaram e as estações se sucederam tranqüilamente na casa de Otake, onde as atribuições tradicionais, as obrigações, o trabalho duro e o estudo eram sempre entremeados de brincadeiras, travessuras e afeição, esta última não

menos sincera por não ser muito expansiva.

Até mesmo naquela pequena aldeia na montanha, onde os grandes acontecimentos da vida eram pautados pelo ciclo das colheitas, a guerra era um constante pano de fundo. Jovens que todos conheciam saíam de casa para se alistar no exército, alguns para nunca mais voltar. Maior austeridade e um trabalho ainda mais duro tornaram-se seus destinos. Houve muita excitação quando chegaram as notícias do ataque a Pearl Harbor, no dia 8 de dezembro de 1941; os entendidos afirmavam que a guerra não duraria mais do que um ano. Vitórias e mais vitórias eram anunciadas pelo rádio, em vozes entusiasmadas, à medida que o exército varria o imperialismo europeu do Pacífico.

Mas, apesar disso, à boca pequena, alguns fazendeiros reclamavam por receberem cotas de produção cada vez mais impossíveis de cumprir e por terem que enfrentar as dificuldades de uma escassez cada vez maior de bens de consumo. Otake-san passou a se dedicar quase que totalmente a comentários escritos, uma vez que os torneios de Go, numa medida patriótica dentro da austeridade geral, diminuíram consideravelmente. Por vezes, a guerra atingia a casa de Otake mais diretamente. Numa noite de inverno, o filho do meio da família de Otake voltou da escola para casa arrasado e envergonhado por ter sido ridicularizado por seus colegas de classe que o tinham chamado de *yowamushi*, verme fracote, por ter usado luvas nas suas mãos sensíveis nos exercícios vespertinos de ginástica, quando todos os garotos se exercitavam num pátio coberto de neve, nus até a cintura, numa demonstração de força física e "espírito de samurai".

E, de tempos em tempos, Nicholai entreouvia alguém chamando-o de estrangeiro, um *gaijin*, um "cabeça vermelha", num tom de desconfiança que deixava clara a xenofobia professada pelos professoras chauvinistas. Mas o fato de ser estrangeiro não lhe causava problemas. O General Kishikawa tomara o cuidado de se certificar que seus documentos de identidade davam sua mãe como russa (portanto neutra) e seu pai como alemão (portanto aliado). Além disso, Nicholai estava protegido pelo grande respeito que a aldeia tinha por Otake-san, o famoso jogador de Go que trouxera glória para a vila quando resolvera morar ali.

Quando o jogo de Nicholai já estava suficientemente maduro para que lhe fosse permitido jogar preliminares e acompanhar Otake-san, como discípulo, aos grandes campeonatos disputados em distantes locais de veraneio, para que os contendores ficassem afastados das distrações do mundo, ele pôde ver, pela primeira vez, o espírito com que os japoneses se lançaram à guerra. Nas estações

ferroviárias, Nicholai assistiu às festivas e barulhentas despedidas dos recrutas, viu as grandes faixas que proclamavam:

PARABÉNS POR TER SIDO CONVOCADO e ORAMOS PARA QUE VOCÊS FAÇAM UMA LONGA E BRILHANTE CARREIRA MILITAR.

Soube do caso de um rapaz de uma aldeia vizinha que, tendo sido reprovado no exame físico, implorou que o aceitassem para qualquer serviço, desesperado para fugir à humilhante *haji* de ser considerado inapto para servir. Seus apelos foram ignorados e ele foi mandado de volta para casa, de trem. Na cabine, colou seu rosto na janela e ficou murmurando para si mesmo repetidamente — *Haji desu, haji desu.* Dois dias mais tarde, seu corpo foi encontrado jogado sobre os trilhos. Ele escolhera não ter de enfrentar a desgraça de voltar para sua família e amigos, que tinham feito muita festa e celebrado o fato de ele ter sido chamado.

Para o povo japonês, bem como para o povo dos países inimigos, aquela era uma guerra justa na qual eles tinham sido obrigados a entrar. Havia uma espécie de orgulho desesperado no fato de que o pequeno Japão, um país quase sem recursos naturais, a não ser a garra do seu povo, combatera sozinho contra as hordas chinesas e o vasto poderio industrial dos Estados Unidos, Inglaterra, Austrália e, com exceção de quatro, todas as outras nações européias. E qualquer pessoa que tivesse um mínimo conhecimento da realidade sabia que, assim que o Japão estivesse enfraquecido pelas esmagadoras chances de vitória de seus inimigos, a massa arrasadora da União Soviética se abateria sobre ele.

Mas, no princípio, foram vitórias sobre vitórias. Quando a aldeia soube que Tóquio tinha sido bombardeada por Doolittle, a notícia foi recebida com descrença, como se aquilo fosse uma inaceitável afronta. Descrença porque tinham acreditado que o Japão era inexpugnável. Afronta porque, apesar dos estragos terem sido insignificantes, os bombardeiros americanos tinham lançado suas bombas a esmo, destruindo residências e escolas e não atingindo — por uma casualidade irônica — nem uma só fábrica, ou instalação militar. Quando soube dos bombardeios americanos, Nicholai lembrou-se dos aviões Northrop que tinham arrasado a loja de departamentos Sincere, em Xangai. Ainda tinha muito clara na mente a garota chinesa, que parecia uma bonequinha com seu vestido de seda verde, seu alto colarinho duro em volta de um pescoço de porcelana, o rosto pálido sob o pó de arroz, procurando a própria mão.

Embora a guerra atingisse todos os aspectos da vida, não foi a preocupação dominante nos anos de formação de Nicholai. Havia três coisas que eram mais importantes para ele: o constante desenvolvimento do seu jogo; suas voltas

enriquecedoras e restauradoras aos estados de mística calma sempre que seu vigor físico diminuía; e, quando tinha dezessete anos, seu primeiro amor.

Mariko era uma das alunas de Otake-san, uma garota delicada e tímida, apenas um ano mais velha que Nicholai, que não tinha a necessária persistência mental para ser uma grande jogadora, mas que, mesmo assim, jogava com complexidade e refinamento. Ela e Nicholai costumavam treinar juntos, insistindo particularmente nas estratégias de abertura e meio-jogo. A timidez dela e o alheamento dele harmonizavam-se perfeitamente, eles se davam bem e freqüentemente, de noite, sentavam-se juntos no pequeno jardim, conversando um pouco, compartilhando juntos longos períodos de silêncio.

De vez em quando, iam juntos até a aldeia para buscar alguma coisa ou levar algum recado e, como que sem querer, seus braços roçavam, o que sempre levava ao fim da conversa e a um silêncio constrangido. Finalmente, com uma ousadia que deixava clara a meia hora de luta interna que precedera o gesto, Nicholai estendeu a mão por sobre o tabuleiro e pegou na mão dela. Engolindo em seco e tentando desesperadamente se concentrar somente no tabuleiro, Mariko correspondeu à pressão dos dedos de Nicholai sem olhar para ele e, pelo resto da manhã, continuaram a partida jogando de maneira desconcentrada e desorganizada enquanto continuavam de mãos dadas, a palma dela úmida pelo medo de que fossem surpreendidos, a mão dele tremendo em função da posição difícil do braço, mas ele não atenuaria a pressão do aperto, muito menos largaria a mão dela, com medo que ela interpretasse o gesto como uma rejeição.

Ambos se sentiram aliviados ao se verem livres pelo toque da sineta chamando para o almoço, mas o formigamento do pecado e do amor continuou fazendo ferver o sangue deles pelo resto do dia. E, no dia seguinte, trocaram um beijo rápido.

Certa noite de primavera, quando Nicholai tinha quase dezoito anos, resolveu munir-se de coragem e ir até o pequeno quarto onde ela dormia. Numa casa com tanta gente e tão pouco espaço, encontrar-se de noite era uma manobra que exigia movimentos furtivos, sussurros abafados e suspiros presos nas gargantas, enquanto os corações batiam dentro dos peitos encostados, ao menor sinal de algum ruído real ou imaginário.

Faziam amor meio sem jeito, experimentando, infinitamente delicados.

Mesmo que Nicholai mantivesse contatos epistolares mensais com o General Kishikawa, apenas duas vezes durante o aprendizado de Nicholai o General pôde

abrir uma brecha nos seus deveres administrativos para passar alguns dias de folga no Japão.

A primeira delas durou apenas um dia, já que o General teve que passar a maior parte da sua licença em Tóquio com sua filha que, recentemente, ficara viúva de um oficial da marinha que afundara na sua belonave durante a vitória no Coral Sea, deixando-a grávida do primeiro filho deles. Depois de tê-la consolado da perda e tomado providências para assegurar o bem-estar dela, o General foi até a aldeia para visitar os Otake e para levar de presente para Nicholai duas caixas de livros selecionados de bibliotecas confiscadas e dados ao rapaz com a condição de que ele não deixasse morrer seu talento para o aprendizado de línguas. Os livros eram em russo, inglês, alemão, francês e chinês. Estes últimos eram inúteis para Nicholai porque, mesmo tendo adquirido, nas ruas de Xangai, fluência no chinês coloquial, ele nunca aprendera a ler a língua. A própria limitação do General, que só falava francês, ficava clara porque as caixas continham quatro exemplares de *Os Miseráveis* em quatro línguas diferentes — e Nicholai não se surpreenderia caso houvesse uma quinta em chinês.

Naquela noite, o General jantou com Otake, ambos evitando falar sobre a guerra. Quando Otake-san começou a elogiar o esforço e o progresso de Nicholai, o General assumiu o papel de pai japonês minimizando os talentos do seu protegido e asseverando que era apenas a enorme gentileza de Otake, que fazia com que ele se sobrecarregasse com um aluno tão preguiçoso e inepto. Mas não conseguia esconder o orgulho que brilhava em seus olhos.

A visita do General coincidiu com o *jusanya*, o Festival da Lua de Outono, e oferendas de flores e relvas outonais foram colocadas no altar, onde os raios do luar cairiam sobre eles. Em tempos normais, haveria frutas e comida entre as oferendas mas, com a escassez provocada pela guerra, Otake-san se viu obrigado a conter o seu tradicionalismo com uma dose de bom-senso. Ele poderia, como fizeram seus vizinhos, ter oferecido a comida e depois, no dia seguinte, levá-la de volta à mesa da família, mas uma artimanha dessas nunca lhe passaria pela cabeça.

Após o jantar, Nicholai e o General sentaram-se no jardim, vendo a lua nascente desembaraçar-se dos galhos de uma árvore.

— E então, Nikko? Me conta. Você conseguiu atingir o *shibumi* como, um dia, você me disse que faria? — Havia um tom de provocação na voz dele.

Nicholai baixou os olhos: — Foi um pouco precipitado da minha parte, senhor. Eu ainda era muito criança.

— Mais jovem, sim. Imagino que você esteja aprendendo que a carne e a juventude são obstáculos sérios no seu caminho. Talvez, com o tempo, você consiga alcançar o louvável requinte de comportamento que pode ser chamado de *shibusa*. Mas, se vai conseguir chegar à profunda simplicidade de espírito que é o *shibumi*, isso já é outra história. Em todo caso, tente. Mas esteja preparado para aceitar uma possível derrota com elegância. A maioria de nós é obrigada a isso.

— Obrigado pelos seus conselhos, senhor. Mas eu prefiro ser derrotado tentando ser um homem com *shibumi,* a vencer atingindo qualquer outro objetivo.

O General assentiu e sorriu para si mesmo. — Sim, é claro que você prefere. Eu tinha me esquecido de certos detalhes da sua personalidade. Ficamos muito tempo sem nos ver. — Ficaram curtindo o silêncio do jardim por alguns instantes. — Me diz uma coisa, Nikko, Você continua estudando línguas?

Nicholai teve de confessar que, quando dera uma vista de olhos em alguns dos livros que o General trouxera, descobrira que o seu inglês e o alemão estavam meio fraquinhos.

— Você não pode deixar isso acontecer. Especialmente o seu inglês. Quando esta guerra acabar, eu não vou estar em posição de te ajudar muito, e você não vai poder contar com muita coisa a não ser a sua facilidade com as línguas.

— O senhor fala como se fôssemos perder a guerra, senhor. Kishikawa-san ficou um longo tempo em silêncio, e Nicholai pôde perceber a tristeza e a fadiga refletidas no seu rosto, sombrio e pálido à luz do luar. — Em última análise, todas as guerras são perdidas. Pelos dois lados, Nikko. Os dias das batalhas entre guerreiros profissionais são parte do passado. Agora, nossas guerras são travadas entre potências industriais que se opõem, entre povos que se antagonizam. Os russos, com sua massa de gente sem rosto, vão derrotar os alemães. Os americanos, com suas fábricas anônimas, vão nos derrotar. No final das contas.

— O que o senhor vai fazer quando isso acontecer, senhor?

O General balançou lentamente a cabeça. — Isso não importa. Até o último minuto, vou cumprir o meu dever. Vou continuar a trabalhar dezesseis horas por dia, resolvendo probleminhas burocráticos insignificantes. Vou continuar a ser um patriota.

Nicholai, intrigado, olhou para ele. Era a primeira vez que ouvia Kishikawa-san falar de patriotismo.

O general deu uma risadinha contida: — Ah, claro, Nikko. Afinal de contas, eu sou um patriota. Não um patriota que se mete em política, ideologias, paradas militares, ou a *hinomaru*. Mas patriota mesmo assim. Um patriota por jardins como esse, pelos festivais da lua, pelas sutilezas do Go, pelos cantos que as mulheres cantam quando plantam arroz, pelos botões das cerejeiras que fenecem logo — pelas coisas japonesas. O fato de eu saber que nós vamos perder esta guerra não tem nada a ver com o fato de que eu tenho de continuar a cumprir o meu dever. Você entende isso, Nikko?

— Só as palavras, senhor.

O General deu uma risadinha. — Talvez as palavras sejam a única coisa que exista. Vá para cama agora, Nikko. Me deixa ficar sentado aqui, sozinho, por um tempo. Quando você acordar de manhã, eu já terei ido embora, mas foi muito bom passar este tempinho com você.

Nicholai fez uma inclinação de cabeça e levantou-se. Muito depois de ter se retirado, o General continuava sentado, olhando calmamente para o jardim iluminado pela luz da lua.

Meses mais tarde, Nicholai soube que o General tinha tentado deixar dinheiro para suprir a alimentação e aprendizado de seu protegido, mas Otake-san se recusara a receber um só centavo, alegando que, se Nicholai era um aluno tão inepto quanto o General afirmara, seria falta de ética da parte dele aceitar qualquer pagamento pelo treinamento do rapaz. O General sorriu para seu velho amigo e balançou a cabeça. Caíra numa armadilha e era obrigado a aceitar a gentileza.

A guerra começou a correr mal para os japoneses, que tinham apostado toda a sua limitada capacidade de produção num confronto breve que resultasse numa paz favorável. As evidências de uma derrota insipiente estavam por toda parte: no fanatismo histérico das transmissões radiofônicas governamentais que tentavam levantar o moral da nação, nas informações trazidas por refugiados que falavam em "bombardeios arrasadores" realizados por aeronaves americanas em áreas residenciais, na crescente falta dos produtos mais básicos.

Mesmo nas aldeias agrícolas, a comida escasseou depois que os fazendeiros cumpriram suas cotas de produção; e muitas vezes a família de Otake sobreviveu à base de *zosui*, uma papa de cenouras e nabo cortados fervida com arroz, somente tornada palatável pelo burlesco senso de humor de Otake-san. Ele comia fazendo muitos e largos gestos, emitindo ruídos de satisfação, rolando os

olhos e dando batidinhas no estômago de uma maneira que suas crianças e alunos caíam na gargalhada e se esqueciam do sabor amargo da comida. No princípio, os refugiados das cidades eram tratados com compaixão, mas, com o passar do tempo, estas bocas a mais para alimentar se tornaram um fardo; os refugiados eram chamados de *sokaijin*, um termo levemente pejorativo; e os camponeses resmungavam entre si sobre esses parasitas urbanos que eram ricos ou importantes o suficiente para serem capazes de escapar dos horrores da cidade, mas que não eram capazes de trabalhar para prover a própria subsistência.

Otake-san se permitira manter um pequeno luxo: seu pequeno jardim tradicional. Com o andamento da guerra, no entanto, revolveu-o e transformou-o numa horta. Mas, coisa bem dele, arranjou os nabos, os rabanetes e as cenouras em canteiros sortidos, de maneira que, ao desabrocharem, formassem um colorido agradável aos olhos. — Reconheço que, assim, os legumes ficam mais difíceis de plantar e cuidar. Mas se, na luta desesperada pela vida, nós esquecermos do belo, então os bárbaros já ganharam de nós.

Com o tempo, as transmissões radiofônicas oficiais foram obrigadas a admitir a perda de uma eventual batalha, uma ou outra ilha, porque caso não o fizessem, a contradição evidente com o retorno de muitos soldados feridos acabaria por liquidar o resto de credibilidade que ainda lhes restava. A cada vez que uma dessas derrotas era anunciada (sempre acompanhada de um explicação de retirada tática, reorganização das linhas defensivas, ou encurtamento das linhas de abastecimento), a transmissão se encerrava com a execução de uma antiga melodia de muito sucesso, "Umi Yukaba", cujos acordes doces e outonais acabaram se identificando com uma época de obscurantismo e perda.

Otake-san passou a viajar cada vez com menor freqüência para seus torneios de Go, uma vez que todo o sistema de transportes servia prioritariamente aos militares e à indústria bélica. Mas os jornais locais nunca pararam de divulgar notícias sobre o jogo favorito dos japoneses e o relato das partidas mais importantes, já que era fato notório que o Go era um dos mais tradicionais refinamentos da cultura pela qual eles estavam lutando.

Acompanhando seu mestre nestas poucas viagens, Nicholai testemunhou os efeitos da guerra. Cidades arrasadas; pessoas sem teto. Mas os bombardeios não tinham quebrado a fibra do povo. A idéia de que bombardeios estratégicos (significando ataques contra civis) podem destruir a vontade de lutar de uma nação não passa de irônica mentira. Na Alemanha, na Inglaterra e no Japão, o efeito dos bombardeios estratégicos foi criar no povo a noção de causa comum, o

que aumentou sua vontade de resistir em meio à provação de dificuldades compartilhadas por todos.

Certa vez, quando o trem deles ficou parado por horas numa estação em conseqüência de danos nas linhas férreas, Nicholai ficou andando lentamente, para cima e para baixo, na plataforma. Em toda a extensão da fachada da estação, filas de macas sobre as quais deitavam-se soldados feridos a caminho dos hospitais. Alguns tinham o rosto pálido em função da dor e os corpos enrijecidos pelo esforço de contê-la, mas nenhum deles se lastimava; não se ouvia um só gemido. Anciões e crianças passavam de maca em maca, os olhos úmidos com lágrimas de compaixão, fazendo uma reverência diante de cada soldado ferido e murmurando — Obrigado. Obrigado. *Gokuro sarna. Gokuro sarna.*

Uma anciã, toda alquebrada, aproximou-se de Nicholai e cravou os olhos em seu rosto ocidental com incomuns olhos verdes. Não havia ódio na expressão dela, somente uma mistura de perplexidade e desapontamento. Balançou a cabeça tristemente e se afastou.

Nicholai encontrou um canto solitário no final da plataforma, onde se sentou olhando para uma enorme nuvem. Relaxou e se concentrou no lento movimento que mudava as formas dela e, em poucos minutos, conseguiu refugiar-se num breve transporte místico, ficando invulnerável ao que ocorria à sua volta e à culpa que sentia por pertencer à raça que pertencia.

A segunda visita do General ocorreu quase no final da guerra. Chegou de surpresa numa tarde de primavera e, depois de uma conversa particular com Otake-san, convidou Nicholai para acompanhá-lo numa viagem pelo Rio Kajikawa, perto de Niigata, para observarem as cerejeiras em flor. Antes de embrenhar-se pelo interior, por sobre as montanhas, o trem deles passou pelo norte, atravessando a zona industrializada que fica entre Yokohama e Tóquio, correndo em velocidade desigual sobre trilhos danificados por bombardeios e pelo uso excessivo, deixando para trás, quilômetros e quilômetros de destroços e entulhos causados por bombardeios indiscriminados que tinham posto por terra casas e fábricas, escolas e templos, lojas, teatros e hospitais. Não havia uma única parede mais alta que um homem, a não ser, aqui e ali, um pedaço irregular de uma chaminé danificada.

O trem entrou na periferia de Tóquio, passando pelos subúrbios da cidade. Em todos os lugares, à sua volta, eles viam os resultados do grande ataque aéreo

de 9 de março, durante o qual mais de trezentos B-29 lançaram uma cortina de bombas incendiárias sobre a área residencial da cidade. Vinte e cinco quilômetros quadrados da capital se transformaram num inferno, atingindo temperaturas de mais de 700 graus centígrados, derretendo telhados e vergando assoalhos. Paredes de chamas passavam de casa para casa, por sobre canais e rios, envolvendo grupos de civis apavorados que corriam de um lado para o outro, através dos cada vez mais raros lugares seguros, tentando desesperadamente encontrar uma saída no anel de fogo que se estreitava inexoravelmente. As árvores dos parques chiavam e soltavam vapor à medida que se aproximavam de seus pontos de combustão e, subitamente, com enorme estrondo, transformavam-se numa tocha de fogo, da raiz às copas. Multidões deslocavam-se pelos canais a fim de fugir do terrível calor; mas eram empurradas cada vez mais para longe por novas hordas de pessoas que, aos berros, se jogavam das margens. Mulheres que se afogavam soltavam a mão de criancinhas que elas tinham tentado, até o último minuto, manter acima do nível da água.

O rodamoinho de chamas sugou o ar desde a base, criando uma tempestade com a força de um furacão que rugia internamente, alimentando a conflagração. A velocidade dos ventos produzidos pela fornalha era tão grande que os aviões americanos, que sobrevoavam o inferno para tirar fotos para publicidade, eram lançados milhares de pés para cima.

Muitos dos que morreram naquela noite foram sufocados. A voracidade do fogo arrancou, literalmente, o ar dos seus pulmões.

Com nenhuma esquadrilha eficiente de caças à disposição, os japoneses não tinham defesa contra as sucessivas ondas de bombardeiros que lançavam seu fogo gelatinoso sobre a cidade. Os bombeiros choravam de frustração e vergonha ao arrastarem inúteis mangueiras, apontando-as contra as muralhas de chamas. Os reservatórios, envoltos pelo fogo, forneciam apenas filetes insignificantes de água escaldante.

Quando amanheceu, a cidade ainda ardia e, em cada monte de entulho, pequenas línguas de fogo lambiam em volta, em busca de mais materiais combustíveis. Havia mortos por toda parte. Cento e trinta mil cadáveres. Corpos cozidos de crianças empilhavam-se como cortiça nos pátios das escolas. Casais de velhos tinham morrido abraçados, os corpos derretidos, unidos para sempre num derradeiro abraço. Os canais estavam atulhados de cadáveres, flutuando na água ainda quente.

Grupos silenciosos de sobreviventes se moviam de pilha em pilha de corpos

carbonizados, procurando parentes. No fundo de cada pilha de mortos, encontrou-se um grande número de moedas que, aquecidas até ficarem em brasa, tinham aberto caminho, derretendo as carnes mortas das vítimas. Uma jovem, completamente destripada, foi descoberta usando um quimono aparentemente não danificado pelas chamas mas, quando alguém tocou no vestido, ele virou pó.

Anos mais tarde, a consciência ocidental se envergonharia do que ocorreu em Hamburgo e Dresden, onde as vítimas eram caucasianos. No entanto, depois do bombardeio de 9 de março em Tóquio, a revista *Time* descreveu o acontecimento como "um sonho que se realizava", uma experiência que comprovava que "quando incendiadas da maneira correta, as cidades japonesas queimariam como folhas no outono".

E Hiroxima ainda estava por acontecer.

Durante toda a viagem, o General Kishikawa ficou sentado, imóvel e calado, a respiração tão curta que não se via nenhum movimento sob o terno civil que usava. Mesmo depois que já tinham deixado para trás os horrores da zona residencial de Tóquio, e o trem começou a correr pelas montanhas incomparavelmente belas e pela região dos altos planaltos, Kishikawa-san não abriu a boca. Para aliviar o silêncio, Nicholai, educadamente, perguntou sobre a filha e o neto do General, que viviam em Tóquio. Já no momento em que terminava a frase, ele percebeu o que deveria ter acontecido. Por que outra razão o General teria tido uma licença durante os últimos meses da guerra?

Quando finalmente falou, os olhos de Kishikawa-san estavam calmos, mas feridos e tristes — Eu procurei por eles, Nikko. Mas o bairro em que eles viviam foi... já não existe mais. Eu decidi me despedir deles no meio das flores de Kajikawa, onde certa vez, quando ela ainda era criança, eu levei minha filha para passear e onde eu sempre pensei que levaria o meu... neto. Você gostaria de me ajudar a me despedir deles, Nikko?

Nicholai limpou a garganta. — Como posso fazer isso, senhor?

— Passeando comigo no meio das cerejeiras floridas. Estando ao meu lado para me ouvir quando eu não suportar mais o silêncio. Você é quase um filho para mim, e você... — O General engoliu em seco diversas vezes, os olhos baixos.

Meia hora depois, o General pressionou os olhos com os dedos e fungou. Depois, olhou para Nikko. — Muito bem! Fale-me sobre a sua vida, Nikko. Você está jogando melhor? Ainda quer ser um homem de *shibumi?* Como os Otake têm se virado no meio de toda essa confusão?

Nicholai combateu o silêncio com uma torrente de banalidades que protegeu o General da fria quietude do seu coração.

Por três dias se hospedaram num antiquado hotel em Niigata, e a cada manhã foram até as margens do Kajikawa e caminharam lentamente entre as fileiras de cerejeiras em flor. Vistas à distância, as árvores lembravam nuvens de vapor tingidas de rosa. O caminho e a estrada estavam cobertos por uma camada de botões que flutuavam por todos os cantos, morrendo em seus momentos de maior esplendor. Kishikawa-san encontrou consolo naquele simbolismo insulado.

Enquanto caminhavam, falavam muito pouco e sempre em tom baixo. Sua comunicação consistia apenas de fragmentos de pensamentos fugidios expostos em frases quebradas, mas perfeitamente compreensíveis. Algumas vezes, sentavam-se nas elevadas margens do rio e ficavam observando as águas passarem até que a superfície do rio parecesse estar imóvel e eram eles que flutuavam correnteza acima. O General usava quimonos marrons ou avermelhados e Nicholai envergava um uniforme de estudante azul escuro com colarinho duro, seu boné cobrindo os cabelos loiros. Pareciam tanto com um pai e filho típicos que os passantes se surpreendiam ao notar a cor incomum dos olhos do rapaz.

No último dia, ficaram mais tempo do que o habitual entre as cerejeiras, caminhando lentamente pela larga alameda até o anoitecer. Conforme a luz desaparecia do céu, um crepúsculo lúgubre parecia elevar-se do solo, iluminando as árvores de baixo e acentuando o rosado das pétalas que lembravam flocos de neve. Então, o General falou, tão baixo que parecia dirigir-se tanto a si mesmo quanto a Nicholai. — Nós tivemos muita sorte. Apreciamos os três melhores dias das flores das cerejeiras. O dia da promessa, quando ainda não alcançaram a perfeição. O dia do perfeito encantamento. E hoje elas já passaram pela sua plenitude. Então, hoje é o dia da memória. O dia mais triste dos três..., mas o mais rico. Há uma espécie de consolo? — não... talvez conforto — em tudo isso. E, mais uma vez, eu me surpreendo ao perceber que o Tempo, afinal de contas, não passa de um pretensioso truque de mágico. Tenho sessenta e seis anos, Nikko. Se encararmos do seu ponto de vista, que é mais vantajoso — olhando para o futuro — sessenta e seis anos é um monte de tempo. É toda a tua experiência de vida multiplicada por três. Mas visto de um ponto de vista mais favorável a mim — olhando para o passado — esses sessenta e seis anos não foram mais que a suave queda de uma pétala de cerejeira. Sinto como se minha

vida fosse um quadro pintado com muita pressa, rascunhado, mas jamais terminado... por falta de tempo. O tempo. Foi ontem — mas já lá se vão mais de cinqüenta anos — que eu passeei por este rio com o meu pai. Naquele tempo estas margens não eram assim e não havia estas cerejeiras. Foi como se fosse ontem..., mas foi no século passado. Nossa vitória sobre o exército russo só ocorreria dez anos depois. Nossa luta ao lado dos aliados na Grande Guerra só aconteceria mais de vinte anos depois. Ainda posso ver o rosto do meu pai. (E, na minha memória, ele está sempre presente). Lembro-me como a mão dele parecia grande e forte segurando meus dedinhos de criança. Ainda sinto no meu peito... como se os nervos tivessem uma memória própria... o aperto melancólico que eu senti com a minha incapacidade de dizer ao meu pai o quanto eu o amava. Nós não tínhamos o costume de nos expressar em palavras tão ousadas e terrenas. Posso ver cada linha do rosto sério, mas delicado do meu pai. Cinqüenta anos. Mas todas as coisas insignificantes e corriqueiras — as coisas tremendamente importantes, mas agora esquecidas, que preenchiam então todo nosso tempo — agora desapareceram completamente da minha lembrança. Eu costumava achar que sentia pena do meu pai porque nunca fui capaz de dizer que o amava. Mas era de mim que eu tinha pena. Eu tinha mais necessidade de dizer do que ele de ouvir.

A noite crescia e a luz do céu ficava cada vez mais púrpura, a não ser no oeste, onde as grossas nuvens de chuva tinham uma coloração lilás.

— E eu me lembro de um outro ontem, quando minha filha era uma garotinha. Nós passeamos por aqui. Mesmo agora, os nervos da minha mão se lembram do toque dos dedos gordinhos dela, agarrados aos meus. Estas árvores maduras não passavam então de mudas recém-plantadas — pobres hastezinhas finas, presas a estacas de suporte com pedaços de pano branco. Quem iria imaginar que aqueles brotos esquisitos e raquíticos se transformariam em árvores velhas e sábias o suficiente para consolar sem ter a presunção de aconselhar? Eu me pergunto... gostaria de saber se os americanos vão mandar cortar todas elas só porque não dão frutos. Provavelmente. E provavelmente com a melhor das intenções.

Nicholai estava um pouco desconfortável. Era a primeira vez que Kishikawa-san se abria daquela maneira. O relacionamento deles sempre se pautara por uma reticência compreensiva.

Quando nos vimos pela última vez, Nikko, eu pedi para você não abandonar os seus estudos de línguas. Você fez isso?

— Sim, senhor. Não tive a oportunidade de falar nenhuma outra língua fora

o japonês, mas li todos os livros que o senhor trouxe e, algumas vezes, falava comigo mesmo em outras línguas.

— Especialmente em inglês, espero.

Nicholai cravou os olhos no rio. — Menos freqüentemente em inglês.

Kishikawa-san assentiu para si mesmo. — Por que é a língua dos americanos?

— É.

— Você já conheceu algum americano?

— Não, senhor.

— Mas mesmo assim você odeia todos eles.

— Não é muito difícil odiar uns mestiços bárbaros. Não preciso conhecer as pessoas para odiar a raça.

— Ah, mas saiba, Nikko, que os americanos não são uma raça.

Este, na verdade, é o principal problema deles. Eles são, como você mesmo disse, mestiços.

Nicholai ergueu os olhos, surpreso. Seria possível que o General estivesse tentando defender os americanos? Há apenas três dias, eles tinham passado por Tóquio e visto os efeitos do maior bombardeio da guerra, um ataque dirigido especificamente contra áreas residenciais e civis, a própria filha de Kishikawa-san... seu neto...

— Eu conheci americanos, Nikko. Servi por algum tempo junto ao adido militar em Washington. Nunca te contei sobre isso?

— Não, senhor.

— Bem, acontece que eu não era um diplomata muito bom. A pessoa tem de desenvolver uma espécie de consciência oblíqua, uma atitude, digamos, muito condescendente em relação à verdade, para ser um bom diplomata. Este não era o meu jeito de ser. Mas eu vim a conhecer os americanos e saber quais eram os seus defeitos e virtudes. Eles são comerciantes muito habilidosos, e têm um grande respeito pelas conquistas mercadológicas. Essas podem parecer virtudes um tanto pobres e irrisórias para você, mas elas têm tudo a ver com os padrões do mundo industrial. Você chama os americanos de bárbaros e você tem toda a razão, é claro. Eu sei disso melhor do que você. Sei, com certeza, que eles torturaram e mutilaram sexualmente seus prisioneiros. Sei que atearam fogo em homens com seus lança-chamas só para ver até onde conseguiriam correr antes de caírem mortos. Sim, são uns bárbaros. Mas Nikko, nossos próprios soldados

fizeram coisas semelhantes, coisas tão medonhas e cruéis que eu nem consigo descrever. A guerra, o ódio e o medo transformaram nossos compatriotas em bestas selvagens. E nós não somos bárbaros; nossa moralidade deveria estar fortemente sedimentada após milênios de civilização e cultura. Dá até para dizer que o barbarismo dos americanos é a própria desculpa deles — só que essas coisas não têm desculpa. Pode ser a explicação deles. Como podemos condenar a brutalidade dos americanos, cuja cultura não passa de uma fina colcha de retalhos apressadamente costurada num punhado de décadas, quando até mesmo nós nos tornamos feras horripilantes, sem compaixão ou humanidade, apesar dos nossos milhares de anos de educação e tradição? Os Estados Unidos, afinal de contas, foram povoados pelos criminosos e fracassados da Europa. Se atentarmos para isso, temos de reconhecer a inocência deles. Tão inocentes quanto as cobras, tão inocentes quanto os chacais. Perigosos e traiçoeiros, mas não pecadores. Falamos deles como se fossem uma raça desprezível. Mas eles não são. Não são uma raça. Não são nem ao menos uma cultura. São apenas um ensopado cultural formado por rebotalhos e restos do banquete europeu. No máximo, têm uma tecnologia bem projetada. No lugar da ética, eles têm leis. O tamanho funciona para eles como a qualidade para nós. O que para nós é honra e desonra, para eles é ganhar e perder. Na verdade, você não deve nem pensar em termos de raça; a raça não é nada, a cultura é tudo. Kacialmente, você é um caucasiano; mas culturalmente não, portanto você não é caucasiano. Toda cultura tem seus pontos fortes e suas fraquezas; e elas não podem ser comparadas. A única crítica correta que se pode fazer é que uma mistura de culturas resulta sempre numa combinação do que as duas têm de pior. Que o que tem de mal num homem ou numa cultura é o animal forte e perverso que lhe está inerente. Que o que tem de bom num homem ou numa cultura é o componente frágil e artificial com que a civilização o restringe. E quando as culturas se cruzam, os elementos dominantes e básicos acabam sempre prevalecendo. Então, entenda, quando você acusa os americanos de serem bárbaros, o que você está fazendo é isentá-los da responsabilidade pela insensibilidade e superficialidade deles. É só quando você aponta a mestiçagem deles é que você fala da verdadeira falha deles. E será que "falha" é a palavra certa? Afinal de contas, no mundo do futuro, um mundo de comerciantes e máquinas, os impulsos básicos do mestiço são os que irão preponderar. O ocidental é o futuro, Nikko. Um futuro sombrio e impessoal de tecnologia e automação, é verdade — mas é o que temos pela frente. Você vai ter que viver nesse futuro, meu filho. Não vai te adiantar nada desprezar os americanos, revoltar-se contra eles. Você deve tentar compreendê-los, nem que seja só para não ser atingido por eles.

Kishikawa-san estivera falando muito baixo, quase como se fosse para si mesmo, enquanto caminhavam lentamente na larga avenida sob a luz cada vez mais fraca. O monólogo parecia uma dissertação de um professor afetuoso para um aluno cabeça dura; e Nicholai ouvira tudo com completa atenção, a cabeça baixa. Depois de um ou dois minutos de silêncio. Kishikawa-san soltou uma risadinha e bateu palmas. — Chega disso! Conselhos só ajudam quem os dá, e mesmo assim só servem para aliviar a dor da consciência. Ao fim e ao cabo, você vai acabar fazendo o que o destino e a tua educação te disserem, e os meus conselhos vão mudar o teu futuro tanto quanto as flores que caem no rio alteram o curso da correnteza. Mas, tem uma outra coisa sobre a qual eu queria falar com você, e eu até agora fiquei só enrolando, falando sobre culturas, civilizações e o futuro — assuntos profundos e vagos que só serviram para que eu fugisse do assunto.

Continuaram a caminhar em silêncio enquanto a noite caía e trazia com ela uma brisa mais forte que arrancava as pétalas, formando uma neve espessa e rosada que corria por seus rostos e lhes cobria os cabelos e os ombros. No final da alameda, chegaram a uma ponte e fizeram uma pausa para apreciar a espuma fosforescente que o rio formava ao rodopiar em volta das rochas. O General inspirou fundo e soltou todo o ar num longo suspiro por entre os lábios comprimidos, enquanto juntava coragem para dizer a Nicholai o que tinha em mente.

— Esta é a nossa última conversa, Nikko. Fui transferido para Manchukuo. Estamos esperando que os russos nos ataquem assim que estivermos tão fracos que eles possam entrar na guerra — e, portanto, participarem dos despojos e da paz — sem correrem nenhum risco. Não é muito provável que os oficiais de estado-maior sobrevivam depois de serem capturados pelos comunistas. Muitos de nós pretendem praticar o *seppuku*, para não termos de encarar a vergonha da rendição. Eu também resolvi fazer isso, não porque esteja tentando evitar a desonra. A minha participação nesta guerra bestial me maculou muito além da capacidade de qualquer *seppuku* me purificar — como aconteceu com todos os combatentes, eu receio. Mas mesmo que não haja nenhuma santificação no ato, me resta ao menos... dignidade. Eu tomei esta decisão nestes últimos três dias, caminhando entre estas cerejeiras. Há uma semana, eu não me sentia livre para me livrar da ignomínia, uma vez que minha filha e meu neto eram reféns, cativos do destino. Mas agora... as circunstâncias me libertaram. Eu lamento muito te deixar ao Deus-dará, Nikko, já que para mim você é como um filho. Mas... — Kishikawa-san suspirou fundo. — Mas... eu não consigo imaginar nenhuma maneira de defender você do que vem por aí. Um velho soldado, desacreditado e

derrotado, não serve de proteção para ninguém. Você não é europeu nem japonês. Duvido que alguém consiga te proteger. E, já que a minha permanência não te ajuda em nada, eu me sinto livre para partir. Você me compreende, Nikko? E me dá permissão para te abandonar?

Nicholai cravou os olhos nas corredeiras por algum tempo, até encontrar uma forma de se expressar: — A orientação, a afeição do senhor estarão sempre comigo. O que significa que, sob este ponto de vista, o senhor jamais me abandonará.

Com os cotovelos apoiados na amurada, olhando para o fantasmagórico brilho da espuma, o General lentamente assentiu com a cabeça.

As últimas semanas passadas na casa de Otake-san foram tristes. Não por causa dos rumores de retiradas e derrotas em todas as frentes. Não por causa de escassez de comida e do mau tempo que, juntos, faziam da fome uma companhia constante. Mas porque Otake do Sétimo *Dan* estava morrendo.

Por muitos anos, as tensões dos jogos profissionais tinham se manifestado sob a forma de dores quase ininterruptas de estômago, que ele mantinha controladas com seu costume de chupar pastilhas de hortelã; mas a dor ficou cada vez mais intensa e, finalmente, foi diagnosticado um câncer no estômago.

Quando souberam que Otake-san estava morrendo, Nicholai e Mariko romperam seu caso amoroso, sem discussões, com toda a naturalidade. A carga universal de ilógica vergonha que caracteriza o adolescente japonês impediu-os de manterem uma atividade tão cheia de vida quanto o ato sexual enquanto seu mestre e amigo estava morrendo.

Como conseqüência de uma dessas ironias da vida que continuamente nos surpreendem, mesmo que o destino nos ensine que a ironia é a mais comum das figuras de linguagem, foi apenas quando terminaram seu relacionamento carnal, que os outros habitantes da casa começaram a suspeitar deles. Enquanto estiveram envolvidos no seu perigoso e excitante romance, o medo de serem descobertos fez com que fossem sempre circunspetos em seu comportamento um com o outro, diante dos demais. Uma vez que já não eram mais culpados de nenhum ato vergonhoso, começaram a passar mais tempo juntos, passeando abertamente pelas estradas ou sentando-se juntos no jardim; e foi somente então que rumores maliciosos, mas carinhosos, sobre eles, começaram a circular pela casa, manifestados por meio de olhares de soslaio e levantar de sobrancelhas.

Freqüentemente, deixando as partidas de treinamento se desenvolverem de

forma sempre inconclusa, eles conversavam sobre o que o futuro lhes reservaria, quando a guerra estivesse perdida e seu mestre morto. Como seria a vida quando já não mais pertencessem à família Otake, quando os soldados americanos ocupassem o país? Seria verdade que, como tinham ouvido, o Imperador os convocaria para morrer nas praias, num último esforço para rechaçar o invasor? E, afinal de contas, uma morte destas não seria preferível a ter que viver sob o jugo dos bárbaros?

Estavam discutindo essas coisas quando o filho mais jovem de Otake-san chamou Nikko e disse-lhe que o mestre gostaria de falar com ele. Otake-san estava esperando numa das seis esteiras do seu gabinete privado cujas portas corrediças abriam para o pequeno jardim onde os legumes estavam decorativamente plantados. Naquela tarde, as tonalidades verdes e marrons estavam enegrecidas por uma neblina insalubre que descera das montanhas. O ar dentro do gabinete estava úmido e frio, e o perfume suave das folhas mortas era compensado pelo delicioso aroma acre de madeira queimando. E havia também um leve odor de hortelã pairando no ar, já que Otake-san continuava a chupar as pastilhas de hortelã que não tinham conseguido controlar o câncer que lhe estava tirando a vida.

— Foi muita gentileza do senhor me receber, Mestre — disse Nicholai, depois de um longo silêncio. Ele não gostava muito da formalidade da sua declaração, mas não conseguia um equilíbrio entre a afeição e a compaixão que sentia, e a natureza solene do momento. Durante os últimos três dias, Otake-san tivera longas conversas com cada um dos seus filhos e dos seus alunos, um de cada vez; e Nicholai, seu discípulo mais promissor, era o último.

Otake-san fez um gesto para que Nicholai se acomodasse na esteira ao lado dele, onde o jovem se ajoelhou num ângulo determinado ao lado do mestre, uma posição educada que permitia que seu próprio rosto ficasse exposto enquanto o do homem mais velho ficava protegido. Desconfortável com o silêncio que se arrastava por muitos minutos, Nicholai sentiu-se impelido a interrompê-lo, falando de coisas triviais: — Esta neblina da montanha não é muito comum nesta época do ano, Mestre. Alguns dizem que ela não faz muito bem à saúde. Mas ela faz com que o jardim fique mais bonito e...

Otake-san levantou a mão e balançou ligeiramente a cabeça. Não era hora para aquilo. — Vou falar em termos genéricos de planejamento de jogo, Nikko, reconhecendo que minhas generalizações serão temperadas pelas pequenas exigências nascidas de condições específicas e localizadas de cada lance.

Nicholai assentiu e continuou calado. Era comum que o Mestre falasse em

termos do jogo de Go, sempre que se referia a coisas importantes. Como o General Kishikawa tinha dito em certa ocasião, para Otake-san a vida era uma metáfora simplificada do Go.

— Isso vai ser uma aula, Mestre?

— Não exatamente.

— Uma bronca, então?

— Pode ser que você ache que sim. Na verdade é uma desaprovação. Mas não só contra você. É uma crítica... uma análise... do que me parece ser uma mistura volátil e perigosa entre você e sua vida futura. Vamos começar reconhecendo que você é um jogador brilhante. — Otake-san levantou a mão. — Não. Não se dê ao trabalho de vir com fórmulas educadas de negação. Já vi gente jogar tão brilhantemente quanto você, mas nenhum deles tinha a sua idade, e todos eles já morreram. Mas uma pessoa de sucesso precisa de mais do que simplesmente brilhantismo, de maneira que eu não vou fazer você perder o seu tempo com elogios incondicionais. O seu jogo tem um aspecto confrangedor, Nikko. Uma coisa abstrata e pouco delicada. Uma característica de alguma maneira inorgânica... não viva. Tem a beleza do cristal, mas não tem a graça de uma flor.

As orelhas de Nicholai estavam queimando, mas ele não deixou entrever nenhum sinal de embaraço ou irritação. Castigar e corrigir é um direito, o dever de um professor.

— Eu não estou dizendo que o seu jogo seja mecânico e previsível, porque raramente é. O que impede que seu jogo seja assim é sua espantosa...

Subitamente, Otake-san inspirou e reteve o ar, seus olhos cravados, sem ver, no jardim. Nicholai manteve seus olhos baixos, não querendo embaraçar seu mestre, olhando para sua luta contra a dor. Longos segundos se passaram e Otake-san continuava sem respirar. Então, com uma ligeira palpitação, soltou a respiração, liberando lentamente o ar que prendera, sempre atento, durante a exalação, à volta da dor. A crise passou e ele, agradecido, respirou fundo duas vezes com a boca aberta. Piscou algumas vezes e...

— ... o que impede seu jogo de ser mecânico e previsível é a sua espantosa audácia, mas mesmo esta habilidade é maculada pelo inumano. Você joga apenas contra a situação do tabuleiro: você nega a importância — até mesmo a existência! — do seu adversário. Não foi você mesmo quem me disse que quando está num dos seus transportes místicos, onde você recupera suas forças, você joga sem nem lembrar que tem um adversário? Tem alguma coisa

demoníaca nisso. Alguma coisa de superioridade cruel. Até mesmo de arrogância. E em completa dissonância com o seu objetivo de chegar ao *shibumi.* Eu não estou chamando a sua atenção sobre isto para que você se corrija e melhore, Nikko. Estas características estão nos seus próprios ossos e são imutáveis. E eu nem tenho certeza de que, se pudesse, gostaria de mudar você. Porque estas suas falhas são também os seus pontos fortes.

— Estamos falando somente do Go, Mestre?

— Estamos falando em termos de Go. — Otake-san enfiou a mão dentro do quimono e pressionou seu estômago, enquanto colocava outra pastilha de hortelã na boca. — Com todo o seu brilhantismo, caro discípulo, você tem suas vulnerabilidades. Sua falta de experiência, por exemplo. Você perde tempo e energia pensando numa maneira de sair de problemas dos quais um jogador mais experiente se safa pelo hábito ou pela memória. Mas esta não é uma fraqueza significativa.Você pode ganhar experiência rapidamente, se tomar cuidado para evitar redundâncias vazias. Não caia no erro do artesão que se vangloria de ter vinte anos de experiência na sua arte quando, na verdade, só tem um ano de experiência — repetido vinte vezes. E nunca se ressinta com a vantagem que a experiência dá aos mais velhos que você. Lembre-se de que eles pagaram por esta experiência com a moeda do tempo de vida deles e esvaziaram um bolso que não pode mais ser enchido. — Otake-san sorriu de leve. — Lembre-se também de que os velhos devem tirar o maior proveito da experiência deles. É tudo o que lhes resta.

Por algum tempo, os olhos de Otake-san ficaram vazios, como que olhando para dentro enquanto pairavam sobre o jardim pardacento, os contornos borrados pela neblina. Fazendo um esforço, trouxe a mente de volta das coisas eternas para continuar sua última aula. — Não, a sua maior falha não é a sua falta de experiência. É o seu menosprezo. Suas derrotas não vão acontecer contra jogadores mais brilhantes que você. Elas virão contra os pacientes, os perseverantes, os medíocres.

Nicholai franziu o cenho. Aquilo batia com o que Kishikawa-san lhe dissera enquanto caminhavam entre as cerejeiras no Kajikawa.

— O seu desprezo pela mediocridade faz com que você não perceba a enorme força primitiva que ela tem. Você fica parado no fulgor do seu próprio brilho, incapaz de ver o que acontece nos escaninhos mais escuros em volta de você, de abrir seus olhos e ver os perigos potenciais das massas, o estopim da humanidade. Mesmo agora, quando eu o estou advertindo sobre isso, meu caro discípulo, você não consegue acreditar que homens inferiores, seja lá quantos

forem, sejam capazes de te derrotar. Acontece que nós estamos no tempo dos homens medíocres. Ele é um chato, sem graça, maçante — mas acaba sempre ganhando. A ameba vive mais que o tigre porque se divide e continua em sua monotonia imortal. As massas são o tirano definitivo. Veja como, nas artes, o *Kabuki* está desaparecendo, o *No* perde importância enquanto as novelas populares cheias de violência e ação sem sentido envolvem a mente de uma quantidade cada vez maior de pessoas. E, mesmo nesse gênero menor, nenhum autor ousa criar um personagem realmente superior como seu herói, uma vez que, em sua raiva pela vergonha, o homem das massas vai mandar seu *yojimbo* , o crítico, para defendê-lo. O rugir dos imbecis é inarticulado, mas ensurdecedor. Eles não têm cérebro, mas têm milhares de braços que podem agarrar e puxar o inimigo para baixo.

— Ainda estamos falando de Go, Mestre?

— Estamos. E da sombra dele: a vida.

— Nesse caso, o que o senhor me aconselha a fazer?

— Evite entrar em contato com eles. Disfarce-se, vista uma fantasia de delicadeza. Finja-se de chato e distante. Viva isolado e estude o *shibumi.* Acima de tudo, não deixe que eles façam com que você caia na armadilha da cólera e da agressão. Esconda-se, Nikko.

— O General Kishikawa me disse quase a mesma coisa.

— Não duvido. Na última noite que ele passou aqui, nós discutimos longamente sobre você. Nenhum de nós consegue imaginar qual será a atitude dos ocidentais em relação a você, quando eles chegarem. E mais que isso, nós temos medo da sua atitude em relação a eles. Você é um convertido à nossa cultura e tem o fanatismo de todo convertido. É uma falha do seu caráter. E falhas trágicas levam a... — Otake-san ergueu os ombros.

Nicholai assentiu e baixou os olhos, esperando pacientemente que o professor o dispensasse.

Depois de algum tempo em silêncio, Otake-san pegou outra pastilha de hortelã, colocou na boca e disse: — Será que eu posso revelar um grande segredo a você, Nikko? Todos estes anos eu fiquei dizendo para as pessoas que chupava estas pastilhas de hortelã para aliviar as dores do meu estômago. Mas a verdade é que eu *gosto* delas. Só que um adulto que tem dignidade não fica chupando balinhas em público.

— Não é *shibumi,* senhor.

— Exatamente. — Otake-san pareceu sair do mundo por um momento. —

É. Talvez você tenha razão. Talvez esta neblina da montanha faça mal à saúde. Mas ela empresta uma beleza melancólica ao jardim, e nós devemos agradecer a ela por isto.

Depois da cremação, os planos de Otake-san para sua família e seus alunos foram obedecidos. A família juntou suas coisas e foi viver com o irmão de Otake. Os estudantes se dispersaram, voltando para suas respectivas casas. Nicholai, agora com mais de vinte anos, mesmo que parecesse não ter mais de quinze, recebeu o dinheiro que o General Kishikawa deixou para ele de maneira que pudesse fazer o que quisesse, ir para onde quisesse. Ele experimentou aquela vertigem social que vem com a total liberdade num contexto sem direção.

No terceiro dia de agosto de 1945, toda a família de Otake se juntou, com seus pertences, na plataforma da estação ferroviária. Não houve nem o tempo nem a privacidade necessária para que Nicholai contasse a Mariko o que sentia. Mas ele deu um jeito de colocar muita gentileza e uma ênfase especial quando prometeu visitá-la o mais breve possível, assim que já estivesse estabelecido em Tóquio. Esperava ansiosamente por aquela visita, porque Mariko sempre falava com muito entusiasmo da família dela e de seus amigos na sua cidade natal, Hiroshima.

Washington

O Primeiro Assistente afastou-se do seu console e balançou a cabeça. — Não há material suficiente para que eu possa trabalhar, senhor. O Gorduchinho não tem nada de positivo sobre esse tal Hel, antes da chegada dele a Tóquio. — Havia irritação no tom de voz do Primeiro Assistente; pessoas que viviam vidas apagadas e rotineiras a ponto de negar ao Gorduchinho a oportunidade de demonstrar sua capacidade de conhecimento e revelação, deixavam-no exasperado.

— Sei... sei.. — grunhiu o sr. Diamond, distraído, toda sua atenção presa às notas que tomava para si mesmo. — Não se preocupe, a partir de agora as informações vão ficar mais consistentes. Hel foi trabalhar para as forças de ocupação pouco depois do fim da guerra e daí em diante ele ficou mais ou menos dentro da nossa alça de mira.

— O senhor tem certeza de que precisa realmente deste levantamento, senhor? Aparentemente o senhor já sabe tudo sobre ele.

— Posso precisar de uma revisão. Veja, eu acabo de pensar numa coisa. Tudo o que nós temos ligando o Nicholai Hel ao Cinco de Munique e esta tal Hannah Stern é uma relação de primeira geração entre o Hel e o tio. É melhor a gente ter certeza de que não está dando de bobeira. Pergunte ao Gorduchinho onde o Hel está morando atualmente. — Ele apertou uma campainha colocada ao lado da escrivaninha.

— Sim, senhor. — disse o Primeiro Assistente, voltando-se para o seu console.

Em resposta ao chamado do sr. Diamond, a srta. Swivven entrou na área de trabalho: — O senhor chamou?

— Duas coisas. Primeira: quero todas as fotografias que temos de Hel, Nicholai Alexandrovitch. O Llewellyn vai te fornecer o código de identificação do cartão lilás. Segunda: entre em contato com o sr. Able do grupo da OPEP e peça a ele para vir para cá, o mais rápido possível. Quando ele chegar, traga-o para cá junto com o OARI e aqueles dois idiotas que foderam com a operação. Você vai ter de acompanhá-los até aqui; eles não têm acesso livre ao décimo sexto andar.

— Sim, senhor. — Ao se retirar, a srta. Swivven bateu a porta que dava acesso à sala de fotografias em teletipo com uma certa força, e Diamond levantou os olhos perguntando-se que bicho a teria mordido.

O Gorduchinho estava respondendo às perguntas feitas, suas respostas aparecendo na máquina do Primeiro Assistente. — Ah... pelo jeito, esse tal Nicholai Hel tem um monte de propriedades. Um apartamento em Paris, uma casa na costa da Dalmácia, uma casa de veraneio no Marrocos, um apartamento em New York, outro em Londres... ah! Aqui está! Última residência conhecida, dois pontos, um castelo na sangrenta aldeia de Etchebar. Esta parece ser a residência principal dele, levando em conta o tempo que ele passou ali nos últimos quinze anos.

— E onde fica essa tal de Etchebar?

— Ah... fica nos Pireneus bascos, senhor.

— E por que esse troço de aldeia sangrenta?

— Era o que estava me perguntando, senhor. — O Primeiro Assistente passou a questão para o computador e quando a resposta veio, ele riu consigo mesmo. — Assombroso! O Gorduchinho teve um pequeno probleminha na tradução do francês para o inglês. A palavra "bled", em francês, só pode significar "aldeola". O Gorduchinho se confundiu, pensando que era "bleeding". Ultimamente, o coitado tem recebido muitas informações de fontes inglesas. Só pode ser isso.

O sr. Diamond olhou para as costas do Primeiro Assistente. — É, só pode ser isso. Muito interessante. Será que podemos voltar ao trabalho? Muito bem. Hannah Stern pegou um avião de Roma para a cidade de Pau. Pergunte ao Gorduchinho onde fica o aeroporto mais próximo dessa tal aldeola de Etchebar. Se for em Pau, estamos ferrados.

A pergunta foi inserida no computador. A tela do monitor ficou escura e depois brilhou, exibindo uma lista de aeroportos na ordem de distância de Etchebar. O primeiro da lista ficava em Pau.

Diamond balançou a cabeça, num gesto fatalista.

O Primeiro Assistente suspirou e enfiou o indicador embaixo da armação de metal dos seus óculos, esfregando levemente as manchas avermelhadas do nariz. — Então, é isso aí. Temos todas as razões para acreditar que essa tal Hannah Stern esteja, neste instante, em contato com um elemento identificado por um cartão lilás. Só restam três elementos com cartão lilás ainda vivos no mundo inteiro e a nossa garota encontrou um deles. Vai ter sorte assim na...

— É isso aí. Muito bem, agora já temos a certeza de que o Nicholai está metido nesta encrenca. Volte para sua máquina e descubra tudo o que puder sobre ele para que a gente possa informar ao sr. Able quando ele chegar. Comece pela chegada do Hel em Tóquio.

Japão

A ocupação estava em pleno vigor; os evangelizadores da democracia propagavam o seu credo instalados no Edifício Dai Ichi, do outro lado do fosso — mas significativamente, fora do campo de visão — do Palácio Imperial. O Japão estava mergulhado num caos físico, econômico e emocional, mas a ocupação colocava a sua cruzada idealista acima das preocupações mundanas com o bem-estar do povo conquistado; uma mente ganha era mais importante do que uma vida perdida.

Como milhares de outros, Nicholai Hel era um perdido no caos da luta pela sobrevivência no pós-guerra. A inflação galopante reduziu rapidamente sua pequena reserva de dinheiro a um monte de papel pintado. Procurou um trabalho braçal juntamente com a multidão de operários japoneses que trabalhavam na limpeza dos destroços dos bombardeios; mas os capatazes, vendo a que raça pertencia, desconfiavam dos seus motivos e duvidavam das suas necessidades. Também não recebia nenhuma espécie de assistência dos poderes de ocupação, já que não era cidadão de nenhum deles. Acabou juntando-se à multidão dos sem-teto, sem trabalho, os famintos que perambulavam pela cidade, dormindo em bancos de parque, embaixo de pontes, nas estações ferroviárias. Havia um excesso de mão-de-obra e escassez de trabalho, e somente as jovens garotas tinham algo a oferecer aos ríspidos e bem alimentados soldados, que então eram os novos senhores.

Quando o dinheiro acabou, ele passou dois dias sem comer, voltando todas as noites da sua procura por trabalho para dormir na Estação Shimbashi, junto com centenas de outros, igualmente esfomeados e perdidos. Acomodando-se sobre ou debaixo dos bancos, ou formando fileiras cerradas nos espaços abertos, essas pessoas dormiam sonos interrompidos, tendo pesadelos e acordando assustadas, o estômago roncando de fome. A cada manhã, a polícia punha todo mundo para fora, de maneira que o tráfego pudesse fluir normalmente. E, a cada manhã, havia uns oito ou dez que não respondiam às ordens da polícia. A fome, a doença, a idade provecta e a perda da vontade de viver tinham vindo durante a noite para tirar deles o fardo de continuar vivendo.

Nicholai perambulava pelas ruas chuvosas ao lado de milhares de outros, procurando por qualquer tipo de trabalho; e finalmente, procurando por qualquer

coisa para roubar. Mas não havia trabalho e nada que valesse a pena roubar. Seu uniforme de estudante, com o colarinho alto, estava coberto de manchas de lama, sempre úmido e seus sapatos tinham rombos nas solas. Ele arrancara a sola de um deles porque já estava solta, e a indignidade daquele flap-flap sempre que dava um passo era inaceitável. Mais tarde arrependeu-se de não tê-la amarrado com um trapo.

Na noite do seu segundo dia sem comer, ele voltou tarde para a Estação Shimbashi, caminhando sob a chuva. Amontoados sob o imenso teto metálico, velhos alquebrados e mulheres desesperadas com seus filhos, seus poucos pertences enrolados em trouxas, cuidavam de arranjar um pequeno pedaço de chão para si mesmos com uma dignidade silenciosa que encheu Nicholai de orgulho. Ele nunca antes apreciara a beleza do espírito japonês. Espremidos, assustados, esfomeados, morrendo de frio, eles tratavam uns aos outros com toda a educação, mesmo nestas circunstâncias de grande tensão emocional. Certa vez, no meio da noite, um homem tentou roubar alguma coisa de uma jovem e, com uma luta breve e quase silenciosa num canto escuro da ampla sala de espera, foi feita uma justiça rápida e definitiva.

Nicholai teve muita sorte em conseguir um lugar debaixo dos bancos, onde ficava livre de receber em plena cara o líquido quente das pessoas que se aliviavam durante a noite. Instalada no banco em cima dele, havia uma mulher com duas crianças, uma delas um bebê. Ela falava baixinho com eles, ninando-os até que dormissem, mas não sem antes lembrá-la, sem insistência, de que estavam com fome. Ela lhes contou que o avô, afinal de contas, ainda não estava morto, e que logo voltaria para buscá-los. Mais tarde, descreveu em lindas palavras sua pequena aldeia à beira-mar. Depois que as crianças dormiram, ela começou a chorar baixinho.

O velho, deitado no chão ao lado de Nicholai, teve uma trabalheira danada para guardar seus pertences num pedaço de pano dobrado, que colocou ao lado da cabeça, antes de se preparar para dormir. Eram uma xícara, uma fotografia e uma carta que já tinha sido dobrada e desdobrada tantas vezes que as dobras estavam finas e saburrosas. Era uma carta formal de condolências do exército. Antes de fechar os olhos para dormir, o velho se despediu do jovem estrangeiro que estava ao lado dele, e Nicholai sorriu e desejou boa noite.

Antes que seu sono agitado tomasse conta dele, Nicholai ordenou sua mente, escapando da aguda sensação de fome através de um transporte místico. Quando voltou de sua pequena pradaria com suas relvas que balançavam ao vento e sua luz dourada do sol, já estava recuperado apesar de faminto,

pacificado apesar do desespero. Mas sabia que se não conseguisse trabalho ou dinheiro, logo estaria morto.

Quando a polícia apareceu, pouco antes do amanhecer, para despachá-los, o velho estava morto. Nicholai enfiou a xícara, a fotografia e a carta na sua própria trouxa porque parecia um terrível pecado deixar que tudo o que o velho guardara com tanto carinho fosse abandonado e jogado fora.

Na hora do almoço, Nicholai tinha se arrastado até o Hibiya Park à procura de trabalho, ou de alguma coisa para roubar. A fome já não era mais uma simples questão de apetite não satisfeito. Era uma sensação espasmódica, uma fraqueza generalizada que fazia com que suas pernas pesassem toneladas e sua cabeça desvairasse. Ao se deixar arrastar na correnteza de pessoas desesperadas, ondas de irrealidade passavam sobre ele; as pessoas e as coisas mudavam: ora eram formas indiscriminadas, ora objetos definidos com surpreendente poder de fascinação. Algumas vezes, via-se flutuando numa torrente de pessoas sem rosto, deixando que a energia e a direção delas fossem as suas, permitindo que seus pensamentos espiralassem e entrassem em curto-circuito num torvelinho de sonho, sem significado algum. A fome fazia com que seus transportes místicos chegassem à superfície da sua consciência, e fragmentos de fuga terminavam em irrupções súbitas da realidade. Surpreendia-se a si próprio de pé, os olhos cravados numa parede ou no rosto de alguma pessoa, achando que estava assistindo a um inesquecível acontecimento. Nunca antes alguém tinha estudado aquele tijolo específico com tanto cuidado e afeição. Ele era o primeiríssimo! Nunca ninguém tinha examinado a orelha daquele homem com tanta profundidade. Isto tinha que significar alguma coisa. Não tinha?

A fome delirante, o espectro fragmentado da realidade, o se deixar levar sem rumo, tudo isso era sedutoramente prazeroso, mas alguma coisa dentro dele o alertava de que poderia ser perigoso. Ele tinha que sair de dentro daquilo ou morreria. Morrer? Morrer? O que diabos quer dizer morrer?

Uma massa compacta de gente levou-o para fora do parque por um portão que ficava no cruzamento de duas avenidas congestionadas por veículos militares, automóveis movidos a gasogênio, bondes barulhentos e bicicletas desconjuntadas puxando reboques de duas rodas, carregadas de cargas incrivelmente pesadas e volumosas. Tinha havido um pequeno acidente e o tráfego estava sendo desviado daquele quarteirão, enquanto um impotente guarda de trânsito japonês, com suas enormes luvas brancas, tentava esclarecer as coisas entre um russo guiando um jipe americano e um australiano dirigindo outro jipe americano.

Nicholai foi empurrado pela multidão curiosa e, sem querer, se meteu entre os espaços vazios do tráfego interrompido, aumentando ainda mais a confusão. Os russos falavam somente russo, os australianos somente inglês, o guarda somente japonês; e todos discutiam em altos brados, querendo jogar a culpa e a responsabilidade uns nos outros. Nicholai foi empurrado e se viu prensado na lateral do jipe australiano, cujo passageiro, um oficial, continuava sentado, olhando fixamente para frente com estóico desconforto, enquanto seu motorista botava a boca no mundo, declarando que teria o maior prazer em resolver a parada homem a homem com o motorista russo e o oficial russo, um por vez ou os dois juntos ou, se fosse o caso, com todo o Exército Vermelho de uma vez!

— O senhor está com pressa, senhor?

— O quê? — O oficial australiano ficou surpreso ao notar que aquele rapaz maltrapilho, trajando um imundo uniforme de estudante japonês, falava com ele em inglês. Levou alguns segundos até perceber, pelos olhos verdes no rosto esquálido, que o garoto não era oriental. — Claro que estou com pressa! Tenho uma reunião — ele levantou o braço e olhou para o relógio — aliás, tinha... doze minutos atrás!

— Eu ajudo o senhor — disse Nicholai. — Mas preciso ser pago.

— Como é que é? — O sotaque era digno de um mau ator interpretando um senhor dominador inglês numa comédia barata, como acontece freqüentemente com o pessoal das colônias que se acha capaz de falar inglês melhor que os ingleses.

— Se o senhor me der algum dinheiro, eu posso ajudá-lo.

O oficial, num gesto petulante, voltou a consultar o relógio. — Ah, está bem. Vamos logo com isso!

Os australianos não entenderam nada do que Nicholai disse, primeiro em japonês para o guarda, depois em russo para o oficial do Exército Vermelho, mas conseguiram entender o nome "MacArthur" repetido diversas vezes. O efeito da referência ao Imperador do império foi imediato. Em menos de cinco minutos, foi aberta uma brecha no emaranhado de veículos, e o jipe australiano foi levado até o gramado do parque onde, por um caminho de cascalho, correu livremente por entre os atônitos pedestres, chegando finalmente à calçada de uma rua lateral que passava ao largo do trânsito interrompido, deixando para trás a montanha de veículos engarrafados, todos com motoristas furiosos, metendo devidamente a mão nas buzinas. Nicholai tinha pulado para dentro do jipe, sentando-se ao lado do motorista. Assim que saíram do meio da confusão, o oficial ordenou que o motorista encostasse.

— Muito bem, então quanto é que eu devo?

Nicholai não fazia idéia de quanto valia o dinheiro estrangeiro naqueles dias. Chutou um valor. — Cem dólares.

— *Cem dólares!* Você ficou louco?

— Dez dólares! — corrigiu Nicholai, rapidinho.

— O que der, deu, não é isso? — exclamou o oficial. Mas tirou a carteira do bolso. — Ah! Meu Deus! Estou sem nenhum troco. Motorista?

— Desculpe, senhor. Nem um puto.

— Hum... Olha. Vamos fazer o seguinte. Eu trabalho naquele prédio, do outro lado da rua. — Ele indicou o Edifício San Shin, centro de comunicações das Forças Aliadas de Ocupação. — Venha comigo e nós vamos cuidar de você.

Uma vez dentro do Edifício San Shin, o oficial levou Nicholai até o guichê de contas a pagar, onde ordenou que se fizesse um vale de dez dólares em dinheiro vivo e, antes de correr para pegar o resto da sua reunião, lançou um rápido olhar para Nicholai e perguntou. — Ouça aqui. Você não é inglês, certo? — Naquela época, Nicholai tinha o sotaque de seus tutores ingleses, mas o oficial não conseguia associar o sotaque de estudante de escola pública com as roupas e o aspecto físico do rapaz.

— Não — respondeu Nicholai.

— Ah! — exclamou o oficial, com evidente alívio. — Achei mesmo que não — E saiu correndo na direção dos elevadores.

Por meia hora, Nicholai ficou sentado num banco de madeira, do lado de fora do escritório, esperando sua vez; enquanto no corredor, ao lado dele, as pessoas conversavam em inglês, russo, francês e chinês. O Edifício San Shin era um dos poucos locais onde as diferentes forças de ocupação se reuniam, e era fácil perceber a cautela e a falta de confiança sob o disfarce de uma camaradagem falsa. Mais da metade das pessoas que ali trabalhavam eram funcionários públicos civis e havia muito mais americanos, na mesma proporção em que seus soldados eram em muito maior número do que todas as outras potências juntas. Era a primeira vez que Nicholai ouvia o *r* enrolado e as vogais brilhantes da maneira de falar dos americanos.

Já estava começando a se sentir mal e com sono, quando uma secretária americana abriu a porta e chamou o seu nome. Uma vez na ante-sala, foi-lhe dado um formulário para preencher enquanto a jovem secretária voltou para sua máquina de escrever, levantando bs olhos de quando em quando para dar uma

espiada naquela pessoa inacreditável, com roupas imundas. Mas a curiosidade dela era apenas ocasional; o que realmente a interessava era o encontro que tinha naquela noite com um major que, segundo as outras garotas lhe tinham contado, era muito gentil e sempre levava suas convidadas para um excelente restaurante, não sem antes lhes proporcionar muita diversão.

Quando Nicholai entregou o formulário devidamente preenchido, a secretária passou os olhos pelo papel, ergueu as sobrancelhas e fungou, mas levou-o para a encarregada das contas a pagar. Poucos minutos depois, Nicholai era chamado para entrar na sala interna.

A encarregada era uma mulher de cerca de quarenta anos, gorducha e simpática. Ela se apresentou como srta. Bomcorpo. Nicholai não sorriu.

A srta. Bomcorpo fez um gesto indicando o formulário: — Você sabe que tem que preencher todo o formulário, não sabe?

— Não posso. Quer dizer, não posso preencher todos os espaços.

— Não pode? — Anos de funcionalismo público passaram pela mente dela. — O que você quer dizer... — Ela olhou para a primeira linha do formulário: — ... Nicholai?

— Não posso dar meu endereço. Não tenho endereço. E também não tenho o número da minha carteira de identidade, porque não tenho carteira de identidade. Nem uma — como se chama? — agência responsável.

— Isso mesmo, uma agência responsável. A unidade ou organização para a qual você trabalha, ou onde seus pais trabalham.

— Eu não tenho uma agência responsável. Isso importa?

— Bem, nós não temos como pagar sem um formulário completamente preenchido. Você entende isso, não entende?

— Estou morrendo de fome.

Por um instante, a srta. Bomcorpo ficou perplexa. Inclinou-se por sobre a escrivaninha: — Seus pais fazem parte das forças de ocupação, Nicholai? — Ela chegara à conclusão de que ele era filho de alguém do exército e tinha fugido de casa.

— Não.

— Você está aqui sozinho? — perguntou ela, incrédula.

— Estou.

— Bem... — Ela franziu a testa e fez um gesto de ombros — Quantos anos

você tem, Nicholai?

— Vinte e um.

— Nossa! Me desculpe, eu pensei... quer dizer, você não parece ter mais do que catorze ou quinze. Mas... bem, isso não faz mal. Então, vamos ver. Como é que nós vamos fazer? — Ficava claro que a srta. Bomcorpo estava sendo submetida a um forte apelo maternal, a sublimação de uma vida sem nenhuma experiência sexual. Ela se sentia estranhamente atraída por aquele jovem rapaz que tinha toda a aparência de criança órfã, mas a idade de um potencial companheiro. A srta. Bomcorpo acabou classificando esta mistura de sentimentos contraditórios como sendo uma manifestação de preocupação cristã com outro ser humano.

— Será que a senhorita não poderia simplesmente me dar os meus dez dólares? Talvez uns cinco dólares?

— Não é assim que as coisas funcionam, Nicholai. Mesmo presumindo que a gente encontre uma maneira de preencher este formulário, vai levar uns dez dias até que eles liberem o seu pagamento.

Nicholai sentiu sua esperança correr para o ralo. Não tinha experiência para saber que o emaranhado das barreiras burocráticas era tão impenetrável quanto o chão duro que ele pisava todos os dias. — Isso quer dizer que eu não vou receber nenhum dinheiro? — perguntou ele, sem inflexão na voz.

A srta. Bomcorpo ergueu os ombros de leve e levantou-se. — Eu sinto muito, mas... ouça. Minha hora de almoço até já passou. Venha comigo até a lanchonete dos empregados. Vamos comer alguma coisa e ver se a gente bola um jeito de resolver esta situação. — Ela sorriu para Nicholai e pôs a mão no ombro dele. — Está bem assim?

Nicholai concordou.

Os três meses seguintes, antes que a srta. Bomcorpo fosse transferida de volta para os Estados Unidos, permaneceram sempre na memória dela como um tempo de muita excitação e encantamento. Nicholai era a coisa mais parecida com uma criança que ela jamais teria, e foi seu caso mais duradouro. Ela jamais ousou contar para alguém, nem mesmo analisar para si mesma, o complexo de sentimentos que lhe passou pela cabeça e pelo corpo durante aqueles meses. Certamente tinha adorado ser necessária para alguém, curtira a segurança da dependência. Além do mais, ela era realmente uma boa pessoa, que gostava de

ajudar alguém que necessitasse. E nas relações sexuais dos dois havia um delicioso toque de vergonha, o sabor apimentado de ser ao mesmo tempo mãe e amante, uma inebriante mescla de afeição e pecado.

Nicholai nunca recebeu seus dez dólares; o desafio de fazer passar um formulário de requisição de vale sem o devido número da carteira de identidade se provou acima das forças mesmo dos vinte e tantos anos de experiência da srta. Bomcorpo no mundo da burocracia. Mas ela deu um jeito de apresentá-lo para o diretor dos serviços de tradução e, uma semana depois, ele estava trabalhando oito horas por dia, traduzindo documentos ou participando de intermináveis conferências, onde repetia em duas ou três línguas as declarações cheias de palavras vazias e muita cautela que um representante de um dado governo ousava fazer em público. Aprendeu que, em diplomacia, a principal função da comunicação é mascarar a verdade.

Suas relações com a srta. Bomcorpo eram amigáveis e polidas. Assim que pôde Nicholai devolveu, sob protestos dela, o dinheiro que ela lhe dera para comprar roupas e artigos de toalete e ainda insistiu em assumir a sua parte nas despesas da casa. Ele não gostava dela o suficiente para querer ficar devendo alguma coisa a ela. Isso não quer dizer que não gostasse dela — ela não era do tipo que desagradasse as pessoas; não despertava sentimentos tão fortes. Em certas ocasiões, o seu matraquear sem sentido era aborrecido; e sua constante atenção podia se transformar numa carga; mas ela tentava com tanto empenho, mesmo metendo os pés pelas mãos, ser atenciosa e era tão intensamente agradecida pelas experiências sexuais, que ele a tolerava com alguma afeição verdadeira, a mesma afeição que se sente por um animalzinho de estimação meio atrapalhado.

Nicholai só teve um problema sério morando com a srta. Bomcorpo. Em função da alta concentração de gordura animal na sua alimentação, os ocidentais exalam um odor ligeiramente desagradável, que ofende o sentido do olfato dos japoneses e acaba amortecendo notavelmente o ardor deles. Antes de conseguir se acostumar com isso, Nicholai teve uma certa dificuldade de se deixar levar pelos transportes físicos e levava um tempo relativamente longo para atingir o clímax. Para colocar as coisas em termos mais exatos, a srta. Bomcorpo acabou se beneficiando de sua própria depravação inconsciente; mas como não tinha nenhum parâmetro referencial na área, presumiu que a lenta excitação sexual de Nicholai fosse comum. Encorajada por suas experiências com ele, ao voltar para os Estados Unidos ela se aventurou em diversos casos de curta duração, mas todos acabaram por ser relativamente decepcionantes. Acabou por se tornar a "grande senhora" do movimento feminista.

Não foi sem uma sensação de alívio que Nicholai acompanhou a srta. Bomcorpo até o navio que a levaria de volta para casa e voltou ao lugar, arranjado pelo governo americano, em que vivia com ela apenas o tempo suficiente para se mudar para uma casa que alugara no bairro de Asakusa, uma região que mantinha velhas tradições na zona noroeste de Tóquio, onde poderia viver com uma elegância imperceptível — quase *shibumi* — e, dessa forma, ter que tratar com ocidentais apenas nas quarenta horas semanais que lhe garantiam a subsistência num padrão luxuoso para os parâmetros japoneses, em função do seu salário relativamente alto e, ainda mais importante, seu acesso aos bens disponíveis nos depósitos e armazéns de abastecimento americanos. Porque agora Nicholai já possuía o mais importante dos bens humanos: documentos de identificação. Estas preciosidades foram conseguidas através de um pequeno conluio entre a srta. Bomcorpo e seus amigos do serviço civil. Nicholai tinha uma carteira de identidade que o qualificava como funcionário público americano e uma outra que o identificava como russo. Na não muito provável possibilidade de que fosse interrogado pela polícia militar americana, ele poderia mostrar sua identidade russa; e, em qualquer outra eventualidade, usava seus papéis americanos. As relações entre russos e americanos eram baseadas em total desconfiança e temor mútuo; de maneira que eles evitavam mexer com os respectivos cidadãos em casos de pouca importância, do mesmo modo com que um homem que vai assaltar um banco do outro lado da rua, procura atravessar sempre pela faixa de pedestres.

Durante o decorrer do ano seguinte, a vida e o trabalho de Nicholai progrediram. Em matéria de trabalho, era chamado às vezes para trabalhar na sessão de criptografia da Sphinx/FE, antes que essa organização do serviço secreto fosse tragada pela nova e insaciável direção governamental da CIA. Em determinada ocasião, não se conseguia traduzir para o inglês uma mensagem codificada em russo, porque o jargão utilizado era uma algaravia incoerente. Nicholai pediu para ver o criptograma original. Combinando seu talento natural para a matemática pura, sua habilidade em conceber permutações abstratas, desenvolvidas, treinadas e demonstradas nas suas partidas de Go, e seu conhecimento de seis línguas, ele foi capaz, com relativa facilidade, de identificar os erros na decodificação. Descobriu que a mensagem original fora codificada erroneamente por alguém que escrevia um russo rebuscado e que estava redigida, de maneira pitorescamente antiquada, na ordem chinesa de escrever, resultando numa barafunda que confundira mesmo as sofisticadas máquinas de decifração da Sphinx/FE. Nicholai conhecera chineses que falavam esse russo imperfeito, empolado e artificial, e assim que deu com a chave do

enigma, matou a charada e o conteúdo da mensagem se fez claro. Mas as mentalidades de caixeiros contadores dos funcionários públicos da sessão de criptografia fez com que todos se impressionassem com o feito e Nicholai passou a ser considerado e chamado de "menino prodígio" — já que a maioria deles presumia que ele ainda não passasse de um menino. Um dos criptógrafos relativamente jovem, que estava bem por dentro das coisas, ergueu louvores a Nicholai, chamando-o de "garoto sabe-tudo" e dizendo que o serviço de decodificação que ele fizera era "impecável, limpo e completo".

E assim, Nicholai foi transferido em caráter permanente para a Sphinx/FE, recebeu uma promoção e um aumento de salário, e ainda um pequeno escritório onde passava os dias, divertindo-se com o joguinho de decodificar e traduzir mensagens cujo significado não lhe interessava em nada.

Com o tempo, Nicholai, para sua própria surpresa, chegou a uma espécie de trégua com os americanos com quem trabalhava. Isso não quer dizer que chegasse a gostar deles, ou a confiar neles; mas acabou descobrindo que eles não eram o povo amoral e depravado que a política e o comportamento militar deles sugeria. Certamente eram culturalmente imaturos, prepotentes e ineptos, materialistas e historicamente míopes, espalhafatosos, audaciosos e insuportavelmente chatos nas reuniões sociais; mas, no fundo, eram bem intencionados e hospitaleiros; desejosos de compartilhar — na verdade, insistiam em compartilhar — sua fortuna e ideologia com todo o resto do mundo.

Acima de tudo, descobriu que todo americano é um comerciante, que o cerne do gênio americano, do espírito ianque, era o comprar e o vender. Vendiam sua ideologia democrática como se fossem mascates, apoiados por sua enorme rede protecionista de vendas de armas e pelas pressões econômicas. Suas guerras eram monumentais manobras militares lastreadas em produção e suprimento. Seu governo era uma linha de produção de contratos sociais. Sua educação era vendida em termos de unidade/hora. Seus casamentos eram negócios emocionais e os contratos eram facilmente rompidos caso uma das partes falhasse na devida prestação de serviço. Honra, para eles, era sinônimo de bom negócio. E eles não eram, como pensavam, uma sociedade sem classes; eram uma sociedade de uma única classe — a mercantil. Sua elite eram os ricos; seus trabalhadores e fazendeiros eram tidos como perdedores de uma competição, gente que não conseguiu galgar a escada financeira da classe média. Os camponeses e proletários americanos tinham os mesmos valores que os corretores de seguros e executivos de empresas, com a única diferença de que esses valores eram expressos em bens de valores monetariamente menores: uma lancha em vez de um iate; o salão de boliche em vez do clube de campo; o cassino de Atlantic City

em vez do de Mônaco.

Sua educação e tendência inata fizeram com que Nicholai respeitasse e sentisse afeição por todos os membros das verdadeiras classes: fazendeiros, artesãos, artistas, guerreiros, eruditos, padres. Mas não conseguia sentir nada além de desprezo pelas classes artificiais dos comerciantes, que cavavam a vida comprando e vendendo coisas que não tinham criado, que amealhavam poder e fortuna sem medida, e que eram responsáveis por tudo o que é de mau gosto e descartável, por tudo o que significa mudança sem nenhum progresso, por tudo o que é consumo desvairado sem nenhuma utilidade.

Seguindo o conselho de seus mestres de ter uma aparência reservada, mantendo a distância de um homem de *shibumi*, Nicholai cuidou para não permitir que seus colegas de trabalho conhecessem suas opiniões. Para evitar a inveja deles, de vez em quando fazia humildes perguntas sobre problemas muito simples de decodificação e formulava suas questões de maneira a que as respostas já estivessem embutidas na própria pergunta. Eles, por sua vez, tratavam-no como uma espécie de bicho de outro planeta, um fenômeno intelectual, um menino prodígio meio esquisito. Até este ponto, tinham uma vaga consciência do abismo genético e cultural que o separava deles mas, do ponto de vista deles, eram eles quem estavam na crista da onda e ele quem não sabia exatamente onde cantava o galo.

E isso lhe vinha bem a calhar, já que sua verdadeira vida era centrada na sua casa, construída em volta de um pátio, numa pequena aléia transversal no bairro de Asakusa. A americanização penetrava muito lentamente nesta região antiquada, na zona noroeste da cidade. A bem da verdade, existiam pequenas lojas empenhadas em fabricar imitações de isqueiros Zippo e cigarreiras cujas tampas mostravam reproduções de notas de um dólar e, de dentro de alguns bares, vinha a música de orquestras japonesas imitando o som do swing das *big bands* e algumas cantoras muito jovens e cheias de confiança arriscavam interpretar"Don't sit under the Aplle tree with anyone else but Me", e podia ver-se um ocasional jovem vestindo-se como um gângster de cinema, achando que, com isso, estava mostrando quanto era moderno e americano, e havia comerciais radiofônicos falados em inglês que prometiam que o Vinho Akadama ia fazer com que você ficasse "na ponta dos cascos, no?". Mas aquelas manifestações eram todas superficiais e, no final de maio, o bairro celebrava o Festival de Sanja Matsuri, e as ruas ficavam tomadas por jovens rapazes suados, carregando com dificuldade os palanquins pintados de laca negra e ricamente filetados em ouro, os olhos brilhantes sob o efeito do saque, enquanto cambaleavam sob o peso de suas cargas, cantando *washoi, washoi, washoi,* dirigidos por homens

magnificamente tatuados, usando apenas *fundoshi,* calções muito curtos que deixavam à mostra as complicadas "roupas de tinta" que cobriam seus ombros, costas, braços e coxas.

Depois de participar do festival, Nicholai estava voltando para casa, no meio da chuva, ligeiramente afetado pelo saque, quando encontrou o sr. Watanabe, um impressor aposentado que vendia fósforos nas ruas uma vez que sua dignidade não lhe permitia mendigar, mesmo que já tivesse setenta e dois anos e toda a sua família estivesse morta. Nicholai explicou a ele que estava necessitando desesperadamente de um grande estoque de fósforos e se ofereceu para comprar tudo o que ele tinha. O sr. Watanabe ficou encantado por poder atendê-lo, já que a venda lhe garantiria um dia inteiro sem fome. Mas quando descobriu que a chuva estragara todos os seus fósforos, seu senso de honra não lhe permitiu fechar o negócio, apesar de Nicholai lhe ter afiançado que precisava exatamente de fósforos úmidos para fazer uma experiência que tinha na cabeça.

Na manhã seguinte, Nicholai acordou com uma forte ressaca causada pelo saque e não se lembrava exatamente dos termos da conversa que tivera com o sr. Watanabe, enquanto saboreavam, ao lado da barraquinha, uma refeição de *soba,* inclinados sobre os pratos de sopa de talharim para que a chuva não a tornasse ainda mais rala, mas logo caiu em si e lembrou-se que tinha agora em casa um hóspede permanente. Em uma semana, o sr. Watanabe percebeu que sua presença era essencial para Nicholai e para a rotina diária da casa em Asakusa e que seria muito indelicado abandonar um jovem que não tinha nenhum amigo.

Foi um mês depois que as irmãs Tanaka passaram a fazer parte da casa. Nicholai estava dando um passeio de hora de almoço no Hibiya Park quando encontrou as irmãs, robustas camponesas de dezoito e vinte e um anos que tinham fugido da fome que se seguira às inundações no norte e que se viam reduzidas a vender o próprio corpo para os passantes. Nicholai fora a primeira possibilidade de cliente delas e elas o abordaram com tal timidez e falta de prática que a compaixão que ele sentia deu lugar a uma gargalhada, uma vez que prostitutas mais experientes tinham ensinado às novatas umas poucas palavras em inglês que serviam apenas para expressar partes do corpo e posições sexuais da maneira mais vulgar. Uma vez instaladas na casa de Asakusa, elas voltaram ao seu modo campesino de ser, trabalhador, alegre e divertido, e se tornaram motivo de preocupação constante — e objeto de enorme afeição — do sr. Watanabe, que tinha uma visão muito restrita sobre o comportamento apropriado para jovens garotas. Seguindo o curso natural das coisas, as irmãs Tanaka começaram a freqüentar a cama de Nicholai, onde o vigor inato delas se expressava em divertidas explorações de incomuns e freqüentemente duvidosas

combinações, muitas delas talvez inéditas. Elas satisfaziam o apetite sexual do jovem, livres de qualquer envolvimento emocional que não fossem a afeição e a delicadeza.

Nicholai nunca teve muita certeza de como a sra. Shimura, a mais recente aquisição da família, aparecera na casa. Uma bela noite, quando voltou para casa, ela simplesmente estava lá e não saiu mais. A sra. Shimura estava com seus sessenta e tantos anos, era casmurra, sempre irritada, sempre resmungando pelos cantos, muito educada e fenomenal cozinheira. Houve uma breve escaramuça entre o sr. Watanabe e a sra. Shimura por questões de dominação territorial, uma vez que, sendo o sr. Watanabe o encarregado da administração do dinheiro e a sra. Shimura a responsável pelos cardápios diários, cada nova compra acabava numa pequena batalha. Acabaram por concordar em fazer as compras juntos, ela encarregando-se da qualidade, ele do preço; e não era muito confortável a posição do pobre vendedor, freqüentemente apanhado no centro do fogo cruzado das discussões deles.

Nicholai nunca pensou em seus convidados como uma equipe de serviçais, porque eles mesmos não se consideravam assim. Na verdade, era Nicholai que parecia não ter um papel definido — com seus respectivos deveres e obrigações —, a não ser levar para casa o dinheiro com que todos viviam.

Durante esses meses de liberdade e novas experiências, a mente e sensações de Nicholai foram exercitadas em muitas direções. Ele mantinha o tônus muscular através do estudo e prática de uma vertente oculta das artes marciais que acentuava o uso de itens domésticos comuns, como armas letais. Ele se sentia atraído pela clareza matemática e precisão calculada desse sistema de combate tão raro cujo nome, por tradição, jamais era pronunciado em voz alta, mas era formado por uma superposição dos símbolos *hoda* (nu) e *korosu* (matar). Durante toda a sua vida futura, mesmo que raramente carregasse alguma arma, nunca estava desarmado; pois em suas mãos um pente, uma caixa de fósforos, uma revista enrolada, uma moeda, até mesmo um pedaço de papel dobrado poderia ser usado de maneira letal.

Para a sua mente, havia a fascinação e o conforto intelectual do Go. Ele já não jogava porque, para ele, o jogo estava intrinsecamente ligado à sua vida com Otake-san, a coisas valiosas e delicadas que não mais existiam; e era mais seguro deixar fechados os portões da saudade. Mas ele continuava lendo os comentários dos jogos e, sozinho, resolvia problemas no tabuleiro. O trabalho no Edifício San Shin era mecânico e não representava desafio intelectual maior do que resolver as palavras cruzadas dos jornais; portanto, para exercitar sua mente, Nicholai

começou a trabalhar num livro chamado *Flores e Espinhos no Caminho do Go*, que acabou sendo publicado pelo próprio autor sob pseudônimo, e obteve certa popularidade entre os mais adiantados aficionados do jogo. O livro era uma elaborada brincadeira sob a forma de descrição e comentário sobre um jogo ficcional jogado entre mestres, no começo do século. Embora a técnica de jogo dos "mestres" parecesse clássica e até mesmo brilhante para o jogador mediano, havia pequenos erros e jogadas de pouca precisão que provocavam um franzir de cenho nos leitores mais experimentados. A delícia do livro residia no comentário feito por um idiota bem-informado que descobriu uma maneira de fazer com que cada jogada errada parecesse conter um toque de gênio e que esticava os limites da imaginação, comentando cada lance com metáforas sobre a vida, a beleza e a arte, tudo escrito com grande refinamento e demonstrações de conhecimento teórico, mas sem o menor significado verdadeiro. O livro era, na verdade, uma paródia sutil e eloqüente do parasitismo intelectual da crítica, e muito do prazer vinha do fato de que tanto os lances errados quanto o absurdo bem-articulado do comentário eram tão obscuros que a maioria dos leitores concordava, grave e respeitosamente, com ambos.

Todo dia primeiro do mês, Nicholai escrevia para a viúva de Otake-san e recebia, em resposta, pequenas notícias sobre ex-alunos e os filhos de Otake. Foi desta forma que teve a confirmação da morte de Mariko em Hiroshima.

Quando soubera do lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima, Nicholai temera que Mariko pudesse estar entre as vítimas fatais. Escreveu diversas vezes para o endereço que ela lhe dera. As primeiras cartas simplesmente se perderam no meio do torvelinho de escombros deixado pela bomba, mas a última fora devolvida com a informação de que o endereço do destinatário já não existia mais. Por algum tempo, ficou tentando se iludir, imaginando que Mariko poderia ter estado em viagem, visitando um parente em outro lugar quando a bomba fora lançada, ou talvez estivesse indo buscar alguma coisa num porão muito profundo, ou talvez... engendrou dezenas de histórias improváveis que explicassem a sua sobrevivência. Mas ela prometera escrever para ele, através da sra. Otake, e ele nunca recebera nenhuma carta.

Quando a notícia fatal chegou por meio da viúva de Otake-san, ele estava emocionalmente preparado. Mesmo assim, por algum tempo, sentiu-se arrasado e vazio, e desenvolveu um ódio amargo pelos americanos com quem trabalhava. Mas lutou para se libertar daquele ódio, uma vez que pensamentos negros como aqueles bloqueavam seu caminho para os transportes místicos onde estava sua proteção contra os efeitos dilacerantes da depressão e da tristeza. Então, por um dia inteiro, vagou sozinho, com o olhar perdido, pelas ruas do bairro, recordando

Mariko, brincando com as imagens dela com os dedos da sua mente, lembrando-se das delícias, dos medos e da vergonha das uniões sexuais deles, rindo para si mesmo das piadas que tinham trocado entre si, das brincadeiras inconseqüentes. Depois, já tarde da noite, despediu-se dela e, com grande afeto, tirou-a da sua vida. Permaneceu com ele um certo vazio outonal, mas não a dor e o ódio, de maneira que ele foi capaz de chegar à sua pradaria e se tornar um só com a luz do sol e a relva ondulante, e ali encontrou força e repouso.

Conseguira também se conformar com a perda do General Kishikawa. Depois da última e longa conversa que tinham tido na alameda de cerejeiras de Kajikawa, Nicholai não recebera mais nenhuma notícia. Sabia que o General fora transferido para a Manchúria; sabia que os russos, durante os últimos dias da guerra, quando a manobra já não representava nenhum risco e traria grandes vantagens políticas, tinham atacado, atravessando as fronteiras; sabia, por ter conversado com alguns sobreviventes, que alguns oficiais graduados tinham praticado o *seppuku*, e que nenhum dos que foram capturados pelos comunistas sobrevivera aos rigores dos campos de "reeducação".

Nicholai se consolava com o pensamento de que, ao menos, Kishikawa-san escapara da indignidade de ter que enfrentar a brutal maquinação armada pela Comissão de Crimes de Guerra do Japão, onde a justiça era desvirtuada por um racismo profundamente arraigado, do tipo que mandara nipo-americanos para campos de concentração, enquanto que germano e ítalo-americanos (que tinham grande força eleitoral) estavam livres para lucrar com a indústria de defesa; isto apesar do fato de que os soldados nisseis do exército americano tinham provado o seu patriotismo, conseguindo ser os mais condecorados, tendo sofrido o menor número de baixas em todas as unidades, mesmo tendo suportado o insulto de terem sido mandados unicamente para a frente européia pois os americanos duvidavam de sua lealdade, caso se vissem cara a cara com tropas japonesas. Os Tribunais de Crimes de Guerra japoneses estavam infestados pelos mesmos preconceitos racistas e tinham ignorado o lançamento de uma bomba de urânio sobre uma nação derrotada, que já negociava um acordo de paz e um outro lançamento posterior, de uma bomba de plutônio, ainda mais poderosa, apenas por razões de curiosidade científica.

O que mais irritava Nicholai era o fato de que grande parte do povo japonês fechava os olhos à condenação de seus líderes militares, não em função da argumentação tipicamente japonesa de que muitos deles tinham colocado sua glorificação pessoal e sua sede de poder à frente dos interesses da sua nação e do seu povo, mas pelo raciocínio ocidental de que, de alguma forma, estes homens tinham pecado contra regras retroativas de comportamento humano, regras estas

baseadas numa noção estrangeira de moralidade. Muitos japoneses pareciam não perceber que a propaganda dos vencedores transforma-se na história dos perdedores.

Jovem e emocionalmente solitário, sobrevivendo precariamente nas sombras das forças de ocupação, cujos valores e métodos não lhe interessava aprender, Nicholai necessitava de uma válvula de escape para suas energias e frustrações. Encontrou-a durante o seu segundo ano em Tóquio, um esporte que o tiraria da cidade superpopulosa e sórdida, levando-o para as solitárias montanhas não ocupadas e livres de americanos: a exploração de cavernas.

Tinha o costume de almoçar com os jovens japoneses que trabalhavam no serviço de motoristas do San Shin, porque se sentia mais à vontade com eles do que com os americanos que se achavam engraçadinhos e ficavam contando piadinhas com voz esganiçada no Centro de Criptografia. Desde que saber algum inglês era um pré-requisito até para o serviço mais insignificante, a maioria dos japoneses do serviço de motoristas tinha feito uma faculdade e alguns deles que lavavam jipes, ou serviam de chofer para oficiais, eram engenheiros mecânicos graduados incapazes de se sustentar numa economia arruinada, com altíssima taxa de desemprego.

No começo, os jovens japoneses se sentiam desconfortáveis ao lado de Nicholai, mas não demorou muito para que, da maneira aberta e livre da juventude, eles o aceitassem como um japonês de olhos verdes que tivera a desventura de nascer com olhos redondos. Nicholai foi admitido no meio deles e chegava mesmo a freqüentar as rodinhas onde se comentavam, entre gargalhadas, as desventuras sexuais dos oficiais americanos para quem eles serviam de motoristas. Invariavelmente, as piadas giravam sobre a mesma figura central: o americano estereotipado que, em matéria de sexo, era sempre irracionalmente lascivo, mas taticamente incompetente.

O assunto de exploração de cavernas surgira durante um desses almoços quando estavam todos agachados debaixo do telhado de metal de um abrigo contra a chuva, comendo arroz e peixe — o cardápio dos trabalhadores japoneses — em marmitas de metal. Três dos ex-universitários eram fanáticos por exploração de cavernas, ou tinham sido, antes do desesperador último ano da guerra e do caos da Ocupação. Falavam sobre a diversão e as dificuldades das suas expedições nas montanhas e lamentavam não ter o dinheiro e os suprimentos necessários para voltar a exercer seu esporte favorito. Nesta época, Nicholai já estava há muito tempo na cidade, e o barulho e os congestionamentos estavam corroendo sua sensibilidade campesina. Ele levou os homens a

contarem mais sobre a exploração de cavernas e perguntou sobre os suprimentos e equipamentos básicos. Acabou descobrindo que pouca coisa era necessária, mesmo que inacessíveis para eles, com o salário irrisório que recebiam das forças de ocupação. Nicholai se propôs a arranjar tudo o que fosse preciso desde que eles o levassem junto e lhe ensinassem a praticar o esporte. A oferta foi aceita incontinenti e, duas semanas depois, quatro deles passaram o fim de semana nas montanhas, explorando cavernas durante o dia e dormindo nas tavernas bastante baratas da região, onde enchiam a cara de saque e conversavam até altas horas, como fazem todos os jovens de qualquer lugar do mundo, falando sobre a natureza da arte, contando piadas obscenas de duplo sentido, fazendo planos para o futuro, falando em trocadilhos, compondo haicais improvisados, fofocando, discutindo política, sexo, lembranças e fazendo longos silêncios.

Depois de passar a primeira hora enfiado embaixo da terra, Nicholai já sabia que aquele era o seu esporte. Seu corpo, flexível e magro, parecia ter sido feito para deslizar pelas passagens estreitas. Os cálculos, feitos com rapidez e minúcia, sobre como, onde e que riscos estavam envolvidos, eram consoantes com o treino mental que o Go lhe fornecera. E o fascínio do perigo o seduzia. Ele nunca poderia ter sido alpinista, porque demonstrações públicas de coragem ofendiam seu senso de *shibumi*, dignidade e reserva. Mas, dentro das cavernas, os momentos de risco e ousadia eram pessoais, silenciosos e solitários; e tinham ainda o sabor especial de envolver temores animais primitivos. Na descida vertical para dentro de um poço, havia a emoção e o medo de cair, temor inato em todos os animais e tremendamente aguçado pelo conhecimento de que a queda se daria num vazio negro lá embaixo, e não acabaria numa paisagem maravilhosa, no topo de uma montanha. Dentro das cavernas, vivia-se num mundo perenemente frio e úmido, medos primordiais do homem, e muito reais para o explorador, já que a maioria dos acidentes mais graves e das mortes eram conseqüência da hipotermia. Havia ainda o medo animal da escuridão, do negrume interminável e da sempre presente possibilidade de se perder no emaranhado de fendas e cavidades ao rés do chão, tão estreitas que seria impossível, em função das articulações do corpo humano, retroceder. Jatos de água podiam alagar as estreitas cavernas com apenas alguns segundos de aviso, ou nem isso. E havia também a constante pressão mental de saber que tinha, logo acima dele, freqüentemente arranhando-lhe as costas quando rastejava por uma fenda apertada, milhares de toneladas de rocha que um dia, inevitavelmente, cederiam à pressão da gravidade e cairiam, preenchendo e bloqueando a passagem. Era o esporte perfeito para Nicholai.

Achava os perigos subjetivos particularmente atraentes e excitantes. Gostava de testar seu controle mental e sua habilidade física contra os pavores mais inerentes e primitivos do animal que tinha dentro de si, a escuridão, o medo de cair, o medo de se afogar, o frio, a solidão, o risco de se perder para sempre naquele buraco, a constante tensão mental de ter toneladas de rocha em cima dele. Os principais aliados do explorador de cavernas são a lógica e o planejamento cuidadoso e lúcido. Os principais inimigos são a imaginação e os acessos de pânico. É muito fácil um explorador se acovardar e muito difícil ser corajoso, porque trabalha sozinho, sem ser visto, sem ser criticado ou elogiado. Nicholai gostava dos inimigos que encontrava e da arena particular em que teria que vencê-los. Deliciava-se com a idéia de que a maioria dos inimigos morava dentro dele e de que suas vitórias não seriam assistidas por ninguém.

E havia também a sensação única e deliciosa de sair da caverna. Coisas aborrecidas, corriqueiras, adquiriam novas cores e valor depois de horas passadas dentro da terra, principalmente se ele tivesse enfrentado algum perigo, ou vencido algum desafio físico. Aspirava ao ar doce com extasiadas inalações. Uma xícara de chá amargo servia para aquecer as mãos enrijecidas, uma coisa que deleitava os olhos com sua cor rica, algo a ser cheirado com prazer incontido, uma onda de calor que descia pela garganta, um banquete de sabores sutis e variados. O céu ficava inacreditavelmente azul, a grama magicamente verde. Era muito bom receber um tapa nas costas de um colega, ser tocado por uma mão humana. Era bom ouvir vozes e emitir sons que descreviam sensações, que trocavam idéias, que divertiam os amigos. Tudo em volta era novo e estava ali para ser apreciado.

Para Nicholai, a primeira hora depois de sair de uma caverna tinha quase a mesma qualidade da vida que ele conhecia durante seus transportes místicos. Pois naquele breve período que transcorria antes que os objetos e as vivências voltassem a cair na banalidade, ele quase se sentia unificado à luz dourada do sol e aos perfumes fortes da relva.

Os quatro rapazes iam para as montanhas em todo fim de semana livre e, mesmo que não passassem de amadores e seus equipamentos pouco sofisticados os obrigassem a se limitar a explorações que eram, segundo os padrões internacionais, muito superficiais e modestas, era sempre um teste muito duro de persistência, resistência e habilidade, tudo seguido por noites de amizade, conversa, saque e piadas apelativas, mas muito apreciadas. Embora mais tarde Nicholai tivesse ganhado reputação mundial por sua participação em importantes expedições embaixo da terra, estas primeiras excursões de aprendizagem nunca foram superadas no que se refere a diversão e aventura.

Quando estava com vinte e três anos, Nicholai tinha um tipo de vida que satisfazia a maior parte das suas necessidades e o compensava por quase tudo que perdera, com exceção do desaparecimento do General Kishikawa. Para substituir a familiaridade da casa de Otake-san, ele enchera sua casa em Asakusa com pessoas que assumiam, mesmo que precariamente, os papéis de entes queridos. Tinha perdido sua infância e seu primeiro amor juvenil, mas satisfazia as necessidades do seu corpo com as infatigáveis e inventivas irmãs Tanaka. Seu antigo envolvimento profundo com a disciplina mental e as delícias do Go tinha sido substituído pelos prazeres emocionais e físicos da exploração de cavernas. De uma maneira peculiar e não muito saudável, seu treinamento da luta "Nu-Matar" dava vazão aos aspectos mais corrosivos do seu ódio pelos que tinham destruído sua nação e juventude; porque durante suas horas de exercícios, ele imaginava estar combatendo contra olhos redondos, e se sentia bem com isso.

A maioria das coisas que perdera eram pessoais e orgânicas, a maioria dos substitutos que arranjara eram mecânicos e externos; mas a diferença de qualidade era suprida em grande parte por suas retiradas ocasionais, quando descansava nos seus transportes místicos.

A parte mais desagradável da sua vida eram as quarenta horas semanais que passava no subsolo do Edifício San Shin, trabalhando enfadonhamente a troco de dinheiro. A sua educação e treinamento tinham-lhe proporcionado recursos interiores para satisfazer suas necessidades sem ter que se submeter ao dispêndio de energia de um emprego remunerado, tão necessário à maioria dos homens que tem dificuldade de preencher seus dias e justificar sua existência sem um trabalho. O lazer, os estudos e o conforto eram adequados a ele; podia prescindir da muleta do reconhecimento social, da segurança do poder, da força narcotizante da badalação. Infelizmente, as circunstâncias o obrigaram a ganhar a vida e, o que era ainda mais irônico, ganhá-la trabalhando para os americanos. (Mesmo que os companheiros de trabalho de Nicholai fossem uma mistura de americanos, ingleses e australianos, os métodos, valores e objetivos eram predominantemente americanos, o que fez com que ele começasse a achar que os ingleses eram americanos que não deram certo e os australianos, americanos em fase de treinamento).

O inglês era a língua falada na Central de Criptografia, mas a sensibilidade eufônica de Nicholai horrorizava-se com a superficialidade pomposa ou a cantoria afetada do modo de falar das classes altas inglesas e o metralhar metálico e anasalado dos americanos, então criou um sotaque todo particular, uma mescla dos grunhidos emitidos pelos americanos e ingleses. O efeito que este truque causou foi que ele foi considerado por toda a vida, por todos os que

falavam inglês, como sendo nativo de um país de língua inglesa, apenas que "situado Deus sabe aonde".

De vez em quando, os colegas de trabalho de Nicholai procuravam incluí-lo nos seus planos de festas e saídas, nunca imaginando que o que eles pensavam ser uma condescendência benevolente em relação ao estrangeiro era considerado por ele como um igualitarismo pretensioso.

Não eram as suas presunções de igualitarismo que irritavam Nicholai, mas as confusões culturais que faziam. Os americanos pareciam confundir padrão de vida com qualidade de vida, igualdade de oportunidades com mediocridade institucionalizada, valentia com coragem, machismo com masculinidade, liberdade com independência, verbosidade com articulação, divertimento com prazer — em suma, todas as interpretações erradas comuns àqueles que presumem que justiça implica em igualdade para todos, e não igualdade para iguais.

Quando se sentia benevolente, ele pensava nos americanos como crianças — cheios de energia, curiosos, ingênuos, bondosos, mimados — e, sob este aspecto, não via muita diferença entre os americanos e os russos. Ambos eram robustos, vigorosos, sadios, se destacavam em tudo o que se refere a coisas materiais, ficavam boquiabertos diante da beleza, plenamente convencidos de que suas ideologias eram o supra-sumo das conquistas humanas, ambos infantis, briguentos e tremendamente perigosos. Perigosos porque seus brinquedos eram armas atômicas que ameaçavam a existência da civilização. O perigo estava menos na malícia deles do que na sua ignorância arrogante. Era irônico pensar que a destruição do mundo não seria obra de um Maquiavel, mas de um Sancho Pança.

Ele nunca se sentira bem por saber que sua sobrevivência dependia deste tipo de gente, mas não havia alternativa, e ele só conseguia viver com seu mal-estar, ignorando-o. Foi somente no úmido e chuvoso mês de março do seu segundo ano que ele foi obrigado a aprender que, quando você recebe um convite para jantar com lobos, é bom saber se você será o convidado, ou a comida.

Apesar do tempo fechado, a eterna jovialidade do espírito japonês ficava clara na alegre a otimista canção "Ringo no Uta", que varria a nação e podia ser ouvida à meia-voz ou cantarolada por milhares de pessoas que tentavam se recuperar da destruição física e emocional da guerra. Os cruéis invernos de fome eram parte

do passado; as primaveras de enchentes e más colheitas tinham ficado para trás; e havia uma sensação geral de que o mundo estava se emendando. Mesmo sob os ventos úmidos de março, as árvores começavam a ganhar o leve esverdeado do começo da primavera, o prenúncio da fartura.

Quando Nicholai chegou ao escritório naquela manhã, estava com um estado de espírito tão bom que achou graça no obscurantismo militar preciosista da placa colocada na porta: SCAP/COMSEN/SPHINX-FE (N-CODE/D-CODE).

Com a mente devaneando em outra parte, preparou-se para recolher as mensagens das Forças Soviéticas de Ocupação da Manchúria interceptadas pela máquina, a maioria comunicados de rotina, criptografadas em códigos fáceis. Como não tinha o menor interesse nos joguinhos militares e políticos entre russos e americanos, ele normalmente decifrava as mensagens sem se ater ao seu conteúdo, da mesma maneira como uma boa secretária toma notas sem as ler. Foi por esta razão que já tinha começado a traduzir um outro texto quando a importância do que acabara de ler irrompeu em sua mente. Puxou a folha de papel da caixa de saída e leu de novo.

O General Kishikawa Takashi estava sendo trazido para Tóquio de avião, pelos russos, para ser julgado sob a acusação de ser criminoso de guerra de primeira classe.

Washington

Conduzidos pela srta. Swivven, os quatro homens entraram no elevador e ficaram calados enquanto ela inseria seu cartão magnético na fenda marcada "Décimo sexto andar". O árabe estagiário em terrorismo cujo codinome era sr. Haman perdeu o equilíbrio quando, ao contrário do que estava esperando, o elevador desceu rapidamente pelas entranhas do edifício. Foi de encontro à srta. Swivven, que emitiu um pequeno gritinho quando sentiu o ombro dele roçar no dela.

— Me desculpe, senhorita. Eu tinha a impressão que para ir do primeiro ao décimo sexto andar o elevador fosse subir. Matematicamente, deveria ser assim, mas...

Um franzir de cenho do seu superior na OPEP fez com que o sr. Haman interrompesse seu balbuciar em falsete e ele, disfarçando, concentrou sua atenção na nuca arrepiada da srta. Swivven.

O solucionador de problemas da OPEP (cujo codinome era sr. Able, uma vez que era o primeiro da ordem lógica alfabética Able-Baker-Charlie-Dog) estava envergonhado com a voz efeminada e os modos estouvados do seu colega árabe. Sr. Able, integrante de uma família que há três gerações estudava em Oxford e, portanto, gozava há muito das vantagens culturais de colaborar com os ingleses na exploração do próprio povo, menosprezava aquele arrivista filho de um pastor de ovelhas que, provavelmente, descobrira petróleo quando, com todo o cuidado, espetara um pino no solo para montar a sua tenda.

Estava ainda mais aborrecido por ter sido chamado quando tratava de um assunto social íntimo para resolver algum problema inexplicável causado, sem dúvida, pela incompetência do seu compatriota e dos rufiões imbecis da CIA. Na verdade, se a convocação não tivesse partido do Presidente do Conselho da Companhia-Mãe, ele a teria ignorado já que, quando foi interrompido, estava num agradabilíssimo papo com um adorável rapaz cujo pai era um senador americano.

O OARI, esquivando-se do frio desdém do homem da OPEP, postou-se bem no fundo do elevador, tentando dar a impressão de estar preocupado com assuntos muito mais relevantes do que aquela pequena querela.

Darryl Starr, por sua parte, tentava manter um aspecto de fria indiferença, brincando com as moedas do seu bolso, enquanto assobiava baixinho.

O elevador estacou subitamente, fazendo com que todos sentissem fortemente os efeitos da força da gravidade, e a srta. Swivven inseriu um segundo cartão magnético na fenda, fazendo com que as portas se abrissem. O pastor de ovelhas não perdeu a oportunidade de dar-lhe um tapinha na bunda. Ela simplesmente esquivou-se e saiu de lado.

Ah, pensou ele. Uma mulher modesta. Provavelmente, virgem. Tanto melhor. A virgindade é muito importante para os árabes que, com muito boas razões, detestam ser comparados.

Darryl Starr, abertamente, e o OARI, mais comedidamente, examinaram o local, já que nenhum deles jamais tivera autorização para ir ao"décimo sexto andar". Sr. Able, no entanto, trocou um rápido aperto de mãos com o sr. Diamond e perguntou: — Mas o que está acontecendo, afinal? Eu não gosto de ser convocado sumariamente, principalmente numa noite em que eu tinha outros planos.

— E vai gostar ainda menos quando eu explicar. — disse Diamond. Virou-se para Starr: — Sente-se. E prepare-se para ficar sabendo o tamanho da cagada que você fez em Roma.

Starr deu de ombros, fingindo indiferença, e acomodou-se numa poltrona de plástico branco moldado na mesa de reuniões com sua superfície de vidro opaco onde se projetavam as imagens do computador. O pastor de ovelhas olhava, deslumbrado, para a vista que se tinha da janela.

— sr. Haman? — chamou Diamond.

O nariz do árabe já estava quase encostando na janela enquanto ele, deliciado, acompanhava os desenhos feitos pelos faróis dos carros, passando lentamente pelo Monumento a Washington — os mesmos veículos que, sempre à mesma hora, passavam por aquela avenida.

— *ST.* Haman? — repetiu Diamond.

— O quê? Ah, sim! Eu sempre me esqueço deste maldito codinome que me deram. É mesmo uma bola!

— Sente-se — ordenou Diamond, num tom neutro.

— Como?

— Sente-se!

Sorrindo sem graça, o árabe juntou-se a Starr na mesa, enquanto Diamond

fazia um gesto para o representante da OPEP tomar seu lugar à cabeceira da mesa e sentava-se na sua poltrona ergométrica giratória, situada sobre o estrado mais elevado.

— Diga-me, Able, o que você sabe sobre a operação desta manhã, no Aeroporto de Roma?

— Quase nada. Eu não me preocupo com detalhes táticos. É da estratégia econômica que eu cuido. — Deu um peteleco num imaginário grão de poeira sobre o vinco perfeito das suas calças.

Diamond assentiu, laconicamente: — Nenhum de nós deveria ter que se preocupar com esse tipo de coisa, mas a estupidez do seu pessoal e a incompetência do meu acabam fazendo com que a gente...

— Ora, espera um pouco... — interrompeu o OARI.

— ... com que a gente tenha que se meter nesse rolo. Vou fazer um breve resumo dos antecedentes para que você saiba com o que estamos tratando aqui. srta. Swivven, por favor, anote tudo. — Diamond levantou um olhar furioso para o OARI da CIA. — Mas o que é que você tem que não pára quieto?

De lábios apertados e narinas infladas, o OARI respondeu: — Talvez eu só esteja esperando que o senhor me diga para sentar, já que é o senhor quem manda aqui.

— Ah, entendi. — O olhar de Diamond revelava toda sua desilusão e cansaço. — Muito bem, então sente-se.

Com o ar de quem acabara de obter uma importante vitória diplomática, o OARI tomou seu lugar ao lado de Starr.

Nem uma só vez, durante toda a conferência, Diamond usou seu tom de voz sarcástico e intimidante com o sr. Able, porque já tinham trabalhado juntos em muitos projetos e problemas, e se respeitavam mutuamente, certamente não por serem amigos, mas porque reconheciam, um no outro, as habilidades administrativas, a capacidade de análise lúcida e de tomar decisões isentas de românticas considerações éticas. Era função deles defender os interesses, sempre intimamente ligados, dos poderes que representavam, em todas as relações paralegais e extradiplomáticas entre as nações árabes produtoras de petróleo e a Companhia-Mãe, mesmo que a confiança mútua só fosse até o ponto em que os lucros também eram partilhados. As nações que o sr. Able representava eram muito mais poderosas no cenário internacional do que as aptidões e capacidades limitadas dos seus povos. O mundo industrializado tinha, descuidadamente, se permitido ficar dependente do petróleo árabe para sobreviver, mesmo sabendo

que as reservas não seriam eternas, mas, ao contrário, bastante limitadas. O objetivo das nações primitivas — agora conscientes de serem as queridinhas do mundo tecnológico apenas pela casualidade de que o tão necessário petróleo se encontrava debaixo das areias e rochas dos seus solos — era transformar aquele combustível e o conseqüente poder político inerente em fontes mais duradouras de riquezas, antes que se esgotassem as reservas de lodo nocivo da terra e com este objetivo eles, rapidamente, adquiriam áreas em todos os cantos do mundo, compravam empresas, se infiltravam nos sistemas bancários e exerciam controle financeiro sobre grandes figuras políticas do ocidente industrializado. Contavam com certas vantagens, que lhes facilitavam alcançar estes objetivos. Em primeiro lugar, podiam agir com presteza, já que não tinham as mãos atadas pelos embaraços causados pelas características políticas da democracia. Além disso, os políticos do ocidente eram corruptos e subornáveis. E, em terceiro lugar, a grande maioria dos ocidentais era gananciosa, preguiçosa e não tinha nenhum senso histórico, tendo sido condicionada pela idade atômica a viver todos os dias como se fosse o último e, portanto, preocupada apenas com o bem-estar e a prosperidade de cada um.

O conglomerado de companhias de energia que constituía a Companhia-Mãe poderia ter desatado o nó de chantagem dos países árabes a qualquer momento. O petróleo em estado bruto não vale nada até ser convertido num poluente lucrativo, e elas detinham o controle sobre os depósitos e a rede de distribuição. Mas o objetivo a longo prazo da Companhia-Mãe era usar a desculpa da hipotética escassez de petróleo para obter o controle de todas as fontes de energia: carbonífera, atômica, solar e geotérmica. Uma das manobras deste acordo interesseiro aparecia quando a OPEP simulava reservas baixas de petróleo sempre que a Companhia-Mãe estivesse interessada em construir oleodutos sobre tundras frágeis ou, em outras situações, bloquear grandes investimentos governamentais em pesquisa de energia solar ou eólica, ou criar deficiências no abastecimento de gás natural, fazendo pressão para a liberação dos controles de preço. Em compensação, a Companhia-Mãe prestava serviços às nações da OPEP de muitas maneiras, não sendo o menor deles exercer pressão política durante a suspensão da venda do petróleo, para evitar que os países ocidentais tomassem a óbvia resolução de ocupar as terras dos árabes e liberassem o petróleo para o bem de todos. Fazer isto exigia mais criatividade retórica do que os árabes podiam imaginar, uma vez que a Companhia-Mãe estava, ao mesmo tempo, divulgando vastas campanhas de propaganda com o objetivo de fazer com que as massas acreditassem que ela estava lutando para tornar os Estados Unidos independentes do petróleo importado, usando para isso

importantes investidores, acionistas que eram sempre pessoas famosas do mundo do entretenimento, com o objetivo de ganhar apoio popular para suas explorações de combustíveis fósseis, para que esquecessem do perigo em que colocavam a humanidade com seu lixo atômico, sua contaminação do mar com prospecção em lençóis submarinos e o eterno desleixo com que cuidavam dos seus petroleiros, que estavam sempre deixando vazar suas cargas.

Tanto a Companhia-Mãe quanto a OPEP estavam passando por uma delicada fase de transição; a primeira tentando transformar o seu monopólio de petróleo numa hegemonia sobre todas as outras fontes de energia, de maneira que seu poder e conseqüente lucro não desaparecessem com o esgotamento das reservas petrolíferas mundiais; a segunda lutando para transformar sua riqueza advinda do petróleo em possessões territoriais e controle de companhias industriais, espalhadas por todo o mundo ocidental. E era com o objetivo de aplainar o caminho através desta fase complicada e vulnerável que a Companhia dera carta branca ao sr. Diamond e ao sr. Able para lidar com os três maiores obstáculos ao seu sucesso: os esforços malévolos da Organização para Libertação da Palestina de usar sua incômoda importância para obter uma participação nos lucros árabes; a interferência irracional e sempre desastrada da CIA e de seu braço sensorial, a NSA; e a tenaz insistência de Israel que, egoisticamente, teimava em sobreviver.

Em resumo, cabia ao sr. Diamond controlar a CIA e, através do poder internacional da Companhia-Mãe, as ações dos países ocidentais; o sr. Able, por sua vez, tinha a tarefa de manter as nações árabes na linha. Esta era uma missão particularmente difícil, uma vez que esses países eram regidos por uma instável mistura de ditaduras medievais e caóticos socialismos militares.

O maior problema deles era segurar as rédeas da OLP. A Companhia-Mãe e a OPEP concordavam que os palestinos eram uma praga que incomodava muito mais do que devia, mas os caprichos da História tinham transformado esse povo e sua causa insignificante num ponto de atrito entre as já divergentes nações árabes. Todos se dariam por felizes se pudessem dar um fim à estupidez e malícia dos palestinos, mas, infelizmente, esse tipo de doença, mesmo sendo contagiosa, não era fatal. Apesar disso, o sr. Able fazia todo o possível para mantê-los impotentes e, recentemente, conseguira tirar grande parte da força deles, engendrando o desastre do Líbano.

Mas não conseguira impedir que terroristas palestinos perpetrassem o massacre das Olimpíadas de Munique, fato que anulara anos da propaganda anti-semita que vinha crescendo por todo o ocidente, impulsionada por um

sentimento latente de rejeição aos judeus. Sr. Able fizera tudo o que podia; tinha alertado o sr. Diamond sobre o acontecimento com antecedência. E Diamond passara a informação para o governo da Alemanha Ocidental, presumindo que eles tomariam as devidas providências. Mas os alemães relaxaram e deixaram que a coisa rolasse, confirmando o fato de que a proteção de judeus nunca fora uma grande preocupação para a consciência germânica.

Mesmo que a cooperação e uma certa admiração mútua entre Diamond e Able viessem de longa data, não havia amizade entre eles. Diamond não se sentia muito confortável com a ambigüidade sexual de Able. Mais que isso, odiava a superioridade cultural do árabe e sua desenvoltura social, pois tinha crescido nas ruas do West Side de New York e, como a maioria das pessoas que conseguem subir na vida por esforço próprio, não conseguia se livrar de um esnobismo invertido, que considera a falta de berço uma falha pessoal.

Por sua vez, o sr. Able sentia por Diamond um desprezo que nunca tentou disfarçar. Encarava seu trabalho como uma coisa patriótica e nobre, uma luta para criar uma base de poder para o seu povo, quando as reservas de petróleo se esgotassem. Mas Diamond era uma espécie de prostituta, pronto a vender os interesses do seu próprio país por dinheiro e uma oportunidade de brincar de dono do poder. Ele desprezava Diamond por ser um típico americano, uma pessoa cujo senso de honra e dignidade era subjugado pela ânsia de obter lucros. Achava os americanos um povo decadente, cuja idéia mais apurada de refinamento era papel higiênico macio. Crianças ricas que apostavam corrida em suas auto-estradas, brincando com seus rádios transmissores, fingindo ser pilotos da Segunda Grande Guerra. Onde estava a fibra desse povo cujo poeta mais popular era Rod McKuen, o Howard Cosell do verso?

Ao se sentar à cabeceira da mesa de reuniões, com o rosto impassível, um leve sorriso de distante polidez nos lábios, era este o tipo de pensamento que passava pela cabeça do sr. Able. Nunca deixava que sua desaprovação transparecesse, consciente de que seu povo devia continuar a colaborar com os americanos — até que tivessem acabado de comprar a liberdade dos grilhões ianques.

O sr. Diamond estava recostado na sua poltrona, estudando o teto enquanto pensava na melhor maneira de apresentar o problema, de maneira que não parecesse ser ele o único responsável pela trapalhada. — Muito bem — disse ele — vamos começar do começo. Depois da cagada das Olimpíadas de Munique, nós combinamos que você controlaria a OLP de maneira a evitar esse tipo de

propaganda negativa, no futuro.

O sr. Able suspirou. Bem, pelo menos Diamond não tinha começado sua história com a fuga dos judeus através do Mar Vermelho.

— Como uma colher de chá para eles — continuou Diamond — arranjamos um jeito para que não-me-lembro-quem tivesse autorização para falar na assembléia das Nações Unidas e armar aquele berreiro todo, xingando os judeus de tudo quanto é nome. Mas, apesar das suas afirmações, descobrimos, recentemente, que uma célula de membros do Setembro Negro, incluindo dois elementos que tinham participado do massacre de Munique, tinha recebido permissão sua de tentar um estúpido seqüestro de um avião no Aeroporto de Heathrow.

O sr. Able deu de ombros. — As circunstâncias mudam as intenções. Eu não tenho que dar explicações sobre tudo o que fazemos. Considero suficiente dizer que este último banho de sangue foi uma maneira de eles matarem o tempo até que as pressões americanas solapem a capacidade de defesa de Israel.

— E, nisso, nós concordamos com vocês. Como uma forma de assistência pacífica, eu ordenei que a CIA evitasse qualquer ação contra os setembristas. Possivelmente, estas ordens foram redundantes, uma vez que a longa tradição de incompetência da CIA teria sido suficiente para neutralizá-los, de uma forma ou de outra.

O OARI pigarreou para limpar a garganta, mas Diamond o fez calar-se com um gesto de mão, e continuou: — Fizemos mais do que uma assistência passiva. Quando descobrimos que um pequeno grupo informal de israelenses estava na pista dos responsáveis pelo massacre de Munique, decidimos acabar com eles numa operação tipo limpa-área. O líder do grupo era um tal Asa Stern, um antigo político cujo filho foi morto no atentado contra os atletas em Munique. Como sabíamos que Stern tinha um câncer terminal — ele morreu há duas semanas — e seu pequeno grupo era constituído apenas por um punhado de jovens idealistas amadores, presumimos que as forças conjuntas do seu serviço secreto e da nossa CIA fossem suficientes para acabar com eles.

— E não foram?

— Não foram. Estes dois homens aqui sentados foram os responsáveis pela operação, ainda que o árabe aqui não passe de um estagiário. Numa ação muito sangrenta e na cara de todo mundo, eles conseguiram eliminar dois dos elementos do grupo do Stern... e mais sete pessoas que passavam pelo local. Mas um dos membros, uma garota chamada Hannah Stern, sobrinha do líder falecido, conseguiu escapar.

O sr. Able suspirou e fechou os olhos. Será que nada funcionava naquele país com sua forma tão embaraçosa de governo? Quando é que eles se tocariam de que o mundo já estava numa era pós-democrática? — Você está me dizendo que *uma* garota conseguiu escapar dessa operação limpa-área? Isso só pode ser uma piada. Eu não posso acreditar que uma garota vá para Londres sozinha e consiga dar um jeito de acabar com seis terroristas palestinos altamente treinados que têm não só a proteção da sua organização e da minha, mas também do MI-5 e do MI-6 ingleses. Isso é ridículo!

— Seria ridículo. Mas a srta. Stern não está indo para Londres. Temos absoluta certeza de que ela foi para a França. E temos certeza também de que, neste momento, ela está, ou estará, muito brevemente, em contato com um certo Nicholai Hel — um homem com cartão lilás que é perfeitamente capaz de se infiltrar entre o meu pessoal, o seu e todos os ingleses, matar todos os membros do Setembro Negro e ainda voltar para a França a tempo de pegar um bom almoço.

O sr. Able olhou para Diamond com expressão intrigada: — Será que ouço um tom de admiração?

— Não! Eu não chamaria de admiração. Mas não podemos ignorar um homem como Hel. Eu vou lhe passar todas as informações que temos sobre ele, para que você possa avaliar por si mesmo até onde teremos que ir para consertar esta cagada. — Diamond virou-se para o Primeiro Assistente que, para não atrapalhar, continuava imóvel no seu console: — Projete os dados sobre o Hel.

Enquanto as informações frias e prosaicas do Gorduchinho iam aparecendo diante de todos, Diamond fez algumas anotações sucintas a respeito dos dados biográficos que levaram Nicholai Hel a descobrir que o General Kishikawa era prisioneiro dos russos e estava com seu julgamento marcado pela Comissão de Crimes de Guerra.

Japão

Para poder ter tempo e energia para localizar o General, Nicholai requisitou e obteve uma licença. A semana que se seguiu foi como um pesadelo, uma luta desesperada e em câmera lenta contra a esponjosa, mas impenetrável barreira das formalidades burocráticas, dos meandros secretos, da desconfiança internacional, da inércia administrativa e da indiferença dos funcionários. Seus esforços para conseguir resultados junto ao governo civil japonês foram infrutíferos. Os sistemas estavam paralisados e confusos porque, além da propensão nipônica de superorganizar tudo e das dificuldades causadas pela autoridade dividida estabelecida para aliviar a carga individual das responsabilidades por qualquer erro, havia elementos da democracia estrangeira que traziam com eles a indolência disfarçada de sobrecarga de serviço, característica daquela forma esbanjadora de governar.

Nicholai recorreu então aos governos militares e, com muita perseverança, conseguiu juntar parte das peças do quebra-cabeças de acontecimentos que tinham levado à prisão do General. Mas, para fazer isso, teve de se expor perigosamente, embora soubesse perfeitamente bem que uma pessoa que vivia com documentos de identidade falsificados e não podendo contar com a proteção de uma nacionalidade formal, não devia correr o risco de irritar os burocratas que proliferavam naquele complicado estado de coisas.

Os resultados dessa semana de sondagens e aborrecimentos foram escassos. Nicholai conseguiu descobrir que Kishikawa-san fora entregue à Comissão de Crimes de Guerra pelos soviéticos, que ficariam encarregados de processá-lo, e que, naquele momento, estava detido na Prisão Sugamo. Soube ainda que o encarregado da sua defesa era um oficial americano, mas foi somente à custa de inúmeras cartas e telefonemas que conseguiu marcar uma entrevista, mesmo assim de apenas meia hora, espremida na lotada agenda matinal do americano.

Nicholai levantou-se antes do amanhecer e pegou um bonde lotado com destino ao bairro deYotsuya. Uma manhã úmida e cinzenta cobria o céu oriental no momento em que ele cruzava a Akebonobashi, a Ponte da Alvorada, caminhando na direção dos alojamentos Ichigaya, que se tinham tornado o símbolo da desumana engrenagem da justiça ocidental.

Ficou sentado por três quartos de hora num banco de madeira do lado de fora do gabinete do consultor jurídico americano, que ficava no subsolo. Finalmente uma secretária cansada e impaciente levou-o até a sala de trabalho, atulhada de papéis, do Capitão Thomas. O capitão, sem levantar os olhos de um documento que examinava, fez um gesto indicando uma cadeira para que ele se sentasse. Somente depois de terminar a leitura e rabiscar alguma glosa nas margens do papel, o Capitão Thomas ergueu o olhar.

— Sim? — Havia mais fadiga do que rispidez no seu tom de voz. Ele era pessoalmente responsável pela defesa de seis pessoas acusadas de crimes de guerra e tinha de trabalhar com pessoal limitado e com poucos recursos, se comparado com a descomunal engrenagem de pesquisa e organização que estava à disposição da acusação, acomodada nos andares superiores do edifício. Infelizmente para sua paz de espírito, o Capitão Thomas era um idealista que acreditava piamente na justiça da lei anglo-saxônica, e se embarafustava no trabalho com tamanho empenho que o cansaço, a frustração e um fatalismo amargo ficavam evidentes em cada palavra ou gesto seu. Ele não queria nada mais do que ver toda aquela confusão terminada para poder voltar à vida civil e ao seu escritório de advocacia numa pequena cidade emVermont.

Nicholai explicou que estava tentando obter informações sobre o general Kishikawa.

— Por quê?

— Ele é um amigo meu.

— Um amigo? — O capitão parecia em dúvida.

— Sim, senhor. Ele... ele me ajudou muito quando eu morava em Xangai.

O Capitão Thomas puxou a pasta do General Kishikawa do meio de uma pilha de pastas semelhantes. — Mas, naquele tempo você devia ser apenas uma criança.

— Tenho vinte e três anos, senhor.

O capitão ergueu as sobrancelhas. Como todo mundo, estava espantado com a aparência jovem que a genética imprimira aos traços de Nicholai: — Me desculpe. Pensei que você fosse muito mais novo. O que você quer dizer com essa história de que o Kishikawa te ajudou?

— Ele tomou conta de mim quando minha mãe morreu.

— Sei. Você é inglês, não é?

— Não.

— Irlandês? — Novamente, o sotaque de Nicholai o identificava como sendo de "algum outro lugar".

— Não, Capitão. Eu trabalho na SCAP como tradutor. — Era melhor tentar se esquivar de uma conversa sobre a sua nacionalidade — ou, melhor dizendo, da inexistência dela.

— E você está se oferecendo para ser testemunha do caráter do General, é isto?

— Quero ajudar em qualquer coisa que puder.

O Capitão Thomas assentiu e procurou sobre a mesa pelo seu maço de cigarros: — Para ser bem sincero, eu não acredito que você possa fazer muita coisa. Temos pouca gente trabalhando aqui e estamos atolados de serviço. Eu tive de tomar a decisão de me concentrar em casos onde haja alguma chance de sucesso. E o caso do Kishikawa não se enquadra nesta categoria. Isto pode parecer indiferença da minha parte, mas eu sempre prefiro ser honesto.

— Mas... eu não posso acreditar que o General Kishikawa seja culpado de nenhum crime! Do que é que ele está sendo acusado?

— Ele foi enquadrado num saco de gatos chamado de Classe A. Crimes contra a humanidade. E macacos me mordam se eu sei o que isto quer dizer!

— Mas quem está testemunhando contra ele? O que eles alegam que ele fez?

— Não sei. São os russos que estão encarregados da acusação, e eles não permitem que eu examine sua documentação e fontes de informação até o dia anterior ao julgamento. Presumo que as acusações vão ter a ver com as ações dele quando era governador militar em Xangai. O pessoal de propaganda deles usou diversas vezes a alcunha "O Tigre de Xangai".

— O Tigre de...! Mas isso não faz o menor sentido! Ele era um administrador. Ele fez com que o fornecimento de água voltasse a funcionar... os hospitais, também. Como é que eles podem...?

— Durante o governo dele, quatro homens foram condenados e executados. Você sabia disso?

— Não, mas...

— Pelo que eu saiba, esses quatro homens podem ter sido assassinos, ladrões ou estupradores. O que eu sei é que o número médio de execuções por crimes capitais durante os dez anos de controle britânico foi de 14,6. Você pensaria que os dados comparativos seriam um ponto a favor do General. Mas os

homens que ele executou estão sendo chamados de "heróis do povo". E você não pode sair por aí matando heróis do povo e depois livrar a cara. Principalmente se você é conhecido como "O Tigre de Xangai".

— Ele nunca teve esse apelido!

— Mas é assim que eles o chamam agora. — O Capitão Thomas se recostou na cadeira e apertou os olhos cansados com os dedos. Depois, passou as mãos pelos cabelos aloirados, fazendo um esforço para se recompor. — E você pode apostar o seu rabo que este apelido vai ser usado o tempo todo durante o julgamento. Lamento parecer meio derrotista, mas acontece que eu sei que é muito importante para os soviéticos conseguirem esta condenação. Eles estão fazendo o maior escarcéu com o caso. Como você provavelmente sabe, eles receberam um monte de críticas por não terem repatriado os seus prisioneiros de guerra. Mantiveram os coitados na Sibéria, no que eles chamam de "campos de reeducação" até que pudessem ser mandados de volta, devidamente doutrinados. E o único prisioneiro de guerra que devolveram foi o Kishikawa. Portanto, esta é uma jogada chave para eles, uma oportunidade de mostrar para os povos do mundo todo que eles estão fazendo seu trabalho direitinho, punindo com rigor os capitalistas imperialistas japoneses, para que o mundo fique seguro para o socialismo. Agora, você parece pensar que esse Kishikawa é inocente. Está bem, talvez seja. Mas posso garantir que ele se enquadra perfeitamente como criminoso de guerra. Entenda, a primeira condição básica para se conseguir esta honra é estar do lado perdedor — e ele está. — O Capitão Thomas acendeu um cigarro no outro e apagou a guimba no cinzeiro cheio até a boca. Soltou uma baforada com uma risadinha triste. — Você consegue imaginar o que teria acontecido com o Roosevelt, ou com o General Patton se o outro lado tivesse ganho a guerra? Presumindo que eles tivessem sido tão caras-de-pau a ponto de montar julgamentos para os crimes de guerra. Merda, as únicas pessoas que teriam chance de se ver livres de serem tachados de "fomentadores da guerra" teriam sido aqueles isolacionistas idiotas, que nos mantiveram fora da Liga das Nações! E tudo leva a crer que eles seriam colocados como ditadores de fachada, exatamente a mesma coisa que nós fizemos com os inimigos deles na Dieta. É assim que as coisas funcionam, filho. E agora, eu tenho de voltar ao meu trabalho. Tenho um julgamento amanhã, onde estou defendendo um velho que está morrendo de câncer e alega nunca ter feito nada a não ser obedecer às ordens do seu Imperador. Mas, o mais provável é que ele venha a ser chamado de "O Leopardo de Luzon" ou "O Puma de Pago-Pago". E sabe de uma coisa, garoto? Até onde eu saiba, ele pode mesmo ter sido o Leopardo de Luzon. De qualquer maneira, isso não importa porra nenhuma.

— Será que, pelo menos, eu posso vê-lo? Fazer uma visita?

O Capitão Thomas estava de cabeça baixa; já de olhos grudados na pasta do próximo julgamento. — O quê?

— Eu gostaria de ver o General Kishikawa. Posso?

— Nisso, eu não posso ajudar. Ele é prisioneiro dos russos. Você vai ter que conseguir a permissão deles.

— Bem, mas como o *senhor* consegue vê-lo?

— Eu ainda não estive com ele.

— O senhor nem ao menos falou com ele?

O Capitão Thomas olhou para Nicholai com ar distante: — Eu ainda tenho seis semanas até o julgamento dele. O Leopardo de Luzon vai ao tribunal amanhã. Vá procurar os russos. Talvez eles possam ajudar.

— Com quem eu devo falar?

— Porra, rapaz! E eu sei lá!

Nicholai levantou-se. — Entendi. Obrigado. Ele já tinha chegado junto à porta quando o Capitão Thomas disse: — Eu lamento muito, filho. De verdade. Nicholai assentiu com a cabeça e saiu.

Nos meses seguintes, Nicholai iria refletir muito sobre as diferenças entre o Capitão Thomas e seu adversário russo, o Coronel Gorbatov. Havia algumas diferenças simbólicas entre as superpotências nas maneiras de pensar e de lidar com os homens e seus problemas. Os americanos se mostravam genuinamente preocupados, compassivos, mortificados, mal-organizados... em suma, inúteis. Os russos eram desconfiados, indiferentes, bem preparados e bem informados e, no final das contas, foram de algum valor para Nicholai que, neste momento, estava sentado numa poltrona imensa e bem estofada enquanto o coronel mexia sua xícara de chá até que dois enormes tabletes de açúcar diluíssem e girassem no fundo, mas sem nunca se dissolverem por completo.

— Tem certeza de que não aceita uma xícara de chá?

— Obrigado, não. — Nicholai preferiu não perder tempo com socializações gentis.

— Quanto a mim, eu sou viciado em chá. Quando eu morrer, o cara que for fazer a minha autópsia vai encontrar minhas entranhas curtidas como couro de bota. — Gorbatov sorriu automaticamente da velha frase, depois colocou a xícara num pires de metal. Tirou os óculos de metal e limpou as lentes, ou talvez tenha apenas espalhado a sujeira por toda a extensão dos vidros com seu

indicado e o polegar. Enquanto fazia isso, encarou, com olhos baços, o jovem sentado à sua frente. Gorbatov sofria de hipermetropia e, sem os óculos, podia enxergar bem melhor o rosto jovem e os impressionantes olhos verdes de Nicholai: — Então, o senhor é amigo do General Kishikawa? Um amigo preocupado com a situação dele. É isso?

— Sim, Coronel. E gostaria de ajudá-lo, se puder.

— Isso é compreensível. Afinal de contas, para que diabos servem os amigos?

— No mínimo, eu gostaria de ter autorização para visitá-lo na prisão.

— Sim, mas claro que gostaria. Isso é compreensível. — O coronel recolocou os óculos e deu um gole no seu chá: — O senhor fala russo muito bem, sr. Hel. Com um sotaque bastante refinado. Deve ter tido um excelente professor.

— Não foi uma questão de professor. Minha mãe era russa.

— Sim, naturalmente.

— Eu nunca estudei russo, formalmente. Aprendi já no berço.

— Entendo, entendo. — Era bem do estilo de Gorbatov jogar o peso da conversa na outra pessoa, para nunca se comprometer, usando frases monossilábicas que não passavam de pequenas indicações de que não estava convencido. Nicholai deixou que a evidente tática funcionasse porque já estava farto de se esconder, sentia-se frustrado com as poucas pistas que lhe davam, os caminhos que não chegavam a lugar nenhum, além de estar cada vez mais ansioso para saber sobre Kishikawa-san. Deu mais informações do que eram necessárias, mas, mesmo enquanto falava, já percebia que sua história não soava verdadeira. Esse fato fazia com que explicasse novamente com maiores detalhes, e as meticulosas explicações acabavam fazendo com que ele, cada vez mais, parecesse estar mentindo.

— Na minha casa, Coronel, o russo, o francês, o alemão e o chinês eram todas línguas de berço.

— Deve ter sido bastante desconfortável dormir num berço tão cheio de gente.

Nicholai tentou rir, mas o som que emitiu saiu quebrado e inconsistente.

— Mas, evidentemente — continuou Gorbatov —, você também fala inglês, não? — A pergunta foi feita em inglês, com um leve sotaque britânico.

— Sim — respondeu Nicholai, em russo. — E japonês. Mas essas línguas

eu tive de estudar.

— Quer dizer: sem berço?

— Precisamente isso. — Imediatamente, Nicholai se arrependeu do tom em que pronunciara suas últimas palavras.

— Entendo. — O coronel reclinou-se na poltrona da sua escrivaninha e encarou Nicholai com um toque de humor nos olhos de desenho mongol. — Sim — disse ele, finalmente, — muito bem educado. E surpreendentemente jovem. Mas, apesar das línguas que aprendeu no berço e fora dele, sr. Hel, o senhor é americano, não é mesmo?

— Eu apenas trabalho para os americanos. Como tradutor.

— Mas o senhor mostrou um documento de identidade americano para os nossos homens lá embaixo.

— Tenho este documento por motivos de trabalho.

— Ah, mas claro. Entendo. Mas, se bem me lembro, minha pergunta não foi para *quem* o senhor trabalha — isso nós já sabemos —, mas qual é a sua nacionalidade. O senhor é americano, não é mesmo?

— Não, Coronel, não sou.

— E o que é, então?

— Bem... eu creio que sou mais japonês do que qualquer outra coisa.

— É? O senhor me perdoaria se eu mencionasse que não se parece nem um pouco com um japonês?

— Minha mãe era russa, como eu já disse. Meu pai era alemão.

— Ah, mas isso esclarece tudo! Uma genealogia tipicamente japonesa!

— Não consigo entender que importância tem a minha nacionalidade!

— O que não tem importância é se o senhor entende ou não. Por favor, responda a minha pergunta.

O súbito tom gelado do Coronel fez com que Nicholai contivesse a raiva e a frustração que começavam a crescer dentro dele. Respirou fundo. — Eu nasci em Xangai. Vim para cá durante a guerra – sob a proteção do General Kishikawa — um amigo da minha família.

— Então, o senhor é cidadão de que país?

— De nenhum.

— Como isso deve ser estranho para você!

— É mesmo. Fez com que fosse muito difícil eu encontrar um trabalho para me sustentar.

— Ah, mas eu tenho certeza que sim, sr. Hel. E, diante de tantas dificuldades, tenho certeza de que o senhor estaria disposto a fazer quase qualquer coisa para garantir o seu emprego e o seu salário.

— Coronel Gorbatov, eu não sou um agente americano. Sou empregado deles, mas não sou agente.

— O senhor faz certas distinções tão sutis que, devo confessar, escapam ao meu entendimento.

— Mas, para que os americanos gostariam de conversar com o General Kishikawa? Que razões eles teriam para elaborar um plano tão complicado, só para fazer contato com um oficial que tem uma carreira nitidamente administrativa?

— Este é precisamente o ponto que eu esperava que o senhor pudesse me esclarecer, sr. Hel. — O Coronel sorriu.

Nicholai levantou-se: — Me parece evidente, Coronel, que o senhor está gostando muito mais da nossa conversa do que eu. Não devo mais fazê-lo perder seu valioso tempo. Existem certamente muitas moscas esperando que o senhor lhes arranque as asas.

Gorbatov soltou uma gargalhada. — Meu Deus! Há quantos anos eu não ouço esse tipo de frase! E dita nesse tom! Não apenas a entonação elegante da corte russa, mas até o desdém meio velhaco! Isso é demais! Sente-se, meu jovem. Sente-se. E me conte por que você precisa ver o General Kishikawa.

Nicholai deixou-se cair sobre a poltrona estofada, sentindo-se vazio e extenuado: — É muito mais simples do que o senhor está querendo acreditar. Kishikawa-san é um amigo meu. Quase um pai para mim. Neste momento, ele está sozinho, sem família, e trancado numa prisão. Eu de ajudá-lo, se puder. No mínimo, eu tenho que vê-lo... falar com ele.

— Uma simples questão de piedade filial. Perfeitamente compreensível. O senhor tem certeza de que não aceita uma xícara de chá?

— Certeza absoluta, muito obrigado.

Enquanto reenchia sua xícara, o Coronel abriu uma pasta e deu uma olhada no conteúdo. Nicholai supôs que fora a preparação daquela pasta a razão da sua espera de três horas nas ante-salas do quartel-general das Forças Soviéticas de Ocupação — Vejo que o senhor também tem papéis que o identificam como

cidadão da URSS. Certamente isso é incomum o suficiente para que mereça ser explicado, não lhe parece?

— Suas fontes de informação junto à SCAP são boas. O Coronel deu de ombros: — São adequadas.

— Eu tive uma amiga — uma mulher — que me ajudou a conseguir um emprego com os americanos. Foi ela quem me conseguiu a identidade americana...

— Desculpe-me, sr. Hel. Pelo que parece, eu não estou conseguindo me fazer entender muito bem. Eu não lhe perguntei sobre sua documentação americana. É a sua identidade russa que me interessa. Por favor, perdoe-me a falta de clareza.

— É justamente isso que eu estou tentando explicar.

— Ah, por favor, me desculpe.

— Eu ia lhe dizer que essa mulher percebeu que eu poderia me meter em encrencas, caso os americanos descobrissem que eu não sou cidadão dos Estados Unidos. Para evitar isso, ela me conseguiu papéis que me identificavam como cidadão russo, de maneira que eu pudesse ter o que mostrar para algum policial militar americano mais curioso e, assim, escapar de algum interrogatório.

— E quantas vezes o senhor recorreu a esse expediente tão bizarro?

— Nenhuma.

— Uma freqüência que parece não ter justificado o esforço. E por que russo? Por que o senhor não escolheu alguma outra nacionalidade, já que teve um berço tão variado?

— Como o senhor mesmo ressaltou, a minha aparência não é convincentemente oriental. E a opinião dos americanos sobre os alemães não é muito favorável.

— E, por outro lado, o senhor diria que a opinião deles sobre os russos é a melhor possível, que eles nos consideram como irmãos? É isso?

— Claro que não. Mas eles desconfiam e têm medo de vocês e, por causa disso, não tratam os cidadãos soviéticos com arbitrariedade.

— Essa sua amiga era muito esperta. Diga-me por que ela teve tanto trabalho por sua causa. Por que correu tantos riscos?

Nicholai não respondeu, o que já era resposta suficiente.

— Ah! Entendo! — disse o Coronel Gorbatov — É claro! E não podemos

esquecer que a srta. Bomcorpo era uma mulher que já não carregava o fardo de uma primeira juventude.

Nicholai ficou vermelho de raiva: — Então, o senhor conhece toda a história!

Gorbatov tirou os óculos e voltou a redistribuir a sujeira das lentes: — Sei de algumas coisas. Sobre a srta. Bomcorpo, por exemplo. E sobre a sua casa no bairro de Asakusa. Mas que coisa, não? *Duas* jovens para esquentar a sua cama! Que juventude mais devassa! E sei também que a sua mãe foi a Condessa Alexandra Ivanovna. É, pode-se dizer que eu sei algumas coisinhas sobre você.

— O que quer dizer que o senhor acreditou na minha história o tempo todo, não foi?

Gorbatov deu de ombros: — Seria mais correto dizer que eu acreditei nos detalhes que tornam a sua história tão curiosa. Sei que você falou com o Capitão Thomas da equipe do Tribunal de Crimes de Guerra na última... — Gorbatov lançou um olhar para a pasta . — ... terça-feira, às sete e meia da manhã. Imagino que ele tenha dito que não podia fazer nada pelo senhor no caso do General Kishikawa que, além de ser um importante criminoso de guerra, culpado de delitos contra a humanidade, ainda por cima é o único oficial de alta patente do Exército Imperial Japonês que sobreviveu aos rigores do campo de reeducação e, portanto, é uma figura muito valiosa para nós do ponto de vista de prestígio e propaganda. — O Coronel voltou a colocar os óculos. — Temo que não haja nada que o senhor possa fazer pelo General, meu bom jovem. E se insistir nessa tentativa, vai acabar sendo investigado pelo serviço secreto americano — um nome que diz melhor o que eles procuram do que o que eles já tem. E se não há nada que o meu bom amigo, o Capitão Thomas, possa fazer por você, então certamente não há nada que eu possa fazer, também. Ele, afinal de contas, representa a defesa.

E eu, a acusação. O senhor tem mesmo certeza de que não aceitaria uma xícara de chá?

Nicholai tentou se agarrar ao que pudesse conseguir: — O Capitão Thomas me disse que eu precisaria da permissão do senhor para ver o General.

— Isso é exato.

— Bem?

O Coronel virou o corpo na sua poltrona giratória, colocando-a na direção da janela e bateu nos dentes com o dedo indicador enquanto olhava para o dia fechado. — O senhor tem certeza de que ele gostaria de ver o senhor? Eu

conversei com o General. Ele é um homem muito orgulhoso. Pode não se sentir à vontade de aparecer na sua frente, no estado em que se encontra no momento. Por duas vezes, tentou cometer suicídio, e agora está sendo vigiado vinte e quatro horas por dia. Sua atual condição é degradante.

— Eu tenho que tentar vê-lo. Devo... muito a ele.

O Coronel assentiu sem tirar os olhos da janela. Parecia perdido nos próprios pensamentos.

— Bem? — perguntou Nicholai, depois de alguns momentos. Gorbatov não respondeu.

— Posso ver o General?

Com um tom de voz distante e destituído de emoção, o Coronel respondeu: — Sim, é claro. — Virou-se para Nicholai e sorriu. — Vou tratar disso imediatamente.

Embora estivesse quase esmagado pela multidão de pessoas que lotava o balouçante bondinho aéreo do teleférico Yamate — sentindo o calor dos corpos que passava através das roupas úmidas dos outros e das dele — Nicholai sentia-se isolado, atormentado por inseguranças e dúvidas. Pelas brechas entre as pessoas, ele olhava para a cidade lá embaixo, melancólica no tempo frio e chuvoso, descolorida sob o céu plúmbeo.

Ele tinha percebido uma sutil ameaça na permissão do Coronel Gorbatov, concedida sem emoção, para que ele visse o General Kishikawa e, por toda a manhã, Nicholai sentira-se deprimido e impotente diante do pressentimento que o incomodava. Talvez Gorbatov tivesse razão quando afiançara que aquela visita, ao fim e ao cabo, não seria um ato de delicadeza. Mas como ele poderia permitir que o General Kishikawa enfrentasse sozinho o julgamento que se aproximava, e sua possível desgraça? Seria um ato de indiferença do qual jamais se perdoaria. Seria, então, apenas para sua própria paz de espírito que iria até a Prisão Sugamo? Suas razões seriam, fundamentalmente, egoístas?

Na Estação Komagome, uma parada antes da Prisão Sugamo, Nicholai sentiu um súbito impulso de pular fora do bondinho para voltar para casa ou, no mínimo, ficar dando umas voltas por algum tempo, para poder pensar melhor no que estava prestes a fazer. Mas este ímpeto de última hora chegou muito tarde. Antes que pudesse abrir caminho até a porta, elas se fecharam e o carro saiu, balançando. Teve então a certeza de que deveria ter pulado fora. E também de

que, agora, iria até o fim.

O Coronel Gorbatov fora generoso e determinara que Nicholai poderia ficar toda uma hora com Kishikawa-san. Mas agora, sentado na gelada sala de visitantes, olhos grudados nas paredes pintadas de um verde fosco, ele se perguntava se encontraria alguma coisa para dizer numa conversa tão longa. Um guarda japonês e um policial militar americano postavam-se ao lado da porta, um ignorando o outro, o japonês com o olhar fixo no chão enquanto o americano devotava toda sua atenção à importante tarefa de arrancar pelinhos do nariz. Antes de ser admitido na área de visitantes, Nicholai tinha sido revistado com embaraçosa acuidade. Os bolos de arroz que tinha trazido, embrulhados em papel, tinham sido confiscados pelo policial militar americano que, baseado nos papéis de identidade de Nicholai, presumira que ele fosse um conterrâneo e explicara: — Desculpe, cara, mas não vai dar para você levar este rango com você. Esse... como é o nome dele? O general aí, de olhinhos puxados... já tentou sair dessa para melhor. Então, a gente não pode correr o risco de um envenenamento, ou troço do tipo, sacou?

Nicholai disse que sacava. E começou a brincar com o policial militar, percebendo que devia ficar amiguinho das autoridades caso pretendesse, de alguma forma, ajudar Kishikawa-san. — É por aí mesmo, sargento. Só não me entra na cabeça como é que algum desses oficiais amarelos conseguiu sobreviver à guerra. Afinal, os caras são meio vidrados nesse lance de suicídio, não são?

— É isso aí. Se acontece alguma coisa com o japa, vai ser o meu rabo que eles vão comer. Ei, mas que porra é essa aí? — O sargento segurava um pequeno tabuleiro magnético de Go que Nicholai, no último minuto, se lembrara de trazer para o caso de que a conversa minguasse e o constrangimento ficasse muito incômodo.

Nicholai deu de ombros. — Ah, é só um jogo. Uma espécie de xadrez dos japas.

— Sério mesmo?

O guarda japonês, que estava só na moita, consciente da situação meio esquisita em que se encontrava, ficou mais do que contente por ter uma brecha para se meter na conversa e, imediatamente, começou a explicar para o seu antagonista americano, num inglês macarrônico, que aquilo era mesmo um jogo japonês.

— Bem, eu não sei não, cara. Não tenho muita certeza de que você vai

poder entrar com esse troço, não.

Nicholai deu uma de indiferente: — Bem, isso é lá com você, sargento. Eu só achei que isso ia me ajudar a passar o tempo, se o General não estivesse muito a fim de papo.

— O quê? Vai me dizer que você fala a língua dos *gook?*

Nicholai freqüentemente se perguntara como esta palavra, uma corruptela do termo com que os coreanos designavam seu próprio povo, tinha se tornado o vocábulo de menosprezo padrão, no jargão dos militares americanos, para todos os orientais.

— É, eu falo japonês. — Nicholai sabia muito bem que tinha de usar uma certa duplicidade quando a sensibilidade se defronta com uma ignorância cavalar. — Você deve ter notado na minha identidade que eu trabalho para a Sphinx. — Olhou fixamente para o sargento e fez um disfarçado gesto de cabeça indicando o guarda japonês, mostrando que seria melhor eles não falarem muito daquele assunto na frente daquele tipo suspeito.

O PM franziu a testa, num esforço para entender e, alguns segundos depois, assentiu com ar conspiratório: — Ah, sei. É isso aí mesmo. Quer saber? Eu estava até me perguntando por que diabos um americano viria ver esse cara.

— Trabalho é trabalho.

— É isso aí. Bem, eu acho que está tudo numa boa. Afinal, que mal pode ter num joguinho, não é mesmo? — Ele devolveu o tabuleiro miniatura e levou Nicholai até a sala dos visitantes.

Cinco minutos depois, a porta se abriu e o General Kishikawa entrou, acompanhado de mais dois guardas, um japonês e um russo enorme, com as feições rígidas e carnudas de um camponês eslavo. Nicholai levantou-se, cumprimentando, e os dois novos guardiões tomaram suas posições junto à parede.

Ao ver Kishikawa-san se aproximando, Nicholai, automaticamente, fez uma leve inclinação de cabeça, num gesto reverente de filial obediência. O movimento não passou despercebido entre os guardas japoneses, que trocaram rápidos olhares, mas se mantiveram calados.

O General se adiantou e sentou-se na cadeira em frente a Nicholai, do outro lado da mesa de madeira tosca. Quando, finalmente, ergueu os olhos, o jovem ficou chocado com a aparência do General. Ele já esperava vê-lo mudado, um certo envelhecimento das suas feições a um tempo viris e delicadas, mas não tanto.

O homem sentado à sua frente estava velho, debilitado, abatido. Sua pele muito pálida, quase transparente, tinha uma estranha aparência monacal, e seus movimentos eram muito lentos e incertos. Quando finalmente falou, sua voz estava baixa e monótona, como se o próprio ato de se expressar por palavras fosse um fardo sem razão.

— Por que você veio, Nikko?

— Para estar com o senhor.

— Compreendo.

Seguiu-se um silêncio, durante o qual Nicholai não conseguiu pensar em nada para dizer e o General também não tinha nada para conversar. Finalmente, com um longo e trêmulo suspiro, Kishikawa-san tomou para si a responsabilidade de conduzir a conversa, uma vez que não queria que Nicholai se sentisse embaraçado com o silêncio. — Você me parece bem, Nikko. Está mesmo?

— Estou, senhor.

— Isso é bom. Muito bom. A cada dia você se parece mais com a sua mãe. Eu olho para você e vejo os olhos dela. — Sorriu um sorriso fraco. — Alguém deveria ter avisado à sua família que esse particular tom de verde foi criado para o jade e para os cristais antigos, não para olhos humanos. É desconcertante.

Nicholai forçou um sorriso: — Vou procurar um oftalmologista, senhor, para ver se ele consegue consertar uma anomalia tão crassa.

— Boa idéia, Faça isso.

— Farei, senhor.

— Faça. — O general desviou o olhar e, por um momento, pareceu se esquecer da presença de Nicholai. Depois: — E então? Como vão as coisas?

— Não posso me queixar. Trabalho para os americanos. Como tradutor.

— Não diga. E eles aceitam você?

— Eles me ignoram, o que dá no mesmo.

— Na verdade, é melhor.

Houve um outro curto silêncio, que Nicholai ia quebrar com algum comentário irrelevante quando Kishikawa-san ergueu a mão.

— É claro que você tem perguntas a me fazer. Eu vou te contar umas coisas bem simples e rapidamente, e depois nós não devemos mais falar nelas.

Nicholai inclinou a cabeça, demonstrando sua concordância.

— Como você sabe, eu estive na Manchúria. Fiquei doente – uma pneumonia. Quando os russos atacaram a unidade hospitalar em que me internaram, eu estava com febre e em coma. Quando readquiri a consciência, estava num campo de reeducação, sob vigilância permanente e impossibilitado de usar a saída através da qual inúmeros dos meus colegas oficiais escaparam da indignidade da rendição e das humilhações da... reeducação. Somente alguns poucos outros oficiais foram capturados. Foram levados para Deus sabe onde e nunca mais se ouviu falar deles. Nossos captores acharam que esses oficiais eram incapazes de... ou talvez que não valesse a pena... reeducá-los. Eu imaginei que esse também seria o meu destino, e fiquei aguardando-o com a maior calma possível. Mas, não. Com certeza, os russos imaginaram que um oficial com patente de general e totalmente reeducado seria uma boa coisa para se levar de volta para o Japão, para ajudá-los nos planos que tinham para o futuro do país. Muitos... muitos... muitos métodos de reeducação foram aplicados. Os físicos eram mais fáceis de suportar — fome, noites sem dormir, espancamentos. Mas eu sou um velho teimoso, e não me reeduco facilmente. E como não tenho mais ninguém no Japão que possa ser usado como refém, eles não tinham esse recurso emocional com que conseguiram reeducar tantos outros. Passou-se muito tempo. Um ano e meio, eu acho. É muito difícil saber em que estação se está, se você nunca vê a luz do dia e quando a sua capacidade de suportar é medida como um relógio de pêndulo... mais cinco minutos... mais cinco minutos... eu vou agüentar isso por mais cinco minutos. — Por alguns instantes, o General se perdeu em memórias de outros tormentos específicos. Então, com voz ainda mais baixa, voltou à sua história: — Algumas vezes eles perdiam a paciência comigo e cometiam o erro de me propiciar momentos de descanso, deixando-me inconsciente. Muito tempo se passou dessa maneira. Meses que eu contava minuto a minuto. Então, de repente, pararam de tentar me reeducar. Eu achei, é claro, que me matariam. Mas eles tinham em mente uma coisa muito mais degradante. Fui limpo, livraram-me dos piolhos. Uma viagem de avião. Depois, um longo percurso numa ferrovia. Outra viagem de avião. E eu estava aqui. Por um mês, me deixaram aqui e eu não tinha idéia do que eles estavam pretendendo. Então, duas semanas atrás, um tal Coronel Gorbatov veio falar comigo. Foi franco e direto. Cada nação vencedora contribuíra com seus criminosos de guerra. Os soviéticos não tinham ninguém para oferecer e por isso não tinham como participar diretamente na engrenagem da justiça internacional. Isso antes de mim, naturalmente.

— Mas, senhor...

Kishikawa-san levantou a mão pedindo silêncio. — Eu estava resolvido a

não passar por esta humilhação final. Mas não havia como me libertar. Não tinha cinto. Minhas roupas, como você vê, são de lona resistente, não tenho forças para rasgá-las. Como? Com uma colher e uma tigela de madeira? Só me deixam fazer a barba com um barbeador elétrico e, mesmo assim, sob estrita vigilância. — O General deu um sorriso triste. — Tudo indica que os soviéticos acham que eu tenho alguma serventia. Estão preocupados em não permitir que me aconteça alguma coisa. Há dez dias, parei de comer. Foi mais fácil do que você imagina. Eles me ameaçaram, mas quando um homem decide parar de viver, tira dos outros o poder de fazer ameaças. Então... me amarraram numa mesa e enfiaram um tubo na minha garganta. E me alimentaram com líquidos. Foi uma coisa medonha... humilhante... comer e imediatamente botar tudo para fora. Não havia a mínima dignidade. Então, fui obrigado a prometer que ia voltar a me alimentar. E aqui estou.

Durante todo o tempo em que expôs sucintamente a sua história, Kishikawa-san manteve os olhos grudados no tampo tosco da mesa, com uma expressão ao mesmo tempo intensa e alheia.

Os olhos de Nicholai ardiam com lágrimas incontidas. Olhava em frente, não ousando piscar, o que faria com que as lágrimas corressem pelo seu rosto, envergonhando seu pai — seu amigo.

Kishikawa-san inspirou fundo e ergueu o olhar. — Não, não. Isso não tem o menor sentido, Nikko. Os guardas estão nos olhando. Não dê essa alegria a eles. — Estendeu a mão e deu um tapinha no rosto de Nicholai com uma firmeza que denotava quase admoestação.

Imediatamente, o sargento americano empertigou-se, pronto para defender seu compatriota da Sphinx daquele general amarelo.

Mas Nicholai esfregou o rosto com ambas as mãos, como se estivesse fatigado e, com este gesto, limpou as lágrimas.

— E então! — exclamou Kishikawa-san com energia renovada. — Estamos quase na época da floração em Kajikawa.Você pretende dar um pulo lá?

Nicholai engoliu em seco: — Pretendo.

— Isso é ótimo. Significa que as forças de ocupação não derrubaram tudo, não é?

— Não, fisicamente.

O General assentiu. — E você tem muitos amigos, Nikko?

— Tenho... tenho pessoas que vivem comigo.

— Segundo eu me lembro de uma carta que o nosso amigo Otake me mandou um pouco antes de morrer, havia uma garota na casa, uma estudante... eu lamento, mas não me lembro do nome dela. Evidentemente, você não era totalmente indiferente aos encantos dela. Você ainda a vê?

Nicholai pensou um pouco antes de responder: — Não senhor, não a vejo mais.

— Não porque vocês tenham brigado, espero.

— Não. Não foi uma briga.

— Ora, não faz mal, na sua idade as afeições vão e vêm. Quando estiver mais velho, aí sim, vai querer desesperadamente se prender a alguém. — O esforço para entreter Nicholai com conversa mole parecia exaurir Kishikawa-san. Não havia nada que ele realmente quisesse contar e, depois do que passara nos últimos dois anos, nada que quisesse saber. Abaixou a cabeça e ficou de olhos cravados no tampo da mesa, deixando-se levar para o estreito círculo de seus curtos pensamentos e lembranças selecionadas da infância, com as quais aprendera a narcotizar sua imaginação.

A princípio, Nicholai também achou o silêncio repousante. Depois percebeu que eles não estavam juntos naquele clima, mas sozinhos e separados. Pegou do bolso o pequeno tabuleiro de Go e as peças metálicas e colocou tudo em cima da mesa.

— Eles nos deram uma hora juntos, senhor. Kishikawa-san forçou sua mente a voltar ao presente: — O quê?

Ah, sim, um jogo. Muito bom, sim. É uma coisa que podemos fazer juntos sem grandes sofrimentos. Mas faz muito tempo que não jogo e não devo oferecer muita resistência a um jogador do seu porte, Nikko.

— Eu mesmo não jogo desde a morte do Otake-san, senhor.

— Ah, é? Não me diga!

— É verdade. Acho que desperdicei todos aqueles anos de treinamento, senhor.

— Não. Essa é uma das coisas que você não desperdiça nunca. Você aprendeu a se concentrar profundamente, a pensar com sutileza, a ter afeição pelas abstrações, a viver distanciado das coisas cotidianas. Nada disso é desperdício. Sim, vamos jogar.

Retornando automaticamente aos seus dias juntos, e esquecendo-se de que Nicholai era agora um jogador superior, o General Kishikawa ofereceu uma

vantagem de duas peças, que Nicholai, evidentemente, aceitou. Por algum tempo, jogaram uma partida morna e indistinta, concentrando-se apenas com a força necessária para absorver a energia mental que, se deixada livre, os teria atormentado com lembranças e com a aterradora perspectiva do que estava vindo pela frente. Algum tempo depois, o General ergueu a vista e sorriu. — Isso não é nada bom. Eu joguei sofrivelmente e fiquei sem nenhuma *aji*.

— Eu também.

Kishikawa-san concordou: — Pois é. Você também.

— Na minha próxima visita, podemos jogar outra, se o senhor quiser, senhor. Talvez joguemos melhor.

— Ah! Você tem permissão para vir me ver de novo?

— Tenho. O Coronel Gorbatov deu um jeito para que eu pudesse voltar amanhã. Depois disso... vou ver se consigo arrancar mais alguma coisa dele.

O General balançou a cabeça: — Ele é um sujeito muito esperto, esse Gorbatov.

— Em que sentido, senhor?

— Deu um jeito de tirar a minha "pedra de refúgio" do tabuleiro.

— Como assim, senhor?

— Por que você acha que ele permitiu que você viesse me ver, Nikko? Por compaixão? Entenda, desde que eles tiraram de mim todas as possibilidades de escapar por meio de uma morte honrosa, eu resolvi que poderia enfrentar o julgamento em completo silêncio, o silêncio mais digno possível. Não iria, como outros fizeram, tentar salvar a minha pele implicando amigos e superiores. Iria me recusar a abrir a boca e aceitaria a sentença deles. Essa conduta não agradaria ao Coronel Gorbatov e seus companheiros. Eles perderiam o valor publicitário do único prisioneiro de guerra que têm. Mas não haveria nada que eles pudessem fazer. Eu estaria além das punições e dos apelos por clemência. E eles não poderiam se valer de chantagens emocionais usando membros da minha família porque, até onde eles saibam, toda a minha família morreu no bombardeio de Tóquio. Mas então... então o destino lhes deu você de presente.

— Eu, senhor?

— O Gorbatov foi esperto o suficiente para perceber que você não se exporia a ser desmascarado, uma vez que tem uma posição muito delicada junto às forças de ocupação, fazendo esforços para me visitar, a não ser que me respeitasse e amasse. E ele deduziu — acuradamente — que esses sentimentos

seriam recíprocos. Então, ele agora tem um refém emocional. Deixou que você viesse me ver para me mostrar que tem você sob seu poder. E ele tem, Nikko. Você é extraordinariamente vulnerável. Não tem nacionalidade, não tem um consulado para te proteger, não tem amigos que se importem com você e vive com documentos falsificados. Ele me disse tudo isso. Receio que ele tenha "confinado as garças no seu ninho", meu filho.

O impacto do que Kishikawa-san estava dizendo começou a atingir Nicholai com força crescente. Todo o tempo e energia que tinha gasto para entrar em contato com o General, todo seu desesperado combate contra as forças e a indiferença institucionais, tinha, no final das contas, destruído a armadura de silêncio que o General preparara para si. Ele não era um consolo para Kishikawa-san; era uma arma que podia ser usada contra ele. Nicholai sentiu um misto de raiva, vergonha, ultraje, autopiedade e pena de Kishikawa-san.

Os olhos do General estreitaram-se num sorriso triste: — Não é culpa sua, Nikko. Nem minha. É o que o destino quis, nada mais. Falta de sorte. Não vamos mais falar sobre o assunto. Quando você voltar, nós vamos jogar e eu prometo oferecer um jogo mais interessante.

O General levantou-se e foi até a porta, onde esperou para ser acompanhado pelos guardas russos e japoneses, que o deixaram ali, de pé, até que Nicholai fizesse um aceno para o PM americano que, por sua vez, fez um sinal para a escolta.

Por algum tempo, Nicholai ficou sentado, entorpecido, brincando com as peças de metal que tirava do tabuleiro magnético com as unhas.

O sargento americano aproximou-se e perguntou, com voz baixa e num tom conspiratório: — E aí? Você descobriu o que estava querendo?

— Não — respondeu Nicholai, sem prestar atenção. Depois, mais atentamente, acrescentou: — Mas nós vamos tentar de novo.

— Você está vendo se amacia o japa com esse joguinho idiota, lá da terra dele?

Nicholai cravou o olhar no sargento, seus olhos verdes com expressão gélida.

Sentindo-se desconfortável com a força daquele olhar, o PM explicou: — Quero dizer... bem, é só uma espécie de xadrez ou jogo de damas, não é?

Com a intenção de humilhar aquele nó-cego com o desprezo que sentia pelas coisas ocidentais, Nicholai disse: — O Go está para o xadrez ocidental assim como a filosofia está para a contabilidade.

Mas a obtusidade é a sua própria proteção contra a luz e a punição. A resposta do sargento foi franca e ingênua: — É mesmo, cara? Você está falando sério?! Puxa vida!

Uma chuva muito fininha batia sobre o rosto de Nicholai enquanto ele perambulava o olhar pelo outro lado da Ponte da Alvorada, para o volume cinzento dos alojamentos Ichigaya, tornado desfocado, mas não suavizado, pela neblina, as janelas esmaecidas pela luz amarela, indicativo de que os julgamentos nos Tribunais dos Crimes de Guerra japoneses estavam em andamento.

Nicholai inclinou-se sobre a amurada, os olhos nublados, a chuva correndo pelos seus cabelos, descendo pelo rosto, pelo pescoço. Sua primeira idéia, depois de sair da Prisão Sugamo, tinha sido apelar para o Capitão Thomas pedindo ajuda contra os russos, contra a chantagem emocional do Coronel Gorbatov. Mas, mesmo enquanto a idéia tomava corpo, ele já percebia a inutilidade de apelar para os americanos, cujas idéias básicas e objetivos em relação aos planos para os líderes japoneses eram idênticas às dos soviéticos.

Depois de ter descido do bondinho e caminhado sem rumo pela chuva, fizera uma pausa no ponto mais elevado da ponte para ficar olhando para baixo por alguns segundos, tentando ordenar os pensamentos. Isso ocorrera meia hora atrás, mas ele continuava sem ação, paralisado por uma fúria incontida e uma arrasadora impotência.

Mesmo que a sua raiva tivesse origem no amor que sentia por um amigo e por um senso filial de obrigação, ela não era isenta de um certo embasamento de autopiedade. Era angustiante saber que seria exatamente ele quem propiciaria as armas para que Gorbatov pudesse negar a Kishikawa-san a dignidade do silêncio. A irônica injustiça daquilo era avassaladora. Nicholai era jovem e ainda acreditava que a igualdade fosse a base fundamental do destino; que o carma fosse um sistema, não um instrumento.

Enquanto continuava na ponte, tomando chuva, seus pensamentos mergulhando numa autopiedade acridoce, era natural que começasse a pensar em suicídio. A idéia de roubar de Gorbatov a sua principal arma era confortadora, mas percebeu que o gesto seria vazio. Evidentemente, Kishikawa-san não seria informado da sua morte; iriam lhe dizer que Nicholai estava sob custódia, como refém, para obrigar que o General colaborasse. E, provavelmente, depois que Kishikawa-san tivesse se desgraçado com confissões que implicassem

companheiros, eles desfechariam o castigo final: diriam a ele que Nicholai já estava morto desde o princípio e que ele se humilhara e envolvera amigos inocentes em vão.

Uma rajada de vento fustigou o rosto de Nicholai. Ele desequilibrou-se e teve que se agarrar à beira da amurada, enquanto sentia ondas de desamparo invadirem todo o seu ser. Então, com um estremecimento involuntário, lembrou-se de um terrível pensamento que passara por sua cabeça durante a conversa com o General. Kishikawa contara sobre sua tentativa de fazer greve de fome até morrer e da pavorosa humilhação de ter sido forçado a se alimentar através de um tubo metido dentro da sua garganta. Naquele instante, um pensamento cruzou a mente de Nicholai. Se estivesse presente durante a humilhação do General, ele poderia ter dado um jeito de abrir as portas da fuga e da morte para seu amigo. A carteira de identidade plástica, que Nicholai tinha no bolso, teria sido uma arma letal o suficiente, se usada segundo os ensinamentos do "Nu-Matar"[1]. A coisa estaria liquidada em um segundo.

A idéia de libertar Kishikawa-san da armadilha que a vida lhe armara mal se tinha formado na mente de Nicholai quando ele a rejeitou por ser degradante demais para ser considerada. Mas agora, no meio da chuva, olhando para aquela máquina de perpetrar vinganças raciais, os Tribunais dos Crimes de Guerra, a idéia voltou e, desta vez, permaneceu. Era especialmente amargo o fato de que o destino estivesse exigindo dele matar a única pessoa com quem tinha verdadeira intimidade. Mas uma morte honrosa era a única coisa que ele poderia dar a Kishikawa-san. E lembrou-se do velho provérbio: A quem cabe fazer as coisas mais cruéis? Àquele que pode.

O ato seria, naturalmente, a última coisa que Nicholai faria na vida. Chamaria para si toda a raiva e desapontamento dos inimigos e eles o puniriam por isso. Claro que se suicidar seria mais fácil para Nicholai do que libertar o General com suas próprias mãos. Mas seria um ato inútil... e egoísta.

Ao caminhar debaixo da chuva em direção à estação subterrânea, Nicholai sentiu um frio na boca do estômago, mas estava calmo. Finalmente, encontrara um caminho.

Naquela noite, não dormiu. Não pôde aceitar nem mesmo a companhia luxuriante e cheia de vida das irmãs Tanaka, cuja energia campesina parecia fazer parte de um outro mundo, um mundo de luz e esperança, coisas que, naquele momento, pareciam banais e irritantes.

Sozinho, no escuro de um cômodo que dava para um pequeno jardim, as portas abertas para que pudesse ouvir o som da chuva tamborilando nas plantas

de folhas largas e sussurrando suavemente no cascalho, protegido do frio por um quimono acolchoado, ele ajoelhou-se diante de um braseiro de carvão que há muito se extinguira e, se tocado com os dedos, mal aqueceria as mãos. Por duas vezes, tentou se refugiar em um transporte místico, mas sua mente, carregada de medo e ódio, não lhe permitia cruzar o portal. Mesmo que, naquele tempo, ainda não soubesse disso, Nicholai nunca mais seria capaz de encontrar seu caminho para a pequena pradaria montanhosa onde se enriquecia, unificando-se com a relva e a luz dourada do sol. Os acontecimentos se encarregariam de cercá-lo com uma impenetrável barreira de ódio, que bloquearia seu caminho para o êxtase.

No começo da manhã, o sr. Watanabe encontrou Nicholai ainda ajoelhado no cômodo do jardim, sem ter percebido que a chuva, que parara, fora substituída por um frio cortante. O sr. Watanabe, mais que depressa, fechou as portas e acendeu o braseiro, resmungando o tempo todo contra os jovens negligentes que acabariam tendo que pagar o preço de suas tolices com a moeda de uma saúde debilitada.

— Eu gostaria de ter uma conversa com você e com a sra. Shimura — disse Nicholai, num tom baixo, que interrompeu o fluxo do resmungar furibundo do sr. Watanabe.

Uma hora mais tarde, tendo tomado um leve café da manhã, os três se ajoelharam em torno de uma mesa baixa, sobre a qual estava enrolada a escritura da casa e um documento muito informal no qual Nicholai legara seus bens e mobília, em partes iguais, para os dois. Disse a eles que sairia no final daquela tarde para, provavelmente, nunca mais voltar. Haveria dificuldades; estranhos fariam perguntas e tornariam a vida deles bastante complicada por uns poucos dias; mas, passada essa fase, não seria muito provável que os estrangeiros se preocupassem com aquela pequena casinha. Nicholai não tinha muito dinheiro, já que gastava quase tudo o que ganhava no momento em que recebia. O pouco que tinha estava enrolado num pano sobre a mesa. Caso o sr. Watanabe e a sra. Shimura não conseguissem ganhar o suficiente para manter a casa, tinham permissão para vendê-la e usar o dinheiro como bem entendessem. Foi a sra. Shimura quem insistiu para que eles separassem uma parte como dote para as irmãs Tanaka.

Quando isto ficou decidido, eles tomaram chá juntos e conversaram sobre os detalhes da questão. Nicholai esperara conseguir escapar do peso do silêncio, mas rapidamente o assunto deles se encerrara, e não havia mais nada a dizer.

Os japoneses têm uma falha cultural bastante arraigada: ficam

desconfortáveis diante de genuínas demonstrações emotivas. Alguns tentam mascarar os sentimentos com um silêncio estóico, ou erguem uma barreira de polidez e boa educação. Outros se escondem atrás de gestos hiperbólicos, demonstrações exageradas de gratidão ou pesar.

Foi a sra. Shimura quem se embutiu dentro do silêncio, enquanto o sr. Watanabe chorava copiosamente.

Com o mesmo excesso de zelo no cuidado da segurança que tinham demonstrado no dia anterior, os quatro guardas se postaram, alinhados contra a parede, ao lado da porta da pequena sala de visitantes. Os dois japoneses pareciam tensos e pouco à vontade; o PM americano bocejava, entediado; e o gigantesco russo tinha cara de quem pensava na morte do bezerro, coisa que certamente não estava fazendo. No princípio da entrevista com Kishikawa-san, Nicholai testara os guardas, falando primeiro em japonês. Ficara claro que o americano não entendera uma só palavra, mas ele não tinha tanta certeza em relação ao russo, então disse qualquer coisa sem sentido e percebeu um leve franzir na testa larga do russo. Quando Nicholai passou para o francês, pondo os japoneses fora da conversa, mas não o russo, percebeu que aquele homem não era um soldado raso qualquer, apesar da sua aparência refletir a mediocridade intelectual eslava. Era, portanto, necessário encontrar um outro código para usar na conversa, e ele escolheu o jargão criptográfico do Go, lembrando ao General, enquanto tirava o tabuleiro magnético, que Otake-san sempre se vaha dos simbolismos do seu amado jogo quando discutia assuntos importantes.

— O senhor gostaria de continuar a partida? — perguntou Nicholai. — O perfume estragou: *Aji ga warui.*

Kishikawa-san ergueu os olhos, levemente confundido. Eles não tinham feito mais do que quatro ou cinco lances; a frase lhe soava muito estranha.

Foram feitas mais três jogadas, em silêncio, até que o General começasse a vislumbrar o sentido das palavras de Nicholai. Testou sua teoria, dizendo: — Parece-me que o jogo está em *korigatashi*, que eu estou com minha posição bloqueada e não tenho espaço para desenvolver.

— Não exatamente, senhor. Vejo a possibilidade de um *sabaki,* mas evidentemente o senhor alcançaria o *hama.*

— Mas isso não seria perigoso para você? Não estamos, na verdade, numa situação *ko?*

— Mais um *uttegae* , na verdade. E não vejo nenhuma outra possibilidade para a sua honra — e a minha.

— Eu não estou pedindo a permissão do senhor. Eu não seria capaz de colocá-lo numa posição tão impossível. Já tendo decidido como vou jogar, estou expondo a configuração para o senhor. Eles acham que têm *tsuru no sugomori*. Na verdade, estão diante de um *seki*. Pretendem encurralar o senhor com um *shicho*, mas eu tenho o privilégio de ser o *shicho atari* do senhor.

Pelo canto dos olhos, Nicholai viu um dos guardas japoneses franzir o cenho. Evidentemente, sabia um pouco sobre o jogo e percebia que a conversa não fazia sentido.

Nicholai estendeu o braço por sobre o tampo tosco da mesa de madeira e colocou a mão no braço do General: — Meu pai adotivo, o jogo terminará em dois minutos. Permita-me ser o seu guia.

Lágrimas de gratidão apareceram nos olhos de Kishikawa-san. Parecia mais debilitado do que antes, muito velho e, ao mesmo tempo, quase uma criança. — Mas eu não posso permitir...

— Estou agindo sem permissão, senhor. Decidi cometer um ato amoroso de desobediência. Nem mesmo peço o seu perdão.

Depois de um momento perdido em pensamento, Kishikawa-san assentiu. Um ligeiro sorriso expulsou as lágrimas dos seus olhos e cada uma delas rolou por um dos lados do nariz: — Então, me guie.

— Vire a cabeça e olhe para a janela, senhor. O tempo está completamente fechado e úmido, mas logo, logo a estação das cerejas estará conosco.

Kishikawa-san virou a cabeça e olhou calmamente para o re-tângulo de céu cinzento e nebuloso. Nicholai pegou um lápis de chumbo do bolso e segurou-o levemente entre os dedos. Enquanto falava, se concentrava na têmpora do General, onde um suave pulsar aparecia sob a pele transparente.

— Não, Nikko. Você é muito gentil, mas eu não posso aceitar. Para você, esse tipo de lance seria uma agressão muito perigosa, um *de* suicida.

— O senhor se lembra quando caminhamos sob as cerejeiras em flor em Kajikawa? Pense naqueles momentos. Lembre-se de ter andado naquele mesmo lugar, anos antes, com sua filha, a mãozinha dela na sua. Lembre-se da caminhada que o senhor fez com seu pai pelo mesmo caminho, a sua mãozinha na dele. Concentre-se nessas coisas.

Kishikawa-san abaixou os olhos e colocou sua mente em repouso, enquanto

Nicholai continuava falando baixinho, o monótono cantarolar da sua voz mais importante do que o que dizia. Alguns momentos depois, o General olhou para Nicholai, o começo de um sorriso desabrochando no canto dos seus olhos. Fez um sinal positivo com a cabeça. Depois, voltou a olhar para a cena cinzenta e úmida que se via além da janela.

Enquanto Nicholai continuava a falar baixinho, o PM americano estava preocupado em desalojar, com a unha, um naco de alguma coisa que entrara entre seus dentes; mas Nicholai sentiu que o mais esperto dos guardas japoneses estava ficando tenso, cada vez mais espantado e intrigado com o tom daquela estranha conversa. De repente, soltando um grito, o "guarda" russo pulou para frente.

Mas chegou tarde.

Nicholai ficou sentado na sala de interrogatório, sem janelas, por seis horas depois de ter se rendido, sem luta ou explicação, para os atônitos, confusos e, portanto, violentos guardas. Na fúria causada pelo susto, o PM americano tinha acertado duas cassetadas nele, uma no ombro e outra no rosto, cortando sua sobrancelha, esmagada contra o osso que a sustenta. Não doeu muito, mas a sobrancelha sangrou abundantemente e Nicholai sofreu com a indignidade que todo aquele sangue lhe causava.

Apavorados antecipadamente com as conseqüências de terem permitido que seu prisioneiro fosse morto bem embaixo dos seus narizes, os guardas berraram ameaças contra Nicholai antes mesmo de tocarem o alarme e chamarem o médico da prisão. Quando chegou, não havia nada que o atarantado e indeciso doutor japonês pudesse fazer pelo General, que tinha morrido neurologicamente segundos após o golpe de Nicholai e, um minuto depois, seu corpo já não tinha vida alguma. Balançando a cabeça e chupando o ar por entre os dentes cerrados, como se estivesse recriminando uma criança mal-educada, o médico tratou do ferimento do supercílio de Nicholai, aliviado por ter alguma coisa para fazer, dentro da sua competência.

Enquanto dois guardas japoneses vigiavam Nicholai, os outros se reportaram aos seus superiores, dando versões do acontecido que os inocentavam e, ao mesmo tempo, mostravam o quanto os outros guardas eram alguma coisa entre incompetentes e mal-intencionados.

Quando voltou, o PM americano veio acompanhado de mais três pessoas da sua nacionalidade; nenhum russo, nenhum japonês. Tratar com Nicholai iria ser

um privilégio exclusivamente americano.

Mantendo-se num silêncio soturno, Nicholai foi revistado e despido. Depois ordenaram que ele vestisse o mesmo tipo de roupa "à prova de suicídio" que o General envergara, e o levaram pelo corredor, deixando-o, descalço e com os pulsos algemados nas costas, numa desolada sala de interrogatórios, onde ele se sentou em silêncio numa cadeira de metal parafusada no chão.

Para não deixar sua imaginação traí-lo, Nicholai fixou sua mente numa posição de meio-jogo de uma célebre partida entre dois mestres das melhores escolas de Go, um jogo que ele tinha memorizado como parte do aprendizado junto a Otake-san. Reviu a colocação das peças, mudando de ponto de vista de um jogador para o outro, examinando as opções de cada um deles. Este considerável esforço de memória e concentração foi suficiente para afastar o estranho e caótico mundo em volta dele.

Ouviram-se vozes atrás da porta, depois o ruído de chaves sendo inseridas na fechadura, e três homens entraram. Um deles era o sargento da PM, que estivera laboriosamente tentando desencavar alguma coisa dos dentes no momento em que Kishikawa-san morrera. O segundo era um homem atarracado, vestido à paisana, cujos olhos porcinos tinham a aparência nervosa de pouca inteligência e insensibilidade materialista tão típica de políticos, produtores de cinema e vendedores de carros. O terceiro, ostentando divisas de major nos ombros, era um homem empertigado e forte, com grandes lábios pálidos e pálpebras caídas. Foi esse terceiro quem ocupou a cadeira em frente a Nicholai, enquanto o civil atarracado se postava atrás dele e o sargento encostava-se na porta.

— Eu sou o Major Diamond. — O oficial sorriu, mas seu tom era impessoal, sua voz tinha o som metálico e lentamente articulado, que revela alguém que tem as energias dos bairros mais pobres mescladas por uma camada de refinamento adquirido — o tipo de voz que se costuma associar às apresentadoras de noticiários nos Estados Unidos.

No momento em que entraram, Nicholai estava analisando um possível lance no seu jogo rememorado que tinha um toque de *tenuki*, mas que, na verdade, era uma resposta sutil à jogada anterior do adversário. Antes de erguer os olhos, ele fez um esforço maior de concentração, fotografando mentalmente o tabuleiro de maneira que pudesse relembrar a posição posteriormente. Só então, levantou seus olhos verdes e inexpressivos para encarar o Major:

— Como é?

— Eu sou o Major Diamond, do CID.

— Sei. — A indiferença de Nicholai não era fingida.

O major abriu sua pasta e tirou de lá três folhas de papel datilografadas e grampeadas. — Se você concordar em assinar esta confissão, poderemos dar continuidade ao caso.

Nicholai deu uma olhada no documento. — Acho que não estou com vontade de assinar nada.

Os lábios de Diamond se apertaram, revelando sua irritação. — Você está negando que assassinou o General Kishikawa?

— Não estou negando nada. Ajudei o meu amigo a fugir da... — Nicholai interrompeu-se. De que adiantaria explicar para aquele homem um conceito que sua cultura mercantilista não entenderia? — Major, eu não vejo o menor sentido em continuarmos esta conversa.

O Major Diamond lançou um olhar para o civil atarracado que estava atrás de Nicholai, que se inclinou para frente e disse: — Olha aqui. É melhor você assinar esta confissão. Nós conhecemos todas as suas atividades em prol dos Vermelhos!

Nicholai não se deu ao trabalho de olhar para o sujeito.

— Você não vai querer negar que andou entrando em contato com um certo Coronel Gorbatov, vai? — insistiu o civil.

Nicholai suspirou fundo e não respondeu. Era muito complicado explicar; e ele não dava a mínima para o fato de eles entenderem ou não.

O civil apertou o ombro de Nicholai. — Você está na maior enrascada, garotão! Portanto, é melhor que você assine este papel, senão...

O Major Diamond franziu a testa e sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente, o que fez com que o civil afrouxasse o aperto.

O major apoiou as mãos nos joelhos e se inclinou para frente, olhando para os olhos de Nicholai com expressão de preocupação e pena. — Deixe-me tentar explicar todo o problema.Você está confuso no momento, o que é perfeitamente compreensível. Nós sabemos que os russos estão por trás deste assassinato do General Kishikawa. Admito que não conseguimos entender a razão. E é uma das coisas que gostaríamos que você nos ajudasse.Vou ser muito franco e sincero com você. Sabemos que você tem trabalhado para os russos há algum tempo. Sabemos que você se infiltrou numa área muito privativa da Sphinx/FE com documentos falsos. Encontramos uma carteira de identidade russa com você, junto com outra americana. Também sabemos que sua mãe era comunista e seu

pai um nazista; que, durante a guerra, você esteve no Japão; e que entre os seus contatos estão alguns elementos militaristas do governo japonês. Um deles era este tal Kishikawa. — O Major Diamond balançou a cabeça e se recostou na cadeira. — Então, como você vê, nós sabemos muitas coisas sobre você. E eu receio que a maioria delas seja bem negativa. É isso o que o meu companheiro quis dizer quando disse que você está numa grande enrascada. É possível que eu tenha condições de fazer alguma coisa por você... desde que você se disponha a cooperar conosco. O que você me diz?

Nicholai sentia-se esgotado com a irrelevância de todo aquele papo. Kishikawa-san estava morto; ele fizera o que um filho deveria ter feito; estava pronto para receber sua punição; o resto não importava.

— Você está querendo negar tudo o que eu disse? — perguntou o Major.

—— O senhor tem um punhado de fatos, Major. E tirou deles as mais ridículas conclusões.

Os lábios de Diamond se apertaram. — Nossas informações vieram diretamente do Coronel Gorbatov.

— Sei. — Portanto Gorbatov estava punindo-o por ter roubado a sua presa e eliminado sua grande jogada de propaganda. Para isso, contara aos americanos algumas meias-verdades, o que lhes permitia fazer seu jogo sujo. Bem típico dos eslavos, sempre ambíguos e indiretos.

— É claro — continuou Diamond — que nós não acreditamos em tudo o que os russos nos dizem. É por isso que estamos querendo dar uma oportunidade para que você conte a sua versão da história.

— Não tem história nenhuma.

O civil voltou a pegar no seu ombro. — Você está tentando negar que já conhecia o General Kishikawa durante a guerra?

— Não.

— Está tentando negar que ele fazia parte da máquina militar-industrial japonesa?

— Ele era um soldado. — A resposta mais acurada teria sido dizer que ele era um guerreiro, mas este tipo de distinção não teria significado nada para estes americanos com suas mentalidades dinheiristas.

— Está tentando negar que era íntimo dele? — continuou o civil.

— Não.

O Major Diamond assumiu o interrogatório. Seu tom de voz e a expressão

do seu rosto revelavam que ele estava verdadeiramente em dúvida, e fazia um esforço para entender a situação: — Os seus documentos eram mesmo falsificados, não eram, Nicholai?

— Eram.

— Quem te ajudou a conseguir as identidades falsas? Nicholai ficou calado.

O major assentiu com a cabeça e sorriu: — Entendo. Você não está querendo implicar um amigo. Eu entendo isso. Sua mãe era russa, não era?

— Era de nacionalidade russa. Mas não tinha nenhuma gota de sangue eslavo.

O civil se meteu na conversa: — Então, você admite que sua mãe era comunista?

Nicholai via um amargo humor na idéia de que Alexandra Ivanovna pudesse ser comunista: — Major, pelo tanto que a minha mãe se interessava por política — quase nada — ela era mais de direita do que o Átila, Rei dos Hunos. — Ele repetiu a palavra "Átila", pronunciando errado, com o acento na segunda sílaba, para que os americanos pudessem entender.

— Claro — exclamou o civil. — E agora eu imagino que você também vá negar que o seu pai fosse nazista, não é?

— Ele pode ter sido. Pelo que eu sei, era estúpido o suficiente para ter sido. Eu nunca o vi.

Diamond assentiu: — Então, o que você está nos dizendo, Nicholai, é que o conjunto das nossas acusações é verdadeiro?

Nicholai suspirou e balançou a cabeça. Ele trabalhara dois anos com pessoas que tinham a mentalidade militar americana, mas ainda era incapaz de compreender a forte inclinação que tinham para distorcer os fatos de maneira que se encaixassem nas pressuposições que lhes eram convenientes. — Se eu estou entendendo o senhor corretamente, Major — e, francamente, não faço a menor questão disso — o senhor está me acusando de ser tanto comunista como nazista, de ser tanto um amigo íntimo do General Kishikawa como um assassino contratado para assassiná-lo, de ser tanto um japonês militarista como um espião soviético. E o senhor parece acreditar que os russos deram um jeito de matar um homem que pretendiam submeter às indignidades de um Tribunal de Crimes de Guerra com a única finalidade de fazer brilhar a estrela da propaganda deles. Será possível que nada disso ofenda o seu senso racional de probabilidade?

— Não temos a pretensão de entender todas as nuances do caso — admitiu

o Major Diamond.

— Não mesmo? Mas que humildade mais conveniente!

O aperto do civil intensificou-se e seu ombro doeu. — Nós não precisamos ficar aqui ouvindo esse teu papo de espertinho! Você está metido na merda até o pescoço! Este país está sob ocupação militar, e você não é cidadão de lugar nenhum, está me entendendo? Nós podemos fazer com você o que nos der na telha, e nenhum consulado ou embaixada vai estar nem aí com isso!

O Major balançou a cabeça e o civil relaxou o aperto, dando um passo atrás: — Eu não acho que esse tipo de tom vá nos trazer nada de bom. Está na cara que o Nicholai não se assusta à toa. — Sorriu um sorriso meio tímido e continuou: — Mas, mesmo assim, o que o meu companheiro disse é verdade. Você cometeu um crime capital e a pena para ele é a morte. Mas existem maneiras de você nos ajudar no nosso combate contra o comunismo internacional. Basta uma pequena colaboração sua e nós podemos mexer alguns pauzinhos em seu favor.

Nicholai reconheceu o tom de barganha típico das feiras livres. Como todos os americanos, este major era, no fundo, um comerciante; tudo tinha um preço, e o homem bom era aquele que sabia barganhar bem.

— Você está me ouvindo? — perguntou Diamond.

— Consigo escutar — modificou Nicholai.

— E então? Você vai colaborar?

— Isso significa assinar a sua confissão?

— A confissão e mais algumas coisas. A confissão envolve os russos no assassinato. Nós também vamos querer saber sobre as pessoas que te ajudaram a se infiltrar na Sphinx/FE. E sobre o pessoal do serviço secreto russo que atua por aqui, e os contatos que eles têm com os militares japoneses que escaparam do expurgo.

— Major, os russos não têm nada a ver com o que eu faço. Pode acreditar que eu não ligo a mínima para a política deles, como eu não ligo a mínima para a de vocês. Vocês e os russos não passam de formas ligeiramente diferentes da mesma coisa: a tirania dos medíocres. Eu não tenho nenhuma razão para proteger os russos.

— Então você vai assinar a confissão?

— Não.

— Mas você acabou de dizer...

— O que eu disse é que não ia proteger nem ajudar os russos. Como também não tenho a menor intenção de ajudar a sua gente. Se o que vocês pretendem é me executar — com ou sem a palhaçada de um julgamento militar — então, por favor, vamos logo.

— Nicholai, nós vamos conseguir a sua assinatura nesta confissão. Por favor, acredite em mim.

Os olhos verdes de Nicholai pousaram calmamente no rosto do Major: — Não tenho mais nada a dizer nesta conversa. — Abaixou os olhos e voltou sua atenção para a posição da partida de Go que tinha, temporariamente, congelado em sua memória. Voltou a analisar as possíveis respostas para aquele aparentemente inteligente *tenuki.*

Houve uma troca de sinais entre o Major e o civil atarracado, e este tirou um estojo de couro do seu bolso. Nicholai não interrompeu sua concentração enquanto o sargento da Polícia Militar levantava a sua manga e o civil expulsava o ar da seringa, lançando um jato de líquido no ar.

Quando, muito mais tarde, tentou lembrar-se do que tinha acontecido nas setenta e duas horas subseqüentes, Nicholai só conseguiu reconstituir um mosaico fragmentado do que tinha vivido, a seqüência cronológica dos fatos fora totalmente dissolvida pelas drogas que tinham injetado nele. A única analogia útil que conseguiu montar a partir da experiência mostrava um filme no qual ele era, a um só tempo, ator e espectador — um filme que era projetado em câmera lenta ou rotação acelerada, com fotogramas congelados e superposições, com a trilha sonora de uma seqüência sendo sobreposta às imagens de outra, com flashes subliminares de um único fotograma que eram mais sentidos do que percebidos, com longas cenas de figuras com pouca luz e fora de foco, e diálogos ditos em baixa rotação, desenxabidos e muito graves.

Naquela época, o serviço secreto americano tinha acabado de começar a fazer experiências com o uso de drogas nos interrogatórios e, freqüentemente, cometiam erros, alguns deles destruindo mentes. O civil atarracado, dando uma de médico que não era, experimentou diversas drogas e combinações em Nicholai. Algumas vezes, acidentalmente, deixava sua vítima escapar e Nicholai entrava em indiferença comatosa, ou histeria. Outras vezes, o "doutor" injetava drogas mutuamente bloqueadoras do efeito da outra, o que deixava Nicholai perfeitamente calmo e lúcido, mas tão fora da realidade que, embora respondendo ao interrogatório com a maior boa vontade, suas respostas não

tinham a menor relação com as perguntas feitas.

No transcorrer dos três dias, durante os momentos em que conseguia estabelecer contato consigo mesmo, Nicholai sentia um forte pânico. Eles estavam atacando, provavelmente lesando, a sua mente; e a superioridade genética de Nicholai era tanto intelectual quanto sensual. Ele se apavorava com a idéia de que eles pudessem aniquilar sua mente e, neste caso, centenas de anos de seleção genética ficariam reduzidas ao nível de entulho humanóide deles.

Freqüentemente ficava fora de si mesmo, e Nicholai, o espectador, sentia pena de Nicholai, o ator, mas não podia fazer nada por ele. Durante esses curtos períodos em que conseguia raciocinar, tentava deixar-se levar pelas distorções fantasmagóricas, tentava aceitar e colaborar com suas percepções doentias. Sabia intuitivamente que, caso lutasse contra as vívidas aberrações mentais da irrealidade, alguma coisa dentro dele poderia quebrar-se com o esforço e ele nunca mais acharia seu caminho de volta.

Por três vezes, nas setenta e duas horas, a paciência dos seus interrogadores se esgotou e eles permitiram que o sargento da PM prosseguisse com o questionamento de maneira mais convencional. Isso era feito com um tubo de lona de mais de vinte centímetros de diâmetro, cheio de limalhas de ferro. O efeito desta arma era terrível. Raramente rasgava a superfície da pele, mas esmigalhava os ossos e tecidos debaixo dela.

Homem civilizado, que no fundo não podia concordar com esse tipo de coisa, o Major Diamond saía da sala de interrogatório durante esses espancamentos, não desejando testemunhar as torturas que ele mesmo ordenara. Mas o "doutor" permanecia, curioso para ver os efeitos da dor infligida em vítimas pesadamente drogadas.

Os três períodos de tortura física ficaram marcados de maneira diferente na percepção de Nicholai. Do primeiro, não se lembra de nada. Não fosse pelo seu olho direito, inchado e fechado, e por um dente mole que lhe deixava um gosto de sangue na boca, talvez até achasse que tudo não passasse de um sonho. O segundo espancamento foi extremamente doloroso. Os efeitos combinados e residuais das drogas eram tais, naquele momento, que ele sentia muito claramente tudo o que passava. Sua pele ficou tão sensível que até o roçar do tecido da roupa era doloroso, e o ar que inspirava irritava suas narinas. Estando hipersensibilizado, a tortura era indescritível. Desejava estar inconsciente, mas as técnicas do sargento eram tais que lhe permitiam manter sua vítima sempre longe de uma abençoada perda de sentidos.

A terceira sessão não doeu nada, mas foi, de longe, a mais assustadora.

Com total, mas insana lucidez, Nicholai pôde assistir perfeitamente os castigos que recebia. Novamente era ator e espectador ao mesmo tempo, e via o que estava acontecendo com um interesse apenas relativo. Não sentia nada; as drogas tinham anestesiado seus nervos. O terror estava no fato de que ele podia *ouvir* as pancadas, como se o som estivesse sendo amplificado através de poderosos microfones instalados dentro do seu corpo. Ele ouvia o triturar dos tecidos se liquefazendo; ouvia o som seco da pele se rasgando; ouvia o ranger horroroso dos ossos se esmigalhando; ouvia o pulsar exacerbado do próprio sangue. No espelho do espelho da sua consciência, ele estava calmamente aterrorizado. Percebia que conseguir ouvir todo aquele horror sem estar sentindo nada, era loucura e estar sentindo uma indiferença anestesiada diante de tudo o que estava sofrendo, era uma coisa que ficava muito além do limiar da loucura.

Num determinado momento, sua mente emergiu à superfície da realidade e ele falou com o Major, contando a ele que era o filho do general Kishikawa e que eles estariam cometendo um erro fatal se não o matassem porque, se sobrevivesse, ninguém estaria livre da sua vingança. Expressou-se embaralhadamente; sua língua estava espessa pelo efeito das drogas e seus lábios cortados de tanta pancada; mas, de qualquer maneira, seus torturadores não o teriam entendido. Sem se dar conta, ele estava falando em francês.

Diversas vezes, durante a sessão de tortura, as algemas que prendiam seus pulsos atrás das costas foram retiradas. O "doutor" percebera que os dedos estavam exangues e frios pela falta de circulação, então eles retiravam as algemas para fazer massagens, e depois as recolocavam. Pelo resto da vida, os pulsos de Nicholai ficaram com cicatrizes na forma de brilhantes braceletes, deixadas pelas algemas.

No decorrer da septuagésima terceira hora, sem saber nem se importar com o que fazia, Nicholai assinou a confissão que implicava os russos. Estava tão afastado da realidade que assinou em ideogramas japoneses bem no meio da lauda datilografada, apesar do esforço que os torturadores americanos fizeram para colocar sua trêmula mão sobre a linha do final da página. Tal confissão era tão inútil que os ianques se viram obrigados a falsificar sua assinatura, coisa que, evidentemente, poderiam ter feito desde o princípio.

O destino final dessa "confissão" vale como uma metáfora das trapalhadas cometidas pela comunidade dos serviços secretos. Alguns meses mais tarde, quando os americanos da Sphinx acharam que tinha chegado uma boa hora para fazer ameaças contra seus equivalentes russos, o documento foi levado pelo Major Diamond até o Coronel Gorbatov e, sentado em silêncio do outro lado da

sua escrivaninha do Coronel, ficou aguardando a reação do russo diante de uma prova tão escandalosa de espionagem descarada.

O Coronel, com elaborada indiferença, passou os olhos pelas páginas, tirou seus óculos de armação de metal e poliu-os demoradamente com o polegar e o indicador, antes de recolocá-los. Desmanchou, com a colher, o tablete de açúcar que não tinha se dissolvido do fundo da sua xícara de chá, tomou a bebida em goles longos e demorados, depois colocou-a de volta exatamente no centro do pires.

— E daí? — perguntou, num tom preguiçoso.

E, com aquela frase final, o caso foi dado por encerrado. A tentativa de ameaça fora feita e ignorada, e não teve o menor efeito sobre as operações secretas das duas potências no Japão.

Para Nicholai, as últimas horas do interrogatório se dissolveram em sonhos confusos, mas não desagradáveis. Seu sistema nervoso estava tão abalado pelo excesso de drogas que funcionava apenas minimamente, e sua mente tinha se embutido em si mesma. Ele deslizava de um nível de irrealidade para outro e acabou se vendo a caminhar pelas margens do Kajikawa debaixo de uma chuva de pétalas. Ao seu lado, mas distante o suficiente de maneira que o General Kishikawa, caso estivesse lá, poderia ter entrado no meio deles, havia uma garota. Mesmo que nunca a tivesse conhecido, sabia que era a filha do General. A garota contava a ele sobre seus planos para se casar um dia e ter um filho. E, num tom de conversa despreocupada, mencionou que tanto ela quanto o filho morreriam, carbonizados pelo bombardeio de Tóquio. Uma vez que tinha dito estas palavras, era mais do que lógico que ela se transformasse em Mariko, que morrera em Hiroxima. Nicholai ficou felicíssimo por poder revê-la, e eles jogaram um jogo-treino de Go, ela usando pétalas negras de cerejeiras como peças e ele, flores brancas. Então, Nicholai transformou-se em uma das peças e, de sua microscópica posição no tabuleiro, olhou para as peças do inimigo à sua volta, formando muralhas de aprisionamento cada vez mais grossas. Tentou abrir brechas defensivas, mas todas elas se revelaram ilusórias, então ele fugiu, correndo sobre a superfície amarelada do tabuleiro, as linhas negras borrando à sua passagem enquanto ele ia ganhando velocidade até que despencou pela borda do tabuleiro, caindo numa densa escuridão que se dissolveu na sua cela...
... Onde abriu os olhos.

Estava recém-pintada de cinza e não tinha janelas. A luz que vinha do teto era tão dolorosamente forte que ele foi obrigado a apertar os olhos para evitar que sua visão se toldasse.

Nicholai viveu naquela cela, em confinamento solitário, por três anos.

A transição do pesadelo do interrogatório para os anos de existência solitária, suportando o peso do "tratamento do silêncio", não foi abrupta. Diariamente, no início, e depois com freqüência menor, Nicholai recebia a visita do médico da prisão, o mesmo japonês atarantado e distraído, que confirmara a morte do General. O tratamento que recebia não era mais que curativos profiláticos, não sendo feita nenhuma tentativa de ajudar na cicatrização das feridas ou de engessar os ossos quebrados e as cartilagens rompidas. Durante todas as sessões, o médico balançava a cabeça, chupava o ar por entre os dentes e resmungava para si mesmo, como se desaprovasse a sua própria participação numa violência tão descabida.

Os guardas japoneses tinham recebido ordens de tratar com o prisioneiro no mais absoluto silêncio, mas, nos primeiros dias, fora necessário que eles o instruíssem sobre os rudimentos de comportamento e rotina. Quando falavam com ele, usavam as formas verbais mais curtas e um tom de voz duro e entrecortado que não implicava nenhuma antipatia pessoal, mas apenas deixava claro o reconhecimento do abismo social que existia entre prisioneiro e senhor. Uma vez estabelecida a rotina, eles pararam de lhe dirigir a palavra e, por grande parte daqueles três anos, o único som de voz humana que ele ouviu foi o da sua própria, a não ser por um período de meia hora a cada três meses, quando era visitado por um suboficial da prisão, responsável pelo bem-estar social e psicológico dos prisioneiros.

Passou-se quase um mês até que os últimos efeitos das drogas fossem filtrados por sua mente e nervos, e foi somente então que ele pode se dar ao luxo de afrouxar a vigilância contra aqueles inesperados mergulhos em dilacerantes pesadelos de tempo e espaço distorcidos que o envolviam de repente e o lançavam de encontro à loucura, deixando-o arquejante e encharcado de suor, jogado num canto da cela, extenuado e aterrorizado, temendo que o dano causado à sua mente fosse permanente.

Não houve nenhum inquérito para a investigação do desaparecimento de Hel, Nicholai Alexandrovitch (TA/737804). Não foi feita nenhuma tentativa de libertá-lo, ou de apressar seu julgamento. Ele não era cidadão de nenhuma nação; não tinha documentos; nenhum funcionário consular se apresentou para defender seus direitos civis.

O único leve encrespamento causado pelo desaparecimento de Nicholai Hel na superfície das águas plácidas da rotina foi a breve visita ao Edifício San Shin, feita algumas semanas depois pela sra. Shimura e pelo sr. Watanabe, que tinham

passado noites em claro conversando em sussurros, arrebanhando coragem para ousar esse gesto inútil em prol do seu benfeitor. Levados à presença de um oficial de baixa categoria, eles fizeram suas perguntas em palavras rápidas e apressadas, demonstrando assim toda sua humildade e timidez. Coube à sra. Shimura falar, enquanto o sr. Watanabe se limitava a fazer inclinações com todo o corpo, mantendo os olhos baixos diante do incalculável poder das forças de ocupação, com seus impenetráveis procedimentos.

Sabiam perfeitamente bem que, indo ao reduto dos americanos, estavam se expondo ao perigo de perder sua casa e a já parca segurança que Nicholai lhes deixara, mas seu senso de honra e justiça fazia com que se sentissem obrigados a correr este risco.

A única conseqüência dessa assustada e medrosa tentativa foi a visita de uma equipe de policiais militares americanos à casa de Asakusa, em busca de evidências dos crimes cometidos por Nicholai. No decorrer desta batida, o oficial encarregado se apoderou, alegando ser material para investigação, da pequena coleção de gravuras de Kiyonobu e Sharaku que Nicholai tinha adquirido — quando pudera pagar por elas e impulsionado pelo desejo de fazer tudo o que fosse preciso para mantê-las fora do alcance das mãos dos bárbaros — mesmo penalizado ao ver que seus proprietários estavam sendo obrigados a se desfazer de seus tesouros artísticos nacionais pela anarquia econômica e moral causada pela Ocupação.

No final das contas, estas gravuras tiveram bem pouca influência no caminho descendente da arte igualitária americana. Foram mandadas para casa pelo oficial que as confiscou, e caíram nas mãos de seu brilhante filho que, imediatamente, preencheu os espaços em branco com seus lápis de cera, conseguindo, de modo tão admiravelmente engenhoso, permanecer dentro das linhas, que a extremosa mãezinha ficou definitivamente convencida do potencial criativo do seu garoto e resolveu dirigir sua educação para o mundo das artes. Esse talentoso adolescente acabou se tornando um dos líderes do movimento Pop Art, aclamado pela precisão mecânica das suas reproduções de latas de comida.

Durante os seus três anos de confinamento, Nicholai, tecnicamente, estava esperando ser julgado por espionagem e assassinato, mas nenhum procedimento legal foi iniciado; ele nunca foi julgado nem sentenciado e, por esta razão, lhe foi negado o acesso até mesmo aos mais espartanos privilégios concedidos aos prisioneiros normais. Os administradores japoneses da Prisão Sugamo estavam sob as ordens das forças de ocupação, e mantinham Nicholai em confinamento

solitário porque estas tinham sido as instruções recebidas, apesar do fato de ele ser uma exceção embaraçosa dentro dos rígidos padrões organizacionais japoneses. Era o único preso que não tinha cidadania japonesa, o único que nunca tinha sido condenado, e o único que era mantido na solitária sem que jamais houvesse transgredido nenhum dos regulamentos da prisão. Teria se constituído numa embaraçosa anomalia administrativa, caso os encarregados do presídio não o tivessem tratado como um povo apegado às instituições coletivas trata todas as perturbadoras manifestações de individualidade: ignorando-o.

Assim que se viu livre dos tormentos causados pelas inesperadas irrupções de pânico causadas pelas drogas, Nicholai começou a se adaptar às rotinas e cronológicas monotonias da sua vida solitária. Sua cela era um cubo de cimento cinza, com menos de dois metros quadrados, sem janelas, com uma única luminária embutida no teto e protegida por um grosso vidro inquebrável. A luz ficava acesa vinte e quatro horas. No princípio, Nicholai odiava aquela claridade constante que não lhe permitia se recolher à privacidade da escuridão e fazia com que seu sono fosse insatisfatório e muito leve. Mas quando, por três vezes no tempo em que ficou confinado, a lâmpada queimou e ele foi obrigado a viver em completa escuridão até que o guarda notasse o problema, percebeu que se acostumara tanto à claridade constante que tinha medo do peso das trevas à sua volta. As três visitas de um prisioneiro de confiança, sob cerrada vigilância de um guarda, para trocar a lâmpada queimada foram os únicos três acontecimentos fora da rotina estabelecida e prevista para a vida de Nicholai, com exceção de uma breve falta de energia, ocorrida no meio da noite no segundo ano de sua permanência na solitária. A súbita escuridão acordara Nicholai, e ele sentara-se na beira da sua cama de ferro, olhando fixamente para o nada, até que a luz voltou e ele conseguiu voltar a dormir.

Além da lâmpada, existiam somente três objetos no cubículo recém-pintado de cinza em que Nicholai vivia: a cama, a porta e a privada. A cama era uma estreita prancha de metal fixada na parede, cujas duas pernas dianteiras estavam chumbadas no chão de cimento. Por questões sanitárias, a cama ficava levantada do solo, conforme o costume ocidental, mas apenas vinte centímetros. Por razões de segurança, e para evitar o acesso a objetos que pudessem servir para o prisioneiro se suicidar, a cama não tinha estrados ou redes metálicas, era apenas um estrado de aço sobre a qual havia dois acolchoados que mal cumpriam sua finalidade de aquecer e dar conforto. A cama ficava no lado oposto à porta, que era a peça mais elaborada da cela. Era feita de aço pesado, abria-se girando silenciosamente nas dobradiças bem lubrificadas e se encaixava tão perfeitamente no batente que, quando a porta era fechada, o ar se comprimia

dentro do cubículo e o prisioneiro sentia um desconforto temporário nos tímpanos. No centro da porta, havia uma janelinha de observação cujo vidro grosso era reforçado por uma tela de ferro e pela qual os guardas monitoravam rotineiramente os movimentos do prisioneiro. Na parte baixa da porta fora colocado um painel corrediço de aço que permitia que se passassem os pratos de comida. O terceiro objeto do cubículo era uma depressão ladrilhada que servia de privada. Obedecendo à preocupação dos japoneses com a dignidade humana, o "vaso" era colocado no mesmo canto da porta, permitindo que o prisioneiro atendesse às suas necessidades fisiológicas fora das vistas dos guardas. Diretamente acima da instalação, havia um tubo de ventilação com sete centímetros de espessura, preso ao teto de cimento.

Dentro do rígido contexto de confinamento solitário, a vida de Nicholai estava repleta de acontecimentos que pontuavam e mediam seu tempo. Duas vezes por dia, de manhã e de noite, ele recebia alimentos passados através do painel corrediço e, de manhã, recebia também um balde de água e um pequeno pedaço de sabão em barra que fazia uma espuma rala e gordurosa. Banhava-se todos os dias dos pés à cabeça, jogando a água sobre o corpo com as mãos em forma de concha, secando-se com sua camisa áspera e acolchoada e depois usando o que restasse de água para limpar a privada.

Sua alimentação era exígua, mas saudável: arroz integral, um ensopado de legumes e peixe e uma xícara de chá, morno e fraco. Os vegetais variavam ligeiramente de acordo com as estações e estavam sempre frescos o suficiente para que seus elementos nutrientes não se perdessem durante o cozimento. A comida era servida numa bandeja de metal com divisões e vinha sempre com um par de pauzinhos de madeira descartáveis unidos numa das extremidades. Quando a portinhola era aberta, o prisioneiro de confiança encarregado da entrega sempre esperava que o ocupante da cela devolvesse a bandeja usada junto com os pauzinhos sujos e o papel que os envolvia (até isso era obrigatório devolver) antes de entregar a nova refeição.

Duas vezes por semana, ao meio-dia, a porta da cela era aberta e um guarda fazia sinal para que ele saísse. Como os guardas estavam proibidos de falar com ele, toda a comunicação se fazia através de uma exagerada, e algumas vezes cômica, mímica. Ele seguia o guarda até o final do corredor, onde uma porta de aço era aberta (sempre gemendo nas dobradiças) e ele podia sair para a área de exercícios, nada mais que uma estreita alameda entre dois edifícios de estilo indefinido e com suas duas extremidades bloqueadas por altas paredes de tijolos, onde ele poderia caminhar sozinho por vinte minutos, com um retângulo de céu aberto em cima e ar fresco para respirar. Sabia que estava sendo vigiado

constantemente pelos guardas que ficavam numa torre no final da alameda, mas as janelas de vidro refletiam apenas o azul do céu, e ele não podia vê-los, de maneira que a ilusão de estar sozinho e livre se mantinha. A não ser em duas ocasiões, quando estava com febre, ele nunca declinara da possibilidade de tomar vinte minutos de ar puro, mesmo se estivesse chovendo ou nevando; e, depois do primeiro mês, ele sempre usava esse tempo para correr o mais rápido que podia, para cima e para baixo na curta alameda, esticando os músculos e queimando o mais que podia da energia que se acumulava dentro dele.

Lá pelo final do primeiro mês, quando os efeitos entorpecentes das drogas tinham se dissipado, Nicholai resolveu tentar sobreviver, motivado em parte por um impulso natural da sua obstinação, e em parte pelos perseverantes desejos de vingança. Comia sempre a refeição completa e, duas vezes por dia, após alimentar-se, exercitava-se vigorosamente na sua cela, desenvolvendo uma rotina que mantinha todos os músculos do seu incansável corpo fortalecidos e ágeis. Depois de cada sessão de exercícios, sentava-se em posição de lótus no canto da cela e se concentrava na pulsação do sangue em suas têmporas até atingir a paz de uma meditação de média intensidade o que, mesmo sendo um pálido substituto para seus perdidos transportes místicos e a paz de alma que traziam, era o suficiente para manter sua mente calma e impassível, não perturbada pelo desespero e pela autopiedade. Habituara-se a nunca pensar no futuro, porque a alternativa o levaria a um desespero destrutivo, mas decidiu que haveria de ter um.

Depois de algumas semanas, decidiu manter um controle mental do correr dos dias como um gesto de confiança de que, um dia, sairia dali e recomeçaria sua vida. Resolveu, arbitrariamente, chamar o dia seguinte de segunda-feira e determinou que era dia primeiro de abril. Errou por oito dias, mas levou três anos para descobrir seu erro.

Sua vida solitária era atarefada. Duas refeições, um banho, duas sessões de exercício e dois períodos de meditação todos os dias.

Duas vezes por semana, o prazer de correr ao longo da estreita alameda. E havia ainda mais dois acontecimentos que marcavam o tempo. Uma vez por mês recebia a visita de um prisioneiro de confiança que fazia às vezes de barbeiro da prisão e que lhe fazia a barba e cortava o cabelo com uma máquina manual, deixando-o com fios que mediam apenas um centímetro. Esse velho prisioneiro obedecia à regra de não abrir a boca, mas estava sempre demonstrando sua fraternidade através de piscadelas e sorrisos. Também uma vez por mês, sempre dois dias após a vinda do barbeiro, ao voltar da sua corrida pela alameda, ele

encontrava sua roupa de cama trocada e as paredes e o chão da sua cela encharcados de água com desinfetante, cujo cheiro persistia por três e, algumas vezes, quatro dias.

Certa manhã, depois de ter passado seis meses em silêncio naquela cela, foi despertado da sua meditação pelo barulho da porta sendo aberta. Sua primeira reação foi de aborrecimento e um certo receio pelo rompimento da sua confiável rotina. Mais tarde, descobriu que aquela visita não era uma quebra de rotina, mas apenas o elemento final nos ciclos que pontuavam sua vida. Uma vez a cada seis meses receberia a visita de um funcionário público, já velho e cansado, cujo dever era atender às necessidades sociais e psicológicas dos prisioneiros daquela prisão esclarecida. O ancião se apresentou como sr. Hirata e disse a Nicholai que eles tinham permissão para conversar. Sentou-se na beira da cama baixa de Nicholai, colocou sua maleta recheada de papéis ao lado, abriu-a, vasculhou seu conteúdo em busca de um questionário ainda em branco e, encontrando-o, prendeu-o na presilha da prancheta que colocara no colo. Num tom de voz monótono e entediado, fez perguntas sobre a saúde e o bem-estar de Nicholai e, a cada assentir de cabeça deste, fazia uma cruzinha ao lado da questão formulada.

Depois de correr com a ponta do lápis todo o rol de perguntas, certificando-se que não tinha pulado nenhuma, o sr. Hirata ergueu os olhos cansados e úmidos e perguntou ao sr. Hel (que pronunciava Heru) se tinha algum pedido, ou reclamação formal a fazer.

Automaticamente, Nicholai balançou a cabeça... depois mudou de idéia. — Sim — tentou dizer. Mas sua garganta estava seca e só o que saiu foi um som ininteligível. Ocorreu subitamente a ele que tinha perdido o hábito de falar. Limpou a garganta e tentou de novo. — Sim, senhor. Gostaria de ter livros, papel, pincéis e tinta.

As sobrancelhas arqueadas e grossas do sr. Hirata se ergueram e ele desviou o olhar para o lado, enquanto puxava o ar com força entre os dentes. Evidentemente, o pedido era extravagante. Seria muito difícil. Criaria inúmeros problemas. Mas, diligentemente, ele anotou o pedido no espaço destinado a esse fim.

Nicholai surpreendeu-se ao perceber quão desesperadamente queria os livros e o papel, mesmo sabendo que ter esperança de obter qualquer coisa era um erro que poderia levar à decepção, o que danificaria o delicado equilíbrio da sua sombria existência na qual o desejo fora sufocado e a esperança reduzida à mera expectativa. Cheio de ansiedade, inclinou-se para frente: — É a minha

única chance, senhor.

— Como assim, única chance?

— Isso mesmo, senhor. Não tenho nada... — Nicholai resmungou e voltou a limpar a garganta. Falar era tão difícil! — Não tenho nada com que ocupar a minha mente. E acho que estou ficando louco.

— Como assim?

— Muitas vezes me pilho pensando em suicídio.

— Ah. — O sr. Hirata franziu fortemente o cenho e chupou o ar. Por que tinha sempre que haver problemas desse tipo? Problemas para os quais não havia instruções claras no manual de regulamentos? — Vou encaminhar o seu pedido, sr. Heru.

Pelo tom da declaração, Nicholai sabia que o pedido seria feito sem a necessária energia e acabaria caindo no poço sem fundo da burocracia. Ele notara que o olhar do sr. Hirata pousava freqüentemente no seu rosto maltratado, onde as cicatrizes e inchaços das pancadas que levara continuavam roxos; e que todas as vezes o japonês afastava o olhar com expressão de desconforto e embaraço.

Nicholai encostou os dedos no supercílio rachado. — Não foram os seus guardas, senhor. A maioria dos meus ferimentos foram feitos durante o interrogatório a que fui submetido nas mãos dos americanos.

— A *maioria?* Mas, e os outros?

Nicholai olhou para o chão e limpou a garganta. Sua voz estava rouca e fraca e, naquele exato momento, tinha que ser fluente e persuasivo. Prometeu a si mesmo que nunca mais deixaria que sua voz fraquejasse por falta de exercício. — Sim, a maioria... As outras... tenho de confessar que andei praticando um pouco de automutilação. Desesperado, arranhei minha cabeça contra a parede. Foi uma coisa meio estúpida e vergonhosa de se fazer, mas não tendo nada com que ocupar a minha mente... — Deixou que sua voz morresse e manteve os olhos cravados no chão.

O sr. Hirata ficou perturbado só de pensar nas conseqüências de um caso de loucura e suicídio, principalmente quando já estava no final da sua carreira, há poucos anos da aposentadoria. Prometeu que faria todo o possível e saiu da cela angustiado, vendo-se cara a cara com o pior dos tormentos para um funcionário público: a necessidade de ter que tomar uma decisão sozinho.

Dois dias depois, ao voltar de seus vinte minutos de ar fresco, Nicholai

encontrou, nos pés da sua cama de metal, um pacote embrulhado em papel. Continha três velhos livros que cheiravam a bolor, um bloco com cinqüenta folhas de papel, um vidro de tinta do tipo ocidental e uma caneta barata, mas novinha em folha.

Ao examinar os livros, Nicholai ficou descoroçoado. Eram inúteis. O sr. Hirata tinha ido a uma livraria de segunda mão e comprara (com o seu próprio dinheiro, para fugir das complicações administrativas de uma requisição formal de artigos que poderiam acabar sendo considerados proibidos) os três livros mais baratos que encontrara. Não falando outra língua fora o japonês e sabendo pela ficha de Hel que ele sabia ler francês, o sr. Hirata adquiriu o que presumiu serem livros em francês de uma pilha que pertencera à biblioteca de um missionário, confiscada pelo governo durante a guerra. O sacerdote era basco e os livros nesta língua. Todos impressos antes de 1920, um deles era a descrição da vida dos bascos, escrita para crianças e incluía fotografias retocadas e esboços de cenas rurais. Mesmo sendo francês, o livro não tinha a menor utilidade para Nicholai. O segundo era um livro fino de ditados, parábolas e contos folclóricos escritos em basco nas páginas pares e em francês nas ímpares. O terceiro era um dicionário basco-francês compilado em 1898 por um padre de Haute-Soule que tentara, num prefácio interminável e complexo, demonstrar a erudição com que professores de língua basca tinham tratado as virtudes da piedade e humildade.

Nicholai pôs os livros de lado e agachou-se no canto da cela que usava para meditar. Tendo cometido o erro de desejar alguma coisa, teria que pagar com o desapontamento. Viu-se chorando amargamente e, logo depois, soluços profundos saíam involuntariamente do seu peito. Foi até o canto em que ficava a privada para que os guardas não pudessem vê-lo, arrasado daquela forma. Ficou surpreso e assustado ao descobrir como o terrível desespero podia assomar com tanta facilidade, apesar de todo o treinamento que fizera para viver sua monótona rotina e afastar de si todos os pensamentos sobre passado ou futuro. Finalmente esgotado e seco de lágrimas, conseguiu atingir um estado de média meditação e, quando se sentiu calmo, encarou seu problema.

Pergunta: por que tinha esperado aqueles livros com tanta ansiedade que se deixara ficar vulnerável às dores do desapontamento? Resposta: sem admitir para si mesmo, tinha percebido que seu intelecto, afiado pelo estudo do Go, tinha algumas das características de um motor de explosões contínuas que, se não fosse reabastecido de combustível, giraria em velocidade cada vez maior, até fundir. Era por isso que diminuíra a perspectiva da sua vida através de uma rotina rígida e passava mais tempo do que o necessário no prazeroso vácuo da meditação. Não tinha ninguém com quem conversar e, quanto ao pensamento,

até o evitava. Para se assegurar, deixava que as impressões passassem por sua mente sem serem analisadas, e elas se tornavam, em grande parte, imagens sem sentido, sem a lógica linear da elaboração mental verbalizada. Não tomara consciência de que estava evitando o uso da sua inteligência, com receio de que isso o levasse, na sua cela solitária e silenciosa, ao pânico e ao desespero. Mas essa era a razão pela qual ele se apegara à possibilidade de ter livros e papel, porque desejara tão terrivelmente a companhia e a ocupação mental que os livros proporcionavam.

E *aqueles* eram os livros? Uma historieta ilustrada para crianças; um volume fino de sabedoria popular; e um dicionário compilado por um sacerdote preciosista e piedoso!

E a maioria deles em basco, uma língua da qual Nicholai mal ouvira falar, a mais antiga da Europa e tão pouco relacionada com as outras línguas do mundo quanto o povo basco, com peculiar distribuição de tipo sanguíneo e formação da caixa craniana, se relacionava com qualquer outra raça.

Nicholai ficou agachado em silêncio e analisou seu problema. Havia apenas uma resposta: de alguma maneira, ele tinha que usar aqueles livros. Com eles, aprenderia basco. Afinal de contas, tinha ao seu dispor muito mais do que a pedra de Rosetta; tinha uma edição bilíngüe, traduzida página a página, e um dicionário. Sua mente estava treinada no manejo da abstrata geometria cristalina do Go. Ele trabalhara com criptografia. Poderia montar uma gramática do idioma basco. E ele também exercitaria suas outras línguas.Traduziria os contos folclóricos bascos para o russo, o inglês, o japonês e o alemão. Mentalmente, poderia também traduzi-los para o chinês popular, o jargão que aprendera nas ruas, mas não poderia fazer mais do que isso, já que nunca aprendera a escrever a língua.

Arrancou a roupa de cama e fez uma escrivaninha do estrado de metal, ajoelhando-se em frente dele e arrumando os livros, a caneta e os papéis. A princípio, tentou dominar sua excitação, prevenindo-se contra a possibilidade de que alguém viesse tirar-lhe seus tesouros, afundando-o no que Saint-Exupéry tinha chamado de tortura da esperança. Na verdade, seu período seguinte de exercícios na estreita alameda foi um tormento, e ele ficou preparado para se defrontar com a triste realidade de que seus livros tivessem sido confiscados. Mas, vendo que continuavam lá, deixou-se levar pelas alegrias do trabalho mental.

Depois de descobrir que agora tinha tudo, mas perdera o costume de usar a voz, ele começou a praticar falando sozinho diversas horas por dia, inventando

situações sociais ou contando para as paredes as histórias políticas e culturais de cada um dos países cuja língua sabia falar. No começo, tinha consciência de estar falando para si mesmo e não queria que os guardas pensassem que estivesse perdendo o juízo. Mas, pouco depois, pensar alto se tornou um hábito, e ele ficava o dia inteiro murmurando sozinho. Foram os seus anos na prisão que criaram em Hel um costume que iria acompanhá-lo pelo resto da vida: falava tão baixo que era quase um sussurro, e só era possível entendê-lo graças à perfeição da sua dicção.

Anos mais tarde, a sua voz, precisa e sussurrada, teria um efeito intimidador e assustador nas pessoas com as quais a sua bizarra profissão o obrigava a entrar em contato. E, para aqueles que vieram a cometer o erro fatal de atraiçoá-lo, o centro de seus pesadelos era ouvir aquela voz suave e baixa, saindo de dentro das sombras.

O primeiro provérbio do livro de adágios era *"Zohar hitzak, zuhur hitzak ",* que foi traduzido para "Antigos provérbios são sábios provérbios". Seu dicionário deficiente só lhe forneceu o significado de *zahar,* que queria dizer antigo. E as primeiras anotações da sua pequena gramática foram:

Zuhur = sábios.

O plural em basco pode ser "ak" ou"zak".

O radical para "adágios/provérbios" pode ser "hit" ou "hitz".

Nota: o verbo "dizer/falar" é provavelmente construído com este radical.

Nota: é possível que as estruturas paralelas não exijam verbos de forma simples.

E, partindo desse insignificante começo, Nicholai construiu uma gramática do idioma basco palavra por palavra, conceito por conceito, estrutura por estrutura. Desde o princípio, forçou-se a pronunciar a língua que estava aprendendo, para que ela ficasse viva e se fixasse em sua mente. Sem orientação, cometeu uma série de erros que iriam se perpetrar no seu modo de falar, coisa que muito divertiria seus amigos bascos. Por exemplo, resolvera que o *h* seria mudo, como no francês. Também teve que escolher, entre múltiplas possibilidades, como pronunciaria o *x* basco. Poderia ser como *z, sh* ou *tch,* ou ainda o gutural germânico *ch.* Arbitrariamente, ficou com este último. Para seu embaraço, erradamente.

Agora sua vida era cheia, até mesmo atazanada, com acontecimentos dos

quais tinha que se livrar, antes que o aborrecessem. Seu dia começava com um café da manhã e um banho frio. Depois de queimar o excesso de energia com exercícios isométricos, ele se permitia uma meia hora de meditação de intensidade mediana. Então, o estudo do basco o ocupava até a hora do jantar, após o qual voltava a se exercitar até que seu corpo estivesse exausto. Depois, meia hora de meditação. E então, cama.

Era do estudo do basco que tirava tempo para suas corridas, duas vezes por semana, na alameda estreita. E todos os dias, comendo ou se exercitando, ele falava consigo mesmo em algum dos idiomas que conhecia para mantê-los fluentes e na ponta da língua. Como falava sete línguas, dedicava um dia da semana para cada uma e seu calendário pessoal era pronunciado assim: Monday, BTOPHNK, lai-bai-sam, jeudi, Freitag, Larunbat e Nitiyoo-bi.

O acontecimento mais importante dos anos que Nicholai Hel passou na solitária foi o florescimento do seu sentido de proximidade.

Isto aconteceu independentemente da sua vontade e, nos seus estágios iniciais, sem que ele tivesse consciência do fato. Aqueles que estudam fenômenos paraperceptivos acreditam que o sentido de proximidade era, no começo da evolução do homem, tão acurado e corriqueiro quanto os outros cinco sentidos sensoriais, mas acabou se atrofiando pela falta de uso, desde que o homem se afastou da sua vida de caça/caçador. Além disso, a natureza extrafísica deste "sexto sentido", originário das energias do córtex central, está em radical contradição com o pensamento racional, cujo método de entendimento e organização de aprendizado viria, em última análise, a caracterizar o animal homem. Algumas culturas primitivas ainda mantêm um rudimentar senso de proximidade, e até mesmo pessoas completamente aculturadas recebem, ocasionalmente, impulsos do que restou dos seus sistemas de proximidade e se surpreendem ao perceberem que alguém atrás delas as está olhando ou pensando nelas, ou sentem vagas sensações genéricas de bem-estar ou depressão; mas estas são sensações passageiras ou diáfanas que, com um dar de ombros, são descartadas porque não são nem podem ser entendidas dentro dos parâmetros da compreensão lógica comum, e porque a aceitação delas solaparia a cômoda convicção de que todo e qualquer fenômeno pode ser explicado com as ferramentas de um sistema racional.

Ocasionalmente, e sob circunstâncias apenas parcialmente compreendidas, o senso de proximidade aflora a todo pano no homem moderno. De muitas maneiras, Nicholai Hel era uma pessoa que pertencia ao grupo dos poucos que têm sistemas de proximidade desenvolvidos. Toda a sua vida fora intensamente

mental e interior. Tinha sido místico e tivera experiências de transporte em êxtase e, portanto, não se sentia estranho diante do que ultrapassava as fronteiras da lógica. O Go treinara sua mente a criar em termos de permutações abstratas e não segundo o binômio simplista problema/ solução das culturas ocidentais. Então, um acontecimento chocante na sua vida fez com que ele ficasse isolado, preso dentro de si mesmo, por um longo período de tempo. Todos estes fatores são característicos de uma pessoa, entre as muitas milhões que existem em nossa época, que têm o dom (ou carga) adicional do senso de proximidade.

Este prístino sistema de percepção desenvolveu-se em Nicholai de maneira tão lenta e regular que, por mais de um ano, ele não se deu conta. Sua vida na prisão era pontuada por fatos tão curtos e repetitivos que ele perdia o sentido do tempo que passava do lado de fora dos muros da prisão. Nunca discutia consigo mesmo e nunca se aborrecia. Numa aparente contradição com as leis da física, o tempo só se torna pesado quando fica vazio.

O reconhecimento consciente do seu dom foi provocado por uma visita do sr. Hirata. Nicholai estava estudando com seus livros quando, subitamente, ergueu a cabeça e disse em voz alta para si mesmo (em alemão, porque era uma sexta-feira) — Que coisa estranha. Por que será que o sr. Hirata está vindo me ver? — Então olhou para o seu calendário improvisado e descobriu que, na verdade, seis meses já se tinham passado desde a última visita do sr. Hirata.

Poucos minutos depois, interrompeu o estudo novamente para se perguntar quem seria aquele estranho que vinha junto com o sr. Hirata, pois a pessoa cuja aproximação ele sentia não era um dos guardas de sempre, cada um deles tendo uma característica peculiar que Nicholai reconhecia mesmo antes que ele se aproximasse.

Pouco depois, a porta da cela foi aberta e o sr. Hirata entrou acompanhado por um jovem que estava sendo treinado para fazer o serviço social do sistema penitenciário, e que, timidamente, ficou de lado enquanto o mais velho fazia sua rotineira lista de perguntas e, meticulosamente, anotava cada resposta na folha presa à prancheta.

Em resposta à última pergunta, Nicholai requisitou mais papel e tinta, e o sr. Hirata esticou o pescoço e chupou o ar por entre os dentes, deixando clara a enorme dificuldade que seria atender àquele pedido. Mas havia alguma coisa na atitude dele que deixou Nicholai confiante de que sua requisição seria atendida.

Quando o sr. Hirata já estava se preparando para sair, Nicholai perguntou: — Me desculpe, senhor. Por acaso, o senhor passou perto da minha cela há cerca de dez minutos atrás?

— Dez minutos atrás? Não. Por que você está perguntando?

— O senhor não passou perto da minha cela? Bem então, o senhor, por acaso, pensou em mim?

Os dois guardas da prisão trocaram olhares. O sr. Hirata tinha informado ao seu aprendiz sobre as precárias condições mentais, quase beirando o suicídio, do prisioneiro. — Não, — começou o sr. Hirata — não creio que tenha... ah, um momento. Ora, sim! Um pouco antes de entrar nesta ala. Eu conversei com este jovem sobre você.

— Ah! — exclamou Nicholai — Então, isso explica tudo. Houve uma troca de olhares preocupados. —— Explica o quê?

Nicholai percebeu que seria difícil e até deselegante explicar uma coisa tão abstrata e etérea quando o sentido de proximidade para uma pessoa com a mentalidade de um funcionário público, então balançou a cabeça e disse: — Nada. Não é importante.

O sr. Hirata, dando de ombros, se retirou.

Pelo resto daquele dia e durante todo o transcorrer do seguinte, Nicholai meditou sobre a capacidade de sentir parasensitivamente a proximidade física e o pensamento das pessoas, que acabara de descobrir nele mesmo. Durante os seus vinte minutos de exercícios na estreita alameda, debaixo de um retângulo de céu tempestuoso, ele fechou os olhos enquanto caminhava e testou sua capacidade de, concentrando-se no muro à sua frente, saber quando se aproximava dele. Descobriu que conseguia saber e mais, que ele podia girar sobre si mesmo com os olhos fechados até perder completamente a noção de direção e mesmo assim, concentrando-se numa rachadura do muro ou numa pedra de formato estranho, poderia caminhar diretamente para ele e, estendendo a mão, tocar no ponto que fixara em sua mente. O que significava que este sentido de proximidade, até certo ponto, funcionava também com objetos inanimados. Enquanto fazia estes testes, sentiu um fluxo de concentração humana dirigido para ele e sabia, mesmo não podendo ver através do vidro que refletia o céu na torre do guarda, que seus estranhos movimentos estavam sendo observados e comentados pelos homens que estavam lá dentro. Conseguia distinguir as diferenças entre os pensamentos interceptados e concluir que havia dois homens, um deles com muita força de vontade e o outro mais fraco — ou que estava, talvez, menos interessado nas excentricidades de um preso meio doido.

De volta à sua cela, pensou mais detidamente no seu dom. Há quanto tempo o possuía? De onde teria vindo? Quais seriam suas potenciais serventias? Até

onde se lembrava, sua primeira impressão era de que o dom se desenvolvera durante o seu último ano na prisão. E tinha se formado tão lentamente que ele não se lembrava do momento em que o processo se iniciara. Já há algum tempo sabia, mas nunca prestara muita atenção naquilo, quando os guardas estavam se aproximando da sua cela e se era o baixinho com olhos duros, ou o que parecia ser da Polinésia e que devia ter sangue ai no nas veias. E, logo depois que acordava, sempre sabia qual dos prisioneiros de confiança iria trazer o seu café-da-manhã.

Mas antes de Nicholai ser preso, o dom já dera sinais da sua existência? Sim. Sim, ele percebeu num rasgo de memória. Houvera sempre traços leves, sinais ligeiramente indicativos do seu sentido de proximidade. Mesmo quando criança, sempre soubera, imediatamente após entrar numa casa, se havia ou não gente dentro dela. Sem que ninguém dissesse nada, sempre sabia se sua mãe se lembrara ou não de deixar alguma coisa para ele fazer. Sempre que entrava num quarto, sentia no ar o peso de uma discussão recente, ou a leveza de uma relação sexual que acabara de atingir seu clímax. Mas ele sempre achara que estas eram sensações que todo mundo tinha. Até certo ponto, estava certo. Muitas crianças e uns poucos adultos sentem, ocasionalmente, essas vibrações impalpáveis através do que lhes resta do sentido de proximidade, mas procuram sempre afastá-las da mente, explicando-as como "um clima","uma força qualquer", "uma intuição". A única coisa incomum sobre o contato de Nicholai com seu sentido de proximidade era a consistência com que se relacionava com ele. Sempre fora sensível às suas mensagens.

Foi durante as suas experiências explorando cavernas com seus amigos japoneses que seu dom paraperceptivo se manifestou por inteiro, mas, na época, ele nem pensou naquilo nem tentou encontrar um nome para o fenômeno. Sob as condições especiais de uma escuridão completa, de um medo inerente fortemente concentrado e de um extremo esforço físico, os poderes prístinos do córtex central de Nicholai irromperam no seu sistema sensorial. Mergulhado com os companheiros num labirinto desconhecido, rastejando ao longo de uma passagem estreita com milhões de toneladas de rocha a poucos centímetros da sua coluna, o esforço fazendo com que suas têmporas latejassem, ele só tinha que fechar os olhos (a fim de se livrar da intensa força do seu sistema nervoso para extravasar a energia através dos olhos, mesmo mergulhado em absoluta escuridão) para conseguir dizer, através do seu sentido de proximidade, com incontestável segurança, em que direção havia caminhos abertos e onde ficavam os blocos maciços e intransponíveis de rocha. A princípio, seus amigos ridicularizavam os seus "palpites". Certa noite, em que estavam sentados na

entrada de uma caverna que tinham explorado durante o dia, a conversa já meio sonolenta descambou para a estranha capacidade de orientação de Nicholai. Um dos jovens arriscou a conjectura de que, sem ter consciência do fato, Nicholai captava os levíssimos ecos da sua própria respiração e do seu rastejar e, talvez sentisse também as diferenças de cheiro do ar subterrâneo, e era com base nesses sinais muito sutis, mas certamente não místicos, que ele deduzia seus famosos "palpites". Nicholai aceitou esta explicação sem discutir; na verdade, não estava muito interessado.

Um dos outros amigos, que estava aprendendo inglês com a finalidade de conseguir um emprego melhor junto às forças de ocupação, deu um tapinha no ombro de Nicholai e brincou: — Esses ocidentais estão ficando muito espertinhos. Estão se *orientando*.

E ainda um outro, um rapaz espirituoso com um rosto simiesco e que era o palhaço da turma, comentou que não havia absolutamente nada de estranho no fato de Nicholai conseguir enxergar no escuro. "Afinal de contas, ele tinha o crepúsculo no próprio nome!"

O tom com que o comentário foi feito deixava claro que aquilo era para ser uma piada, mas, durante alguns segundos, fez-se silêncio no acampamento, enquanto todos tentavam deslindar o trocadilho tortuoso e oblíquo que era a marca registrada do humor do cara de macaco. E, à medida que todos entendiam o raciocínio jocoso, ouviram-se exclamações de surpresa e um dos rapazes chegou a tirar o chapéu, homenageando a vivacidade do espírito do humorista.[2]

Durante o dia e meio que passou em sua cela pensando sobre esse sentido de proximidade, Nicholai descobriu diversas outras coisas sobre a natureza do dom. Para começar, não era um simples sentido, como a audição, ou a visão. Uma melhor analogia poderia se estabelecer, talvez, com o sentido do tato, a complicada constelação de reações que incluem a sensibilidade ao calor e à pressão, à dor de cabeça e à náusea, à sensação de subida e descida de um elevador e o controle equilibrado através do líquido do ouvido médio — todos eles reunidos de maneira um pouco inadequada, sob o rótulo de"tato". No caso do sentido de proximidade, existem duas classes básicas de reações sensoriais, a qualitativa e a quantitativa; e há duas grandes divisões de controle, o ativo e o passivo. O aspecto quantitativo trata mais da proximidade simples, a distância e a direção em que se encontram objetos animados ou inanimados.

Nicholai não demorou a entender que o alcance da sua sensibilidade e capacidade de interceptação era muito limitado no caso dos objetos inanimados, ou passivos — um livro, uma pedra, ou um homem absolutamente imóvel,

divagando. A presença de um objeto desse tipo poderia ser percebida a uma distância de não mais de quatro ou cinco metros; mais que isso, os sinais seriam fracos demais para serem detectados. No entanto, se Nicholai se concentrasse no objeto e construísse uma espécie de ponte de energia, a distância real poderia ser quase o dobro. E se o objeto fosse um homem (ou, em alguns casos, um animal) que estivesse pensando em Nicholai ou construindo sua própria ponte de energia, a distância poderia novamente ser multiplicada por dois. O segundo aspecto desse sentido de proximidade era o qualitativo e, nesse caso, o dom só funcionava nos casos de um objeto humano. Nicholai podia não só identificar a distância e a direção da fonte emissora, mas também conseguia sentir, através das vibrações de suas próprias emoções, a qualidade das emissões: de amizade, de antagonismo, de ameaça, de amor, de perplexidade, de raiva, de luxúria. Como todo o sistema era gerado pelo córtex central, as emoções primitivas eram transmitidas com maior clareza: o medo, o ódio, a luxúria.

Tendo descoberto esses poucos fatos sobre os seus dons, Nicholai parou de pensar neles e voltou a se dedicar aos seus estudos e à tarefa de manter sua fluência nas línguas que conhecia. Tinha consciência de que, enquanto continuasse na prisão, seus dons não serviriam para grande coisa, além de uma brincadeira do tipo jogo de salão. Não tinha como prever que, nos anos seguintes, seu sentido de proximidade altamente desenvolvido não só iria fazer com que ele conquistasse um renome internacional como importante explorador de cavernas, mas também lhe serviria como arma e proteção na sua atividade de exterminador profissional de terroristas internacionais.

PARTE DOIS

SABAKI

Washington

O sr. Diamond levantou os olhos do que rolava na sua tela e disse ao Primeiro Assistente: Está bem, pare aqui e dê um pulo no tempo. Vamos ver uma rápida passada nas atividades antiterroristas dele, desde que saiu da prisão até hoje.

— Sim, senhor. Só um minutinho para eu reprogramar. Com a ajuda do Gorduchinho e da hábil manipulação do Primeiro Assistente, Diamond tinha apresentado aos seus convidados os fatos principais da vida de Nicholai Hel até aproximadamente a metade do tempo que cumprira encarcerado, fornecendo, de tempos em tempos, um pouco mais de detalhes ou esclarecimentos que tinha em sua memória. Tinha levado apenas vinte e dois minutos para transmitir essas informações, porque o Gorduchinho se atinha apenas a incidentes e fatos registrados em seus arquivos; os motivos, paixões e ideais eram signos ausentes do seu repertório.

Durante esses vinte e dois minutos, Darryl Starr não parara um só instante quieto na sua cadeira de plástico branco, morrendo de vontade de fumar, mas não ousando acender um charuto. Deduziu, aborrecido, que os detalhes da vida daquele amigo dos japas estavam sendo enfiados pela sua garganta abaixo como uma espécie de punição por ter estragado a operação em Roma ao deixar a garota escapar. Fazendo um esforço para salvar as aparências, ele fazia cara de entediado, mas resignado, chupando o ar entre os dentes e soltando, de vez em quando, um suspiro perfeitamente audível. Mas havia uma coisa que o incomodava mais do que estar sendo colocado de castigo como se fosse um aluno indisciplinado. Sentia que o interesse de Diamond em Nicholai Hel ia além do simples profissionalismo. Havia alguma de pessoal naquilo, e os anos de experiência de Starr nos meandros das operações da CIA tinham-no ensinado a não misturar sentimentos pessoais com trabalho.

Como se tratava do sobrinho de um homem importante e um aprendiz de terrorismo da CIA, o pastor de cabras de OLP adotou, no começo, uma atitude de quem estava imensamente interessado nas informações que estavam sendo projetadas na tela do tampo da mesa de reuniões, mas não levou muito tempo para sua atenção se fixar na pela rosada e macia das pernas da srta. Swivven, para quem ele lançava sorrisinhos ocasionais, que eram a sua forma de tentar galanteios sedutores.

O OARI reagira a cada nova informação com um rápido meneio de cabeça, gesto ensaiado para dar a impressão de que a CIA estava perfeitamente a par de todos aqueles dados e que para ele bastava conferir mentalmente a precisão de tudo aquilo. Na verdade, a CIA não tinha acesso ao Gorduchinho e, bem ao contrário, o sistema de computadores da Companhia-Mãe, há muito tempo já incorporara e digerira tudo o que havia de biográfico nos bancos de memória da CIA e da NSA.

Por sua vez, o sr. Able mantivera uma expressão levemente entediada e de educada paciência, mas sentira-se intrigado por certas passagens da biografia de Hel, particularmente as que se referiam ao misticismo e ao raro dom do sentido de proximidade, uma vez que, sendo muito refinado, seus gostos o tinham levado ao estudo do ocultismo e do exótico, conhecimento que se manifestava na sua ambigüidade sexual.

Uma campainha abafada soou na sala de equipamentos ao lado e a srta. Swivven se levantou para ir buscar as telefotos de Nicholai Hel que o sr. Diamond tinha solicitado. Houve um silêncio momentâneo na sala de reuniões e só se ouvia o chiados e estalos que saíam do console do Primeiro Assistente, que esquadrinhava os bancos de dados internacionais do Gorduchinho, gravando algumas informações nos seus próprios bancos de memória. O sr. Diamond acendeu um cigarro (permitia-se apenas quatro por dia) e girou sua poltrona para olhar pela janela para o Monumento a Washington, lá embaixo, enquanto, meditativamente, tamborilava seus lábios com os nós dos dedos.

Sr. Able suspirou audivelmente e, num gesto elegante, acertou o vinco das calças, dando uma olhada no relógio. — Eu sinceramente espero que isto não vá demorar muito tempo mais. Tenho outros compromissos para hoje à noite. — Lembranças do filho do senador — um verdadeiro Ganimedes[3] — não tinham saído da sua cabeça durante toda a noite.

—Ah! —exclamou Diamond — Aqui está! — Estendeu a mão para pegar as fotos que a srta. Swivven, vinda da sala de equipamentos, lhe estendia e folheou-as rapidamente. — Estão em ordem cronológica. Esta primeira é uma ampliação da foto da sua carteira de identidade, tirada quando ele começou a trabalhar na criptografia da Sphinx/FE.

Ele passou-a para o sr. Able, que estudou a fotografia, muito granulada por causa da ampliação excessiva. — Rosto interessante. Altaneiro. Delicado. Resoluto.

Passou a foto para o OARI, que lançou apenas uma breve olhada, como se estivesse perfeitamente familiarizado com o retratado, e depois deu-a para Darryl

Starr.

— Mas que merda!!! — exclamou Starr. — O cara parece um bebê. Não pode ter mais do que uns quinze ou dezesseis anos.

— Não se deixe enganar pela aparência dele — disse Diamond.

— Quando esta foto foi tirada, ele poderia ter talvez uns vinte e três anos. A cara de criança é uma característica da família. Hoje, o Hel deve ter uns cinqüenta e poucos anos, mas já me disseram que não parece ter mais de trinta.

O pastor de cabras palestino estendeu a mão para pegar a foto, mas ela foi devolvida ao sr. Able, que voltou a examiná-la e disse:

— O que tem de errado com os olhos dele? São meio esquisitos. Parecem artificiais.

Mesmo em preto e branco, os olhos mantinham sua incomum transparência, como se tivessem sido fotografados com pouca luz.

— É verdade — confirmou Diamond. — Os olhos dele são estranhos. São de um verde brilhante muito raro, lembram a cor de garrafas antigas. É o traço mais marcante do rosto dele.

O sr. Able olhou de soslaio para Diamond: — Você já se encontrou pessoalmente com esse sujeito?

— Há... há anos que eu me interesso por ele, — respondeu Diamond, evasivamente, enquanto começava a estudar a segunda foto.

Ao examinar o segundo retrato, o sr. Able arregalou os olhos. Teria sido impossível adivinhar que aquele era o mesmo homem. O nariz tinha sido quebrado e estava entortado para a esquerda. Ao longo da bochecha direita havia uma cicatriz longa e profunda. Outra cicatriz cruzava a testa em diagonal, cortando a sobrancelha. O lábio inferior estava inchado e partido e havia uma protuberância embaixo do osso da maçã esquerda do rosto. Os olhos estavam fechados e a expressão do rosto era de tranqüilidade.

Rapidamente, como se sentisse um certo asco, o sr. Able empurrou a foto para o OARI.

O palestino estendeu a mão, mas o foto foi passada para Starr. — Puta merda, meu! Parece que o cara bateu de frente com um trem de carga!

— O que vocês estão vendo — explicou Diamond — é o resultado de um interrogatório vigoroso feito pelo serviço secreto do exército. A foto foi tirada cerca de três anos depois do espancamento, enquanto o paciente estava anestesiado, um pouco antes de se submeter a uma cirurgia plástica. E aqui está

ele, uma semana depois da operação. — Diamond empurrou a foto seguinte por sobre o tampo da mesa de reuniões.

O rosto ainda estava um pouco inchado por causa da cirurgia, mas todos os sinais de desfiguramento haviam desaparecido e um *lifting* geral removera os leves sinais de envelhecimento e as marcas da idade.

— E quantos anos ele tinha nesta ocasião? — perguntou o sr. Able.

— Entre vinte e quatro e vinte e oito.

— Incrível! Ele parece mais jovem do que na primeira foto.

O palestino tentou virar a cabeça para ver a foto quando ela passou na sua frente.

— Estas são ampliações de fotos de passaporte. O da Costa Rica é de pouco tempo depois da cirurgia plástica e o da França de um ano depois. Nós acreditamos que ele também tenha um passaporte albanês, mas não temos cópia dele.

O sr. Able correu os olhos rapidamente pelas fotos dos passaportes que, como costuma acontecer com as fotos deste tipo, estavam muito claras e eram de péssima qualidade. Um detalhe chamou a sua atenção e ele voltou a examinar a foto do passaporte francês. — Você tem certeza de que este é o mesmo homem?

Diamond pegou a foto de volta e deu uma olhada. — Sim. Este é o Hel.

— Mas os olhos...

— Eu sei o que você está querendo dizer. Como a cor dos olhos dele é muito rara e isso estragaria qualquer disfarce, ele tem uma coleção de lentes de contato sem grau que são transparentes no meio, mas coloridas na íris.

— Então, ele pode mudar a cor dos olhos sempre que quiser. Mas que coisa interessante!

— Ah, sim. Pode ter certeza de que o Hel é muito engenhoso. O homem da OPEP sorriu: — Esta já é a segunda vez que eu percebo um tom de admiração na tua voz.

Diamond olhou para ele com frieza: — Engano seu.

— Ah, é? Entendo. Estas são as fotos mais recentes que você tem do engenhoso, mas não admirável, sr. Hel?

Diamond pegou o resto do maço de fotografias e jogou-o sobre a mesa. — Não. Temos mais um monte. Todas elas são exemplos típicos da proverbial eficiência da CIA.

As sobrancelhas do OARI se ergueram numa resignação de mártir.

Sr. Able folheou as fotos com um perplexo franzir de testa, depois empurrou-as na direção de Starr.

O palestino deu um pulo e bateu com a palma da mão sobre a pilha de fotos e depois, quando todos mostravam sua surpresa diante da rudeza do seu gesto, deu uma risadinha que fez com que ficasse com cara de ovelha. Puxou as fotografias para perto e estudou-as cuidadosamente.

— Não estou entendendo patavina — confessou. — O que diabos é isso?

Em cada um dos retratos, o centro da foto estava fora de foco. Tinham sido tirados em diversos lugares diferentes — cafés, ruas de diversas cidades, no litoral, nas arquibancadas de um jogo de *jai-a-lai* , num terminal de aeroporto — e todas tinham a compressão de imagem típica de um instantâneo tirado com teleobjetiva; mas em nenhuma delas era possível reconhecer o homem fotografado porque, no exato instante da foto, ele tinha feito algum movimento súbito.

— Esta é uma coisa que eu não entendo mesmo — confessou o pastor de cabras, como se o fato fosse surpreendente. — É uma coisa que a minha compreensão não... compreende.

— Pelo jeito, — explicou Diamond — a única maneira de fotografar o Hel é com a concordância dele. Mas eu tenho razões para acreditar que ele não está nem aí com os esforços da CIA para manter-se informada sobre o paradeiro dele, ou sobre o que ele anda fazendo.

— Então, por que ele dá um jeito de estragar todas as fotos? — perguntou o sr. Able.

— É quase sem querer. Tem a ver com este tal sentido de proximidade dele. Ele sente se alguém se concentra nele. É claro que a sensação de ser focalizado através de uma lente de câmera fotográfica é a mesma que se tem quando se é visto através da mira telescópica de um rifle, e o momento de apertar o disparador é semelhante ao de apertar um gatilho.

— E aí ele se abaixa no momento em que a foto está sendo tirada — concluiu o sr. Able. — Assombroso! Realmente assombroso!

— Será que é admiração o que eu estou notando na sua voz? — perguntou Diamond, malicioso.

O sr. Able sorriu e fez um gesto de cumprimento, reconhecendo a boa sacada do outro. — Tem uma coisa que eu preciso perguntar. O nome do major

que aparece no relatório do interrogatório do Hel é Diamond. Eu tenho plena consciência, é claro, da mania que tem o seu povo de se nomear através de pedras e metais preciosos — o mundo mercantilista está ricamente cheio dos seus Pearls, Rubys e Golds — mas, mesmo assim, a coincidência de nomes me deixa com a pulga atrás da orelha. Afinal de contas, a coincidência é a arma preferida do destino.

Diamond bateu as extremidades da pilha de fotos sobre o tampo da mesa para alinhá-las, depois colocou o maço de lado e respondeu, secamente: — O Major Diamond em questão era meu irmão.

— Entendo — disse o sr. Able.

Darryl Starr deu uma olhada estranha na direção de Diamond. Sentia que suas preocupações sobre um possível envolvimento pessoal tinham razão de ser.

— Senhor? — chamou o Primeiro Assistente. — As informações sobre as atividades contraterroristas do Hel estão prontas.

— Muito bem. Projete na tela da mesa. Só o essencial. Nada de detalhes. Só quero que estes cavalheiros tenham uma idéia do que estamos enfrentando.

Embora Diamond tivesse solicitado um resumo sucinto das atividades contraterroristas de Hel, a primeira página que apareceu na tela era tão resumida que Diamond sentiu-se na obrigação de complementar. — A primeira operação de Hel não foi, falando literalmente, de contraterrorismo. Como vocês podem ver, foi um golpe contra o líder de uma missão comercial soviética em Pequim, não muito depois que os comunistas chineses passaram a controlar o país. A operação foi tão sigilosa e secreta que a CIA não deu muita importância à maioria das fitas até que a Companhia-Mãe começou a requisitá-las para colocar todas as informações nos arquivos do Gorduchinho. Em resumo, foi o seguinte: o serviço secreto americano estava preocupado com a possibilidade de uma coalizão entre chineses e soviéticos, apesar do fato de que eles tinham muitas diferenças entre eles — questões de fronteiras, ideológicas, diferentes etapas de desenvolvimento industrial, desconfianças de origem racial. Os rapazes do Think Tank bolaram um plano para explorar estas diferenças e arruinar qualquer tentativa de união que estivesse em andamento. Propuseram mandar um agente a Pequim para liquidar o cabeça da missão soviética e plantar provas incriminatórias contra Moscou. Os chineses começariam a achar que os russos tinham eliminado um dos seus próprios homens para criar um incidente que servisse de desculpa para interromper as negociações. Os soviéticos, estando mais por dentro, pensariam que os chineses eram os responsáveis pelo golpe, pelas mesmas razões. E quando os chineses aparecessem com os falsos indícios

incriminatórios que provavam o jogo duplo dos russos, os soviéticos alegariam que os chineses tinham forjado as provas para justificar o covarde ataque que tinham realizado. Os chineses, sabendo perfeitamente que nada disso era verdade, ficariam ainda mais convencidos de que toda a história era um complô russo.

— Que o plano funcionou — continuou Diamond — fica provado pelo simples fato de que as relações sino-soviéticas nunca floresceram e até hoje se caracterizam pela desconfiança e hostilidade. O bloco das potências ocidentais consegue facilmente jogar um contra o outro e impedir que eles façam qualquer espécie de aliança perigosa. O único pequeno problema do engenhoso plano dos rapazes do Think Tank era encontrar um agente que conhecesse o chinês suficientemente para conseguir se locomover dentro do país sob disfarce, que pudesse se fazer passar por russo quando fosse necessário e que estivesse disposto a aceitar fazer parte de uma operação com pouquíssimas possibilidades de sucesso e com quase nenhuma chance de conseguir escapar depois do ataque. Esse agente teria que ser brilhante, falar diversas línguas, ser um assassino treinado e estar desesperado o suficiente para aceitar uma missão cujas chances de sobrevivência eram de uma para cem...

— A CIA examinou as suas possibilidades e só encontrou uma pessoa, entre as que estavam sob seu controle, que preencheria todas essas condições...

Japão

Era um começo de outono, o quarto que Hel passava em sua cela na Prisão Sugamo. Estava ajoelhado no chão em frente da sua camaescrivaninha, perdido num difícil problema de gramática basca, quando sentiu um formigamento nas raízes dos pelos do seu pescoço. Levantou a cabeça e se concentrou nas emissões que estava interceptando. A aura da pessoa que se aproximava era desconhecida para ele. Ouviu-se ruídos na porta e ela se abriu. Um guarda todo sorridente, com uma cicatriz triangular na testa, uma pessoa que Nicholai nunca tinha visto ou sentido antes, entrou. O guarda limpou a garganta: — Venha comigo, por favor. Hel franziu o cenho, intrigado. O tratamento O... *nasai?* Uma linguagem respeitosa entre um guarda e um prisioneiro? Antes de se levantar ele, cuidadosamente, arrumou suas anotações e fechou seus livros. Obrigou-se a parecer calmo e cauteloso. Poderia haver esperança nesta ruptura sem precedentes da rotina. Ou perigo. Levantou-se e seguiu o guarda para fora da cela.

— Sr. Hel? Tenho a maior satisfação em conhecê-lo. — Um homem jovem e educado levantou-se para apertar a mão de Hel assim que ele entrou na sala de visitantes. O contraste entre o terno bem talhado e a gravata fina que envergava e o uniforme da prisão, cinza e amarrotado, de Hel, não era maior do que o que existia entre os físicos e temperamentos dos dois. O cordial agente da CIA era robusto e tinha um corpo atlético, um exemplo perfeito do homem americano, capaz de ser informal e respeitoso ao mesmo tempo, um vendedor nato. Hel magro e rijo, era reservado e distante. O agente, famoso por ganhar imediatamente a confiança dos outros, era um sujeito bom de papo, muito persuasivo. Hel era uma pessoa sensível e complexa. A luta seria entre o esmurrador e o esgrimista.

O agente fez um sinal indicativo de que o guarda podia sair. Hel, que por três anos só tivera sua prancha de aço para se sentar e, em função disto, tendo perdido a naturalidade de se recostar e relaxar, sentou-se na beira da sua cadeira. Depois de todo aquele tempo em que ninguém se dirigira a ele num tom de conversa social, achou a tagarelice polida do agente não só perturbadora como irrelevante.

— Eu pedi que eles nos servissem um pouco de chá — disse o agente,

sorrindo e assumindo uma personalidade grosseiramente envolvente que sempre achara muito eficiente quando se tratava de fazer relações públicas. — Se tem uma coisa na qual temos que dar a mão à palmatória para esses japoneses, é que eles sabem fazer um ótimo chá. O que os meus amigos ingleses chamariam de “nice cuppa". — Riu da sua própria incapacidade de imitar o típico sotaque *cockney.*

Hel olhava para ele sem abrir a boca, sentindo um certo prazer ao notar que o americano ficara meio sem jeito com o aspecto moído do seu rosto. A princípio, o ianque, incomodado, tentava desviar o olhar, mas depois de algum tempo se forçou a encarar Nicholai sem mostrar sinais de repulsa.

— O senhor está me parecendo em boa forma, sr. Hel. Eu esperava que o senhor estivesse com o corpo mostrando as deficiências causadas pela inatividade física. É claro que o senhor tem uma vantagem. Não pode comer demais. Se quiser saber a minha opinião, a maioria das pessoas come mais do que precisa. O velho corpo humano se daria por plenamente satisfeito com uma quantidade muito menor de comida do que nós lhe damos. Nós como que entupimos nossos tubos internos com um monte de gordura, o senhor não concorda? Ah! Aqui está! Chegou o nosso chá!

O guarda entrou portando uma bandeja onde havia um bule grosseiro e duas xícaras japonesas sem asas. O agente serviu o chá desajeitadamente, mais parecendo um urso de circo, como se a falta de elegância fosse prova de virilidade. Hel aceitou a xícara, mas não bebeu.

— Saúde! — brindou o agente, tomando seu primeiro gole. Balançou a cabeça e deu uma risada sonora. — Acho que não se diz "Saúde" quando se toma chá. O que é que se costuma dizer?

Hel pousou sua xícara na mesa ao seu lado. — O que você quer de mim?

Treinado em cursos de persuasão pessoa a pessoa e em como convencer pequenos grupos, o agente achou que tinha sentido um tom um pouco frio na colocação de Hel, então seguiu o que tinha aprendido e se deixou levar pelo clima proposto pelo seu interlocutor. — Acho que o senhor tem toda a razão. É melhor que eu vá diretamente ao ponto. Veja bem, sr. Hel, eu estive reexaminando o seu caso e, se o senhor perguntar a minha opinião, eu diria que o senhor está sofrendo a maior das injustiças. Pelo menos, é o que eu acho.

Hel deixou seus olhos pousarem na face aberta e franca do rapaz. Controlando seu impulso de se levantar e quebrar aquela carinha de anjo, Hel abaixou os olhos e disse: — Então, esta é a sua opinião, não é?

O agente engoliu o sorriso e guardou-o bem guardado. Não ia adiantar nada continuar malhando em ferro frio. Seria melhor dizer a verdade de uma vez. Havia um provérbio que ele se lembrava de ter memorizado nos seus cursos de persuasão: não menospreze a verdade; bem manejada, ela pode ser uma arma muito eficiente. Mas não se esqueça que espadas muito usadas perdem o fio.

Inclinou-se para frente e falou num tom de voz franco e preocupado. — Eu acho que consigo tirá-lo daqui, sr. Hel.

— E quanto isso vai me custar?

— Isso importa?

Hel pensou um segundo. — Importa.

— Muito bem. Nós precisamos de alguém para fazer um trabalho. Você é capaz de fazê-lo. Nós vamos pagá-lo com a sua liberdade.

— Eu já tenho a minha liberdade. O que você quer dizer é que vai me pagar com a minha libertação.

— Como quiser.

— Que tipo de libertação você está me oferecendo?

— Como?

— Libertação para fazer o quê?

— Acho que não estou entendendo onde o senhor quer chegar. Libertação, homem. Liberdade.Vai poder fazer o que quiser, ir para onde quiser.

— Ah, entendi. Você está me oferecendo também uma cidadania e uma montanha de dinheiro.

— Bem... não. O que eu quis dizer é... veja, eu estou autorizado a lhe oferecer a sua liberdade, mas ninguém me disse nada sobre dinheiro nem cidadania.

— Deixe-me ver se eu estou entendendo bem.Você está me oferecendo uma oportunidade de perambular pelo Japão, passível de ser preso a qualquer momento, com nenhuma cidadania e livre para ir para qualquer lugar e fazer qualquer coisa desde que não custe nada. É isto?

O desconforto do agente agradou a Hel. — Olha... só estou dizendo que esta questão de dinheiro e cidadania não foi discutida.

— Entendo. — Hel levantou-se. — Por que você não volta quando já tiver definido todos os detalhes da sua proposta?

— O senhor não vai me perguntar sobre o trabalho que queremos que faça?

— Não. Presumo que seja alguma coisa muito difícil. Muito perigosa. Provavelmente envolvendo assassinato. Caso contrário, você não estaria aqui.

— Ah, mas eu não acho que chamaria de assassinato, sr. Hel. Eu não usaria essa palavra. É mais como... como um soldado lutando pelo seu país e matando um dos inimigos.

— É o que eu disse: assassinato.

— Está bem, o senhor pode chamar como quiser.

— Claro que posso. Boa tarde.

O agente começou a ficar com a impressão de que era ele quem tinha sido manipulado, em claro desrespeito aos seus cursos de persuasão que sempre deixavam claro que era ele quem tinha que ter as rédeas na mão.Voltou a adotar sua técnica defensiva de bancar o bom sujeito. — Muito bem, sr. Hel. O senhor ganhou. Vou conversar com os meus superiores e ver o que posso fazer pelo senhor. Estou do seu lado nesta questão, o senhor certamente sabe disso. Puxa vida, sabe de uma coisa? Eu nem me apresentei. Nossa, espero que o senhor me desculpe.

— Não se incomode. Não estou interessado em quem você possa ser.

— Tudo bem. Mas aceite o meu conselho, sr. Hel. Não deixe esta chance escapar. A sorte não bate duas vezes na mesma porta, o senhor sabe como é.

— Observação muito profunda. Você é o autor do epigrama?

— Vejo o senhor amanhã.

— Muito bem. E peça ao guarda para bater duas vezes na porta da minha cela. Não gostaria de me confundir e achar que é a sorte.

As exigências de Hel foram discutidas no quartel-general da CIA no Oriente, localizado no subsolo do Edifício Daí Ichi. A cidadania não era problema. Não uma cidadania americana, claro. Um privilégio tão exclusivo estava reservado para os bailarinos russos dissidentes. Mas era fácil conseguir uma cidadania do Panamá, da Costa Rica, ou da Nicarágua — qualquer das áreas controladas pela CIA. Custaria uma pequena graninha por fora, mas poderia ser feito.

Sobre o pagamento, eles foram um pouco mais relutantes, não porque tivessem alguma necessidade de economizar com o orçamento bastante elástico de que dispunham, mas o respeito protestante pelo lucro como um sinal da graça de Deus fazia com que eles detestassem jogar dinheiro fora. E seria mesmo atirar dinheiro pela janela, porque as chances matemáticas de Hel sair vivo daquela

empreitada eram mínimas. Outro fator financeiro era a despesa que teria que ser feita para levar Hel até os Estados Unidos, a fim de que fosse submetido a uma cirurgia plástica, já que com aquela cara toda arrebentada e tão fácil de reconhecer, não havia como ele penetrar em Pequim. Mesmo assim, acabaram percebendo que não tinham escolha. A pesquisa que tinham feito resultara num único nome capaz de fazer o serviço.

Que seja. Dê-lhe uma cidadania costarriquenha e grana.

Problema seguinte...

Mas quando, um dia depois, se encontraram na sala de visitantes, o agente americano veio a descobrir que Hel tinha ainda uma nova exigência a fazer. Ele se encarregaria da operação somente se a CIA lhe fornecesse os endereços atualizados dos três homens que o tinham interrogado: o "doutor", o sargento da Polícia Militar e o Major Diamond.

— Agora, espere um pouquinho, sr. Hel. Nós não podemos concordar com esse tipo de coisa. A CIA se preocupa com os seus homens. Nós não podemos entregá-los ao senhor numa bandeja de prata desse jeito. Seja razoável. O senhor sabe, águas passadas não movem moinhos. O que me diz?

Hel levantou-se e pediu ao guarda que o levasse de volta para a cela.

O jovem agente americano, com seu rosto franco, suspirou e balançou a cabeça. — Está bem. Só me deixe telefonar para o escritório para pegar um de acordo. De acordo?

Washington

E eu presumo que o sr. Hel foi bem sucedido na sua empreitada — disse o sr. Able. — Porque, se não tivesse sido, nós não estaríamos sentados aqui nos preocupando com ele.

— Exatamente — disse Diamond. — Não sabemos dos detalhes, mas, cerca de quatro meses depois de ter sido introduzido na China via Hong Kong, recebemos a notícia de que ele tinha sido apanhado por uma patrulha da Legião Estrangeira na Indochina francesa. Estava muito ferido... passou um par de meses num hospital em Saigon... e depois desapareceu de novo. Não tivemos mais notícias dele até que reapareceu como um contraterrorista autônomo. Conseguimos associá-lo com um grande número de ataques contra pessoas e grupos terroristas, normalmente contratado por governos através de seus serviços secretos. — Virou-se para o Primeiro Assistente:

— Vamos dar uma olhada rápida nesses casos.

A carreira de Nicholai Hel, do começo dos anos 50 até o meio dos anos 70, começou a surgir na tela da mesa de reuniões projetada pelo Gorduchinho, detalhes superficiais de inúmeras operações de extermínio. De vez em quando, um dos homens pedia que a imagem fosse congelada, enquanto perguntava a Diamond sobre algum detalhe.

— Maria Santíssima! — exclamou Darryl Starr, num determinado momento. — Esse cara acende mesmo uma vela para Deus e outra para o Diabo! Nos Estados Unidos o sujeito atacou os Weathermen e também os três K!!!. Em Belfast, andou eliminando gente dos dois lados; pelo jeito o cara trabalhou para todo mundo a não ser para os árabes, gregos, espanhóis e argentinos. E vocês sacaram as armas usadas nos atentados? Não só armas convencionais como pistolas e gás paralisante, cacilda!, o elemento também usa umas armas esquisitas como pente de bolso, canudo de refrigerante, uma folha de papel dobrada, uma chave, uma lâmpada... Se você não tomar cuidado, esse cara é capaz de te estrangular com a tua própria cueca!

— É por aí — disse Diamond. — Essas habilidades têm a ver com o treinamento de "Nu— Matar" que ele fez. Já se chegou a estimar que, dentro de uma corriqueira sala ocidental, Nicholai Hel é capaz de descobrir quase duzentas

armas mortais.

Starr balançou a cabeça e chupou o ar entre os dentes ruidosamente. — Apagar um elemento desses deve ser mais foda do que tirar caca da unha a tiro.

Diante de uma imagem tão xucra, o sr. Able empalideceu.

O pastor de cabras da OLP balançou a cabeça e comentou: — O que eu não entendo é esse monte de dinheiro que ele recebe pelos seus serviços. No meu país, a vida de um homem pode ser comprada por um valor que, em dólares, não passaria de dois paus e trinta e cinco centavos.

Diamond fitou-o com ar cansado. — Para eliminar um dos seus compatriotas, acho até que está muito bem pago. A razão básica pela qual os governos estão dispostos a pagar tanto para o Hel exterminar terroristas é que o terrorismo é a forma mais econômica de luta armada. Pense só no que custaria para se montar uma força capaz de proteger todas as pessoas de um país de ataques na rua, na própria casa, no próprio carro. A simples procura da vítima de um seqüestro terrorista custa milhões de dólares Se esse terrorista puder ser exterminado por umas poucas centenas de milhares de dólares e o governo ainda conseguir evitar a propaganda negativa de um julgamento, qualquer político vai achar uma barganha. — Diamond virou-se para o Primeiro Assistente: — Quanto o Hel recebe, em média, por cada golpe?

O Primeiro Assistente inseriu a pergunta no Gorduchinho. — Pouco mais de um quarto de milhão, senhor. Em dólares, naturalmente. Mas, pelo jeito, desde 1963, ele não aceita mais dólares americanos.

O sr. Able deu uma risadinha. — Sujeitinho esperto. Mesmo se a pessoa sair correndo para o banco para trocar dólares por dinheiro de verdade, ainda vai acabar perdendo com a queda das cotações.

— Claro — continuou o Primeiro Assistente — que esse cálculo é um pouco distorcido. Teríamos uma idéia mais exata do valor fixo se utilizássemos a média no tempo.

— Como assim? — perguntou OARI, feliz por ter alguma coisa a dizer.

— Aparentemente, às vezes, ele aceita trabalhos sem receber nada.

— Ah, é? — exclamou o sr. Able. — Isso é surpreendente. Levando-se em conta o que ele sofreu nas mãos das forças de ocupação e o seu desejo de viver num estilo que se coadune com seus gostos e a educação que recebeu, eu teria presumido que ele só trabalhasse pela oferta mais alta.

— Não é bem assim — corrigiu Diamond. — Desde 1967, ele tem aceito

missões de diversos grupos militantes judeus sem receber pagamento. É uma espécie de admiração distorcida que ele tem por povos que lutam contra forças superiores.

O sr. Able deu um sorrisinho curto.

— Veja um outro exemplo. — continuou Diamond — Ele prestou serviços gratuitamente para a ETA-6, a organização nacionalista basca. Em troca desses favores, eles protegem a ele e ao seu castelo nas montanhas. E essa proteção, diga-se de passagem, é bastante eficiente. Sabemos de três pessoas que foram até aquelas montanhas para tentar se vingar de alguma coisa que o Hel tinha feito e, em todos os casos, nunca mais se ouviu falar desses homens. E, de tempos em tempos, Hel aceita um trabalho pela simples razão de que não gosta da postura de algum grupo terrorista. Não faz muito tempo, organizou um ataque desses para o governo da Alemanha Ocidental. Congele no resumo deste, Llewellyn.

Os homens à volta da mesa de reuniões examinaram os detalhes da maneira como Hel se infiltrara num famoso grupo terrorista urbano alemão, ação que acabou levando à prisão do homem que dava nome ao grupo e à morte da mulher.

— Ele estava metido nesse caso? — perguntou o sr. Able, com um leve tom de admiração na voz.

— Esse foi barra pesada! — admitiu Starr. — Eu é que não me metia numa merda dessas!

— Sem dúvida. Mas o maior pagamento que ele recebeu por um único trabalho foi nos Estados Unidos — disse Diamond. — e, acreditem ou não, foi uma única pessoa que bancou toda a operação. Bota esse aí na tela, Llewellyn.

— Qual é, senhor?

— Los Angeles. Maio de 74.

Conforme o texto ia sendo projetado na tela, Diamond explicou, — Vocês vão se lembrar do caso. Cinco membros de uma gangue de vândalos e ladrões urbanos que se chamavam de Falange Maoísta Simbiótica foram eliminados numa verdadeira guerra, que durou mais de uma hora, e durante a qual trezentos e cinqüenta policias da SWAT, homens do FBI e conselheiros da CIA, descarregaram toneladas de munição na casa onde os bandidos estavam entocados.

— E o que o Hel teve a ver com isso? — perguntou Starr.

— Ele tinha sido contratado por uma certa pessoa para localizar os

guerrilheiros e eliminá-los. Foi bolado um plano segundo o qual a polícia e o FBI receberiam uma dica de maneira que chegassem ao local logo depois que todo serviço já estivesse feito e pudessem colher as glórias... e a responsabilidade. Infelizmente para o Hel, eles chegaram meia hora mais cedo e ele ainda estava na casa quando eles a cercaram e abriram fogo, usando inclusive bombas de gás lacrimogêneo e lança-chamas. Ele teve de cavar um buraco no assoalho e esconder-se enfiado numa espécie de alçapão, enquanto tudo em volta dele pegava fogo. Na confusão que se estabeleceu em seguida ele, no último minuto, conseguiu sair do buraco e se misturar no meio do grupo de oficiais. Evidentemente, estava vestido como membro da SWAT — de colete preto, boné de baseball e tudo.

— Mas, se eu não estou enganado — comentou o sr. Able — as notícias afirmavam que, durante o tiroteio, alguns tiros foram disparados de dentro da casa.

— Isso foi o que contaram para a imprensa. Felizmente, nunca ninguém se deu ao trabalho de estudar melhor o caso e se perguntar como, mesmo depois que duas metralhadoras e um verdadeiro arsenal de revólveres e espingardas foram encontrados nos destroços do incêndio, nem um só dos trezentos e cinqüenta policiais (e Deus sabe quantos curiosos) sofreu nem mesmo um arranhão depois de uma hora de troca de tiros.

— Mas eu acho que me lembro de ter visto uma fotografia de um muro de tijolos cheio de buracos de balas.

— Claro. Quando você cerca um lugar com mais de trezentos atiradores e abre fogo, um monte de balas vai entrar por uma janela e sair pela outra.

O sr. Able caiu na gargalhada: — Você está tentando me dizer que os rapazes do FBI e da CIA estavam atirando neles mesmos?

Diamond ergueu os ombros: — Você não consegue contratar gênios pagando vinte mil dólares por ano.

OARI sentiu que era seu dever defender a organização a que pertencia: — Devo lembrar-lhes que a CIA estava lá somente em caráter precário, como conselheira. Somos proibidos por lei de fazer trabalhos sujos em território nacional.

Todos ficaram olhando para ele em completo silêncio, até que o sr. Able rompeu o mal-estar perguntando a Diamond: — Por que essa tal pessoa se deu ao trabalho de contratar o Hel para fazer o trabalho, se a polícia estava mais do que a fim de tomar conta do caso?

— A polícia poderia ter feito um prisioneiro. E esse prisioneiro poderia testemunhar num julgamento posterior.

— Ah, certo. Entendi.

Diamond virou-se para o Primeiro Assistente: — Separe estes dados e projete o resto das informações sobre as operações conhecidas do Hel.

Em rápida ordem cronológica, resumos de uma ação após outra surgiram na tela. San Sebastian, patrocinado pelo ETA-6; Berlim, patrocinado pelo governo alemão; Belfast, patrocinado pelo IRA; Belfast, patrocinado pelo governo britânico; Cairo, patrocinador desconhecido e aquilo parecia nunca mais acabar. Mas, de repente, acabou.

— Ele se aposentou há dois anos — explicou Diamond.

— Bem, mas se ele está aposentado... — O sr. Able ergueu as mãos num gesto que perguntava com que, afinal de contas, todos estavam tão preocupados.

— Infelizmente, o Hel tem um senso de dever ultradesenvolvido quando se trata dos seus amigos. E o Asa Stern era amigo dele.

— Me explica uma coisa. O que significa essa palavra "stunt" que aparece toda hora na tela?

— Tem a ver com a maneira como o Hel cobra pelos seus serviços. Ele chama suas operações de"stunts"e cobra por elas da mesma maneira que os doublés do cinema, quer dizer, baseado em dois fatores: a dificuldade do trabalho e o perigo envolvido. Por exemplo, se um ataque é dificultado por razões de acesso ao alvo ou de infiltração numa organização, o preço será mais alto. Mas se a periculosidade for menor em função da incompetência da organização da vítima contra a qual a operação é montada (como no caso do IRA, por exemplo, ou da CIA), o preço cai. Ou pegue o caso oposto: o último "stunt" do Hel antes de se aposentar. Havia um homem em Hong Kong que queria tirar seu irmão da China comunista. Para alguém como o Hel, isso não era muito difícil, então era de se esperar que o preço fosse relativamente módico. Mas, caso fosse capturado, ele teria de pagar com a própria vida, o que fez com que o preço subisse. Entendeu como funciona a coisa?

— Quanto ele recebeu por este... "stunt"?

— Por incrível que pareça, nada... em dinheiro. O homem que o contratou é responsável por uma espécie de academia de treinamento das concubinas mais caras do mundo. Ele compra meninas recém-nascidas de todo o Oriente e educa-as, ensinando-as a terem um trato social polido e afável. Apenas uma em cada cinqüenta dessas garotas acaba ficando bonita e talentosa o suficiente para

transformar-se num produto do seu comércio exclusivo. As outras, ele simplesmente treina para terem uma ocupação útil e libera-as quando fazem dezoito anos. Na verdade, todas as garotas podem simplesmente ir embora quando bem entenderem, mas como ficam com cinqüenta por cento do seu pagamento anual — alguma coisa entre cem e duzentos mil dólares — elas, normalmente, continuam a trabalhar para ele por cerca de uns dez anos e então se aposentam no apogeu de suas vidas com cerca de quinhentos mil dólares na conta bancária. Muito bem, esse homem tinha uma aluna que era uma verdadeira estrela, uma mulher de cerca de trinta anos que valia no mercado, algo como uns duzentos e cinqüenta mil anuais. Como pagamento para tirar o irmão da China, Hel recebeu os serviços dela por dois anos. Atualmente, ela vive com ele no castelo. O nome dela é Hana — uma meio japonesa, meio negra, meio caucasiana. Ah, um esclarecimento interessante: esse estabelecimento passa por ser um orfanato católico. As garotas usam uniformes azul-marinho, e as mulheres encarregadas do treinamento usam hábitos de freira. O lugar se chama Orfanato da Paixão.

Starr deu um assobio baixo. — Você está me dizendo que essa putana do Hel ganha um quarto de milhão por ano? Quanto será que isso dá por trepada?

— Se fosse com você, — respondeu Diamond — coisa de cento e vinte e cinco mil dólares.

O pastor de cabras da OLP balançou a cabeça. — Esse tal Nicholai Hel deve ser muito rico, quer dizer, sob o ponto de vista do dinheiro, não?

— Não tanto quanto você imagina. Para começar, os "stunts" dele custam muito caro para serem montados. Isso é particularmente verdadeiro quando ele tem que molhar as mãos do governo do país onde vai executar o trabalho. Ele passa essa propina através das informações de um homem que nós nunca conseguimos identificar — um homem que só se conhece pela alcunha de Gnomo. O Gnomo está sempre ao par de fatos prejudiciais aos governos e aos políticos. O Hel compra essas informações e usa-as para fazer chantagem e impedir qualquer tentativa dos governos de atrapalhar suas operações. Esse tipo de informação custa os olhos da cara. E ele também gasta um caminhão de dinheiro montando expedições de exploração de cavernas na Bélgica, nos Alpes ou nas suas próprias montanhas. É o passatempo dele, um passatempo bem caro. E, finalmente, tem a questão do castelo. Nos últimos quinze anos, desde que o comprou, ele gastou mais de dois milhões só para restaurá-lo e deixá-lo como era originalmente. Contratou os últimos mestres em cantaria que ainda estavam vivos, entalhadores em madeira, ladrilheiros e sei lá mais o quê. E o mobiliário

do castelo vale mais um par de milhões.

— Isso quer dizer — comentou o sr. Able — que esse tal Hel de vocês vive em grande esplendor.

— Esplendor, eu diria que sim. Mas primitivo. O castelo restaurado é completamente original. Nada de luz elétrica, aquecimento central, nada de moderno, com a única exceção da rede telefônica subterrânea que o mantém informado sobre a chegada, ou mesmo aproximação, de qualquer estranho.

Sr. Able balançou a cabeça para si mesmo, concordando: — Então, um homem que teve uma educação do século XVIII montou para si mesmo um mundo do século XVIII, esplendidamente isolado no meio das montanhas. Que interessante! Mas o que me espanta é ele não ter voltado para o Japão para viver da maneira como foi criado.

— Pelo que eu entendo, quando ele saiu da prisão e descobriu até que ponto a maneira tradicional de viver e os códigos de ética do Japão tinham sido "pervertidos" pelo americanismo, decidiu sair do país. E nunca mais voltou.

— Quanta sabedoria! Para ele, o Japão que vive nas suas lembranças será sempre aquele dos tempos mais educados, mais nobres. Pena que ele seja um inimigo. Eu gostaria muito desse seu sr. Hel.

— Por que você o chama de meu sr. Hel? O sr. Able sorriu. — Isso te irrita?

— Toda estupidez me irrita. Mas vamos voltar ao nosso problema. Não, o Hel não é tão rico quanto vocês podem estar imaginando. É provável que ele precise de dinheiro, e isso talvez nos dê uma nova perspectiva sobre ele. Ele é dono de uns poucos milhares de acres no Wyoming, tem apartamentos em meia dúzia de capitais espalhadas pelo mundo, uma cabana nas montanhas nos Pireneus, mas tem menos de meio milhão na conta de um banco suíço. E ainda tem que manter o castelo e as expedições de exploração de cavernas. Mesmo imaginando que ele venda os apartamentos e a terra no Wyoming, a vida no seu castelo seria, para os padrões dele, muito modesta.

— Uma vida de... como é mesmo a palavra? — perguntou o sr. Able, sorrindo levemente para si mesmo, pois sabia que estava incomodando Diamond.

— Eu não sei do que você está falando!

— Aquela palavra japonesa que define coisas reservadas e moderadas.

— Shibumi!

— Ah, essa mesmo. Quer dizer que, mesmo que não aceite mais nenhum

"stunt", o seu... não, o nosso sr. Hel vai poder viver uma vida de shibumi.

— Eu não teria tanta certeza — interrompeu Starr. — Não, tendo que largar cem mangos cada vez que resolve dar uma bimbada!

— Dá para você calar a boca, Starr! — exclamou Diamond.

Não conseguindo entender muito bem o que estava acontecendo à sua volta, o pastor de cabras da OLP tinha se levantado da mesa de reuniões e dado um pulo até a janela, de onde olhou para baixo e viu uma ambulância com a luz do teto acendendo e apagando, abrindo caminho por entre o tráfego congestionado — como a mesma ambulância fazia todas as noites exatamente na mesma hora. O linguajar saboroso de Starr atraíra sua atenção e ele estava folheando seu dicionário árabe/inglês de bolso, murmurando, '"bimbada... bimbada..." quando, subitamente o Monumento a Washington e a larga avenida repleta de carros desapareceram e a janela foi inundada por uma luz ofuscante.

O pastor de cabras soltou um berro e jogou-se no chão, cobrindo a cabeça à espera da explosão.

Todos na sala reagiram, cada um a seu modo. Starr deu um pulo e sacou a sua Magnum. A srta. Swivven meteu-se debaixo de uma cadeira. O OARI cobriu o rosto com uma folha de papel datilografado. Diamond fechou os olhos e balançou a cabeça, incon-formado com a quantidade de idiotas que tinha em volta de si. O sr. Able examinou as próprias cutículas. E o Primeiro Assistente, completamente absorvido no seu relacionamento tecnológico com o Gorduchinho, nem percebeu que alguma coisa tinha acontecido.

— Levanta desse chão, pelo amor de Deus! — exclamou Diamond. — Não aconteceu nada. Foi só o filme da rua que arrebentou, mais nada.

— Sei, mas... — balbuciou o pastor de cabras.

— Você desceu pelo elevador. Já devia saber que nós estamos no subsolo.

— Sei, mas...

— Você achou que estava olhando pela janela do décimo sexto andar?

— Não, mas...

— srta. Swivven, desligue o retroprojetor e tome nota para não esquecer de mandar consertar. — Diamond virou-se para o sr. Able. — Eu mandei instalar esse troço para criar um ambiente de trabalho melhor, para não deixar que esse escritório parecesse estar enterrado no fundo da terra.

— E você conseguiu enganar a si mesmo?

Starr enfiou seu revólver de volta no coldre e ficou de olhos grudados na

janela, como se quisesse dizer que ela tivera muita sorte... desta vez.

Com uma ambigüidade de ruminante, o pastor de cabras, soltando um risinho que soava como um balido, levantou-se do chão. — Puxa vida, essa foi das boas! Me pegou direitinho!

Na sala de equipamentos, a srta. Swivven acionou um interruptor e a luz intensa desapareceu da janela, deixando em seu lugar um retângulo branco e fosco, que tinha o efeito de selar o ambiente, diminuindo-o.

— Muito bem — disse Diamond — agora todos vocês têm uma idéia do homem com quem estamos lidando. Quero conversar um pouco sobre estratégia e, para isso, gostaria que vocês dois nos dessem uma licencinha — Ele apontou para Starr e para o pastor de cabras da OLP, indicando com um gesto a direção da sala de ginástica e do solarium. — Esperem lá até que eu chame vocês de volta.

Aparentando a maior indiferença com a sua dispensa, Starr dirigiu-se lentamente até o solarium, seguido pelo árabe, que não parava de repetir que a piada tinha pegado ele direitinho, direitinho mesmo.

Quando a porta se fechou atrás deles, Diamond dirigiu-se aos dois homens que permaneceram na mesa de reuniões, falando como se o Primeiro Assistente não estivesse presente, como de fato, de muitas maneiras, não estava mesmo.

— Deixe-me expor o que eu penso que devemos fazer. Em primeiro lugar...

— Só um momentinho, Diamond — interrompeu o sr. Able. — Estou preocupado com uma coisa. Qual é exatamente o seu relacionamento com Nicholai Hel?

— O que você quer dizer com isso?

— Ora, vamos lá! Está na cara que você se interessa especialmente por esse sujeito. Você sabe de coisas da vida dele que não estão no computador.

Diamond deu de ombros: — Afinal de contas, ele é um homem identificado com um cartão lilás e o meu dever é estar a par de todos...

— Permita-me interrompê-lo de novo, mas eu não estou interessado em desculpas esfarrapadas. Você já admitiu que o oficial que estava encarregado do interrogatório do Nicholai Hel era seu irmão.

Por um momento, Diamond ficou olhando para o quebrador de galhos da OPEP. — Isso mesmo. O Major Diamond era meu irmão. Meu irmão mais velho.

— E você era muito chegado ao seu irmão?

— Quando nossos pais morreram, meu irmão tomou conta de mim. Foi ele quem me sustentou, enquanto ainda estava fazendo a faculdade. Mesmo quando estava tentando fazer carreira no OSS — uma organização notoriamente WASP — e depois na CIA, ele continuou a...

— Por favor, me poupe dos detalhes domésticos. Eu estaria certo se afirmasse que você era muito chegado a ele?

O tom de voz de Diamond ficou seco. — Muito.

— Muito bem. Agora tem uma coisa sobre a qual você se referiu apenas de passagem quando fez um resumo da biografia do Nicholai Hel. Você mencionou que ele exigiu, como parte do pagamento pelo servicinho que ia fazer em Pequim para ganhar a liberdade, os endereços atualizados dos três homens que tinham estado envolvidos no espancamento e na tortura a que foi submetido durante o seu interrogatório. Acho que eu posso presumir que ele não queria esses endereços para poder mandar cartões de Natal... ou votos de Hanukkah.

Os músculos da mandíbula de Diamond se retesaram.

— Meu caro amigo, — continuou o sr. Able — se este caso é tão sério quanto você parece achar que é, e se você está querendo que eu o ajude a endireitar as coisas, então eu tenho que insistir em ser informado de tudo para poder entender perfeitamente o assunto.

Diamond uniu as palmas das mãos e colocou os polegares sob o queixo. Falou por detrás dos dedos, com voz mecânica e atonal. — Aproximadamente um ano depois que o Hel apareceu na Indochina, o "doutor" que estivera encarregado de administrar as drogas durante o interrogatório foi encontrado morto na sua clínica de abortos em Manhattan. O relatório dos detetives deu a morte como acidental, um escorregão que fez com que um dos tubos de ensaio que ele carregava se estilhaçasse e cortasse sua garganta. Dois meses depois, o Sargento da PM que tinha se encarregado dos aspectos físicos do interrogatório, e que tinha sido transferido de volta para os Estados Unidos, morreu num acidente de carro. Ficou evidente que ele tinha dormido no volante e seu carro saiu da estrada, preci-pitando-se num precipício. Exatamente três meses depois, o Major Diamond — então já Tenente-coronel Diamond — estava cumprindo uma missão na Bavária. Sofreu um acidente praticando esqui. — Diamond fez uma pausa e batucou com os dedos nos lábios.

— Mais um estranho acidente, não é? — adiantou-se o sr. Able.

— Exatamente. O melhor que eles puderam descobrir é que ele tinha tentado um salto infeliz. Foi encontrado com o bastão do esqui enterrado no

peito.

— Sei, sei — comentou o sr. Able, depois de uma pausa. — Então, é assim que a CIA protege os seus homens? Acho que você deve se sentir bastante feliz de ter sob o seu controle a organização que deu a vida do seu irmão como parte de um pagamento.

Diamond olhou por sobre a mesa para o OARI. — É. Tem sido uma grande felicidade.

OARI limpou a garganta. — Na verdade, eu só entrei na organização na primavera de...

— Me diz uma coisa — interrompeu o sr. Able. — Por que você não tentou fazer nada contra o sr. Hel antes?

— Tentei uma vez. E vou tentar de novo. Eu tenho tempo.

— Você já tentou antes? Quando foi... Ah, mas claro! Aqueles policiais que cercaram a casa em Los Angeles e abriram fogo meia hora antes do combinado! Aquilo foi obra sua?

O gesto de assentimento de Diamond teve todo o jeito de uma inclinação de aplauso.

— Então, ao que tudo indica, para você esse caso tem um componente de vingança.

— Estou agindo nos melhores interesses da Companhia-Mãe. Tenho um memorando do Presidente do Conselho declarando que um fracasso nesse caso seria inaceitável. Se o Hel tiver que ser eliminado para assegurar o sucesso dos seqüestradores do Setembro Negro, então sim, eu terei a maior satisfação pessoal em ver isso acontecer. Terá sido uma vida em troca de outra e não, como no caso dele, três assassinatos por um espancamento!

— Eu duvido que ele considere essas mortes assassinatos. Acho mais provável que chame de execuções. E, se eu estiver certo, não foi da dor das pancadas que ele estava se vingando.

— Do que, então?

— Da indignidade delas. Isso é uma coisa que você nunca conseguiria entender.

Diamond soltou uma risada breve: — Você acha mesmo que conhece o Hel melhor do que eu?

— Em alguns aspectos, sim... apesar de todos os anos que você passou estudando a maneira de ser e as ações dele. Veja bem, eu e ele — respeitando as

nossas diferenças culturais — somos da mesma casta. Você jamais entenderá esse Hel perfeitamente se continuar perscrutando através da barreira indefinida, mas intransponível da educação — um grande abismo imóvel, como o Corão, ou algum outro livro do tipo, define. Mas não vamos nos ater às personalidades. Provavelmente você botou aqueles dois plebeus para fora da sala por alguma outra razão que não o simples desejo de melhorar a qualidade das pessoas presentes nessa conversa.

Diamond manteve-se totalmente silencioso por um momento, depois puxou o ar e disse, — Eu resolvi fazer uma visitinha ao castelo do Hel, no país basco.

— E essa será a primeira vez que você vai encontrá-lo pessoalmente?

— Sim.

— E você já pensou que pode ser muito mais difícil sair daquelas montanhas do que entrar?

— Já. Mas eu acho que vou ser capaz de convencer o sr. Hel que ajudar a srta. Stern será uma grande asneira. Para começar, não há nenhuma razão lógica para ele aceitar esse trabalho de uma garota de classe média meio perdida na vida, que ele nem conhece. Hel sente desprezo por amadores de qualquer espécie, mesmo amadores em terrorismo. A srta. Stern pode achar que é uma nobre batalhadora a serviço de tudo o que há de correto no mundo, mas eu posso te garantir que o Hel vai achar que ela não passa de um pé no saco.

O sr. Able balançou a cabeça, incerto. — Mesmo presumindo que o Hel ache que a srta. Stern é mais chata que bolada no escroto, permanece o fato de que ele era amigo do finado Asa Stern, e foi você mesmo quem disse que ele mantém grande lealdade aos amigos.

— Certo. Mas existem certas considerações financeiras que podem pesar a nosso favor. Sabemos que ele se aposentou assim que juntou dinheiro suficiente para viver o resto da vida com conforto.

Armar um golpe contra os nossos amigos da OLP será uma empreitada cara. É muito provável que o Hel esteja contando com a venda das terras de Wyoming para garantir sua segurança financeira. Daqui a duas horas, aquela terra já não será mais dele. Todos os documentos da compra que ele fez vão desaparecer e serão substituídos por provas de que a área sempre pertenceu à Companhia-Mãe. — Diamond sorriu. — E tem ainda uma pequena vantagem adicional. A terra tem uma pequena reserva de carvão que pode ser explorada com algum lucro. E, para completar o desastre financeiro dele, dois simples cabos passados pelo Presidente do Conselho da Companhia-Mãe para a Suíça

serão suficientes para fazer com que dinheiro do Hel desapareça do banco suíço.

— E eu imagino que o dinheiro irá diretamente para a conta da Companhia-Mãe, certo?

— Uma parte dele. O saldo ficará com os bancos como pagamento pelos custos transacionais. Os suíços não são nem um pouco idiotas. Existe um princípio calvinista que diz que a entrada no céu custa caro exatamente com a finalidade de manter a ralé do lado de fora. E eu tenho a intenção de realizar essas movimentações financeiras punitivas, independentemente da decisão do Hel de aceitar ou não o trabalhinho da srta. Stern.

— Um gesto em memória do seu irmão?

— Você pode pensar assim, se quiser. Mas também vai servir como uma espécie de interdição financeira do Hel, para que ele pare de perturbar a vida da Companhia-Mãe e dos países cujos interesses ela representa.

— E se a simples pressão financeira não for suficiente para convencê-lo?

— É evidente que eu tenho uma segunda linha de ação para enfrentar essa contingência. A Companhia-Mãe faria pressão sobre o governo britânico para que eles não poupem esforços no sentido de proteger os setembristas-negros envolvidos no massacre das Olimpíadas de Munique. A função deles será assegurar que os terroristas não sejam molestados durante o seqüestro do avião de Montreal. Isso não vai exigir tanta pressão quanto você pode estar imaginando porque, agora que os poços de petróleo do Mar do Norte estão produzindo, os interesses econômicos da Inglaterra estão muito mais próximos aos da OPEP do que aos do Ocidente.

O sr. Able sorriu. — Sinceramente, eu não consigo acreditar que os sujeitos do MI-5 e do MI-6 possam ser capazes de atrapalhar o sr. Hel. Eles gastam a maior parte das suas energias escrevendo memórias imaginativas e fantasiosas sobre as audaciosas façanhas que realizaram durante a Segunda Grande Guerra.

— É verdade. Mas, mesmo assim, eles vão conseguir perturbar um pouco o nosso amigo. E nós teremos também o apoio da polícia interna da França para nos ajudar a impedir que o Hel saía do país. E estamos mexendo também em outra frente. É inconcebível que o Hel tente entrar na Inglaterra para eliminar os setembristas, sem antes neutralizar a polícia inglesa. Eu já te contei que ele faz isso comprando material para chantagem de um alcagüete conhecido como o Gnomo. Por anos, o Gnomo tem frustrado todas as tentativas internacionais de localizá-lo e acabar com a sua carreira. Mas, através dos bons serviços das suas subsidiárias em comunicação, a Companhia-Mãe está começando a cercar esse

indivíduo. Sabemos que ele vive em algum lugar perto de Bayonne e estamos fazendo todo o possível para identificá-lo. Se chegarmos a ele antes do Hel, poderemos impedir que a polícia inglesa seja chantageada.

O sr. Able sorriu. — Quando se trata de vingança pessoal... você tem uma mente muito fértil, Diamond. — Virou-se rapidamente para o OARI. — Você não tem nada para dizer?

Espantado OARI: exclamou: — Quem? Eu? O quê?

— Deixa pra lá — O sr. Able voltou a consultar seu relógio. — Então, vamos em frente. Presumo que você não tenha me chamado até aqui para me exibir a sua lista de táticas e interdições. Evidentemente, você precisa da minha ajuda na pouco provável possibilidade de que o Hel consiga eliminar os setembristas, apesar de toda a maquinaria que você armou para impedi-lo.

— Exatamente. E é justamente porque esse assunto é um pouco delicado que eu coloquei aqueles dois palhaços para fora da sala enquanto nós conversamos sobre isso. Eu compreendo o fato de que as nações que você representa estão comprometidas em proteger a OLP, e portanto a Companhia-Mãe também, bem como a CIA. Mas, aqui entre nós, vamos ser francos. Todos nós ficaríamos muito felizes se o problema palestino (e o povo palestino junto) não existisse mais. Eles não passam de um bando de gente detestável, indisciplinada e depravada, que a História, casualmente, colocou na posição de representar um símbolo da unidade árabe. Até aqui você concorda?

O sr. Able, com a mão, fez um gesto indicando que Diamond não perdesse tempo com o óbvio.

— Muito bem. Vamos ver como ficaríamos, caso tudo falhe e o Hel consiga dar um jeito de acabar com os setembristas. Nossa única preocupação seria assegurar à OLP de que tínhamos feito tudo o que estava ao nosso alcance para impedir. Considerando que eles não passam de uns bárbaros, eu acho que ficariam bem felizes se nós nos vingássemos em nome deles, eliminando o Nicholai Hel e tudo o que ele tem.

— Semeando a terra com sal? — ponderou o sr. Able.

— Exatamente.

O sr. Able ficou calado por algum tempo, brincando de batucar o lábio superior com o dedo indicador. — É, eu acho que nós podemos confiar na mentalidade bárbara da OLP até este ponto. Eles se satisfariam com uma grande vingança, desde que fosse bem trágica e escandalosa, como prova de que estamos devotados aos seus interesses. — Sorriu para si mesmo. — E não fique

pensando que eu não percebi que, em tal eventualidade, você mataria dois coelhos com uma só cajadada. Você resolveria o nosso problema tático atual e vingaria o seu irmão, tudo de uma vez. Mas será que você não estaria torcendo para que toda essa sua maquinação falhe e o Hel, de alguma maneira, consiga passar por todos os obstáculos e eliminar os setembristas, o que te deixaria livre para imaginar e executar um castigo ainda mais terrível contra ele?

— Antes de mais nada, vou fazer tudo o que puder para evitar que o"stunt"dele tenha sucesso. Isso seria o melhor para a Companhia-Mãe e os interesses dela estão acima dos meus sentimentos pessoais. — Diamond olhou na direção do Primeiro Assistente. Era mais do que provável que ele fosse correndo contar para o Presidente do Conselho o quanto Diamond era dedicado à Companhia.

— Então, é isso — disse o sr. Able, levantando-se. —Se vocês não precisam mais de mim, eu gostaria de voltar ao evento social do qual este negócio me afastou.

Diamond chamou a srta. Swivven para que ela acompanhasse o sr. Able até a saída do edifício.

OARI levantou-se e limpou a garganta: — Creio que você também não precisa mais de mim, certo?

— E alguma vez eu precisei? Mas espero que você se mantenha de prontidão para executar as instruções. Pode ir.

Diamond instruiu o Primeiro Assistente para que recolocasse as informações sobre Nicholai Hel no ponto inicial e estivesse pronto para repassá-las num ritmo lento, mais adequado à lerdeza intelectual de Starr e do pastor de cabras da OLP, que estavam sendo mandados de volta da sala de ginástica, o árabe coçando seus olhos irritados enquanto colocava o dicionário inglês/árabe de volta no bolso. — Pelas barbas do Profeta, sr. Diamond! Que coisa mais difícil que é ler naquela sala! Aquele monte de luzes nas paredes deixam tudo brilhando!

— Quero que vocês dois se sentem aqui e aprendam tudo o que puderem sobre o Nicholai Hel. Não me importo que levem a noite inteira. Resolvi levar vocês comigo na visita que eu vou fazer ao nosso homem — não porque vocês possam ser de alguma utilidade, mas porque são os responsáveis por essa cagada e eu vou fazer com que fiquem por perto até o fim da festa.

— É muita delicadeza de sua parte — resmungou Starr.

Quando a srta. Swivven retornou do elevador, Diamond virou-se para ela:

— Anote o seguinte. Um: As terras do Hel em Wyoming, concluído. Dois: o dinheiro na Suíça, concluído. Três: O Gnomo, intensificar buscas. Quatro: MI-5 e MI-6, alertar e instruir. Muito bem, Llewellyn, pode começar a projeção para os nossos brilhantes amigos aqui presentes. E, quanto a vocês dois, é bom que comecem a rezar para que o Nicholai Hel ainda não tenha desaparecido no meio das sombras.

Gouffre Porte-de-Larrau

Naquele momento, Nicholai Hel estava a trezentos e noventa e três metros debaixo da terra, girando lentamente na ponta de um cabo de meio centímetro de espessura. Setenta e cinco metros abaixo dele, invisível na escuridão aveludada da caverna, ficava a ponta afunilada de um gigantesco cone de entulhos, um amontoado milenar de detritos do poço natural. E, na base do cone de entulhos, seu companheiro de exploração estava esperando que ele terminasse sua décima primeira descida pelo poço que se revolvia acima dele como um colossal saca-rolhas visto por dentro.

Os dois garotos bascos que operavam o guincho na boca do gouffre quase quatrocentos metros acima, tinham prendido grampos de fixação dupla para prender o cabo firmemente, enquanto eles trocavam um tambor vazio por um novo. Esse era o momento mais nervoso da descida — e o mais desconfortável. Nervoso, porque Hel estava inteiramente dependente do cabo, depois de noventa minutos de dura exploração do poço estreito e sinuoso, com suas gargantas, passagens apertadas, perigosos diedros e caminhos acanhados pelos quais tinha que se mover cuidadosamente, nunca se abandonando à força da gravidade uma vez que o cabo tinha que estar frouxo para que ele tivesse liberdade de movimentos. Durante toda a descida era irritantemente necessário manter o cabo solto, impedir que se enroscasse na linha telefônica que descia paralelamente a ele. Mas, em meio a todos os problemas do poço, alguns desafiadores, outros simplesmente irritantes, havia sempre o conforto das paredes da rocha, próximas e visíveis sob a luz da lanterna do seu capacete, teoricamente disponíveis para se agarrar, caso alguma coisa acontecesse com o cabo ou o guincho.

Mas naquele momento ele estava fora da linha do poço, balançando logo abaixo do teto da primeira grande caverna, cujas paredes pareciam se afastar quando iluminadas pela luz do capacete. Estava pendurado ali, diante do vazio infinito; o peso combinado do seu corpo, dos quatrocentos metros de cabo e da sua mochila de alimentos e equipamentos, tudo dependendo de dois grampos, fixados quatrocentos metros acima. Hel tinha plena confiança no sistema de grampos e guincho; ele próprio os tinha projetado e fabricado na sua oficina. Era um mecanismo bastante simples, movido através de um pedal acionado pelas fortes pernas dos garotos das montanhas bascas, de maneira tão vagarosa, que a

descida se fazia muito lentamente. Braçadeiras de segurança deslizantes tinham sido projetadas para morder o cabo e estacá-lo, se ele corresse a uma velocidade maior do que a desejada. O fulcro de toda a engenhoca era um tripé formado por tubos de alumínio, colocado exatamente sobre a estreita entrada do gouffre. Hel confiava no sistema mecânico que não o deixava despencar para dentro da escuridão e cair no pontiagudo cume da pilha de entulho e blocos de minério que preenchia cerca de metade da primeira grande caverna, mas mesmo assim não parava de xingar os garotos lá em cima, para que não parassem de pedalar. Tinha que respirar pela boca, bem aberta, porque estava pendurado no meio da queda d'água de um lençol subterrâneo que corria para dentro do poço, fazendo com que os últimos noventa e cinco metros de descida livre fossem através de um jato gelado que escorria pelos seus braços, apesar dos anéis de borracha bem apertados que usava nos punhos, e lhe chegava até as axilas quentes. Sua lanterna instalada no capacete era inútil no meio da queda d'água, então ele o desligou e deixou-se ficar ao sabor do jato de água em meio ao barulho e aos ecos, o arnês começando a machucar suas costelas e virilhas. O fato de não enxergar nada trazia uma certa vantagem. Inevitavelmente, durante a descida sinuosa e engalfinhada, o cabo acabava se enroscando sobre si mesmo e, quando ele soltou todo o seu peso no cabo e iniciou a descida livre através do teto da primeira caverna, começou a girar, lentamente no começo, depois mais violentamente e depois lentamente de novo. e fazendo uma pausa para depois começar a girar no sentido contrário. Se pudesse ver a inclinação do jato de água girando em volta dele, teria sofrido os tormentos de uma vertigem mas, na total escuridão, sentia apenas uma sensação de estar flutuando no ar, enquanto a velocidade do seu movimento giratório tendia a fazer com que seus braços e pernas se abrissem.

Hel sentiu que era puxado para cima por um curto espaço de tempo para que se soltassem os grampos de segurança, depois sentiu uma queda brusca de alguns centímetros quando seu peso foi transferido para o novo cabo e ele começou uma descida, girando como um redemoinho no meio da queda d'água que logo se transformou numa névoa espessa. Finalmente, pôde vislumbrar um clarão de luz lá embaixo, onde seu amigo o aguardava de pé, bem longe da linha de queda de uma eventual rocha, da água e, que Deus não o permitisse, do próprio Hel.

Um arranhar da sua mochila de equipamentos fez com que Hel percebesse que tinha chegado ao cume do cone de entulhos. Encolheu as pernas para que tocasse na ponta da rocha numa posição sentada, uma vez que os garotos lá em cima parariam o mecanismo ao primeiro sinal de afrouxamento e poderia ser

cômicamente complicado se livrar do arnês estando na ponta dos pés na borda de um bloco de minério.

Le Cagot subiu pelo terreno difícil e ajudou Hel a se livrar do arnês e do equipamento, porque as pernas e braços do amigo estavam amortecidos pela falta de circulação no frio úmido e seus dedos pereciam inchados e insensíveis ao lidarem com as tiras e fivelas.

— E então, Nikko! — saudou Le Cagot, sua voz grave retumbando na caverna cheia de ecos. — Finalmente você resolveu dar uma descidinha aqui para me fazer uma visita! Por onde você tem andado? Pelos Dois Bagos de Cristo, eu já estava achando que você tinha largado mão de tudo e resolvido voltar para casa! Venha. Eu fiz um pouco de chá.

Le Cagot jogou a mochila sobre os ombros e começou a descer pelo instável cone de entulho com a rapidez de quem estava perfeitamente familiarizado com a caverna e conseguia se desviar facilmente das pedras soltas que poderiam causar uma avalanche. Abrindo e fechando as mãos para restaurar a circulação, Hel seguiu atrás do seu companheiro, pisando exatamente nos mesmos lugares que Le Cagot, porque este conhecia o traiçoeiro e perigoso cone de entulhos muito melhor do que ele. O velho e rude poeta basco já estava ali há dois dias, acampado na base do cone e fazendo pequenas expedições pelas cavernas e galerias que saíam da câmara principal. A maioria delas terminava em blocos de rocha e paredes lisas, ou se afunilava em corredores tão estreitos que era impossível explorar.

Le Cagot vasculhou a mochila que Hel trouxera. — O que é isso? Você me prometeu que ia trazer uma garrafa de Izarra! . Não vá me dizer que você acabou com ela durante a descida! Se você me aprontou uma dessas, Nikko, juro pelos Epistolares Bagos de Paulo, que vou te encher a cara de porrada, mesmo que isso me cause uma certa tristeza, porque você é um bom sujeito, apesar da merda de berço em que nasceu. — Le Cagot estava plenamente convencido de que qualquer homem que tivesse tido a infelicidade de nascer em um berço que não fosse basco estava condenado a carregar por toda a vida essa trágica deficiência genética.

— Ela está em algum lugar aí dentro, — disse Hel, encostando o corpo numa rocha lisa e suspirando com dolorido prazer quando seus músculos enrijecidos começavam a se distender e relaxar.

Durante as últimas quarenta horas, enquanto Le Cagot acampava e fazia suas pequenas explorações, Hel tinha feito onze viagens, para cima e para baixo, através do poço do gouffre, trazendo para baixo comida, equipamento, corda de

náilon e lanternas. Do que ele mais precisava naquele momento era de umas poucas horas de sono, coisa que poderia fazer a qualquer momento na constante escuridão da caverna, apesar do fato de que, lá fora, já estava amanhecendo.

Nicholai Hel e Behat Le Cagot formavam uma equipe de exploradores há dezesseis anos, durante os quais tinham explorado os mais importantes sistemas de cavernas da Europa, ocasionalmente tornando-se notícias no restrito mundo da espeleologia com suas descobertas e novos recordes de profundidade e distância. Após todos esses anos, a divisão de funções já se tornara automática. Le Cagot, um touro de força e resistência apesar dos seus cinqüenta anos, sempre descia na frente, limpando a área na sua lenta descida, afastando ressaltos, entulhos e os diedros de rocha solta que poderiam ser arrancados pelo atrito com o cabo e matar a pessoa que se encontrava no poço. Ele sempre levava o seu telefone de bateria e montava uma espécie de acampamento, bem distante da linha de queda das rochas e da água. Como Hel era mais ágil e mais habilidoso em esquematizar táticas, fazia todas as viagens para levar o equipamento quando, como no caso dessa nova caverna, o poço de acesso era sinuoso e espiralado, e o material não podia ser baixado sem a assistência de uma pessoa que acompanhasse a descida. Geralmente, isso levava apenas umas duas ou três viagens. Mas desta vez tinham descoberto sinais de uma grande rede de cavernas e galerias cuja exploração requereria uma maior quantidade de equipamentos, portanto Hel tivera de fazer onze viagens extenuantes e irritantes. E agora que o trabalho terminara e seu corpo já não se mantinha alerta em função da energia nervosa causada pelo perigo, a fadiga começava a tomar conta dele e seus músculos contraídos relaxavam-se dolorosamente.

— Quer saber de uma coisa, Nikko? Eu andei dando a um grande problema, o beneplácito de uma consideração com minha mente penetrante e iluminada. — Le Cagot despejou uma generosa dose de Izarra na tampa de metal de um frasco. Depois de dois dias sozinho na caverna escura, a personalidade gregária de Le Cagot ansiava por uma conversa, coisa que, para ele, consistia de um longo monólogo endereçado a uma platéia maravilhada com o que ouvia, atentamente. — E eis o que eu andei pensando, Nikko. Cheguei à conclusão de que todos os exploradores de caverna são uns birutas, com a óbvia exceção dos exploradores bascos nos quais, o que nos outros é loucura, neles é coragem e sede de aventuras.Você concorda?

Hel resmungou qualquer coisa indecifrável enquanto se deixava cair num sono comatoso que parecia até ter amaciado a pedra dura sobre a qual se deitara.

— Mas, você protestaria, seria justo dizer que o explorador de cavernas é

ainda mais maluco do que um alpinista? Pois eu digo que é! E por quê? Porque o explorador enfrenta os problemas mais perigosos. O alpinista enfrenta apenas os problemas com seu corpo e sua força. Já o explorador, tem que vencer seu desgaste nervoso e seus medos primordiais. A besta-fera, que mora dentro do homem, tem certos pavores profundamente arraigados, coisas que estão além da lógica, além da inteligência. Ela teme o escuro. Tem medo de estar nas entranhas da terra, local onde sempre situou a morada das forças do mal. Teme ficar sozinho. Detesta se sentir preso. Tem medo da água da qual, nos tempos prístinos, emergiu para se transformar no Homem. Seus pesadelos mais primitivos envolvem quedas no escuro, ou rastejares perdidos através de caóticos labirintos. E o explorador — ser ensandecido que é — escolhe voluntariamente enfrentar essas situações de pesadelo. É por isso que é muito mais doido do que o alpinista, porque o que ele arrisca a todo momento é a sua sanidade. É sobre isto que eu apliquei minha mente brilhante, Nikko... Nikko? Nikko? O quê? Vai me dizer que você dormiu enquanto eu falava com você? Seu preguiçoso miserável! Juro pelos Pérfidos Bagos de Judas quê nem mesmo um homem em mil conseguiria dormir enquanto eu falo! Você está insultando o poeta que existe em mim! Isso é como fechar os olhos durante um pôr de sol ou tapar os ouvidos em plena execução de uma melodia basca! Sabia disso, Nikko? Nikko? Morreu, por acaso? Responda, sim ou não! Está bem, então, como castigo, vou tomar a sua parte de Izarra.

O poço que dava acesso ao sistema de cavernas que eles se preparavam para explorar tinha sido descoberto por acaso, no ano anterior, mas o achado fora mantido em segredo porque uma parte do gouffre cônico situado acima dele ficava na Espanha e havia o risco de que as autoridades espanholas selassem a entrada, da mesma maneira que tinham feito no Gouffre Pierre-Saint-Martin após a queda e trágica morte de Mareei Loubens, em 1952. Durante o inverno, um grupo de garotos bascos tinha deslocado lentamente a posição das pedras que demarcavam a fronteira — movendo apenas vinte pedras por vez e só um pouquinho, de maneira que pudessem enganar os guardas espanhóis de fronteira que verificavam a área rotineiramente — para que o gouffre ficasse em território francês. Esse ajustamento de fronteira lhes parecia perfeitamente legítimo; afinal de contas, tudo aquilo era terra basca e eles não estavam muito interessados nos limites arbitrários estabelecidos pelos dois países ocupantes.

Havia ainda uma outra razão para deslocar a fronteira. Como tanto Le Cagot quanto os dois garotos bascos que operavam o guincho eram conhecidos

ativistas do ETA, a chegada de uma patrulha espanhola enquanto eles estivessem trabalhando na caverna poderia acabar fazendo com que passassem o resto de suas vidas na cadeia.

Embora o Gouffre Porte-de-Larrau fosse relativamente distante do imenso campo de depressões afuniladas que caracterizava a região em torno de Pie dAnie — e que fora batizada com o sugestivo nome de "Gruyère da França" — ele era visitado ocasionalmente por equipes de exploradores de caverna curiosos, que sempre ficavam decepcionados ao encontrá-lo "seco", seu poço entupido por ressaltos e entulhos a poucos metros de profundidade. Com o tempo, todas as pessoas do mundo restrito da comunidade de exploradores de cavernas profundas já sabia que não valia a pena fazer a penosa subida até o Gouffre Porte-de-Larrau, quando havia no vasto campo de gouffre acima de Ste. Engrace, cavernas muito mais interessantes e onde as encostas das montanhas e os elevados platôs estavam conectados por depressões cônicas de gouffres formados por quedas de rochas da superfície e por deslizamentos de terra que caíam num sistema de cavernas incrustado na rocha calcária que ficava embaixo.

No entanto, um ano antes, dois pastores que conduziam seus rebanhos para pastagens mais elevadas, sentaram-se à beira do Gouffre Porte-de-Larrau, para comerem seu almoço constituído, como sempre, por queijo fresco, pão duro e xoritzo, a lingüiça forte e muito vermelha, da qual basta uma pequena mordidinha para dar um inesquecível sabor a uma fatia inteira de pão. Um dos pastores, distraidamente, atirou uma pedra dentro da boca do gouffre e se surpreendeu com dois corvos que saíram voando dali alvoroçadamente. Todo mundo sabe que os corvos só fazem ninhos em poços de considerável profundidade, então era muito estranho que aqueles pássaros tivessem se aninhado na pequena depressão do Gouffre Larrau. Curiosos, os garotos cavaram a lateral do funil e atiraram pedras lá embaixo. Com o eco e o repercutir das pedras e dos entulhos que elas derrubavam na sua queda, era impossível estimar a profundidade do poço, mas uma coisa era certa: aquilo não era apenas uma pequena cavidade. Evidentemente, o grande terremoto de 1962 que praticamente destruíra a vila de Arrete, também tinha desobstruído a entrada do poço, deslocando as pedras que estavam engastadas.

Quando, dois meses depois, a segunda migração dos rebanhos fez com que os meninos pastores descessem para o vale, eles contaram a Benat Le Cagot o que tinham descoberto, já que sabiam que o rude poeta do separatismo basco era também um ávido explorador de cavernas. Le Cagot fez com que eles jurassem não contar aquilo a mais ninguém e foi imediatamente levar as notícias da descoberta para Nicholai Hel, com quem morava em segurança, sempre que

operações recentes faziam com que a sua permanência na Espanha não fosse muito recomendável.

Nem Hel nem Le Cagot se deixaram levar por um excesso de excitação em função da descoberta. Sabiam que não havia muita chance de encontrarem um grande sistema de cavernas no fundo do poço — isto presumindo que conseguissem chegar lá embaixo. O mais provável era que o terremoto tivesse desobstruído apenas a parte superior do poço. Ou, como acontecia freqüentemente, eles acabassem por descobrir que séculos de desmoronamentos pelo gouffre abaixo tinham se acumulado, aumentando o cone de entulhos até que este, começando lá embaixo, chegasse até o teto da caverna e sua ponta penetrasse poço adentro, bloqueando a entrada para sempre.

Mas apesar de todas essas cautelosas dúvidas, eles resolveram fazer imediatamente uma exploração preliminar — limitando-se a desobstruir a entrada e a dar uma olhada lá dentro — nada mais.

O outono trouxe o mau tempo para as montanhas, e isso era uma vantagem, porque diminuía as chances de as patrulhas espanholas da fronteira vasculharem a área (os franceses, congenitamente, não eram muito afeitos aos rigores do tempo). Mas o tempo ruim dificultava o transporte até aquelas desoladas montanhas, do guincho, dos tambores de cabo, dos telefones de bateria, do tripé de apoio e de todo o resto do equipamento e da comida que necessitavam para sobreviver.

Le Cagot torceu o nariz e não se importou muito com essas tarefas, lembrando a Hel que o contrabando naquelas montanhas era uma ocupação tradicional dos bascos.

— Você sabia que uma vez nós trouxemos um piano da Espanha, por baixo do pano?

— Ouvi falar. Como foi que você conseguiu?

— Ah, bem que os tiras — aqueles bobocas de chapéu chato — gostariam de saber. No fundo, até que foi de uma simplicidade atroz. Afinal de contas, tudo não passou de mais um insuperável problema resolvido pela engenhosidade basca.

Hel assentiu, fatalista. Agora já não havia como evitar que Le Cagot contasse a história, uma vez que seu assunto favorito eram as várias manifestações da superioridade racial basca.

— Só porque você, Nikko, é uma espécie de basco honorário – apesar desse seu sotaque horroroso — eu vou te contar como conseguimos passar com o

piano. Mas você vai ter que prometer que vai levar o segredo para o túmulo. Promete?

— O que foi que você disse? — Hel estava prestando atenção em outra coisa.

— Está bem, então eu aceito a sua promessa. Olha só como é que nós fizemos. Trouxemos o piano nota por nota. Tivemos que fazer oitenta e oito viagens. E aconteceu que um dos camaradas tropeçou quando estava trazendo o dó natural e estragou a nota, então até hoje aquele piano tem dois si bemóis, um ao lado do outro. Esta é a mais absoluta verdade. Juro pelos Desesperançados Bagos de São Judas! Por que é que eu iria mentir?

Foram necessários dois dias e meio para trazer o equipamento até o gouffre, um dia inteiro para instalá-lo e testá-lo, e só então o trabalho de exploração pode começar. Hel e Le Cagot se revezaram descendo pelo poço, limpando o cascalho solto dos ressaltos estreitos, desbastando as saliências pontiagudas que poderiam romper o cabo, arrancando as pontas triangulares dos ressaltos que bloqueavam a entrada. Qualquer uma daquelas formações cuneiformes poderia acabar sendo resistente demais para ser aplainada; qualquer uma delas poderia ser a ponta de um cone de cascalho; e isso bastaria para que a exploração deles terminasse num fim inglório.

O poço acabou por se revelar não uma armadilha, mas sim um cone de ponta para cima tão sinuoso que, cada vez que eles se deixavam cair num curta queda livre, a única coisa que tinham que fazer era largar o peso do corpo no cabo e deixar-se levar pelo rodopio e pela inversão do movimento causados pelo desenrolar do cabo. Além de arrancar as saliências e os cascalhos soltos nos ressaltos tinham, freqüentemente, que desbarrancar a rocha principal, principalmente nas gargantas e passagens mais estreitas, para fazer com que o percurso do cabo fosse o mais reto possível, para que descesse encostando o menos possível nas lascas de rochas cuja fricção, mais cedo ou mais tarde, acabaria por danificar ou enfraquecer o cabo, cuja espessura já era pequena: a margem de segurança era de cem por cento quando suportava os oitenta e dois quilos de Le Cagot e sua mochila de equipamentos. Ao projetar o guincho movido a pedal, Hel tinha optado pelo cabo mais leve possível por duas razões: flexibilidade para passar por passagens tortuosas e peso. Não era tanto o peso dos tambores de cabo que o preocupavam, mas precisava ficar atento ao peso do cabo enrolado. Quando um homem está a trezentos ou quatrocentos metros de profundidade, o peso do cabo no poço triplica o esforço das pessoas que operam o guincho.

Como o poço estava sempre mergulhado em completa escuridão, eles rapidamente perdiam qualquer noção da hora diurna, e muitas vezes subiam e ficavam espantados ao perceber que já era noite. Cada homem trabalhava até o limite de suas forças, o que reduzia o tempo necessário para tirar um deles de dentro do poço e mandar o outro. Era muito excitante quando um ressalto de rocha desmoronava por completo e revelava uns dez metros de poço aberto, ocasião em que os espíritos, tanto na ponta do cabo quanto lá em cima, dos que estavam ao telefone, se rejubilavam. Outras vezes, um conglomerado de rochas se soltava para despencar apenas um pouco, até a obstrução seguinte, uns dois ou três metros abaixo, tornando a descida ainda mais difícil.

Os garotos que operavam o guincho eram inexperientes e, certa vez, se esqueceram de fixar os grampos de segurança contra a fricção. Hel estava trabalhando lá embaixo, martelando com uma picareta de cabo curto contra uma obstrução de quatro rochas em formato piramidal. De repente, o chão cedeu sob seus pés. O cabo que o segurava estava solto. Ele caiu...

Uns trinta centímetros, até a obstrução seguinte.

Por uma fração de segundo, foi um homem morto. E por alguns minutos deixou-se ficar em silêncio enquanto a descarga de adrenalina provocava um espasmo no seu estômago. Depois, colocou o capacete na cabeça e, no tom de voz baixo e calmo que desenvolvera na prisão, deu instruções claras sobre o uso dos grampos. E voltou ao trabalho.

Quando tanto ele quanto Le Cagot já estavam exaustos, arrebentados de tanto se agachar e ajoelhar, com o braço tão duro que já não conseguiam empunhar a picareta, eles iam dormir, abrigándose na artzain xola de um pastor, normalmente usada durante o verão na encosta do Pie d'Orhy, a mais alta das montanhas bascas. Com o corpo moído e tensos demais para conseguirem dormir rapidamente, eles ficavam batendo papo enquanto o vento uivava por toda a encosta sul do Pie d'Orhy. Foi numa destas ocasiões que Hel ouviu pela primeira vez o adágio que os bascos, estejam onde estiverem, sempre repetem com saudoso romantismo, ansiando por voltar ao Eskual-herri.

Orhiko choria Orhin laket: "Os passarinhos de Orhy só ficam felizes em Orhy".

O momento mais exasperante e desesperado ocorreu numa espessa passagem a trezentos e sessenta e cinco metros de profundidade, onde tiveram de trabalhar sob uma constante chuva de água gelada. Podiam ouvir os ruídos de um rio subterrâneo que entrava no poço num ponto não muito distante dali. Pelo som, percebiam que o rio vinha de muito longe antes de chegar ali e eram

grandes as chances de que a água tivesse mantido o resto da cavidade livre das obstruções de rochas.

Quando Hel voltou a subir, depois de passar três horas desbastando o obstáculo, estava pálido e tiritava de frio; os lábios, arroxeados por causa de uma hipodermia insipiente, a pele das mãos e do rosto descorada e enrugada pelas horas passadas na água. A reação de Le Cagot foi soltar uma sonora gargalhada, rindo da cara do amigo, e dizendo a Hel que saísse de lado e observasse porque ele ia lhe mostrar como a rocha tremeria e recuaria diante da força de um basco. Mas não foi muito tempo depois que desceu pelo poço que se ouviu sua voz, entrecortada e cuspida pelos fones de ouvido, amaldiçoando a obstrução, a chuva gelada, o diabo do poço estúpido, a montanha, o esporte de explorar cavernas e toda a porra da criação feita pelas Vaporosas Bolas do Espírito Santo! Então, subitamente, não se ouviu mais nada. Um momento depois, sua voz ressurgiu, sem fôlego e apressada. — Vai despencar. Certifiquem-se de que esses malditos grampos estejam bem presos. Se por acaso eu cair e destruir este meu magnífico corpo, juro que volto para chutar o rabo de todos vocês!

— Espera! — berrou Hel, pelo telefone. O cabo lá em cima ainda estava frouxo, para dar a Le Cagot mais mobilidade.

Ainda se ouviu um último praguejar, antes do cabo se retesar. Por algum tempo, não se ouviu nada, depois sua voz chegou, estressada e metálica — Pronto, aí está, meus caros amigos e admiradores! Passamos. E eu estou aqui, pendurado bem em cima de uma porra de uma queda d'água. — Novo silêncio. — Por falar nisso, quebrei o braço.

Hel suspirou fundo e visualizou mentalmente a planta do poço. Depois perguntou pelo microfone, com sua voz calma e suave, — Você consegue subir pela passagem espiralada com apenas um dos braços?

Ninguém respondeu, lá de baixo.

— Benat?Você consegue subir?

— Considerando a alternativa, acho melhor eu tentar.

— Vamos te puxar devagar e com cuidado.

— Muita gentileza da sua parte.

Seguindo as instruções de Hel, os meninos começaram a pedalar. O sistema fora projetado para girar numa marcha tão lenta que era fácil fazer com que puxasse bem devagar e, nos primeiros vinte metros, não houve grandes dificuldades. Então, Le Cagot entrou na passagem espiralada que subia por cerca de oitenta metros. Através daquele trecho não seria possível puxá-lo; os nichos e

fendas que eles haviam aberto na rocha para abrir a passagem para o cabo tinham apenas alguns centímetros de diâmetro. Le Cagot teria que subir, muitas vezes pondo-se de cócoras para que o cabo fosse afrouxado de modo a que ele subisse um pouco mais e pudesse soltá-lo de onde se enganchara. E tudo isso com uma mão só.

No começo da ascensão, a voz de Le Cagot vinha regularmente pelo telefone, brincando e resmungando, xingando com as previsíveis tiradas do seu jargão espalhafatoso. Sempre que estava debaixo da terra, ele costumava falar e cantar o tempo todo. Alegava, como bom poeta e egotista, se deliciar com o som da própria voz, enriquecido pelas inúmeras reverberações de dentro da caverna. Hel sempre soubera que aquela falação toda também tinha a função de preencher o silêncio e afastar a escuridão e a solidão, mas nunca tocara no assunto com o amigo. Não demorou muito para que as piadas, a cantoria e os xingamentos com os quais ele se exibia para os que estavam lá em cima, e que serviam para tentar diminuir sua sensação de perigo eminente, fossem substituídos por um resfolegar pesado e uma respiração difícil. De vez em quando, ouvia-se um ranger de dentes quando um movimento causava ondas de dor no braço quebrado.

O cabo subia e descia. Ascendia alguns metros e depois tinha que ser afrouxado para que Le Cagot pudesse soltá-lo de alguma saliência. Se pudesse usar as duas mãos, poderia manter o cabo sempre livre acima dele e subir com relativa regularidade.

O primeiro garoto, que estava pedalando o guincho, cansou-se e eles tiveram que interromper a subida para prender os ganchos duplos do cabo enquanto substituíam o menino. Agora que mais da metade do cabo já estava enrolado nos tambores, o pedalar ficava mais fácil, mas ainda assim a subida de Le Cagot era lenta e irregular. Dois metros para cima; três metros de afrouxamento para libertar o cabo; puxar para cima; um metro mais; dois metros para baixo; dois metros e meio para cima.

Hel não falava com Le Cagot pelo telefone. Eram velhos amigos, e Hel não iria insultá-lo fingindo que o companheiro precisava do apoio psicológico de um papo furado. Sentindo-se inútil e esgotado pela tensão, e com a tola, mas inevitável necessidade de ajudar Le Cagot com nervosas torções de corpo — como se imitando os movimentos que achava que o outro deveria fazer para subir mais rapidamente pudesse, de alguma forma, influenciar e ajudar Le Cagot numa espécie de linguagem corporal — Hel ficava ao lado do tambor do cabo, limitando-se, frustrado, a escutar a respiração ofegante do amigo. Tinham pintado listas vermelhas no cabo, a cada dez metros, e portanto bastava observar

as listas passarem pelo buraco, para que Hel soubesse em que ponto estava Le Cagot dentro do poço. Mentalmente, conseguia reproduzir cada lugar por onde Le Cagot passava; aquele pequeno ressalto onde poderia apoiar o pé; aquele diedro espiralado onde certamente o cabo se prenderia; aquela garganta onde, inevitavelmente, o braço quebrado iria doer.

A respiração de Le Cagot chegava até a superfície, arquejante e entrecortada. Hel olhou para o cabo e, pela marca, soube que o amigo estava agora na parte mais difícil da subida, um diedro duplo, a quarenta e quatro metros de profundidade. Logo abaixo do duplo ângulo de noventa graus, havia uma saliência estreita onde o explorador teria que se apoiar para dar o primeiro impulso ao corpo — manobra bastante difícil mesmo para um homem com os dois braços — a fim de subir por uma passagem em forma de chaminé, tão estreita em determinados pontos que o explorador teria de se apoiar nos joelhos e cotovelos, e tão larga em outros que ele poderia ficar de pé dentro dela sem que a cabeça encostasse no teto. E por todo o tempo, o escalador teria de manter o cabo frouxo e fora do alcance das proeminências que ficavam logo acima dele.

— Pare! — veio a voz desgastada de Le Cagot. Ele devia estar na saliência, jogando a cabeça para trás para olhar a parte inferior dos dois diedros, iluminada pela lanterna do seu capacete. — Acho que vou dar uma descansada aqui.

Descansar? perguntou-se Hel. Numa saliência que tinha apenas seis centímetros de largura?

Evidentemente, aquilo era o fim. Le Cagot não agüentava mais. O esforço e a dor tinham acabado com as suas forças, e o pior trecho ainda estava por vir. Assim que tivesse transposto o diedro duplo, seu peso poderia ser içado pelo cabo e ele poderia ser puxado para cima como um saco de milho. Mas teria que passar pelo diedro duplo sozinho.

O menino que estava pedalando olhou para Hel, seus olhos negros, tipicamente bascos, arregalados de medo. Papai Cagot era um herói lendário para aquela meninada. Não fora ele quem tinha levado o mundo a se curvar diante da poesia basca com suas apresentações em universidades por toda a Inglaterra e os Estados Unidos, onde toda a juventude aplaudira seu espírito revolucionário, escutando com admirada atenção os versos que nunca conseguiriam entender? Não fora Papai Cagot quem entrara na Espanha, com este forasteiro, Hel, para libertar treze bascos que estavam presos sem julgamento?

A voz de Le Cagot chegou pelo telefone. — Acho que vou ficar um pouco parado aqui. — Já não arquejava ou parecia sofrer, mas havia no tom da voz uma

calma resignada, até agora desconhecida na sua personalidade impetuosa. — Gosto deste lugar.

Não tendo muita certeza do que iria fazer, Nicholai começou a falar com voz suave, — Neandertal. É, acho que eles são homens de Neandertal.

— Do que diabos você está falando? — Le Cagot quis saber.

— Dos bascos.

— Isso, em princípio, é muito bom. Mas o que tem isso a ver com Neandertal?

— Eu andei dando uma estudada nas origens da raça basca. Você conhece os fatos tão bem quanto eu. O idioma deles é a única língua pré-ariana que sobreviveu. E existem certas evidências de que eles constituem uma raça à parte de todo o resto da Europa. O sangue tipo O só é encontrado em quarenta por cento dos europeus, mas nos bascos essa porcentagem sobe para sessenta por cento. E, entre os nascidos em Eskual, o sangue tipo B é quase inexistente. Tudo isso sugere uma raça totalmente isolada, uma raça que descende de algum ancestral primata diferente.

— Olha, eu já vou te avisando, Nikko. Essa conversa está indo por um caminho que não me agrada nem um pouco!

— ... e depois tem a questão da conformação da caixa craniana. O crânio arredondado dos bascos lembra muito mais o do Homem de Neandertal do que o do Cro-Magnun, homem mais alto, do qual descendem todos os povos superiores do mundo.

— Nikko! Pelos Bagos Encharcados do João Batista, você vai acabar me deixando puto da vida!

— Eu não estou dizendo que seja a inteligência que separa os bascos dos seres humanos normais. Afinal de contas, eles aprenderam muita coisa servindo de cachorrinhos para os seus senhores espanhóis...

— Arghü!

— ... não, acho que é mais a coisa física. Reconheço que eles têm uma espécie de força e coragem meio súbita — muito úteis para uma trepada rápida, ou para dar uma de salteador de beira de estrada — mas quando é preciso manter a fibra e a resistência por mais tempo, os bascos não são mesmo de nada.

— Afrouxem a porra do cabo!

— Não que eu ache que a culpa seja deles. Um homem é só aquilo que é. Um truque da natureza, um percalço do tempo acabou preservando essa raça

inferior nesse canto montanhoso do mundo onde eles conseguiram dar um jeito de sobreviver porque, vamos e venhamos, quem mais iria querer essa terra perdida, esse cu de mundo chamado Eskual-herri?

— Estou subindo aí, Nikko! Aproveite a luz do sol! Hoje é o seu último dia na terra!

— Não me venha com conversa, Beñat! Até mesmo eu teria problemas para passar por esse diedro duplo. E olha que eu tenho dois braços bons e não tenho as limitações de um Homem de Neandertal.

Le Cagot não respondeu. Só o que se ouvia pela linha telefônica era sua respiração pesada e, de vez em quando, um curto gemido quando seu braço quebrado doía.

Vinte centímetros agora, depois mais trinta, o garoto que operava o guincho retesou o cabo, a atenção gradada nas marcas vermelhas à medida que elas passavam pelas engrenagens do tripé, engolindo em seco, irmanado-se com o sofrimento que ouvia e imaginava através dos arquejares desesperados que chegavam pelo telefone. O segundo garoto segurava o cabo solto nas mãos, fazendo um gesto inútil de assistência.

Hel tirou seus fones de ouvido e sentou-se na beira do gouffre. Não havia mais nada que pudesse fazer e ele não queria ouvir a partida de Beñat, caso ele caísse. Abaixou os olhos e se obrigou a entrar numa meditação de média intensidade, amortecendo suas emoções. Só saiu desse estado quando ouviu um grito do garoto que operava o guincho. A marca dos quarenta metros estava nas engrenagens. Já dava para puxá-lo para fora!

Hel correu até a estreita fissura da entrada do gouffre. Conseguia ouvir os sons de Le Cagot lá embaixo, seu corpo manquitola se arrastando pelas paredes do poço. Metro a metro, os garotos trouxeram-no para fora, com lentidão infinita, para não o machucar. A luz do sol penetrava apenas um ou dois metros dentro do buraco escuro e se passaram somente alguns segundos depois que as tiras do arnês de Le Cagot apareceram e o momento em que ele já estava balançando livremente, inconsciente e branco como uma folha de papel, na ponta do guincho.

Quando recobrou a consciência, Le Cagot se viu deitado numa cama de madeira no artzain xola do pastor, o braço preso numa tala improvisada. Enquanto os garotos acendiam uma fogueira com arbustos, Hel estava sentado na beira da cama, olhando para o rosto abatido do seu companheiro, ainda pálido devido ao choque, com seus olhos encovados, a pele enrugada pela ação constante do sol sob a barba ruiva e grisalha.

— Que tal um gole de vinho? — perguntou Hel.

— Só se o papa for virgem — A voz de Le Cagot estava fraca e rouca. — Me dá na boquinha, Nikko. Tem duas coisas que um homem de um braço só não consegue fazer, e uma delas é beber de uma xahako .

Mas como beber de uma xahako de pele de bode é uma questão de coordenação automática entre a mão e a boca, Nicholai, desastrado, acabou derramando um pouco de vinho na barba de Benat.

Le Cagot tossiu, engasgado com o vinho malservido. — Sabia que você é o pior enfermeiro do mundo, Nikko? Juro pelos Engolidos Bagos de Jonas!

Hel sorriu. — Qual é a outra coisa que um homem de um braço só não consegue fazer? — perguntou baixinho.

— Isso eu não posso te dizer, Nikko. É meio indecente e você ainda é muito criança.

Na verdade, Nicholai Hel era mais velho que Le Cagot, mas parecia quinze anos mais moço.

— Já é noite, Behat. Amanhã cedo, nós vamos te levar para o vale e procurar um veterinário para cuidar desse teu braço. Os médicos só tratam dos Homo Sapiens.

Foi quando Le Cagot se lembrou. — Eu só espero não ter te machucado muito quando saí daquele buraco. Mas você bem que mereceu! Como diz o ditado: Nola neurtcen baituçu; Hala neurtuco çare cu.

— Não se preocupe. Vou sobreviver à surra que você me deu.

— Ótimo — Le Cagot deu uma risadinha. — Você não passa mesmo de um simplório, meu amigo. Você acha que eu não percebi a sua enganação de moleque bobo? A tua idéia era me deixar puto da vida para que eu ganhasse forças para subir. Mas acabou não funcionando, certo?

— Não, não funcionou. A mente basca é muito sutil para mim.

— É muito sutil para todo mundo, fora São Pedro que, por falar nisso, era basco, mesmo que muita gente não saiba. Então, me diga! Como é que é a nossa caverna?

— Eu não desci.

— Você não desceu! Alia Jainkoal Mas eu não cheguei até o fundo! Então a gente ainda não se apossou legalmente dela! E se algum espanhol imbecil tropeçar, cair dentro do buraco e sair por aí alegando que a caverna é dele?

— Está bem. Eu desço quando amanhecer.

— Ótimo. E agora me dá um pouco mais de vinho. E vê se segura a porra do xahako direito, desta vez! Não como uma criança tentando escrever o próprio nome mijando num monte de neve!

Na manhã seguinte, Hel desceu à caverna. O caminho estava inteiramente livre. Ele passou pela queda d'água e chegou ao local onde o poço se alargava, abrindo-se numa grande caverna. Enquanto esteve pendurado, girando no cabo e dando tempo para que os meninos lá em cima prendessem as engrenagens para substituir o tambor, Hel percebeu que tinha feito uma grande descoberta. A caverna era tão vasta que a luz da sua lanterna de capacete não chegava até as paredes.

Logo depois, estava no topo de um cone de entulhos, onde amarrou o arnês numa ponta para que fosse fácil encontrá-lo depois. Desceu o cone com todo o cuidado passando por rochas que estavam em delicado equilíbrio, e se viu de pé no piso da caverna, cerca de duzentos metros abaixo do pico do cone. Acendeu uma lanterna de magnésio e manteve-a atrás de si para não ser cegado pela luminosidade forte. A caverna era colossal — maior que o interior de uma catedral — e inúmeras ramificações e corredores saiam de todos os lados. Mas a corrente do rio subterrâneo corria na direção do território francês, portanto aquela seria a trilha principal de exploração, quando voltassem. Mesmo tomado pela natural curiosidade de um explorador de cavernas, Hel não podia se dar ao luxo de investigar mais a fundo sem Le Cagot. Isso não seria justo. Voltou a galgar o cone de entulhos e encontrou o cabo.

Quarenta minutos depois, saía da boca do gouffre para a manhã enevoada mas ensolarada. Depois de descansar, ajudou os garotos a desmontarem o triângulo de tubos de alumínio e os cabos que ancoravam o guincho. Rolaram diversas pedras pesadas para cima da entrada, em parte para escondê-la de alguém que passasse por ali, mas também para tapar o buraco e impedir que, na próxima primavera, alguma ovelha caísse dentro.

Espalharam pedregulhos e cascalho para disfarçar as marcas do guincho e dos cabos, mas sabiam que o melhor trabalho de encobrimento seria feito pelo tempo ruim do inverno.

De volta ao artzain xola, Hel contou tudo o que vira para Le Cagot que, apesar do braço inchado e dolorido, ficou muito entusiasmado.

— Ótimo, Nikko. No verão que vem a gente volta. Olha. Eu andei pensando numa coisa enquanto você estava lá dentro do buraco. Nós vamos ter de dar um nome para a nossa caverna, não vamos? E eu quero ser muito justo

nesta escolha. Afinal de contas, você foi o primeiro homem a entrar nela, mesmo que a gente não possa se esquecer que foi graças à minha coragem e habilidade que o teu caminho foi aplainado. Então, levando tudo isso em consideração, bolei o nome perfeito para a caverna.

— E qual seria?

— Caverna Le Cagot! O que é que você acha?

Hel sorriu. — Deus sabe que é muito justo.

Tudo isso acontecera há um ano. Quando a neve descongelou na montanha, eles voltaram ao cume dela e começaram as descidas de exploração e mapeamento. E agora já estavam prontos para fazer a penetração mais profunda, seguindo o curso do rio subterrâneo.

Por mais de uma hora, Hel ficou dormindo sobre a rocha plana, completamente vestido e envergando suas botas, tempo em que Le Cagot não parou de conversar alternadamente consigo mesmo e com o inconsciente Nicholai, interrompendo seu discurso apenas para tomar um novo trago de sua garrafa de Izarra. Os goles também eram intercalados. Um para ele. Outro em homenagem a Nikko.

Quando, finalmente, Hel começou a se mexer, a dureza da rocha penetrando até mesmo no sono comatoso resultante da sua fadiga, Le Cagot interrompeu seu monólogo e cutucou o companheiro com a biqueira da bota. — Ei! Nikko! Vai passar o resto da vida dormindo? Acorda e dá uma olhada no que você fez! Você acabou com metade da minha garrafa de Izarra, seu bêbado miserável!

Hel sentou-se e esticou os músculos adormecidos. Sua imobilidade fizera com que a umidade gelada da boca da caverna lhe penetrasse até os ossos. Estendeu a mão para pegar a garrafa de Izarra e descobriu que estava vazia.

— Confesso que bebi a outra metade — admitiu Le Cagot. — Mas vou fazer um pouco de chá. — Enquanto Behat trabalhava no fogão portátil, Hel livrou-se do arnês e da roupa de pára-quedista especialmente modificada com barras de elástico no pescoço e nos pulsos, para impedir a penetração da água. Arrancou as quatro malhas leves que mantinham seu corpo aquecido e substituiu a última delas por uma camiseta de lã. Depois voltou as vestir as outras três malhas úmidas sobressalentes. Eram feitas com a excelente lã basca e esquentavam mesmo quando molhadas. Tudo isso foi feito sob a luz de uma engenhoca que ele mesmo projetara, uma simples lâmpada de dez watts

conectada a uma bateria de carro que, por mais rudimentar que fosse, cumpria sua função de manter afastada a enervante escuridão que parecia oprimi-los por todos os lados. Uma bateria nova tinha energia suficiente para manter a lâmpada acesa por quatro dias e noites seguidas e, se necessário, poderia ser mandada para cima, agora que eles tinham alargado a entrada da garganta e o diedro duplo, para ser recarregada com o magneto movido a pedal que era usado para manter a bateria do telefone sempre nova.

Hel tirou as polainas e as botas. — Que horas são? Le Cagot chegou perto dele carregando uma caneca de lata com chá. — Não vai dar para te dizer.

— Por que não?

—— Porque, se eu virar o pulso para ver as horas, vou derramar todo o chá em você, calhorda! Toma. Pega a caneca! — Le Cagot sacudiu os dedos, quase queimando com o calor da xícara. — Agora sim, eu posso olhar o relógio. Nas profundezas da Caverna Le Cagot — e talvez em outras partes do mundo — são precisamente seis e trinta e sete, pouco mais ou menos.

— Ótimo. — Hel estremeceu ao experimentar a tisana fraca que Le Cagot chamava de chá. — Isso nos dá cinco ou seis horas para comer e descansar antes de seguirmos a corrente do rio que entra por aquele enorme túnel descendente. Está tudo pronto?

— Macaco não gosta de banana?

— Você testou a bússola?

— Merda de bebê não é amarela?

— Tem certeza de que não tem ferro na rocha?

— Moisés não viu a sarça ardente?

— Empacotou a fluorescina?

— O Franco não é um canalha?

— Então, ótimo. Vou me enfiar num saco de dormir e puxar uma palha.

— Como é que você pode pensar em dormir? Hoje é o grande dia! Nós já descemos quatro vezes nesse buraco, medindo, mapeando, demarcando. E todas as vezes tivemos que nos segurar para não seguir o curso do rio, deixando a grande aventura para o final. E agora que chegou o momento, você vai querer dormir! Nikko? Nikko, porra! Mas, que merda! — Le Cagot deu de ombros e soltou um suspiro. — Vá entender esses orientais!

Os dois levavam dez quilos de tintura de fluorescina para lançar no rio subterrâneo quando não mais pudessem seguir o seu curso, ou porque seu

caminho estaria bloqueado por desmoronamentos ou porque a corrente desaparecesse por um sifão subterrâneo. Tinham calculado que a saída do rio deveria ser na Torrente de Holçarté e, durante o inverno, enquanto Le Cagot estivera empenhado numa missão patriótica na Espanha, Hel tinha pesquisado o comprimento daquela esplêndida garganta onde a torrente tinha escavado na rocha um canal de duzentos metros de profundidade. Descobriu diversas desembocaduras de rios subterrâneos, mas somente uma delas parecia ter a velocidade de correnteza e a posição necessárias para ser uma boa aposta. Um par de horas mais, e dois garotos bascos, entusiastas da espeleologia, já teriam armado seu acampamento na desembocadura e estariam observando o desaguar das águas do rio. Assim que aparecesse o primeiro sinal de tintura nas águas, eles marcariam as horas nos seus relógios sincronizados com o de Le Cagot. Partindo dessa medição e do tempo gasto para percorrer a correnteza no sistema da caverna, Hel e Le Cagot teriam condições de avaliar a possibilidade de seguir a corrente subterrânea com seus equipamentos de caça submarina e assim conseguir realizar o objetivo final de exploração de uma caverna, uma viagem do fundo escuro do poço vertical até a luminosidade e o ar puro da desembocadura.

Depois de cinco horas de sono profundo, Hel acordou como sempre fazia, instantânea e completamente, sem mover um só músculo ou abrir os olhos. Seu sentido de proximidade, altamente desenvolvido, advertiu-o imediatamente. Havia apenas uma pessoa dentro da esfera de alcance da sua aura, e as vibrações que partiam dela eram difusas, desfocadas e vulneráveis. A pessoa teria de estar divagando, meditando ou dormindo. Então, ouviu o ronco de barítono de Le Cagot.

O amigo estava metido no seu saco de dormir, completamente vestido, e a única parte visível do seu corpo, à luz mortiça da lâmpada de dez watts, eram suas longas e desgrenhadas melenas e a barba ruiva e grisalha. Hel levantou-se e acendeu o fogão, criando uma crepitante chama azul. Enquanto esperava que a água fervesse, procurou pelo seu pacote de chá na mochila de mantimentos, um chá que preparava numa mistura tão concentrada que a taxa de cafeína acabava sendo o dobro da de um café.

Como todos os que se entregam de corpo e alma à prática de qualquer atividade física, Le Cagot tinha o sono profundo. Nem se mexeu quando Hel puxou seu braço para fora do saco de dormir para olhar o relógio de pulso. Era hora de começar. Hel deu um cutucão na lateral do saco de dormir de Le Cagot, mas só o que conseguiu em resposta foram um resmungo e um palavrão abafado. Deu um chutinho mais forte e Le Cagot virou de lado e encolheu-se, torcendo

para que seu carrasco fosse cantar em outra freguesia. Quando a água já estava formando bolinhas ao redor das laterais da panela, Hel deu um terceiro chute — este de verdade — no seu companheiro. O comprimento de onda da aura mudou. Le Cagot estava acordado.

Sem se virar, Le Cagot resmungou: — Existe um antigo provérbio basco que afirma que todo aquele que chuta um homem dormindo acabará, inevitavelmente, morrendo.

— Todo mundo morre.

— Está vendo só? Mais uma prova da veracidade da sabedoria popular basca.

— Vamos lá, de pé!

— Calma! Me dá um minutinho para arrumar o mundo dentro da minha cabeça, pelo amor de Deus!

— Vou acabar de tomar o meu chá e dar no pé. Te conto sobre a caverna quando voltar.

— Está bem, está bem. — Tentando se conformar, mas ainda furioso, Le Cagot saiu de dentro do saco de dormir e sentou-se na pedra ao lado de Hel, lançando um olhar para o chá do companheiro. — Jesus, Maria, José e o burrico! Que diabo de chá é este?

— Chá da montanha.

— Mais parece mijo de cavalo.

— Vou ter que aceitar a sua palavra sobre esse ponto. Não tenho a mesma experiência culinária que você.

Hel acabou de beber o seu chá, depois levantou as duas mochilas, sentindo o peso, e escolheu a mais leve. Pegou seu rolo de corda Edelrid e uma alça larga formada de alças menores que serviam para amarrar a corda. Verificou rapidamente o conteúdo dos bolsos para se certificar de que tinha a variedade necessária de pregos com argolas para diversas espessuras de fissuras. A última coisa que fez antes de partir foi trocar as pilhas da sua lanterna de capacete por novas. Esta era um outra engenhoca que ele mesmo tinha projetado, baseado no uso experimental das pilhas Gerard/ Simon, oito cilindros pequenos e poderosos que cabiam entre a copa e a faixa de tecido do capacete. Um dos passatempos de Hel era desenvolver e construir equipamentos de prospecção de cavernas na sua própria oficina. Mesmo que jamais tivesse pensado em registrar e fabricar em série suas invenções, costumava presentear seus velhos companheiros de

exploração com os protótipos antigos.

Hel olhou para Le Cagot, que continuava de olhos cravados, petulantemente, no seu chá. — Se quiser, você poderá me encontrar no final da trilha da caverna. Não vai ser difícil me reconhecer. Vou ser aquele cara com uma expressão de vitória no rosto. — E começou a andar pelo longo corredor que formava o canal do rio.

— Pelos Bagos Pedregosos de São Pedro, você nasceu para ser feitor! Sabia? — gritou Le Cagot, recolhendo rapidamente suas coisas e resmungando para si mesmo, — Posso jurar que o cara tem nas veias traços de sangue de falangista espanhol!

Logo depois de entrar na caverna, Hel parou e esperou por Le Cagot. Toda aquela performance de exaltação e peroração fazia parte de uma hierarquia já estabelecida na relação dos dois. Hel era o líder por uma questão de personalidade, pela habilidade que tinha, ajudado pelo seu acurado sentido de proximidade, de descobrir os caminhos certos e pela destreza física do seu corpo ágil. A força física e a resistência de Le Cagot faziam dele um perfeito assistente na exploração de cavernas. Desde o princípio, tinham estabelecido padrões que permitiam que Le Cagot salvasse as aparências e mantivesse seu auto-respeito. Era Le Cagot quem contava as histórias sempre que eles voltavam de uma exploração. Era Le Cagot quem sempre xingava, contava vantagem e reclamava, como uma criança mimada. O poeta que havia em Le Cagot tinha criado para si mesmo o papel de miles gloriosus, o palhaço falstañano — mas com uma única diferença: suas fanfarronadas eram baseadas nos relatos que demonstravam sua coragem inesgotável e divertida no combate de guerrilha que mantinha contra o fascista espanhol que oprimia o seu povo.

Quando Le Cagot alcançou Hel, eles começaram a descer juntos o trecho inclinado que rapidamente se estreitava e cujas paredes e solo eram absolutamente lisas, em função da ação da corrente subterrânea, e revelavam a estrutura da formação do sistema de cavernas. A rocha acima deles era calcária, mas o solo sobre o qual o rio corria era composto de xisto laminado antigo. Há milênios, a água empoçada vinha penetrando na pedra calcária porosa até atingir o nível de profundidade onde se encontrava o xisto, sobre cujo leito corria, cada vez mais profunda, na direção de uma desembocadura. Lentamente, a água ligeiramente ácida dissolvera a camada calcária situada logo acima do xisto, formando um manancial próprio. E, vagarosamente, causara a erosão das margens do manancial até solapar sua estrutura e provocar desmoronamentos cujos entulhos foram, ao longo do tempo, erodidos por absorções e atritos; e o

próprio entulho tinha funcionado como elemento abrasivo levado pela correnteza, ajudando no processo de erosão, causando desmoronamentos maiores e multiplicando o seu efeito: e, portanto, numa progressão geométrica onde os efeitos eram igualmente as causas, através de centenas de milhares de anos, o sistema de caverna se formara. O grosso do processo foi concluído pelo esforço silencioso, minimalista e incansável, do atrito e da decomposição, e apenas ocasionalmente tal ação paciente foi marcada pelos terríveis acontecimentos geológicos chamados de colapsos, a grande maioria provocada por terremotos muito comuns naquele sistema subterrâneo repleto de falhas e fissuras, coisa que podia ser entrevista na sua superfície, uma paisagem cheia de gretas, cavernas, elevações abruptas, freqüentes cavidades afuniladas e gouffres que davam a essa região sua fama de excelente lugar para a prática da espeleologia.

Por mais de uma hora eles avançaram, metro a metro, pelo corredor que tinha um leve declive, enquanto o teto e as paredes iam se fechando lentamente sobre eles, até que se viram caminhando por uma passagem estreita que corria ao lado da torrente veloz, cujo leito era um profundo corte vertical com menos de dois metros de largura, mas com dez de profundidade. O teto continuava a baixar em cima deles e logo tiveram dificuldade para continuar, tendo que caminhar agachados, as mochilas raspando a rocha sobre suas cabeças. Le Cagot xingava a altos brados, tentando aliviar a dor que sentia nos joelhos trêmulos ao se arrastar pelo ressalto estreito, tendo que andar numa posição que massacrava os músculos das suas pernas.

Enquanto o poço continuava a se estreitar, ambos começaram a ser incomodados pelo mesmo pensamento. Não seria uma estúpida ironia se, depois de todo o trabalho que tiveram na preparação e no transporte dos mantimentos, o local se limitasse à aquilo? Se este corredor em declive terminasse numa garganta por onde o rio desaparecesse?

O túnel começou a fazer uma leve curva à esquerda. Então, subitamente, a estreita passagem foi bloqueada por uma ponta de rocha que se projetava em balanço sobre a violenta corrente. Hel não conseguia ver o que estava do outro lado da ponta e o leito do rio, muito profundo naquele ponto — e mesmo se não fosse, a possibilidade de haver uma garganta vertical logo a frente teria sido suficiente para detê-lo — impedia que ele pudesse chapinhar pela água. Havia muitas histórias de exploradores que tinham caído em gargantas ao vadear em rios subterrâneos. O que se dizia era que eles eram sugados instantaneamente para baixo, caindo cem ou duzentos metros em meio a uma turbulenta coluna de água no fundo da qual seus corpos eram lançados em grandes "caldeirões de

gigantes" borbulhando de espuma fervendo e pedregulhos até que estivessem suficientemente esmigalhados para serem levados pela correnteza. Meses depois, pedaços de equipamentos e roupas eram encontrados nas correntes que corriam pelos estreitos vales onde desembocavam os rios subterrâneos. Essas, evidentemente, eram histórias contadas em redor da fogueira dos acampamentos, a maioria delas mentirosas ou exageradas. Mas, como todas as lendas populares, refletiam temores reais e, para a maioria dos exploradores de cavernas daquelas montanhas, o pesadelo de ser tragado por uma garganta abalava mais os nervos do que a idéia de cair enquanto escalavam paredes de rocha, serem pegos por avalanches, ou mesmo soterrados durante um terremoto ocorrido enquanto estavam embaixo da terra. E não era a idéia de afogamento que tornava a garganta terrível, mas sim a imagem de serem esmigalhados naqueles borbulhantes caldeirões de gigantes.

— E daí? — perguntou Le Cagot de trás, sua voz ecoando no túnel estreito. — O que é que você está vendo?

— Nada.

— Isso é muito reconfortante. E você vai simplesmente ficar parado aí? Não vou poder ficar agachado aqui para sempre, como um pastor de béarnais com caganeira.

— Me ajude a tirar a mochila.

Na posição estranha e apertada em que estavam, não era nada fácil tirar a mochila de Hel mas, uma vez livre dela, ele poderia endireitar um pouco o corpo. A passagem era tão estreita que ele poderia ficar de frente para a corrente, firmar os pés e se deixar cair na direção da parede do lado oposto. Feito isto, poderia, cautelosamente, virar-se de costas, os ombros apoiados num dos lados do túnel, os grampos da sola das suas botas fixando seus pés contra a parede oposta. Rastejando lateralmente com o apoio dos ombros, das palmas das mãos e das plantas dos pés, Hel deslocou-se centímetro por centímetro, como se estivesse escalando uma chaminé, o rio rugindo e quase encostando em suas nádegas. Era uma empreitada exigente e perigosa e ele esfolou a pele das mãos, mas conseguiu fazer um certo progresso.

A gargalhada de Le Cagot ecoou, enchendo a caverna. — Ei, Nikko, e se essa porra de repente ficar mais larga? Talvez seja melhor você ficar bem paradinho aí e me deixar usar o teu corpo como ponte. Desta forma, pelo menos um de nós vai conseguir! — E caiu de novo na gargalhada.

Com a graça dos céus, a garganta não se alargou. Assim que a ponta foi ultrapassada, Hel viu a passagem se estreitar e o teto elevar-se de tal forma que

ficou além do alcance da sua lâmpada. Foi capaz de voltar a se firmar de pé sobre o trecho interrompido. Continuou a segui-lo, ainda virando para a esquerda. Sentiu o coração pular dentro do peito quando viu, iluminada por sua lanterna, que a passagem por onde se deslocava terminava abruptamente num maciço de rocha desmoronado, sob o qual o rio borbulhava e desaparecia.

Quando chegou à base do maciço e olhou em volta, viu que estava na base de uma enorme saliência com apenas uns dois metros de largura no ponto em que estava, mas que se estendia para além do alcance da sua lanterna. Descansou alguns instantes e então começou a escalar pelo ângulo que o maciço fazia com a parede de entulhos. As saliências onde poderia apoiar as mãos e os pés eram muitas e cômodas, mas a rocha estava em decomposição, muito fragilizada, e cada passo tinha que ser dado com toda a cautela, cada ponto de apoio tinha que ser testado para certificar-se de que não se soltaria em suas mãos. Depois de ser subido, lenta e pacientemente, uns trinta metros, viu que se achava entre dois gigantescos blocos de minério, um enganchado no outro. Então, chegou a uma plataforma chata, de onde não se via nada nem em frente nem dos lados. Bateu palmas e ficou escutando. O eco demorou a vir, soava oco e se repetia. Ele estava na entrada de uma enorme caverna.

Voltou rapidamente para a ponta de rocha; desceu a obstrução de entulho usando uma corda dupla, que deixou no local para usar quando fossem subir. Do seu lado da ponta, chamou por Le Cagot, que tinha recuado até um ponto menos estreito do túnel onde poderia se colocar de cócoras e descansar um pouco da incômoda posição curvada em que estivera.

Le Cagot voltou para a ponta. — E daí? Tem alguma passagem?

— Um buraco enorme.

— Fantástico!

As mochilas foram passadas para o outro lado da ponta através de uma corda e então Le Cagot repetiu a travessia feita por Hel, passando pelo trecho mais estreito em meio a muitas reclamações e xingando a porra da ponta, amaldiçoando-a pelos Bagos Trombeteadores de Josué e pelos Bagos Pouco Hospitaleiros do Estalajadeiro.

Como Hel já tinha fixado a corda no lugar e limpado boa parte da rocha em decomposição, a subida pelo monte de entulho não foi difícil. Quando se encontraram juntos na saliência plana, após rastejarem por entre os dois blocos de minério, que mais tarde ficaram conhecidos como o Buraco da Fechadura, Le Cagot acendeu a lâmpada de magnésio e, pela primeira vez em seus incontáveis milênios de existência, o caos tenebroso daquela descomunal caverna foi visto

por olhos humanos.

— Pelos Bagos Flamejantes da Sarça! — exclamou Le Cagot, estupefato. — Uma caverna ascendente!

Era uma visão feia, mas sublime. O tosco cadinho de criação que era aquela caverna "ascendente", calou o ego daqueles dois insetos humanóides que tinham menos de dois metros de altura, de pé em cima de montículos de rocha suspensos entre o piso da caverna, cem metros mais abaixo, e a cúpula fendida e em decomposição, a mais de cem metros acima. A maioria das cavernas traz uma sensação de serenidade e eternidade, mas as cavernas em aclive são, em seu caos orgânico, aterradoras. Tudo ali era irregular e novo; o piso perdido em algum lugar lá embaixo, muito distante, entre camadas de entulho e blocos de minério do tamanho de uma casa; e o teto cortado por desmoronamentos recentes. Aquela era uma caverna onde ainda se ouviam as dores do parto do seu nascimento, uma caverna jovem, estranha e não confiável, ainda em processo de "ascensão", o piso subindo em função do acúmulo de desmoronamentos e entulhos que caíam do teto em constante colapso. Deveria estabilizar-se em pouco tempo (vinte mil anos, talvez cinqüenta mil) e então se tornaria uma caverna comum. Ou talvez continuasse a seguir em seu caminho ascendente de fraturas e falhas até atingir a superfície formando, no seu último desmoronamento, a reentrância profunda, no formato de um funil, do clássico gouffre seco. Evidentemente, essa juventude e instabilidade da caverna eram relativas e tinham que ser mensuradas em tempo geológico. As rachaduras "recentes" do teto poderiam ter três anos de idade. Ou cem.

A chama de magnésio apagou-se e algum tempo transcorreu até que os olhos deles se acostumassem o suficiente para que pudessem enxergar apenas com a luz das suas lanternas de capacete. Na obscuridade manchada de sombras dançantes, Hel ouviu Le Cagot declamar, — Batizo esta caverna e lhe dou um nome. Será chamada de Caverna Le Cagot!

Pelo som de borrifos, Hel soube que Le Cagot não estava economizando água no seu batismo. — Será que isso não vai causar uma certa confusão? — perguntou ele.

— O que você está querendo dizer?

— Você deu o mesmo nome para a primeira caverna.

— Hummm... lá isso é verdade. Muito bem, então daremos a este lugar o nome de Caos Le Cagot! O que você acha?

— Acho ótimo.

— Mas não pense que eu me esqueci da sua contribuição para esta descoberta, Nikko. Resolvi denominar aquele pentelho daquele afloramento lá atrás — o que tivemos que atravessar — de Ponta de Hel. O que você acha?

— Eu nem pensaria em pedir mais.

— Claro. Vamos em frente?

— Assim que eu terminar aqui. — Hel ajoelhou-se sobre o seu caderno de notas e sua bússola e, com ajuda da sua lanterna de capacete, anotou a distância e direção estimadas, como tinha feito a cada, aproximadamente, cem metros desde que tinham deixado o acampamento aos pés do cone de entulho. Depois de colocar tudo de volta na mochila à prova de água, disse, — Muito bem. Vamos indo.

Movimentando-se cuidadosamente de um bloco de minério para outro, espremendo-se entre fendas e passagens em forma de ângulo, contornando maciços de rocha do tamanho de um celeiro, eles começaram a atravessar o Caos. Perdido embaixo de camadas de minério, vertendo, espiralando, bifurcando, juntando-se novamente, compondo tramas espalhadas pelo solo xistoso, o fio de Ariadne do rio subterrâneo não lhes serviu de guia por muito tempo. Os desmoronamentos recentes e a ausência de erosões causadas pelas condições atmosféricas que, na superfície, tão claramente define uma paisagem, combinaram-se para criar uma miscelânea amalucada de ressaltos e blocos de minério, cujos ângulos inclinados pareciam desmentir as leis da gravidade, criando um efeito de casa de espelhos de parque de diversões no qual a água parecia cair para cima e o que parecia aprumado estava perigosamente inclinado. O equilíbrio tinha de ser mantido com os pés e não com os olhos e eles tinham de se orientar pela bússola, uma vez que seu senso de direção fora desmantelado pela trilha sinuosa que serpenteava através da alucinada bagunça do Caos. Os problemas de encontrar o caminho correto eram exatamente o oposto dos que se enfrentam ao caminhar sobre uma superfície plana e deserta como a da lua. Era a abundância confusa de saliências e pontos de referência que sobrecarregavam e confundiam a memória. E o imenso vazio negro sobre as cabeças deles oprimia-lhes o subconsciente, como se aquela cúpula fragmentada e invisível, inchada pelos desmoronamentos pudesse, com uma milésima parte do seu peso, esmagá-los como se fossem formigas.

Cerca de duas horas e quinhentos metros mais tarde, eles já tinham atravessado uma parte suficiente do Caos para conseguir enxergar o ponto final da caverna, onde o teto se inclinava, juntando-se à confusão de rochas recentemente desabadas. Durante a última meia hora, um ruído se agigantara em

torno deles, destacando-se tão lentamente do som ambiente nascido do gorgulhar e chiar das entranhas da terra, que eles não o notaram até que parassem para descansar e tomar nota do avanço feito. As milhares de ramificações da corrente subterrânea pareciam aproximar-se cada vez mais uma da outra, e o som que enchia a caverna era composto por toda uma escala de notas, que ia do mais agudo toque de címbalo até o baixo profundo. Era uma queda d'água, uma enorme cachoeira localizada em algum lugar atrás da emenda do teto com o entulho que aprecia bloquear a caverna.

Por mais de uma hora, ficaram martelando a parede de entulho em diversos pontos, espremendo-se para penetrar nas fendas e brechas triangulares formadas por saliências com toneladas de peso, mas não conseguiram encontrar uma passagem através daquele labirinto. Não havia maciços de rocha nessa nova extremidade do Caos, apenas ressaltos jovens e toscos, muitos dos quais eram do tamanho de pórticos de uma vila, alguns pontiagudos na extremidade, outros chatos, alguns posicionados em ângulos impossíveis, outros projetando-se em balanço, com três quartos do seu comprimento pendurados no ar, escorados pelo contrapeso de algum outro ressalto. E, durante o tempo todo, o rico conjunto de sons emitido pela cachoeira, em algum ponto por trás daquele desmoronamento, parecia provocá-los, incitando-os a encontrar uma passagem até ela.

— Vamos dar uma descansada e pôr a cabeça no lugar! — gritou Le Cagot, por cima do barulho, sentando-se numa pequena saliência, tirando sua mochila e remexendo dentro dela à cata de bolachas, queijo e xoritzo. — Você não está com fome?

Hel balançou a cabeça. Estava tomando notas no seu caderno, fazendo cálculos aproximados sobre a direção e tentativas ainda mais vagas de determinar os ângulos de inclinação, uma vez que o clinômetro da sua bússola Brunton fora totalmente inútil no labirinto do Caos.

— Será que a desembocadura fica atrás desta parede? — perguntou Le Cagot.

— Duvido muito. Não devemos ter chegado nem até a metade do caminho para a Torrente de Holçarté, e ainda devemos estar uns duzentos metros mais acima.

— E não dá nem para chegar até a água para jogar a tintura. Mas que parede mais pentelha! E o pior é que acabou o queijo. Onde é que você está indo?

Hel tinha se livrado da mochila e começara a escalar a parede. — Vou dar uma olhada no topo dessa coisa.

— Tente um pouco mais à esquerda!

— Por que? Você está vendo alguma coisa lá?

— Não. Mas se você cair, vai cair bem em cima de mim e, como está muito bom aqui, não estou a fim de me mexer.

Não tinham conjeturado muito sobre escalar a parede de rochas porque, mesmo que houvesse uma maneira de cruzá-la, isto os levaria diretamente para o cume da queda d'água e provavelmente seria impossível passar através da cascata. Mas a base a e as laterais da obstrução eram intransponíveis, portanto só lhes restava tentar o cume.

Meia hora depois, Le Cagot ouviu um pequeno ruído vindo do alto. Inclinou a cabeça para cima, para dirigir o foco da lanterna para o ponto de onde viera o som. Hel estava descendo no escuro. Quando chegou à saliência, deixou-se escorregar até ficar sentado, depois deitou-se sobre a mochila, cobrindo o rosto com um dos braços. Estava esgotado, respirava com dificuldade e as lentes da sua lanterna de capacete estavam trincadas em conseqüência de uma queda.

— Você tem certeza de que não quer comer nada? — perguntou Le Cagot.

Com os olhos fechados, o peito arfando com grandes golfadas de ar, suor correndo em abundância pelo rosto e ombros, apesar do frio úmido da caverna, Hel respondeu à piadinha fora de hora do seu companheiro com a versão basca da linguagem universal e manual que expressa animosidade: enfiou o polegar na palma da mão e mostrou para Le Cagot. Depois, deixou o punho cair e deixou-se ficar deitado, ofegando. Suas tentativas de engolir eram dolorosas; a secura da sua garganta parecia pinicar. Le Cagot estendeu-lhe o xahako e Hel bebeu com sofreguidão, começando pelo tato, com a ponta do saco tocando seus dentes, uma vez que não enxergava nada, mas logo depois enfiando a ponta do xahako na boca e dirigindo, apenas pelo tato, o jato de vinho para o fundo da sua garganta. Manteve a pressão sobre o saco, engolindo a cada vez que o fundo da sua garganta se enchia, e ficou bebendo por tanto tempo que Le Cagot começou a se preocupar com o seu vinho.

— E daí? — perguntou Le Cagot, impaciente. — Você encontrou alguma passagem?

Hel deu um sorrisinho e assentiu com a cabeça.

— Onde foi que você saiu?

— Numa espécie de beco sem saída, bem em cima da cachoeira.

— Que merda!

— Mas eu acho que dá para contornar pela direita, por baixo do jato d'água.

— Você tentou?

Hel deu de ombros e apontou para as lentes quebradas da sua lanterna. — Mas, de qualquer jeito, não daria para fazer sozinho. Preciso que você me proteja por cima. Dá para dar a volta numa ótima posição.

— Você não devia ter tentado, Nikko. Um dia desses, você vai acabar se matando, e aí, vai se arrepender.

Depois de ter ziguezagueado através de uma emaranhada rede de fendas, Le Cagot ficou maravilhado ao se ver ao lado de Hel numa saliência estreita bem em cima da cachoeira barulhenta. Era uma queda longa e a bruma cobria tudo no ar parado, subindo em torno da coluna d'água, borbulhando em volta deles como uma sauna a uma temperatura de quarenta graus. Tudo o que podiam ver através da névoa era a cabeceira da cachoeira lá embaixo e alguns metros de rocha lisa nos lados da saliência em que se encontravam. Hel conduziu-os pela direita, onde o ressalto se estreitava alguns centímetros, mas continuava contornando a encosta da entrada da caverna. Era uma saliência arredondada, desgastada, evidentemente um rebordo antigo da queda d'água. O estrondo cacofônico da cachoeira obrigava-os a se comunicarem apenas por uma linguagem de sinais, e foi assim que Hel indicou a Le Cagot a tal "ótima" posição que encontrara para dar a volta: um afloramento de rocha por onde Le Cagot teve de se espremer com dificuldade e firmar a corda de segurança em volta da cintura de Hel, enquanto descia em direção à borda da cachoeira. O curso natural da descida iria levá-lo para o meio da bruma, através de coluna de água e — era o que se esperava — para trás dela. Le Cagot amaldiçoou a "ótima" posição enquanto firmava o corpo na passagem e prendia um grampo de proteção na pedra calcária acima dele, declarando em alto e bom som que um grampo de proteção pregado numa pedra calcária não passava de objeto decorativo.

Hel começou a sua descida, parando a cada vez que encontrava algum apoio para o pé ou uma brecha na rocha para fixar um grampo e passar a corda pela argola. Felizmente, a rocha era bastante irregular e tinha diversos pontos de apoio para os pés e os dedos; a mudança de curso da queda d'água era bem recente e ainda não se passara tempo suficiente para que o ressalto horizontal fosse desbastado. O maior problema era a corda pendurada acima dele. Quando já descera uns vinte metros e passara a corda por oito argolas, tornou-se uma manobra perigosa e difícil puxar a corda ensopada, e que oferecia resistência já que passava através de tantos pontos de apoio a fim de afrouxá-la. O esforço ergueu seu corpo e fez com que deslocasse ligeiramente os pés dos pontos de

apoio. Isso, evidentemente, ocorreu exatamente no momento em que Le Cagot, lá de cima, puxou a corda e, portanto, não estava pronto para segurar Hel, caso ele escorregasse.

Desceu, centímetro por centímetro, pela orla da bruma até que a oleosa cortina preta e prateada da queda d'água ficasse a menos de meio metro da sua lanterna de capacete. Nesse momento, ele parou e concentrou-se para empreender o trecho mais difícil da descida.

Em primeiro lugar, precisava fixar um punhado de grampos de maneira que pudesse trabalhar independentemente de Le Cagot que poderia, sem ver o que ocorria embaixo, segurar a corda e prender Hel no momento em que este estivesse sob a queda d'água, cego pelo lençol de água, tateando à procura de pontos de apoio que não conseguiria enxergar. E estaria agüentando todo o peso da água nas costas e nos ombros. Tinha que se dar um comprimento de corda suficiente para atravessar toda a cascata, uma vez que só conseguiria respirar depois que se encontrasse atrás dela. Por outro lado, quando mais corda tivesse, maior seria a queda, se a força da água o jogasse para baixo. Decidiu dar uns três metros de folga. Gostaria de poder ter um pouco mais de metragem, a fim de evitar a possibilidade de ainda estar sob a coluna de água quando a corda chegasse ao fim, mas o bom senso lhe ditava que os três metros eram o comprimento máximo que permitiria balançar para fora da linha da queda d'água, caso caísse e perdesse os sentidos por tempo bastante para se afogar, se ficasse pendurado dentro da cascata.

Hel aproximou-se da cortina de água metálica e brilhante até que esta ficasse a poucos centímetros do seu rosto e, logo depois, começou a experimentar a sensação vertiginosa de que a água estava imóvel e era o seu corpo que subia por entre o barulho e a bruma. Estendeu o braço para dentro do lençol d'água, que despencava como uma pulseira pesada e viva em torno do seu pulso, buscando o ponto de apoio mais profundo que pudesse encontrar. Seus dedos tatearam uma fenda pequena mas saliente, invisível atrás da cortina de água. Ficava um pouco mais baixo do que ele gostaria, já que sabia que o peso da água nas suas costas o empurraria para baixo e o melhor seria que o ponto de apoio ficasse mais no alto, de maneira que a pressão o ajudasse a firmar os dedos. Mas era a única fenda que tinha conseguido encontrar e os músculos do seu ombro já começavam a se cansar em função da força exercida pela cascata sobre eles. Respirou fundo diversas vezes, expirando completamente após cada inspiração, pois sabia que o que faz o homem respirar pela boca é a concentração de dióxido de carbono nos pulmões e não a falta de oxigênio. A última respiração foi a mais profunda, retesando seu diafragma ao máximo. Então,

deixou escapar um terço do ar e jogou-se, balançando, para dentro da cascata.

Foi quase risível e, certamente, um anticlímax.

O lençol de água tinha menos de vinte centímetros de espessura, e o mesmo impulso que o jogou para dentro dele levou-o para fora onde, já atrás da cascata, viu-se numa boa saliência horizontal, embaixo da qual havia uma pilha de lâminas de pedra cobertas de entulho, formando quase que uma escada natural que uma criança saudável poderia, sem dificuldade, descer.

Era um caminho tão óbvio que não fazia sentido testá-lo, então Hel voltou através da cascata indo até onde Le Cagot se encontrava e, gritando no ouvido do amigo por sobre a barulheira da cachoeira, seus capacetes batendo um contra o outro, explicou a feliz circunstância. Decidiram deixar a corda onde estava para facilitar o caminho de volta e lá foram eles, um atrás do outro, até chegarem à base da pilha de lâminas de rocha cobertas de entulho.

Ocorreu então um fenômeno peculiar. Assim que se encontraram atrás da cascata, podiam conversar quase normalmente já que a cortina de água parecia isolar acusticamente o local. À medida que desciam, a cachoeira foi perdendo seu volume, já que uma grande quantidade de água se desprendia, misturando-se à bruma, e o peso da queda d'água, embaixo, era muito menor que lá em cima. A massa de água tornou-se tão espalhada que, ao atravessá-la, tinha-se a sensação de caminhar antes sob uma chuva torrencial do que sob uma cachoeira. Avançaram cautelosamente através da névoa ofuscante e gélida, caminhando sobre solo rochoso, livre de entulhos. Quanto mais andavam, mais a bruma se dissipava, até que se encontraram num ponto onde o ar era escuro mas limpo, o barulho da cascata repercutindo às suas costas. Fizeram uma pausa e estudaram o local. Era lindo, uma caverna em forma de diamante, com dimensões mais humanas do que o detestável Caos Le Cagot; uma caverna para turistas, situada muito além da capacidade de acesso de qualquer turista.

Mesmo sendo um desperdício, a curiosidade fez com que acendessem uma outra lâmpada de magnésio.

Magnífico! De tirar o fôlego! Atrás deles, nuvens de neblina rodavam lentamente, acionadas pela sucção da água que caía. Em volta e acima deles, úmidas e gotejantes, as paredes estavam incrustadas de cristais de aragonita, que cintilavam quando Le Cagot movia o foguete de magnésio para frente e para trás. Ao longo da parede norte, uma cascata congelada onde a água, deslizando lentamente, deixava rastros de substâncias minerais. Do lado leste, cortinas de calciterita parcialmente sobrepostas, delicadas e afiadas como navalhas, pareciam dançar sob a ação de um vento de magia. Próximos às paredes, blocos

de estalactites de cristal fino apontavam para grossas estalagmites e, aqui e ali. a floresta era dominada por uma grossa coluna formada pela junção desses pacientes cristais de rocha.

Não abriram a boca até que o clarão do magnésio ficou alaranjado e se apagou, o que fez com que o brilho das paredes fosse substituído por pontos negros, que dançavam na frente dos olhos deles enquanto as retinas se dilatavam, adaptando-se às luzes relativamente mortiças das lanternas de capacete. A voz de Le Cagot saiu surpreendentemente afobada quando ele disse, — Vamos chamar este lugar de Caverna Zazpiak Bat.

Hel concordou. Zazpiak bat: "das sete, façamos uma", o lema dos que sonhavam fazer das sete províncias bascas uma única república transpirenéia. Um sonho impraticável, nem provável nem desejável, mas um foco útil para as atividades de homens que preferiam perigos românticos à segurança tediosa, homens capazes de serem cruéis e estúpidos, mas nunca mesquinhos ou covardes. E era absolutamente coerente que o sonho quimérico de um Estado basco fosse representado por uma caverna de conto de fadas que, além do mais, era inacessível.

Hel agachou-se e fez, com o auxílio do clinômetro, uma medição preliminar até a parte mais alta da queda d'água. Então, fez alguns cálculos mentais. — Estamos praticamente no mesmo nível da Torrente de Holçarté. A desembocadura não pode ser muito longe daqui.

— Certo, — comentou Le Cagot — mas onde está o rio? Onde é que você o meteu?

Era verdade que o rio tinha desaparecido. Ao ter seu curso interrompido pela cachoeira, tinha, evidentemente, se subdividido, passando entre fendas e fissuras e estaria correndo em algum lugar sob os pés deles. Havia duas possibilidades. Ou ele emergiria novamente em algum lugar adiante deles dentro da caverna, ou as aberturas em torno da base da queda d'água eram onde ele acabava turbulentamente, antes de desaguar na garganta. Esta última hipótese seria lamentável, porque lhes impediria de ter qualquer esperança de uma vitória final, nadando pelo rio até o ar aberto e o céu. Além de tornar inútil todo o trabalho de vigia dos garotos bascos acampados na desembocadura.

Le Cagot tomou a dianteira quando eles avançaram através da Caverna Zazpiak Bat, como sempre fazia quando o percurso era relativamente fácil. Ambos sabiam que Nicholai era melhor em estabelecer táticas de exploração; não era preciso que Le Cagot admitisse o fato, ou que Hel o enfatizasse. A liderança entre os dois simplesmente mudava automaticamente diante da

natureza das características de uma caverna. Hel seguia na frente sempre que havia poços, lugares escondidos, contorno de cornijas; e Le Cagot assumia a liderança sempre que entravam em cavernas ou lugares com características especiais que, dessa forma, ele "descobria" e batizava.

Enquanto caminhava na frente, Le Cagot testava sua voz na caverna, cantando uma daquelas canções bascas, atônicas e plangentes, que demonstravam a capacidade da sua raça de expressar seu sofrimento estético. A letra da canção continha aquela única onomatopéia basca que vai além da imitação de sons para chegar às imitações de estados emocionais. No refrão da canção de Le Cagot, o trabalho estava sendo feito de qualquer maneira (kirrimarra) por um homem apressado e atrapalhado (tarrapatakan).

Parou de cantar quando chegaram ao final da caverna em forma de diamante e estacou diante de uma galeria ampla, de teto baixo, que se abria como uma carranca, com uma risada negra e desdentada. Na verdade, aquilo tinha certa graça.

Le Cagot dirigiu o foco da sua lanterna para a passagem. A inclinação aumentava ligeiramente, mas não passava de uns quinze graus e havia espaço suficiente para um homem manter-se em pé. Era como uma avenida, um verdadeiro bulevar! E, ainda mais interessante, era provavelmente a última vista interessante do sistema de cavernas. Deu um passo à frente... e caiu, fazendo um barulho medonho.

O chão da caverna estava coberto por uma espessa camada de lama, lisa e nojenta como graxa e, de costas, Le Cagot estava escorregando declive abaixo, não muito rapidamente no começo, mas absolutamente incapaz de deter a queda. Xingou e bateu com as mãos procurando um ponto de apoio, mas tudo estava recoberto com aquela mistura escorregadia e não havia blocos de minério ou ressaltos nos quais pudesse se agarrar. Sua luta só fazia com que ele girasse continuamente sobre si mesmo, e ele descia de costas, meio sentado, impotente, furioso e ridículo. Seu escorregar começou a ganhar velocidade. Lá atrás, na beira do poço enlameado, Hel viu a luz da lanterna do amigo ficar cada vez menor à medida que se distanciava, girando lentamente como o facho de luz de um farol num porto. Não havia nada que pudesse fazer. A situação, em si, era engraçada, mas se houvesse um penhasco no final da passagem...

Não havia penhasco no final da passagem. Hel nunca ouvira falar numa passagem de marga com aquela profundidade. Bem longe, talvez a uns sessenta metros, a luz parou de se mover. Não se ouviu nada, nem um grito pedindo ajuda. Hel receou que seu amigo tivesse sido atirado contra as paredes da

passagem e estivesse deitado lá, todo arrebentado.

Então, um som subiu pela passagem, a voz de Le Cagot ribombando de fúria e ultraje, as palavras indistintas em função dos ecos repetidos, mas com uma clara tonalidade de dignidade ferida. Uma das frases destacava-se, nítida, em meio ao esbravejar repercutido: — ... Pelos Bagos Perfurados de São Sebastião!

Portanto, Le Cagot não estava ferido. A situação até que poderia ser divertida, não fosse pelo fato de que o único rolo disponível de corda tinha ido para baixo com Le Cagot. E nem mesmo aquele touro de Urt seria capaz de atirar um rolo de corda sessenta metros acima.

Hel soltou um suspiro profundo. Teria de voltar a atravessar a Caverna Zazpiak Bat, passar pela base da cachoeira, subir pelo canto de entulho, cruzar a queda d'água mais uma vez e escalar através da bruma gelada para pegar a corda que deixara no local com o objetivo de facilitar a retirada deles. Só de pensar naquilo, já se sentia esgotado.

Mas... Tirou sua mochila. Não havia porque levá-la com ele. Gritou da entrada da passagem de marga, espaçando as palavras para que elas não se embaralhassem com as reverberações.

— Vou... buscar... a... corda!

O ponto de luz moveu-se, lá embaixo. Le Cagot estava se levantando. — Já... não... era... sem... tempo! — veio a resposta. Subitamente, a luz desapareceu e se ouviu o som reverberando de alguma coisa caindo na água, seguido de mistura de furiosos xingamentos, pancadas na água, cuspidelas e mais xingamentos. Então, o ponto de luz reapareceu.

A gargalhada de Hel encheu a passagem e a caverna. Evidentemente, Le Cagot tinha caído no rio que, lá embaixo, devia ter novamente assomado à superfície. Bobeada típica de principiante!

A voz de Le Cagot voltou a repercutir pela passagem de marga: — Sou... capaz..., de... te... matar...quando...você... descer...aqui...embaixo!

Hel soltou outra gargalhada e iniciou sua caminhada para a cachoeira.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, estava de volta na entrada da passagem, prendendo a corda numa fenda resistente com o auxílio de um grampo.

Primeiro, Hel tentou deixar-se escorregar de pé, agarrado à corda, mas a manobra não deu certo. A marga era muito escorregadia. Quase imediatamente,

caiu sentado no chão, escorregando inicialmente sobre os pés, um esguicho de marga sujando suas virilhas e enlameando seus quadris. Aquela lama era uma meleca, um obstáculo degradante, formidável, é certo, mas não tinha a dignidade límpida de um bom desafio ao explorador de cavernas, como maciços e rochas em decomposição, poços verticais e sifões quadrangulares. Era apenas um inconveniente banal, estúpido e irritante, um problema cuja solução não traria glória alguma. Passagens de marga são desprezadas por todos os exploradores de cavernas que, alguma vez, já se emporcalharam nelas.

Quando, finalmente, Hel chegou silenciosamente até onde estava Le Cagot, o amigo estava sentado numa laje lisa, acabando de comer um biscoito e uma fatia de xoritzo. Fingiu não perceber a chegada de Hel, ainda revoltado com a sua indigna descida e encharcado com o mergulho involuntário.

Hel olhou em volta. Não havia dúvidas, aquele era o ponto extremo do sistema de cavernas. A câmara era do tamanho de uma casa pequena, ou de uma das salas de recepção do Castelo de Etchebar. Evidentemente, às vezes ficava alagada — as paredes eram lisas e o solo não tinha cascalhos. A rocha sobre a qual Le Cagot estava fazendo sua refeição cobria dois terços do piso e, num canto distante, havia uma depressão cúbica perfeitamente visível com cerca de cinco metros em cada canto — uma "adega" normal num poço de desaguamento, que era o ponto mais baixo de todo o sistema de cavernas. Hel foi até a beira da "adega" e dirigiu o foco de sua lanterna para baixo. As paredes laterais eram lisas, mas davam a impressão de serem fáceis de descer e ele se perguntou por que Le Cagot não tinha percorrido aquele caminho, o que o tornaria o primeiro homem a chegar até o final da caverna.

— Achei que eu devia te ceder a honra de ser o primeiro, — explicou o basco.

— Jogando limpo?

— Exatamente.

Alguma coisa ali estava tremendamente errada. Mesmo sendo basco até os ossos, Le Cagot fora educado na França, e o conceito de jogo limpo é inteiramente estranho à mentalidade francesa, um povo que produziu gerações de aristocratas, mas nem um só cavalheiro; uma cultura na qual o legal substitui o justo; uma língua cuja única expressão para jogo limpo é tomada emprestada do inglês .

Mas, não fazia o menor sentido ficar parado ali, deixando que o solo daquela derradeira "adega"permanecesse intocado. Hel olhou para as paredes, procurando os melhores pontos de apoio.

... Um momentinho! Aquele som de alguma coisa caindo na água! Le Cagot tinha caído na água. Onde?

Cuidadosamente, Hel tocou com a biqueira da bota na entrada da "adega". Alguns centímetros mais abaixo, a ponta da bota rompeu a superfície de uma piscina natural tão límpida que parecia ser feita de ar. Os contornos das rochas que formavam o piso apareciam tão bem desenhados que ninguém diria que estavam debaixo d'água.

— Seu miserável! — murmurou Hel. Então, caiu na gargalhada. — E você não percebeu a água e caiu lá dentro feito um patinho, não foi?

No momento em que puxou a bota, o encrespar da superfície desapareceu, sugado pela ação de sifão que vinha de baixo. Hel ajoelhou-se ao lado da piscina e examinou-a, fascinado. A superfície não era completamente imóvel; apenas dava essa impressão em função da forte corrente subterrânea. Na verdade, movia-se quase imperceptivelmente e, quando ele mergulhou o dedo, sentiu uma forte sucção e pode ver o movimento da água. Agora percebia uma abertura triangular no fundo da piscina, que deveria ser a desembocadura do rio. Ele já encontrara piscinas traiçoeiras como esta em outras cavernas, reservatórios onde a água entrava sem borbulhar — o que disfarçava a correnteza — uma água tão isenta de minerais e microorganismos que não tinha nem a sua leve cor característica.

Hel examinou as paredes da pequena câmara à procura de sinais de linha de água. Evidentemente, o fluxo de líquido através da abertura triangular no fundo do reservatório tinha que ser muito constante, mas o volume do rio subterrâneo variava com as precipitações pluviométricas e a água filtrada pelas rochas. Toda aquela câmara e a passagem de marga atrás deles agiam como uma espécie de cisterna que acertava a diferença entre o fluxo e o defluxo. Esta era a razão do aparecimento de marga numa profundidade tão grande. Não restava dúvida de que a câmara onde se encontravam ficava imersa em inúmeras ocasiões, e a água refluía pela passagem acima. Na verdade, em raras ocasiões de chuva muito forte, a cachoeira que ficava lá atrás acabava desaguando num lago raso que tomava todo o piso da Caverna Zazpiak. Isso explicaria a enorme quantidade de estalagmites na caverna em forma de diamante. Se eles tivessem entrado ali em outra época, digamos uma semana depois que chuvas torrenciais tivessem penetrado rocha adentro, teriam terminado sua expedição na Caverna Zazpiak. Durante todo o tempo, tinham se preparado para fazer uma exploração submarina rumo a uma desembocadura mais à frente, mas isso numa segunda exploração, desde que a marcação de tempo feita com o fingimento da água

indicasse a viabilidade da aventura. Mas se tivessem sido impedidos de prosseguir pelo lago raso na caverna de cima, teria sido muito pouco provável que Hel encontrasse aquela garganta de marga subaquática, nadasse por toda ela, encontrasse o poço de desaguamento da"adega", passasse pela entrada triangular e conseguisse vencer a forte correnteza até a embocadura. Ao descer depois de um longo período de seca, eles tinham tirado a sorte grande.

— E aí? — perguntou Le Cagot, olhando para o relógio. — Já podemos jogar a tintura?

— Que horas são?

— Quase onze.

— Vamos esperar até as onze em ponto. Assim vai ficar mais fácil fazer os cálculos. — Hel olhou para o painel invisível de água. Era difícil acreditar que lá embaixo, no meio daquelas rochas perfeitamente delineadas, passava uma corrente muito forte, sugando tudo. — Gostaria de saber duas coisas, — comentou.

— Só duas?

— Gostaria de saber em que velocidade aquela correnteza está puxando. E gostaria de saber se aquela boca de tubo triangular está livre.

— Vamos supor que a gente consiga uma boa contagem de tempo — digamos, dez minutos — você vai tentar passar nadando por aí na próxima vez que descermos?

— Mas, claro. Mesmo com quinze minutos.

Le Cagot balançou a cabeça: — Vai precisar muita corda, Nikko. Quinze minutos dentro de um tubo como aquele é muito tempo para que eu consiga puxá-lo de volta, contra a correnteza, se alguma coisa der errado. Não, acho que não dá. Dez minutos é o máximo. Se demorar mais que isso, é melhor a gente deixar pra lá. Afinal de contas, não é tão mal assim deixar algumas partes da Natureza em sua misteriosa virgindade.

Le Cagot estava com a razão, claro.

— Você tem um pedaço de pão aí na sua mochila? — perguntou Hel.

— O que é que você vai fazer?

— Jogar na água.

Le Cagot partiu um pedaço do seu filão. Hel colocou-o suavemente sobre a superfície da água e ficou observando o movimento que fazia. Afundou bem devagarinho, como se caísse em câmera lenta em pleno ar, mas pulsava e vibrava

impulsionado por invisíveis torvelinhos. Era uma visão irreal e fantasiosa, e os dois homens, fascinados, não desgrudavam os olhos dela. Então, subitamente, como num passe de mágica, o pão desapareceu. Tinha encontrado a correnteza subterrânea e fora sugado pelo tubo numa velocidade maior do que a percepção do olho humano.

Le Cagot soltou um assobio. — Não sei, não, Nikko. Isso não está me cheirando nada bem.

Mas Hel já estava tomando as decisões preliminares. Teria que entrar no tubo primeiro com os pés, e sem pés de pato porque seria um verdadeiro suicídio entrar naquele tubo de cabeça, dado que poderia haver um bloco de minério escondido lá dentro, bloqueando a passagem. Seria uma bela trombada. Além disso, ele gostaria, se tivesse que retroceder, de sair com a cabeça antes para que pudesse ajudar, com os pés, Le Cagot a içá-lo, amarrado à corda.

— Não estou gostando nem um pouco, Nikko. Aquele pequeno buraquinho lá embaixo pode dar cabo de você e, o que é muito pior, diminuir em um o número dos meus admiradores. Lembre-se, mergulhar é coisa perigosa. E, se um homem morre, mesmo com um só pecado na alma, vai direto para a Espanha.

— Temos algumas semanas para pensar no assunto. Depois que sairmos daqui, a gente conversa e resolve se vale a pena trazer o equipamento de mergulho para baixo. Por enquanto, o que a gente sabe é que o teste de fingimento vai nos dizer se o tubo é longo demais para arriscar um mergulho. Que horas são?

— Está quase na hora.

— Então, vamos jogar a tintura.

A tintura que tinham levado para baixo estava em sacos de dois quilos. Hel tirou-os de dentro das mochilas e Le Cagot abriu-os, colocando-os ao longo da beirada do poço de desaguamento da "adega". Quando o ponteiro dos minutos chegou no 12, eles jogaram os sacos na água. Um pó verde escuro saiu pelas aberturas dos sacos assim que eles entraram em contato com a água cristalina. Dois deles desapareceram instantaneamente pelo tubo triangular, mas os outros dois pousaram no fundo, soltando faixas coloridas e desfocadas que deslizavam horizontalmente rumo à abertura, até que os sacos, já quase vazios, foram levados pela correnteza. Três segundos depois, a água já estava novamente límpida e aparentemente imóvel.

— Nikko, eu resolvi batizar este pequeno lago de Alma de Le Cagot.

— Ah, é?

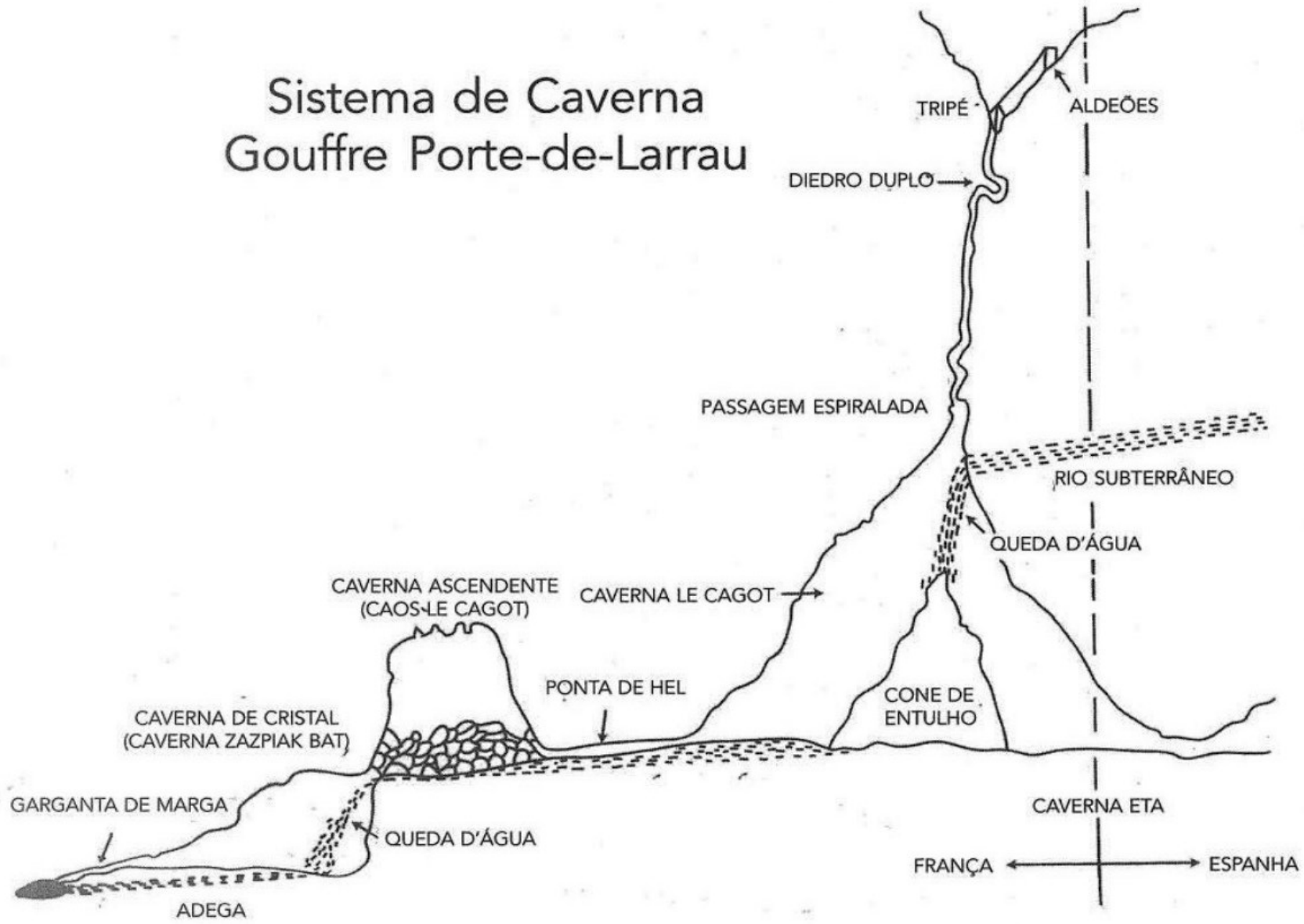
— Sim. Porque ele é límpido, puro e transparente.

— Mas também traiçoeiro e perigoso, não?

— Quer saber de uma coisa, Nikko? Eu estou começando a suspeitar de que você é um homem prosaico. Essa é uma grande falha sua.

— Ninguém é perfeito.

— Fale por si mesmo.


Sistema de Caverna
Gouffre Porte-de-Larrau
TRIPÉ
ALDEÕES
DIEDRO DUPLO
PASSAGEM ESPIRALADA
RIO SUBTERRÂNEO
QUEDA D'ÁGUA
CAVERNA ASCENDENTE
(CAOS-LE CAGOT)
CAVERNA LE CAGOT
PONTA DE HEL
CONE DE
ENTULHO
CAVERNA DE CRISTAL
(CAVERNA ZAZPIAK BAT)
GARGANTA DE MARGA
QUEDA D'ÁGUA
CAVERNA ETA
FRANÇA
ESPANHA
ADEGA

A volta à base no cone de entulhos foi relativamente rápida. O recém-descoberto sistema de caverna era, no final das contas, um conjunto de acesso livre e fácil, sem exigir demorados rastejamentos por passagens estreitas, contornando encostas perigosas, sem buracos a serem evitados, já que o rio subterrâneo corria sobre um leito de xisto duro.

Os garotos bascos, que estavam cochilando ao lado do guincho, se espantaram ao ouvir as vozes dos dois, pelos fones de ouvido dos telefones de campanha, muitas horas antes do que esperavam.

— Temos uma surpresa para vocês — avisou um dos garotos pelo telefone.

— O que é? — perguntou Le Cagot.

— Quando chegar aqui, você vai descobrir.

A demorada subida desde o topo do cone de entulhos até a primeira garganta espiralada, foi extenuante para os dois. O esforço sobre o diafragma e o peito por ficarem pendurados num arnês de pára-quedista é muito grande e sabe-se de alguns homens que morreram sufocados nessas condições. Foi uma constrição desse mesmo tipo que causou a morte de Cristo na cruz — um fato que não escapou à observação e comentário de Le Cagot, auto-elogiando sua própria habilidade.

Para diminuir o tempo de tortura dos homens que se encontravam lá embaixo, dependurados nas tiras, tendo que lutar para conseguir respirar, os garotos que acionavam os pedais que operavam o guincho trabalharam heroicamente, até que os exploradores pudessem encontrar algum ponto de apoio na garganta espiralada para poderem descansar alguns momentos, injetando um pouco de oxigênio no sangue.

Hel foi o último a sair, deixando para trás a maior parte do equipamento, para que pudesse ser usado em futuras explorações. Depois de ter transposto o diedro duplo com o cabo frouxo, o içamento direto até a ponta do cone do gouffre era curto e ele emergiu, saindo de uma escuridão cegante... para uma claridade cegante.

Enquanto estiveram lá embaixo, uma inversão atmosférica fora do comum ocorrera nas montanhas, criando mais perigoso dos fenômenos meteorológicos: um whiteout .

Por muitos dias, Hel e seus companheiros acampados nas montanhas sabiam que as condições atmosféricas estavam, se desenvolvendo rumo a um whiteout porque, como todos os bascos de Haute Soule, estavam constantemente, se bem que de forma subconsciente, atentos aos padrões

meteorológicos que pudessem ser facilmente percebidos no eloqüente céu da região, onde os ventos dominantes circulavam em seu movimento antigo e regular de rosa dos ventos. Primeiro, o Ipharra, o vento do norte, varre o céu levando embora as nuvens e traz uma luz fria, verde-azulada, tingindo e enevoando as montanhas distantes. A duração do Ipharra é curta e logo o vento muda de direção, indo para o leste, e se torna o fresco Iduzihaizea, o "vento ensolarado", que aparece toda manhã e só some ao anoitecer, produzindo o paradoxo de tardes frias e noites quentes. A atmosfera fica úmida e límpida, fazendo com que os contornos das paisagens interioranas fiquem muito bem delineados, especialmente quando o sol está baixo e sua luz, caindo obliquamente, ressalta as texturas dos arbustos e árvores; mas o orvalho esmaece e obscurece os detalhes das montanhas distantes, atenuando seus contornos, esfumaçando os limites entre montanha e céu. Então, numa bela manhã, a pessoa olha para fora e descobre que a atmosfera ficou cristalina, e as montanhas distantes perderam sua névoa azulada, fecharam-se em torno do vale e seus contornos bem definidos parecem cortar o ardente azul do céu. Esse é o tempo do Hego-churia, o "vento branco do sudeste". No outono, o Hego-churia costuma prevalecer por semanas a fio, trazendo ao país basco a sua mais bela estação. Como se numa espécie de justiça cármica, a glória do Hego-churia é seguida pela fúria do Haize-hegoa, o "vento seco que sopra do sul" que uiva ao redor das encostas das montanhas, batendo nos postigos das aldeias, arrancando telhas dos telhados, derrubando as árvores mais fracas, erguendo cegantes rodamoinhos de poeira do solo. De maneira tipicamente basca – onde o paradoxo é normal — o perigoso vento do sul é deliciosamente quente no contato com a pele. Mesmo quando uiva pelos vales e fustiga as casas durante toda a noite, as estrelas continuam nitidamente visíveis, parecendo muito próximas da terra. E um vento caprichoso que, de repente, fica absolutamente silencioso, como o absoluto nada que se ouve após um tiroteio, depois retomando sua fúria avassaladora, destruindo as coisas feitas pelo homem, testando a resistência e redesenhando as coisas feitas por Deus, aguçando os temperamentos e arrebentando os nervos com seus gemidos constantes atrás dos cantos e seus lamentos que entram pelas chaminés. Como o Haize-hegoa é caprichoso e perigoso, belo e impiedoso, enervante e sensual, é constantemente citado nos provérbios bascos como metáfora da mulher. Finalmente esgotado, o vento sul se dirige para o oeste, trazendo chuvas e nuvens pesadas que têm seus bojos cinzentos mas cintilam, prateadas, nas beiradas. Há — como sempre acontece no País dos Bascos — um velho provérbio que define o fenômeno: Hegoak hegala urean du, "O vento sul voa com uma das asas mergulhada na água". A chuva do vento sudoeste despenca forte e vertical e é boa para a terra.

Mas muda novamente de direção e traz o Haize-belza, o "vento negro", com suas fortes rajadas que fazem a chuva cair horizontalmente, fazendo com que os guarda-chuvas se tornem mais que inúteis, cômicamente traiçoeiros. Então, numa bela tarde, sem que ninguém espere, o céu fica claro e o vento da superfície desaparece, mesmo que as rajadas persistam na altitude, açoitando os conglomerados de nuvens, dilacerando-as, transformando-as em filetes soltos no céu. Quando o sol se põe, arquipélagos quiméricos de nuvens brancas levados pelo vento se arrastam rumo ao sul onde se acumulam, dourados e avermelhados, contra as encostas das montanhas.

Essa esplendorosa visão dura apenas uma noite. A manhã seguinte já traz a luz esverdeada do Ipharra. O vento norte voltou. O ciclo vai recomeçar.

Embora normalmente os ventos obedeçam ao ciclo da rosa dos ventos, cada um com sua personalidade distinta, não se pode dizer que o tempo basco seja previsível, pois em alguns anos ocorrem três ou quatro ciclos, enquanto em outros apenas um. E, dentro do contexto de cada vento predominante, também existem variações de força e duração. Na verdade, não é incomum que, durante a noite, o vento mude inteiramente de personalidade e, na manhã seguinte, tem-se a impressão de que uma das fases dominantes foi esquecida. Além disso, há um equilíbrio, por algum tempo, entre o predomínio de dois ventos, durante o qual nenhum deles predomina. Nessas ocasiões, o montanhês basco costuma dizer: — Hoje é um dia sem tempo.

E, quando não há tempo, nenhum movimento de vento nas montanhas, é que pode surgir o belo matador: o whiteout. Espessas camadas de neblina aparecem, ofuscantemente brancas já que recebem a luz forte do sol acima delas. Incômodo aos olhos, impenetrável, tão denso e brilhante que se uma pessoa estender o braço, mal vai conseguir enxergar a própria mão, e os pés se perdem num clarão leitoso, o whiteout forte produz uma situação mais perigosa do que a simples cegueira; traz consigo uma sensação de vertigem e inversão sensorial. Um homem acostumado a andar nas montanhas bascas é capaz de encontrar seu caminho na noite mais fechada. Sua cegueira momentânea gera um aumento compensador dos outros sentidos; o toque do vento no seu rosto lhe diz que está se aproximando de um obstáculo; os menores ruídos de cascalho rolando no solo indicam-lhe a inclinação do caminho e informam-lhe as distâncias. E a escuridão nunca é completa: existe sempre algum brilho no céu que pode ser percebido por pupilas extremamente dilatadas.

Mas, num whiteout, nenhuma dessas reações sensoriais compensadoras é sensível. Os nervos óticos, amortecidos e afetados pela excessiva luminosidade,

insistem em informar ao sistema nervoso central que são capazes de enxergar, e os sistemas de audição e tato relaxam, ficando entorpecidos. Não existindo vento — já que vento e whiteout não podem coexistir — não há como captar sutis informações sobre distâncias. E todos os sons são traiçoeiros pois, como se propagam através de uma atmosfera com uma taxa elevadíssima de umidade, parecem vir de todas as direções ao mesmo tempo, como acontece com os ruídos debaixo da água.

E foi no meio de um whiteout que Hel emergiu da escuridão do poço da caverna. Enquanto desafivelava o arnês de pára-quedista, a voz de Le Cagot veio de algum lugar lá em cima na beira do gouffre.

— Esta foi a bela surpresa que os garotos nos avisaram.

— Quanta gentileza. — Quando Hel chegou a uma das laterais do gouffre pode ver, muito mal, cinco formas se movimentando ao lado do guincho. Teve de chegar a um metro de distância para perceber que as outras duas eram os garotos que tinham acampado na Garganta de Holçarté, esperando o aparecimento da tintura que tinha sido jogada no rio subterrâneo. — Vocês escalaram a montanha com esse tempo? — perguntou Nicholai.

— Ainda estava se formando, quando nós viemos. Acabamos de chegar.

— Como é que estão as coisas lá embaixo?

Todos ali eram montanheses; sabiam muito bem o que ele estava querendo dizer.

— Mais cinzento.

— Muito mais?

— Muito.

Se a camada de neblina estava mais espessa lá embaixo, tentar passar por ela seria uma verdadeira loucura naquela região montanhosa, com mais buracos que um queijo suíço, cheia de reentrâncias traiçoeiras e gouffres íngremes. Teriam que escalar ainda mais e torcer para sair do meio do nevoeiro antes que a montanha acabasse. Durante um whiteout, é sempre aconselhável fazer isso, já que é muito difícil cair montanha acima.

Se estivesse sozinho, Hel poderia ter descido a montanha, atravessando o nevoeiro fechado com a ajuda dos seus dons sensoriais. Poderia confiar na combinação do seu sentido de proximidade com o conhecimento detalhado que tinha dos caminhos da montanha, para conseguir se movimentar cautelosamente sobre o terreno encoberto pela neblina cerrada. Mas não poderia se

responsabilizar por Le Cagot e os quatro garotos bascos.

Como era impossível enxergar direito a uma distância superior a um metro e não se via absolutamente nada a mais de três, eles se ataram com uma corda e Hel liderou a lenta e cuidadosa subida, escolhendo o caminho mais longo e fácil, contornando pedras salientes, atravessando áreas inclinadas e pedregosas, deixando para trás as bordas dos gouffres profundos. A camada de neblina não ficou mais espessa, mas, quanto mais subiam e se aproximavam da luz do sol, mais ofuscante ela ficava. Depois de três quartos de hora, Hel penetrou subitamente numa área banhada pelo sol, sob um céu límpido e azul. A cena que tinha diante de si era a um só tempo deslumbrante e apavorante. Na total imobilidade da camada de neblina, o movimento do seu corpo subindo pelo meio dela criava redemoinhos lânguidos que flutuavam preguiçosamente atrás dele na direção em que a corda prendia o homem seguinte, apenas dez metros mais abaixo, mas escondido no meio da bruma. Ele estava praticamente na mesma altitude de uma plataforma de espessa névoa branca que se estendia, perfeita e estável, por centenas de quilômetros, preenchendo todo o vale lá embaixo como uma camada de neve. Perfurando esse lençol de neblina, os picos dos Pireneus apareciam, claros e pontiagudos, sob a ardente luz do sol, como se fossem pedrinhas de um mosaico presas a uma espessa camada de gesso. E, acima dessa visão, estava o céu azul-profundo, característico do país basco. A quietude era tão absoluta que ele era capaz de ouvir o passar e pulsar do próprio sangue nas têmporas.

Então, ouviu um outro som. A voz de Le Cagot, vindo lá de baixo e inquirindo, — Como é? Nós vamos ficar aqui parados para sempre? Pelos Lamuriosos Bagos de Jeremias, por que é que você não se lembrou de mijar antes de começar a caminhada? — E quando surgiu, rompendo a camada de nevoeiro, disse, — Ah! Então é isso! Você está se deliciando com o espetáculo do país basco sozinho, enquanto nós ficamos balançando lá embaixo como iscas na ponta de um anzol! Sabia que você é um porco egoísta, Nikko?

O sol estava começando a se pôr, e eles tiveram que se deslocar pela encosta da montanha com alguma pressa, para conseguir chegar ao artzain xola localizado no ponto mais elevado, antes que escurecesse. Quando chegaram, encontraram o abrigo já ocupado por dois velhos pastores que também tinham sido levados até ali pelo whiteout. Os pesados fardos que carregavam revelavam que eram contrabandistas em pequena escala. O temperamento basco se coaduna mais com o contrabando do que com o comércio; eles preferem roubar a caça já abatida do que correr atrás de animais vivos. Afinal de contas, atividades socialmente aceitas não têm graça nenhuma.

Houve uma troca de saudações e vinho e eles ergueram os oito punhos para o céu, amaldiçoando eventuais intrusos e declarando que, se a vontade deles tivesse poder, qualquer avião que por ali passasse cairia do céu como um pássaro abatido, emporcalhando a Espanha com os corpos de duzentos estúpidos turistas a caminho de Lisboa, e livrando o mundo da carga de um excesso populacional, uma vez que qualquer pessoa que ousasse voar num momento tão sublime quanto aquele era, por definição, um ser descartável.

A exacerbação de Le Cagot ganhou alturas e ele estendeu a sua maldição a todos os forasteiros que profanavam as montanhas: os turistas, os andarilhos, os caçadores, e especialmente os esquiadores que levam máquinas vis para as montanhas, porque são mariquinhas demais para escalar a encosta a pé, e que constroem alojamentos horrorosos e organizam festas espalhafatosas, depois de esquiar. Um bando de merdas imundos! Foi por ter de tratar com esses esquiadores tagarelas e suas engenhocas barulhentas que Deus disse, no oitavo dia: — Façam-se os revólveres!

Um dos velhos pastores assentiu, sabiamente, com a cabeça e declarou que todos os forasteiros são, sem nenhuma exceção, maus. — Atzerri; otzerri.

Seguindo o ritual de conversas entre estranhos, Hel combinou esse antigo ditado com: — Mas eu suponho que chori bakhoitzari eder bere ohantzea.

— É mesmo — concordou Le Cagot — Zahar hitzak, zuhur hitzak. Hel sorriu. Aquelas eram as primeiras palavras que aprendera na língua basca, anos atrás, na sua cela na Prisão Sugamo. — Com a possível exceção daquele.

Os velhos contrabandistas ficaram pensando na resposta por uns instantes, depois ambos gargalharam, batendo nos joelhos com a palma das mãos. — Horiphensatu zuenak, ongi afaldu zuen! ("Um inglês sempre se diverte com uma historinha inteligente". Segundo a cultura basca, é o ouvinte quem mais se diverte).

Ficaram sentados em silêncio, bebendo e comendo lentamente enquanto o sol se punha, arrastando atrás de si o dourado e o avermelhado das camadas de nuvens. Um dos jovens exploradores esticou as pernas com um suspiro de satisfação e declarou que aquilo sim, é que era vida. Hel sorriu para si mesmo, consciente que aquela, provavelmente, não seria a vida para o rapaz, já influenciado como estava pelo rádio e pela televisão. Como a maioria dos jovens bascos, ele possivelmente acabaria sendo atraído por um emprego nas fábricas das grandes cidades, onde sua mulher poderia ter uma geladeira, e ele poderia tomar Coca-Cola num café com mesas de plástico — a boa vida que era um produto do milagre econômico francês.

— É mesmo uma boa vida — comentou Le Cagot, preguiçosamente. — Eu já viajei pra tudo quanto é lado, virei o mundo na palma da minha mão como se fosse uma bela pedrinha e descobri uma coisa: um homem é mais feliz quando existe um equilíbrio entre as suas necessidades e suas posses. Agora, o problema é: como chegar a esse equilíbrio. Uma pessoa pode tentar fazer isso aumentando a quantidade dos seus bens até o nível dos seus desejos, mas isso seria uma burrice. A pessoa teria de fazer coisas não muito naturais como barganhar, regatear, dar uma de unha de fome, trabalhar. Ergo? Ergo, o homem sábio chega ao equilíbrio reduzindo suas necessidades até o nível das suas posses. E a melhor maneira de fazer isso é aprendendo o valor das coisas que são de graça na vida: as montanhas, a poesia, uma taça de vinho oferecida por um amigo, mulheres mais velhas e mais gordas. E quanto a mim? Ora, eu sou perfeitamente capaz de ser feliz com o que tenho. O principal problema é conseguir uma quantidade suficiente!

— Le Cagot? — chamou um dos contrabandistas, enquanto se acomodava num canto do artzain xola. — Conte-nos uma história para a gente ficar pensando antes de dormir.

— Isso mesmo — complementou seu amigo — E que seja sobre os velhos tempos.

Verdadeiro poeta popular, muito mais capaz de contar uma história do que de escrevê-la, Le Cagot começou a narrar fábulas com sua rica voz de baixo profundo, enquanto os outros escutavam ou cochilavam. Todos conheciam as histórias, mas o prazer estava em como eram recontadas. E o basco é uma língua que se presta muito mais à tabulação do que à troca de informações. Ninguém é capaz de aprender a falar basco com toda a beleza do idioma; como a cor dos olhos ou o tipo sangüíneo, é uma coisa com a qual se precisa nascer. A língua é sutil e sua gramática muito maleável, com sua disposição perifrástica de palavras, suas declinações vagas, suas conjugações duplas, tanto sintéticas quanto perifrásticas, suas velhas formas narrativas misturadas a padrões verbais formais. O basco é uma canção e, mesmo que os estrangeiros possam aprender as palavras, jamais compreenderão a música.

Le Cagot contou a fábula da Basa-andere, a Mulher-Selvagem que mata os homens da maneira mais maravilhosa. Todo mundo sabe que a Basa-andere é linda e nasceu para o amor, e que os sedosos cabelos loiros que cobrem todo seu corpo são estranhamente atraentes. Se a um homem acontece a infelicidade de encontrá-la na floresta (ela é sempre encontrada de joelhos na frente de um riacho, penteando o cabelo da barriga com um pente de ouro), ela vira-se para

ele e o imobiliza com um sorriso, então se deita de costas e levanta os joelhos, oferecendo seu corpo. E todos sabem que o prazer que ela pode oferecer é tão intenso que, ao chegar ao clímax, o homem morre. Mas, mesmo assim, muitos e muitos escolhem morrer, suas costas arqueadas na agonia de um prazer indescritível.

Um dos velhos contrabandistas declarou que, certa vez, encontrou nas montanhas um homem que morrera dessa forma e, no seu olhar apagado e fixo, havia uma terrível mistura de pavor e prazer.

Então, o mais jovem dos garotos fez uma oração pedindo a Deus que lhe desse forças para resistir, caso algum dia se visse diante da Basa-andere com seu pente de ouro. — Você diz que o corpo dela é totalmente coberto de cabelos dourados, Le Cagot? Eu não consigo imaginar peitos cobertos de cabelos. E os mamilos, ficam visíveis?

Le Cagot fungou e se esticou no chão. — Para dizer a verdade, eu não posso afirmar nada baseado numa experiência pessoal, minha criança. Estes olhos nunca viram a Basa-andere. E isso me deixa bem satisfeito porque, se nos tivéssemos encontrado, essa pobre dama já estaria, neste momento, morta de tanto prazer.

O velho soltou uma gargalhada e, arrancando um tufo de grama, jogou-o sobre o poeta. — Para dizer a verdade, Le Cagot, você está tão cheio de merda quanto Deus de misericórdia!

— É verdade — admitiu Le Cagot. — Pura verdade. Você já me ouviu contar a história de...

Quando amanheceu, o whiteout tinha desaparecido, afastado pelos ventos da noite. Antes de se separarem, Hel pagou aos garotos pela ajuda e pediu-lhes para desmontar o guincho e o tripé e levá-los para baixo, para um celeiro em Larrau, onde ficariam guardados, uma vez que eles já tinham começado a planejar a próxima exploração da caverna, dessa vez com roupas e equipamentos de mergulho, uma vez que os rapazes que tinham acampado perto da embocadura da Garganta de Holçarté tinham anotado que a tintura aparecera na água oito minutos depois das onze. Mesmo que oito minutos não seja muito tempo, indicava uma distância considerável, se atentarmos para a velocidade da corrente que passa através do tubo triangular no fundo da "adega". No entanto, caso o tubo de água não estivesse cheio de obstruções, ou fosse estreito demais para a passagem de um homem, eles teriam o prazer de explorar sua caverna desde o

poço de entrada até a embocadura, antes de revelar o segredo da sua descoberta para a comunidade de exploradores de cavernas.

Hel e Le Cagot caminharam rapidamente, deslizando pela encosta da montanha até a estreita trilha onde tinham deixado estacionado o Volvo de Hel. Como era seu hábito, Hel desferiu um violento pontapé na porta e, depois de verificar, com satisfação, o amassado na lataria, eles entraram e se dirigiram para a aldeia de Larrau, onde fizeram uma parada para tomar um caf é-da-manhã constituído de pão, queijo e café, não sem antes terem batido e espanado as roupas para tirar a maior parte da lama seca que os cobria.

A anfitriã era uma viúva vigorosa, com um corpo forte e avantajado e uma gargalhada que soava obscena, que destinava dois cômodos da sua casa para a instalação de um café-restaurante-tabacaria. Ela e Le Cagot tinham um relacionamento de muitos anos e, sempre que as coisas esquentavam para ele na Espanha, ele rumava para a França através da Floresta de Irraty, onde ficava aquela aldeia. Em priscas eras, a Floresta de Irraty fora tanto um santuário quanto uma passagem para contrabandistas e bandidos que cruzavam as fronteiras das províncias bascas sob o domínio espanhol para as que ficavam sob domínio francês. Uma tradição imemorial ditava ser falta de educação — além de muito perigoso – deixar perceber que se reconhecia alguém encontrado naquela floresta. Quando entraram no café, ainda encharcados, foram questionados pela meia dúzia de anciões que lá se encontravam, saboreando seu vinho matinal. Como tinham ido as coisas lá no gouffrel Havia uma caverna debaixo do buraco?

Le Cagot estava pedindo seu café da manhã, com a mão pousada, num gesto de evidente posse, no quadril da anfitriã. Não teve de pensar duas vezes para decidir manter em segredo o descobrimento da nova caverna e imediatamente adotou o comportamento basco de responder perguntas diretas de modo vago e desorientador, o que não era a mesma coisa que mentir.

— Nem todos os buracos têm cavernas embaixo, meus bons amigos. Os olhos da viúva cintilaram no que ela entendeu ter um duplo sentido. Afastou a mão dele com satisfeita coqueteria.

— E vocês encontraram alguma patrulha espanhola de fronteira? — perguntou um dos anciões.

— Não. Desta vez, não fui obrigado a sobrecarregar o inferno com mais algumas almas fascistas. Isso não te deixa feliz, Padre? — Le Cagot dirigiu essa última frase a um esquelético padre revolucionário que estava sentado no canto mais escuro do café e que tinha virado a cara quando percebera a entrada de Le

Cagot e Hel. O Padre Xavier nutria um ódio latente contra Le Cagot, mas não escondia a raiva que Hel lhe provocava. Mesmo nunca tendo enfrentado a violência, ele andava de aldeia em aldeia, ao longo da fronteira, pregando a revolução e tentando identificar os objetivos da independência basca com os da Igreja — uma vertente basca do esforço geral que faziam os vendedores de Deus para diversificar os itens sociais e políticos, agora que o mundo já não era mais um bom mercado para o medo do inferno e a salvação da alma.

A raiva do padre (que ele chamava de "santa indignação") por Le Cagot baseava-se no fato de que os louvores e a aclamação ao herói, que deveriam pertencer por direito aos líderes ordenados da revolução, estavam sendo desviados para aquele blasfemo e escandaloso vagabundo, que passara parte da sua vida na Terra dos Lobos, fora do País Basco. Mas Le Cagot, pelo menos, era natural da região. Já esse tal Hel era outra coisa. Era um forasteiro que nunca fora à missa e que vivia com uma oriental. E era exasperante para o padre ver que jovens exploradores de caverna bascos, garotos que deveriam ter escolhido seus ídolos entre as fileiras do clero, contavam histórias sobre as imundas expedições que ele organizava e sobre a época em que ele tinha, junto com Le Cagot, atravessado a fronteira da Espanha e penetrado numa prisão militar em Bilbao para libertar homens do ETA, que estavam presos. Esse era o tipo do homem que poderia contaminar a revolução e desviar suas energias do fim último, o estabelecimento de uma teocracia basca, a última fortaleza do catolicismo fundamentalista numa terra em que as práticas cristãs eram ancestrais e profundas, e onde as chaves dos portões do paraíso constituíam uma poderosa arma de controle.

Pouco depois de ter adquirido seu castelo em Etchebar, Hel começou a receber ameaças anônimas e cartas recheadas de ódio. Em duas ocasiões houve tumultos "espontâneos" no meio da noite, do lado de fora do castelo, e gatos vivos, amarrados em varas ardentes, foram atirados contra as muralhas da propriedade, berrando nos paroxismos da morte. Mesmo que a experiência de Hel já lhe tivesse ensinado a desprezar esses padres fanáticos do Terceiro Mundo, que incitam crianças à morte com o propósito de associar a causa da reforma social com a Igreja, para salvar esta instituição da atrofia natural trazida pelo conhecimento e esclarecimento, ele, mesmo assim, não podia ignorar esse tipo de hostilidade. Mas, agora que a cultura japonesa estava infectada pelos valores ocidentais, ele pretendia estabelecer a sua residência definitiva no país basco, e tinha que pôr um fim nesses insultos porque a mentalidade basca ridicularizava os que são ridicularizados. Cartas anônimas e o frenesi da multidão no meio de um tumulto provocado são manifestações de covardia, e

Hel tinha um medo bem embasado dos covardes, que são sempre mais perigosos que os corajosos quando estão em maior número e têm uma oportunidade de atacar pelas costas, uma vez que são forçados causar o maior dano possível, já que morrem de medo das conseqüências de uma retaliação, caso o inimigo sobreviva.

Por meio dos contatos de Le Cagot, Hel descobriu o autor desses atos pusilânimes e, poucos meses depois, encontrou o padre na sala dos fundos de um café em Ste. Engrace, onde o sacerdote comia, em silêncio, uma refeição por conta da casa olhando, ocasionalmente, para Nicholai, que tomava uma taça de vinho tinto com alguns habitantes da aldeia — homens que tinham estado sentados na mesa do sacerdote, ouvindo sua sábia cantilena.

Quando os homens saíram para ir trabalhar, Hel juntou-se ao sacerdote na mesa dele. Padre Xavier começou a se levantar, mas Hel agarrou-o pelo braço e obrigou-o a sentar-se novamente: — O senhor é um bom homem, Padre — disse Hel, com a voz sussurrada que desenvolvera na prisão. — Um homem santo. Na verdade, neste exato momento, o senhor está muito mais perto do céu do que pensa. Termine sua refeição e ouça com atenção. Não vai mais haver nenhuma carta anônima, nenhum tumulto. Está entendido?

— Receio que eu não...

— Coma.

— O quê?

— Coma!

Padre Xavier enfiou outra garfada de comida na boca e ficou mastigando lentamente.

— Coma mais depressa, padre. Encha sua boca com esta comida que não foi comprada com o suor do seu rosto.

Os olhos do sacerdote estavam úmidos de raiva e medo, mas ele continuou enfiando garfada após garfada na boca, engolindo o mais rapidamente que conseguia.

— Se o senhor resolver continuar neste canto do mundo, padre, e se ainda não se sente preparado para encontrar o seu Deus, então vai ter de fazer o seguinte: cada vez que nos encontrarmos numa aldeia, o senhor vai sair da aldeia imediatamente. Cada vez que nos encontrarmos numa estrada, o senhor vai sair da minha frente e vai ficar de costas até que eu passe. E, outra coisa, o senhor certamente consegue comer mais depressa do que isso!

O sacerdote engasgou-se com o alimento e Hel saiu, deixando-o engasgado e gaguejando. Naquela noite, contou a história para Le Cagot, recomendando que ele a passasse adiante. Hel considerava necessário que aquele covarde fosse humilhado publicamente.

— Ei, Padre Esteka[4], por que o senhor não me responde? — perguntou Le Cagot.

O sacerdote levantou-se e saiu do café, enquanto Le Cagot gritava às suas costas, — Ei, o senhor não terminou sua refeição! Como eram católicos, os anciões que estavam no café não podiam rir; mas, sendo bascos, não puderam evitar risadinhas contidas.

Le Cagot deu uma palmada na bunda da proprietária a mandou que ela fosse buscar comida. — Acho que não fizemos um bom amigo aqui, Nikko. E ele é um homem de me mete medo. — Le Cagot soltou uma gargalhada. — Afinal de contas, o pai dele era francês, e muito ativo na Resistência.

Hel sorriu: — Você já conheceu algum francês que não fosse?

— É verdade. É espantoso como os alemães conseguiram manter a França sob controle com tão poucas divisões, considerando que todos os que não estavam esgotando os recursos alemães rendendo-se espertamente para terem de ser alimentados, estavam decidida e bravamente engajados na Resistência. Será que existe uma só aldeia que não tenha sua Praça da Resistência? Mas, sejamos justos, e tentemos entender a noção gálica de resistência. Qualquer hoteleiro que cobrasse mais caro de um alemão fazia parte da Resistência. Qualquer puta que transmitisse gonorréia a um soldado alemão era uma autêntica guerrilheira. Todos aqueles que obedeciam como cachorrinhos, mas não cumprimentavam os alemães com um alegre bonjour, eram heróis da liberdade!

Hel riu: — Você está sendo muito duro com os franceses.

— É a História que é dura com eles. Estou falando da verdadeira História, não a vérité à la cinquième Republique que eles ensinam nas escolas deles. Para dizer a verdade, eu admiro os franceses mais do que qualquer outro estrangeiro. Em todos esses séculos que foram vizinhos dos bascos, eles acabaram absorvendo certas virtudes — compreensão, perspicácia filosófica, senso de humor — que faz com que sejam os melhores entre os "outros". Mas até eu sou obrigado a admitir que eles são um povo ridículo, exatamente como não se pode escapar da conclusão de que os britânicos são michos, os italianos incompetentes, os americanos neuróticos, os alemães romanticamente selvagens,

os árabes depravados, os russos bárbaros e os holandeses só sabem fazer queijo. Tome por exemplo a particular manifestação do ridículo francês que faz com que eles tentem combinar a sua míope devoção ao dinheiro com a busca de uma gloire fantasma. O mesmo povo que liquida seu Borgonha para ganhar uns poucos trocados gasta, sem mais aquela, milhões de francos na contaminação atômica do Oceano Pacífico, na esperança de virem a ser considerados tecnologicamente iguais aos americanos. Eles acham que são o pequenino David contra o gigantesco Golias. Infelizmente para a imagem deles no resto do mundo, todos vêem as suas ações como o erotismo lúbrico de uma formiga apaixonada que sobe na perna de uma vaca, garantindo que não vai machucá-la.

Le Cagot olhou para o tampo da mesa, imerso em pensamentos. — Neste momento não me ocorre mais nada que eu possa dizer sobre os franceses.

A viúva viera juntar-se a eles na mesa, sentando-se ao lado de Le Cagot e pressionando o joelho dele com o seu. — Ei, você tem uma visita lá no Etchehelia, — comentou, dirigindo-se para Hel e usando o nome basco do castelo. — É uma garota. Estrangeira. Chegou ontem à noite.

Hel não se surpreendeu ao constatar que a notícia já chegara a Larrau, distante três montanhas e quinze quilômetros da sua casa. Não havia dúvida de que, quatro horas após a chegada da forasteira, todas as aldeias locais já estavam a par da novidade.

— O que você sabe sobre ela? — perguntou Hel.

A viúva deu de ombros e abaixou os cantos da boca, indicando que sabia só os fatos mais banais. — Ela tomou um café chez Jaureguiberry e não tinha dinheiro para pagar. Foi caminhando desde Tardets até Etchebar e foi vista diversas vezes pelos habitantes das colmas. É jovem, mas não demais. Usava uns shorts curtos com as pernas de fora e corre por aí que os seios são bem grandões. Foi recebida pela sua mulher, que pagou a conta dela no Jaureguiberry. Tem um sotaque inglês. E, segundo as velhas fofoqueiras da aldeia, ela é uma puta de Bayonne que foi posta para fora de casa porque dormiu com o marido da irmã. Como você vê, não se sabe quase nada sobre ela.

— Você está dizendo que ela é jovem e que tem uns peitões? — perguntou Le Cagot. — Então, não há dúvida que ela está me procurando, em busca da experiência definitiva.

A viúva lascou-lhe um beliscão na perna.

Hel levantou-se da mesa: — Acho que vou para casa tomar um banho e dar uma dormida. Você vem comigo?

Le Cagot olhou de esguelha para a viúva. — O que você acha? Devo ir?

— Não estou nem aí com o que você faz, meu velho.

Mas, quando ele começou a se levantar, ela o puxou de volta pelo cinto.

— Acho que vou ficar um pouquinho mais por aqui, Nikko. De noite, eu dou um pulinho na sua casa para dar uma olhada nessa garota de pernas de fora e peitos colossais. Se ela me agradar, pode ser que eu te conceda o privilégio de uma visita mais longa. Ai! Essa doeu!

Hel pagou a conta e foi até o seu Volvo. Deu um pontapé no pára-lama traseiro, entrou, e partiu na direção da sua casa.

Castelo de Etchebar

Depois de ter estacionado na Praça de Etchebar (ele não permite automóveis na sua propriedade) e dar, como despedida, um soco no teto do carro, Hel caminhou pela estrada particular que levava ao seu castelo sentindo, como sempre acontecia quando voltava para casa, uma afeição paternal por aquela construção do século XVII perfeitamente conservada, na qual aplicara anos de dedicação e milhões de francos suíços. Era a coisa que ele mais amava no mundo, uma fortaleza que o defendia física e emocionalmente contra o século XX. Fez uma parada na aléia em aclive que partia dos pesados portões para dar umas palmadinhas na terra que circundava um arbusto recém-plantado e, enquanto admirava a plantinha, sentiu a aproximação de uma aura vaga e desconcentrada que só podia ser de Pierre, seu jardineiro.

— Bonjour, M'sieur — cumprimentou Pierre, no seu jeito cantarolado, ao reconhecer Hel através da névoa de suas inúmeras taças de vinho, tomadas a intervalos regulares, desde que se levantava, ao amanhecer.

Hel cumprimentou-o de cabeça: — Soube que temos uma visita, Pierre.

— Pois é. Uma garota. Ainda está dormindo. As mulheres me contaram que ela é uma puta de...

— Já sei. A senhora já acordou?

— Com certeza. Foi informada, há vinte minutos, que o senhor estava chegando. — Pierre levantou os olhos para o céu e balançou a cabeça, com ar de quem sabia de tudo. — Ah, ah, ah! — comentou. Hel percebeu que ele estava se preparando para fazer uma previsão de tempo, como fazia sempre que eles se encontravam nos jardins. Todos os bascos de Haute Soule acreditam ter poderes genéticos especiais para fazer prognósticos meteorológicos, baseados nos seus conhecimentos sobre a montanha e nos diversos ditados populares dedicados à leitura dos sinais do tempo. As previsões de Pierre, transmitidas com uma inabalável segurança, jamais afetada pelo invariável desacerto, eram sempre o tópico principal da sua conversa com M'sieur Hel nos últimos quinze anos, desde que o bêbado da aldeia fora promovido a jardineiro do forasteiro e seu defensor oficial contra as fofocas da localidade.

— Ah, M'sieur, antes que o dia acabe, teremos chuva, — garantiu Pierre,

assentindo com a cabeça para si mesmo, com resignada convicção. — Então, não faz sentido plantar essas flores hoje.

— Não me diga, Pierre! — Quantas centenas de vezes tinham tido o mesmo diálogo?

— Pois é verdade. Na noite passada, quando sol se pôs, havia lampejos de vermelho e dourado nas pequenas nuvens sobre as montanhas. É um sinal seguro.

— Ah, é! Mas não é verdade que o ditado afirma o contrário? Não é arrats gorriak eguraldi?

— É o que diz o ditado, M'sieur. Mas acontece que... — Os olhos de Pierre brilharam de esperteza conspiratória enquanto ele dava um piparote no comprido nariz. — ... tudo depende da fase da lua.

— Ah, é?

Pierre fechou os olhos e assentiu lentamente, sorrindo benevolamente diante da ignorância de todos os estrangeiros, mesmo os que, no fundo, são boas pessoas, como M'sieur Hel. — Quando a lua está no quarto crescente, a regra é a que o senhor citou; mas quando a lua está no minguante, acontece exatamente o contrário.

— Entendi. Então, quando a lua está no quarto minguante o que se diz é Goiz gorriak dakarke uri, não?

Pierre franziu a testa, sentindo-se agora desconfortável com a necessidade de fazer uma previsão exata. Pensou um pouco antes de responder. — Isso varia, M'sieur.

— Tenho certeza que sim.

— E... ainda tem uma outra complicação.

— E você vai me contar qual é.

Pierre olhou em volta, meio sem jeito, e passou a falar em francês, para não correr o risco de ofender os espíritos da terra que, evidentemente, só falavam basco. — Vous voyez, M'sieur, de temps em temps, la lune se trompe!

Hel suspirou fundo e balançou a cabeça: — Tenha um bom dia, Pierre.

— O senhor também, M'sieur, — disse Pierre, e desceu a alameda para verificar se havia mais alguma coisa que necessitasse da sua atenção.

Com os olhos fechados e o pensamento solto, Hel mergulhou até a altura do pescoço na banheira japonesa de madeira, cheia de água tão quente, que entrar ali fora uma experiência limítrofe entre a dor e o prazer. Assim que souberam que Monsieur Hel estava chegando de Larrau, os serviçais tinham acendido o fogão de lenha e, quando ele já tinha se esfregado bem e tomado uma ducha de água gelada, sua banheira japonesa estava cheia e a pequena casa de banho tomada por um denso vapor.

Hana cochilava em frente dele, sentada num banco mais alto que lhe permitia também ficar com a água à altura do pescoço. Como sempre, quando tomavam banho juntos, seus pés estavam entrelaçados.

— Você quer saber sobre a visita, Nicholai?

Hel balançou a cabeça lentamente, não querendo interromper seu relaxamento comatoso. — Mais tarde, — murmurou.

Passado mais um quarto de hora, a água tinha esfriado o suficiente para que qualquer movimento dentro da banheira já fosse desconfortável. Ele abriu os olhos e sorriu, sonolentamente, para Hana. — A gente vai ficando velho, cara amiga. Depois de alguns dias nas montanhas, o banho se torna antes uma necessidade medicinal que um prazer.

Hana sorriu de volta e apertou os pés dele entre os dela. — Era uma boa caverna?

Ele assentiu: — Na verdade, uma caverna fácil. Dava para andar lá dentro sem ter que rastejar por muito tempo, nem enfrentar sifões. Mesmo assim, acho que meu corpo já não conseguiria agüentar muito mais.

Ele subiu pelos degraus laterais da banheira e passou por trás do painel acolchoado que isolava o banheiro de um pequeno jardim japonês que, há quinze anos, ele vinha cultivando e achava que ficaria apresentável dentro de mais uns quinze. O vapor flutuava, passando por ele em direção ao ar frio, e parecia abraçar a sua pele, ainda tensa e ardente por causa do calor. Aprendera que uma banheira quente, vinte minutos de meditação leve, uma hora fazendo amor e uma ducha rápida eram o suficiente para devolver o vigor ao seu corpo e espírito, muito mais do que uma noite de sono; e esta rotina se tornou básica para ele cada vez que retornava de uma exploração de caverna ou, nos velhos tempos, de uma operação contraterrorista.

Hana saiu da banheira e vestiu um quimono leve sobre o corpo ainda molhado. Ela o ajudou a vestir seu quimono de banho e eles caminharam pelo jardim, onde ele parou um instante para arrumar uma pedra que provocava um

agradável som quando banhada pelas águas de um riachinho que nascia no pequeno lago. Como o fluxo de água era baixo, o som da pedra lhe pareceu muito agudo. O banheiro, com suas paredes de madeira grossa, ficava meio escondido atrás de um biombo de bambu que contornava três lados do jardim. Em frente a ele, havia uma estrutura baixa de madeira escura e painéis corrediços de papel que abrigavam o seu quarto japonês, onde ele estudava e meditava e a sua "sala de armas", onde guardava o equipamento necessário para o exercício da profissão da qual, recentemente, se aposentara. O quarto lado do jardim era fechado pelos fundos do castelo, e ambas as construções japonesas eram estanques, para evitar que se quebrasse a perfeição da fachada em mármore da mansão. Hel passara um verão inteiro trabalhando na edificação das estruturas japonesas com dois artesãos que trouxera de Kyushu para este propósito, homens velhos o suficiente para ainda se lembrarem de como se trabalhava com madeira e cunha.

Ajoelhados diante de uma mesinha baixa laqueada, virada para o jardim japonês, eles comeram uma refeição leve constituída de bolinhas de melão (quentes, para acentuar o sabor almiscarado), tortas de ameixa (não muito maduras, geladas e cobertas de suco), bolinhos de arroz natural e meio copo de Irouléguy gelado.

Acabada a refeição, Hana levantou-se da mesa. — Quer que eu feche os painéis?

— Deixe um deles meio aberto, para que a gente possa ver o jardim.

Hana sorriu. Hel e o seu jardim... como um pai com seu filho delicado e cheio de vontades próprias. O jardim era o mais importante dos bens dele e freqüentemente, depois de uma viagem, ele voltaria para casa sem prévio aviso, trocaria de roupa e ficaria trabalhando no jardim por horas a fio, antes que alguém descobrisse que ele estava em casa. Para ele, o jardim com suas articulações sutis, era uma manifestação concreta de shibumi e havia uma espécie de justiça outonal no fato de que ele provavelmente não viveria o tempo suficiente para vê-lo atingir a plenitude.

Hana deixou cair o quimono. — Vamos fazer uma aposta?

Ele riu. — Vamos, sim. O vencedor ganha... vejamos. Que tal meia hora de Encanto da Navalha?

— Ótimo. Tenho certeza de que vou me divertir bastante.

— Você tem tanta certeza de si mesma?

— Meu bom amigo, você esteve lá nas montanhas por três dias. O seu

corpo esteve ansiando por amor, mas não teve como dar vazão ao sonho. Assim, você começa esta aposta em grande desvantagem.

— Isso veremos.

Com Hana e Nicholai, os jogos amorosos eram tanto mentais quanto físicos. Ambos eram estágio IV na categoria de amantes, ela por causa do excelente treinamento que tivera, ele por causa do controle mental que aprendera desde jovem e pelo seu dom de sentido de proximidade, que lhe permitia vislumbrar as sensações da sua parceira e saber precisamente em que estágio ela estava no caminho para o clímax. O jogo consistia em provocar o clímax no outro antes de atingir o próprio, e não havia regras ou barreiras a serem respeitadas. O vencedor ganhava o Encanto da Navalha, uma massagem excitante e, ao mesmo tempo, profundamente relaxante, na qual a pele dos braços, pernas, peito, costas, estômago e região púbica era levemente roçada por uma afiada navalha. O prazer vibrante e o medo contido de que a lâmina afundasse combinavam-se, exigindo que a pessoa que estava sendo massageada relaxasse totalmente, como única alternativa para a tensão e o prazer, ambos quase insuportáveis. Evidentemente, o Encanto da Navalha começava pelas extremidades, varrendo as ondas de emoção para o centro do corpo enquanto a navalha se aproximava das zonas erógenas, que ficavam ardentes de paixão e excitadas com o espectro do medo. Existem sutilezas técnicas quando a navalha chega a essas regiões que são perigosas demais para serem descritas.

O Encanto da Navalha culmina com um rápido amor oral.

Aquele que vencesse a aposta, fazendo com que o outro atingisse o clímax primeiro, receberia o Encanto da Navalha, e havia um cunho especial na maneira como eles jogavam o jogo. Eles se conheciam bem o suficiente para que um levasse o outro rapidamente até o limiar do gozo, e o jogo se dava no limite extremo do prazer e do controle.

Foi somente depois que saiu da Prisão de Sugamo e começou sua vida no Ocidente que a experiência sexual de Hel tomou forma e se articulou. Antes disso, tudo não passara de brincadeiras de amador. Seu relacionamento com Mariko não fora, em essência, físico; fora uma afeição juvenil, e as desastradas experiências sexuais dos dois não foram mais do que uma espécie de nota de rodapé física para uma afeição delicada e incerta.

Com as irmãs Tanaka, Hel penetrou no Estágio I da arte de amar, aquela fase saudável e simplista da curiosidade sexual durante a qual os animais jovens e fortes, impelidos pela necessidade de perpetração da espécie, exercitam-se uns com os corpos dos outros. Mesmo sendo pobre e monótono, o Estágio I é

honesto e implica envolvimento total, e Hel curtiu o período em que permaneceu nele, lamentando apenas que tanta gente seja tão negativamente tolhida por sua cultura que só consegue aceitar a maneira suada e rudimentar de fazer amor do Estágio I, quando vem disfarçada como romance, amor, afeição ou mesmo auto-afirmação. Confusos, montam seus relacionamentos com alicerces de areia. Hel considerava uma grande pena que o homem médio tivesse entrado em contato com a literatura romântica, que criava expectativas além da possibilidade de concretização e, com isso, contribuía para a negligência marital característica dos adolescentes sexuais ocidentais.

Durante a rápida estada no estágio II — o uso do sexo como uma aspirina psicológica, como uma narcose social, uma espécie de sangria para reduzir febres e pressões — Hel começou a ter vislumbres do Estágio IV da experiência sexual. Como já percebera que a atividade sexual teria papel importante na sua vida, e como detestava qualquer forma de amadorismo, tomou a decisão de preparar-se. Recebeu um treinamento tático profissional no Ceilão e nos bordéis exclusivos de Madagascar, onde viveu por quatro meses, aprendendo com mulheres de todas as raças e culturas.

O Estágio III, o aprimoramento do sabor sexual, é o estágio mais alto jamais atingido por um ocidental e, na verdade, pela maioria dos orientais. Hel passou por esse estágio com prazer e grande apetite porque era jovem, seu corpo vigoroso estava em perfeitas condições e sua imaginação era muito fértil. Não corria o risco de ser atraído para o mundo obscuro das estimulações artificiais, onde viviam os medíocres figurões e os superficiais intelectuais da literatura e do cinema, tentando compensar os nervos embrutecidos e a imaginação depauperada, rolando uns sobre os outros com suas carnes tépidas e seus óleos lubrificantes.

Mesmo quando ainda estava envolto na miscelânea sexual do Estágio II, Hel começou a experimentar táticas sofisticadas como o clímax flutuante e o relacionamento sexual mental. Descobriu que era divertido associar as técnicas sexuais com a nomenclatura do Go. Termos como aji keshi, ko, furikawari e hane prestavam-se facilmente a definir imagens claras; enquanto outros, como kaketsugi, nozoki e yosu-miru só podiam ser aplicados ao ato de amor como uma metáfora livre e imperfeita.

Com trinta anos, os interesses e as capacidades sexuais de Hel levaram-no naturalmente para o Estágio IV, a "fase final do jogo", na qual a excitação e o clímax são momentos relativamente triviais, conclusão de atividades que envolvem todo o vigor mental e a preparação para um campeonato de Go, o

treinamento de uma prostituta do Ceilão e a persistência e agilidade de um alpinista graduado e bem dotado. O jogo sexual de sua preferência era uma invenção sua que chamava de kikashi sex . O jogo só poderia ser jogado com alguém que também estivesse no estágio IV da arte de fazer amor, e somente no momento em que ambos estivessem no pico de suas potencialidades. O jogo era efetuado num pequeno quarto com cerca de seis tatami. Ambos os jogadores se vestiam com quimonos formais e se ajoelhavam um em frente ao outro, de costas para paredes opostas. Cada um deles, apenas com o uso da imaginação, deveria chegar ao auge do clímax e ali permanecer por alguns segundos. Não era permitido tocar no outro, somente usar a concentração e gestos que poderiam ser feitos com apenas uma mão.

O objetivo do jogo era provocar o clímax no outro jogador antes de atingi-lo, e era mais gostoso jogar quando estava chovendo.

Com o tempo, ele abandonou o kikashi sex por ser uma atividade muito exigente e por ser uma experiência muito solitária e egoísta, não tendo a afeição e as carícias posteriores que são a delícia maior do ato de fazer amor.

Os olhos de Hana, com o esforço, estavam bem fechados e seus lábios distendidos sobre os dentes. Tentou fugir da posição complicada na qual Hel a encurralara, mas ele não permitia.

— Pensei que tivéssemos combinado que você não poderia fazer isso! — reclamou ela.

— Eu não combinei nada.

— Ah, Nikko... Não vai dar... não agüento mais! Maldição!

Arqueou as costas e emitiu um gritinho, num esforço final para evitar o clímax.

O prazer dela descontraiu Hel que relaxou seu controle para poder gozar logo depois dela. Então, subitamente, seu sentido de proximidade soou o alarme. Ela estava fingindo! A aura dela não estava bailando, como acontece no momento do clímax. Tentou desviar a mente e interromper o gozo, mas era tarde demais. Seu anel de controle se rompera.

— Sua diabinha! — soltou, enquanto gozava.

Poucos segundos depois, ao atingir o clímax, Hana estava rindo.

Ela estava deitada de bruços, ronronando preguiçosamente e se deliciando enquanto ele deslizava lentamente a navalha sobre a bunda dela, um dos pontos perfeitos da sua anatomia, em que se mesclavam a perfeição do sangue japonês e as formas maravilhosas de seus ancestrais negros. Ele a beijou com delicadeza e continuou com o Encanto.

— Daqui a dois meses termina sua estada comigo, Hana.

— Humm-humm — Ela não queria falar para não interromper a languidez que sentia.

— Você já pensou na minha proposta de continuar comigo?

— Humm-humm.

— E?

— Unh-nh-humm-hu-humm. — O som prolongado, emitido por entre lábios afilados, significava "Não estou a fim de falar".

Ele deu uma risadinha e virou-a de frente, continuando a massagem excitante, sempre prestando muita atenção na técnica e nos detalhes. Hana estava numa forma esplendorosa. Tinha trinta e poucos anos, a idade mais jovem que uma mulher pode ter já tendo o conhecimento e a experiência de uma grande amante. Em função do grande cuidado que tinha com seu corpo e por causa dos efeitos que retardavam o envelhecimento que a mistura ideal dos sangues oriental, negro e caucasiano lhe proporcionava, ela continuaria na plenitude da sua forma por mais quinze anos. Era uma delícia de se ver e de se tocar. Sua maior qualidade era a habilidade de receber o prazer completa e graciosamente.

Quando Encanto da Navalha chegou à fase final, no centro do corpo dela, deixando-a úmida e passiva, ele concluiu o jogo com o término clássico e rápido. E, por algum tempo, ficaram deitados juntos no abraço confortável dos amantes que sabem como usar o braço extra.

— Eu pensei na possibilidade de continuar aqui, Nikko — disse ela, a voz fazendo cócegas no peito dele. — Tenho um monte de razões para querer ficar. Este é o lugar mais bonito do mundo. Eu serei sempre grata a você por me ter mostrado este canto do país basco. E não há dúvida de que a vida de shibumi que você construiu aqui é muito atraente. E tem você, com seu jeito tão tranqüilo e sério quando trata com o mundo lá fora, tão brincalhão quando faz amor. Você tem lá o seu charme.

— Muito obrigado.

— E eu tenho de admitir que é muito mais difícil encontrar um homem bem treinado do que uma mulher preparada. Mas... isso aqui é meio solitário. Eu sei que posso ir para Bayonne ou para Paris sempre que quiser — e eu me divirto muito quando vou — mas no dia a dia, apesar das suas atenções e da sua conversa agradável, e apesar da energia dissoluta do seu amigo Le Cagot, isso aqui é muito solitário para uma mulher cujos apetites e interesses foram tão desenvolvidos como os meus.

— Entendi.

— Para você, é diferente, Nikko.Você, por natureza, é um recluso. Despreza o mundo lá fora, e não tem a menor necessidade dele. Eu também acho que a maioria das pessoas é muito aborrecida e elas me entediam. Mas eu não sou uma reclusa e minha curiosidade é muito vívida. E... há também um outro problema.

— Qual?

— Bem, como é que eu vou dizer? Personalidades como a sua e a minha foram feitas para dominar. Cada um de nós deveria atuar numa sociedade cheia de gente, dando sabor e orientação às massas. Nós dois juntos no mesmo lugar é como enriquecer o sabor de um prato com especiarias demais e depois comer tudo com pão seco. Dá para entender o que eu estou te dizendo?

— Isto quer dizer que você decidiu ir embora quando sua estada terminar?

Ela soprou os pêlos do peito dele. — Quer dizer que eu ainda não me decidi. — Hana ficou calada por alguns instantes — Acho que eu gostaria de ter o melhor dos dois mundos, passando metade de cada ano aqui, descansando e aprendendo com você, e metade de cada ano lá fora no mundo, encantando as pessoas.

— Não vejo nada de errado nisso.

Ela riu: — Significa que você ia ter que se virar, durante seis meses de cada ano, com as ninfas bronzeadas, de pernas compridas e idéias curtas, da costa basca. Atrizes, modelos e esse tipo de gente. Dá para agüentar?

— Com a mesma facilidade com que você teria de suportar os rapagões fortões, com seus corpos cheios de músculos e cabeças cheias de nada. Para nós dois, vai ser como passar a vida comendo apenas salgadinhos. Mas, por que não? Salgadinhos fritos podem ser divertidos, mesmo que empanturrem sem alimentar.

— Vou ter de pensar nisso, Nikko. É uma idéia atraente. — Ela se ergueu, apoiando-se num cotovelo, e olhou para os olhos semi-cerrados dele, que estavam com uma expressão divertida. — E não se pode esquecer de que a

liberdade também é uma idéia atraente. Talvez eu acabe não resolvendo nada.

— O que já é uma decisão.

Eles se vestiram e saíram para ir tomar banho debaixo da barrica perfurada projetada, trezentos anos atrás, para aquela finalidade pelo primeiro proprietário esclarecido do castelo.

Foi só quando estavam tomando chá no salão creme e dourado da ala leste que Hel perguntou sobre a visitante.

— Ela ainda está dormindo. Quando chegou, ontem à noite, estava desesperada. Veio andando da aldeia até aqui depois de ter voado de Roma para Pau e vindo de carona até Tardets. Ela ainda tentou bater papo e ser educada, mas eu percebi, de cara, que ela estava com a cabeça em outro lugar. Enquanto tomava chá, começou a chorar. E nem percebeu que estava chorando. Dei um calmante para ela e coloquei-a na cama. Mas, no meio da noite, ela acordou tendo pesadelos, e eu me sentei na beira da cama dela acariciando seus cabelos e cantarolando umas cantigas até que ela se acalmasse e voltasse a dormir.

— Qual é o problema dela?

— Ela me falou sobre isso enquanto eu acariciava o seu cabelo. Houve alguma encrenca séria no Aeroporto de Roma. Dois amigos dela foram alvejados e acabaram morrendo.

— Quem atirou neles?

— Ela não disse. Talvez nem saiba.

— E por quê?

— Não faço idéia.

— Ela te disse por que veio para cá?

— Evidentemente, os três estavam vindo para cá. Ela não tinha um centavo, só a passagem de avião.

— Ela te disse como se chamava?

— Disse. Hannah Stern. Disse que o tio dela era seu amigo. Hel depositou a xícara na mesa, fechou os olhos e soltou um profundo suspiro. — O Asa Stern era meu amigo. Está morto. Eu devo favores a ele. Houve uma ocasião em que, se não fosse pela ajuda dele, eu teria morrido.

— E essa divida é extensiva à garota?

— Vamos ver. Você disse que o tiroteio no Aeroporto de Roma foi ontem à tarde?

— Ou de manhã. Não tenho certeza.

— Então vai aparecer no noticiário da hora do almoço. Quando a garota acordar, peça para ela vir falar comigo.Vou estar no jardim. Ah, e eu acho que o Le Cagot vai aparecer para jantar conosco — se ele conseguir terminar em tempo o que tem que fazer em Larrau.

Hel trabalhou no jardim por uma hora e meia, podando, examinando, buscando criar efeitos simples e sutis. Ele não era um artista, mas tinha sensibilidade e, no seu jardim, motivação maior para despertar a sua criatividade, havia sabi, as características shibui que separavam a arte japonesa da dinâmica mecânica da arte ocidental e da hipérbole florida que marcava a arte chinesa. Havia aquela doce melancolia, aquela tristeza clemente que coroa a beleza da mente japonesa. Eram as imperfeições intencionais e a orgânica simplicidade que criava, e depois satisfazia, as tensões estéticas, funcionando aproximadamente como o equilíbrio e o desequilíbrio funcionam na arte ocidental.

Um pouco antes do meio-dia, um serviçal trouxe um rádio de pilha e, na sua sala de armas, Hel ouviu o noticiário internacional da BBC da hora do almoço. A locutora era uma mulher cuja voz marcante se tornara, por anos, uma fonte de divertimento para sua audiência, formada basicamente pelas comunidades anglófonas mundo afora. À sua pronúncia particular, típica da BBC, ela acrescentava um tom de voz apressado e meio estrangulado que todos os seus ouvintes tinham, há tempos, decidido ser o efeito de um supositório desconfortável, embora o assunto fosse aberto a muita discussão e havia até mesmo apostas entre os que sustentavam que o supositório era feito de lixa e aqueles que defendiam a teoria dos cubos de gelo.

Enfiada no meio das banalidades de governos falidos, queda do dólar e explosões de bombas em Belfast, havia a notícia da atrocidade ocorrida no Aeroporto de Roma. Dois japoneses, logo depois identificados, por meio de documentos que tinham nos bolsos, como membros do Exército Vermelho trabalhando para Setembristas Negros, tinham disparado, usando armas automáticas, matando dois jovens israelenses, cujas identidades não tinham sido reveladas. Os assassinos do Exército Vermelho também acabaram mortos numa troca de tiros com a polícia italiana e agentes especiais, tiroteio que resultou ainda na morte de diversos civis que se encontravam no local. Passemos agora para notícias menos graves...

— Sr. Hel?

Ele desligou o rádio e acenou para a garota parada na porta da sala de

armas. Ela usava shorts caqui limpos e uma blusa de mangas curtas cujos três botões superiores estavam abertos. Como prato de entrada, ela era uma promessa de delírio pantagruélico: pernas longas e fortes, cinturinha fina, seios provocantes, cabelos ruivos e soltos, recém-lavados. Mais para coadjuvante que para estrela principal, ela situava-se naquele breve e desejável momento entre a inexperiência e o zaftig. Mas seu rosto tinha linhas delicadas, sem traços de envelhecimento, dando à tensão em que ela se encontrava um ar de petulância.

— Sr. Hel? — perguntou ela de novo, num tom de incerteza.

— Entre e sente-se, srta. Stern.

Ela sentou-se numa cadeira ao lado de uma estante de engenhocas metálicas que ela não percebeu serem armas e sorriu levemente. — Não sei por que, mas pensei que o senhor fosse mais velho. O tio Asa falava no senhor como um amigo, alguém da mesma idade que ele.

— Pertencíamos à mesma época e, neste sentido, éramos da mesma idade. Não que isso implique alguma coisa. — Ele olhou para ela sem expressão, avaliando-a. E achando-a desejável.

Sentindo-se desconfortável sob o olhar inexpressivo dos olhos verdes dele, ela procurou disfarçar, falando da primeira coisa que lhe veio à cabeça: — A esposa do senhor — quero dizer, a Hana — ela foi muito gentil comigo. Ontem à noite, ela sentou-se ao meu lado e...

Ele a interrompeu com um gesto de mão. — Comece me contando sobre o seu tio. Quero saber porque ele te mandou vir aqui. Depois, me conte os detalhes sobre o que aconteceu no Aeroporto de Roma. E, para finalizar, me diga quais são os seus planos e onde é que eu entro nessa história.

Surpreendida pelo tom de negócios que ele empregava, Hannah suspirou fundo, reuniu os pensamentos, e começou sua história, tipicamente, falando dela mesma. Contou-lhe que tinha crescido em Stokie, cursado a Universidade Northwestern, se interessado profundamente pelos assuntos políticos e sociais e, depois de formada, resolvera visitar seu tio em Israel — para encontrar suas raízes, descobrir seu judaísmo.

Ao ouvir essas últimas palavras, as pálpebras de Hel caíram e ele suspirou fundo. Fazendo um gesto com a mão, indicou que ela prosseguisse.

— O senhor sabe, é claro, que o tio Asa estava empenhado em punir os terroristas que perpetraram os assassinatos de Munique.

— Ouvi rumores. Em nossas cartas, nós nunca falamos sobre esse assunto. Quando ouvi os boatos pela primeira vez, achei que seu tio estava cometendo

uma tolice em sair do seu recolhimento para tentar uma coisa dessas com velhos amigos e contatos que, ou estavam mortos ou tinha decaído, entrando no mundo da política. Só pude imaginar que fosse uma decisão desesperada de um homem que sabia ter uma doença terminal.

— Mas ele organizou a nossa célula há um ano e meio e só ficou doente há poucos meses.

— Isso não é verdade. Seu tio está doente há anos. Houve duas melhoras muito rápidas. Na época que você alega que ele organizou a sua célula, ele estava combatendo a dor com drogas. Talvez por isso tenha tido idéias tão, digamos, crepusculares.

Hannah Stern franziu a testa e desviou o olhar. — O senhor não parece ter o meu tio em alta conta.

— Ao contrário, eu gostava imensamente dele. Era um pensador brilhante e um homem dotado de um espírito extremamente generoso — um homem de shibumi.

— Um homem de... quê?

— Não importa. O seu tio nunca fez parte do mundo do terror. Não era emocionalmente equipado para isso — o que, claro, diz muito a favor dele como ser humano. Em tempos melhores, ele teria tido uma vida agradável, como professor ou erudito. Mas, quando o assunto era justiça, seu tio era um apaixonado, e não apenas no que refere ao seu próprio povo. Da maneira que as coisas eram vinte e cinco anos atrás, no que agora é o território de Israel, os homens apaixonados e generosos que não eram covardes tinham poucas opções.

Hannah não estava acostumada com o tom de voz suave, quase sussurrado, que Hel desenvolvera na prisão, e se deu conta de que se inclinava para ouvir o que ele dizia.

— Você está errada em pensar que eu não gostava do seu tio. Houve um momento, no Cairo, há dezesseis anos, em que ele arriscou a própria segurança, e talvez sua vida, para me ajudar. E, o que é mais significativo, ele arriscou o sucesso de um projeto ao qual se dedicava intensamente. Eu fora alvejado no lado do corpo. A situação era tal que eu não podia procurar assistência médica. Quando eu o encontrei, já tinha passado dois dias perambulando pelas ruas menos movimentadas com um pano encharcado de sangue metido debaixo da camisa porque não ousava tentar me registrar num hotel. Estava ardendo de febre e completamente tonto. Não, eu gosto muito do seu tio. E devo muita coisa a ele. — Hel dissera tudo aquilo num tom monótono, sem a dramaticidade que

Hannah normalmente associaria à sinceridade. Ele lhe contara aquelas coisas porque achava que, para ser justo com o tio dela, ela tinha o direito de saber a extensão da dívida de honra que ele tinha. — Depois deste incidente no Cairo, eu e seu tio nunca mais nos encontramos. Nossa amizade cresceu ao longo dos anos através de uma constante troca de correspondência que ambos achávamos útil para o intercâmbio de idéias, para partilhar opiniões sobre livros que tínhamos lido, para reclamar do destino e da vida. Nós dois apreciávamos essa liberdade que só é possível se você está falando com um estranho. Éramos estranhos muito íntimos. — Hel se perguntou se aquela garota seria capaz de compreender uma relação desse tipo. Achando que não seria, resolveu voltar sua atenção para o assunto presente. — Muito bem, depois que o filho foi morto em Munique, seu tio montou uma célula para ajudá-lo a punir os responsáveis. Quantos eram e onde é que eles estão agora?

— Eu sou a única que restou.

— Você também fazia parte da célula?

— Fazia. Por quê? O senhor acha que...

— Não importa. — Naquele momento, Hel já estava convencido de que Asa Stern estivera agindo movido por um desespero enlouquecedor o suficiente para meter aquela delicada universitária liberal numa célula atuante. — De que tamanho era a célula?

— Éramos cinco. Nós nos chamávamos de Cinco de Munique. Hel voltou a fechar os olhos. — Que coisa mais teatral. Nada como telegrafar um "stunt".

— Como é?

— Cinco integrantes da célula? O seu tio, você, os dois que morreram em Roma — quem era o quinto membro? O David O. Selznick?

— Não estou entendo o que o senhor está querendo dizer. O quinto homem foi morto por uma bomba que colocaram num café em Jerusalém. Ele e eu éramos... éramos... — Os olhos dela começaram a brilhar com lágrimas.

— Claro de que vocês eram. É uma variação de um namoro nas férias de verão: um dos benefícios adicionais de ser uma jovem revolucionária comprometida com a sobrevivência de uma humanidade, que a gente imagina ser o nosso rebanho particular. Muito bem, me diga até onde vocês chegaram antes da morte do Asa.

Hannah estava confusa e magoada. Aquele sujeito não se parecia nem um pouco com o homem que o tio lhe descrevera, o profissional honesto que era também um homem culto, que pagava suas dívidas e se recusava a trabalhar para

o lado imundo das potências nacionais e comerciais. Como podia o seu tio se orgulhar de uma pessoa que mostrava tão pouca simpatia humana? Que não tinha nem um só pingo de compreensão?

Hel, é claro, entendia tudo perfeitamente bem. Não tinham sido poucas as vezes em que tivera de dar um jeito nas besteiras cometidas por amadores devotados. Sabia que, quando irrompe a tempestade, eles correm ou, movidos por impulsos igualmente covardes, atiram em qualquer coisa que vêem pela frente.

Hannah se surpreendeu ao notar que suas lágrimas não assomavam, o fluxo cauterizado pela fria concentração de Hel apenas nos fatos e nas informações que ela poderia lhe fornecer. Ela fungou e disse, — O tio Asa tinha fontes de informação na Inglaterra. Soube que os últimos dois remanescentes dos assassinos de Munique tinham se juntado a um grupo chamado Setembristas Negros que estava planejando seqüestrar um avião que sairia do Aeroporto de Heathrow.

— Qual era o tamanho do grupo?

— Cinco ou seis. Nunca tivemos certeza.

— E vocês sabiam quais deles tinham estado envolvidos no atentado de Munique?

— Não.

— Então vocês iam acabar com todos os cinco? Ela assentiu com a cabeça.

— Entendo. E os seus contatos na Inglaterra? De que tipo são e o que vão fazer por vocês?

— São guerrilheiros urbanos que lutam para livrar a Irlanda do Norte da dominação dos ingleses.

— Meu Deus do céu!

— O senhor sabe, existe uma espécie de irmandade entre todos os que lutam pela causa da liberdade. Nossas táticas podem ser diferentes, mas nosso objetivo final é o mesmo. Todos ansiamos pelo dia em que...

— Por favor — interrompeu ele. — Agora, vejamos, o que estes membros do IRA iam fazer por vocês?

— Bem... eles estavam vigiando os setembristas. Iam nos dar guarida quando chegássemos em Londres. E nos arranjar as armas.

— Armas para você e para os dois que foram mortos em Roma?

— Isso mesmo.

— Entendi. Muito bem, agora me conte o que aconteceu em Roma. A BBC identificou os agentes como japoneses do Exército Vermelho agindo em nome da OLP. É verdade?

— Eu não sei.

— Mas, você não estava lá?

— Mas claro que eu estava lá! — Ela tentou se controlar. — Mas no meio de toda aquela confusão... as pessoas morrendo... tiros para todos os lados... — Desesperada e desgostosa, ela levantou-se e virou as costas para aquele homem que ela sentia que a atormentava de propósito, só para testá-la. Disse a si mesma que não podia chorar, mas não conseguiu conter as lágrimas. — Me desculpe. Eu estava apavorada. Em pânico. Não consigo me lembrar de tudo. — Nervosa e sem saber o que fazer com as mãos, ela estendeu o braço para pegar um simples tubo de metal que estava na estante em frente dela.

— Não mexa nisso!

Ela recolheu a mão, espantada de ver que ele levantava a voz pela primeira vez. Uma onda de justiceira revolta tomou conta dela. — Eu não ia quebrar os seus brinquedinhos!

— Eles podem te machucar. — A voz dele voltara a ser baixa e suave novamente. — Isto é um cilindro de gás paralisante. Se você tivesse girado a metade de baixo, estaria morta agora. E, o que é pior, eu também.

Ela deu uma risadinha sem graça e se afastou da estante de armas, indo até a porta de correr que dava para o jardim, onde se apoiou na soleira para tentar se recompor um pouco.

— Minha jovem, eu pretendo ajudá-la, se isso for possível. Mas, sou obrigado a confessar que talvez não seja. Sua pequena organização amadora cometeu todos os erros possíveis e imagináveis, e se alinhar com os cretinos do IRA não foi o menor deles. Mesmo assim, em consideração ao seu tio, eu devo ouvir tudo o que você tiver para me dizer. Talvez eu possa proteger você e te devolver para o conforto burguês do teu lar, onde você vai poder expressar suas convicções sociais fazendo campanhas contra gente que joga lixo nos parques públicos. Mas, se eu for te ajudar de alguma forma, tenho de saber exatamente onde estou pisando. Então, eu agradeceria muito se você deixasse as suas manifestações teatrais de paixão para o momento em que for escrever as suas memórias e respondesse as minhas perguntas da maneira mais completa e sucinta que puder. Se você acha que não está pronta para fazer isso agora,

podemos deixar a conversa para mais tarde. Mas é sempre possível que eu tenha de agir com rapidez. É muito comum, em casos como o presente que, depois de uma operação limpa-área (e foi isso, provavelmente, o que aconteceu em Roma) o tempo esteja ao lado dos nossos inimigos. E então? Conversamos agora, ou vamos almoçar?

Hannah deixou-se escorregar para o chão de tatami, as costas apoiadas na soleira, o perfil formando um camafeu contra o jardim iluminado pela luz do sol. Passado um momento, disse, — Lamento muito. Passei por coisas horríveis.

— Não duvido. Agora me conte sobre a operação em Roma. Somente os fatos e impressões, nada de emoções.

Ela baixou os olhos e começou a desenhar com a unha pequenos círculos na coxa bronzeada, depois levantou os joelhos e abraçou-os de encontro aos seios. — Muito bem. O Avrim e o Chaim passaram pelo controle de passaportes na minha frente. Um oficial italiano me segurou, acho que só para flertar comigo, já que não desgrudava os olhos dos meus peitos. Talvez eu devesse ter fechado os botões da blusa até em cima. Finalmente, ele carimbou o meu passaporte, e eu comecei a caminhar para a saída do terminal. Foi quando começaram os tiros. Eu vi o Avrim correr... e cair... todo o lado da cabeça dele... todo... espera um pouco. — Ela fungou e suspirou fundo diversas vezes. — Eu também comecei a correr... todo mundo estava correndo e gritando... um velho com uma barba branca foi atingido... uma criança... uma velha gorda. Então, começaram a vir tiros disparados do outro lado do terminal e de cima do mezanino, e os atiradores orientais foram atingidos. Aí, de repente, parou todo o tiroteio, só se ouviam os gritos e todas aquelas pessoas espalhadas para todo lado, sangrando, feridas. Eu vi o Chaim caído no chão em frente aos depósitos de bagagem, as pernas contorcidas, todas tortas. Tinha sido atingido no rosto. Então, eu... eu simplesmente fui embora. Não sabia o que estava fazendo, nem para onde estava indo. Aí ouvi a chamada pelo auto-falante do vôo para Pau. E continuei a andar sempre em frente até chegar ao portão de embarque. E... e acho que é só.

— Muito bem. Está ótimo. Agora, me diga uma coisa. Você era um dos alvos?

— O quê?

— Tinha alguém atirando especificamente em você?

— Eu sei lá! Como é que posso saber?

— Os japoneses estavam usando armas automáticas?

— O quê?

— Que barulho que elas faziam? Rat-a-tat ou bang! bang! bang? Ela olhou para ele, defensiva. — Eu sei o que é uma arma automática! Nós treinávamos com elas lá nas montanhas.

— Rat-a-rat ou bang bang?

— Eram metralhadoras.

— E mais alguém que estivesse perto de você foi atingido?

Ela ficou pensando, apertando os lábios contra os joelhos. — Não. Ninguém que estivesse perto de mim.

— Se profissionais usando armas automáticas não acertaram ninguém perto de você, então você não era um alvo. É possível que eles não tenham identificado você como alguém que estava com os seus dois amigos. Especialmente se você saiu da fila de controle de passaportes um pouco depois deles. Muito bem, agora pense bem nos tiros que vieram do mezanino e acertaram os atiradores japoneses. O que você pode me dizer sobre eles?

Ela balançou a cabeça. — Nada. Não me lembro de nada. As armas não eram automáticas. — Ela olhou de soslaio para Hel. — Elas faziam bang bang.

Ele sorriu. — Isso mesmo. Agora é hora de senso de humor e revolta, não de emoções lacrimosas. Muito bem, a notícia no rádio falava em "agentes especiais" trabalhando junto com a polícia italiana. Você sabe alguma coisa sobre eles?

— Não. Eu não cheguei a ver as pessoas que estavam atirando de cima do mezanino.

Hel assentiu e abaixou a cabeça, as palmas das mãos apertadas e os indicadores tocando de leve seus lábios. — Preciso de um tempinho para juntar todas essas peças. — Fixou os olhos no desenho ondulado do tatami, e depois seu olhar foi perdendo o foco enquanto ele revia as informações de que dispunha.

Hannah sentou-se no chão e, enquadrada pela porta, ficou olhando para o jardim japonês, onde a luz do sol era refletida pelo pequeno curso de água que cintilava por entre as folhas de bambu. Como representante típica da sua classe e cultura, ela não tinha os recursos interiores necessários para entender as delícias do silêncio e rapidamente se sentiu desconfortável. — Por que não tem nenhuma flor no seu...?

Sem levantar a cabeça, ele ergueu a mão fazendo um gesto para que ela se calasse.

Quatro minutos depois, ele levantou a cabeça. — O quê?

— Como?

— Você disse alguma coisa sobre flores.

— Ah, não era nada importante. Eu só estava tentando entender por que não tem nenhuma flor no seu jardim.

— Tem três flores.

— Três variedades?

— Não. Três flores. Cada uma delas sinaliza uma das estações de florescimento. Agora, estamos entre estações. Mas, muito bem, vamos analisar o que sabemos, ou podemos presumir. É bastante evidente que a operação no Aeroporto de Roma foi organizada pela OLP ou pelos setembristas, e que eles sabiam muito bem os planos de vocês — provavelmente através dos seus camaradinhas do IRA baseados em Londres, que seriam capazes de vender a própria mãe para os haréns da Turquia, se o preço fosse bom (e se algum turco que tivesse um pouco de auto-estima estivesse a fim de comprá-las). O aparecimento dos fanáticos do Exército Vermelho japonês parece apontar para os setembristas, que gostam muito de usar outras pessoas para fazer seus serviços sujos e perigosos, já que não acham nem um pouco engraçado arriscar as próprias peles. Mas nesse ponto as coisas ficam um pouco complicadas. Os homens que atuaram em nome deles foram eliminados, em questão de segundos, pelos atiradores postados no mezanino. Uma vez que a coisa foi feita com eficiência, provavelmente não eram da polícia italiana. A melhor hipótese é que os eliminadores foram eliminados. Por quê? A única razão que me vem rapidamente à mente é que ninguém queria que os atiradores japoneses saíssem de lá com vida. E por quê? Possivelmente porque eles não eram do Exército Vermelho coisa nenhuma. E isso, é claro, nos leva à CIA. Ou à Companhia-Mãe, que controla a CIA e, por falar nisso, todo o governo americano, também.

— O que é esta tal Companhia-Mãe? Eu nunca ouvi falar nela.

— Poucos americanos ouviram. É uma organização que controla as principais empresas internacionais de petróleo e energia. Eles mantêm, há muito tempo, um relacionamento de amor profundo com os árabes, usando esses pobres coitados como joguetes nas suas armações de escassez simulada para aumentar indefinidamente seus lucros. A Companhia-Mãe é um inimigo infatigável; não há como atingi-los por meio de pressões nacionalistas. Mesmo que posem de grandes defensoras leais das companhias americanas (ou inglesas, alemãs ou holandesas), eles, na verdade, são uma organização internacional

infragovernamental, cujo único amor patriótico é pelo lucro. Há uma grande possibilidade de que o seu pai tenha ações dela, como acontece com metade das simpáticas velhinhas de cabelos brancos do seu país.

Hannah balançou a cabeça: — Eu não consigo imaginar a CIA se aliando aos Setembristras Negros. Os Estados Unidos apoiam Israel. São aliados.

— Você está subestimando a natureza elástica da consciência americana. Eles mudaram radicalmente de diretriz depois do embargo do petróleo. A devoção americana à qualquer espécie de honra varia na razão inversa das suas preocupações com relação ao problema do aquecimento central. Uma das características básicas dos americanos é que eles só conseguem ser corajosos e abnegados por períodos muito curtos de tempo. É por isso que eles são melhores nas guerras do que nos períodos de paz responsável. Conseguem enfrentar o perigo, mas não as inconveniências. Envenenam o próprio ar para matar os mosquitos. Esgotam suas fontes de energia para alimentar as facas elétricas com que cortam seus perus. Não podemos nos esquecer que nunca faltou Coca-Cola para os soldados noVietnam.

Hannah sentiu uma pontada de chauvinismo. — O senhor acha certo generalizar sobre um povo, dessa maneira?

— Acho. A generalização só é uma forma falha de pensamento quando aplicada a indivíduos. Mas é a maneira mais acurada de se descrever as massas. E a sua democracia é uma ditadura das massas.

— Eu me recuso a acreditar que os americanos estivessem envolvidos no banho de sangue que aconteceu naquele aeroporto. Crianças inocentes e velhos...

— O dia seis de agosto significa alguma coisa para você?

— Seis de agosto? Não. Por quê? — Ela apertou os joelhos contra o peito com mais força.

— Não importa. — Hel levantou-se. — Vou ter de pensar um pouco mais nesse assunto. Hoje à tarde, a gente conversa de novo.

— O senhor pretende me ajudar?

— Provavelmente. Mas, provavelmente, não de nenhuma das maneiras que você tem em mente. Por falar nisso, você aceitaria um pequeno conselho de uma pessoa mais velha?

— Que conselho?

— Para uma jovem senhorita tão bem provida de pêlos púbicos como você, é uma carnal indiscrição usar shorts tão curtos como esses e se sentar numa

posição tão reveladora. A menos, é claro, que sua intenção seja provar que seus cabelos ruivos são naturais. Vamos almoçar?

O almoço fora servido numa pequena mesa redonda na sala de visitas da ala oeste, que dava para o gramado e para a aléia que descia até os portões principais. As portas francesas estavam abertas e as longas cortinas diáfanas balançavam preguiçosamente, movidas pela brisa recendendo a pinheiro. Hana usava um vestido longo de seda còr de ameixa e, quando Hel e Hannah entraram, ela sorriu para eles enquanto dava os toques finais num arranjo de flores em forma de sino. — Vocês vieram na hora certa. O almoço acaba de ser servido. — Na verdade, há dez minutos ela esperava por eles, mas um dos seus encantos era fazer os outros se sentirem socialmente à vontade. Uma rápida olhada para o rosto de Hannah bastou para que ela percebesse que as coisas não tinham corrido bem para ela na conversa com Hel e, portanto, resolveu encarregar-se de dirigir a conversa de maneira civilizada.

Assim que Hannah abriu seu guardanapo de linho engomado, percebeu que sua comida não seria a mesma de Hel e Hana. Ela fora servida com um pedaço de carneiro, aspargos frios com maionese e risoto, enquanto seus anfitriões comeriam legumes frescos levemente salgados com arroz integral.

Hana sorriu e explicou: — Nossa idade e as extravagâncias que já fizemos na vida nos obrigam a comer com certa cautela, minha querida. Mas nós não infligimos nosso regime espartano aos nossos hóspedes. Na verdade, quando eu não estou em casa, quando estou em Paris, por exemplo, como tudo o que encontro pela frente, feito uma desesperada. Para mim, comer é o que você chamaria de um vício sob controle. Mas é um vício muito difícil de controlar, particularmente quando se está vivendo na França onde, dependendo do gosto de cada um, a comida é, ou a segunda melhor do mundo, ou a pior de todas.

— O que a senhora está querendo dizer?

— Sob um ponto de vista sibarita, a cozinha francesa só perde para a cozinha chinesa clássica. Mas ela é tão rebuscada, tão cheia de molhos, tudo tão picante, picado, recheado e temperado que, em termos nutritivos, se torna um desastre. É por isso que nenhum povo ocidental se delicia mais à mesa do que o francês e eles são os que mais sofrem do fígado.

— E o que a senhora acha da comida americana? — perguntou Hannah com uma expressão irônica no rosto, uma vez que era uma daquelas típicas americanas que, quando estão no exterior, adoram parecer sofisticadas tentando depreciar tudo o que vem dos Estados Unidos.

— Eu não saberia dizer; nunca estive nos Estados Unidos. Mas o Nicholai

viveu algum tempo lá, e ele me disse que, em certas áreas, a comida americana é excelente.

— É mesmo? — exclamou Hannah, olhando intrigada para Hel.

— Fico espantada de saber que o Sr. Hel encontrou algo de bom nos Estados Unidos e nos americanos.

— Não são os americanos que me irritam, é o americanismo: uma doença social do mundo pós-industrial que vai, inevitavelmente, infectar todas as nações capitalistas, e só se chama "americanismo"porque o seu país é o caso mais avançado da doença, da mesma forma que as pessoas falam da gripe espanhola ou da encefalite japonesa do tipo B. Os sintomas da doença americana são a perda de ética do trabalho, a diminuição dos recursos interiores, e uma necessidade constante de estímulo exterior, seguida de decadência espiritual e narcose moral. Pode-se reconhecer a vítima pelo constante esforço que faz para se comunicar consigo mesma, para acreditar que a sua fraqueza espiritual é uma deformação psicológica interessante, para procurar fugir da responsabilidade, alegando que ela e sua vida estão inequivocamente abertas a novas experiências. Nos estágios finais, o doente acaba reduzido a procurar apenas a mais trivial das atividades humanas: a diversão. Quanto à comida, não há como negar que os americanos são insuperáveis numa área: as refeições ligeiras. E eu suspeito de que haja alguma coisa simbólica nisso.

Hana não gostou do tom indelicado de Hel, então assumiu o controle da conversa durante a refeição, mudando de assunto ao levar o prato de Hannah até o aparador onde estavam as travessas.

— O meu inglês não é perfeito. Há mais de um aspargo aqui, mas a palavra asparaguses me soa esquisita. . Este é mais um daqueles plurais latinos tão esquisitos, Nicholai? Deve-se dizer asparagae, ou coisa parecida?

— Acho que alguém só diria isto se fosse daquele tipo muito informado e pouco erudito que, depois de ir a um concerto de cello, acha que deve pedir capuccini. Ou, se for americano, taças de gelatina de framboesa.

— *Arretes um peu et sois sage* — respondeu Hana, balançando levemente a cabeça. — Ele fica muito chato quando não pára de falar dos americanos, não acha? É uma falha de personalidade dele. A única, ele garante. Eu estava querendo te perguntar, Hannah, o que você leu na universidade?

— O que eu li?

— Em que você se formou — esclareceu Hel.

— Ah! Sociologia.

Ele poderia ter adivinhado. Sociologia, a pseudociência descritiva que dissimula suas incertezas usando estatísticas nebulosas, e tenta se manter como matéria espremida entre a psicologia e a antropologia. O tipo de diploma de coisa nenhuma que tantos americanos usam para justificar suas férias intelectuais e universitárias de quatro anos projetados para prolongar a adolescência.

— O que a senhora estudou na faculdade? — perguntou, irrefletidamente, Hannah à sua anfitriã.

Hannah sorriu para si mesma. — Ah... um pouco de psicologia informal, anatomia, estética, esse tipo de coisa.

Hannah concentrou-se nos seus aspargos, perguntando casualmente, — Vocês dois não são casados, certo? Quero dizer... ontem a noite a senhora brincou comigo dizendo que era concubina do Sr. Hel.

Os olhos de Hana se arregalaram num assombro que lhe era pouco comum. Não estava acostumada com aquela falta de tato social, provocada por incontida curiosidade, que as culturas anglo-saxônicas consideram, erradamente, sinal de admirável franqueza. Hel, com os olhos bem abertos e uma expressão de inocência travessa, fez um gesto de mão na direção de Hana, indicando que cabia a ela responder a pergunta.

— Bem... — começou Hana — ... na verdade, o Sr. Hel e eu não somos casados. E eu sou mesmo concubina dele. O que você gostaria de sobremesa? Acabamos de receber nossa primeira remessa das maravilhosas cerejas de Itxassou, das quais os bascos, com toda a razão, sentem o maior orgulho.

Hel sabia perfeitamente bem que Hana não se livraria tão facilmente e deu uma risadinha de soslaio para ela quando Hannah prosseguiu, — Eu acho que a senhora não quis dizer concubina. Em inglês, concubina é alguém que é paga para... bem pelos seus serviços sexuais. Eu acho que a senhora quis dizer "amante". E mesmo "amante" está um pouco fora de moda. Hoje em dia, as pessoas dizem simplesmente que estão morando juntas.

Hana olhou para Hel pedindo socorro. Ele riu e decidiu ajudá-la. — O inglês da Hana, na verdade, é muito bom. Ela só estava brincando com aquela história dos aspargos. Ela sabe muito bem a diferença entre uma amante, uma concubina e uma esposa. Uma amante não tem certeza se vai receber seu salário, uma esposa nem tem salário, e ambas são simples amadoras. Agora, experimente as cerejas.

Hel sentou-se num banco de pedra no meio dos jardins, os olhos fechados, o rosto levantado para o céu. Mesmo que a brisa que vinha da montanha fosse fria, os finos raios de sol penetravam na sua yukata e deixavam-no aquecido e sonolento. Ficou vagando no delicioso limite do cochilo até que interceptou a aproximação da aura de alguém que estava perturbado e tenso.

— Sente-se, Srta. Stern — disse ele, sem abrir os olhos. — Devo cumprimentá-la pela maneira como você se comportou no almoço. Nem uma só vez você falou dos seus problemas, aparentemente percebendo que, nesta casa, nós não permitimos que o mundo se sente à nossa mesa. Para ser sincero, não imaginava que você fosse tão sensível. A maioria das pessoas da sua idade e classe estão tão envolvidas com o próprio umbigo, tão preocupadas com o seu egoísmo, que não percebem que o estilo e as boas maneiras são tudo e a realidade material não é mais do que um mito passageiro. — Ele abriu os olhos e sorriu ao fazer um pequeno esforço para imitar o sotaque americano — Não é o que você faz, é como faz.

Hannah debruçou-se sobre a balaustrada de mármore à frente dele, as coxas achatadas pelo próprio peso. Estava descalça e não tinha seguido o conselho dele de se vestir de maneira menos reveladora. — O senhor disse que deveríamos conversar mais um pouco?

— Hmmm. Sim. Mas antes quero pedir desculpas pelo meu tom pouco civilizado tanto na nossa conversa quanto na hora do almoço. Eu estava furioso e aborrecido. Já faz quase dois anos que eu me aposentei, Srta. Stern. Já não trabalho mais com extermínio de terroristas; agora eu me dedico à jardinagem, à espeleologia, a ouvir a relva crescer e à procura de uma espécie de paz profunda que perdi há muitos anos — perdi porque as circunstância me encheram de ódio e fúria. E então, você me aparece com um pedido de assistência muito justo, por causa do que devo ao seu tio, e ameaça me obrigar a voltar para uma profissão cheia de medo e violência. E o medo explica boa parte da razão pela qual eu estava aborrecido com você. Existe uma certa dose de fatores incontroláveis no meu trabalho. Não importa quão bem treinada uma pessoa seja, quão cuidadosa, mentalmente equilibrada, a proporção das chances vai decrescendo com o passar do tempo; e chega o momento em que a sorte e a improbabilidade de sucesso pesam fortemente contra você.

Não é que eu tenha tido sorte no meu trabalho — eu não confio na sorte — mas eu nunca fui muito perseguido pela má sorte. O que quer dizer que existe um monte de má sorte solta por aí, esperando para cair em cima de mim. Joguei a moeda para cima inúmeras vezes, e sempre saí ganhando. Há mais de vinte

anos, a má sorte espera que dê o outro lado da moeda. Então! O que eu queria era explicar a razão por ter sido tão mal-educado com você. Basicamente, foi por medo. E algum aborrecimento. Agora, já tive tempo para refletir. Acho que já sei o que devo fazer. Felizmente, a decisão mais correta é também a mais segura.

— Isso quer dizer que o senhor não pretende me ajudar?

— Ao contrário. Minha ajuda será mandar você para casa. A dívida que eu tenho com o seu tio é extensiva a você, já que ele mandou você me procurar. Mas ela não é extensiva a nenhuma idéia abstrata de vingança ou a nenhuma organização da qual você faça parte.

Ela franziu a testa e desviou o olhar na direção das montanhas. — A maneira como o senhor vê a sua dívida para com o meu tio é muito conveniente.

— Bem, pode parecer que sim.

— Mas... o meu tio dedicou os últimos anos da sua vida à caça daqueles assassinos e, se eu não tentasse fazer alguma coisa, todo o esforço dele se tornaria inútil.

— Não há nada que você possa fazer.Você não tem o treinamento, nem a capacidade, nem a organização. Não tinha nem ao menos um plano digno desse nome.

— Nós tínhamos, sim.

Ele sorriu. — Muito bem. Vamos dar uma examinada no seu plano. Você me disse que os Setembristas Negros estavam pretendendo seqüestrar um avião em Heathrow. Presumivelmente, o seu grupo iria atacá-los naquele momento. Vocês iriam agarrá-los no avião, ou antes que eles embarcassem?

— Não sei.

— Você não sabe!?

— Depois que o meu tio morreu, Avrim virou líder. Ele só nos contou o que achava que a gente devia saber, sabe, para o caso de algum de nós ser capturado, alguma coisa assim. Mas eu não acho que a gente ia cair em cima deles no avião. Acho que íamos acabar com eles no terminal.

— E quando aconteceria isso?

— Na manhã do dia 17.

— Quer dizer... daqui a seis dias. Então, o que é que vocês iam fazer em Londres tanto tempo antes? Por que iriam ficar expostos por seis dias?

— Nós não íamos para Londres. Nós vínhamos para cá. O tio Asa sabia

que, sem ele, nós não teríamos muita chance de sucesso. Ele esperava ainda ter forças suficientes para nos acompanhar e liderar a operação. O fim veio mais cedo do que ele imaginava.

— E aí ele mandou que vocês viessem para cá? Eu não acredito nisso.

— Bem, não foi exatamente isso. Ele nos falou do senhor diversas vezes. Disse que, se nós nos metêssemos em encrenca poderíamos procurar o senhor que o senhor nos ajudaria.

— Tenho certeza de que o que ele quis dizer é que eu os ajudaria a desaparecer depois da operação.

Ela deu de ombros.

Ele suspirou. — Então, três adolescentes como vocês iam pegar as armas com os seus contatos do IRA em Londres, ficar perambulando pela cidade por seis dias, depois pegar um táxi até o Heathrow, embarafustar-se pelo terminal, localizar os alvos na sala de espera e acabar com eles. Esse era o plano?

Ela desviou os olhos, cerrando os dentes. Dito daquele jeito, parecia uma coisa ridícula.

— Então, Srta. Stern, apesar da angústia e horror que sente pelo que aconteceu no Aeroporto de Roma, no final das contas, o plano de vocês faria com que fossem responsáveis pelo mesmo tipo de confusão perigosa: armar um tiroteio numa sala de espera cheia de gente inocente. Um trabalho sujo. Crianças, senhoras idosas, pedaços de gente voando para todos os lados enquanto os devotados jovens revolucionários, com os olhos brilhando e os cabelos esvoaçantes, abriam a tiros seu caminho para a História. Era isso que vocês tinham em mente?

— O senhor está tentando dizer que nós não somos diferentes daqueles assassinos que mataram os jovens atletas em Munique, ou dos que atiraram nos meus amigos em Roma...

— Mas, as diferenças são óbvias! Eles eram profissionais bem organizados! — Hel interrompeu-se de súbito — Me desculpe. Olha, me diga uma coisa: quais são os recursos de vocês?

— Recursos?

— É. Deixando de lado os contatos com o IRA — e eu acho melhor a gente nem falar mais neste assunto — com que recursos vocês podiam contar? Os garotos que foram mortos em Roma eram bem treinados?

— Avrim era. Acho que o Chaim nunca esteve envolvido numa operação

destas antes.

— E sobre o dinheiro?

— Dinheiro? Bem, a gente esperava conseguir um pouco com o senhor. Não precisávamos de muito. A gente achava que poderia ficar aqui por alguns dias, sabe, conversando com o senhor, pedindo conselhos e instruções. Depois, voar diretamente para Londres, chegando no dia anterior ao da operação. Só precisávamos do dinheiro para as passagens e um pouquinho mais.

Hel fechou os olhos. — Minha querida, minha femme fatale idiotinha. Se você fosse se meter a fazer o que o seu pessoal tinha na cabeça, o custo seria de aproximadamente cem ou cento e cinqüenta mil dólares. E eu não estou incluindo a minha parte. Isso seria somente para preparar a operação. Custa muito dinheiro para entrar e, normalmente, muito mais para sair. O seu tio sabia disso.

— Ele olhou para o cume das montanhas desenhado contra o céu.

— Estou começando a descobrir que o que ele armou foi uma operação suicida.

— Eu não acredito nisso! Ele nunca nos levaria a um suicídio sem nos prevenir antes!

— Provavelmente, ele nunca pensou em deixar que você estivesse lá. Acho que só pretendia usar crianças como vocês como reforço, esperando conseguir fazer a coisa sozinho, e então vocês três poderiam sair de lá, escapando no meio da confusão. Além disso...

— Além disso, o quê?

— Bem, não podemos nos esquecer que o seu tio estava recorrendo às drogas por muito tempo, para combater as dores. Quem sabe o que ele estaria pensando? Quem sabe o que sobrou da matéria pensante dele, já perto do fim?

Hannah dobrou um dos joelhos, encostando-o no peito e expondo novamente seus ruivos pelos púbicos. Pressionou os lábios contra o joelho e, por cima dele, cravou os olhos no jardim. — Não sei o que fazer.

Hel olhou para ela com os olhos semicerrados. Pobre tontinha! Procurando um objetivo excitante na vida, quando toda sua cultura e antecedentes a condenavam a se unir a homens de negócio, gerando filhos que seriam executivos de publicidade. Ela estava assustada e confusa, não completamente pronta para desistir do seu envolvimento com o perigo e coisas que tinham algum significado, para se dedicar a uma vida de projetos óbvios e aquisições de

bens.

— Na verdade, você não tem muita escolha. Vai ter de voltar para casa. Eu ficaria encantado em pagar a sua passagem.

— Não posso fazer isso.

— Não há mais nada que você possa fazer.

Ela ficou chupando o próprio joelho por um momento. — Sr. Hel... eu posso chamá-lo de Nicholai?

— Certamente que não.

— Sr. Hel. O senhor está me dizendo que não pretende me ajudar, é isso?

— Quando digo para você voltar para casa, eu estou ajudando.

— E se eu me recusar? E se eu for em frente por conta própria?

— Você vai fracassar. E quase certamente morrer.

— Eu sei disso. A questão é, o senhor me deixaria fazer isso sozinha? A sua dívida com o meu tio permitiria que o senhor tomasse esta atitude?

— Você está blefando.

— E se não estiver?

Hel desviou o olhar. Era bem possível que aquela pirralha burguesa fosse boboca o suficiente para arrastá-lo para o meio daquilo ou, no mínimo, para obrigá-lo a decidir até onde iriam o seu senso de lealdade e honra. Ele estava se preparando para testá-la, e a si mesmo, quando sentiu a aproximação de alguém que reconheceu como sendo Pierre e virou-se para ver o jardineiro vindo do castelo na direção deles.

— Boa tarde, 'sieur, m'selle. Deve ser muito agradável poder aproveitar as delícias do sol. — Tirou uma folha de papel dobrada do bolso da sua jaqueta azul de trabalho e estendeu-a para Hel com grande solenidade. Depois explicou que não podia ficar fazendo companhia a eles porque havia uma infinidade de coisas a fazer, e partiu pelo jardim na direção do portão, já que era chegado o momento de suavizar as agruras do seu dia com outra taça de vinho.

Hel leu a mensagem.

Dobrou a folha de papel e bateu com ela de encontro aos lábios.

— Aparentemente, Srta. Stern, não vamos poder ter toda a liberdade de escolha que pensávamos. Três estranhos chegaram emTardets e andam fazendo perguntas a meu respeito e, o que é mais significativo, sobre você. Parece que são ingleses, ou amérlos — o pessoal da aldeia não seria capaz de distinguir os

sotaques. Estão acompanhados pela Polícia Especial da França, que está se mostrando bastante cooperativa.

— Mas como é que eles poderiam saber que eu estou aqui?

— De mil maneiras diferentes. Os seus amigos, aqueles que foram mortos em Roma, eles tinham passagens de avião com eles?

— Acho que sim. Na verdade, sim. Cada um de nós levava a própria passagem. Mas elas não eram para cá; eram para Pau.

— Portanto, perto o suficiente. E eu não sou um completo desconhecido. — Hel balançou a cabeça diante dessa nova amostra de amadorismo. Profissionais sempre compram passagens para lugares bem adiante dos seus destinos, porque as reservas são arquivadas nos computadores e, portanto, ficam à disposição das organizações governamentais e da Companhia-Mãe.

— Quem o senhor pensa que eles são?

— Não sei.

— E o que vai fazer?

Ele deu de ombros. — Convidá-los para jantar.

Depois de ter deixado Hannah, Hel sentou-se por meia hora no jardim, observando a acumulação de nuvens negras e pesadas em volta dos cumes das montanhas e refletindo sobre a atual posição das peças no tabuleiro. Chegou a duas conclusões, praticamente ao mesmo tempo. Choveria naquela noite e sua decisão mais inteligente seria apressar o inimigo.

Da sua sala de armas, ligou para o Hotel Dabadie, onde os americanos estavam hospedados. Foi preciso fazer algumas negociações. Os Dabadie mandariam os três amérlos para jantar no castelo naquela noite, mas havia o problema das refeições que já tinham sido preparadas para os hóspedes. Afinal de contas, o lucro do hotel está nas refeições, não nos quartos. Hel assegurou-lhes que a única saída justa e adequada seria incluir as refeições não consumidas na conta dos americanos. Deus era testemunha de que os Dabadie não tinham culpa se os forasteiros tinham decidido, no último momento, jantar com o Sr. Hel. Negócios são negócios. E, levando-se em consideração que o desperdício de comida não é agradável a Deus, talvez fosse melhor que os Dabadie comessem as refeições eles mesmos, convidando o abade para juntar-se a eles.

Hel encontrou Hana lendo na biblioteca, usando os estranhos óculos de

armação retangular que necessitava para enxergar de perto. Quando ele entrou, ela o olhou por cima das lentes. — Convidados para o jantar? — perguntou.

Ele fez um agradinho no rosto dela com a palma da mão. — Sim, três pessoas. Americanos.

— Que bom. Com a Hannah e o Le Cagot, vamos ter um grupo bastante curioso.

— Sem dúvida.

Ela enfiou o marca-página e fechou o livro. — Temos problemas, Nikko?

— Temos.

— Tem algo a ver com a Hannah e os problemas dela? Ele assentiu.

Ela deu uma risadinha. — E ainda hoje de manhã você me convidou para passar metade de cada ano com você, tentando me seduzir com a grande paz e solidão da sua casa.

— Muito em breve, vai ficar tudo em paz. Afinal de contas, eu me aposentei.

— E uma pessoa pode se aposentar? Será que é possível se desligar inteiramente de um negócio como o seu? Bem, mas se vamos ter hóspedes, tenho de mandar alguém até a aldeia. A Hannah vai precisar de algumas roupas. Não vai poder jantar com aqueles shorts dela, principalmente por causa da atitude um pouco desleixada que tem em relação à postura.

— Ah, é? Eu não tinha nem percebido.

Um cumprimento vindo lá do começo da aléia, uma batida na porta francesa que fez os vidros tilintarem, uma procura espalhafatosa até encontrar Hana na biblioteca, um abraço vigoroso e um beijo estalado no rosto, um pedido choroso por um pouco de hospitalidade na forma de uma taça de vinho, e todos na casa já sabiam que Le Cagot tinha chegado depois de cumprir com seus deveres em Larrau. — Muito bem, agora eu quero saber onde anda essa garota com peitos rechonchudos da qual todo o vale está falando. Tragam-na aqui. Deixem que ela conheça o seu destino!

Hana disse a ele que a garota estava tirando uma soneca, mas que Nicholai estava trabalhando no jardim japonês.

— Eu não quero ver nenhum Nicholai. Cansei de ver a cara dele nos últimos três dias. Ele te contou sobre a minha caverna? Eu praticamente tive que

arrastar o teu homem através dela. É muito triste constatar, mas ele está ficando velho, Hana. Já é hora de você pensar no seu futuro e procurar alguém mais jovem por aí... talvez um robusto poeta basco, o que você acha?

Hana riu e disse a Le Cagot que o banho dele estaria pronto em meia hora. — E depois do banho, talvez seja melhor você se vestir; vamos ter convidados para o jantar.

— Ah, uma platéia! Ótimo. Muito bem, vou pegar um pouco de vinho na cozinha.Você ainda tem aquela portuguesinha trabalhando para você?

— Tenho diversas.

— Então, vou experimentar um pouco por aí. E espere até você me ver vestido! Comprei algumas roupas esfuziantes há uns meses, e ainda não tive oportunidade de me exibir com elas. Não vai precisar mais de uma olhada em mim com minhas novas roupas e você vai se derreter inteirinha, posso te jurar pelos Bagos...

Hana lançou-lhe uma significativa olhada de esguelha e, instantaneamente, Le Cagot moderou seu linguajar.

— ... pelo êxtase de Santa Teresa. Muito bem, lá vou eu para a cozinha. — E lá foi ele, marchando pela casa, batendo as portas e pedindo vinho, aos berros.

Hana riu de Le Cagot. Desde o princípio, ele fora conquistado por ela, e a maneira rude como demonstrava sua aprovação era mantendo uma barreira firme de galanteria hiperbólica. Por seu lado, ela gostava da maneira franca e honesta dele e ficava feliz por Nicholai ter um amigo tão leal e divertido quanto aquele mitológico poeta basco. Ela pensava nele como uma figura mítica, um poeta que construíra um personagem desbragadamente romântico e que passaria o resto da vida representando o papel que criara para si. Certa vez, perguntara a Nicholai o que fizera com que o poeta se protegesse atrás daquela fachada picaresca e bufa. Hel não pôde lhe contar os detalhes, porque fazer isso seria trair a confiança do amigo, uma confidência que este lhe fizera sem nem ao menos ter tido consciência, numa noite em que Le Cagot estivera prostrado de tristeza e saudades, e completamente bêbado. Muitos anos atrás, o sensível jovem poeta que acabara por assumir a máscara de Le Cagot, tinha sido um especialista em literatura basca e lecionara na Universidade de Bilbao. Casara-se com uma jovem basca-espanhola linda e delicada, e eles tiveram um filho. Certa noite, por motivos vagos, ele se juntou a uma manifestação estudantil contra a repressão da cultura basca. Sua esposa estava com ele, mesmo não tendo nenhum interesse pessoal em política. A polícia federal apareceu e desfez a passeata a tiros. Sua mulher foi morta. Le Cagot foi preso e passou ou próximos três anos na cadeia.

Quando escapou, descobriu que o bebê morrera enquanto ele estivera preso. O jovem poeta começou a beber como uma esponja e a participar de manifestações anti-governistas sem sentido e terrivelmente violentas. Foi preso novamente e, quando voltou a fugir, o jovem poeta já não existia mais. No seu lugar estava Le Cagot, a caricatura invulnerável que se tornou uma lenda popular por causa dos seus versos patrióticos, sua participação nas causas separatistas dos bascos e sua personalidade açambarcadora, o que lhe valeu diversos convites para palestras e leitura de seus poemas em universidades espalhadas por todo o mundo ocidental. O nome que ele dera ao seu personagem fora tomado dos Cagots, uma antiga raça pária formada por pessoas intocáveis que, por praticar uma variante do Cristianismo, acabou por provocar contra eles o rancor e o ódio dos seus vizinhos bascos. Os Cagots tentaram se livrar da perseguição por meio de uma petição ao Papa Leão X em 1514, o que foi concedido a princípio, mas as restrições e indignidades continuaram até o final do século XIX, quando deixaram de existir como raça autônoma. A perseguição era feita de diversas formas. Eles eram obrigados a usar, costurado à roupa, o dístico que os identificava como Cagots, uma pegada de ganso. Não podiam andar descalços. Não podiam portar armas. Não podiam freqüentar lugares públicos e, mesmo para entrar na igreja, tinham que usar uma discreta entrada lateral construída especialmente para este fim e cuja porta ainda se pode ver em diversas igrejas de pequenas vilas. Durante a missa, não podiam sentar-se perto das outras pessoas e nem beijar a cruz. Podiam arrendar terras e cultivá-las, mas não tinham o direito de vender os seus produtos. Caso se casassem, ou tivessem relações sexuais com membros de outra raça, eram condenados à morte.

Tudo o que restara para os Cagots era o seu artesanato. Por muitos séculos, tanto por restrições como por preconceito, eles eram os únicos entalhadores, carpinteiros e marceneiros da região. Mais tarde, passaram a ser também os pedreiros e tecelões dos bascos. Como o corpo deformado deles era considerado engraçado, tornaram-se os músicos e artistas ambulantes da sua época, e muito do que é agora chamado de arte popular ou folclore basco foi criado pelos desprezados Cagots.

Embora há muito tempo se afirme que os Cagots eram uma raça separada, disseminados pela Europa oriental e escorraçados antes das incursões dos visigodos, até ficarem encurralados como morena diante de um glacial na indesejável região dos Pireneus, evidências atuais mostram que eles eram grupos isolados de leprosos bascos, inicialmente ostracizados por motivos profiláticos, fisicamente deformados em razão da doença, e assumindo características físicas distintivas por causa dos sucessivos casamentos entre si. Esta teoria parece

explicar bastante bem as várias limitações impostas à sua liberdade de ação.

A tradição popular garante que os Cagots e seus descendentes não tinham o lóbulo da orelha. Até hoje, nas aldeias bascas mais tradicionais, as meninas de cinco ou seis anos têm suas orelhas furadas e usam brincos. Sem conhecer a origem da tradição, as mães dão resposta a uma velha segregação demonstrando que suas filhas possuem lóbulos onde podem pendurar seus brincos.

Hoje em dia, os Cagots não existem mais; desapareceram, foram extintos ou lentamente se misturaram à população basca (mas não é muito saudável fazer esta afirmação num bar basco), e seu nome caiu em desuso, a não ser para, pejorativamente, se referir a uma velha alquebrada.

O jovem poeta cuja sensibilidade foi cauterizada pelos acontecimentos, escolheu Le Cagot como seu nome literário para chamar atenção para a precária situação da cultura basca contemporânea, que corre o risco de desaparecer como ocorreu com os extintos bardos e menestréis dos tempos idos.

Um pouco antes das seis, Pierre cambaleou até a praça de Etchebar, o efeito cumulativo das suas espaçadas taças de vinho tendo libertado-o da tirania da força da gravidade a tal ponto que ele dirigiu-se até oVolvo aos trancos e barrancos. Fora mandado para lá para pegar dois conjuntos que Hana tinha encomendado depois de perguntar a Hannah o número do seu manequim e transpô-los para a numeração européia. Após ter apanhado as roupas, Pierre deveria ir buscar os três convidados para o jantar no Hotel Dabadie. Depois de ter errado duas vezes a posição da maçaneta da porta, Pierre puxou a aba do boné e focou toda sua atenção na complicada tarefa de entrar no carro, coisa que finalmente conseguiu, mas neste exato momento, lembrando-se de ter esquecido uma coisa, deu um tapa na testa. Lutou tenazmente para sair novamente do carro e, imitando o ritual de M'sieur Hel, deu um pontapé no pára-lama traseiro e só então cambaleou de volta para seu lugar atrás do volante. Com sua desconfiança tipicamente basca por todas as coisas mecânicas, Pierre usava apenas a primeira marcha e a ré, e guiava com o afogador totalmente puxado, usando ambas as pistas da estrada e os dois acostamentos. Quando, inesperadamente, surgiam à sua frente ovelhas, vacas, seres humanos ou vacilantes ciclistas, ele dava um jeito de se livrar deles torcendo vigorosamente o volante, e depois procurava encontrar a estrada novamente apenas com a ajuda da sua sensibilidade. Dispensava inteiramente o uso do pedal do breque e mesmo o freio de mão era considerado por ele um acessório a ser usado apenas para estacionar. Como

sempre parava sem apertar a embreagem, ele se livrara da chatice de ter que desligar o motor a toda vez, uma vez que este sempre engasgava e afogava assim que ele chegava ao seu destino. Felizmente para os camponeses e aldeões que viviam entre o castelo e Tardets, a barulheira provocada pela carroceria desconjuntada do Volvo, sacudindo e chacoalhando, e o ronco do motor muito acelerado em primeira marcha, anunciavam Pierre meio quilômetro antes que ele chegasse e, normalmente, havia tempo para as pessoas correrem para trás das árvores, ou pularem por sobre os muros de pedras. Pierre sentia um justificado orgulho de sua destreza ao volante, uma vez que jamais se envolvera em nenhum acidente. E isso era ainda mais notável se considerarmos os motoristas amalucados e descuidados que passavam pelas mesmas estradas e a quem ele, freqüentemente, via lutando para desviar dos buracos, subindo nas calçadas ou batendo uns nos outros enquanto ele atravessava sinais vermelhos ou entrava em ruas contramão. O que mais o perturbava não era tanto a falta de perícia dos outros motoristas, mas sua total falta de educação, pois inúmeras vezes eles o xingavam e ele não saberia dizer quantas vezes vira, pelo retrovisor, um dedo, um punho, ou mesmo um antebraço inteiro lançando-lhe uma furiosa banana.

Pierre estacionou, com o motor engasgando e morrendo, no centro da Praça de Tardets e deu um jeito de sair do carro. Depois de ter arranhado o dedo na porta amassada, ele começou a cumprir suas obrigações, a primeira das quais era tomar uma socializante taça de vinho com velhos amigos.

Ninguém achava estranho que Pierre desse um pontapé no carro ao subir ou descer, já que surrar Volvos era uma prática comum no sudoeste da França e podia ser vista até mesmo na distante Paris. Na verdade, pontapés em Volvos era uma atividade cujo culto, levado para todos os centros cosmopolitas do mundo pelos turistas, estava se tornando lentamente uma moda universal, coisa que muito agradava Nicholai Hel, já que era ele o criador da mania.

Alguns anos atrás, procurando um carro que fosse pau-pra-toda-obra no castelo, Hel seguira o conselho de um amigo e comprara um Volvo pressupondo que um carro tão caro, feio de doer, desconfortável, pesado e que consumia gasolina como nenhum outro, devesse ter alguma outra coisa que o recomendasse. E tinham garantido a ele que esse algo mais era a durabilidade e os serviços de manutenção. Sua batalha contra a ferrugem começou no terceiro dia; pequenos erros de construção, projeto e montagem (rodas desalinhadas que acabavam com os pneus antes dos cinco mil quilômetros, um limpador de pára-brisas que se recusava a fazer contato com o vidro, um porta-malas projetado de tal maneira que só se fechava com o impulso de duas mãos, o que fazia das operações de carga e descarga verdadeiras danças burlescas, compostas de

movimentos ineficientes) faziam com que ele fosse obrigado a levar freqüentemente o veículo de volta para a concessionária, situada a 150 quilômetros de distância. A opinião do revendedor era que esses problemas eram da esfera do fabricante e, segundo o ponto de vista do fabricante, a culpa era do revendedor. Depois de meses em que recebeu cartas educadas e vagas da companhia, expressando desculpas insinceras, Hel decidira engolir o sapo e aparelhar o carro para as grosseiras tarefas de transportar ovelhas e levar equipamentos para o topo de montanhas, rodando por péssimas estradas, esperando que a banheira caísse logo aos pedaços, o que justificaria a compra de um carro com uma estrutura de atendimento melhor. Infelizmente, ao mesmo tempo em que descobriu que a boa fama do serviço de manutenção da companhia não era justificada, havia alguma coisa de real na afirmação de que o carro durava muito. Funcionava sempre mal, mas funcionava. Sob outras circunstâncias, Hel teria considerado a durabilidade como uma grande qualidade do veículo, mas, no caso, não via nenhuma consolação na ameaça de que seus problemas continuassem por anos a fio.

Tendo observado a habilidade de Pierre atrás de um volante, Hel pensou em encurtar seu sofrimento, deixando que o jardineiro guiasse o carro quando bem entendesse. Mas o plano falhou, uma vez que um irônico destino afastava o homem de qualquer acidente. Então, Hel acabou aceitando o seu Volvo como uma das cômicas cargas da vida, mas se permitia descarregar sua frustração chutando ou esmurrando o carro a cada vez que entrava ou saía dele.

Não demorou muito para que seus companheiros de exploração de cavernas passassem a adotar o costume de malhar o Volvo sempre que passavam por ele, no começo como brincadeira, depois por hábito. Logo depois, eles e todos os garotos que andavam com eles, começaram a esmurrar qualquer Volvo que passasse. E, da maneira irracional como as coqueluches nascem, a malhação de Volvos começou a se espalhar; aqui como uma manifestação anti-governamental, ali como um sinal de exuberância da juventude, acolá como uma expressão de antimaterialismo, mais adiante como uma expressão de culto individualista.

Até mesmo os proprietários dos Volvos começaram a aceitar a mania de malhação, uma vez que aquele costume provava que eles tinham viajado para locais internacionalmente sofisticados. E começaram a surgir casos de proprietários que esmurravam secretamente seus próprios carros só para conquistarem uma imerecida fama de cosmopolitas. Surgiram persistentes, se bem que apócrifos, rumores de que a Volvo estaria pensando em lançar um modelo pré-amassado, envidando esforços para atrair os compradores atentos à última moda para um veículo que tudo sacrificara em nome da segurança dos

passageiros (apesar do fato de, em diversos modelos, eles usarem o modelo 500 dos pneus Firestone) apelando prioritariamente para os milionários egoístas que partiam do princípio de que a preservação de suas vidas era de suma importância para o destino do Homem.

Depois do banho, Hel encontrou no seu quarto de vestir o terno preto eduardiano, que fora especialmente desenhado para deixar à vontade tanto seus convidados que estivessem usando simples roupas esportivas como os que estivessem com ternos mais sociais. Quando encontrou-se com Hana no topo da escadaria principal, ela usava um vestido longo no estilo cantonês, que tinha a mesma ambigüidade social do terno dele.

— Onde está o Le Cagot? — perguntou ele, enquanto desciam as escadas até um pequeno salão, onde aguardariam os convidados. — Senti a presença dele diversas vezes durante o dia, mas não o vi nem ouvi a voz dele.

— Acho que está se vestindo no quarto dele. — Hana riu, descontraída. — Ele me disse que eu ficaria tão deslumbrada com suas novas roupas, que cairia apaixonada nos seus braços.

— Meu Deus, não! — O gosto de Le Cagot em matéria de roupas faria parecer tímida qualquer encenação de ópera-bufa. — E a Srta. Stern?

— Passou a maior parte da tarde trancada no quarto. Evidentemente, você a fez passar por maus momentos durante a conversa que tiveram.

— Hmmm.

— Ela vai descer assim que o Pierre chegar com as roupas dela. Você quer saber qual será o cardápio?

— Não, tenho certeza de que estará perfeito.

— Não espere tanto, mas será adequado à ocasião. Esses convidados nos darão a grande oportunidade de nos livrarmos do veado que o velho Monsieur Ibar nos mandou. Já faz mais de uma semana que está dependurado na despensa, portanto já está na hora de ser preparado. Há alguma coisa de especial que eu deva saber sobre nossos convidados?

— Eu não os conheço. Mas devem ser inimigos.

— Como devo tratá-los?

— Como qualquer convidado em nossa casa. Como aquele seu charme todo especial que faz com que qualquer homem se sinta interessante e importante.

Quero que essas pessoas percam um pouco o pé e se sintam inseguras. São americanos. Exatamente da mesma foram como eu e você nos sentiríamos desconfortáveis num churrasco, eles sofrem de vertigem social diante um jantar correto. Mesmo a nata da sociedade deles, o que eles chamam de jet-set, é culturalmente tão requintada quanto comida de avião.

— O que diabos é um "churrasco"?

— Um ritual tribal primitivo, onde não podem faltar pratos de papel, empurra-empurra, moscas em cima da comida, carne com osso, hush puppies e cerveja.

— Acho melhor não perguntar o que é um hush puppie.

— Também acho.

Sentaram-se juntos no salão que ia caindo na penumbra, os dedos se tocando. O sol descia por trás das montanhas e, através das portas francesas escancaradas, eles podiam ver um brilho prateado que parecia elevar-se do solo do parque, sua luminosidade fraca preenchendo o espaço abaixo dos pinheiros verde-escuros, efeito que se tornava cambiável e encantador com a ameaça de uma tempestade que se avizinhava.

— Por quanto tempo você viveu nos Estados Unidos, Nikko?

— Uns três anos, logo depois que saí do Japão. Na verdade, eu ainda tenho um apartamento em New York.

— Eu sempre quis conhecer New York.

— Você ficaria desapontada. É uma cidade assustadora, onde todo mundo passa a vida correndo alucinadamente atrás de dinheiro: os banqueiros, os ladrões, os homens de negócio, as putas. Se você caminhar pelas ruas e observar os olhos deles, só vai ver duas coisas: medo e raiva. São pessoas medíocres, escondendo-se, hesitantes, atrás de portas triplamente aferrolhadas. Brigam com homens que não odeiam e fazem amor com mulheres que não amam. É um mar de gente numa sociedade vira-lata que se alimenta dos restos que as outras culturas jogam no lixo. O kir é uma bebida popular entre aqueles que querem desesperadamente "estar por dentro" e eles sempre tomam Perrier, apesar de terem uma das melhores águas do mundo na cidade de Saratoga. Os melhores restaurantes franceses que eles possuem servem refeições que nós acharíamos não valer mais de trinta francos cobrando dez vezes mais, e o serviço é caracteristicamente irritante; há sempre um garçom insuportável, normalmente um caipira incompetente que, sabe-se lá como, aprendeu a ler o cardápio. O que acontece é que os americanos adoram ser maltratados pelos garçons. É a única

maneira que eles têm de avaliar a qualidade da comida. Por outro lado, se uma pessoa for obrigada a morar nos grandes centros dos Estados Unidos — uma punição cruel e desusada, para dizer o mínimo — é melhor que more na verdadeira New York do que nas imitações baratas que se espalham pelo interior do país. E existem algumas coisas boas. O Harlem tem uma personalidade consistente. A biblioteca municipal é adequada. Tem um sujeito chamado Jimmy Fox que é o melhor barman da América do Norte. E, por duas vezes, eu me vi conversando sobre a natureza do shibui. Não do shibumi, é claro. Falar sobre as características do belo cabe mais dentro das limitações da mente mercantil do que discutir a natureza da Beleza.

Ela riscou um fósforo longo e acendeu um lampião que ficava na mesa diante deles. — Mas eu me lembro que, certa vez, você disse que gostava da sua casa nos Estados Unidos.

— Ah, mas não ficava em New York. Sou dono de uns dois mil hectares no estado de Wyoming, nas montanhas.

— Wy-om-ing. Soa bem romântico. É bonito?

— Mais para sublime, eu acho. É muito agreste e acidentado para ser bonito. Está para esta região dos Pireneus como um esboço riscado a tinta para uma pintura acabada. A maior parte da região rural americana é bonita. Infelizmente, é habitada por americanos. Mas, afinal de contas, pode-se dizer a mesma coisa da Grécia e da Irlanda.

— Eu sei o que você quer dizer. Já estive na Grécia. Trabalhei um ano lá, contratada por um armador milionário.

— Sério? Você nunca me disse isso.

— Não havia muito a dizer. Ele era uma pessoa muito rica e muito vulgar. Estava sempre tentando aparentar classe e status, normalmente através de esposas espetaculares. Enquanto trabalhei para ele, tentei cercá-lo de muito conforto e tranqüilidade. Ele nunca exigiu nada mais de mim. De qualquer maneira, àquela altura, não tinha mesmo como solicitar mais nada.

— Entendi. Ah, lá vem o Le Cagot!

Hana não ouvira nada porque Le Cagot estava descendo as escadas com o cuidado de um gato para surpreendê-los com o esplendor da sua vestimenta. Hel sorriu para si mesmo porque a aura que precedia Le Cagot estava carregada de ondas repletas de desconfiança infantil e deleite acanhado.

Apareceu na porta, seu corpanzil preenchendo quase todo o vão, os braços estendidos para expor todo o visual das novas roupas. — Observe! Observe,

Nikko, e morra de inveja!

Evidentemente, o traje noturno saíra do guarda-roupa de alguma companhia teatral. Era uma combinação eclética, mas a tendência fim-de-século dominava, com um lenço branco de seda pura em volta do pescoço, fazendo as vezes de gravata, e um colete ricamente tecido com desenhos em relevo e uma fila dupla de botões feitos de cristal de rocha. A negra casaca era comprida e as lapelas forradas com seda cinza. Com seu cabelo ainda úmido e repartidos ao meio e sua barba espessa cobrindo a maior parte da écharpe, ele lembrava um Tolstói de meia idade, vestido como um jogador dos cassinos flutuantes do Mississippi. A enorme rosa amarela que prendera na lapela estava estranhamente correta, consoante com aquela miscelânea de profundo mau gosto. Desfilou para frente e para trás, brandindo sua comprida makila como se fosse uma bengala. A makila pertencia à sua família há muitas gerações, e estava cheia de escoriações e cortes na haste envernizada. No punho, de mármore, faltava um pedaço, evidência do uso da peça como arma de defesa por seus avós e bisavós. O punho da makila desatarraxava, revelando uma lâmina de vinte centímetros, projetada para dar estocadas, enquanto a haste, neste momento na mão esquerda, servia para aparar golpes e o pesado punho de mármore funcionava como eficaz arma de ataque. Embora, nos dias atuais, fosse usada essencialmente como peça de decoração, a makila já representara um papel importante para a segurança do homem basco quando andava sozinho nas estradas à noite, ou perambulava pelas altas montanhas.

— Um traje realmente magnífico! — exclamou Hana, com sinceridade excessiva.

— Pois não é mesmo? Não é?

— Como foi que você conseguiu essa... roupa? — perguntou Hel.

— Ganhei de presente.

— Pagamento de uma aposta que você perdeu?

— Como assim?! Quem me deu foi uma mulher, como lembrança do encantamento que sentiu quando... ah, mas contar os detalhes não seria cavalheresco. E então? Quando vamos comer? Onde estão os seus convidados?

— Vêm subindo a alameda neste exato momento — disse Hel, levantando-se e indo na direção do hall principal.

Le Cagot olhou através da porta francesa, mas não conseguiu enxergar nada porque a noite e a tempestade tinham empurrado o resto da claridade para dentro da terra. Mas, como já se acostumara com o sentido de proximidade de Hel,

acreditou que realmente havia alguém chegando.

No momento em que Pierre estendia a mão para tocar a campainha, Hel abriu a porta. Os candelabros do hall estavam atrás dele, de maneira que ele pode ler a expressão dos três convidados, enquanto seu rosto permanecia na sombra. Um deles era evidentemente o líder; o segundo era um típico atirador da CIA, turma de 1953; e o terceiro era um árabe com personalidade dúbia. Os três mostravam claros sinais de recente esgotamento nervoso, resultante da corrida montanha acima, com Pierre exibindo seus inigualáveis talentos de motorista e os faróis do carro desligados.

— Por favor, entrem — disse Hel, afastando-se da entrada, para que eles entrassem no hall antes dele, onde foram recepcionados por uma sorridente Hana.

— Ficamos muito felizes que os senhores tenham aceitado nosso convite, feito tão em cima da hora. Meu nome é Hana. Este é o Nicholai Hel. E este é o nosso amigo, Monsieur Le Cagot. — Ela estendeu a mão.

O líder conseguiu recompor-se. — Boa noite. Este é o Sr. Starr. O Sr.... Haman. E eu sou o Sr. Diamond. O tonitroar do primeiro trovão pontuou suas últimas palavras.

Hel riu alto. — Nossa, que coisa mais embaraçosa! A natureza parece estar um pouco melodramática esta noite.

PARTE

TRÊS

SEKI

Castelo de Etchebar

Depois de terem passado pela apavorante experiência de andarem com Pierre dirigindo o Volvo caindo aos pedaços, os três convidados não conseguiram se recuperar psicologicamente para poderem agir de maneira socialmente correta. Diamond nutrira esperanças de ir diretamente ao assunto com Hel mas, claramente, não estava em condições. Enquanto Hana conduzia o grupo ao salão azul e dourado para uma taça de Lillet antes do jantar, Diamond ficou para trás e disse a Hel: — Suponho que o senhor esteja imaginando a razão... — Depois do jantar.

Diamond empertigou-se ligeiramente, mas depois sorriu e fez uma meia inclinação num gesto que, posteriormente, reconheceu ter sido um pouco teatral demais. Aquele maldito trovão!

Hana enchia as taças e oferecia os canapés enquanto guiava a conversação de tal maneira que não demorou muito para que Darryl Starr se dirigisse a ela chamando-a, no seu sotaque característico, de "Ma'am" e sentindo que o interesse dela pelo Texas e pelas coisas texanas era uma forma disfarçada de manifestar o profundo interesse que sentia por ele; e o aprendiz da OLP chamado Haman dava risadinhas e assentia com a cabeça, concordando com tudo, a cada manifestação de preocupação dela pelo seu conforto e bem-estar. Até mesmo Diamond viu-se, pouco depois, emitindo impressões pessoais sobre o país basco e sentindo-se lúcido e perspicaz. Todos os cinco homens se levantaram quando Hana pediu licença para ir ajudar uma moça que jantaria com eles.

Com a saída dela, seguiu-se um silêncio quase palpável e Hel deixou que o desconforto persistisse, enquanto observava seus convidados, divertindo-se interiormente.

Coube a Darryl Starr encontrar um comentário inovador para preencher o vazio. — Você tem um belo lugar aqui.

— Gostaria de ver a casa? — perguntou Hel.

— Bem... não, não se preocupe por minha causa.

Hel fez um comentário em voz baixa para Le Cagot que, em seguida, levantou-se e foi até Starr e, com um gesto a um tempo ríspido e de bonomia,

puxou-o da cadeira pelo braço e se ofereceu para mostrar-lhe o jardim e a sala de armas. Starr explicou que estava bem onde estava, muito obrigado, mas a risadinha de Le Cagot era acompanhada de uma pressão dolorosa em volta do braço do americano.

— Ora, satisfaça minha vontade, meu bom amigo, — solicitou o basco.

Starr deu de ombros — do jeito que pôde — e acompanhou o outro.

Diamond estava perturbado, dividido entre a vontade de controlar a situação e um impulso, que ele reconhecia ser infantil, de demonstrar que seu traquejo social era tão elevado quanto o de Hel. Sabia que tanto ele quanto aquele encontro estavam sendo manipulados e ressentia-se disso. Apenas para dizer alguma coisa, comentou: — Vejo que o senhor não está tomando nenhum aperitivo antes do jantar, Sr. Hel.

— É verdade.

Hel não pretendia deixar Diamond mais à vontade dando seguimento às conversas; ele simplesmente responderia a cada indagação, deixando o fardo de ter de procurar novos assuntos iniciais constantemente nas costas do americano, que deu uma risadinha e disse, — Sinto-me na obrigação de avisá-lo de que o seu motorista é um pouco esquisito.

— Verdade?

— Sim. Ele estacionou o carro lá na praça da cidade e tivemos de fazer o resto do caminho a pé. Eu estava certo de que seríamos pegos pela tempestade.

— Eu não permito automóveis na minha propriedade.

— Sei, mas depois de estacionar o carro, ele deu um chute tão forte na porta da frente que eu tenho certeza de que deve ter amassado.

Hel franziu a testa e respondeu: — Que coisa estranha. Vou ter que ter uma conversa com ele sobre isso.

Nesse momento, Hana e a srta. Stern juntaram-se aos homens, a garota parecendo refinada e desejável no seu vestido leve de verão que escolhera entre os que Hana comprara para ela. Hel observou Hannah atentamente enquanto era apresentada aos dois homens, admirando, surpreso, o controle e a naturalidade que ela demonstrava ao ser confrontada com as pessoas que tinham maquinado o assassinato dos seus amigos em Roma. Hana fez um gesto para que a garota se sentasse ao lado dela e, imediatamente, deu um jeito para que a atenção de todos se concentrasse na juventude e beleza de Hannah, guiando-a de tal forma que somente Hel pode perceber os sinais de aturdimento que a garota sentia. Em

determinado momento, seus olhos se encontraram e Hel lhe fez um leve sinal de aprovação. No final das contas, aquela garota tinha um certo estofo. Talvez, se ficasse em companhia de uma mulher como Hana por uns quatro ou cinco anos... quem sabe?

Ouviu-se uma gargalhada desabrida vinda do hall, e Le Cagot entrou no salão, o braço nos ombros de Starr. O texano parecia um tanto abalado e seu cabelo estava despenteado, mas a missão de Le Cagot fora cumprida; o coldre de ombro sob a axila de Starr já estava vazio.

— Não sei como vocês se sentem, meus bons amigos, — declarou Le Cagot, no seu inglês estropiado, carregado pelo"r"francês, quase impronunciável em inglês, — mas eu estou morto de fome! Bouffonsl Sou capaz de comer por quatro!

O jantar, servido sob a luz de dois candelabros sobre a mesa e de lâmpadas colocadas em nichos nas paredes, não era suntuoso, mas estava bom: truta da torrente que descia das montanhas locais, veado ao molho de cerejas e legumes da horta cozidos à maneira japonesa. Os pratos foram servidos intercalados por conversas formais, adequadas à ocasião, finalizando com uma salada verde antes da sobremesa, constituída de frutas e queijos. Vinhos compatíveis acompanhavam cada prato e o sabor particularmente acentuado de um molho de frutas foi amenizado por um excelente vinho rosé que, ao mesmo tempo em que não acentuava os sabores, também não os contrariava. Com certo desconforto, Diamond notou que Hel e Hana foram servidos apenas de arroz e vegetais durante a primeira parte da refeição, apesar de comerem a mesma salada que os outros convivas. Posteriormente, embora a anfitriã tomasse vinho com os outros, a taça de Hel recebia uma quantidade mínima de cada garrafa de maneira que, no total, ele bebeu menos de um copo.

— O senhor não bebe, sr. Hel? — perguntou ele.

— Mas, claro que sim, como pode ver. Acontece apenas que, na minha opinião, dois goles de vinho não sabem melhor que um só.

Incapazes que são de descrever os paladares com lucidez, é uma característica dos americanos que ascendem socialmente fazerem discursos sobre vinhos, esbanjando pseudopoesia. Diamond julgava-se uma autoridade no assunto. Deu um golinho, deixou o líquido rolar na boca, examinou o vinho rosé que acompanhava o veado e exclamou, — Ah, certamente existem Tavels e Tavels!

Hel franziu ligeiramente a testa. — Bem... imagino que isso seja verdade.

— Mas, esse é um Tavel, não?

Ao ver que Hel dava de ombros e, diplomaticamente, mudava de assunto, Diamond sentiu os pelinhos da sua nuca se arrepiarem de embaraço. Tivera tanta certeza de que aquele era um Tavel.

Durante todo o jantar, Hel manteve-se num silêncio distante, seus olhos raramente deixando Diamond, ainda que parecessem focados num ponto ligeiramente atrás do americano. Com a maior naturalidade, Hana fez com que cada um dos convidados se lembrasse de alguma piada ou história curiosa, e dava mostras de estar se divertindo tão deliciosamente que cada um deles ficou achando que se encontrava na noite mais inspirada da sua vida, excedendo-se em inteligência e charme. Até mesmo Starr, que se mantivera um pouco reservado e mal-humorado depois do tratamento rude que sofrera nas mãos de Le Cagot, estava, dali a pouco, contando a Hana sobre sua infância em Flatrock, no Texas, e como enfrentara corajosamente os amarelos na Coréia.

A princípio, Le Cagot dedicou-se à tarefa de se encher de comida. Logo depois, as pontas da sua écharpe já estavam balançando e a casaca comprida fora colocada de lado, de modo que, no momento em que estava pronto para dominar a noite e perpetuá-la com suas histórias usualmente longas, vigorosas e não raro obscenas, vestia apenas o colete com os botões de cristais de rocha. Estava sentado ao lado de Hannah e, sem mais aquela, estendeu a mão imensa e quente, colocando-a na coxa da sua vizinha e apertando-a num gesto amigável e íntimo. — Me diga uma coisa com toda a franqueza, minha linda garota.Você está lutando contra o desejo que sente por mim? Ou já desistiu de resistir? Só estou te perguntando isso para que eu possa saber a melhor maneira de proceder. Enquanto isso, coma, coma! Você vai precisar de toda a sua energia. Com que então? Vocês, cavalheiros, são dos Estados Unidos, não? Eu, por mim, estive lá três vezes. É por isso que meu inglês é tão bom. Provavelmente poderia passar por americano, não? Sob o ponto de vista do sotaque, está claro.

— Ah, mas não há dúvida, — disse Diamond. Estava começando a perceber o quanto as maneiras nobres e corteses eram importantes para homens como Hel e Le Cagot, mesmo quando estavam diante de inimigos, e queria mostrar que era capaz de jogar qualquer jogo que propusessem.

— Mas, é claro, — continuou Le Cagot — assim que as pessoas vissem a verdade límpida brilhando nos meus olhos e ouvissem a musicalidade dos meus pensamentos, a enganação acabaria! Ficariam logo sabendo que eu não poderia ser americano.

Hel escondeu um leve sorriso atrás do dedo.

— O senhor é duro com os americanos — disse Diamond.

— Talvez seja — admitiu Le Cagot. — E talvez esteja sendo injusto. Por aqui, só conseguimos ver os piores deles: negociantes em férias com suas mulheres desavergonhadas, militares com suas mulheres embonecadas e mascadoras de chicletes, jovens tentando "encontrar a si mesmos" e, o pior de tudo, burros de carga acadêmicos que dão um jeito de convencer as entidades que distribuem subvenções que o mundo seria muito melhor se a Europa fosse liquidada. Eu, algumas vezes penso que o principal produto de exportação dos Estados Unidos são professores deslumbrados por estarem em férias, gozando suas licenças. É mesmo verdade que, nos Estados Unidos, todo mundo com mais de vinte e cinco anos de idade tem um doutorado? — Le Cagot, agora que assumira definitivamente as rédeas da conversação, começou a contar uma das suas histórias de aventuras baseadas, como sempre, em fatos reais, mas incrementadas com todas as fantásticas invenções que lhe vinham à cabeça, enquanto narrava. Hel, certo de que Le Cagot dominaria todas as atenções por muitos minutos, deixou seu rosto congelar-se numa expressão de polido divertimento enquanto sua mente engendrava e planejava tudo o que teria que fazer, uma vez terminado o jantar.

Le Cagot tinha se virado para Diamond. — Vou jogar algumas luzes sobre o seu conhecimento da História, meu caro americano, convidado do meu amigo. Todo mundo sabe que os bascos e os fascistas são inimigos desde antes do raiar dos tempos. Mas poucos conhecem a verdadeira fonte dessa antiga animosidade. Na verdade, a culpa é nossa. Finalmente, eu confesso essa verdade. Há muitos anos, os bascos abandonaram o costume de cagar na beira das estradas e, ao fazer isso, deixaram os falangistas sem sua principal fonte de alimento. E, essa é a pura verdade, juro pelos Bagos Enrugados de Matusalém...

— Benat! — advertiu Hana, apontando com a cabeça para a jovem garota ao seu lado.

— ... ou melhor dizendo, pelo Cenho Enrugado de Matusalém. O que há de errado com você? — ele perguntou a Hana, os olhos úmidos de mágoa. — Acha que eu esqueci minha educação?

Hel afastou a sua cadeira e levantou-se. — O sr. Diamond e eu temos alguns negócios a tratar. Sugiro que o resto de vocês tome seu conhaque no terraço. Acho que vocês ainda têm um pouco de tempo antes que comece a chover.

Enquanto os outros saíam do hall principal em direção do jardim japonês, Hel pegou Diamond pelo braço. — Deixe-me guiá-lo. Não me lembrei de trazer

uma lanterna.

— Ah! Eu já ouvi falar no seu sentido de proximidade, mas não sabia que o senhor também enxergava no escuro.

— Não enxergo. Mas estamos no meu terreno. Talvez seja de bom alvitre que o senhor não se esqueça disso.

Hel acendeu dois lampiões de querosene na sala de armas e fez um gesto indicando a Diamond uma mesinha baixa onde havia uma garrafa e copos. — Sirva-se. Vou estar consigo em um minuto. — Levou um dos lampiões para um arquivo constituído de gavetas cheias de fichas, umas duzentas mil ao todo. — Posso presumir que Diamond seja o seu verdadeiro nome?

— Sim.

Hel procurou pela ficha-chave, que continha todas as informações e cruzamentos de dados referentes a Diamond. — E suas iniciais são?

— Jack O. — Diamond sorriu para si mesmo, ao comparar o fichário tão anacrônico de Hel com o seu sofisticado sistema de informações, o Gorduchinho. — Não vi nenhuma razão para usar um pseudônimo, prevendo que o senhor veria imediatamente a semelhança física entre mim e meu irmão.

— Seu irmão?

— O senhor não se lembra do meu irmão?

— Assim, de imediato, não. — Enquanto manuseava as fichas numa das gavetas, Hel resmungava para si mesmo.Como as informações no seu fichário estavam em seis idiomas diferentes, os cabeçalhos estavam dispostos foneticamente. — D. D-A, D-AI ditongo, D-AI-M... ah, aqui está. Diamond, Jack O. Por favor, tome uma bebida, sr. Diamond. Meu sistema de arquivos está um pouco confuso e, desde que eu me aposentei, nunca mais precisei recorrer a ele.

Diamond estava surpreso com o fato de que Hel nem ao menos se lembrava do seu irmão. Para disfarçar sua confusão momentânea, pegou a garrafa e examinou o rótulo. — Armagnac?

— Humm-humm. — Hel gravou mentalmente as informações cruzadas contidas na ficha geral e passou a procurar as fichas específicas. — Estamos muito perto da região de Armagnac. O senhor vai descobrir que esta é uma bebida muito antiga e muito boa. Ah, então quer dizer que o senhor trabalha para a Companhia-Mãe, não é? Posso, portanto, presumir que já tem muitas informações a meu respeito graças ao seu computador. Vou precisar de uns

instantes para saber tanto quanto o senhor.

Diamond levou seu copo consigo e ficou andando pela sala de armas, olhando para os armamentos fora do comum, armazenados em estojos e estantes ao longo das paredes. Conhecia alguns deles: o tubo de gás paralisante, espingardas de ar comprimido que atiravam vidro moído, pistolas de gelo seco, coisas do tipo. Mas havia outras que ele nunca tinha visto: simples discos de metal, uma engenhoca que parecia duas varetinhas de nogueira conectadas por um fio metálico, um cone que lembrava um dedal com uma ponta afiada. Na mesa, ao lado da garrafa de Armagnac, encontrou uma pequena automática de fabricação francesa. — Esta é uma arma bastante comum, no meio de tantas coisas exóticas, — comentou Diamond.

Hel levantou os olhos da ficha que estava lendo. — Ah, sim. Eu percebi assim que nós entramos. Na verdade, não é minha. Pertence ao seu amigo, aquele simplório bucólico do Texas. Achei que ele pudesse se sentir mais relaxado sem ter de carregá-la.

— Um anfitrião que pensa em tudo!

— Obrigado. — Hel colocou de lado o cartão que estava lendo e abriu uma outra gaveta para pegar o próximo. — Essa arma nos diz muita coisa. Evidentemente, o senhor resolveu não viajar armado para evitar a chateação da inspeção nas fronteiras. Portanto, o seu cupincha recebeu a arma depois de entrar neste território. E só pode ter sido das autoridades policiais francesas. O que quer dizer que eles estão nas suas mãos.

Diamond deu de ombros. — A França também precisa de petróleo, da mesma maneira que todas as outras nações industrializadas.

— Certo. Ici on n'a pás d'huile, mais on a des idées!

— O que quer dizer...

— Na verdade, nada de importante. É só um slogan da propaganda interna francesa. Então, eu estou vendo aqui que o Major Diamond de Tóquio era seu irmão. Isso é interessante... um pouco interessante, pelo menos. — Agora que pensava no assunto, Hel encontrou uma certa semelhança física entre os dois, o rosto fino, os olhos negros e intensos muito próximos um do outro, o nariz aquilino, o lábio superior bastante fino, o inferior grosso e descolorido, uma certa intensidade nos gestos.

— Achei que o senhor adivinharia assim que ouvisse o meu nome.

— Para dizer a verdade, eu já tinha quase me esquecido do seu irmão. Afinal de contas, nossas diferenças já estavam resolvidas. Então, o senhor

começou a trabalhar para a Companhia-Mãe no Programa de Aposentadoria Precoce, não é verdade? Isso, sem dúvida, está perfeitamente de acordo com a carreira do seu irmão.

Alguns anos atrás, a Companhia-Mãe descobrira que seus executivos, depois de completarem cinqüenta anos, começavam a ser bem menos eficientes, exatamente quando estavam recebendo seus mais altos salários. O problema foi levado ao Gorduchinho, que apresentou a solução de se organizar uma Divisão de Aposentadoria Precoce que arranjaria as coisas para que ocorresse a morte acidental de uma pequena percentagem de homens nessas condições, normalmente quando estavam em férias e quase sempre de aparente derrame, ou ataque cardíaco. Com isso, a Companhia conseguiu economizar milhões. Diamond tinha sido promovido a chefe dessa divisão antes de ser elevado à categoria de supervisor do controle que a Companhia-Mãe exercia sobre a CIA e a NSA.

— ... e, pelo que parece, tanto o senhor quanto o seu irmão descobriram uma bela maneira de combinar seu sadismo nato com os benefícios adicionais de quem trabalha para grandes companhias: ele para o exército e a CIA, e o senhor para os consórcios de petróleo. Ambos, produtos típicos do Sonho Americano, o sarampo empresarial. Apenas um par de jovens brilhantes tentando vencer na vida.

— Mas, pelo menos, nenhum de nós acabou como assassino de aluguel.

— Bobagem. Qualquer pessoa que trabalha para uma empresa que polui, contamina o ar e a água e liquida com as reservas mundiais, é um assassino. O fato de que o senhor e seu irmão, cuja morte ninguém lamenta, matam com a desculpa do patriotismo e o apoio oculto das instituições não os isenta da culpa. São igualmente assassinos, com a única diferença de que são, também, covardes.

— O senhor acha que um covarde entraria, como eu fiz, de livre e espontânea vontade no seu covil?

— Um certo tipo de covarde, sim. Um covarde que tivesse medo da sua covardia.

Diamond riu. — O senhor realmente me odeia, não?

— De jeito nenhum. O senhor não é uma pessoa, é o representante de uma organização. Ninguém poderia odiá-lo como indivíduo, apenas como um símbolo. De qualquer maneira, o senhor não é do tipo que suscite emoções tão fortes como o ódio. No máximo, um certo desprezo.

— Ainda assim, apesar de todo o desdém que pessoas do seu berço e

educação têm por mim, são pessoas como eu — aquelas que, zombando, os senhores qualificam como pertencentes à classe empresarial — que contratam gente como o senhor para fazer o trabalho sujo delas.

Hel deu de ombros. — Foi sempre assim. Desde o começo da História, os negociantes se esconderam covardemente atrás das muralhas das suas cidades, enquanto os paladinos combatiam para protegê-los. Em troca disso, os negociantes sempre os bajularam, fizeram grandes mesuras e bancaram o capacho. Na verdade, não se pode culpá-los. Eles não foram criados para ter coragem. E, o que é mais significativo, coragem não é uma coisa que se pode guardar no banco. — Hel leu rapidamente as informações contidas na última ficha e recolocou-a na pilha, deixando para guardá-la mais tarde. — Muito bem, sr. Diamond. Agora eu já sei quem é o senhor e o que faz. Ou, pelo menos, sei sobre o senhor tudo o que preciso, ou desejo saber.

— Presumo que as suas informações lhe foram dadas pelo Gnomo.

— Muitas delas vêm da pessoa que os senhores chamam de Gnomo.

— Daríamos uma fortuna para saber como esse homem consegue todas essas informações.

— Não duvido. Claro que, mesmo que eu soubesse, não diria. Mas o fato é que eu não faço a menor idéia.

— Mas o senhor sabe quem é o Gnomo e onde ele vive.

Hel riu. — Mas, claro que sim. Acontece que o cavalheiro e eu somos velhos amigos.

— Ele não passa de uma espécie de chantagista.

— Mas que besteira! Ele é um artesão e sua arte e ofício é a informação. Jamais extorquiu dinheiro de alguém para não revelar os fatos que reúne pelo mundo afora.

— Não, mas ele fornece a pessoas como o senhor, informações que os protegem contra o castigo dos governos e, com isso, ganha uma fortuna.

— Proteção é uma coisa que vale muito. Mas, se isso vai deixá-lo mais tranqüilo, o homem que o senhor chama de Gnomo está muito doente. Não é muito provável que esteja vivo no final do ano.

— Então, brevemente o senhor perderá sua proteção.

— Vou sentir falta dele, porque é um homem sábio e encantador. Mas a perda de proteção é um assunto que não me preocupa. Estou, como o Gorduchinho já deve tê-lo informado, definitivamente aposentado. E agora, que

tal se continuássemos com o nosso pequeno negócio?

— Antes de começarmos, tenho uma pergunta que gostaria de fazer.

— Tenho uma também, mas deixemos isso para depois. Para que não percamos tempo com grandes rodeios, permita-me dar-lhe uma idéia geral em apenas algumas frases, e o senhor pode me corrigir se eu estiver enganado. — Hel encostou-se na parede, o rosto nas sombras e falou com a voz monótona que desenvolvera na prisão. — Comecemos com os Setembristas Negros assassinando os atletas de Israel em Munique. Entre os mortos, estava o filho de Asa Stern. Asa jurou vingar-se. Para fazer isso, ele organizou uma lamentável célula amadora, mas não julgue mal o sr. Stern pela precariedade dos seus esforços; ele era um bom homem, mas estava doente e parcialmente drogado. O serviço secreto árabe toma conhecimento dessa tentativa. Os árabes, provavelmente através do representante da OLP, pedem à Companhia-Mãe que elimine esse grupelho irritante. A Companhia-Mãe encarrega o senhor da tarefa, esperando que o senhor use os seus valentões da CIA para fazer o trabalho. O senhor descobre que a célula que planeja a vingança — acho que eles se auto denominam o Cinco de Munique — está a caminho de Londres com o objetivo de exterminar os últimos remanescentes da chacina de Munique. A CIA organiza uma operação limpa-área no Aeroporto Internacional de Roma. Por falar nisso, eu acredito que aqueles dois idiotas que estão lá dentro estavam envolvidos na operação, não?

— Sim.

— E o senhor os está punindo fazendo com que eles limpem a cagada que fizeram?

— Mais ou menos isso.

— O senhor está se arriscando, Sr. Diamond. Um comparsa idiota é mais perigoso que um inimigo inteligente.

— Isso é problema meu.

— Mas, claro. Muito bem, o seu pessoal faz um trabalho porco e incompleto em Roma. Na verdade, o senhor deveria estar grato por eles terem feito só o que fizeram. Com uma união de forças entre o serviço secreto árabe e os competentes rapazes da CIA, o senhor teve sorte por eles não terem ido ao aeroporto errado. Mas isso, como o senhor mesmo disse, é problema seu. De alguma maneira, provavelmente quando analisava o resultado da operação em Washington, o senhor descobriu que os garotos israelenses não estavam indo para Londres. Eles tinham com eles passagens para Pau. O senhor também

descobriu que um dos membros da célula, a mesma Srta. Stern com quem acabou de jantar, tinha sido esquecida pelos seus atiradores assassinos. O seu computador foi capaz de ligar o meu nome ao de Asa Stern, e o fato do destino dos garotos ser Pau encerrou o assunto. É isso?

— Basicamente, sim.

— Muito bem. Basta de deduções. Agora, acredito que a bola esteja com o senhor.

Diamond ainda não tinha decidido como iria apresentar o seu caso, que tipo de combinação de ameaças e promessas serviria para neutralizar Nicholai Hel. Para ganhar tempo, apontou para um par de pistolas de aspecto estranho, com coronhas curvas, do tipo que era usado em duelos, e tambores duplos de nove polegadas, ligeiramente chamuscados nas extremidades. — Que armas são essas?

— Pode-se dizer que são espingardas.

— Espingardas?

— Sim. Um industrial holandês mandou fazer para mim. Um presente como pagamento de uma operação relativamente insignificante envolvendo o filho dele que estava sendo mantido como refém por terroristas molucanos num trem. Cada arma, como o senhor pode ver, tem dois cães que batem simultaneamente em cartuchos especiais, com cargas potentes, que disparam cápsulas de meio centímetro. Todas as armas que estão nesta sala foram projetadas para serem usadas em situações específicas. Estas são para trabalhos a serem feitos no escuro e à curta distância, ou para eliminar um punhado de homens logo no início do tiroteio. A dois metros da boca da arma, os projéteis se espalham cobrindo uma área de um metro de diâmetro. — Os olhos verdes de Hel pousaram em Diamond. — O senhor pretende passar a noite conversando sobre armas?

— Não. Eu presumo que a Srta. Stern tenha pedido ao senhor para ajudá-la a matar os setembristas que agora estão em Londres.

Hel assentiu.

— E ela achou que o senhor a ajudaria por causa da amizade que tinha com o tio dela?

— Foi o que ela pensou.

— E o que o senhor pretende fazer?

— Pretendo ouvir a sua proposta.

— Minha proposta?

— Não é isso que os comerciantes fazem? Propostas?

— Eu não chamaria exatamente de proposta.

— Chamaria do quê?

— Chamaria de exposição de uma ação dissuasiva, parcialmente já iniciada, parcialmente pronta para ser posta em execução, caso o senhor seja tolo o suficiente para interferir.

Os olhos de Hel estreitaram-se num sorriso, mas seus lábios não os acompanharam. Fez um gesto, sugerindo que Diamond prosseguisse.

— Confesso ao senhor que, em condições diferentes, nem a Companhia-Mãe nem os interesses árabes que representamos estariam muito interessados no que pudesse acontecer com os maníacos homicidas da OLP. Mas vivemos tempos difíceis na comunidade árabe e a OLP tornou-se uma espécie de bandeira de reagrupamento, uma coisa que tem mais a ver com relações públicas do que com o que cada um gostaria de fazer. É por essa razão que a Companhia-Mãe está empenhada em protegê-los. O que significa que não vamos permitir que o senhor interfira com o grupo que pretende seqüestrar aquele avião em Londres.

— E como é que os senhores vão me impedir?

— O senhor se lembra que era dono de alguns milhares de acres de terra em Wyoming?

— Presumo que o uso do verbo no passado não foi decorrência de um descuido gramatical.

— Exatamente. Parte daquela terra ficava no Condado de Boyle, e o resto no Condado de Custer. Se o senhor entrar em contato com os registros de imóveis locais, vai descobrir que não existe documentação que comprove que o senhor comprou aquelas terras. Na verdade, o que os registros mostram é que a gleba está agora, como de resto há muitos anos, nas mãos de uma das afiliadas da Companhia-Mãe. Aquele solo possui carvão e sua exploração já está programada.

— Devo entender que, se eu colaborar com o senhor, a terra me será devolvida?

— De forma alguma. Aquela gleba, representando como representa a maior parte do que o senhor guardou para garantir a sua aposentadoria, foi tirada do senhor como um castigo pela ousadia que teve em se envolver nos assuntos da Companhia-Mãe.

— E eu creio que posso presumir que foi o senhor quem sugeriu esse tipo de castigo, não?

Diamond deu um tapinha na própria cabeça. — Tive esse prazer.

— O senhor não passa de um miserável canalha insignificante, não é? Está tentando me dizer que, se eu me afastar dessa operação, a terra não será explorada?

Diamond esticou o lábio inferior. — Ah, eu lamento, mas não consegui fazer um acordo desses. Os Estados Unidos necessitam de todas as suas reservas de energia natural para poderem ficar independentes de fontes estrangeiras. — Sorriu ao repetir esse chavão tão gasto. — Além do mais, não se pode depositar beleza num banco. — Estava se divertindo à grande.

— Eu não estou entendendo onde o senhor está querendo chegar. Se pretende roubar a terra e devastá-la, não importando o que eu faça, que tipo de controle pode ter sobre as minhas ações?

— Como eu já disse, tirar-lhe a terra foi uma espécie de advertência. E punição.

— Ah, entendi. Uma punição pessoal. Do senhor. Pelo seu irmão.

— Exatamente.

— Ele merecia morrer, o senhor sabe. Fui torturado por três dias. Este meu rosto ainda não readquiriu toda sua mobilidade mesmo agora, depois de todas as cirurgias.

— Ele era meu irmão! E agora vamos passar a todas as sanções e penalidades a que o senhor estará sujeito, se não colaborar conosco. Sob o grupo-geral KL443, senha número 45-389-75, o senhor tem um milhão e meio de dólares em barras de ouro no Federal Bank de Zurique. Isso representava, praticamente, todo o resto das economias que o senhor tinha guardado para a aposentadoria. Por favor, note que eu voltei a usar o verbo no passado.

Hel ficou calado por alguns instantes. — Os suíços também precisam de petróleo.

— Os suíços também precisam de petróleo, — ecoou Diamond. — Esse dinheiro vai voltar para a sua conta sete dias após o seqüestro, bem-sucedido, que os setembristas vão executar. Então veja, em vez de atrapalhar seus planos e matar alguns deles, será de seu total interesse fazer tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que eles tenham amplo sucesso.

— E, presumivelmente, esse dinheiro serve também como sua proteção

pessoal.

— Precisamente. Se alguma coisa acontecer comigo ou com os meus amigos enquanto formos hóspedes do senhor, o dinheiro desaparecerá como conseqüência de um lamentável erro de contabilidade.

Hel desviou sua atenção para as portas corrediças que davam para o jardim japonês. A chuva começara a cair, batendo no cascalho e fazendo vibrar as pontas das folhas negras e prateadas. — Isso é tudo?

— Não totalmente. Sabemos perfeitamente bem que o senhor tem algumas centenas de dólares espalhadas aqui e ali, como um fundo de emergência. Um perfil psicológico sobre o senhor, elaborado pelo Gorduchinho, nos diz que é muito provável que o senhor coloque coisas como lealdade a um amigo e a sua sobrinha acima de todas as considerações sobre benefício próprio. Tudo isso seria resultado da sua excelente educação e da orientação que o senhor recebeu de tutores japoneses que lhe incutiram os conceitos nipônicos de honra, percebe? Também estamos preparados para essa possibilidade um tanto cretina. Para começar, o MI-5 e o MI-6 ingleses já foram alertados para não desgrudar os olhos do senhor e para prendê-lo caso ouse pôr os pés no território deles. Para ajudá-los nessa tarefa, as forças da segurança interna francesa se comprometeram a garantir que o senhor não saia deste distrito. Descrições do senhor já foram distribuídas. Se for visto em qualquer aldeia que não seja a sua, o senhor será alvejado no ato. Agora, veja bem, eu estou perfeitamente a par dos seus sucessos mesmo diante de situações praticamente perdidas e sei que, para o senhor, essas forças que acionamos significam mais um aborrecimento do que um impedimento. Mas vamos seguir o nosso plano, de uma maneira ou de outra. A Companhia-Mãe precisa ser vista fazendo tudo o que estiver ao seu alcance para proteger os setembristas de Londres. Se essa proteção falhar — e eu quase torço para que falhe — então é preciso que se veja que a Companhia-Mãe está castigando os responsáveis, uma punição de tal severidade que satisfaça nossos amigos árabes. E o senhor conhece essa gente. Para satisfazer a sede de vingança deles, nós seríamos forçados a tomar uma atitude bastante violenta e bastante... criativa.

Hel ficou algum tempo calado.— No início da nossa conversa, eu disse que tinha uma pergunta a lhe fazer, senhor comerciante. É a seguinte. Por que veio até aqui?

— Isso devia ser óbvio.

— Talvez eu tenha formulado mal a minha pergunta. Por que o senhor veio até aqui? Por que não mandou um moleque de recados? Por que me mostrar a

cara e correr o risco de que eu não a esqueça?

Diamond manteve os olhos em Hel por um instante. — Vou ser honesto com o senhor...

— Não mude seus hábitos por minha causa.

— Eu queria lhe contar pessoalmente sobre a perda da sua terra em Wyoming. Queria expor pessoalmente o conjunto de castigos que planejei, se o senhor for temerário o suficiente para desobedecer à Companhia-Mãe. Devo isso ao meu irmão.

O olhar sereno de Hel pousou em Diamond, que ficou rígido, em posição de desafio, mas seus olhos brilhavam como um espelho revelando o medo que lhe percorria o corpo. Ele tinha dado um passo perigoso e imprudente, aquele negociante. Tinha abandonado a proteção das leis e dos sistemas, atrás dos quais os homens corporativos se escondem e de onde deriva todo o seu poder, e tinha corrido o risco de mostrar o seu rosto para Nicholai Alexandrovitch Hel. Diamond, no seu subconsciente, estava prevenido do quanto dependia do seu anonimato, do seu papel de mero inseto social esvoaçando desvairadamente nos frenéticos ninhos do lucro e do sucesso. Como outros da sua casta, ele encontrava consolo espiritual no mito do cowboy. Naquele momento, Diamond via-se a si mesmo como um individualista viril caminhando corajosamente por uma rua poeirenta de um cenário hollywoodiano, sua mão balançando uma polegada acima do computador que carregava no coldre. É um dado revelador da cultura americana que seu protótipo de herói seja um vaqueiro, ou seja, um operário agrícola, ignorante, grosseirão e emigrante vitoriano. O papel de Diamond era, no fundo, ridículo: o Tom Mix dos grandes negócios enfrentando um yogimbo com um jardim. Diamond tinha à sua disposição o mais caro e sofisticado sistema de computação do mundo; Hel tinha um arquivo de fichas de papel. Diamond tinha atrás de si os governos de todas as nações industrializadas do Ocidente; Hel tinha alguns amigos bascos. Diamond representava os donos da energia atômica, os estoques de petróleo da terra, a simbiose militar-industrial, os governos corruptos e corruptores instituídos pela Massa com o objetivo de se defender e se eximir de qualquer responsabilidade; Hel representava o shibumi, um conceito tênue de relutante beleza. E. mesmo assim, era evidente que Hel tinha uma considerável vantagem em qualquer luta que pudesse surgir.

Hel virou o rosto e balançou ligeiramente a cabeça. — Deve ser bastante embaraçoso ser uma pessoa como você.

Durante os minutos de silêncio, as unhas de Diamond tinham se enterrado nas palmas das suas mãos. Ele limpou a garganta: — Não importa o que o

senhor pense a meu respeito, eu não posso acreditar que vá sacrificar os anos que lhe restam para fazer uma coisa que não será apreciada por ninguém a não ser por aquela idiota de classe média que eu conheci no jantar. Acho que sei o que o senhor vai fazer, Sr. Hel. Vai pensar sobre esse assunto com profundidade e chegar à conclusão de que um bando de árabes sádicos não valem esta sua casa e a vida que o senhor construiu aqui; vai chegar à conclusão de que não tem uma dívida de honra para com as idéias desesperadas de um homem doente e embotado pelas drogas; e, finalmente, vai decidir manter-se afastado de tudo isso. Uma das razões pelas quais o senhor vai fazer isso é que o senhor vai achar desnecessário dar uma demonstração de coragem para impressionar a mim, uma pessoa que o senhor despreza. Mas, eu não estou esperando que o senhor diga agora que vai desistir. Isso seria muito humilhante, afetaria demais o seu precioso senso de dignidade. Mas, no final das contas, é o que o senhor vai acabar fazendo. Para ser muito sincero, eu até gostaria que o senhor prosseguisse com as suas intenções. Seria uma pena ver todos os castigos que eu criei serem desperdiçados. Mas, felizmente para o senhor, o Presidente do Conselho da Companhia-Mãe está irredutível e faz questão fechada que ninguém moleste os setembristas. Estamos organizando o que será chamado de Conferências de Paz de Camp David, durante as quais Israel será pressionado para deixar desguarnecidas suas fronteiras sudeste e leste. Como conseqüência paralela dessas conversas, a OLP será posta para fora do jogo de interesses do Oriente Médio. Ela já nos serviu no que queríamos que fizesse: provocar. Mas o Presidente do Conselho quer manter os palestinos quietinhos até que estejamos com tudo armado. Portanto, entenda, Sr. Hel, o senhor está nadando em águas profundas, está envolvido com forças muito superiores a espingardas cheias de macetes e jardinzinhos bonitinhos.

Por alguns instantes, Hel ficou olhando em silêncio para Diamond. Depois virou-se para o seu jardim. — Nossa conversa acabou: — disse ele, baixinho.

— Entendo. — Diamond tirou um cartão de visitas do bolso. — O senhor me encontrará neste número. Dentro de dez horas, já estarei de volta ao meu escritório. Quando o senhor me disser que não vai interferir nesse assunto, eu iniciarei a devolução dos seus fundos na Suíça.

Como Hel já parecia nem perceber a sua presença ali, Diamond colocou o cartão em cima da mesa. — Já que não há mais nada para discutirmos no momento, vou indo embora.

— O quê? Ah, sim. Tenho certeza de que o senhor saberá encontrar o caminho de saída, Sr. Diamond. Hana vai servir um café para o senhor e seus

lacaios antes de mandar que alguém os leve de volta a aldeia. Não há dúvida de que, nas últimas horas, o Pierre já andou restabelecendo suas forças com algumas taças de vinho e vai estar em plena forma para lhes proporcionar uma viagem memorável.

— Muito bem... Mas antes... lembra-se da pergunta que eu queria lhe fazer?

— Sim?

— O rosé que bebemos no jantar. Que vinho era?

— Tavel, claro.

— Eu sabia!

— Não, não sabia. Desconfiava.

A ala do jardim que dava para a construção em estilo japonês fora projetada para poder se escutar a chuva. Durante cada estação chuvosa, Hel trabalhara por semanas, descalço e usando apenas um short encharcado, cuidando de cada detalhe do jardim. Os córregos e calhas tinham sido escavados e modelados, as plantas foram plantadas em diferentes lugares, o cascalho cuidadosamente distribuído, as pedras sonantes arranjadas nas correntes de água, tudo com milimétrica precisão, até que a mistura do som agudo da chuva sobre os pedregulhos com o som grave do gotejar sobre as folhas espessas das plantas e com as ressonâncias estridentes que as folhas de bambu faziam ao se agitar, o contraponto do riacho murmurante, tudo isso estava mixado de tal forma que, se alguém se sentasse exatamente no meio do quarto de tatami, nenhum dos sons cobriria o outro. O ouvinte concentrado poderia isolar um timbre vindo do fundo, ou deixar que ele se amalgamasse no conjunto ao mudar o foco da sua atenção, quase da mesma maneira que uma pessoa que não concilia o sono consegue notar ou não o tique-taque de um relógio. O esforço exigido para se controlar a instrumentação de um jardim bem afinado é o suficiente para apagar as preocupações e ansiedades cotidianas, mas esta propriedade não é o objetivo principal do criador do jardim, que tem sempre que estar mais devotado à criação dele do que à sua utilidade.

Hel sentou-se na sala de armas, ouvindo a chuva, mas sem conseguir a paz de espírito suficiente para apreciá-la. Havia um mau aji naquela história. Não era uma peça mal colocada, era alguma coisa traiçoeiramente... pessoal. O jogo de Hel era desenvolvido para enfrentar uma posição das peças no tabuleiro, não adversários inconsistentes de carne e osso. Naquele assunto, os movimentos seriam feitos por razões ilógicas; haveria filtros humanos entre as causas e os efeitos.Toda aquela história fedia a paixão e suor.

Deixou escapar um longo suspiro num fino jato de ar. — Bem, e agora? — perguntou, em voz alta, dirigindo-se para a porta — o que é que nós vamos fazer com tudo isso?

Não houve resposta. Hel sentiu uma aura ser tomada por uma palpitação dividida entre a pressa de fugir e o medo de se mover. Abriu a porta que dava para a sala de chá e fez um aceno com o dedo.

Hannah Stern estava no limiar da porta, os cabelos molhados de chuva e o vestido, empapado, colado ao seu corpo. Ficou embaraçada por ter sido pilhada espreitando, mas estava desafiadoramente negando-se a se desculpar. Do ponto de vista dela, a importância do assunto presente colocava-o acima de considerações de boa educação, ou regras de etiqueta social. Hel poderia ter-lhe dito que, a longo prazo, as virtudes menores são as únicas que importam. A delicadeza é mais confiável que as piedosas virtudes da compaixão, caridade e sinceridade; exatamente da mesma maneira como o jogo limpo é mais importante do que uma coisa abstrata como a justiça. As virtudes maiores tendem a se desintegrar sob a pressão de uma racionalização conveniente. Mas a boa educação é a boa educação, e permanece imutável mesmo sob a tempestade das circunstâncias.

Hel poderia ter-lhe dito tudo isso, mas não estava interessado na educação espiritual dela e não tinha nenhuma vontade de decorar o imperfeito. De qualquer maneira ela, provavelmente, entenderia apenas as palavras e, se penetrasse no significado, de que serviram as barreiras e fundamentações da boa educação para uma mulher cuja vida seria vivida em alguma cidadezinha dos Estados Unidos?

— Bem, e agora — ele repetiu a pergunta — o que é que nós vamos fazer com tudo isso?

Ela balançou a cabeça. — Eu não fazia idéia de que eles fossem tão... organizados; tivessem tanto... sangue frio. Eu acabei arrumando um belo de um problema, não foi?

— Não acho que você seja responsável por nada do que aconteceu até agora. Faz tempo que eu sei que tenho uma dívida de carma. Considerando o fato de que o meu trabalho interferiu na base da organização social deles, era de se esperar um pouco de má sorte. Como eu nunca tive má sorte, criei uma dívida de carma; um peso que faz com que minhas chances sejam negativas no momento. Você foi o veículo para restabelecer o equilíbrio carmático, mas eu não acho que você seja a causa de nada. Você está entendendo alguma coisa do que eu estou dizendo?

Ela deu de ombros. — O que é que o senhor vai fazer?

A tempestade estava passando e os ventos sopravam sobre o jardim fazendo com que Hannah estremecesse no seu vestido molhado.

— Naquele baú, tem uns quimonos forrados. Tire estas roupas encharcadas.

— Eu estou bem.

— Faça o que eu te disse. A imagem de heroína trágica tossindo pra todo lado é uma coisa ridícula.

Era coerente com o short curtinho, a blusa desabotoada e a surpresa que Hannah fingia sentir quando os homens a olhavam como um simples objeto de prazer, que ela, antes de ir pegar o quimono, abrisse o zíper e tirasse o vestido. Ela nunca confessara a si mesma que tirava vantagens sociais do fato de ter um corpo desejável que, aparentemente, estava disponível. Se tivesse pensado no assunto, teria rotulado o seu automático exibicionismo como uma saudável aceitação do próprio corpo — uma ausência de "fixações".

— O que é que o senhor vai fazer? — ela perguntou de novo, ao envolver o corpo no quimono quente.

— A pergunta certa é o que você vai fazer. Ainda pretende insistir nessa operação? Ainda pensa em se atirar da janela na esperança de que eu me jogue atrás de você?

— O senhor faria isso? Se jogaria atrás de mim?

— Não sei.

Hannah ficou olhando para a escuridão do jardim e abraçou o confortável quimono, amoldando-o ao corpo. — Eu não sei... eu não sei. Ontem, tudo me parecia tão claro. Eu sabia o que tinha que fazer, qual era a única coisa justa e certa a fazer.

— E agora...?

Ela deu de ombros e balançou a cabeça. — O senhor gostaria que eu fosse para casa e esquecesse todo esse assunto, não é?

— É. Mas isso pode não ser tão fácil quanto você está imaginando. O Diamond sabe tudo a seu respeito. Botar você de volta na sua casa com segurança dará um pouco de trabalho.

— E o que acontecerá com os setembristas que assassinaram nossos atletas em Munique?

— Eles vão morrer, ora bolas. Mais dia, menos dia, todos nós morreremos.

— Mas, se eu simplesmente voltar para casa, as mortes do Avrim e do Chaim teriam sido sem sentido!

— Isso é verdade. Eles foram mortos inutilmente e nada do que você faça vai poder mudar isso.

Hannah aproximou-se de Hel e levantou os olhos para ele, o rosto refletindo toda a sua confusão e dúvida. Ela queria ser abraçada, confortada, queria que alguém lhe dissesse que tudo ficaria bem.

— Você vai ter que decidir bem depressa o que fazer. Vamos voltar para a casa. Durante a noite, você terá tempo para pensar no assunto.

Encontraram Hana e Le Cagot sentados na varanda molhada, tomando a brisa fria da noite. Um vento forte substituíra a tempestade, e o ar estava fresco e limpo. Quando eles se aproximaram, Hana levantou-se e pegou na mão de Hannah, num gesto natural de delicadeza.

Le Cagot estava esparramado no banco de pedra, os olhos fechados, seu copo de conhaque meio solto na mão, e seu respirar pesado se transformava, às vezes, num ligeiro ressonar.

— Ele apagou bem no meio de uma história — explicou Hana.

— Hana, — disse Hel — a Srta. Stern só ficará conosco mais esta noite. Por favor, providencie para que a bagagem dela esteja pronta pela manhã, sim? Vou levá-la para a cabana. — Ele virou-se para Hannah: — Eu tenho um lugar nas montanhas.Você pode ficar lá, longe de todo perigo, enquanto eu penso numa maneira de devolver você aos seus pais em segurança.

— Mas, eu ainda não decidi se quero voltar para casa.

Em vez de responder, Hel deu um chute na sola da bota de Le Cagot. O corpo robusto do basco despertou e ele começou a passar a língua nos lábios. — Onde é que eu estava mesmo? Ah... estava contando sobre aquelas três freiras em Bayonne. Bem, eu as conheci...

— Não, você tinha resolvido não contar essa, porque temos senhoras presentes.

— Ah, é? Então, está bem. Veja, minha garotinha, uma história como esta poderia inflamar as suas paixões! Mas, quando você vier atrás de mim, eu quero que faça isso por livre e espontânea vontade, não levada por uma luxúria cega. O que houve com os nossos convidados?

— Partiram. Provavelmente de volta para os Estados Unidos.

— Vou te dizer uma coisa com toda franqueza, Nikko. Eu não gostei nem um pouco daqueles indivíduos. Tinham a covardia estampada nos olhos; e isso faz com que eles sejam perigosos. Ou você começa a convidar gente de mais classe, ou corre o risco de não poder mais contar com a minha presença. Hana, mulher maravilhosa e desejável, quer ir para a cama comigo?

Ela sorriu. — Não, muito obrigada, Behat.

— Eu admiro o seu autocontrole. E quanto a você, garotinha?

— Ela está cansada — respondeu Hana.

— Ah, bem, não faz mal. De qualquer maneira, minha cama vai estar meio lotada, com aquela portuguesinha rechonchuda da cozinha. Muito bem! Eu detesto ter que privá-los da magia e encanto da minha presença, mas a magnificente máquina do meu corpo precisa ser descarregada e depois dormir. Boa noite, meus amigos.

— Levantou-se, esticando os músculos entre resmungos e gemidos e começou a sair, quando percebeu o quimono de Hannah. — O que é isso? O que houve com as suas roupas? Ah, Nikko, Nikko. Lembre-se que a ganância é um vício. Bem, em todo caso... boa noite!

Enquanto ele permanecera de bruços, Hana, gentilmente, massageara suas costas e ombros, diminuindo a tensão e agora, acariciava seus cabelos, deixando-o semi-adormecido. Colocou seu corpo sobre o dele, encaixando os quadris sobre as nádegas dele, seus braços e pernas sobre as dele, seu peso morno protegendo-o, confortando, obrigando-o a relaxar. — Problemas pela frente, não? — murmurou ela.

Ele resmungou que sim.

— O que é que você vai fazer?

— Não sei. — sussurrou ele — Antes de tudo, tirar a garota daqui. Eles podem achar que a morte dela anularia minha dívida com o tio.

— Você tem certeza de que eles não vão encontrá-la? Nestes vales ninguém guarda segredo.

— Só os montanheses saberão onde ela está. São gente minha e, por costume e tradição, nunca falam com a polícia.

— E depois?

— Não sei. Vou ter de pensar no assunto.

— Quer um pouco de prazer?

— Não, estou muito tenso. Deixe que eu seja egoísta. Deixe que eu te dê prazer.

Larun

Hel acordou ao amanhecer e trabalhou duas horas no jardim antes de tomar café da manhã com Hana no quarto do tatami, olhando para o mar de cascalho recém-revolvido que ondulava até a beira da corrente de água. — Sabe, Hana, com o tempo, este jardim até que vai ficar aceitável. Espero que você esteja aqui para desfrutá-lo comigo.

— Eu andei pensando no assunto, Nikko. A idéia tem as suas atrações. Ontem à noite, você esteve ótimo.

— Estava eliminando minhas tensões. Isso ajuda.

— Se eu fosse uma pessoa egoísta, gostaria que você passasse a vida tenso.

Ele deu uma risadinha. — Ah, por favor, dê uma ligada para a aldeia e arranje um lugar para a Srta. Stern no próximo vôo de volta para os Estados Unidos, está bem? As escalas deverão ser Pau — Paris, Paris — New York, New York — Chicago.

— Então, ela vai nos deixar?

— Ainda não. Mas eu quero evitar todos os riscos. As reservas vão ser arquivadas na memória do computador da companhia aérea e, imediatamente, o Gorduchinho vai registrar o novo dado. Talvez isso os leve por um caminho errado.

— E quem é esse "Gorduchinho"?

— Um computador. O inimigo final. Ele arma homens estúpidos com informações.

— Você parece amargo esta manhã.

— E estou. Até com um pouco de autopiedade.

— É. Eu evitei dizer isso, mas é a verdade. E não combina nem um pouco com um homem como você.

— Eu sei — ele sorriu. — Ninguém no mundo ousaria me falar desse jeito, Hana.Você é um tesouro.

— Só estou fazendo o meu papel.

— Certo. Por falar nisso, onde anda o Le Cagot? Eu ainda não o ouvi

esbravejando pela casa.

— Ele saiu a cerca de uma hora com a Srta. Stern. Foi mostrar algumas aldeias desertas para ela. E, devo dizer que ela me pareceu de muito bom humor.

— É, os frívolos se recuperam logo. Não dá para se arranhar com um travesseiro. A que horas eles vão voltar?

— Na hora do almoço, certamente. Prometi ao Benat um gigot assado. Você me disse que ia levar a Hannah para a cabana. A que horas você pretende sair?

— Depois que anoitecer. Estou sendo vigiado.

— Você pretende passar a noite lá com ela?

— Hum, hum. Acho que sim. Eu não gostaria de descer aquelas estradinhas no meio da noite.

— Eu sei que você não gosta da Hannah, mas...

— Não gosto do tipo dela, uma grã-fina de classe média atrás de grandes emoções, se metendo em terrorismo e revoluções. A existência dela já me custou bem caro.

— E você pretende puni-la, enquanto estiverem lá em cima?

— Não pensei nisso.

— Não seja duro. Ela é uma boa menina.

— Tem vinte e quatro anos. Com essa idade, não tem mais direito de ser criança. E ela não é "boa". No máximo,"engraçadinha".

Hel sabia perfeitamente bem o que Hana estava tentando dizer com "punir" a garota. Uma vez ou outra, já se vingara de moças que o tinham aborrecido, fazendo amor com elas, usando suas habilidades sensuais, seu treinamento exótico, para criar uma experiência que a mulher nunca mais teria oportunidade de repetir, mas ficaria procurando em vão, através de vários namoricos e até mesmo casamentos, pelo resto da vida.

Hana não sentia nenhum ciúme de Hannah; isso teria sido ridículo. Durante os dois anos que tinham vivido juntos, tanto ela quanto Hel tiveram liberdade para fazer pequenas viagens e procurar alguma diversão sexual, exercícios de curiosidade física que mantinham seus apetites aguçados e que, por comparação, tornavam ainda mais precioso o que tinham juntos. Certa vez, Hana reclamara levemente, alegando que ele levava a melhor no acordo deles, uma vez que um homem bem treinado poderia alcançar níveis decentes de excitação com uma aprendiz dócil e com fome de conhecimento, enquanto que, mesmo a mais talentosa e experiente mulher teria dificuldades, com o instrumento canhestro

que é um homem cheio de si, em chegar a alguma coisa mais que um amasso desajeitado. Mesmo assim, ela gostava dos ocasionais jovens musculosos de Paris ou da Cote d'Azure, principalmente como objetos de beleza física: brinquedinhos para afagar.

Viajaram pela estradinha sinuosa do vale, já mergulhada na escuridão da noite que descia. As montanhas que se erguiam majestosas à esquerda deles, eram figuras geométricas pouco definidas, enquanto as da direita estavam rosadas e amareladas, coloridas pela luz do sol poente. Quando saíram de Etcheban, Hannah estava toda excitada e falante, entusiasmada com os bons momentos que passara naquela manhã ao lado de Le Cagot, perambulando pelas aldeias desertas das regiões mais elevadas, onde descobrira que os relógios de todas as igrejas tinham perdido seus ponteiros, levados pelos camponeses que abandonavam o local. Le Cagot lhe explicara que a remoção dos ponteiros era necessária, já que não restaria viva alma nas igrejas para dar corda nos pesos que acionavam o mecanismo, e ninguém jamais sonharia em permitir que os relógios de Deus marcassem a hora errada. O tom inflexível do catolicismo basco primitivo estava expresso num memento mori inscrito na torre de uma das igrejas abandonadas: "Cada hora fere, a última mata".

Agora, ela já estava silenciosa, impressionada pela beleza desolada das montanhas que se elevavam de forma tão abrupta, no estreito vale, que pareciam flutuar no ar. Por duas vezes, Hel franziu o cenho e olhou para ela, vendo-a com os olhos tranqüilos e um calmo sorriso nos lábios. Tinha sido atraído e surpreendido pela saturação alfa da aura dela, incomum e inesperada numa pessoa que ele desprezava por não ser mais que uma boboquinha. Mas ela tinha a capacidade de manter a calma e a paz interior. Ele estava prestes a lhe perguntar sobre a sua decisão a respeito dos setembristas, quando sua atenção foi atraída pela aproximação de um carro que vinha de trás, com apenas as lanternas acesas. Passou pela sua mente que Diamond e seus lacaios da polícia francesa poderiam ter descoberto que ele a estava levando para um local mais seguro, e suas mãos seguraram com mais força o volante, enquanto ele recompunha mentalmente as próximas curvas da estrada, resolvendo que forçaria o carro a ultrapassá-lo, para depois empurrá-lo para a ravina que corria à esquerda. Ele fizera um curso extensivo de direção ofensiva, razão pela qual sempre dirigia carros pesados, como este maldito Volvo, exatamente para emergências como aquela.

A estrada não tinha uma única reta, eram curvas atrás de curvas, uma vez

que acompanhava o curso do rio na base da ravina. Não havia nenhum trecho onde se pudesse fazer uma ultrapassagem segura, mas isso, é claro, não deteria um motorista francês, cujo impulso adolescente de guiar em zigue-zague é lendário. O carro que vinha atrás continuou a diminuir a distância até chegar a menos de um metro do pára-lama do Volvo. Piscou os faróis altos e tocou a buzina, depois dançou atrás de Hel quando passavam por numa curva fechada.

Hel relaxou e diminuiu a marcha para deixar o outro passar. A buzina e o piscar dos faróis lhe disseram que aquilo não era uma tentativa de assassinato. Nenhum profissional telegrafaria suas intenções daquele jeito. Era apenas mais um motorista francês infantil.

Hel balançou a cabeça, num gesto paternal, enquanto o Peugeot exigia o máximo do seu motor fraco para tentar ultrapassar; o jovem motorista estava com os dedos brancos grudados ao volante, seus olhos saindo das órbitas na tentativa de não sair da estrada.

Com sua experiência, Hel descobrira que somente os motoristas americanos mais idosos, acostumados a percorrer longas distâncias em boas estradas com excelentes carros, já se tinham acostumado a considerar o automóvel como um brinquedo e uma metáfora de maturidade. A inabilidade infantil do motorista francês freqüentemente o aborrecia, mas não tanto quanto o típico motorista italiano que encarava o carro como uma extensão do pênis, ou o inglês, que o encarava como um substituto.

Durante meia hora, após deixarem o vale, eles subiram na direção das montanhas de Larun, rodando sobre uma péssima estrada que rodopiava como uma cobra em sua agonia final. Algumas das curvas tinham sido feitas num ângulo mais fechado do que a capacidade do Volvo de contorná-las, e transpô-las requeria duas reduções e um certo derrapar na beira de acostamentos cobertos por cascalhos soltos. Nunca conseguiam passar da segunda marcha e a subida era tão íngreme que já não enxergavam a escuridão que cobrira o vale, viam apenas a luminosidade zebrada das altas montanhas: um brilho ofuscante no pára-brisa quando viravam para oeste, seguido de um negrume total quando as rochas salientes bloqueavam a luz do pôr-do-sol.

Mesmo quando essa estrada primitiva terminou, eles continuaram a subir por relheiras maldefinidas, marcadas nos prados alpinos. O sol poente estava agora cor de sangue e imenso, sua base achatada confundindo-se com o horizonte ainda claro. Lá no alto, os picos cobertos de neve brilhavam róseos, tornando-se rapidamente lilás e então púrpura, recortados contra o céu escuro. As primeiras estrelas cintilavam no leste já escuro, enquanto no oeste o céu

continuava azulado, emoldurando o sol vermelho que se punha.

Hel parou o carro ao lado de uma rocha de granito e puxou o breque de mão. — Daqui em diante, teremos que ir a pé. São mais dois quilômetros e meio.

— Subindo? — perguntou Hannah.

— A maior parte do tempo.

— Meu Deus, essa sua cabana é mesmo no fim do mundo.

— Essa é a idéia. — Eles saíram do carro e tiraram as bagagens, tendo que enfrentar o diabólico trinco do porta-malas do Volvo. Já tinham caminhado uns vinte metros, quando Hel se lembrou que não tinha cumprido seu ritual de desopilação. Para não ter que voltar, pegou uma pedra e atirou-a, um lançamento perfeito que acertou a janela de trás, criando uma imensa teia de aranha desenhada pelo vidro trincado.

— Que diabo de coisa foi essa?

— Só uma pequena manifestação. O homem contra o sistema. Vamos indo. Fique perto de mim. Sou capaz de fazer este caminho de olhos fechados.

— Por quanto tempo eu vou ficar aqui em cima, sozinha?

— Até eu resolver o que fazer com você.

— Hoje, o senhor vai ficar comigo?

— Vou.

Eles caminharam mais uns dois minutos e então ela disse:

— Ainda bem.

Ele manteve um ritmo forte porque a luz do dia desaparecia rapidamente. Ela era jovem e forte, e conseguia acompanhá-lo, andando em silêncio, enlevada pelas rápidas mas sutis mudanças das cores no crepúsculo das montanhas. Novamente, como acontecera lá embaixo no vale, ele captou uma surpreendente onda alfa na aura dela — aquele sinal curto, em freqüência média, que ele associava com a meditação e paz de alma, não tendo nenhuma semelhança com os timbres das emissões características das auras dos jovens ocidentais.

Quando estava chegando perto do último prado alpino, Hannah parou subitamente em frente da estreita ravina que levava à cabana.

— O que foi? — perguntou Hel.

— Olha. Estas flores. Eu nunca tinha visto nada parecido na minha vida. —

Ela se inclinou para olhar bem de perto as corolas douradas quase imperceptíveis na luz mortiça.

Ele assentiu. — Elas só nascem neste prado e num outro, logo adiante. — Ele fez um gesto na direção oeste, onde ficava a Mesa dos Três Reis, já não mais visível contra o céu escuro. — Estamos a pouco mais de mil e duzentos metros. Tanto aqui como lá, elas só florescem nesta altura. O pessoal daqui as chama de Olho do Outono, e a maioria das pessoas nunca viu uma delas, porque elas só duram três ou quatro dias.

— Lindas! Mas, já é quase noite e elas ainda estão abertas.

— Elas nunca fecham. Diz a tradição que como o tempo de vida delas é muito curto, elas não ousam se fechar.

— Que coisa mais triste!

Ele deu de ombros.

Sentaram-se um na frente do outro na pequena mesa, acabando de jantar enquanto olhavam, através da parede de vidro espelhado, para a estreita garganta que era o único acesso à cabana. Normalmente, Hel não ficaria à vontade sentado diante de uma parede de vidro, sua silhueta perfeitamente recortada contra a luz do lampião, enquanto todo o resto estava mergulhado na escuridão. Mas ele sabia que o vidro duplo era à prova de balas.

A cabana fora construída com pedra local e tinha uma planta simples: uma sala grande com um balcão em balanço onde se dormia. Assim que chegaram, ele colocou Hannah a par das características do lugar. O riacho que corria de um campo de neve permanente situado num plano superior, passava diretamente sob a cabana, o que fazia com que uma pessoa pudesse pegar água através de um alçapão, sem ter de sair da casa. O tanque de óleo de quatrocentos litros que abastecia o fogão e o aquecedor, estava embutido na mesma pedra com que fora construída a cabana, de maneira que não poderia ser danificado por um tiro. Uma porta corrediça de aço vedava a única entrada. A despensa fora escavada na pedra de granito que uma das paredes da cabana, e estava sempre suprida para um mês. Escondido na parede a prova de balas, havia um pequeno painel que poderia ser aberto para se disparar contra a estreita ravina pela qual qualquer pessoa que se aproximasse da cabana teria que passar. As paredes da ravina eram lisas e todas as saliências que poderiam servir de abrigo tinham sido derrubadas.

— Meu Deus! — exclamou ela — daqui, o senhor poderia segurar um

exército inteiro, para sempre!

— Não um exército e não para sempre; mas é uma posição muito difícil de ser tomada. — De uma das prateleiras, Hel pegou um rifle semi-automático com lentes telescópicas e entregou-o para ela. — Você sabe usar isto?

— Bem... eu acho que sim.

— Entendo. A coisa mais importante é que você atire em qualquer pessoa, que se aproximar da ravina e não estiver com um xahako. Não importa se você vá acertar ou não. O som do disparo vai repercutir por todas estas montanhas e, meia hora depois, a ajuda já estará aqui.

— Mas, o que é um... aan...

— Um xahako é um saco de couro para transportar vinho, como este aqui. Todos os pastores e contrabandistas destas colinas sabem que você está aqui. São todos meus amigos. E eles sempre carregam seus xahakos. Um forasteiro nem pensaria nisso.

— Eu estou num perigo tão grande assim?

— Isso eu não sei.

— Mas por que eles quereriam me matar?

— Não sei se eles querem. Mas é uma possibilidade. Eles podem achar que, se você morresse, eu desistiria da operação porque já não haveria mais nada que eu pudesse fazer para pagar minha dívida com o seu tio. Isso seria um raciocínio idiota porque, se eles te matarem enquanto você estiver sob minha proteção, eu seria forçado a contraatacar. Mas estamos lidando com mentalidades mercantis e militares, e a idiotice é o idioma intelectual deles. Agora, vamos ver se você consegue se virar por aqui.

Ele ensinou-a a acender o fogão e o aquecedor, a tirar água pelo alçapão sobre o riacho, e a carregar o rifle. — Por falar nisso, lembre-se de tomar uma destas cápsulas de sais minerais todos os dias. A água que corre pelo riacho é neve derretida. Não tem minerais e, com o tempo, você terá esgotado todas as reservas do seu organismo.

— Meu Deus, quanto tempo eu vou ficar aqui?

— Não tenho certeza. Uma semana. Talvez duas. Assim que aqueles setembristas tiverem conseguido seqüestrar o avião, eles tiram a pressão de cima de você.

Enquanto Hel preparava o jantar, usando a comida enlatada da despensa, ela ficou perambulando pela cabana, mexendo nas coisas, mergulhada nos próprios

pensamentos.

E, agora, eles estavam sentados um na frente do outro, na mesinha redonda ao lado da parede de vidro, o castiçal jogando sua luminosidade sobre o jovem e suave rosto dela, onde as marcas de caráter e experiência ainda não tinham aparecido. Ela passara todo o jantar em silêncio e tomara mais vinho do que estava acostumada, o que fazia com que seus olhos úmidos adquirissem uma expressão vaga. — Acho que posso dizer que o senhor não precisa mais se preocupar comigo. Eu já sei o que vou fazer. Hoje de manhã, decidi voltar para casa e tentar com toda força me esquecer de todo esse ódio e... horror. Não é o tipo de coisa que eu curto. E, mais importante, eu agora descobri que isso tudo, sei lá, no fundo, não tem importância. — Ela ficou abstraída, brincando com a chama da vela, passando o dedo através dela com velocidade suficiente para não se queimar. — Ontem à noite, me aconteceu uma coisa estranha. Esquisita. Mas maravilhosa. Hoje, eu passei o dia todo sentindo os efeitos dela.

Hel pensou nas freqüências da aura dela que ele captara.

— Eu não conseguia dormir. Me levantei e fiquei andando pela sua casa no escuro. Então, fui para o jardim. O ar estava frio e não havia nem uma leve brisa. Eu me sentei ao lado do riozinho e dava para ver o brilho escuro da água. Estava lá, de olhos grudados nele, sem pensar em nada particular, então, de repente, eu... era uma sensação que eu acho que me lembro de ter tido quando era criança. Subitamente, todas as pressões, as confusões, o medo, tudo tinha ido embora. Essas coisas se dissolveram no ar e eu me senti leve. Senti como se estivesse sendo transportada para outro lugar, um lugar onde eu nunca tinha estado, mas que conhecia perfeitamente. Havia muito sol, tudo estava parado e tranqüilo, e eu estava no meio de um enorme gramado. Tinha a impressão de compreender tudo. Quase como se eu fosse... não sei. Quase como se eu fosse... ai! — Ela puxou a mão e chupou o dedo queimado.

Ele riu e balançou a cabeça; ela riu também. — Mas que idéia de pôr o dedo na vela! — exclamou ela.

— Pois é. Mas eu acho que você ia dizer que era quase como se você, a grama e o sol fossem todos um só, partes da mesma coisa.

Ela cravou os olhos nele, o dedo ainda metido na boca: — Como é que o senhor sabe disso?

— É uma experiência que outras pessoas já tiveram.Você disse que se lembra de ter sentido uma coisa parecida quando era criança?

— Bem, não é que eu me lembre, exatamente. Não, eu não me lembro de

nada. Só que, quando estava lá, eu tive a sensação de que tudo aquilo não era novo ou desconhecido. Era uma coisa que eu já tinha feito antes... mas na verdade eu não me lembro de ter feito. Dá para entender?

— Acho que sim. Pode ser que você tenha vivido uma experiência atávica...

— Vou dizer uma coisa para o senhor! Me desculpe, eu não quis interromper. Mas vou dizer com o que se parece. É como quando você entra num lance e tudo corre bem, você fica no maior barato, sabe como é, uma viagem legal ou coisa do tipo, quando você está num estado de espírito perfeito e tudo corre pelo melhor no melhor dos mundos possíveis. Não é exatamente assim, porque com as drogas você nunca chega lá, mas é para onde você pensa que está indo. Entende o que eu estou querendo dizer?

— Não.

— O senhor nunca dá um tapa ou uma fungada?

— Não. Nunca precisei. Minhas reservas interiores estão intactas.

— Bem., era uma coisa parecida com isso.

— Entendo. Como está o seu dedo?

— Ah, tudo bem. O ponto é que, depois que a coisa acabou ontem à noite, eu me vi sentada lá no jardim, descansada e com a mente limpa. E eu não estava mais perdida. Sabia que não fazia o menor sentido tentar punir os setembristas, A violência não leva para lugar nenhum. É irrelevante. E agora, acho que a única coisa que eu quero é ir para casa. Quero passar algum tempo tentando me encontrar comigo mesma. Então, talvez... eu não sei.Ver o que está acontecendo em volta de mim, talvez. Tentar administrar a minha vida. — Ela voltou a encher sua taça de vinho, tomou tudo de um gole só e colocou a mão no braço de Hel. — Acho que eu lhe causei um monte de problemas. Fui um estorvo para o senhor.

— Acho que os americanos, lá na língua deles, chamam isso de "pé no saco".

— Gostaria que houvesse alguma maneira de acertar as contas com o senhor.

Ele riu do duplo sentido da frase dela.

Ela serviu-se de mais uma taça de vinho e disse: — O senhor acha que a Hana se incomoda do senhor estar aqui?

— Por que deveria?

— Bem... quero dizer... o senhor acha que ela não liga para o fato de a gente

passar a noite juntos?

— O que essa frase significa para você?

— O que? Bem... nós vamos dormir juntos.

— Dormir juntos?

— No mesmo lugar, quero dizer. O senhor sabe o que eu estou querendo dizer.

Ele olhou para ela, sem responder. A experiência mística que Hannah tivera, mesmo tendo sido um acontecimento único desencadeado por um acúmulo de tensão e desespero e não a conseqüência de um espírito equilibrado e tranqüilo, fizera com que Hannah passasse a ter algum valor aos olhos de Hel. Mas esta nova visão não estava livre de uma ponta de inveja causada pelo fato de que aquela pirralha desbundada conseguisse atingir um estado que ele perdera há anos, e provavelmente para sempre. Ele reconheceu que a inveja era um sentimento infantil e menor, mas esta certeza não foi suficiente para banir o que sentia.

Hannah estava de olhos fixos na chama da vela, tentando ordenar suas emoções. — Tenho uma confissão a fazer.

— Tem?

— Quero ser honesta com o senhor.

— Não se preocupe com isso.

— Não, eu quero. Mesmo antes de conhecê-lo, eu costumava pensar no senhor... ficava divagando, sabe? Todas as histórias que o meu tio me contava sobre o senhor. Eu fiquei muito espantada quando vi como o senhor era jovem, quer dizer, como parecia ser tão jovem. E eu acho que, se analisar meus sentimentos, deve haver alguma espécie de projeção paterna. Aí está o senhor, o grande mito, em carne e osso. Eu estava apavorada e perdida e o senhor me protegeu. Eu consigo ver todos os impulsos psicológicos que me jogam para cima do senhor; e o senhor, não vê?

— Você já pensou na possibilidade de ser apenas uma garota normal com um desejo saudável e descomplicado de gozar? Ou você acha que isso é psicologicamente pouco sutil?

Ela olhou para ele e assentiu: — O senhor sabe muito bem como acabar com uma pessoa, não? Deixa as pessoas peladas, sem ter como se cobrir.

— Isso é verdade. E talvez seja indelicado de minha parte. Me desculpe.

Vou te dizer o que eu acho que esteja acontecendo com você. Você está sozinha, solitária e confusa. Quer que alguém te pegue no colo e conforte. Só que você não sabe como pedir isso, porque você é um produto da cultura ocidental; então você negocia, tenta barganhar, e confunde sexo com carinho. A mulher ocidental costuma fazer esse tipo de confusão. Afinal de contas ela está acostumada a negociar com o homem ocidental, que sempre quer levar a melhor em tudo, cuja concepção de permuta social é frágil e restrita, e que quer sexo como se fosse dinheiro de verdade, uma em cima da outra, porque esse é o único tipo de troca na qual ele se sente em casa. Srta. Stern, você pode dormir comigo hoje à noite, se quiser. Eu vou te abraçar e confortar, se é isso que quer.

A gratidão e o excesso de vinho umedeceram os olhos de Hannah. — Eu gostaria muito, sim.

Mas a besta que mora dentro de todos nós raramente é direcionada por boas intenções. Quando Hel se conscientizou das atenções de Hannah e sentiu que ela irradiava o ritmo sincopado alfa/beta que acompanha a excitação sexual, a sua resposta não foi ditada somente pelo desejo de impedir que ela se sentisse rejeitada.

Ela estava excepcionalmente pronta e à vontade com todos os nervos à flor da pele e desesperadamente sensível. Como era muito jovem, houve uma certa dificuldade para mantê-la úmida, mas com exceção desse aborrecimento mecânico, ele conseguia fazer, sem grande esforço, com que ela estivesse sempre no clímax.

Os olhos dela reviraram novamente e ela implorou, — Não... por favor... não agüento outra vez! Se gozar de novo, eu vou morrer! — Mas suas contrações involuntárias eram cada vez mais freqüentes e, logo depois, ela estava arquejando no seu quarto orgasmo, que ele prolongou até que as unhas dela agarraram freneticamente a ponta do tapete.

Hel lembrou-se da advertência feita por Hana de que ele pudesse diminuir o prazer das futuras experiências de Hannah sempre que ela fizesse uma comparação, e como não estivesse particularmente interessado em gozar, trouxe-a lentamente de volta, acariciando-a e acalmando-a enquanto os músculos das nádegas, estômago e coxas dela palpitavam com o esgotamento dos repetidos orgasmos, e ela deixou-se ficar deitada, imóvel, sobre uma pilha de travesseiros, semiconsciente, e sentindo sua carne derreter.

Hel lavou-se com água gelada e subiu no balcão para dormir.

Algum tempo depois, sentiu que ela se aproximava, silenciosamente. Ele abriu espaço para ela e aninhou-a nos braços. Ao mergulhar no sono, ela murmurou sonhadoramente: — Nicholai.

— Por favor, não me chame pelo primeiro nome.

Ela ficou quieta por um momento. — sr. Hel, não se assuste com isto, porque é só uma coisa passageira. Mas, neste instante, estou apaixonada pelo senhor.

— Não seja boba.

— Sabe o que eu queria?

Ele não respondeu.

— Queria que já fosse de manhã, e eu pudesse sair e colher algumas flores para o senhor... aqueles Olhos do Outono que a gente viu.

Ele deu uma risadinha e puxou-a para si: — Boa noite, srta. Stern.

Etchebar

A manhã já ia avançada quando Hana ouviu o barulho de uma pedra caindo no riacho e saiu do castelo para encontrar Hel rearranjando as pedras sonantes, as pernas das calças enroladas, os braços pingando água.

— Será que algum dia eu vou conseguir arrumar isto do jeito que eu quero, Hana?

Ela balançou a cabeça. — Só você pode saber, Nikko. A Hannah já está acomodada em segurança na cabana?

— Já, sim. Olha, eu acho que as garotas já esquentaram a água. Quer tomar um banho comigo?

— Claro.

Eles se sentaram, um na frente do outro, os pés se acariciando como faziam habitualmente, os olhos fechados e os corpos leves.

— Espero que você tenha sido gentil com ela.

— Fui.

— E você? Como foi para você?

— Para mim? — Ele abriu os olhos. — Madame, será que a senhora tem algum compromisso sério e intransferível para este momento?

— Vou ter de consultar minha agenda de festas, mas acho que será possível dar um jeitinho para encaixar você.

Pouco depois do meio-dia, quando ele tinha razões para esperar que o telefone local estivesse funcionando pelo menos precariamente, Hel fez uma ligação internacional para o número que Diamond deixara com ele. Tinha decidido dizer à Companhia-Mãe que Hannah Stern resolvera voltar para casa, deixando os setembristas em paz. Presumiu que Diamond ficasse pessoalmente satisfeito com a idéia de que tivesse assustado Nicholai Hel mas, da mesma forma como um elogio partindo daquela pessoa não o deixaria satisfeito, também o desprezo não o deixava contrafeito.

Levaria mais de uma hora para que o horroroso e antiquado sistema telefônico francês conseguisse completar sua ligação, e Hel resolveu passar o tempo inspecionando suas terras. Sentia-se calmo, bem disposto em relação à vida, curtindo aquela euforia generalizada que costuma se seguir a um momento de proximidade de risco e perigo. Em função de uma gama completa de razões abstratas, ele temera ver-se envolvido num negócio repleto de intrincadas relações de paixões e personalidades.

Estava perambulando pelos labirintos de alfenas nos gramados da ala leste quando encontrou Pierre, que se encontrava, como de hábito, alegremente atordoado pelo vinho. O jardineiro olhou para o céu e declarou, — Ah, M'sieur, teremos uma tempestade em breve. Todos os sinais insistem em indicar essa eventualidade.

— É?

— Ah, sim, não há dúvida. As nuvenzinhas da manhã foram tangidas contra o flanco da ahune-mendi. A primeira ursoa sobrevoou o vale esta tarde. A sagarra virou suas folhas contra o vento. Esses são sinais infalíveis. A tempestade é inevitável.

— Isso é muito ruim. Para nós, seria melhor uma chuvinha fraca.

— Verdade, M'sieur. Mas veja! Aí vem o M'sieur Le Cagot. E como vem bem vestido!

Le Cagot atravessava o gramado, ainda usando as, agora amarrotadas, roupas teatrais que vestira duas noites atrás. Quando se aproximou, Pierre deu um jeito de se afastar, explicando que havia milhares de coisas a exigir sua imediata atenção.

Hel saudou Le Cagot. — Faz tempo que eu não te vejo, Benat. Por onde você tem andado?

— Puff! Estive em Larrau com a viúva, ajudando-a a apagar o incêndio que tem no meio das pernas. — Le Cagot estava visivelmente sem jeito, suas piadas eram mecânicas e sem graça.

— Um dia, Behat, aquela viúva vai te pegar de jeito e você vai se ver na porta da... Mas, o que houve? Qual é o problema?

Le Cagot colocou as mãos nos ombros de Hel. — Tenho péssimas notícias para você, meu amigo. Aconteceu uma coisa terrível. Sabe a garota com os peitos de melancia? A sua hóspede?

Hel fechou os olhos e virou a cabeça. Depois de um curto silêncio,

perguntou baixinho: — Morta?

— Temo que sim. Um contrabandista ouviu os disparos. Quando chegou na cabana, ela já estava morta. Eles atiraram nela... muitas e muitas vezes.

Hel inspirou profundamente e segurou o ar por um momento; depois soltou a respiração completamente, absorvendo o choque inicial e tentado evitar o assomo de fúria que lhe nublava a mente. Mantendo a cabeça vazia, ele voltou para o castelo, seguido de Le Cagot, que respeitava o escudo de silêncio com que o amigo se protegera.

Hel sentou-se por dez minutos na entrada do quarto do tatami, de olhos cravados no jardim, enquanto Le Cagot se deixava ficar ao seu lado. Passado esse tempo, refocalizou o olhar e disse, num tom monotônico. — Muito bem. Como é que eles conseguiram chegar na cabana?

— Não precisaram. Ela foi encontrada no prado embaixo da ravina. Evidentemente, estava colhendo flores silvestres. Tinha um ramo enorme nos braços.

— Garotinha boboca! — disse Hel, num tom que denunciava certa afeição. — Sabemos quem atirou nela?

— Sim. Dois forasteiros foram vistos no começo da manhã na aldeia de Lescun. As descrições batem com as do amérlo do Texas que eu conheci no seu jantar, e do biltrezinho árabe.

— Mas como é que eles souberam onde ela estava? Só o nosso pessoal sabia.

— Só existe uma maneira. Alguém dedurou.

— Um dos nossos]?

— Eu sei! Eu sei! — Le Cagot falava entredentes. — Andei fazendo perguntas por aí. Mais cedo ou mais tarde, eu acabo descobrindo quem foi. E quando descobrir, juro pelos Proféticos Bagos de José no Egito, que a ponta da lâmina da minha makila vai trespassar aquele coração empedernido! — Le Cagot estava envergonhado e furioso com o fato de que um dos seus conterrâneos, um montanhês basco, tivesse desgraçado a sua raça daquela maneira. — O que você acha, Nikko? Vamos pegar esses caras, o amérlo e o árabe?

Hel balançou a cabeça. — Nesse momento, eles já estão num avião, indo para os Estados Unidos. Mas a hora deles vai chegar.

Le Cagot socou um punho contra o outro, arranhando a pele de um dos nós

dos dedos. — Mas, por que, Nikko? Por que matar uma gostosinha daquelas? Que mal ela podia fazer, a pobre coitada?

— Eles queriam me impedir de fazer uma coisa. Acharam que poderiam cancelar a minha dívida com o tio, matando a sobrinha.

— E estavam enganados, claro.

— Evidente. — Hel endireitou o corpo, indicação de que sua mente começava a funcionar num ritmo diferente. — Você vai me ajudar, Behat?

— Se eu vou ajudar? Por acaso você não mija fedido quando come aspargos?

— Eles colocaram as forças da segurança interna da França por toda esta parte do país, com ordens para acabar comigo, se eu tentar sair da região.

— Puff! O único encanto das forças de segurança é a sua proverbial incompetência.

— Mesmo assim, vão encher o saco! E podem ter sorte. Temos de neutralizá-las. Você se lembra do Maurice de Lhandes?

— O homem que eles chamam de Gnomo? Mas, claro.

— Preciso entrar em contato com ele. Vou precisar da ajuda dele para chegar são e salvo à Inglaterra. Vamos atravessar as montanhas hoje à noite, e entrar na Espanha até San Sebastian. Vou precisar de um barco pesqueiro para me levar pela costa até St. Jean de Luz. Dá para você arranjar isso?

— Por acaso, uma vaca não lamberia a mulher do Lot?

— Depois de amanhã, eu vou voar de Biarritz para Londres. Eles vão vigiar os aeroportos. Mas estarão muito espalhados e essa será a nossa vantagem. Começando na hora do almoço desse dia, quero que sejam vazadas informações para as autoridades, informando que eu fui visto em Oloron, Pau, Bayonne, Bilbao, Mauléon, St. Jean Pied de Port, Bordeaux, Ste. Engrace e Dax – tudo ao mesmo tempo. Quero tumultuar o cruzamento de informações deles, de maneira que a notícia que partir de Biarritz seja apenas uma gota num mar de informações. Dá para fazer isto?

— Se dá para fazer? Por acaso... Não consigo me lembrar de nenhum velho ditado no momento. Mas, claro que dá para fazer. Isso é como nos velhos tempos, hein?

— Parece que sim.

— Você vai me levar com você, lógico.

— Não. Isto não é o seu tipo de coisa.

— Opa! Não se iluda com as minhas barbas grisalhas! Dentro deste corpo vive um garoto! Um garoto muito malvado!

— Não é isso. Se fosse para invadir uma prisão ou mandar um posto policial pelos ares, eu não pensaria em ninguém mais além de você. Mas o caso aqui não é de ter coragem. Vai ter que ser resolvido com artimanhas.

Quando estava ao ar livre, Le Cagot tinha o costume de se virar de lado, desabotoar a braguilha e mijar enquanto falava. É o que estava fazendo no momento. — E você acha que eu não tenho cá as minhas mumunhas? Eu sou a personificação da sutileza! Como um camaleão, eu me misturo com qualquer ambiente.

Hel não pôde deixar de sorrir. Aquele mito popular criado por si mesmo que estava diante dele, resplandecente na sua roupa fin de siècle toda amarrotada, os botões de cristal do colete bordado cintilando ao sol, a boina enfiada na cabeça quase cobrindo os óculos escuros, a barba ruiva e grisalha cobrindo a echarpe de seda, a velha e surrada maküa metida embaixo do braço, enquanto segurava o pênis com uma das mãos e espirrava urina para todo lado como um colegial — era este homem que alegava ser sutil e imperceptível.

— Não, eu não quero que você vá comigo, Behat. Você vai me ajudar muito mais arranjando tudo o que eu te pedi.

— E depois disso? O que é que eu vou fazer enquanto você estiver fora, divertindo-se a valer? Ficar rezando, ou fazendo figa?

— Vou te dizer o que fazer. Enquanto eu estiver fora, você pode apressar os preparativos para a exploração da nossa caverna. Leve para baixo o resto do equipamento que nós vamos precisar. Roupas de mergulho. Tanques de ar. Quando eu voltar, vamos explorar aquilo tudo vinte e quatro horas por dia. Que tal?

— É melhor que nada. Mas não é muito.

Uma criada aproximou-se para avisar Hel de que sua presença era necessária no castelo.

Encontrou Hana segurando o fone da despensa do mordomo e cobrindo o bocal com a palma da mão. — É o Sr. Diamond retornando sua ligação para os Estados Unidos.

Hel olhou para o telefone, depois abaixou os olhos. — Diz para ele que eu volto a ligar em breve.

Terminaram de cear no quarto do tatami, e estavam agora admirando as mudanças das sombras noturnas que dançavam através do jardim. Ele lhe dissera que iria ficar ausente por cerca de uma semana.

— Isso tem a ver com a Hannah?

— Tem. — Ele não tinha razão para contar-lhe que a garota estava morta.

Depois de um silêncio, Hana disse: — Quando você voltar, minha estada com você já estará bem perto do fim.

— Eu sei. Então, você terá que decidir se está interessada em continuar a nossa vida juntos.

— Pois é. — Ela abaixou os olhos e, pela primeira vez na vida, ele notou que as maçãs do rosto dela estavam ruborizadas. — Nikko? Seria uma grande idiotice se a gente pensasse em nos casar?

— Casar?

— Esquece. Foi só uma idéia boba que passou pela minha cabeça. Acho que, de uma maneira ou de outra, eu mesma não ia querer. — Ela tocara no assunto com muito cuidado e, assim que ele reagiu, ela recuou.

Por muitos minutos, Hel ficou mergulhado em pensamentos: — Não, não é uma idéia tão boba assim. Se você decidir me dar anos da sua vida, então é claro que nós temos que tomar providências para assegurar economicamente o seu futuro. Vamos falar disso quando eu voltar.

— Eu não tenho coragem de tocar de novo o assunto.

— Eu sei, Hana. Mas eu tenho.

PARTE QUATRO

UTTEGAE

St. Jean de Luz/Biarritz

O barco pesqueiro aberto cortou o rastro da lua que se punha, uma faixa prateada no mar, criando um efeito semelhante à pincelada de um aquarelista brega. O motor a diesel roncou surdamente e, ao ser desligado, engasgou. A proa desviou-se quando o barco bateu na praia pedregosa. Hel pulou pela lateral e ficou com a água até os joelhos na maré enchente, a mochila presa nos ombros. Um aceno da sua mão foi respondido por um movimento indistinto vindo do barco, e ele partiu rumo à praia deserta, suas calças de brim pesadas, encharcadas de água, suas alpargatas de sola de corda enterrando-se na areia. O motor roncou e começou a girar ritmicamente, enquanto o barco se afastava rumo ao alto mar, ao longo da costa escura que levava à Espanha.

Do alto de uma duna, Hel podia ver as luzes dos cafés e bares que circundavam o pequeno cais de St. Jean de Luz, onde barcos de pesca balançavam sonolentamente na água oleosa das docas. Mudou a mochila para o outro ombro e foi em direção ao café da baleia, para confirmar um pedido feito por telegrama para que lhe preparassem um jantar. O dono do café fora um famoso cozinheiro em Paris, antes de se resolver a voltar para sua aldeia natal. De vez em quando, gostava de exibir suas habilidades, especialmente quando o sr. Hel lhe dava carta branca em relação ao cardápio e às despesas. O jantar deveria ser preparado e servido na casa do Monsieur de Lhandes, o "pequeno cavalheiro" que morava numa velha mansão na ponta da praia e que nunca era visto nas ruas de St. Jean de Luz, uma vez que sua figura poderia causar comentários e talvez até mesmo ser alvo de alguma zombaria por parte de crianças mal-educadas. Monsieur de Lhandes era um anão com pouco mais de um metro de altura, embora tivesse mais de sessenta anos.

A batida de Hel na porta dos fundos fez com que Mademoiselle Pinard espreitasse cautelosamente através das cortinas. Então, abriu um sorriso largo e escancarou a porta: — Ah, Monsieur Hel! Bem-vindo. Já faz muito tempo desde a última vez em que nos vimos! Entre, entre! Ora, mas o senhor está ensopado! Monsieur de Lhandes está ansioso para jantar com o senhor.

— Eu não gostaria de molhar o seu chão, Mademoiselle Pinard. Será que posso tirar minhas calças?

Mademoiselle Pinard enrubesceu e, deliciada, deu-lhe um tapa no ombro. — Ah, Monsieur Hel, isso lá são modos de falar! Vocês, os homens! — Obedecendo à imutável rotina de flerte chistoso que mantinham, ela estava ao mesmo tempo alvoroçada e divertida. Mademoiselle Pinard tinha alguma coisa mais de cinqüenta anos – ela sempre tivera alguma coisa mais de cinqüenta anos. Alta e delgada, com mãos secas e nervosas e um jeito duro de caminhar, tinha o rosto muito alongado para os olhos pequenos e a boca fina, e grande parte dele era ocupado pela testa e pelo queixo. Caso sua face tivesse uma personalidade mais marcante, ela teria sido feia; da maneira que era, ela era apenas simples. Mademoiselle Pinard era o molde do qual são feitas as virgens, e sua formidável virtude não era de nenhuma forma diminuída pelo fato de ter sido, por trinta anos, companheira, enfermeira e amante de Bernard de Lhandes. Era o tipo de mulher que exclamava "Zut!" e "Ma foi!" quando se sentia exasperada e perdia o controle da sua boa educação.

Ao conduzir Hel para o quarto que sempre ocupava quando visitava a mansão, ela disse em voz baixa: — Monsieur de Lhandes não está nada bem, o senhor sabe. Fico muito feliz que ele possa desfrutar da sua companhia esta noite, mas o senhor tem de me prometer que será muito cuidadoso. Ele está muito perto de Deus. Semanas, meses no máximo, me disse o doutor.

— Terei o todo cuidado, querida. Pronto, chegamos. Não gostaria de entrar enquanto eu me troco?

— Oh, Monsieur!

Hel deu de ombros. — Que pena! Mas um dia, as barreiras entre nós cairão, Mademoiselle Pinard. E então... Ah, então...

— Monstro! E Monsieur de Lhandes é tão seu amigo! Vocês, homens!

— Somos vítimas dos nossos apetites, Mademoiselle. Vítimas indefesas. Me diga, o jantar está pronto?

— O chefe de cozinha e seus ajudantes fizeram a maior azáfama na cozinha o dia todo. Está tudo no ponto certo.

— Então, eu a verei no jantar quando poderemos, juntos, satisfazer nossos apetites.

— Oh, Monsieur!

Jantaram no maior salão da casa, cujas paredes estavam cobertas de prateleiras com livros enfileirados e empilhados, numa desordem que testemunhava o anseio de de Lhandes de aprender cada vez mais. Como considerava ultrajante ler e comer ao mesmo tempo, o que atenuaria uma das paixões com a outra, de Lhandes tinha tido a idéia de combinar sua biblioteca e sala de jantar no mesmo cômodo, e a comprida mesa do refeitório servia para ambas as finalidades. Sentaram-se numa das extremidades da mesa, Bernard de Landhes na cabeceira, Hel à sua direita e Mademoiselle Pinard à esquerda. Como a maior parte do mobiliário, as cadeiras e a mesa tinham sido cortadas para diminuírem de tamanho, e eram um tanto altas para de Lhandes e um tanto pequenas para seus raros hóspedes. Assim, explicara de Lhandes a Hel em certa ocasião, era a natureza dos compromissos: uma condição que a ninguém satisfazia, mas deixava a todos com a reconfortante sensação de que os outros tinham recebido o mesmo tratamento.

O jantar já estava quase no final, e eles estavam descansando e batendo papo entre um prato e outro. Tinham sido servidos com caviar Neva com blinis, ainda quentes nas suas toalhinhas, St. Germain Royal (de Lahndes achou que havia um pouquinho de hortelã a mais), suprême de sole au Château Yquem, codorniz sob cinzas (de Lhandes comentou que a nogueira teria sido uma madeira mais apropriada para o fogareiro, mas podia aceitar o sabor emprestado pelas cinzas de carvalho), costelas de carneiro à Eduardo VII (de Lhnades lamentou que o tempo não estivesse suficientemente frio, mas entendia que a visita de Hel tinha sido marcada de um dia para o outro), arroz à grega (o excesso de pimentão vermelho foi atribuído por de Lhandes ao local de nascimento do cozinheiro), enguias (a pouca quantidade de suco de limão foi atribuída por de Lhandes à personalidade do cozinheiro), fundos de alcachofra à fiorentina (o forte desequilíbrio entre o gruyère e o parmesão no molho mornay foi atribuído por de Lhnades à perversidade do cozinheiro, uma vez que o erro já fora cometido e comentado anteriormente), e salada Danicheff (que, para seu ligeiro aborrecimento, de Lhandes achou perfeita).

De cada um desses pratos, de Lhandes serviu-se da menor quantidade possível mas que ainda lhe permitiria ter, imediatamente, todo o sabor nas suas papilas gustativas. Seu coração, fígado e aparelho digestivo estavam tão arruinados, que o médico o colocara numa dieta restrita apenas a alimentos suavíssimos. Hel, por uma questão de hábito alimentar, comia muito pouco. O apetite de Mademoiselle Pinard era bom, embora o seu conceito de boas maneiras à mesa a obrigasse a comer porções mínimas em cada garfada e a mastigar demoradamente com movimentos circulares efetuados apenas com a

parte anterior da boca, que limpava passando cuidadosa e freqüentemente o guardanapo sobre os lábios finos. Uma das razões pelas quais o chefe de cozinha do Café da Baleia apreciava preparar esses jantares ocasionais para Hel era o banquete com que sempre se deliciavam sua família e amigos mais tarde, na mesma noite.

— É impressionante como comemos pouco, Nicholai — comentou de Lhandes, com sua voz surpreendentemente grave. — Você com sua atitude monacal em relação à comida e eu com minha saúde depauperada! Comendo desse jeito, eu me sinto como um garoto milionário de dez anos num bordel de luxo!

Mademoiselle Pinard preferiu esconder o rosto atrás do guardanapo por um instante.

— E essas gotícuias de vinho! — reclamou de Lhandes. — Ah!, como eu decaí! Um homem que, através do conhecimento e do dinheiro, transformou a glutonaria numa arte maior! O destino é irônico ou justo, não sei qual dos dois. Mas, olhe para mim! Comendo como se fosse uma freira descarnada e pudica, fazendo penitência por ter sonhado com o jovem pároco!

Novamente, o guardanapo cumpriu sua missão de ocultar o enrubescimento de Mademoiselle Pinard.

— Qual é a gravidade da sua doença, meu velho amigo? — perguntou Hel. O relacionamento deles sempre se baseara em completa franqueza.

— Estou nas últimas. Este meu coração mais parece uma esponja que uma bomba. Já estou aposentado por... quanto? Cinco anos, agora? E, por quatro deles, não fui de nenhuma utilidade para a querida Mademoiselle Pinard... a não ser como observador, é claro.

Guardanapo.

O jantar terminou com um sortimento de bombas, frutas e sorvetes diversos — nada de conhaque ou digestivos — e Mademoiselle Pinard se retirou para que os homens pudessem conversar.

De Lhandes deixou-se escorregar da sua cadeira e foi até a frente da lareira — fazendo duas pausas para respirar — onde ocupou uma poltrona baixa na qual, mesmo assim, seus pés ficavam balançando no ar.

— Todas as cadeiras são chaises longues para mim, meu caro. — Ele riu. — Muito bem, o que posso fazer por você?

— Preciso de ajuda.

— Mas, claro. Bons amigos como somos, você não viria de barco no meio da noite com o único propósito de estragar um belo jantar tendo que beliscar como um passarinho. Você sabe que eu estou afastado há alguns anos do mercado de informações, mas ainda guardo uma coisinha aqui e outra ali dos velhos tempos e, se puder, vou ajudá-lo.

— É importante que eu diga que eles pegaram todo o meu dinheiro. Não vou ter condições de pagar de imediato.

De Lhandes fez um gesto afastando a idéia: — Eu te mando uma conta lá do inferno.Você não vai ter dificuldades de reconhecê-la, porque virá com as bordas chamuscadas. O que é? Uma pessoa ou um governo?

— Um governo. Tenho de entrar na Inglaterra. Mas, eles estão esperando por mim. O assunto é muito pesado, portanto minha muleta vai ter de ser forte.

De Lhandes suspirou: — Oh, céus! Se fosse os Estados Unidos! Sei umas coisas sobre os Estados Unidos que fariam a Estátua da Liberdade cair de bunda e de pernas já abertas. Mas, a Inglaterra? Nada. Nada de nada. Coisinhas mínimas e bobagens. Algumas bem reprováveis, nem se discute, mas nada de grande.

— Que tipo de coisas?

— Ah, as de sempre. Homossexualismo no ministério de Relações Exteriores...

— Isso não é novidade.

— Eu sei, mas no nível em que me refiro, é interessante. E tenho fotografias. Muito poucas coisas são mais ridículas do que as posições nas quais um homem fica quando faz amor. Particularmente se ele já não for mais jovem. E, o que mais eu tenho? Ah... um pouco de rebeldia na família real? Os pecadilhos e subornos políticos de sempre? Um inquérito arquivado sobre aquele acidente aéreo que custou a vida do... você certamente se lembra. — De Lhandes olhou para o teto, tentando se lembrar o que havia nos seus arquivos. — Ah, existem provas de que o envolvimento entre os interesses pelo petróleo árabe e o governo é mais íntimo do que se imagina. E um monte de coisas individuais sobre o pessoal que está no governo, a maioria irregularidades fiscais e sexuais. Mas, você tem certeza absoluta de que não quer alguma coisa sobre os Estados Unidos? Sobre eles, eu tenho uma verdadeira bomba. Um item invendável. Grande demais para quase todo tipo de uso. Seria como quebrar um ovo com uma marreta.

— Não, tem de ser com os ingleses. Eu não tenho tempo de armar uma

pressão indireta de Washington sobre Londres.

— Hummm.Vamos fazer o seguinte. Por que você não leva tudo? Arranje um jeito de publicar todo o pacote, uma bomba logo atrás da outra. Escândalo em cima de escândalo, demolindo a confiabilidade deles... você sabe do que eu estou falando. Cada uma das flechadas não vai matar ninguém; sabe, uma andorinha não faz verão, mas um bando delas... quem sabe? É o máximo que posso oferecer.

— Então vai ter que servir. Vamos funcionar como sempre? Eu levo fotocópias? Combinamos um sistema de "disparos" usando as revistas alemãs como principais veículos?

— Até hoje nunca falhou. Tem certeza que você não quer o que sobrou do hímen da Estátua da Liberdade?

— Não sei para que me serviria.

— Bem, no mínimo seria uma imagem constrangedora, mas... você pode passar a noite conosco?

— Se for possível. Amanhã, ao meio-dia, tenho um vôo para Biarritz e vou ter de andar às escondidas. A polícia local está atrás de mim.

— Pena. Como último remanescente da nossa espécie, você tem de se proteger. Sabe, ultimamente eu andei pensando em você, Nicholai Alexandrovitch. Não freqüentemente, veja bem, mas com alguma profundidade. Não freqüentemente porque, quando se chega ao momento ou-vai-ou-racha da vida, você não perde muito tempo contemplando os personagens secundários da farsa que foi a sua história. E uma das coisas difíceis que o homem egocêntrico tem de encarar é que ele é um personagem secundário na biografia de todo mundo, menos na ele. Sou uma peça insignificante na sua vida; e você na minha. Nós nos conhecemos há mais de vinte anos mas, deixando os negócios de lado (e nós sempre temos de deixar os negocios de lado), passamos talvez um total de doze horas conversando intimamente, investigando honestamente a mente e as emoções um do outro. Eu te conheci, Nicholai, por meio dia. Na verdade, isto não é mau. A maioria dos grandes amigos e dos casais casados (duas pessoas raramente pertencem a esses dois grupos) não podem se gabar de terem tido doze horas de verdadeiro interesse mútuo depois de passarem a vida compartilhando o mesmo espaço e as mesmas irritações, fazendo reivindicações territoriais e tendo altercações. Então... eu te conheço por meio dia, meu amigo, e acabei gostando de você. Tenho a mim mesmo em alta conta por ter conseguido fazer isto, porque você não é uma pessoa fácil de se gostar. Admiração? Sim, claro. Respeito? Se o medo faz parte do respeito, então

evidentemente. Mas, amor? Ah, isso é uma coisa completamente diferente. Porque no amor existe uma necessidade de perdoar, e você é um homem muito difícil de se perdoar. Meio santo ascético, meio vândalo saqueador, você não se deixa perdoar facilmente. Sob uma das personalidades, você está acima do perdão; sob a outra, abaixo. E, neste assunto, você está sempre ressentido. Fica-se com a impressão de que você jamais vai perdoar um homem que te perdoou. (Isto, provavelmente, não quer dizer muita coisa, mas soa muito bem, e uma canção tem de ter música, além das palavras). E depois de ter te conhecido por doze horas, eu poderia encapsulá-lo — reduzi-lo a uma única definição — chamando você de anti-herói medieval.

Hel sorriu. — Anti-herói medieval? O que diabos isso quer dizer?

— Quem está com a palavra, eu ou você? Vamos ver se a gente tem um pouco de respeito silencioso pelos que estão morrendo. Faz parte do seu estilo japonês — culturalmente japonês, quero dizer. Só no Japão a era clássica ocorreu simultaneamente com a medieval. No Ocidente, a filosofia, a arte, os ideais políticos e sociais, tudo isso é identificado cronologicamente em períodos anteriores ou posteriores à Idade Média, com a única exceção daquela gloriosa ponte de pedra que leva a Deus, a catedral. Só no Japão, a era feudal foi concomitante com o momento filosófico. No Ocidente, nós nos sentimos confortáveis com a imagem do padre-guerreiro, ou do cientista guerreiro, ou até do industrial-guerreiro. Mas, e quanto ao filósofo-guerreiro? Não, tal conceito ofende o nosso senso de propriedade. Falamos de "morte e violência" como se fossem duas manifestações da mesma raiz. Na verdade, a morte é justamente o oposto da violência, que está sempre ligada à luta pela vida. Nossa filosofia está centrada em administrar a vida; a de vocês em administrar a morte. Nós buscamos compreensão; vocês buscam dignidade. Nós aprendemos como agarrar; vocês aprendem como prescindir. Até mesmo o título de "filósofo" é mal aplicado, já que nossos filósofos sempre se sentiram impulsionados pela necessidade de compartilhar (na verdade, infligir) suas idéias; enquanto os seus se satisfazem (talvez egoisticamente) em criar uma paz privada e particular. Para o ocidental, há algo perturbadoramente feminino (no sentido de yangismo, e eu espero que o fato de eu cunhar esta nova palavra não faça seus ouvidos doerem) na maneira como vocês encaram a maturidade. Acabados de chegar dos campos de batalha, vocês usam roupas suaves e passeiam pelos seus jardins com surpreendente compaixão pelas pétalas de cerejeira que estão caindo; e vêem tanto a delicadeza como a coragem como manifestações de maturidade. Para nós, isso parece, no mínimo, caprichoso, se não dúbio. Por falar nisso, como vai o desenvolvimento do seu jardim?

— Está se aperfeiçoando.

— O que significa isso?

— A cada ano, torna-se mais simples.

— Aí está! Viu? Essa terrível tendência que os japoneses têm para criar paradoxos que acabam virando silogismos! Olhe para você! Um jardineiro-guerreiro! Você é mesmo um japonês medieval, como eu já disse. E é também um anti-herói — não no sentido em que os críticos e eruditos, sempre em busca de diplomas para pendurarem nas paredes, usam (ou usam mal) o termo. O que eles chamam de anti-heróis são, na verdade, heróis improváveis, ou vilões atraentes — o policial balofo, ou Ricardo III. O verdadeiro anti-herói é uma versão do herói — não um palhaço no papel principal, não uma pessoa da platéia a quem se permitiu expor suas fantasias violentas. Como o herói clássico, o anti-herói conduz as massas no caminho da salvação. Houve uma época na comédia do desenvolvimento do homem quando a salvação parecia estar na direção da ordem e da organização e todos os grandes heróis ocidentais organizaram e dirigiram seus exércitos contra o inimigo, que era o caos. Agora, estamos aprendendo que o inimigo final não é o caos, mas a organização; não a divergência, mas a similitude; não o primitivismo, mas o progresso. E o novo herói — que é o anti-herói — é aquele que usa a sua virtude para atacar a organização e destruir os sistemas. Descobrimos agora que a salvação da raça passa pelo niilismo, mas ainda não sabemos até que ponto. — De Lhandes fez uma pausa para recuperar o fôlego, e parecia pronto para prosseguir. Mas, subitamente, seu olhar cruzou com o de Hel, e ele riu. — Ah, está bem. Acho que já é o suficiente. De qualquer maneira, eu não estava falando especificamente para você.

— Eu já tinha percebido isso há algum tempo.

— Existe uma convenção na tragédia ocidental que reza que se deve permitir a um homem pelo menos um longo discurso antes que ele morra. Uma vez que ele já pôs o pé na inevitável esteira rolante do destino que vai levá-lo ao seu desenlace último, nada do que diga ou faça poderá mudar a sua sentença final. Mas é permitido que ele exponha o seu caso, que esbraveje à vontade contra os deuses — nem que seja em versos iâmbicos.

— Mesmo se fazendo isso, ele interrompe o fluxo da narrativa?

— Para o inferno com isso! Por duas horas de narcose contra a realidade, de participação segura e vicária no mundo da ação e da morte, a pessoa tem que estar disposta a pagar o preço de um par de minutos de interiorização. Estruturalmente razoável ou não. Mas seja como você quiser. Muito bem. Me

diga uma coisa, os governos ainda se lembram do "Gnomo"? E ainda continuam revirando céus e terras para descobrir seu covil, rangendo os dentes de revolta frustrada?

— Continuam, Maurice. Ainda outro dia, apareceu um biltre amérlo na minha casa, perguntando sobre você. Estaria disposto a cortar o próprio pinto para descobrir como você consegue suas informações.

— Estaria, é? Bem, sendo um amérlo, acho que não estaria arriscando grande coisa. O que você disse para ele?

— Tudo o que eu sabia.

— Quer dizer, absolutamente nada. Bom. A sinceridade é uma virtude. Quer saber de uma coisa? Eu não tenho mesmo nenhuma fonte de informação muito sutil, ou complicada. Na verdade, eu e a Companhia-Mãe somos aumentados com os mesmos dados. Tenho acesso ao Gorduchinho através dos serviços comprados de um dos mais graduados escravos de computação que eles têm, um sujeito chamado Llewellyn. Minha única habilidade é que eu consigo somar dois mais dois com mais facilidade do que eles. Ou, para ser mais preciso, consigo somar um e meio e um e dois terços de maneira que o resultado seja dez. Eu não sou mais bem informado do que eles; sou, simplesmente, mais esperto.

Hel riu. — Eles dariam qualquer coisa para saber onde você se esconde e acabar com você. Já faz muito tempo que você tem sido uma pedra no sapato deles.

— Ha! Saber disso ilumina meus derradeiros dias, Nicholai. Ser um transtorno para os lacaios do governo faz com que minha vida tenha valido a pena. Quando você negocia com informação, trabalha com um produto extremamente perecível. Ao contrário do vinho, as informações ficam mais baratas com o passar do tempo. Nada é mais desvalorizado do que os pecados de ontem. E houve um tempo em que eu comprava informações muito caras que, simplesmente, viravam pó quando o segredo vazava. Eu me lembro de ter comprado um item muito quente sobre os Estados Unidos, uma coisa que, com o tempo, ficou conhecida como a cobertura de Watergate. E enquanto eu guardava o produto na gaveta, esperando que você ou algum outro interessado internacional se dispusesse a comprá-lo para usar como arma contra o governo americano, um par de repórteres ambiciosos farejaram a história, viram nela a oportunidade de ficarem ricos e... voilá! Da noite para o dia, o meu produto perdeu completamente o valor. Com o tempo, cada um dos dois criminosos escreveu um livro ou gravou um programa de televisão descrevendo seu papel na violação dos direitos civis americanos e ambos foram regiamente pagos pelo

estúpido público americano, que parece sentir uma atração irresistível para esfregar o nariz na própria merda. Não te parece injusto que eu tenha terminado por perder várias centenas de milhares de dólares em material deteriorado no meu depósito, quando até mesmo o próprio chefe dos vilões ganhou uma fortuna participando de programas de televisão ao lado daquele sanguessuga inglês que demonstrou ser capaz de fazer qualquer coisa, por qualquer pessoa, em troca de dinheiro, mesmo que essa pessoa fosse o Idi Amin? Esse meu negócio é mesmo muito peculiar.

— Você trabalhou com informações a vida toda, Maurice?

— Exceto por um pequeno período, quando fui jogador profissional de basquete.

— Seu velho idiota!

— Ouça, vamos falar sério por um momento. Você disse que essa operação em que vai se meter é complicada. Eu não teria a presunção de te dar conselhos, mas você já pensou no fato de que faz algum tempo que está aposentado? Será que sua condição mental ainda é a mesma?

— Em princípio, sim. Faço muitas explorações de cavernas, portanto meu controle mental sobre o medo está bem treinado. E, felizmente, a operação é contra os ingleses.

— Bem, essa certamente, é uma vantagem. Os garotões do MI-5 e do MI-6 são tradicionalmente tão sutis que até os fracassos deles passam desapercebidos. Mas, mesmo assim... tem alguma coisa errada nesse negócio Nicholai Alexandrovitch. Alguma coisa no seu tom de voz está me incomodando. Não é propriamente uma dúvida, mas um certo fatalismo perigoso. Por acaso, você já decidiu que vai falhar?

Hel ficou calado por um momento. — Você é uma pessoa muito perspicaz. Maurice.

— C'est mon métier.'

— Eu sei. Tem alguma coisa errada — alguma coisa que não se encaixa — nesse negócio todo. Estou consciente, que sair da minha aposentadoria é desafiar o meu carma. Acho que, no final das contas, esse negócio vai acabar comigo. Não a operação em si. Imagino que possa conseguir tirar desses setembristas o fardo da vida deles com muita facilidade. As complicações e os perigos serão os mesmos com os quais eu já me deparei antes. Mas, depois disso, o assunto complica.Vai haver um grande esforço para me punir. Eu posso, ou não, aceitar essa punição. Se não aceitar, vou ser obrigado a voltar ao campo de batalha. Eu

sinto uma certa — Hel deu de ombros — uma certa fadiga emocional. Não é exatamente resignação fatalista, mas uma espécie de indiferença perigosa. É possível, caso as indignidades se acumulem, que eu não veja mais nenhuma razão que me prenda à vida.

De Lhandes assentiu. Era esse tipo de atitude que ele tinha pressentido. — Entendo. Me permita fazer uma sugestão, velho amigo. Você me disse que os governos me concedem a honra de continuarem ansiosos por verem a minha morte. Eles pagariam fortunas para saber quem eu sou e onde vivo. Se você for colocado num beco sem saída, tem a minha permissão para barganhar com essa informação.

— Maurice!...

— Não, não! Não estou sofrendo um acesso de coragem quixotesca. Já estou muito velho para contrair uma doença tão infantil. Será a nossa última brincadeirinha com eles. Veja bem, você vai estar lhes dando um pacote vazio. Quando eles chegarem aqui, eu já terei partido.

— Muito obrigado, mas eu não poderia fazer isso. Não por sua causa, mas por mim mesmo. — Hel levantou-se. — Bem, eu preciso dormir um pouco. As próximas vinte e quatro horas serão exaustivas. Muita atividade mental, sem o descanso do perigo físico. Vou partir antes do amanhecer.

— Muito bem. Eu, por mim, vou ficar sentado mais algumas horas, recordando as delícias de uma vida cheia de maldades.

— Muito bem, au revoir, velho amigo.

— Au revoir, não, Nicholai.

— A coisa está tão próxima assim?

De Lhandes assentiu.

Hel inclinou-se e beijou ambas as faces do camarada. — Adieu, Maurice.

— Adieu, Nicholai.

Hel já estava na porta quando ouviu, — Ah, Nicholai, você faria uma coisa por mim?

— Qualquer coisa.

— A Estelle tem sido maravilhosa comigo nesses últimos anos. Você sabia que o nome dela é Estelle?

— Não, não sabia.

— Bem, eu gostaria de dar uma coisa especial para ela — uma espécie de

presente de despedida. Você iria ao quarto dela? É o segundo no topo das escadas. E, depois, diga que foi um presente meu.

Hel assentiu. — O prazer será meu, Maurice.

De Lhandes estava de olhos cravados no fogo que se extinguia. — E esperemos que dela também, — murmurou.

Hel programou a sua chegada a Biarritz de maneira a reduzir ao máximo o tempo em que teria que ficar exposto. Ele nunca gostara de Biarritz, que pertence ao país basco apenas geograficamente; os alemães, os ingleses e a grã-finagem internacional tinham transformado o local numa espécie de Brighton da Biscaia.

Estava a menos de cinco minutos no terminal quando seu sentido de proximidade captou a observação direta e intensa que estava esperando, sabendo que eles estariam procurando por ele em todos os portões de embarque. Reclinou-se sobre o balcão do bar onde estava tomando seu suco de abacaxi e perscrutou a multidão. Identificou prontamente o jovem oficial do Serviço Especial da França, com roupa de civil e usando óculos escuros. Afastando-se do bar, caminhou diretamente na direção dele sentindo, ao se aproximar, a tensão e perturbação do jovem.

— Me desculpe, senhor — disse Hel, num francês com forte sotaque alemão. — Eu acabo de chegar, e não consigo saber como faço minha conexão para Lourdes. O senhor poderia me ajudar?

O jovem policial estudou a expressão de Hel, sem conseguir se decidir. Aquele homem encaixava-se com a descrição geral, a não ser pelos olhos que eram castanho-escuros. (Hel estava usando lentes de contato marrons, sem grau). Mas não havia nada no relatório que dissesse que ele era alemão. E ele deveria estar saindo do país, não entrando. Com poucas e rápidas palavras, o agente policial encaminhou Hel para o balcão de informações.

Ao se afastar, Hel sentiu os olhos do policial colados nele, mas a qualidade da concentração estava comprometida pela confusão. Ele certamente comunicaria o que vira, mas sem ter certeza de nada. E, naquele momento, o escritório central estaria recebendo relatórios sobre a localização de Hel, vindos de meia dúzia de cidades diferentes, ao mesmo tempo. Le Cagot estaria cuidando disso.

Enquanto Hel atravessava a sala de espera, um menino loiro embarafustou-

se entre suas pernas. Hel agarrou-o para evitar que caísse.

— Rodney! Oh! Sinto muito, senhor. — A bela mulher com menos de trinta anos, apareceu imediatamente, desculpando-se com Hel e ralhando com a criança, tudo ao mesmo tempo. Era inglesa e estava vestida com uma roupa leve de verão que não só expunha seu bronzeado, como também as partes do corpo que não estavam queimadas pelo sol. Gaguejando, expressando-se num francês lamentável, resultado do princípio inglês de que se os estrangeiros acham que têm alguma cosa que valha a pena ser dita, deveriam expressar-se numa língua de gente, a jovem mulher conseguiu explicar que o garoto era sobrinho dela, que ela estava voltando com ele de umas curtas férias, que estava pegando o próximo vôo para a Inglaterra, que não era casada e que seu nome era Alison Browne, com um "e" no fim.

— Meu nome é Nicholai Helm.

— Encantada em conhecê-lo sr. Hel.

Então era isso. Ela não ouvira o "m" porque não esperava ouvi-lo. Era uma agente inglesa colaborando com a operação dos franceses.

Hel disse que esperava que eles se sentassem juntos no avião, e ela sorriu sedutoramente, e afirmou que estaria disposta a conversar no balcão das reservas sobre o assunto. Ele se ofereceu para comprar um suco de frutas para ela e para o pequeno Rodney, e ela aceitou, não deixando de frisar que, normalmente, não aceitava essas ofertas de homens desconhecidos, mas que aquilo era uma exceção. Afinal de contas, eles tinham praticamente esbarrado um no outro. (Risadinhas).

Enquanto ela se ocupava em passar o lenço no colarinho manchado de suco de Rodney, inclinando-se para frente e encolhendo os ombros para deixar bem claro que não estava usando sutiã, Hel pediu licença por um momento.

Na lojinha repleta de bagulhos, ele comprou uma lembrança barata de Biarritz, uma caixa para levá-la, um par de tesouras e papel de presente — uma folha de papel de seda branco e outra, bastante cara, de papel laminado. Levou tudo para o banheiro dos homens e trabalhou rapidamente embrulhando o presente, que levou de volta para o bar, entregando-o para Rodney que, naquela altura, choramingava e se debatia, tentando escapulir das mãos da srta. Browne.

— Só uma bobaginha para ele se lembrar de Biarritz. Espero que não se importe.

— Bem, eu não deveria aceitar. Mas, como é para o garoto... Eles já chamaram nosso vôo duas vezes. Não seria melhor embarcarmos?

Hel explicou que esses franceses, com a sua compulsão anal pela ordem, sempre chamam para o embarque com muita antecedência; não havia razão para se apressarem. Ele mudou de assunto, abordando a possibilidade de eles se encontrarem em Londres. Um jantarzinho, talvez?

No último minuto, apresentaram-se no balcão de embarque, e Hel entrou na fila na frente da srta. Browne e do pequeno Rodney. Sua pequena mochila passou pelo raio X sem problemas. Ao caminhar rapidamente para o avião, que já acionava os motores para a partida, ouviu, atrás de si, os protestos da srta. Browne e as perguntas enfezadas dos guardas de segurança. Quando o avião decolou, Hel não pôde desfrutar das delícias da companhia da sedutora srta. Browne e do pequeno Rodney.

Heathrow

Os passageiros que passavam pela alfândega recebiam instruções para entrarem nas sua filas específicas: "Súditos ingleses", "Súditos da Comunidade Britânica,"Cidadãos do Mercado Comum" e "Outros". Tendo viajado com seu passaporte da Costa Rica, Hel era claramente um "Outro", mas não chegou a entrar na fila designada porque foi imediatamente abordado por dois jovens sorridentes, os corpos robustos arrebentando dentro de ternos comprados na Carnaby Street, os rostos carnudos inexpressivos por trás dos bigodes e dos óculos escuros.

— O senhor terá que nos acompanhar, Sr. Hel — disse um deles, enquanto o outro pegava a valise que trazia na mão. Colocando-se um de cada lado dele, conduziram-no até uma porta que não tinha maçaneta, no final da área de desembarque.

Duas batidas e a porta foi aberta por dentro, por um oficial uniformizado, que se colocou de lado quando os três entraram. Caminharam sem uma única palavra até uma outra porta no final de um corredor sem janelas pintado de verde, onde bateram. A porta foi aberta por um outro jovem moldado no mesmo barro que os guardas e, de dentro, veio uma voz familiar.

— Entre, entre, Sr, Hel. Ainda temos tempo para tomar alguma coisa e bater um papinho antes que o senhor pegue seu avião de volta para a França. Traga sua bagagem com você. E vocês três, esperem lá fora.

Hel sentou-se numa cadeira ao lado da mesinha baixa de café e fez um sinal negativo para a garrafa de conhaque que lhe estava sendo oferecida. — Pensei que você, finalmente, tivesse se aposentado, Fred.

Sir Wilfred Pyles esguichou um pouco de soda no seu conhaque.

— Eu achava mais ou menos a mesma coisa sobre você. Mas cá estamos nós, dois guerreiros das velhas batalhas, sentados em lados opostos, exatamente como nos velhos tempos. Tem certeza de que não quer um traguinho? Não? Bem, acho que o sol deve estar iluminando algum pedaço do mundo, portanto... saúde!

— Como vai a sua mulher?

— Mais agradável do que nunca.

— Da próxima vez quer a vir, diga-lhe que eu a amo.

— Vamos esperar que não seja em breve. Ela morreu no ano passado.

— Lamento saber disso.

— Não precisa. Já chega de conversa mole?

— Eu diria que sim.

— Ótimo. Bom, assim que eles souberam pelos nossos senhores controladores do petróleo que você poderia estar vindo para cá, me tiraram de dentro do baú para cuidar de você. Presumo que eles acharam que eu poderia lidar melhor com você, uma vez que nós dois já brincamos desse mesmo joguinho muitas vezes antes. Minhas ordens eram para interceptá-lo aqui, descobrir tudo o que fosse possível sobre o que você veio fazer na nossa nevoenta ilha e depois me certificar de que você fosse colocado em segurança num avião de volta para o mesmo lugar de onde veio.

— Então eles acharam que seria simples assim, não é?

Sir Wilfred balançou a mão que segurava o copo. — Ora, você sabe como esses novos garotos são. Tudo de acordo com o regulamento, e nada de complicações.

— E você, o que acha, Fred?

— Ah, eu acho que não vai ser essa moleza toda. Presumo que você tenha trazido na bagagem algum material de chantagem bem sujo fornecido pelo seu amigo, o Gnomo. As fotocópias devem estar na sua mala, não há dúvida.

— Bem na mosca. É melhor você dar uma olhada.

— Vou fazer isso, se você não se importa — disse Sir Wilfred, abrindo o zíper da maleta e tirando de lá uma pasta em papel manila.

— Não há mais nada aqui dentro que eu deveria saber, não é? Posso confiar em você? Nada de drogas? Literatura subversiva ou pornográfica?

Hel sorriu.

— Não? Que pena. — Ele abriu a pasta e começou a examinar o conteúdo, página por página, suas sobrancelhas exatamente do mesmo tom de branco, subindo e descendo a cada desagradável informação que via revelada. — Por falar nisso — perguntou ele, entre uma página e outra — O que diabos você fez com a Srta. Browne?

— Srta. Browne? Não me lembro de conhecer nenhuma...

— Ora, vamos lá. Nada de falso recato entre velhos inimigos. Soubemos que, neste momento, ela está sentada num centro de detenção da França, enquanto alguns sujeitos do time da liberdade, igualdade e fraternidade viram a bagagem dela de cabeça para baixo. O relatório que nos mandaram era particularmente minucioso, incluindo até mesmo o detalhe de que o garotinho que deveria ser a cobertura dela emporcalhou-se imediatamente, e o consulado teve que arcar com as despesas de roupas novas.

Hel não conseguiu evitar a gargalhada.

— Ora vamos. Cá entre nós. O que foi que você aprontou?

— Bem, ela chegou perto de mim com a sutileza de um peido num elevador lotado, então eu tive que neutralizá-la. Vocês já não as treinam como faziam nos velhos tempos. A boboca aceitou um presentinho.

— Que tipo de presentinho?

— Ah, só uma lembrancinha barata de Biarritz. Estava embrulhada em papel de seda. Mas eu recortei uma silhueta de um revólver num papel laminado e meti-a no meio das folhas de papel de seda.

Sir Wilfred soltou uma gargalhada. — Então, a máquina de raio X detectava uma arma cada vez que o pacote passava por ela, e os coitados dos oficiais não conseguiam encontrar nada. Que maravilha! Acho que isso merece um brinde. — Serviu-se de mais uma dose e voltou a se familiarizar com as informações que serviriam para fazer pressão. De tempos em tempos, pontuava a leitura com exclamações como, — Isto é verdade? Não acredito! Eu nunca pensaria uma coisa destas de um sujeito como ele! Ah! Disso eu já sabia há algum tempo! Mas acho melhor que não caia no conhecimento do público. Meu Deus! Essa é demais! Da pesada! Como diabos ele conseguiu descobrir uma coisa destas?

Quando acabou de ler o material, Sir Wilfred, com todo o cuidado, bateu as folhas juntas para acertar as pontas, depois recolocou-as na pasta. — Mas não há nada aqui capaz de nos forçar a ceder muito.

— Eu sei disso, Fred. Mas, e o povo? Todos os dias uma nova informação cedida para a imprensa alemã, o que você acha?

— Hum, hum. Ia ser bem chato. Teria um efeito desastroso na confiabilidade do governo, bem agora que as eleições estão aí. Suponho que as informações estejam no sistema de dedo no gatilho, não?

— Claro.

— É o que eu temia.

Colocar as informações no sistema dedo no gatilho significava que estava tudo arranjado para que as informações fossem remetidas para a imprensa imediatamente, caso certa mensagem não fosse recebida ao meio-dia, todos os dias. Hel tinha com ele uma lista de treze endereços para os quais tinha que mandar telegramas todas as manhãs. Doze deles eram falsos; o outro era de um associado de Maurice de Lhandes que, ao receber a mensagem, telefonaria para outro intermediário que, por sua vez, ligaria para de Lhandes. O código entre Hel e de Lhandes era muito simples, baseado num obscuro poema de Barro, mas levaria muito mais de vinte e quatro horas para o pessoal dos serviços de inteligência localizar a letra certa na palavra certa da mensagem que era a senha que ativaria o processo. O termo dedo no gatilho vinha de um conceito de bomba humana, armada de maneira que o artefato não explodiria enquanto o homem mantivesse o dedo no gatilho. Qualquer tentativa de lutar com ele, ou se fosse alvejado, o dedo soltaria o gatilho e, ironicamente, a arma dispararia.

Por um instante, Sir Wilfred pensou sobre a sua posição. — É verdade que essas informações que você tem podem ser bem danosas. Mas temos ordens explícitas da Companhia-Mãe para proteger esses vermes do Setembro Negro e não queremos, como nenhum outro país industrializado, atrair a ira da Companhia sobre as nossas cabeças. Aparentemente, vamos ter de escolher entre dois males.

— É o que parece.

Sir Wilfred esticou o lábio inferior e espremeu os olhos, avaliando Hel. — O que você está fazendo, Nicholai, é uma coisa muito abrangente e perigosa... caindo nos nossos braços desse jeito. Teve ter sido necessária uma verdadeira fortuna para tirá-lo da sua aposentadoria.

— Para dizer a verdade, eu não estou sendo pago por isso.

— Hummm. Essa, é claro, teria sido a minha segunda opção. — Ele suspirou fundo. — O sentimentalismo mata, Nicholai. Mas é claro que você sabe disso. Muito bem, vou te dizer o que vamos fazer. Vou levar o seu recado para os meus superiores. Veremos o que eles acham. Enquanto isso, acho que vou precisar te esconder em algum lugar. O que acha de passar um ou dois dias no campo? Vou ter de fazer alguns telefonemas para botar os rapazes do governo para pensar, e depois levo você na minha lata velha.

Middle Bumley

O imaculado Rolls 1931 de Sir Wilfred amassou o cascalho de uma estrada particular bastante longa e parou debaixo da porte cochère de uma estranha casa, cujo maior charme vinha da desordem estética, já que fora ampliada sem planejamento, seguindo variadas tendências arquitetônicas.

Uma senhora forte de idade indefinível e duas garotas, de vinte e poucos anos, atravessaram o gramado para saudá-los.

— Acho que você vai se divertir aqui, Nicholai — disse Sir Wilfred. — Nosso anfitrião é um chato de galocha, mas não vai estar por aqui. A mulher é um tanto amalucada, mas as filhas são excepcionalmente prestativas. Na verdade, ficaram conhecidas por essa desejável qualidade. O que você acha da casa?

— Considerando a sua tendência tipicamente britânica de se fanfarronar através de meioses — o tipo de coisa que faz com que você chame seu Rolls de lata velha — fico surpreso de você não chamar a mansão de favelão.

— Ah, Lady Jéssica! — exclamou Sir Wilfred para a mulher de idade indefinível, quando esta se aproximou, usando um vestido de verão de cor tão vaga quanto seus anos e que ela provavelmente teria definido como "cinzas de rosas". — Aqui está o convidado sobre o qual eu lhe falei ao telefone. Nicholai Hel.

Ela estendeu a mão úmida. — Fico muito feliz em tê-lo aqui! No sentido de conhecê-lo, claro. Esta é minha filha, Broderick.

Hel apertou a mão da moça magérrima que tinha olhos imensos em proporção ao rosto fino.

— Sei que não é um nome muito comum para uma garota — continuou Lady Jéssica — mas o meu marido estava decidido a ter um menino — quero dizer, ele queria ter um menino no sentido de ser pai de um menino; não no outro sentido — Meu Deus, o que o senhor vai pensar sobre ele? Mas, acabou tendo a Broderick, quero dizer, nós tivemos.

— No sentido de que vocês foram os pais dela? — perguntou Hel, tentando se livrar da mão da moça magra.

— Broderick é modelo — explicou a mãe.

Hel já tinha adivinhado. Havia uma certa vacuidade de expressão, uma certa flexibilidade de postura e curvatura da coluna que eram a marca registrada das modelos em moda no momento.

— Na verdade, não poso tanto assim — disse Broderick, tentando enrubescer debaixo da espessa camada de maquiagem.

— Apenas uma foto ou outra, trabalhinhos extras de vez em quando, para algumas revistas internacionais.

A mãe deu um tapinha no braço da filha. — Não diga que você faz "trabalhinhos extras". O que o Sr. Hel vai pensar?

A outra filha pigarreou, o que fez com que a mãe dissesse, — Ah, sim! E esta é a Melpomene. Achamos que, um dia, ela será atriz.

Melpomene era uma moça robusta, de seios volumosos, que acompanhavam as características dos tornozelos e braços, faces rosadas e olhos claros. De alguma forma, ela parecia incompleta sem seu bastão de hóquei. Seu aperto de mão era firme e decidido.

— Pode me chamar de Pom. É assim que todo mundo me chama.

— Ah... e se nós nos refrescássemos um pouco? — sugeriu Sir Wilfred, interrompendo.

— Ah, mas claro! Minhas filhas vão mostrar tudo para os senhores. Quero dizer, claro, onde ficam os quartos e tudo mais. O que devem estar pensando?!

Quando Hel estava tirando suas coisas da maleta, Sir Wilfred deu umas batidas na porta e entrou. — Bem, o que você achou do lugar?Vamos nos refestelar por aqui alguns dias enquanto os mestres ponderam sobre o inevitável, certo? Falei com eles pelo telefone e eles me garantiram que amanhã de manhã já terão uma decisão.

— Me diga uma coisa, Fred. Seus rapazes estão de olho nos setembristas?

— Nos seus alvos? Mas, claro.

— Presumindo que o seu governo aceite a minha proposta, quero todo material que vocês tiverem sobre eles.

— Eu já esperava isso. E, por falar nisso, assegurei aos mestres que você poderia resolver esse assunto — caso eles decidam a seu favor — sem que seja necessária qualquer participação ou responsabilidade de nossa parte. É assim que será, certo?

— Não exatamente. Mas posso fazer as coisas de forma que, sejam quais forem as suas suspeitas, a Companhia-Mãe jamais conseguirá provar nada.

— Suponho que essa seja a segunda melhor solução.

— Felizmente, você me agarrou antes que eu passasse pelo controle de passaportes. Assim, a minha chegada não vai aparecer nos seus computadores e, portanto, no deles também não.

— Eu não apostaria minha vida nisso. A Companhia-Mãe tem um milhão de olhos e ouvidos.

— É verdade. Você tem absoluta certeza de que esta casa é segura?

— Ah, sim! As senhoras não são exatamente o que você chamaria de sutis, mas têm uma outra qualidade tão boa quanto esta: são completamente ignorantes. Não fazem a menor idéia do que nós estamos fazendo aqui. Não sabem nem como é que eu ganho a vida. E o homem da casa, se é que podemos chamá-lo assim, não é problema. Nós raramente permitimos que ele entre no país.

Sir Wilfred entrou a explicar que Lord Biffen vivia na Dordonha e era o líder social de uma turma de velhinhos que tinha o saudável costume de sonegar impostos e que, para desgosto e infelicidade dos habitantes do local, infestava aquela região da França. Os Biffen eram típicos da sua espécie: aristocratas irlandeses que, a cada geração, solidificava as suas finanças introduzindo injeções de sangue de açougueiros americanos matadores de porcos em suas veias. O cavalheiro tinha exagerado um pouco na sua luxúria por se evadir do imposto de renda e envolvera-se em um ou dois negócios escusos nos portos livres das Bahamas. Isso dera ao governo a oportunidade de pôr as mãos nele e nos seus fundos na Inglaterra, o que o tornara extremamente colaborativo, permanecendo na França sempre que recebia esta ordem, onde exercitava suas habilidades de esperto homem de negócios, enganando velhas senhoras ao comprar seus móveis antigos e automóveis por dois tostões, mas sempre tomando a precaução de interceptar a correspondência da própria mulher para impedir que ela descobrisse suas pequenas vilanias. — Um velho ridículo, na verdade.Você conhece o tipo. Sabe como é, usa gravatas importadas, shorts com sapatos de bico fino e meias com ligas, cobrindo os tornozelos? Mas a mulher, as filhas e esta casa nos são muito úteis, ocasionalmente. O que você achou da velhota?

— Um pouco obcecada.

— Hummm. Eu sei o que você quer dizer. Mas se você tivesse passado

vinte e cinco anos recebendo apenas o que o velho tem para dar, acho que você também ficaria meio tarado por um pouco de porra. Bem, vamos nos juntar a elas?

Na manhã seguinte, após o café da manhã, Sir Wilfred pediu que as mulheres se retirassem e reclinou-se na cadeira saboreando sua última xícara de café. — Falei com os mestres, hoje de manhã. Eles decidiram aceitar a sua proposta... com algumas condições, é claro.

— É melhor que sejam insignificantes.

— Primeiro, eles querem a sua palavra de que estas informações jamais serão usadas novamente contra eles.

— Você já poderia tê-los tranqüilizado sobre isso. Você sabe muito bem que o homem que vocês chamam de Gnomo sempre destrói os originais, assim que o negócio é fechado. A reputação dele depende disso.

— Sim, eu sei. E pode deixar que eu os tranqüilizo quanto a isso. A segunda condição é que eu devo retornar a eles dizendo que estudei o seu plano cuidadosamente e que acredito que seja perfeito e estou totalmente convencido de que o governo não poderá ser envolvido diretamente.

— Nada nesse negócio é perfeito.

— Está bem. Quase perfeito, então. O que significa que você vai ter que confiar em mim, colocando-me a par das suas vis maquinações, e tudo mais.

— Eu só vou poder expor certos detalhes depois de estudar os seus relatórios sobre as observações que vocês fizeram sobre os setembristas. Mas eu posso te dar uma idéia geral da coisa.

Uma hora mais tarde, os dois tinham estudado o esquema e a oferta de Hel foi aceita, apesar das reservas de Sir Wilfred quanto à perda de uma aeronave, já que se tratava de um Concorde. —... e já tivemos bastantes problemas tentando enfiar essa máquina dos diabos pela goela do mundo abaixo.

— Eu não tenho culpa se o avião em questão é um monstro poluidor e antieconômico.

— De acordo. De pleno acordo.

— Pois então, é isso aí, Fred. Se o seu pessoal fizer a parte deles direitinho, a operação poderá ser feira sem que a Companhia-Mãe tenha qualquer prova da participação de vocês. Foi o melhor plano que eu pude desenvolver,

considerando que só tive um par de dias para trabalhar nele. O que você acha?

— Eu não ouso contar os detalhes para os mestres. Eles são políticos — o tipo de gente menos confiável que existe. Mas vou dizer que achei o plano suficientemente bom para que colaboremos com ele.

— Ótimo. Quando vou poder ler os relatórios sobre os setembristas?

— Vão chegar no correio da tarde. Sabe, andei pensando numa coisa, Nicholai. Considerando o caráter geral do seu plano, não vejo a menor necessidade de que você participe pessoalmente. Nós poderíamos eliminar os árabes nós mesmos, e você poderia voltar para a França imediatamente.

Por dez segundos inteiros, Hel olhou para Sir Wilfred, sem nenhuma expressão no rosto. Então, ambos caíram na gargalhada ao mesmo tempo.

— Ah, muito bem — exclamou Sir Wilfred, com um gesto de mão. — Você não pode me culpar por tentar. Vamos almoçar. Talvez ainda dê tempo para uma soneca antes que os relatórios cheguem.

— Não sei se vou ter coragem de ir para o meu quarto.

— Ah, é? Quer dizer que você também recebeu visitinhas ontem à noite?

— Ah, sim. E botei todo mundo pra fora.

— Se você não desperdiçar, não vai faltar, é o que eu sempre digo.

Sir Wilfred estava cochilando na sua poltrona, aquecendo-se com o calor do sol que se punha em frente ao terraço. Do outro lado da mesa de metal branco, Hel passava os olhos sobre os relatórios que detalhavam os movimentos dos membros da OLP.

— Aqui está! — exclamou, finalmente.

— O que? Hmmm... aqui está o quê?

— Eu estava procurando por uma coisa na lista de contatos e conhecimentos que os setembristas fizeram desde que chegaram aqui.

— E?

— Por duas vezes, eles passaram algum tempo com esse homem que vocês identificaram como "Peregrino Y". Ele trabalha numa empresa que fornece alimentos para as companhias aéreas.

— Ah, é? Na verdade, eu não li os arquivos. Quando você se envolveu nesse assunto, eu fui — contra a minha vontade, devo dizer — arrastado para

dentro dele. O que tem a ver essa empresa de alimentos?

— Bem, evidentemente os setembristas não vão tentar passar com as armas pelo seu sistema de detecção. Eles não sabem que podem contar com a colaboração passiva do governo de vocês. Então, eu tinha que saber como eles iam levar as armas para dentro do avião. E eles usaram um expediente mais que batido. As armas vão ser embarcadas com a comida que será servida a bordo. Os caminhões que transportam esses alimentos raramente são inspecionados. Dá para passar qualquer coisa através deles.

— Muito bem, então agora você já sabe onde as armas vão estar. E daí?

— Aí, eu já sei para onde eles terão que ir para pegá-las. E é lá que eu vou estar.

— E quanto à sua arma? Como é que você vai conseguir entrar no avião com ela, sem deixar pistas da nossa colaboração no plano?

— Vou passar com a minha arma pelo posto de controle, normalmente.

— Ah, sim. Eu tinha me esquecido disso. Nu / Matar, e toda essa coisa. Apunhalar um homem com um canudo de refrigerante. Se você soubesse como isso nos encheu o saco esses anos todos!

Hel fechou o relatório. — Temos dois dias até a data do vôo. Como vamos preencher nosso tempo?

— Ficar vagando por aqui, eu suponho. Mantendo você fora de circulação.

— Você vai subir para se vestir para o jantar?

— Não, acho que hoje à noite não vou jantar. Devia ter seguido o seu exemplo e cancelado a minha sesta da tarde. Tive de enfrentar as duas juntas. Provavelmente fiquei manco para o resto da vida.

Heathrow

O avião estava quase lotado de passageiros, todos adultos, a maioria deles do tipo que podia arcar com o preço absurdo cobrado para se voar num Concorde. Casais batiam papo; comissários e aeromoças se inclinavam sobre as poltronas fazendo comentários calorosos típicos de babás experimentadas; homens de negócios perguntavam uns aos outros o que tinham vendido; pessoas que não se conheciam trocavam comentários insossos, calculados para manter uma conversação que pudesse durar até o destino final, Montreal: os mais atarefados, com caras sérias, mantinham seus narizes enfiados em documentos ou relatórios ou mexiam ostensivamente com seus gravadores de bolso; os medrosos gabavam-se do quanto adoravam voar, e tentavam parecer à vontade enquanto corriam os olhos pelo cartão de informações que continha os procedimentos e saídas em caso de emergência.

Um jovem árabe musculoso e uma árabe muito bem vestida sentaram-se juntos, perto da cauda, onde apenas uma cortina os separava da área de serviço, local em que estavam guardados a comida e a bebida. Um comissário de bordo estava de pé, ao lado da cortina, sorrindo para o casal de árabes, com expressão vazia nos olhos verde-garrafa.

Dois outros jovens árabes, com aparência de estudantes ricos, entraram no avião e sentaram-se juntos, no meio do avião. Um instante antes de as portas se fecharem, um quinto árabe, vestido como um homem de negócios, subiu apressadamente pela escada que dava acesso à aeronave e entrou, murmurando qualquer coisa para o comissário sobre ter chegado no último minuto porque uma reunião o retivera mais tempo do que o previsto. Foi até o fim do avião e sentou-se na poltrona do outro lado do corredor do casal árabe, para quem fez um aceno amigável de cabeça.

Com um ruído ensurdecedor, os motores levaram o Concorde para a pista de decolagem e, logo depois, o pterodáctilo de nariz curvo estava em pleno ar.

Quando o aviso de colocar os cintos de segurança foi apagado, a bela jovem árabe soltou o seu e levantou-se. — O lavatório das mulheres é por aqui? — perguntou ela para o comissário de olhos verdes, com um sorriso tímido.

Ele estava com uma das mãos atrás da cortina. Ao sorrir para ela, apertou o

botão sobre o qual seu dedo estava pousado, e dois suaves sons de gongo ecoaram pela área dos passageiros. Ao ouvirem o som, todos os cento e trinta e seis passageiros abaixaram a cabeça e cravaram os olhos no encosto das poltronas que estavam na frente deles.

— Pode usar qualquer um desses, madame — disse Hel, segurando a cortina para que ela passasse.

Naquele instante, o árabe vestido de homem de negócios fez uma pergunta ininteligível para Hel, com a intenção de atrair sua atenção enquanto a garota pegava as armas no compartimento de comida.

— Certamente, senhor — respondeu Hel, fingindo ter entendido a pergunta. — Vou providenciar imediatamente.

Ao se virar, tirou um pente do bolso e seguiu a moça, fechando as cortinas atrás de si.

— Ei, espere! — exclamou o árabe. Mas Hel já tinha desaparecido. Voltou três segundos depois, com uma revista nas mãos. — Lamento, senhor, mas não temos nenhum exemplar da Paris Match. Essa serviria?

— Seu idiota! — murmurou o homem de negócios, olhando, confuso, para a cortina fechada. Será que aquele idiota cheio de sorrisinhos tinha visto a garota? Teria ela pulado para dentro do lavatório quando ele se aproximou? Onde diabos estava ela?

Passou-se um longo minuto. Os quatro árabes estavam tão desconcertados com a demora da garota para sair de trás da cortina, com uma automática nas mãos, que nem notaram que todos os outros passageiros estavam com as cabeças abaixadas, o nariz enfiado no encosto das poltronas à frente deles.

Sem conseguir se controlar por mais tempo, os dois estudantes árabes que estavam sentados no meio do avião levantaram-se e caminharam na direção da cauda. Ao se aproximarem do comissário cheio de sorrisinhos, que parecia sonhar por trás dos olhos verdes, trocaram olhares preocupados com o homem de negócios e o jovem musculoso que entrara no avião junto com a garota. O homem de negócios fez um sinal de cabeça para que eles fossem para trás da cortina.

— Posso ajudá-los? — perguntou Hel, enrolando a revista de maneira a formar um cilindro apertado.

— Lavatório — murmurou um deles, enquanto o outro dizia, — Um copo d'água.

— Vou trazer para o senhor — disse Hel. — Não o lavatório, claro — brincou com o árabe mais alto.

Eles passaram e Hel os seguiu para trás da cortina.

Quatro segundos depois, voltou, com uma expressão de pressa estampada no rosto. — Senhor, — disse ele, confidencialmente, para o homem de negócios. — por acaso, o senhor não seria médico?

— Médico? Não. Por quê?

— Ah, não é nada. Não se preocupe. O cavalheiro sofreu um pequeno acidente.

— Acidente?

— Não se preocupe. Vou pedir ajuda a um dos membros da tripulação da cabine. Não é nada de sério, eu tenho certeza. — Hel tinha nas mãos um copo plástico amassado, que ele vincara no centro.

O homem de negócios levantou-se e ficou de pé no corredor.

— Se o senhor me fizesse o grande favor de ficar com ele, enquanto vou buscar ajuda... — disse Hel, seguindo o homem até a área de serviço.

Dois segundos depois, estava novamente no seu posto, passando os olhos pelos passageiros com a típica expressão de compaixão que todos os comissários de bordo costumam ter. Quando seu olhar pousou sobre o jovem musculoso, e agora preocupado, que estava sentado ao lado, ele piscou e disse, — Não foi nada. Só um pouco de enjôo. Talvez seja a primeira vez que ele voa num supersônico. O outro senhor está com ele. Infelizmente, eu não falo árabe.

Passou-se um minuto. Outro. A tensão do jovem musculoso crescia, enquanto aquele tranqüilo comissário cheio de sorrisinhos, de pé em frente dele, cantarolava uma canção popular e ficava olhando em volta com cara de bobo, brincando com o cartãozinho de plástico que levava preso à lapela, com seu nome estampado. Passou-se mais um minuto.

O jovem musculoso não conseguiu mais se conter. Deu um pulo e puxou a cortina para o lado. Deitados no chão, parecendo bonecos de trapo com os membros esparramados para todo lado, estavam, mortinhos da silva, seus quatro companheiros. Ele nem chegou a sentir a borda do cartão; antes que seu corpo desabasse no chão, já estava morto.

Com exceção do roncar dos motores, o avião estava completamente silencioso.Todos os passageiros olhavam fixamente em frente. A tripulação de bordo estava toda de pé, olhando para a frente do aparelho, os olhos cravados no

painel de plástico decorado diante deles.

Hel pegou o interfone de comunicação interna. Sua voz suave soou metálica através dos alto-falantes. — Relaxem. Não olhem para trás. Aterrissaremos em quinze minutos. — Ele desligou o fone e discou o número da cabine do piloto. — Mande a mensagem exatamente da maneira como foi instruído. Feito isso, abra o envelope que está no seu bolso e siga as instruções de aterrissagem que ele contém.

O nariz do pterodéctilo tornou a voltar-se para baixo e os motores do Concorde roncaram para voltar a aterrissar numa pista de um campo militar, temporariamente evacuado, no norte da Escócia. Quando parou e os motores ficaram silenciosos, a porta de segurança abriu-se e Hel desceu pela escada móvel que tinha sido levada até a porta. Entrou no Rolls modelo 1931, que tinha acompanhado o Concorde na sua aterrissagem, e o carro se afastou.

Um pouco antes de fazer a curva para se dirigir ao setor de controle, Hel virou-se e viu os passageiros descendo e formando uma linha quádrupla ao lado da aeronave sob a direção de um homem que se apresentara como comissário sênior. Cinco ônibus militares já estavam atravessando a pista para recolhê-los.

Sir Wilfred sentou-se na escrivaninha maltratada da sala de controle, saboreando seu uísque, enquanto Hel trocava as roupas de comissário de bordo por seu traje corriqueiro.

— A mensagem foi enviada corretamente? — perguntou Hel.

— Bem dramática. Muito eficiente. O piloto comunicou através do rádio que o avião estava sendo seqüestrado e, bem no meio da mensagem, ele se calou e só se ouvia o silêncio e os estalidos da estática.

— E ele usou um canal aberto de maneira que outros rádios independentes captassem a mesma mensagem?

— Deve ter sido ouvida por pelo menos meia dúzia de operadores de rádio, espalhados por todo o Atlântico Norte.

— Ótimo. E amanhã os seus aviões de busca voltarão para as bases com relatórios que informarão que foram encontrados destroços flutuando no mar, certo?

— Tão certo quanto a chuva em Londres.

— O Serviço Internacional da BBC transmitirá a notícia, informando que os

destroços foram recolhidos e que as provas encontradas indicam uma explosão; a teoria atual é de que algum mecanismo explosivo que estava em poder dos seqüestradores árabes tenha detonado acidentalmente, destruindo a aeronave.

— Exatamente.

— Quais são os planos para o avião, Fred? Como é que você pretende se livrar da curiosidade das companhias de seguro?

— Deixe isso por nossa conta. Se nada mais resta do Império Britânico, pelo menos ainda temos nossa proverbial tendência para a duplicidade, que nos valeu o título de Pérfida Albion.

Hel riu. — Está bem. Deve ter dado um trabalho dos diabos reunir tantos agentes da Europa inteira para se fazerem passar por passageiros, não?

— Deu mesmo. Mas o pior foram os pilotos e a tripulação, todos rapazes da RAF que, na verdade, tinham poucas horas de vôo num Concorde.

— E só agora você me conta isso!

— E de adiantaria te deixar nervoso, meu caro?

— Só lastimo que você tenha cento e cinqüenta pessoas a par do segredo. Mas era a única forma de eu conseguir realizar a operação e manter o seu governo fora do alcance da vingança da Companhia-Mãe. Mas, afinal de contas, eles são todos gente sua.

— É verdade. Só que não há como termos garantia de que o segredo será mantido por muito tempo. Mas, eu já dei um jeito de resolver o problema.

— Ah, é? Como?

— Para onde você imagina que aqueles ônibus estão indo? Hel ajustou a gravata e fechou o zíper da maleta. — Todos os cento e cinqüenta?

— Não existe outra maneira mais segura, meu caro. E, daqui a dois dias, vamos ter, de alguma forma, de eliminar a tripulação também. Mas, se você examinar com cuidado, vai ver que há um lado bom em tudo isso. Neste exato momento, estamos enfrentando um problema muito desagradável com a nossa crescente taxa de desemprego no país, e isso abrirá vagas para jovens inteligentes, rapazes e moças, no serviço secreto.

Hel balançou a cabeça: — Você é realmente um velho fóssil duro e insensível, não, Fred?

— Com o tempo, até a alma fica calejada. Tem certeza de que você não quer tomar um uisquinho? Um brinde de despedida?

PARTE CINCO

SHICHO

Castelo de Etchebar

Com os músculos relaxados pela água escaldante e o corpo leve, Hel cochilava enquanto seus pés se enroscavam nos de Hana, num abraço terno. Para a estação, o dia estava frio e um vapor denso flutuava, enchendo a pequena sala de banho.

— Você estava realmente esgotado quando chegou em casa, ontem à noite — comentou Hana, depois de um silêncio letárgico.

— Isso é uma crítica? — murmurou ele, sem mover os lábios. Ela riu baixinho: — Ao contrário. A fadiga é uma vantagem nas nossas brincadeirinhas.

— É verdade.

— E a viagem foi... bem-sucedida?

Ele assentiu.

Hana nunca se metia muito nos negócios dele; o treinamento dela proibia a curiosidade excessiva, mas ela também aprendera a criar oportunidades para que ele falasse sobre seu trabalho, caso quisesse. — Essa operação. Foi o mesmo tipo de coisa que você fez na China, quando nos conhecemos?

— Mesmo gênero, mas outro ramo.

— E aqueles homens desagradáveis que jantaram conosco estavam envolvidos?

— Não estavam no local, mas eram os inimigos. — O tom de voz dele mudou. — Escute, Hana. Eu quero que você tire umas pequenas férias. Vá passar algumas semanas em Paris, ou no Mediterrâneo.

— Você chegou a menos de dez horas e já está querendo se ver livre de mim?

— Pode ser que aqueles "homens desagradáveis" criem alguns problemas. E eu quero que você esteja segura e fora daqui.

De qualquer maneira, — ele sorriu — você provavelmente vai poder se divertir com a virilidade de um ou dois rapagões musculosos.

— E quanto a você?

— Ah, vou estar fora do alcance do inimigo. Vou para as montanhas

explorar aquela caverna que eu e o Behat descobrimos. Acho muito difícil que eles me encontrem lá.

— Quando você quer que eu parta, Nikko?

— Assim que der. Hoje mesmo.

— Você não acha que eu estaria segura aqui, com os seus amigos montanheses me protegendo?

— Essa ligação está rompida. Aconteceu uma coisa com a Srta Stern. Alguém deu com a língua nos dentes.

— Entendi. — Ela acariciou o pé dele com os dela. — Tome cuidado, Nikko.

A água já estava suficientemente fria para que eles pudessem fazer pequenos movimentos, e Hel agitou os dedos, criando pequenas ondas de água que corriam para o seu estômago. — Hana?Você me disse que não teria coragem de tocar novamente no assunto do nosso casamento, mas eu disse que podia e faria. Estou fazendo isso agora.

Ela sorriu e balançou a cabeça: — Eu andei pensando nisso nos últimos dias, Nikko. Mas, não, casamento não. Para pessoas como eu e você, isso seria ridículo.

— Você quer ir embora daqui, para sempre?

— Não.

— Então, o quê?

— Não vamos fazer planos. Vamos continuar juntos, digamos, um mês depois do outro. Talvez para sempre — mas um mês de cada vez. Está bom para você?

Ele sorriu e aconchegou o pé entre os dela. — Eu sinto uma grande afeição por você, Hana.

— E eu sinto uma grande afeição por você, Nicholai.

— Pelos Céticos Bagos de Tomé! O que diabos está acontecendo aqui? — Le Cagot tinha escancarado a porta da casa de banho e, ao entrar, trouxe consigo o indesejável ar frio. — Vocês dois estão fazendo alguma espécie de whiteout privativo? Bom te ver de volta, Nikko! Você deve ter se sentido bem solitário sem a minha companhia. — Ele se inclinou sobre a banheira de madeira e apoiou o queixo na borda. — Ah! Bom ver você também, Hana! Sabe que esta é a primeira vez que eu vejo você inteirinha? E eu vou te dizer a grande verdade— você é uma mulher bastante desejável. E isto é um elogio que parte do homem

mais desejável do mundo, portanto, guarde com carinho.

— Se manda daqui! — grunhiu Hel, não porque se sentisse desconfortável com a nudez, mas porque a zombaria de Le Cagot ficaria cada vez mais provocadora se ele não a enfrentasse.

— Ele esbraveja para esconder a felicidade que sente ao me ver de novo, Hana. É um velho truque. Mãe do Céu, você tem uns peitinhos lindos! Tem certeza de que você não tem um pouco de sangue basco nessa miscelânea genética que você é? Ei, Nikko, quando é que nós vamos ver se tem luz e ar na outra ponta da Caverna Le Cagot? Está tudo prontinho. O tanque de ar, a roupa de mergulho, está tudo lá embaixo. Tudo mesmo.

— Eu estou pronto para ir hoje mesmo.

— Hoje quando?

— Daqui a umas duas horas. Se manda.

— Ótimo. Isso me dá tempo para fazer uma visitinha para a criadinha portuguesa. Está bem, eu me mando. Vocês dois vão ter que se resignar a ficar sem a minha companhia. — Ele bateu a porta atrás de si, fazendo com que o pouco vapor que ainda restava na sala de banho fizesse volutas no ar.

Depois de terem feito amor e tomado o café-da-manhã, Hana começou a fazer as malas. Tinha decidido ir a Paris porque, no final de agosto, a cidade estaria relativamente vazia, sem os burgueses parisienses, que sairiam de férias.

Hel dedicou algum tempo ao seu jardim que, com a sua ausência, ficara um tanto desleixado. Foi ali que Pierre o encontrou.

— Ah, M'sieur, os sinais do tempo estão completamente confusos!

— É mesmo?

— Pois é. Choveu dois dias inteiros e, agora, nem o vento leste nem o vento norte prevalecem, e o senhor sabe o que isso significa.

— Tenho certeza de que você vai me explicar.

— Vai estar muito perigoso nas montanhas, M'sieur. Esta é a estação do whiteout.

— Tem certeza?

Pierre bateu com o dedo indicador na ponta do seu nariz vermelho de bêbado, querendo dizer com isso que existem coisas que só os bascos sabem com certeza e o tempo era apenas uma delas.

Hel tranqüilizou-se um pouco com a certeza de Pierre. Pelo menos, não

teria que enfrentar um whiteout.

O Volvo entrou na praça central de Larrau, onde eles iriam pegar os garotos bascos que operariam o pedal do guincho. Estacionaram perto do bar da viúva; um dos garotos que estava jogando pala no muro da igreja veio correndo e, para agradar a Hel, fez o favor de bater no capo do carro com seu bastão, coisa que freqüentemente vira o homem fazer. Hel agradeceu ao menino e seguiu Le Cagot para dentro do bar.

— Por que você está com a sua makila, Behat? — Só então notara que Le Cagot estava carregando sua antiga espada-bengala basca sob o braço.

— Fiz uma promessa a mim mesmo que ela estaria sempre comigo, até descobrir quem foi o meu conterrâneo que dedurou aquela pobre garotinha. Então, pelos Infanticidas Bagos de Herodes, hei de abrir o peito do infeliz com ela. Venha, vamos tomar um traguinho com a viúva. Vou dar a ela o prazer de sentir a palma da minha mão na sua bunda.

Os garotos bascos, que os estavam esperando desde a manhã, juntaram-se a eles para tomar um copo, falando ansiosamente sobre as chances que tinha M'sieur Hel de nadar pelo rio subterrâneo até alcançar a luz do dia.Tão logo a exploração de cabo a rabo estivesse concluída, o sistema de cavernas seria dado como oficialmente descoberto, e eles estariam liberados para descer buraco adentro e, o que era mais importante: poder, mais tarde, falar sobre a sua proeza.

Por duas vezes, a viúva afastou a mão de Le Cagot; depois, com sua virtude já devidamente demonstrada, ela permitiu que a mão permanecesse sobre sua vasta bunda enquanto ficava ao lado da mesa, mantendo o copo dele permanentemente cheio.

A porta do banheiro dos fundos se abriu, e Padre Xavier entrou no bar de teto baixo, os olhos brilhando do excesso de vinho fortificante e fanatismo. — E então? — perguntou ele, para os garotos bascos. — Quer dizer que agora vocês se sentam com esse forasteiro e seu amigo depravado? Bebendo com eles e ouvindo as suas mentiras?

— Você deve ter bebido muito do sangue do Senhor esta manhã, Padre Esteka! — disse Le Cagot. — Engoliu um monte de coragem!

Padre Xavier grunhiu alguma coisa ininteligível e jogou-se sobre uma cadeira na mesa mais distante.

— Holà! — prosseguiu Le Cagot — Se a sua coragem é tão grande, por que

não sobe a montanha conosco, hein? Nós vamos descer por um poço sem fundo, de onde não existe saída. Seria uma antevisão do inferno para você. Sabe como é, é bom já ir se acostumando!

— Deixe o cara em paz — murmurou Hel. — Vamos embora e deixe esse infeliz curtindo o próprio ódio.

— Os olhos de Deus estão em toda parte! — exclamou o padre, encarando Hel. — Sua ira é implacável!

— Cale essa boca, noviça! — respondeu Le Cagot — ou eu vou enfiar esta makila num lugar que vai atrapalhar o bispo!

Hel colocou a mão no braço de Le Cagot, contendo-o. Terminaram seu vinho e partiram.

Gouffre Porte-de-Larrau

Hel agachou-se sobre a rocha lisa que ficava na extremidade do acampamento deles, situado ao lado do cone de entulhos, a lanterna do capacete desligada para economizar as pilhas, escutando ao telefone a fieira de imprecações, xingamentos e canções que Le Cagot soltava enquanto descia pelo cabo, fazendo bravatas e divertindo os garotos bascos que operavam o pedal do guincho na superfície. Agarrado à parte inferior da garganta espiralada, Le Cagot recuperava o fôlego antes de dar ordens para ser baixado dentro do vazio da Caverna Le Cagot, até a queda d'água, onde teria de ficar pendurado, girando junto com a corda, enquanto os garotos travavam o cabo para substituir o tambor.

Depois de ter dito a eles para fazerem o trabalho com rapidez de modo a não deixá-lo pendurado lá dentro, balançando como Judas na árvore, porque nesse caso ele voltaria para cima e o corpo deles ficaria com marcas bem pitorescas, ele disse: — Muito bem, Nikko, aqui vou eu, para baixo!

— Este é o único caminho por onde a gravidade ajuda — comentou Hel, ao olhar para cima e ver os primeiros brilhos da luz da lanterna de capacete de Le Cagot emergindo através da névoa da queda d'água.

Poucos metros abaixo da abertura que dava na caverna principal, a descida cessou e os garotos bascos comunicaram por telefone que estavam trocando os tambores.

— Vamos logo com isso — berrou Le Cagot. — Esta ducha fria está injuriando minha virilidade!

Hel estava refletindo sobre a dificuldade de carregar o pesado tanque de ar até a "adega" na extremidade do sistema, grato por poder contar com a força taurina de Le Cagot, quando um grito abafado veio pelo telefone. Depois, um estampido agudo. Sua primeira impressão foi de que alguma coisa se rompera. Um cabo? O tripé? Instintivamente, seu corpo se retesou num movimento de preocupação com o que poderia ocorrer com Le Cagot. Então, escutou mais dois estampidos. Tiros! Depois, o silêncio.

Hel conseguia enxergar a luz do capacete de Le Cagot piscando, embaçada através da névoa da queda d'água, enquanto ele girava lentamente na ponta do cabo.

— O que diabos está acontecendo aí? — gritou Le Cagot, pelo telefone.

— Eu não sei.

Uma voz veio pelo telefone, fina e distante. — Eu lhe avisei para ficar fora disso, sr. Hel.

— Diamond? — perguntou Hel, desnecessariamente.

— Isso mesmo. O comerciante. Aquele que não ousaria enfrentá-lo cara a cara.

— O senhor chama a isso cara a cara?

— Suficientemente parecido.

A voz de Le Cagot estava tensa em função da pressão sobre seu peito e diafragma exercida pelo arnês. — O que diabos está acontecendo?

— Diamond? — Hel esforçava-se para manter a calma. — O que houve com os garotos do guincho?

— Estão mortos.

— Sei. Ouça. É a mim que você quer e eu estou no fundo do poço. Não sou eu que estou pendurado no cabo. É o meu amigo. Eu posso explicar como fazer para descê-lo.

— E por que diabos eu iria fazer uma coisa dessas?

Hel escutou, ao fundo, a voz de Darryl Starr. — O outro é o filho da puta que pegou o meu berro. Deixa o cara pendurado lá, virando devagar no vento, pelo resto dos tempos, o filho de uma égua!

Ouviu-se o som de uma risadinha de criança; o patife da OLP que eles chamavam de Haman.

— O que faz com que o senhor pense que eu me envolvi nos seus negócios? — perguntou Hel, em tom coloquial, mesmo que estivesse lutando desesperadamente para ganhar algum tempo para poder pensar.

— A Companhia-Mãe tem fontes próximas aos nossos amigos na Inglaterra... apenas para confirmar a submissão deles. Acredito que o senhor conheceu a nossa jovem modelo, a srta. Biffen?

— Se eu conseguir sair daqui, Diamond...

— Não desperdice saliva, sr. Hel. Acontece que eu sei que o senhor está num "poço sem fundo de onde não existe saída".

Hel inspirou o ar lentamente. Aquelas eram as exatas palavras ditas por Le

Cagot no bar da viúva naquela tarde.

— Eu bem que avisei — continuou Diamond — que nós teríamos de reagir de maneira a satisfazer à ferocidade dos nossos amigos árabes. O senhor demorará um pouco para morrer e isso os deixará satisfeitos. E eu dei um jeito para que o castigo do senhor ficasse bem evidente. Sabe aquele castelo que o senhor tinha? Há uma hora e meia que não existe mais.

— Diamond... — Hel não tinha nada a dizer, mas queria manter Diamond do outro lado da linha. — Le Cagot não significa nada para o senhor. Por que deixá-lo pendurado na corda?

— Este é um detalhe que certamente divertirá muito os nossos amigos árabes.

— Ouça, Diamond, alguns homens vão vir para substituir os garotos. Vão nos encontrar e nos tirar daqui.

— Isso não é verdade. Não passa de uma mentira de pernas decepcionantemente curtas. No entanto, para evitar a possibilidade de que alguém, acidentalmente, passasse por aqui e os escutasse, eu pretendo mandar uns homens para enterrar seus garotos bascos aqui mesmo, desmontar toda esta engenhoca e rolar umas pedras para selar a entrada do poço. Digo isso como uma manifestação de bondade, para que o senhor não desperdice suas forças com esperanças infundadas.

Hel não respondeu.

— O senhor se lembra do rosto do meu irmão, sr. Hel?

— Vagamente.

— Ótimo. Fique pensando nele.

Ouviram-se uns estalidos nos fones, como se tivessem sido arrancados e jogados de lado.

— Diamond? Diamond? — Hel apertou a linha do telefone entre os dedos. O único som que se ouvia era a respiração difícil de Le Cagot.

Hel acendeu sua lanterna de capacete e a lâmpada de dez watts ligada à bateria para que Le Cagot pudesse ver alguma coisa lá embaixo e não se sentisse desertado.

— Bem, o que você acha disso, velho amigo? — a voz semi-estrangulada de Le Cagot veio pela linha. — Não é exatamente o desenlace que eu escolheria para essa personagem fascinante que criei para mim mesmo.

Por um momento desesperado, Hel pensou na possibilidade de escalar as

paredes da caverna, conseguir chegar acima de onde estava Le Cagot e jogar uma corda para ele.

Impossível. Levaria horas com uma britadeira e argolas de segurança para conseguir subir por aquela parede lisa e sem reentrâncias. Muito antes disso, Le Cagot já estaria morto, estrangulado pelas correias do arnês que, já naquele momento, lhe dificultavam a respiração.

Conseguiria Le Cagot livrar-se do arnês e subir pelo cabo até a boca do caminho espiralado? Chegando lá, haveria uma pequena possibilidade de ele conseguir chegar até a superfície, escalando com as mãos livres.

Hel deu a idéia a Le Cagot pelo telefone.

A resposta de Le Cagot veio num sussurro débil. — Não dá... costelas... peso... da água...

— Behat!

— O que, pelo amor de Deus?

Uma última e pequena possibilidade passara pela cabeça de Hel. A linha do telefone. Não estava atada com firmeza e as chances de que conseguisse suportar o peso de um homem eram poucas. Mas era possível que se tivesse enganchado num ponto mais acima, presa, quem sabe?, ao cabo da descida.

— Behat? Você consegue se agarrar ao cabo do telefone? Consegue se livrar do arnês?

Le Cagot já não tinha fôlego suficiente para responder, mas pela vibração da linha do telefone, Hel percebeu que ele estava tentando seguir as instruções. Passou-se um minuto. Dois. A luz do capacete, embaçada pela névoa da queda d'água, dançava loucamente lá em cima, perto do teto da caverna. Le Cagot segurava firmemente o cabo telefônico, usando suas últimas forças para livrar-se das correias do arnês com a sua faca.

Agarrou a linha encharcada do telefone com toda sua força e cortou a última tira. O peso do seu corpo passou para o cabo telefônico... soltando-o.

— Cristo! — gritou ele.

A luz da lanterna caiu verticalmente na direção de Hel. Por uma fração de segundo, o cabo espiralado do telefone amontoou-se aos pés de Hel. Com um horrível baque, o corpo de Le Cagot chocou-se contra o topo do cone de entulhos, deu um salto, rolou sobre um ressalto de rocha, e depois precipitou-se de cabeça para baixo até cair a menos de dez metros de Hel.

— Behat!

Hel correu para ele. Le Cagot não estava morto. O peito fora esmagado; ele estremecia, convulsionando-se com o respirar pesado que empurrava o sangue até sair da sua boca na forma de espuma. O capacete protegera o primeiro impacto, mas desprendera-se da sua cabeça quando ele rolava pelo cone abaixo. Sangrava pelo nariz e ouvidos. Pendurado de cabeça para baixo, estava asfixiando-se com o próprio sangue.

Com todo o cuidado, Hel ergueu o torso do amigo, segurando-o nos braços para que ficasse mais confortável. O dano que poderia causar movendo-o não importava; Le Cagot estava morrendo. Na verdade, naquele momento, Hel lamentava a forte constituição basca que impedia que seu amigo encontrasse alívio numa morte rápida.

A respiração de Le Cagot estava rápida e entrecortada; seus olhos abertos dilatavam-se lentamente. Tossiu, e o movimento provocou-lhe fortes dores.

Hel acariciou o rosto barbudo, pegajoso de tanto sangue.

— Como... — Le Cagot não conseguiu prosseguir.

— Descanse, Behat. Não tente falar.

— Como... é que eu estou?

— Com ótimo aspecto.

— O meu rosto?

— Lindo como o de um deus.

— Ótimo. — Num acesso de dor, os dentes de Le Cagot travaram. Os de baixo tinham sido quebrados na queda. — O padre...

— Descanse, meu amigo. Não lute. Deixe-se levar.

— O padre! — O sangue preso no canto da sua boca já estava coagulado.

— Eu sei. — Diamond tinha citado a descrição que Le Cagot fizera da caverna como um poço sem fundo. A única pessoa de quem poderia ter ouvido aquilo era o fanático, o Padre Xavier. E teria de ter sido também o padre quem delatara o local onde Hannah se escondera. O confessionário era a sua fonte de informações, o seu Gorduchinho.

Por três intermináveis minutos, o único som que se ouviu foi a respiração ofegante de Le Cagot. O sangue que saía dos seus ouvidos começou a engrossar.

— Nikko?

— Descanse. Durma.

— Como é que eu estou?

— Magnífico, Benat.

De repente, o corpo de Le Cagot se retesou e um débil sussurro veio do fundo da sua garganta. — Cristo!

— Dói? — perguntou Hel, abobalhado, sem saber o que dizer. A crise de agonia passou, e o corpo de Le Cagot pareceu afundar para dentro de si mesmo. Ele engoliu sangue e perguntou: — O que foi que você disse?

— Dói? — repetiu Hel.

— Não... obrigado... tenho tudo do que preciso.

— Engraçadinho — murmurou Hel, bem baixo.

— Mas, não é uma saída tão má assim.

— Não, não é.

— Aposto que você não vai conseguir se sair tão bem quando chegar a sua vez.

Hel cerrou os olhos com força, expulsando as lágrimas enquanto acariciava o rosto do amigo.

A respiração de Le Cagot acelerou-se e parou. Suas pernas entraram em convulsão. A respiração voltou, arquejos em rápida sucessão no fundo da sua garganta. Seu corpo estraçalhado se contorceu numa agonia final e ele gritou: — Pelos Quatro Bagos de Jesus, Maria e José...

Um sangue rosado vindo dos pulmões aflorou à sua boca, e ele estava morto.

Hel suspirou aliviado ao tirar as correias que prendiam o tanque de ar e pendurá-lo numa ponta entre duas pedras que tinham caído do teto da caverna. Sentou-se pesadamente, o queixo afundado no peito enquanto inspirava grandes lufadas de ar em inalações trêmulas e expirações que esvaziavam seus pulmões, fazendo com que tossisse. Apesar do frio úmido que fazia dentro da caverna, o suor corria pelo seu cabelo. Cruzou os braços sobre o peito e esfregou as marcas nos ombros onde as tiras do tanque de ar tinham rasgado a pele, mesmo através das três malhas que usava embaixo do macacão de pára-quedista. Um tanque de ar é um fardo estranho de ser carregado, principalmente por passagens estreitas e subidas íngremes.

Se estiver muito apertado contra o corpo, atrapalha os movimentos e entorpece os braços e dedos; se mais solto, esfola a pele e balança, ameaçando

perigosamente o equilíbrio.

Quando sua respiração normalizou-se, Hel tomou um grande gole do vinho aguado que levava no xahako, depois deitou-se de costas numa rocha lisa, não tendo nem o cuidado de tirar o capacete. Carregava o mínimo equipamento possível: o tanque, toda a corda que conseguia carregar, as ferramentas mais indispensáveis, duas lanternas, seu xahako, a máscara de mergulho dentro de uma sacola de borracha que também continha uma lanterna à prova d'água e um pacote de cubos de glicose para dar ao corpo energia quase instantânea. Mesmo limitado ao mínimo necessário, era muito peso para carregar. Estava acostumado a se locomover livremente dentro das cavernas, liderando a exploração e carregando muito pouco peso, enquanto o vigoroso Le Cagot se encarregava de carregar o grosso do equipamento. Sentia falta da força do amigo; sentia falta do apoio emocional do seu constante fluxo de espirituosidade, criatividade e musicalidade.

Mas agora estava sozinho. Suas reservas de energia tinham sido solapadas; suas mãos estavam feridas e retesadas. A idéia de dormir era muito atraente, sedutora... e mortal. Sabia que, se dormisse, o frio penetraria em seu corpo, envolvente, narcotizante. Não podia dormir. Dormir seria morrer. Descansar, mas sem fechar os olhos. Fechar os olhos, mas sem dormir. Não. Não podia fechar os olhos! Suas sobrancelhas se arquearam no esforço de manter as pálpebras abertas sobre os olhos que rolavam, desgovernados. Não podia dormir. Só descansar um pouquinho. Não dormir. Vou só fechar os olhos por um momento. Só fechar... os olhos...

Hel deixara Le Cagot ao lado do monte de entulhos, onde morrera. Não havia como enterrá-lo; a própria caverna seria um vasto mausoléu, agora que eles tinham empurrado rochas para fechar a entrada. Le Cagot descansaria para sempre no coração das montanhas bascas.

Quando, finalmente, o sangue parara de sair, Hel, gentilmente, limpou o rosto do amigo, antes de cobrir o corpo com um saco de dormir.

Depois de ter feito isso, Hel se acocorara ao lado dele, tentando alcançar uma meditação de média intensidade para limpar a mente e dominar as emoções. Tinha conseguido apenas alguns curtos momentos de paz, mas quando trouxe sua mente de volta para o presente, estava em condições de avaliar a situação em que se encontrava. A decisão era simples: todas as alternativas estavam eliminadas. Suas chances de conseguir sair dali, sozinho e sobrecarregado, tendo

que descer aquele poço comprido, atravessar a ponta de Hel, vencer o estreito labirinto da caverna ascendente, passar pela queda d'água até chegar à caverna de cristais, depois descer a encosta de lama até a adega — suas chances de conseguir ultrapassar todos esses obstáculos sem se enroscar no cabo e sem a ajuda de Le Cagot eram mínimas. Mas era uma espécie de Aposta de Pascal . Chances mínimas ou não, sua única esperança seria enfrentar o desafio. Não pensar nas dificuldades de nadar através do tubo no piso da adega para a liberdade, aquele canal pelo qual a água corria com tanto volume que deixava a superfície da lagoa afundada. Enfrentaria um problema de cada vez.

Contornar a ponta de Hel quase acabou de vez com seus problemas.Tinha amarrado uma corda no tanque de ar e o equilibrara no estreito ressalto que havia ao lado da corrente que fluía através do corte estreito; depois contornara o outeiro, rastejando com a ajuda dos calcanhares e ombros, com o corpo quase todo esticado no chão, os joelhos lutando com a tensão e o peso extra da corda que estava atravessada no seu peito, como se fosse uma alça de rifle. Ultrapassado o obstáculo, restava passar o tanque para o outro lado. Le Cagot já não estava ali para ajudá-lo com a corda. Não havia outro jeito se não deixar o tanque cair dentro da água e depois, rapidamente, puxá-lo, enquanto balançava ao longo da corrente de água. Não conseguiu puxar a corda com a rapidez necessária; o tanque passou mergulhado na água e seguiu em frente, a corda saltando e enroscando. Como não tinha ponto de apoio, quando a corda se retesou, Hel foi puxado do estreito ressalto onde estava. Não podia soltar a corda. Perder o tanque seria perder tudo. Colocou-se de atravessado sobre o estreito poço, uma das botas na beirada, os grampos da outra enterrados na parede lisa do outro lado, onde também não havia ponto de apoio. Ao usar toda a força das pernas para se manter naquela posição, os tendões da virilha saltaram, retesaram-se, ficaram vulneráveis. A corda corria velozmente entre suas mãos. Apertou os dentes e tentou segurar a corda com a força dos punhos. A fricção da corda molhada rasgava a pele das palmas das suas mãos. A água corria sobre seus pulsos, misturada com sangue. Para agüentar a dor, soltou um urro, que ecoou através da passagem, onde não havia viva alma para ouvir seu desabafo.

O tanque parou.

Hel puxou-o contra a correnteza, metro a metro, a corda parecendo ferro em brasa nas suas mãos, os tendões da virilha contraídos e pulsando. Quando suas mãos tocaram a alça molhada do tanque, ele puxou-o para cima e enganchou-o atrás do pescoço. Com todo aquele peso balançando contra o seu peito, a volta para o ressalto foi terrível. Escorregou duas vezes na parede lisa; duas vezes tropeçou e caiu para trás, conseguindo se reequilibrar com a sola lisa, sentindo

que os músculos da virilha se romperiam com o esforço. Na terceira tentativa conseguiu passar e ficou espremido contra a parede, o coração aos pulos, apoiado apenas nos calcanhares, as pontas dos pés mergulhadas na corrente barulhenta.

Percorreu a curta distância que o separava da parede de seixos que bloqueava o caminho até a caverna ascendente e deixou-se despencar no canto de rochas empilhadas, exausto, o tanque pesando contra o peito, as palmas das mãos ardendo de dor.

Não podia ficar descansando por muito tempo. Suas mãos se entorpeceriam e se tornariam inúteis.

Colocou novamente o tanque nas costas e verificou o estado da máscara de mergulho. Se estivesse danificada seria o fim de tudo. Mas, apesar das batidas contra o tanque, a máscara estava intacta. Começou então a lenta subida sobre o ângulo formado pelo lado do poço e a parede arredondada, sob a qual o rio desaparecia. Como antes, havia muitos apoios para os pés e mãos, mas eram todos de calcário silicoso decomposto, pedaços dos quais se desfaziam ao serem tocados enquanto pedregulhos machucavam suas mãos em carne viva. O coração batia forte no peito, mandando sangue demais para as têmporas. Quando finalmente conseguiu chegar ao ressalto liso entre dois blocos de minério que ladeavam o acesso para a caverna ascendente, ele deitou-se de bruços e descansou, o rosto encostado na rocha, saliva escorrendo pelo canto da boca.

Amaldiçoou-se por ficar descansando ali tempo demais. Suas palmas estavam ficando pegajosas, secretando um líquido espesso e as mãos estavam dependuradas estranhamente, como se fossem presas de lagosta. Levantou-se e ficou lá, abrindo e fechando as mãos, tentando romper as barreiras da rigidez e da dor, até que elas recomeçassem a se articular com suavidade.

Por um tempo que pareceu infinito, Hel avançou tropegamente pela caverna ascendente, tateando o caminho em volta de blocos de minério do tamanho de casas, sentindo-se um anão, espremendo-se por entre pedras em balanço que tinham desmoronado recentemente, caindo do teto cheio de falhas, muito acima do alcance da luz da sua lanterna de capacete, contornando rochas inclinadas em ângulos instáveis que, se estivessem expostas à ação do tempo na superfície, há muito tempo já teriam desabado. O rio não servia como referência de caminho, perdido lá embaixo, no emaranhado de rochas caídas, serpenteando, dividindo-se em milhares de braços, desenhando seu caminho pelo leito xistoso da caverna. Três vezes, fatigado e nervoso, ele se perdeu e o que aumentava o seu pânico era que estava gastando energia à toa, ao vagar cegamente pelo labirinto. Em cada

uma das três vezes forçou-se a parar e se acalmar, até que seu sentido de proximidade lhe indicasse a trilha que levava ao espaço aberto.

Finalmente, ouviu um som que poderia guiá-lo. Ao se aproximar do final da caverna ascendente, os braços do rio lá embaixo começaram a se juntar e, lentamente, ele começou a perceber o tonitroar da grande queda d'água que levava à caverna de cristal. Mais à frente, o teto da caverna inclinava-se para baixo e emendava-se com uma parede de rochas recém-desabadas. Subir por aquela parede, através da disparatada rede de fendas e elevações, para depois descer pelo outro lado, passando pela cachoeira barulhenta sem a segurança da corda manuseada por Le Cagot seria a parte mais difícil e perigosa do percurso. Teria de descansar um pouco antes de tentar.

Fora neste momento que Hel tirara as alças do tanque de ar e se sentara pesadamente numa rocha, o queixo mergulhado no peito ao tentar inspirar o máximo possível de ar, com o suor caindo dos seus cabelos nos seus olhos.

Tinha tomado um grande gole do seu xahako, e se recostado numa rocha lisa, não se preocupando nem em tirar o capacete.

Seu corpo implorava por descanso. Mas ele não podia dormir. Dormir seria morrer. Podia apenas descansar alguns instantes. Dormir, não. Apenas feche seus olhos por um momento. Apenas feche... os olhos...

— Ahhh!

Acordou assustado, arrancado do sono leve, atormentado pela imagem da luz da lanterna de capacete de Le Cagot caindo na sua direção, desabando do teto da caverna! Sentou-se, tremendo e suando. O sono leve não o descansara; o cansaço do corpo aumentara; suas mãos pareciam um par de raquetes rígidas; seus ombros estavam rígidos; a náusea causada pelos repetidos choques de adrenalina fechava sua garganta.

Ficou sentado lá, desinteressado, não mais se importando se prosseguiria ou não. Então, pela primeira vez, as aterradoras implicações do que Diamond dissera pelo telefone irromperam no seu consciente. O castelo já não mais existia? O que eles teriam feito? E Hana? Escapara?

A preocupação com ela e a necessidade de vingar Le Cagot, fizeram pelo seu corpo o que alimentos e descanso teriam feito. Apanhou os últimos cubos de glicose e meteu-os na boca, ajudando a deglutição com goles do que restava do seu vinho aguado. O açúcar levaria alguns instantes para penetrar na corrente

sangüínea. Enquanto isso, Hel fechou as mandíbulas e começou a arrancar das palmas das mãos as crostas recém-formadas, suportando pacientemente a dor.

Assim que pôde, prendeu o tanque de ar nos ombros e começou a difícil subida do monte de entulhos que bloqueava a entrada da caverna de cristal. Lembrou-se de que Le Cagot lhe dissera para tentar um pouco mais à esquerda, porque ele estava sentado na linha de uma eventual queda e se sentia muito bem acomodado para mudar de posição.

Por duas vezes, teve de se desembaraçar das correias do tanque ao tentar encontrar um ponto de apoio, uma vez que a estreita passagem que tinha de vencer era muito apertada para um homem e um tanque ao mesmo tempo, sem que corresse o risco de danificar a máscara de mergulho que trazia pendurada no peito. Em cada uma das vezes tomou a precaução de amarrar firmemente o tanque, porque uma queda poderia arrancar a válvula, fazendo explodir o cilindro, coisa que o deixaria ser ar para o mergulho no final da jornada, tornando todo aquele trabalho e tortura inúteis.

Quando chegou ao estreito ressalto no topo da cachoeira barulhenta, dirigiu o foco da lanterna para baixo, de onde subia a névoa, lentamente, no ar sem vento. Fez uma pausa longa o suficiente para recuperar a respiração e diminuir o ritmo dos batimentos cardíacos. Dali em diante, talvez não houvesse mais nenhum lugar onde pudesse descansar, nenhuma oportunidade para esticar as mãos e o corpo, ou para que sua imaginação abalasse sua determinação.

O ensurdecedor ronco da cachoeira e a névoa, numa temperatura de quarenta graus, isolaram sua mente de quaisquer outros pensamentos que não fossem os referentes à tarefa que tinha pela frente. Arrastou-se ao longo da beirada do ressalto fino e desgastado, que fora um dia o rebordo da queda d'água, até encontrar a rocha protuberante de onde Le Cagot o tinha orientado durante a primeira descida pela cortina cintilante de água. Desta vez, não iria poder contar com a ajuda do amigo. À medida que ia descendo, centímetro por centímetro, encontrou o primeiro dos grampos que fixara anteriormente, meteu uma argola e passou uma corda dupla, puxando-a e enfiando num outro grampo para amortecer a queda, caso despencasse. Novamente, como antes, não demorou muito para que a fricção da corda, passando por dentro das argolas, tornasse difícil e perigoso puxá-la, uma vez que o esforço tendia a arrancá-lo dos pontos de apoio que a parede lhe oferecia.

A água e a corda torturavam suas palmas e ele agarrava-se às saliências cada vez com mais força, como se quisesse se vingar da dor pelo excesso de esforço. Quando chegou ao ponto em que teria de atravessar a cortina de água e

passar para trás da cachoeira, descobriu que não agüentava mais puxar a corda. O peso da água sobre ela, a quantidade de argolas pelas quais ela estava passando, seu cansaço cada vez maior, tudo se juntava para tornar aquela tarefa impossível. Teria de abandonar a corda e, dali em diante, fazer uma escalada livre. Como antes, esticou o braço através da lâmina prateada e negra da cachoeira, que despencava como uma pesada pulseira no seu punho. Tateando, localizou uma pequena fenda afiada, invisível de onde se encontrava, que já usara como ponto de apoio na primeira vez. Mas, naquelas condições, não seria nada fácil vencer a cachoeira. O tanque era uma superfície a mais sobre a qual a queda d'água exerceria pressão; seus dedos estavam machucados e amortecidos; e suas reservas de energia estavam esgotadas. Teria de ser um movimento lento. Deixar-se balançar através dela. Havia um ressalto muito bom atrás da cascata e um canto com pedras empilhadas tornava a descida bastante fácil. Respirou profundamente três vezes e jogou o corpo contra a cortina de água.

Chuvas recentes tinham feito com que a queda d'água estivesse duas vezes mais forte do que antes. O peso de cima para baixo batia de encontro ao seu capacete e ombros e ameaçava arrancar o tanque pendurado nas suas costas. Seus dedos entorpecidos não conseguiram segurar na pequena fenda afiada; e ele caiu.

A primeira coisa da qual tomou consciência foi o relativo silêncio. A segunda foi a água. Estava atrás da queda d'água, na base de uma pilha de cascalhos, sentado com água até os quadris. Talvez tivesse ficado inconsciente por algum tempo, mas não se lembrava de nada. Tinha os acontecimentos amontoados na cabeça: o bater da água nas suas costas e no tanque; a dor quando seus dedos descarnados foram arrancados da fenda; o barulho, a dor, o choque quando despencou na pilha de entulhos e rolou por ela abaixo — depois, este relativo silêncio e a água à altura da cintura onde, na primeira vez, havia apenas rochas molhadas. O silêncio não era problema; não o surpreendia. Já tinha notado na primeira passagem por ali que o barulho da água parecia ficar abafado quando se passava para trás da queda d'água. Mas a água? Será que isso significava que as chuvas recentes tinham se infiltrado através das rochas, formando um lago no piso da caverna de cristal?

Estaria machucado? Movimentou as pernas; estavam bem. Os braços também. Seu ombro direito doía. Conseguia levantar o barco, mas uma dor penetrante aparecia no final do movimento. Talvez uma luxação. Dolorosa, mas não debilitante. Já começava a achar que tinha conseguido, miraculosamente,

atravessar a cascata sem se ferir, quando percebeu uma sensação estranha. O encaixe da sua mordida não estava certo. As pontas dos dentes se tocavam. Qualquer tentativa de abrir a boca, por menor que fosse, provocava-lhe uma dor tão intensa que ele sentia que ia desmaiar. A mandíbula estava quebrada.

A máscara de mergulho? Teria quebrado no tombo?Tirou-a da sacola e examinou-a à luz da lanterna, que já estava amarelando porque as pilhas estavam enfraquecendo. O visor estava rachado.

A rachadura tinha a espessura de um fio de cabelo. Agüentaria, desde que não sofresse nenhum impacto nem houvesse uma torção nas tiras de borracha. E qual era a chance de isso acontecer lá embaixo, mergulhado na correnteza forte do piso da "adega"? Toda a chance do mundo.

Quando se levantou, a água chegava apenas até o meio da perna. Abriu caminho através da queda d'água, naquele ponto já bastante fraca, entrando na caverna de cristal, onde a água foi ficando mais profunda a medida em que a névoa de água fria ficava mais tênue atrás dele.

Uma das duas lâmpadas de magnésio se quebrara durante a queda; seu pó gorduroso recobrira a outra lâmpada, que teria que ser cuidadosamente limpa antes de ser acesa, ou a chama correria pelos lados queimando suas mãos. Esfregou a lâmpada com seu gorro; acendeu-a, e a luz ofuscantemente clara brilhou iluminando as paredes mais afastadas, incrustadas de cristais, e captando a beleza das colgaduras de calciterita e as finas estalactites. Mas essas últimas já não apontavam para as grossas estalagmites, como acontecia antes. O piso da caverna era um lago raso que cobria as belezas do leito. Seus primeiros receios se confirmaram; chuvas recentes tinham enchido a extremidade final do sistema de cavernas; o longo declive de lama na parte mais afastada da caverna estava alagado.

O impulso de Hel era desistir, chapinhar pelo lago até a beira da caverna e encontrar um banco de rocha onde pudesse se sentar, descansar, perder-se em meditação.Tudo parecia muito difícil agora; as probabilidades matemáticas quase inexistentes. No início, pensara que aquela última, improvável tarefa, nadar através da "adega"em direção à luz e ao ar, seria, do ponto de vista psicológico, a mais fácil. Sem outra alternativa, com todo o peso e a extensão do sistema de cavernas atrás dele, o mergulho final seria impulsionado pela força do desespero. Na verdade, chegou a pensar que as suas chances de fazer aquele percurso derradeiro com sucesso seriam maiores do que se tivesse Le Cagot para orientá-lo, uma vez que, naquele caso, ele usaria apenas a metade das suas forças, tendo de guardá-las para o retorno, caso topasse com uma obstrução no

caminho, ou este fosse longo demais. No pé em que as coisas deveriam estar, sua esperança era de que suas chances seriam duas vezes maiores, já que não havia a menor possibilidade de voltar nadando contra a correnteza.

Mas agora... a caverna de cristal estava alagada, e o percurso a ser percorrido embaixo da água era duas vezes maior. A vantagem do desespero estava perdida.

Não seria melhor sentar-se e esperar a morte com dignidade, em vez de lutar contra o destino, como um animal em pânico? Que chances tinha? O menor movimento da sua mandíbula causava-lhe uma dor agônica; seu ombro estava endurecido e a dor, na junção com o peito, era intensa; as palmas das suas mãos estavam descarnadas; até mesmo a porra do visor da sua máscara de mergulho não parecia ter muitas chances de agüentar a força da corrente no tubo subterrâneo. Isso não era nem mesmo uma aposta. Era como jogar cara e coroa contra o Destino, tendo ambas as faces ambas as faces. Hel só ganharia se a moeda caísse de pé.

Caminhou pesadamente até a parede lateral da caverna, onde os seixos eram puxados para baixo como se fossem alféloas congeladas. Sentaria ali e ficaria esperando a morte.

Sua lanterna apagou e a escuridão eterna da caverna fechou-se sobre a sua mente com um peso esmagador. A cada movimento dos seus olhos, pontos luminosos, parecendo diminutos organismos de cristal vistos através de um microscópio, cortavam o total negrume. Depois, apagaram-se e a escuridão tornou-se absoluta.

Nada no mundo seria mais fácil do que aceitar a morte com dignidade, com shibumi.

E Hana? E aquele insano sacerdote do Terceiro Mundo que contribuíra para a morte de Le Cagot e Hannah Stern? E Diamond?

Está bem, está bem. Ao diabo com tudo isso! Enfiou a lanterna revestida de borracha entre duas pedras de aragonita e, sob o feixe de luz, prendeu a máscara ao tanque de ar, gemendo de dor ao apertar as conexões com seus dedos machucados. Depois de ter prendido cuidadosamente as correias sobre os ombros esfolados, abriu a válvula de comando do ar e espirrou um pouco de água no visor da máscara para que não embaçasse com a sua respiração. A pressão da máscara sobre a mandíbula quebrada era dolorosa, mas dava para agüentar.

Suas pernas estavam inteiras; nadaria com a força delas, segurando a

lanterna com a mão boa. Assim que se viu numa profundidade suficiente, ele deitou-se na água e começou a nadar, descobrindo que nadar era mais fácil do que caminhar na água rasa.

Mergulhada na água cristalina da caverna, não poluída por microrganismos, a lanterna iluminava perfeitamente os detalhes dos desenhos do mundo submerso, como se estivesse ao ar livre. Foi somente quando penetrou na ladeira de lama que Hel sentiu a força da correnteza. Era mais uma sucção que puxava para baixo do que um empurrão por detrás.

A pressão da água comprimiu seus ouvidos, fazendo com que sua respiração vibrasse em volume aumentado nos escaninhos da sua cabeça.

A força da sucção cresceu quando ele atingiu o fundo do declive lamacento, e a pressão da água girou seu corpo na direção do tubo localizado no piso da "adega". Daquele ponto em diante, ele não nadaria; a correnteza o levaria, arrastaria seu corpo pela passagem; todos os esforços deveriam ser feitos para tentar diminuir a velocidade e controlar a direção em que seguia. O puxão da correnteza era uma força invisível; não havia ar na água, nem partículas, nenhuma evidência das toneladas de força que o impulsionavam.

Só tomou verdadeiro conhecimento da força da correnteza quando tentou se agarrar a um ressalto para parar por um momento e se recuperar, antes de entrar no reservatório. O ressalto foi arrancado das suas mãos, seu corpo girou de costas e foi tragado pelo reservatório. Ele lutou para se virar, debatendo-se, tentando se reposicionar, já que tinha que entrar no túnel de desaguamento com os pés na frente, se quisesse ter alguma chance de sobreviver. Se entrasse de cabeça e batesse em algum obstáculo, seria o seu fim.

Inexplicavelmente, a força da correnteza pareceu diminuir assim que entrou no reservatório e ele foi lentamente puxado para baixo, os pés na direção do tubo triangular que havia no fundo. Respirou fundo e dominou os nervos, lembrando-se de que a correnteza arrastara os pacotes de tintura com tanta velocidade que a vista humana não conseguira acompanhar.

Numa velocidade quase preguiçosa, seu corpo flutuou na direção do piso do reservatório. Foi a última imagem clara que conseguiu ver.

A correnteza o pegou, e ele foi jogado para dentro do tubo. Seu pé bateu em alguma coisa; a perna retraiu-se, o joelho bateu no peito; ele estava girando sobre si mesmo; a lanterna se perdera; levou uma pancada nas costas, outra nos quadris.

E, subitamente, estava encalacrado atrás de uma rocha, com a água que

passava por ele ferindo seu corpo. A máscara girou e o visor estourou, os estilhaços cortando sua perna ao serem arrastados pela correnteza. Há muitos segundos, estava com a respiração presa por causa do medo, e a necessidade premente de ar pressionava e fazia com que suas têmporas latejassem. A água corria pelo seu rosto, penetrava em suas narinas. O problema era o amaldiçoado tanque! Estava imobilizado naquele lugar porque o espaço era muito estreito para que passassem seu corpo e o tanque ao mesmo tempo! Agarrou sua faca com toda a força que lhe restava concentrada na mão direita, porque a água tentava arrancar-lhe a faca. Tinha que cortar as correias que prendiam o tanque! A pressão exercida pela correnteza sobre o cilindro apertava as correias contra seus ombros. Não havia como enfiar a faca por baixo. Tinha de seccionar a tira diretamente contra o próprio peito. A dor ameaçava fazê-lo desmaiar.

O pulso latejou, a cabeça parecia querer estourar. Sua garganta convulsionava, ansiando por ar. Corta com mais força! Corta logo, porra!

O tanque se desprendeu, amassando seu pé ao passar, voando, por baixo dele. Ele estava se movendo novamente, girando. A faca se fora. Com um horrível som de coisa quebrando, alguma coisa bateu na parte posterior da sua cabeça. Seu diafragma dilatou-se sob a pele, desesperado por ar. O bater do seu coração ecoava na cabeça enquanto ele se debatia e rodopiava em meio ao caos de espuma e bolhas.

Bolhas... Espuma! Dava para ver! Nadar para cima. Nada, vamos!

PARTE SEIS

TSURU NO SUGOMORI

Etchebar

Hel estacionou o Volvo na praça deserta de Etchebar e saiu lentamente do carro, esquecendo de fechar a porta atrás de si e de dar a pancada ritual no veículo. Inspirou o ar com força e soltou-o vagarosamente, depois subiu pela curva da estrada que dava no seu castelo.

De trás de janelas entreabertas, as mulheres da aldeia olhavam para ele e advertiam suas crianças para não irem brincar na praça até que o Monsieur Hel tivesse desaparecido dali. Tinham-se passado oito dias desde que Monsieur Hel fora para as montanhas junto com Le Cagot, e aqueles horríveis homens de uniforme tinham aparecido na aldeia e feito aquelas atrocidades no castelo. Desde então, ninguém vira Monsieur Hel; tinham corrido rumores de que estaria morto. Agora ele estava voltando para sua casa demolida, mas ninguém ousava saudá-lo. Nesta antiga aldeia do alto das montanhas, prevaleciam os instintos primitivos; todo mundo sabia que não era nada bom aproximar-se da desgraça, porque a infelicidade era uma coisa contagiosa. Afinal de contas, não fora pela vontade de Deus que essa coisa terrível acontecera? O forasteiro não estaria recebendo seu castigo por viver com uma oriental, possivelmente sem as bênçãos do casamento? E quem poderia saber os outros motivos pelos quais Deus o estaria punindo? Ah, claro, a pessoa podia sentir pena — afinal, a Igreja aconselhava que se sentisse pena — mas não seria muito inteligente associar-se a alguém que Deus está punindo. Era preciso ter compaixão, mas não a ponto de correr riscos pessoais.

Ao caminhar, subindo pela longa aléia, Hel não conseguia ver o que tinham feito com a casa; os chorões impediam a visão. Mas, chegando à parte de baixo do terraço, a extensão dos danos era evidente. O miolo do castelo e a ala leste tinham desaparecido, as paredes demolidas e os entulhos jogados para todo lado. Blocos de granito e mármore estavam semi-enterrados pelo gramado todo revolvido, estendendo-se por mais de cinqüenta metros; um pedaço de parede baixa e despedaçada contornava o lugar onde as adegas tinham sido estraçalhadas e estavam agora mergulhadas nas sombras e inundadas pela água que vinha das fontes subterrâneas. A maior parte da ala oeste ainda estava de pé, os quartos expostos ao tempo, onde as paredes que os dividiam tinham sido derrubadas. A ala fora incendiada; os pisos tinham afundado e as traves

carbonizadas balançavam, quebradas, penduradas nos tetos arruinados. Os vidros de todas as janelas e portas francesas tinham sido estilhaçados e, acima deles, havia imensas manchas de fuligem, deixadas pelas chamas. O cheiro de carvalho queimado era levado por um vento fraco que balançava os restos do que, um dia, tinha sido cortinas.

À medida que Hel avançava pelo meio dos destroços para dar uma olhada no estado das paredes da ala oeste, o único som que se ouvia era o sibilar do vento através dos ciprestes. Em três lugares diferentes, encontrou buracos feitos com britadeiras nos blocos de granito. As cargas ali colocadas não tinham explodido, e eles tinham se conformado com a destruição causada pelo fogo.

Mas foi o jardim japonês que lhe causou a maior dor. Evidentemente, os gorilas tinham sido instruídos para caprichar no arrasamento do jardim. Tinham usado lança-chamas. O riacho que cantava estava morto no meio dos entulhos e, mesmo uma semana depois, ainda havia resíduos de óleo na superfície. A casa de banho e o renque de bambu que a cercava tinham desaparecido, mas alguns brotos de bambu, aquela planta tremendamente obstinada, já começavam a nascer no solo enegrecido.

O quarto do tatami e a sala de armas ao lado tinham sido poupados, a não ser pelas portas de papel de arroz, que não resistiram às explosões.

Ao caminhar pelo jardim destroçado, seus sapatos chutaram montículos de cinzas pretas e finas. Hel sentou-se pesadamente no peitoril da janela do quarto do tatami, as pernas balançando no ar. Era estranho, e ao mesmo tempo tocante, ver que o jogo de chá continuava servido sobre a mesinha baixa e laqueada.

Estava sentado, a cabeça pendida por causa da imensa fadiga, quando sentiu a aproximação de Pierre.

A voz do ancião estava tomada de tristeza. — Oh, M'sieur! Oh, M'sieur! Veja só o que eles fizeram conosco! Pobre madame! O senhor a viu? Ela está bem?

Hel passara os últimos quatro dias no hospital de Oloron, saindo da cabeceira de Hana somente quando os médicos lhe ordenavam.

Os olhos vermelhos de Pierre fecharam-se, cheios de compaixão ao ver o estado físico do seu patrão. — Mas, olhe só para o senhor, M'sieur! — Hel tinha a mandíbula envolta numa bandagem que lhe cobria também a cabeça. A função era manter a mandíbula imóvel enquanto os ossos se recompunham; as machucaduras do rosto ainda estavam roxas; por dentro da camisa, o antebraço estava firmemente preso ao peito, imobilizando o ombro, e ambas as suas mãos

estavam enfaixadas dos pulsos até a segunda articulação dos dedos.

— Você também não está com aparência muito boa, Pierre — disse Hel, com uma voz abafada e sussurrada entredentes.

Pierre deu de ombros. — Ah, eu vou ficar bem. Mas veja, senhor, nossas mãos estão muito parecidas! — Levantou as mãos exibindo tiras de gaze que recobriam a pomada aplicada sobre as palmas queimadas. Tinha também um ferimento sobre a sobrancelha.

Hel notou uma mancha escura na parte inferior da camisa desabotoada de Pierre. Evidentemente, uma taça de vinho escorregara das estranhas patas que ele tinha nas extremidades dos punhos. — Como foi que você machucou a cabeça?

— Foram os bandidos, M'sieur. Quando eu tentei impedi-los, um deles me bateu com a coronha do rifle.

— Conte-me o que aconteceu.

— Ah, M'sieur, foi terrível demais!

— Só me conte o que aconteceu. Acalme-se e me conte.

— Talvez pudéssemos ir até a guarita ao lado do portão, não? Eu ofereceria uma pequena taça ao senhor e não me incomodaria em tomar uma também. Então, eu conto tudo ao senhor.

— Está bem.

Ao caminharem na direção da guarita, o velho jardineiro sugeriu que Hel ficasse com ele, já que os bandidos tinham poupado a sua casinha.

Hel sentou-se numa cadeira funda com as molas arrebentadas de onde Pierre tirara uma montanha de bagulhos para abrir espaço ao seu hóspede. O velho tomara um gole diretamente do gargalo da garrafa, mais fácil de segurar, e agora olhava para o vale através da janelinha do segundo andar da casinhola que lhe servia de moradia.

— Eu estava trabalhando, M'sieur. Cuidando de mil coisas. A Madame tinha telefonado para Tardets para pedir um carro que a levasse até onde os aviões pousam, e eu estava esperando que ele chegasse. Escutei um zumbido esquisito que vinha lá de longe, do alto das montanhas. O barulho ficou cada vez mais forte. Eles chegaram como enormes insetos voadores, voando bem baixinho sobre as colinas.

— Quem chegou?

— Os bandidos! Naquelas coisas que parecem ventilador.

— Helicópteros?

— Isso. Dois deles. Fazendo um barulhão dos diabos, pousaram no parque e aquelas máquinas horrorosas começaram a vomitar homens de dentro delas. Os homens, todos eles tinham armas. Vestiam roupas verde oliva e uns bonés alaranjados. Vieram correndo para o castelo, todo mundo gritando com todo mundo. Eu chamei os sujeitos, dizendo para eles irem embora. As mulheres da cozinha botaram a boca no mundo e correram para a aldeia. Corri atrás dos bandidos e ameacei contar tudo ao M'sieur Hel se eles não fossem embora imediatamente. Um deles me bateu com o rifle e eu caí. Muito barulho! Explosões! E o tempo todo aqueles ventiladores enormes ficaram pousados no gramado, as asas girando, girando, não parando de girar. Quando consegui me por de pé, corri para o castelo. Eu queria brigar com eles, M'sieur. Queria brigar com todos eles!

— Eu sei.

— Pois é, mas nessa hora, eles já estavam correndo de volta para as máquinas deles. Me derrubaram de novo! Quando eu cheguei no castelo... Ah, M'sieur, tinha sumido tudo! Fumaça e fogo por todo lado! Tudo! Tudo! Então, M'sieur... Oh, Deus de misericórdia! Vi Madame na janela da ala que estava pegando fogo. Em volta dela, um monte de chamas. Corri para lá. Um montão de coisas pegando fogo estava caindo em volta de mim. Quando cheguei perto dela, ela estava lá, sem se mexer. Não conseguia achar o caminho da saída! As janelas tinham explodido na cara dela e os vidros... Ah, M'sieur, os vidros! — Pierre estava lutando para conter as lágrimas. Arrancou a boina e cobriu o rosto com ela. Havia uma linha diagonal que cruzava sua testa separando a pele muito clara da linha do cabelo do resto do rosto, castigado pelas intempéries. Por quarenta anos, aquela boina não saíra da sua cabeça, sempre que ele estava ao ar livre. Esfregou os olhos com a boina, fungou alto, e voltou a enfiá-la na cabeça. — Peguei a Madame e trouxe-a para fora. O caminho estava bloqueado por uma porção de coisas queimadas. Tive que tirá-las do caminho com as mãos. Mas, consegui sair! Consegui tirar ela de lá! Mas, os vidros!... — Pierre não agüentou mais; soluçava enquanto as lágrimas rolavam pelo seu nariz.

Hel levantou-se a abraçou o ancião. — Você foi muito corajoso, Pierre!

— Mas acontece que, quando o senhor não está aqui, o patron sou eu! E eu não consegui fazer com que eles parassem!

— Você fez tudo o que um homem podia fazer!

— Tentei brigar com eles!

— Eu sei.

— E a Madame? Ela vai ficar boa?

— Vai viver.

— E os olhos dela?

Hel afastou o olhar de Pierre, inspirando fundo e soltando o ar devagarzinho. Por algum tempo, não disse nada. Depois, limpando a garganta, — Temos trabalho a fazer, Pierre.

— Mas, M'sieur! Que trabalho! O castelo não existe mais!

— Precisamos limpar e consertar o que sobrou. Vou precisar da tua ajuda para contratar os homens e para supervisionar o trabalho deles.

Pierre balançou a cabeça. Ele não conseguira proteger o castelo. Não merecia confiança.

— Quero que você encontre homens para trabalhar aqui. Limpar o entulho. Temos de proteger a ala oeste das intempéries. Consertar o que der para ser consertado para que a gente possa passar o inverno aqui. E, na primavera que vem, vamos começar a construir tudo de novo.

— Mas, M'sieur, reconstruir o castelo vai levar a vida inteira!

— Eu não disse que nós iríamos conseguir acabar, Pierre. Pierre pensou no assunto. — Está bem — disse ele — Está bem. Ah, e tem carta para o senhor, M'sieur. Uma carta e um pacote. Estão por aqui, em algum lugar. — Pierre vasculhou no meio da confusão de cadeiras sem assento, caixas vazias e refugos indescritíveis com os quais mobiliara sua casa. — Ah! Aqui estão! Exatamente onde eu tinha guardado para que não se perdessem.

Tanto o pacote quanto a carta eram de Maurice de Lhandes. Enquanto Pierre se revigorava com um outro gole direto do gargalo, Hel leu o que Maurice escrevera:

Meu Caro Amigo:

> *Divaguei um pouco e resolvi atirar ao lixo minha primeira tentativa epistolar porque começava com uma frase tão melodramática que eu mesmo me ri dela e temi que pudesse lhe causar algum embaraço. Mesmo assim, não consigo encontrar nenhuma outra maneira de dizer o que quero dizer. Portanto, aí vai minha adolescente frase de abertura:*

Quando estiver lendo estas linhas, Nicholai, eu já estarei morto. (Neste ponto, faço uma pausa para minha espectral gargalhada e seu piedoso embaraço).

Existem muitas razões que eu poderia arrolar para explicar meus sentimentos íntimos em relação a você, mas esses serão suficientes: Primeira: como eu, você deu aos governos e às empresas razões para medo e preocupação. Segunda: você foi a última pessoa, além de Estelle, com quem falei na vida. E terceira: não só você nunca se importou com a minha peculiaridade física, como também nunca fez vista grossa ou barbarizou minha sensibilidade falando sobre isto de homem para homem.

Estou mandando um presente para você (que, muito provavelmente, você já abriu, seu porco ganancioso). É uma coisa que, algum dia, poderá ser muito útil para você. Lembra-se que eu comentei que tinha uma bela bomba sobre os Estados Unidos da América? Uma coisa tão sensacional que faria a Estátua da Liberdade cair de quatro e te oferecer qualquer orifício que você preferisse? Bem, aí a tem.

Estou mandando apenas fotocópias; destruí os originais. Mas o inimigo não vai saber disso, e o inimigo também não sabe que eu estou morto. (É impressionante como é estranho escrever esta frase com o verbo no presente!)

Eles não terão como saber que os originais não estão comigo, prontos para serem colocados no sistema dedo no gatilho; portanto, com um pouco da sua habilidade teatral, você poderá manipulá-los como bem desejar.

Como você sabe, minha inteligência nata sempre me poupou da tolice de acreditar numa vida depois da morte. Mas pode ser que haja uma maneira de eu me divertir com os aborrecimentos que possa causar, mesmo depois da minha morte — e este pensamento me agrada.

Por favor, visite a Estelle de vez em quando e faça com que ela se sinta desejável. E mande o meu amor à sua magnífica oriental.

Com toda minha profunda amizade.

PS.: Será que, no nosso jantar daquela noite, eu mencionei que as enguias não estavam com suco de limão suficiente? Devia tê-lo feito.

Hel cortou o barbante que fechava o pacote e examinou seu conteúdo. Declarações juramentadas, fotografias, gravações, tudo revelando as pessoas e organizações governamentais envolvidas no assassinato de John F. Kennedy e, além disso, como foram escamoteados certos aspectos do crime. Particularmente interessantes eram as declarações de uma pessoa que se identificava como Homem do Guarda-Chuva, de outra chamada Saída de Emergência, e uma terceira, o Comando da Colina.

Hel assentiu. Era mesmo uma bela bomba.

Depois de uma refeição simples constituída de salsicha, pão e cebola, tudo acompanhado de vinho tinto, no quartinho de despejo em que Pierre vivia, os dois saíram a passear juntos pela propriedade, tomando o cuidado de não se aproximarem do local onde os restos do castelo formavam uma dolorosa cicatriz no terreno. A noite estava caindo, pedaços de nuvens cor de salmão e lilás se aglutinavam contra as montanhas.

Hel disse que passaria muitos dias fora e que poderiam começar o trabalho de reconstrução quando ele voltasse.

— O senhor vai confiar em mim para o trabalho, M'sieur? Depois de eu ter falhado como falhei? — Pierre estava com um sentimento de culpa. Achava que poderia ter protegido Madame melhor, caso estivesse totalmente sóbrio.

Hel mudou de assunto: — O que podemos esperar do tempo amanhã, Pierre?

O ancião levantou os olhos para o céu e ergueu os ombros: — Não sei, M'sieur. Se quiser saber a verdade, eu não sei prever o tempo. Só finjo que consigo para parecer que sou importante.

— Mas, Pierre, suas previsões são infalíveis. Eu confio nelas e elas sempre me foram muito úteis.

Pierre franziu o cenho, tentando se lembrar: — Isso é mesmo verdade, M'sieur?

— Eu não ousaria ir para as montanhas sem antes falar com você.

— Isso é mesmo verdade?

— Estou convencido de que a sua habilidade é fruto de uma conjugação de sabedoria, idade e sangue basco. Com o tempo, eu posso vir a ter a tua idade, e

até mesmo a sua sabedoria. Mas quanto ao sangue basco... — Hel suspirou e deu um pontapé numa moita na lateral do caminho por onde passavam.

Pierre ficou calado algum tempo enquanto pensava no assunto. Finalmente, disse: — Sabe de uma coisa? Acho que o senhor tem razão, M'sieur. É provável que seja um dom. Às vezes, até mesmo eu acho que são os sinais no céu, mas na verdade é um dom — uma habilidade que somente o meu povo possui. Por exemplo, está vendo como aquelas nuvens no céu parecem carneiros com o pêlo ruço? Agora, veja bem, é importante saber que a lua está no seu quarto minguante, e que, hoje de manhã, os pássaros estavam voando baixo. Com estes dados, posso dizer com toda certeza que...

A Igreja em Alos

A cabeça do Padre Xavier estava inclinada, os dedos comprimindo suas têmporas, a mão escondendo parcialmente as feições da velha que estava do outro lado da tela grossa do confessionário. Era sua atitude treinada de compreensão piedosa que permitia que ele mergulhasse em seus próprios pensamentos enquanto a penitente desfiava seus pecados, recordando e admitindo cada pequeno lapso, esperando conseguir convencer a Deus, com um fastidioso desfile de pecadilhos insignificantes, que ela era inocente de qualquer pecado mais grave. A anciã já chegara ao ponto de confessar os pecados dos outros — de pedir perdão por não ter sido forte o suficiente para impedir que seu marido continuasse a beber, por ter ficado ouvindo as malditas fofocas de Madame Ibar, sua vizinha, por deixar que seu filho faltasse à missa do domingo e fosse caçar javalis.

Murmurando automaticamente um balbucio interrogativo a cada pausa, a mente de Padre Xavier estava ocupada com o problema da superstição. Na missa daquela manhã, o padre itinerante tinha lançado mão de uma antiga superstição para ganhar a atenção da comunidade e reforçar sua mensagem de fé e revolução. Ele, pessoalmente, era bastante instruído para acreditar nos temores primitivos que caracterizavam a crença dos montanheses bascos mas, como soldado de Cristo, sentia que era seu dever valer-se de qualquer arma que estivesse ao seu alcance para lutar em defesa da Igreja militante. Conhecia a superstição que garantia que qualquer relógio batendo as horas durante a Sagara (a elevação da hóstia) era um sinal infalível de morte iminente. Colocando um relógio num local baixo, ao lado do altar, onde podia vê-lo, ele conseguira fazer com que a Sagara coincidisse com o soar da hora. Ouviu-se um murmúrio correndo pela congregação, seguido por um profundo silêncio. E, desenvolvendo seu tema a partir da profecia da morte iminente, ele lhes dissera que aquilo significava a morte da repressão contra o povo basco e o fim das influências malignas que grassavam dentro do movimento revolucionário. Ficara muito satisfeito com o efeito produzido expresso, em parte, por diversos convites para jantar e passar a noite nas casas dos camponeses locais e, em parte, por um comparecimento incomum que criou longas filas na confissão noturna — até mesmo com a presença da alguns homens embora, para dizer a verdade, fossem

todos muito velhos.

Será que aquela última mulher não terminaria nunca sua lista de omissões triviais? A noite estava caindo, mergulhando a velha igreja numa obscuridade melancólica, e ele já começava a sentir os tormentos da fome. Um pouco antes daquela velha tagarela cheia de autopiedade enfiar seu corpanzil no confessionário, ele dera uma olhada e descobrira que ela era a última das penitentes. Suspirou e interrompeu a fieira de pequenas faltas, chamando-a de minha filha e dizendo a ela que Cristo compreendia e perdoava, mas para que ela se sentisse importante, deu-lhe uma penitência de muitas orações.

Quando ela saiu do confessionário, ele se recostou no banco para dar o tempo necessário para que a velha saísse da igreja. Uma pressa exagerada para saborear um jantar grátis com vinho e tudo, seria inconveniente. Estava se preparando para levantar, quando a cortina farfalhou e um outro penitente ajoelhou-se nas sombras do confessionário.

Padre Xavier, impaciente, suspirou fundo.

Uma voz muito suave disse: — O senhor só tem poucos segundos para rezar, padre.

O padre se esforçou para ver através da tela na semi-obscuridade do confessionário e, então, engasgou. Era alguém com uma bandagem em volta da cabeça, como o pano que se amarra em volta do queixo dos mortos para impedir que suas bocas fiquem abertas! Um fantasma?

Padre Xavier, muito instruído para acreditar em superstições, recuou o corpo, afastando-se da tela e colocou seu crucifixo diante de si. — Vá-se daqui! I! Abi!

A voz suave respondeu: — Lembra-se de Behat Le Cagot?

— Quem é você? O que...?

A tela de vime abriu-se, e a ponta da makila de Le Cagot penetrou entre as costelas do padre, varando seu coração e espetando-o na parede do confessionário.

Nunca mais foi possível abalar a crença dos aldeões na superstição da Sagara, pois ela se comprovara. E, nos meses que se seguiram, um novo e colorido desenho foi tecido no mito popular de Le Cagot —ele, que misteriosamente desaparecera nas montanhas, mas que, segundo os rumores, reaparecia subitamente sempre que os combatentes pela liberdade basca precisavam dele. A makila de Le Cagot, com sua própria sede de vingança, tinha voado até a aldeia de Aios e punido o pérfido padre que o delatara.

Nova Iorque

Enquanto escava no luxuoso elevador privativo — com a graça dos céus sem música ambiental — Hel moveu sua mandíbula cuidadosamente para um lado e para o outro. Durante os oito dias em que organizara esta reunião, seu corpo havia se recuperado bem. Sua mandíbula continuava rígida, mas já não precisava mais usar a indigna bandagem de gaze; suas mãos ainda estavam sensíveis, mas dali também as ataduras tinham sido retiradas e os últimos vestígios amarelados dos ferimentos da sua testa tinham sumido.

O elevador parou e a porta se abriu diretamente para uma ante-sala do escritório, onde um secretário levantou-se e cumprimentou-o com um sorriso vazio. — Sr. Hel? O Presidente do Conselho vai estar com o senhor em um minuto. O outro cavalheiro está esperando lá dentro. O senhor gostaria de se juntar a ele? — O secretário era um homem jovem e elegante que usava uma camisa de seda aberta até o meio do peito e umas calças muito justas de um tecido tão macio que revelavam a protuberância do seu pênis. Conduziu Hel até uma sala de espera decorada para parecer uma confortável sala de visitas de uma casa de campo: poltronas muito grandes e macias, revestidas de tecido estampado com flores coloridas, cortinas de renda, uma mesinha baixa de chá, duas cadeiras de balanço Lincoln, um monte de quinquilharias numa étagère com portas de vidro; sobre um piano, porta-retratos com fotografias retratando três gerações de uma família.

O cavalheiro que se ergueu do sofá fofo, tinha feições semitas, mas sotaque de Oxford. — Sr. Hel? Estava ansioso por conhecê-lo.

Meu nome é Able e eu sou representante da OPEP em assuntos desta natureza. — No aperto de mão do Sr. Able, uma pressão extra indicava suas inclinações sexuais. — Sente-se, por favor, Sr. Hel. A Presidente do Conselho vai estar conosco dentro de instantes. Surgiu um imprevisto de última hora e ela foi obrigada a atender a chamada, mas não vai demorar.

Hel escolheu a cadeira menos brega. — Ela?

O Sr. Able soltou uma sonora gargalhada. — Ah, então o senhor não sabia que o Presidente do Conselho era uma mulher?

— Não, não sabia. Por que não a chamam de Presidenta, ou por uma dessas

locuções horrorosas com as quais os americanos salvaguardam suas consciências sociais, sacrificando a eufonia? Coisas como Executiva do Conselho, Superintendente da Administração, Mestrada, Pós-Doutorada, esse tipo de coisa?

— Ah, o senhor vai descobrir que a Presidente do Conselho não se importa com convenções. Tendo se tornado uma das pessoas mais poderosas do mundo, ela não precisa buscar reconhecimento; e, para ela, conseguir alguma espécie de uniformidade seria dar um passo atrás. — O Sr. Able sorriu e balançou a cabeça, todo coquete. — Sabe, Sr. Hel, eu aprendi muita coisa sobre o senhor antes que a Ma me convocasse para esta reunião.

— Ma?

— Todas as pessoas próximas à Presidente do Conselho chamam-na de Ma. Uma espécie de piadinha de família. Cabeça da Companhia-Mãe, entende?

— Entendo, sim.

A porta que dava na ante-sala abriu-se e um jovem musculoso, ostentando um magnífico bronzeado e longas melenas douradas e encaracoladas, entrou carregando uma bandeja.

— Pode deixar aí mesmo — disse-lhe o Sr. Able. Depois, virando-se para Hel, disse, — Tenho certeza que a Ma vai me pedir para servir o chá.

Depois de arrumar o serviço de chá — uma porcelana grossa e vagabunda decorada com motivos de pássaros azuis — o garotão das praias saiu.

O Sr. Able notou a expressão com que Hel olhava para o jogo de chá. — Eu sei o que o senhor está pensando. A Ma prefere que as coisas sejam o que ela chama de "caseiras". Fiquei sabendo sobre a sua excelente educação, Sr. Hel, numa pequena reunião da qual participei há pouco tempo atrás. Claro que jamais imaginei que fosse conhecê-lo — não depois que o Sr. Diamond comunicou-nos que o senhor estava morto. Por favor, acredite que eu lamentei o que a polícia especial da Companhia-Mãe fez com a sua casa. Considero aquilo um imperdoável barbarismo.

— Considera mesmo? — Hel estava impaciente com o atraso, e não tinha a menor vontade de perder tempo conversando com aquele árabe. Levantou-se e foi até o piano com sua fileira de retratos de família.

Neste momento, a porta que dava para a ante-sala abriu-se e a Presidente do Conselho entrou.

Imediatamente, o sr. Able pôs-se de pé. — Sra. Perkins, permita-me que lhe apresente Nicholai Hel.

Ela apertou a mão de Hel com seus dedos gorduchos e curtos. — Barbaridade, Sr. Hel, o senhor nem pode imaginar o quanto eu queria conhecê-lo. — A Sra. Perkins era uma mulher roliça de cinqüenta e poucos anos. Olhos claros e maternais, pescoço coberto por pneus de gordura, cabelo grisalho preso num coque no alto da cabeça, com mechas que tinham escapado da rede presa ao chignon , peito de pombo, braços gordinhos com cotovelos afundados, usando um vestido de seda com enormes estampas coloridas. — Vejo que o senhor está apreciando as fotos da minha família. Meu orgulho e alegria, é como eu os chamo sempre. Aquele ali é o meu neto. Garotinho bem maroto. E este é o Sr. Perkins. Homem maravilhoso. Cozinheiro cordon-bleu e, mexendo com flores, é um verdadeiro mágico. — Ela sorriu para os retratos e balançou a cabeça com dominadora afeição — Bem, talvez devêssemos tratar dos nossos negócios. O senhor gosta de chá, Sr. Hel? — Ela abundou-se numa das cadeiras de balanço Lincoln, soltando um suspiro forte. — Eu não sei o que faria sem o meu chá.

— A senhora deu uma olhada nos documentos que eu lhe enviei, Sra. Perkins? — Hel ergueu uma mão na direção do Sr. Able, indicando que preferia se abster de um chá que vinha em saquinhos.

A Presidenta se inclinou para frente e colocou a mão no braço de Hel. — Por que o senhor não me chama de Ma? É como todos me chamam.

— A senhora examinou os documentos, Sra. Perkins?

O sorriso charmoso desapareceu dos lábios dela e sua voz adquiriu um tom quase metálico. — Examinei.

— A senhora deve se lembrar que eu coloquei como condição para o nosso encontro uma promessa sua de que o Sr. Diamond não ficasse a par de que eu continuo vivo.

— Eu aceitei a sua condição. — Ela lançou um olhar rápido na direção do Sr. Able. — O conteúdo dos documentos do Sr. Hel é para meu conhecimento exclusivo. Você terá que seguir a minha orientação no que se referir a ele.

— Certamente, Ma.

— E, então? — perguntou Hel.

— Eu não vou fingir que o senhor não nos tenha colocado contra as cordas, Sr. Hel. Por uma série de razões, este não é o momento para termos as coisas tumultuadas, exatamente quando o Congresso está desmantelando aquele projeto de lei sobre energia da Cracker. Se estou entendendo corretamente a situação, estaríamos cometendo um grande erro se tomássemos qualquer atitude contra o senhor, já que isso faria com que o material fosse distribuído para a imprensa

européia. Atualmente, ele está de posse de um individuo que o Gorduchinho identifica como o Gnomo. É isso mesmo?

— É.

— Então, é tudo uma questão de preço, Sr. Hel. E qual é o seu preço?

— Diversas coisas. Para começar, os senhores tiraram as minhas terras em Wyoming. Quero-as de volta.

A Presidenta fez um gesto com a mão gorducha, indicando que isso era o de menos.

— E eu exijo que as suas subsidiárias parem qualquer espécie de mineração num raio de quinhentos quilômetros das minhas terras.

A mandíbula da Sra. Perkins retesou-se numa fúria controlada, seus olhos gelados cravados em Hel. Depois, piscou duas vezes e disse, — Está bem.

— Em segundo lugar, o meu dinheiro depositado numa conta da Suíça foi roubado.

— Claro, claro. Isso é tudo?

— Não. Sei perfeitamente bem que a senhora poderá revogar qualquer uma dessas medidas quando bem entender. Portanto, terei que deixar estas informações engatilhadas por um período indeterminado de tempo. Se eu sofrer qualquer espécie de dano, o gatilho será acionado.

— Entendo. O Gorduchinho me informou que este tal Gnomo está com a saúde muito abalada.

— Eu soube desses rumores.

— E o senhor percebe que, se ele morrer, a sua proteção desaparece?

— Não exatamente, Sra. Perkins. Não só seria preciso que ele morresse, como também o seu pessoal teria que ter certeza de que ele está morto. Acontece que eu sei que os senhores nunca conseguiram localizá-lo e não fazem a menor idéia de como ele é. Suspeito que os senhores pretendem intensificar suas buscas contra o Gnomo, mas sou capaz de apostar que ele está escondido num lugar onde nunca será encontrado.

— Isso veremos. Mais alguma exigência?

— Tenho outros pedidos. O seu pessoal destruiu a minha casa. Pode ser que não seja possível reconstruí-la, já que não existem mais artesões de qualidade para esse tipo de trabalho. Mas eu pretendo tentar.

— Quanto?

— Quatro milhões.

— Nenhuma casa vale quatro milhões de dólares!

— Agora já são cinco.

— Meu querido rapaz, comecei a minha carreira profissional com menos de um quarto desta quantia, e se você pensa...

— Seis milhões.

A Sra. Perkins forçou-se a fechar a boca. Houve um silêncio absoluto, durante o qual o Sr. Able olhava para todos os lugares menos para os dois que se enfrentavam, cada um no seu lado da mesinha de chá, um deles com um olhar fixo e duro, o outro com as pálpebras semi-cerradas sobre sorridentes olhos verdes.

A Sra. Perkins inspirou lenta e profundamente. — Está bem. Mas esta, eu sugiro, é melhor que seja a última das suas exigências.

— Para ser franco, não é.

— O seu preço já atingiu o maior valor de mercado. Existe um limite em que o que é bom para a Companhia-Mãe é bom para os Estados Unidos.

— Eu acredito, Sra. Perkins, que a senhora ficará satisfeita com o meu último pedido. Se o seu Sr. Diamond tivesse feito o trabalho dele com competência, se não tivesse permitido que sua inimizade pessoal para comigo interferisse no seu julgamento, a senhora não estaria, agora, enfrentando tantas dificuldades. Meu último pedido é o seguinte: eu quero o Diamond. E quero o pistoleiro da CIA chamado Starr e aquele pastorzinho de cabras da OLP que os senhores chamam de Sr. Haman. Não considere isso como um pagamento adicional. Eu estou prestando um serviço à senhora — fazendo-os pagar pela própria incompetência.

— E essa é a sua última exigência?

— Sim, este é o meu último pedido.

A Presidenta virou-se para o Sr. Able. — Como a sua gente recebeu a notícia da morte dos setembristas, naquele acidente aéreo?

— Até agora, eles acreditam que tenha sido apenas um acidente.Nós não contamos para eles que foi um assassinato. Esperávamos as suas instruções, Ma.

— Sei. E esse Sr. Haman... ele é parente do líder da OLP, não é?

— É isso mesmo, Ma.

— Como é que eles vão encarar a morte dele?

Por um momento, o Sr. Able ficou pensando no assunto. — Pode ser que nós tenhamos que fazer novas concessões. Mas acho que não passará disso.

A Sra. Perkins virou-se novamente para Hel. Ficou olhando diretamente para ele por alguns segundos. — Fechado.

Hel fez um sinal afirmativo com a cabeça. — Eis como as coisas serão feitas. A senhora vai mostrar ao Diamond as informações que tem em mãos sobre o assassinato do Kennedy. Vai dizer a ele que tem uma pista segura sobre o paradeiro do Gnomo e que só pode confiar nele para matar o Gnomo e recuperar os originais. Ele vai entender o quanto seria perigoso que outra pessoa, que não ele, visse o material. A senhora vai instruir o Diamond a ir para a aldeia de Ohate, na Espanha basca. Lá, ele vai ser procurado por um guia que vai levá-lo, junto com os outros dois, para as montanhas, onde o Gnomo está escondido. A partir deste ponto, eu faço o resto. Uma outra coisa... e isso é da maior importância. Quero que os três estejam muito bem armados quando subirem as montanhas.

— Você entendeu tudo? — perguntou ela para o sr. Able, os olhos sempre grudados no rosto de Hel.

— Sim, Ma.

Ela assentiu. Então, a expressão séria desapareceu e um sorriso nasceu em seu rosto, enquanto balançava um dedo para Hel. — Você é um tipo e tanto, meu jovem! Parece um verdadeiro negociante de cavalos! No mundo comercial, você teria ido longe. Tem tudo o que é preciso para ser um homem de negócios brilhante.

— Não vou levar esse insulto em consideração.

A Sra. Perkins caiu na gargalhada, suas bochechas balançando. — Eu adoraria passar a tarde conversando com você, filho, mas tem uns sujeitos me esperando na outra sala. Estamos tendo um problema com alguns moleques que estão organizando demonstrações contra nossas usinas de energia nuclear. A juventude de hoje já não é mais como a de antigamente, mas eu gosto deles do mesmo jeito, os pequenos diabinhos. — Ela ergueu o corpanzil da cadeira de balanço. — Meu Deus, não é mesmo verdade o que todo mundo diz: o trabalho da mulher não acaba nunca, ela corre o dia todo, como uma formiguinha.

Gouffre Field / Col. Pierre St. Martin

Além de estar exasperado e fisicamente desgastado, Diamond tinha a desagradável impressão de estar parecendo um idiota, caminhando aos tropeços no meio daquela neblina onde não se via nada, escalando obedientemente, agarrado à corda atada na cintura do guia, cuja figura fantasmagórica, apesar de estar a menos de três metros à sua frente, ele só enxergava ocasionalmente. A corda amarrada na cintura de Diamond estirava-se para trás, mergulhando na névoa brilhante, onde sua ponta era agarrada por Starr; e o texano, por sua vez, estava ligado ao aprendiz da OLP, Haman, que reclamava cada vez que eles paravam para descansar um minuto, sentando-se nas pedras úmidas no alto do desfiladeiro. O árabe não estava acostumado a longas horas de exercícios físicos pesados; suas botas de alpinismo, novinhas, esfolavam os seus tornozelos, e os músculos dos seus braços estavam trêmulos com o esforço feito para se agarrar à corda que o ligava aos outros. Além disso, estava apavorado com a possibilidade de perder o contato com os outros e ser deixado sozinho, perdido naquela terra de ninguém, o que fazia com que segurasse a corda com mais força ainda, deixando seus dedos brancos por causa do esforço. Aquilo não era nada do que ele tinha em mente quando, dois dias antes, posara em frente do espelho do seu quarto em Ohate, mirando-se como uma romântica personagem com suas roupas e botas de alpinismo, uma Magnum enorme no coldre da sua cintura. Chegara mesmo a treinar para sacar a arma o mais rapidamente possível, admirando seu olhar de macho-durão refletido espelho. Lembrara-se de como, um mês antes, ficara excitado no prado daquela montanha ao esvaziar seu revólver no corpo convulso daquela judiazinha, depois de Starr ter acabado com ela.

Para Diamond, tão aborrecido quanto o desconforto físico, era o murmurar metálico e constante do velho guia, sua interminável cantoria enquanto os guiava lentamente, contornando as bordas dos inumeráveis poços sem fundo, cheios de um vapor denso, cujo perigo o guia deixara bem patente, usando uma mímica exagerada não desprovida de um humor meio mórbido, quando abria a boca e os olhos desmesuradamente e agitava os braços numa imitação de um homem despencando para a morte para, em seguida, juntar as mãos numa prece, os olhos rolando para cima. Como se não bastasse o lamento anasalado das canções bascas que acabava com a paciência de Diamond, também a voz parecia vir de

todos os lados ao mesmo tempo, por causa do estranho efeito de estar como se debaixo da água, causado pelo whiteout.

Diamond tentara perguntar ao guia por quanto tempo ainda teriam que continuar a andar às apalpadelas, no meio daquela neblina; quanto faltava para eles chegarem ao esconderijo do Gnomo. Mas a única resposta que recebeu foi uma risadinha e um assentir de cabeça. Quando, já nas montanhas, tinham sido deixados aos cuidados do guia por um basco-espanhol que entrara em contato com eles na aldeia, Diamond lhe perguntara se sabia falar inglês, e o velhinho respondera, com um risinho tímido, — Um poucochinho.— Quando, algum tempo depois, Diamond lhe perguntara quanto tempo ainda levariam para chegar ao seu destino, o guia respondera, — Um poucochinho. — Diante daquela estranha resposta, Diamond resolveu perguntar ao guia o seu nome. — Um poucochinho.

Ah, ótimo! Mas que maravilha!

Agora, Diamond entendia porque a Presidente do Conselho o encarregara de resolver aquele assunto pessoalmente. Colocá-lo a par de informações tão bombásticas quanto aquelas era um sinal de confiança especial, e particularmente bem-vindas depois de uma certa frieza que ele sentira nas mensagens de Ma, após a morte dos setembristas naquela explosão, em pleno vôo. Mas eles já estavam naquelas montanhas há dois dias, amarrados como crianças brincando de cabo-de-guerra, arrastando-se o tempo todo no meio daquele whiteout que lhes irritava os olhos com sua luz forte, e que não permitia que se enxergasse um palmo na frente do nariz. Tinham passado uma noite fria e desconfortável dormindo sobre um chão de pedregulhos, depois de jantarem pão duro, uma salsicha cheia de gordura que pinicava a boca e um vinho azedo que era servido numa espécie de saco de couro que Diamond não conseguia apertar direito. Quanto tempo ainda levaria para eles chegarem no esconderijo do Gnomo? Se ao menos aquele idiota daquele camponês parasse com a cantoria!

Naquele momento, ele parou. Diamond quase deu um encontrão com o guia que, com seu eterno sorrisinho, parara no meio de um pequeno platô de rochas pelo qual eles vinham se deslocando, tentando não cair num dos inúmeros gouffres perigosos que apareciam por todos os lados.

Quando Starr e Haman se juntaram a eles, o guia, por meio de mímica, fez com que eles entendessem que deveriam esperar ali, enquanto ele ia mais adiante fazer Deus sabe lá o que.

— Quanto tempo você vai demorar? — perguntou Diamond, pronunciando as palavras bem pausadamente, como se isso fosse adiantar alguma coisa.

— Um poucochinho — foi a resposta do guia, já desaparecendo no meio da espessa neblina. Um minuto depois, a voz do guia parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo. — Sintam-se como se estivessem em casa e fiquem bem à vontade, meus amigos.

— Então quer dizer que, no fim das contas, aquele paspalho fala inglês. — exclamou Starr. — O que diabos está acontecendo por aqui?

Diamond balançou a cabeça, desconfortável com o silêncio total à volta deles.

Os minutos passaram e a sensação de abandono e perigo ficou forte o suficiente para fazer calar até mesmo o árabe, que não parava de reclamar. Starr sacou seu revólver e engatilhou-o.

Parecendo vir simultaneamente de longe e de perto, a voz de Nicholai Hel estava caracteristicamente suave. — E então, Diamond, já adivinhou?

Os três tentaram, desesperadamente, enxergar através da luz ofuscante. Nada.

— Meu pai do céu! — sussurrou Starr. Haman começou a choramingar.

A menos de dez metros deles, Hel mantinha-se invisível no meio do brilhante whiteout. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, ao se concentrar para distinguir os três padrões bastante diferentes de energia que emanavam deles. Seu sentido de proximidade detectava pânico nos três, mas de tipos diversos. O árabe estava quase desmaiando. Starr estava a ponto de abrir fogo, atirando para todo lado contra o vapor que deixava tudo turvo. Diamond lutava para manter o autocontrole.

— Espalhem-se! — sussurrou Diamond. Ele era o profissional.

Hel sentiu que Starr se movia para a esquerda, enquanto o árabe, de quatro, gatinhava para a direita, tentando encontrar, pelo tato, a boca de um gouffre que não conseguia enxergar. Diamond não se moveu.

Hel puxou para trás os cães duplos de cada uma das pistolas que o industrial holandês lhe dera, anos atrás. A aura projetada de Starr vinha da esquerda. Hel segurou a coronha com toda a força, apontou para o meio da aura do texano e puxou o gatilho.

O estrondo das duas cápsulas de espingarda detonando ao mesmo tempo foi ensurdecedor. A rajada de dezoito balas abriu um buraco na névoa e, por um instante, Hel viu Starr sendo atirado para trás, os braços abertos, os pés pedalando o ar, o peito e o rosto estraçalhados. Imediatamente depois, o whiteout

fechou-se e cobriu a abertura na neblina.

Hel deixou a pistola cair da sua mão amortecida. A dor do coice subia até o cotovelo.

Com os ouvidos zunindo por causa da explosão, o árabe voltou a choramingar. Cada fibra do seu corpo ansiava por fugir, mas em que direção? Ajoelhou-se e ficou imobilizado sobre as mãos e os joelhos, enquanto uma mancha marrom crescia cada vez mais no cavalo das suas calças caqui. Mantendo-se o mais rente ao chão que conseguia, arrastou-se para frente muito devagar, espremendo os olhos para tentar ver por entre a neblina fechada. Uma rocha desenhou-se na sua frente, sua silhueta cinzenta e fantasmagórica tomando forma apenas quando ele já se encontrava a poucos centímetros dela. Para se aliviar, abraçou-a, soluçando em silêncio.

A voz de Hel soou próxima e suave. — Corra, pastorzinho.

O árabe ofegou e saiu correndo. Seu último grito, muito longo, foi ficando cada vez mais abafado, porque estava despencando pela boca de um gouffre profundo. Segundos depois, ouviu-se o som da sua aterrissagem no fundo de um poço de água.

Quando cessou o som tonitruante das pedras que desabaram, Hel encostou-se na rocha e respirou fundo, a segunda pistola balançando na sua mão. Dirigiu sua atenção para Diamond, que continuava imóvel e agachado no meio da névoa à sua frente, um pouco à esquerda.

Depois do inesperado berro do árabe, o silêncio zunia nos ouvidos de Diamond. Respirava pela boca, tentando fazer o mínimo ruído possível, os olhos movendo-se rápidos como os de um pássaro, para frente e para trás, percorrendo a cortina impenetrável de névoa, a pele formigando, como que antecipando a dor.

Dez segundos, que lhe pareceram uma eternidade, passaram. Então, ele ouviu a voz sussurrada que Hel desenvolvera na prisão. — Muito bem! Não foi isso que você sempre quis, Diamond? Você está vivendo na carne as fantasias machistas do grande homem corporativo. O cowboy cara a cara com o yojimbo. Está se divertindo?

Diamond virava a cabeça para todos os lados, tentando desesperadamente identificar a direção de onde vinha a voz. Inútil. Ela parecia vir de todos os lados.

— Vou te dar uma ajuda, Diamond. Você está a mais ou menos oito metros de mim.

Mas em que direção? Em que direção?

— Talvez seja melhor você tentar dar um tiro, Diamond. Pode acabar tendo sorte.

Não posso falar! Ele atiraria na direção da minha voz!

Diamond segurou sua pesada Magnum com ambas as mãos e disparou contra o nevoeiro. Outro disparo para a esquerda, depois para a direita, depois mais à esquerda. — Seu filho da puta! — berrou ele, ainda atirando. — Seu filho de uma grande puta!

Por duas vezes o cão bateu no tambor vazio.

— Filho da puta! Fazendo um esforço, Diamond abaixou sua arma enquanto todo seu corpo tremia de comoção e desespero.

Hel tocou a ponta da sua orelha com a ponta do dedo. Estava rígido e ele sentia uma pontada no local. Um estilhaço de alguma rocha próxima o atingira. Ergueu sua segunda pistola e apontou para o local escondido pelo whiteout de onde emanavam vibrações de uma aura em pânico.

Então, parou e baixou a arma. Por que se dar ao trabalho?

Aquele inesperado whiteout convertera a catarse da vingança que ele planejara numa matança mecânica de feras encurraladas. Não havia satisfação alguma naquilo, nenhuma disputa de habilidade ou coragem. Sabendo que eles eram três, e bem armados, Hel trouxera com ele apenas as duas pistolas, limitando-se, propositalmente, a apenas dois disparos. Tivera esperanças de que aquilo pudesse se transformar em alguma espécie de competição.

Mas isso? E aquele negociante emocionalmente arrasado, perdido no meio da neblina? Era por demais desprezível, até mesmo para uma punição.

Hel começou, silenciosamente, a se afastar de onde estava, deixando que Diamond ficasse ali tremendo, sozinho e apavorado no meio do whiteout, esperando que a morte viesse colhê-lo, a qualquer momento.

Mas Hel acabou parando. Lembrou-se que Diamond era um serviçal da Companhia-Mãe, um lacaio das corporações. Pensou nos poços de petróleo marítimos, contaminado os mares, a mineração desvairada em terra virgem, nos oleodutos construídos no meio da tundra, nas usinas de energia nuclear construídas apesar dos protestos daqueles que, no final da história, seriam contaminados. Lembrou-se do antigo provérbio: Quem deve fazer as coisas difíceis? Aquele que pode. Dando um profundo suspiro, e sentindo um gosto amargo na garganta, ele virou-se e levantou a arma.

O berro alucinado de Diamond ficou espremido entre o estrondo do disparo e o eco que provocou. Através de uma vaga abertura da névoa, Hel teve uma rápida visão do corpo estraçalhado revoluteando em pleno ar ao ser lançado para trás, para dentro da parede de vapor.

Castelo de Etchebar

A atitude de Hana era de submissão máxima; suas únicas armas naquele jogo eram os sons voluptuosos que emitia e as contrações vaginais nas quais era uma especialista. Hel tinha a vantagem da sua persistência, ajudada pela habilidade em controlar seus movimentos com muito rigor, já que a posição em que estavam era muito complicada e pouco conhecida, e o menor erro poderia causar dor física aos dois. Mas, apesar da vantagem, foi ele quem foi levado a murmurar.

— Sua diabinha! — por entre os dentes semi-cerrados.

Imediatamente, ela teve certeza de que ele cedera, e entregou-se também, acompanhando-o no orgasmo e expressando sua felicidade em voz alta e entusiasmada.

Depois de alguns minutos de delicioso aconchego, ele sorriu e balançou a cabeça.

— Pelo jeito, eu perdi de novo.

— É o que tudo indica. — Ela riu, maliciosamente.

Hana sentou-se na entrada do quarto do tatami, de frente para o jardim arruinado, o quimono amarrado nos quadris, nua da cintura para cima para receber as massagens e carícias que tinham sido combinadas como prêmio ao vencedor do jogo. Hel agachou-se por trás de Hana passando as pontas dos dedos pela coluna dela, criando ondas de prazer que partiam da sua nuca e iam até a raiz dos cabelos.

Com os olhos desfocados, todos os músculos do rosto relaxados, ele deixou que sua mente divagasse numa melancólica alegria, numa paz de outono. Na noite anterior tinha tomado uma decisão definitiva, e fora recompensado por ela.

Passara horas ajoelhado sozinho na sala de armas, revendo a disposição das peças sobre o tabuleiro. Era inevitável que, mais cedo ou mais tarde, a Companhia-Mãe rompesse a diáfana armadura que o protegia. Ou as exaustivas investigações provariam que de Lhandes estava morto, ou os fatos referentes à

morte de Kennedy acabariam por ser revelados. E, então, eles viriam atrás dele.

Ele poderia lutar, cortar muitos braços da hidra sem rosto das corporações, mas no final das contas, eles o pegariam. E provavelmente com alguma coisa bem impessoal como uma bomba, ou irônica, como uma bala perdida. Onde estava a dignidade daquilo tudo? *O shibumi*?

Finalmente, as garças estavam confinadas ao seu ninho. Ele viveria em paz e com muito amor com Hana, até que eles viessem atrás dele. Então, ele se retiraria do jogo.Voluntariamente. Por suas próprias mãos.

Quase imediatamente depois de chegar a esta conclusão sobre a situação do jogo e do único caminho digno a seguir, Hel sentiu que anos de desgosto e ódio acumulados se derretiam dentro dele. Uma vez desligado do futuro, o passado se tornava um insignificante desfilar de acontecimentos triviais, não mais vivos, não mais poderosos ou dolorosos.

Teve um impulso de fazer um balanço da sua vida, de examinar os fragmentos que trouxera dentro de si. Tarde da noite, com o quente vento sul gemendo entre os beirais, ele se ajoelhou diante da mesinha laqueada onde havia duas coisas: os estojos de Go que Kishikawa lhe dera, e uma carta amarelada de pêsames oficiais, suas dobras já desgastadas de tanto serem dobradas e desdobradas, que ele tinha pegado na Estação de Shimbashi, o único bem que restara do velho digno que morrera naquela noite.

Durante todos os anos em que vagara como um andarilho pelo Ocidente, ele levara consigo três âncoras espirituais: as caixas de Go que simbolizavam seu afeto por seu pai adotivo, a carta amerelecida que simbolizava o espírito japonês, e seu jardim — não aquele que eles tinham destruído, mas a idéia presente em sua mente, da qual aquela nesga de terra não fora mais do que um arremedo imperfeito. De posse dessas três coisas, ele se sentira afortunado e muito rico.

Sua mente recém-liberada passava de um punhado de idéias para um punhado de lembranças, e logo — muito naturalmente — ele se encontrou na pradaria triangular, unificado com a luz amarela do sol e com a relva.

Em casa... depois de tantos anos vagando.

— Nikko?

— Hummmm?

Ela aninhou suas costas no peito nu dele. Ele apertou-a contra si e beijou-lhe os cabelos. — Nikko, você tem certeza de que não me deixou ganhar?

— Por que eu faria uma coisa dessas?

— Porque você é uma pessoa muito estranha. E muito gentil.

— Eu não deixei que você ganhasse. E para provar isso, na próxima vez nós vamos apostar a penalidade máxima.

Ela riu baixinho.

— Pensei numa coisa.

— Ah, é?

— Eu não devia ter dito que você é gentil, mas que está no caminho certo. Estamos combinados. Afinal, você perde sempre...

— Ah, isso é terrível. — Ele a abraçou pelas costas, cobrindo-lhe os seios com as mãos.

— A única coisa boa sobre toda essa história é o seu jardim, Nikko. Fico feliz por eles não o terem destruído. Depois de todos os anos de amor e trabalho que você dedicou a ele, eu ficaria de coração partido se eles tivessem estragado tudo.

— Eu sei disso.

Não havia razão para contar a ela que o jardim não existia mais.

Agora era hora de tomar o chá que ele preparara para os dois.

*** * ***

[1] No decorrer deste livro, Nicholai Hel irá valer-se das táticas do "Nu-Matar", mas estas nunca serão descritas em detalhe. Em uma obra anterior, o autor retratou uma subida perigosa de uma montanha. No processo de transformar o romance em um insípido filme, um jovem alpinista foi morto. Num livro mais tarde, o autor detalhou um método para roubar pinturas de qualquer museu bem guardado. Pouco depois da versão italiana do livro ser lançada, três pinturas foram roubadas em Milão pelo exato método descrito, e duas delas foram irremediavelmente danificadas.

Por uma simples questão de responsabilidade social, o autor agora evita descrever táticas e acontecimentos que, mesmo que possam ser de interesse para um punhado de leitores, podem contribuir para causar danos a (e pelos) não-iniciados.

Na mesma linha, o autor deve manter certas técnicas sexuais avançadas semi-ocultas, pois elas podem ser perigosas, e certamente seriam dolorosas, para os neófitos.

[2] O trocadilho era quase shakesperiano em sua obliquidade pueril. Era formado no fato de que amigos japoneses chamavam Nicholai "*Nikko*" (*luz do sol*) para evitar o difícil "*l*". E a pronúncia japonesa mais conveniente de Hel é "*Heru" (inferno)*.

[3] Ganimedes — Um jovem e lindo garoto que, após ter sido visto por Zeus enquanto cuidava de seu rebanho no monte Ida, foi raptado pelo deus e se tornou seu amante, provocando a costumeira ira de Hera. Alguns estudiosos dizem que a relação amorosa entre Zeus e Ganimedes era a justificativa religiosa para a importância do homossexualismo na cultura grega, enfatizando a vitória do patriarcado sobre o matriarcado e provando que os homens não precisavam de mulheres. Platão usava o mito para justificar seus apetites sexuais em relação aos seus alunos do sexo masculino. (N.T.)

[4] Esteka é basco para "deficiência sexual."

Table of Contents

Folha de Rosto
Dedicatória
Etapas do jogo em Shibumi
Sumário
Parte Um: Fuseki
    Washington
    Etchebar
    Washington
    Xanghai: 193?
    Washington
    Japão
    Washington
    Japão
    Washington
    Japão
Parte Dois: Sabaki
    Washington
    Japão
    Washington
    Gouffre Porte-de-Larrau
    Castelo de Etchebar
Parte Três: Seki
    Castelo de Etchebar
    Larun
    Etchebar
Parte Quatro: Uttegae
    St. Jean de Luz/Biarritz
    Heathrow
    Middle Bumley
    Heathrow
Parte Cinco: Shicho
    Castelo de Etchebar
    Gouffre Porte-de-Larrau
Parte Seis: Tsuru no Sugomori
    Etchebar

A Igreja em Alos
Nova Iorque
Gouffre Field / Col. Pierre St. Martin
Castelo de Etchebar
Notas